

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Ana Paula Goulart de Andrade

ENTRE CRENÇAS E ECRÃS:
comunidade transterritorial, telejornais e
webtelas de Portugal

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Comunicação Social da PUC-Rio como
requisito parcial para obtenção do grau de Doutor
em Comunicação

Orientador: Prof. Leonel Azevedo de Aguiar

Rio de Janeiro
Dezembro de 2021



Ana Paula Goulart de Andrade

ENTRE CRENÇAS E ECRÃS:
comunidade transterritorial, telejornais e
webtelas de Portugal

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Leonel Azevedo de Aguiar

Orientador

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof^a. Lilian Saback de Sá Moraes

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof.^a Patrícia Maurício Carvalho

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof^a. Iluska Maria da Silva Coutinho

UFJF

Prof^a Edna de Mello Silva

UNIFESP

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2021

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da autora, do orientador e da universidade.

Ana Paula Goulart de Andrade

Jornalista, pesquisadora, professora no Ensino Superior e coordenadora de pós-graduação. Mestre e doutora pela PUC-Rio, realizou estágio doutoral na Universidade da Beira Interior, em Covilhã-Portugal. Especialista em Telejornalismo e graduada em Jornalismo pela Unesa. Membro da diretoria da ABEJ - Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (2020-2022). Integrante da Rede Nacional de Pesquisa em Telejornalismo (Telejor). Membro dos grupos de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais (PUC-Rio) e Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (UFJF). Leciona desde 2006 disciplinas ligadas ao Telejornalismo, Edição de TV, Teorias do Jornalismo, Técnicas de Reportagem, Jornalismo e Experiência, TCC, entre outras. Coordena os MBA's em Hard News e Branded Content da Facha. É avaliadora de cursos de graduação (BASis) - INEP/MEC. Atuou durante 13 anos no mercado de Jornalismo Audiovisual como editora de texto, produtora e chefe de reportagem, entre outros cargos. Investiga as transformações nas práticas contemporâneas jornalísticas, com foco nas rotinas produtivas de TV. É autora do livro “Telejornalismo Apócrifo: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância”.

Ficha Catalográfica

Andrade, Ana Paula Goulart de

Entre crenças e ecrãs : comunidade transterritorial, telejornais e webtelas de Portugal / Ana Paula Goulart de Andrade ; orientador: Leonel Azevedo de Aguiar. – 2021.
697f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2021.
Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Telejornalismo. 3. Crenças. 4. Comunidade transterritorial. 5. Metodologia da aposta. 6. Portugal. I. Aguiar, Leonel Azevedo de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

Dedico esta tese à comunidade jornalística.

Agradecimentos

Findar uma tese de doutorado em tempos tão incertos não é uma tarefa fácil, definitivamente. Este trabalho é fruto de uma construção coletiva com múltiplas vozes, ruídos, sons e imagens. Cada etapa foi muito importante para o resultado final: do embrionário projeto de pesquisa ao ingresso no PPGCom da Puc-Rio, do desejo de internacionalizar a investigação à mudança para Portugal. Sem contar com as idas e vindas na escrita, dos recuos e avanços até chegar ao cumprimento do *deadline*, ainda com a sensação de incompletude.

O agradecimento inicial é para o “cara lá de cima”, que permitiu que eu não desistisse.

Aos meus filhos, Lucas e Tiago, pela existência e por seguirem comigo na travessia além-mar.

Ao Sandro Tôrres, companheiro de longa jornada que divide comigo a vida e a paixão pela docência: marido, amigo, “pai” e, de vez em quando, filho também.

À minha mãe, ao meu pai (*in memorian*), às minhas irmãs, aos meus cunhados, aos meus sobrinhos. Às amigas e aos amigos que souberam compreender a minha ausência durante tanto tempo.

À minha sogra (*in memorian*), minha segunda mãe. Ao meu sogro (*in memorian*).

Ao meu orientador Leonel Aguiar, pela generosidade, pelo lugar de escuta, pelo apoio irrestrito e pela parceria que só se fortalece.

Ao meu orientador do estágio doutoral, João Canavilhas, pelas ricas interlocuções e acolhimento na UBI, em Covilhã.

Ao corpo docente da PUC-Rio, às secretárias da Pós-Graduação, Marise e Juliana.

Ao Grupo Tejor, especialmente às amigas: Adriana Barsotti, Claudia Rodrigues e Aline Novaes.

À Natália Oliveira, minha tutora da RTP.

Às emissoras RTP, SIC, TVI, CMTV, Banda TV, Record Europa e Rede Globo.

Aos jornalistas e às jornalistas que cederam mais de 37 entrevistas para a construção desta tese.

À Rede Telejor, por tanta inspiração. Em especial, ao meu amigo Flávio Porcello (*in memorian*).

À minha banca luxuosamente feminina, potente e afetuosa: às professoras Iluska Coutinho, Edna Mello, Lilian Saback, Patrícia Maurício, Claudia Thomé e Ítala Maduell.

À Marialva Barbosa, pela afetuosa parceria. Sim! Faço parte da #fuialunadaMarialva. Por extensão, a todo corpo docente da ECO/UFRJ.

À Vera Iris Paternostro, pela amizade e entusiasmo contagiante, sempre de olho no que vem a seguir.

À Daniele de Castro Alves, pela parceria e pela divisão de angústias.

À ABEJ, Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo, pela confiança e convivência.

À Facha e FPG, que permitiram meu afastamento para o estágio doutoral em Portugal.

Às minhas alunas e aos meus alunos, por serem o oxigênio necessário para me manter em movimento em tempos tão bichudos. Em especial, à Vitória Martins, por ser a minha “socorrista de plantão”.

À CAPES¹ que permitiu custear parte desta pesquisa.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Andrade, Ana Paula Goulart de; Aguiar; Leonel Azevedo de. **Entre Crenças e Ecrãs: comunidade transterritorial, telejornais e webtelas de Portugal.** Rio de Janeiro, 2021. 697p. Tese de Doutorado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Nesta tese de doutoramento, trabalhamos as mutações do Jornalismo Audiovisual que se intensificaram com a internet e as novas tecnologias digitais, sobretudo no que tange as relações e os usos dos modos de produção, circulação/distribuição e recepção/audiência que se estendem pelo mundo a fora. Neste cenário, reconhecemos que o jornalista de TV precisou ampliar a sua *expertisemainstream* para as múltiplas telas nas redes, atuando no modelo *broadcast* e aproximando as linguagens do Jornalismo Audiovisual para o ambiente web. É nesse sentido que, amparados pelos conceitos das teorias transorganizacional, transnacional e de comunidade interpretativa, investigamos as rotinas produtivas televisivas de sete emissoras de TV em língua portuguesa (RTP, prioritariamente, e TVI, SIC, CMTV, Banda TV, Globo e Record), entendendo que a atividade jornalística é vinculada a uma identidade sócio-histórico-cultural reconhecida e compreendida pelos seus sujeitos produtivos e que se apresenta em mutação permanente. Assim sendo, lançamos o conceito de “comunidade interpretativa transterritorial”, pondo em diálogo a experiência jornalística brasileira com o fazer jornalístico português. Para tanto, o ferramental metodológico utilizado apresenta matizes compostas pela Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), observação participante, autoetnografia, além de entrevistas semiestruturadas – num total de 37, totalizando 15 horas, 10 minutos e 4 segundos de gravação. A partir destes já consolidados métodos, ainda propomos uma metodologia própria para analisar o fluxo das produções entre os diversos ecrãs, denominada de “metodologia da aposta”, com a intenção de assinalar as rupturas, as continuidades e as potencialidades entre os telejornais e as webtelas em Portugal.

Palavras-Chave

Telejornalismo; crenças; comunidade transterritorial; metodologia da aposta; Portugal.

Abstract

Andrade, Ana Paula Goulart de; Aguiar; Leonel Azevedo de. **Between beliefs and screens: transterritorial community, TV news and webscreens from Portugal.** Rio de Janeiro, 2021. 697p. Tese de Doutorado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In this doctoral thesis, we propose ourselves to work with the changes of Audiovisual Journalism which were intensified by the internet and new digital technologies phenom, most of all, the relations between usage of modes of production, distribution and audience all over the world. In this scenario, we recognize that the TV journalist needed to amplify his mainstream knowledge to multiple screens on social media, using the broadcast model and approaching Audiovisual Journalism language with web environment. Therefore, and sustained by the transorganizational, the transnational and the interpretive community theory, we investigated the TV productive routines of seven TV broadcasts from Portugal (RTP, primarily, and TVI, SIC, CMTV, Banda TV, Globo and Record), acknowledging that journalism activity is linked to a social-historical-cultural identity recognized and comprehended by its productive subjects and is always changing. So, we launched the “Transterritorial Interpretive Community” concept, articulating the brazilian journalism experience and the portuguese journalism production. In order to do this, the methodological tooling uses hues composed of Audiovisual Materiality Analysis (AMA), participant observation, autoethnography, and semi-structured interviews – total of 37, with 15 hours, 10 minutes and 4 seconds recorded. From that consolidated methods, we also propose our own methodology to analyze the productions flow between multiplied screens, named “betting methodology”, with the intention of mark the breakups, continuities and potentialities between TV journals and webscreens in Portugal.

Keywords

TV news; belief; transterritorial community; betting methodology; Portugal.

Sumário

Introdução	14
Parte I – Concepções Teóricas (3Ts).....	26
1. Teorias do Jornalismo: crença e diálogos lusófonos.....	26
1.1. Jornalismo e Sociedade: uma leitura como forma de conhecimento	27
1.2. Vozes Teóricas do Jornalismo: conexões Brasil e Portugal	43
1.3. A comunidade interpretativa transterritorial	46
2. Telejornalismo: das marcas do ontem para os sinais do amanhã.....	53
2.1. Epistemologias do telejornalismo	53
2.2. Fases e faces da TV e dos noticiários em Portugal.....	62
2.3. Brasil e Portugal: aproximações e distanciamentos na era da ubiquidade televisual	70
3. Tecnologias: comunhão na produção de sentidos na era da telesfera	81
3.1. Das telas às redes: uma infovia de mão dupla	81
3.2. Espalhamento de conteúdos televisuais em multiplataforma	89
3.2.1. A era da telesfera.....	94
Parte II – Descobertas além-mar.....	97
4. Percurso metodológico.....	97
4.1. Pesquisa Participante	99
4.1.1. Autoetnografia	100
4.2. Análise da Materialidade Audiovisual	101
4.3. Entrevistas semiestruturadas.....	102
5. Mergulho nas rotinas produtivas	104
5.1. Por dentro da produção noticiosa: SIC, TVI, CMTV, Banda TV, Globo e Record.....	104
5.2. A RTP – O Telejornal.....	117
5.2.1. #10yearschallenge (2009 – 2019).....	126
5.2.2. Metodologia da aposta.....	127
5.3. Rupturas, Permanências e Potencialidades	134
6. Considerações finais	140
7. Referências bibliográficas	144
Anexos	158

Lista de figuras

Figura 1: Primeira emissão televisiva de Portugal, feita de Lisboa, em 1956.	63
Figura 2: Discurso do então Presidente do Conselho de Ministros de Antônio Salazar, em 1967.	64
Figura 3: A estreia de Marcelo Caetano no programa “Conversas de Família”, em 8 de janeiro de 1969.	65
Figura 4: Exibição do Telejornal com o fim do regime ditatorial, em 1974.	66
Figura 5: Inauguração da TV brasileira.	71
Figura 6: Imagens do primeiro telejornal “Imagens do Dia”.....	72
Figura 7: Nova sede da SIC em 2019.	105
Figura 8: Parte 1 do alinhamento do Primeiro Jornal, da SIC.	106
Figura 9: Parte 2 do alinhamento do Primeiro Jornal, da SIC.	106
Figura 10: Reunião de pauta na SIC.	107
Figura 11: Acompanhamento de noticiário Jornal da Tarde na régie.	107
Figura 12: Reunião de pauta TVI.	110
Figura 13: Exibição do Jornal da Uma, na régie.....	111
Figura 14: Alinhamento do “O Programa da Cristina”, na SIC.....	113
Figura 15: Registro da entrada da CMTV com o diretor adjunto Paulo Santos.	114
Figura 16: Redação da Banda TV durante elaboração do noticiário “Informação”.	115
Figura 17: Sede da Rede Globo em Portugal com o correspondente da Eupora, Leonardo Monteiro.	116
Figura 18: Parte da redação da RTP.....	119
Figura 19: Acompanhamento de equipa de externa.....	120
Figura 20: Acompanhamento de equipa de externa.....	121
Figura 21: Acompanhamento de equipa de externa.....	121
Figura 22: Acompanhamento de equipa de externa.....	122
Figura 23: Acompanhamento na régie.	123
Figura 24: Espelho do Telejornal.....	129
Figura 25: Espelho do Telejornal.....	130
Figura 26: Espelho do Telejornal.....	131
Figura 27: Espelho do Telejornal.....	132
Figura 28: Espelho do Telejornal.....	133

Lista de tabelas

Tabela 1 – Análise da Materialidade	126
---	-----

Lista de gráficos

Gráfico1: Crença na profissão.....	135
Gráfico 2: Jornalismo em telas como forma de conhecimento	135
Gráfico 3: Partilha dos ecrãs no ecossistema midiático	136
Gráfico 4: Convergência empresarial	137
Gráfico 5: Novas funções e competências	138

Journalism is not a solid, stable thing to point to, but a constantly shifting denotation applied differently depending on context. Whatever is distinct about journalism must be continuously constructed (CARLSON, 2015, p. 2).

Introdução

Como compreender a desafiadora e cada vez mais necessária atividade jornalística? De que forma explicitar para a sociedade que o processo de produção de uma notícia depende de variáveis flexíveis e vulneráveis e que passa por um conjunto complexo de tomadas de decisões? Qual o segredo para dar conta da construção social da realidade na era da crise da crença? As notícias são decididas pelo jornalismo ou pelo jornalista? A indústria cinematográfica vem investindo na temática jornalística há algum tempo e pode ilustrar como ponto de partida as indagações correntes. Obras como “Jejum do amor” (1940)², “Cidadão Kane” (1941)³, “A montanha dos sete abutres” (1951)⁴, “A dama de preto” (1952)⁵, “No silêncio de uma cidade” (1956)⁶, “Z” (1969)⁷, “Todos os homens do presidente” (1976)⁸, “Rede de intrigas” (1976)⁹, “Nos bastidores da notícia” (1987)¹⁰, “Boa noite e boa sorte” (1987)¹¹, “O informante” (1999)¹², “O preço de uma verdade” (2003)¹³, “O mercado de notícias” (2014)¹⁴, “O Abutre” (2014)¹⁵, “*Spotlight*” (2015)¹⁶, “*The Post*” (2017)¹⁷, entre outros filmes, trazem à tona a problematização de questões organizacionais, relacionamento com as fontes, decisões editoriais e

²Disponível em: <https://www.velhaonda.com/jejum-de-amor/>, acesso em 18 de julho de 2020.

³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UkCSag29Mck>, acesso em 18 de julho de 2020.

⁴Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o-filme-a-montanha-do-sete-abutres-revisitado/>, acesso em 18 de julho de 2020.

⁵Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2011/10/26/resenha-a-dama-de-preto-1952/>, acesso em 18 de julho de 2020.

⁶Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-no-silencio-de-uma-cidade/>, acesso em julho de 2020.

⁷Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2010/04/21/resenha-z/>, acesso julho de 2020.

⁸Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2011/08/17/resenha-todos-os-homens-do-presidente/>, acesso em 18 de julho de 2020.

⁹Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2010/02/24/resenha-rede-de-intrigas/>, acesso em 18 de julho de 2020.

¹⁰Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-nos-bastidores-da-noticia/>, acesso em 18 de julho de 2020.

¹¹Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-60114/>, acesso em 18 de julho de 2020.

¹²Disponível em: <https://revistamoviemment.net/o-informante-de-michael-mann-bc91ce21379a>, acesso em 18 de julho de 2020.

¹³Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2011/04/06/resenha-o-preco-de-uma-verdade-2003/>, acesso em 18 de julho de 2020.

¹⁴Disponível em: <https://cineclube.ig.com.br/index.php/2014/07/25/quando-o-cinema-pensa-o-jornalismo/>, acesso em 18 de julho de 2020.

¹⁵Disponível em: <https://www.dicasjornalismo.com.br/post/dica-de-filme-o-abutre>, acesso em 18 de julho de 2020.

¹⁶Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/19/cultura/1453227211_733111.html, acesso em 18 de julho de 2020.

¹⁷Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/11/09/culturaipilon/noticia/meryl-streep-e-tom-hanks-contra-nixon-no-novo-spielberg-1791787>, acesso em 18 de julho de 2020.

perspectivas éticas, além de outros pontos sensíveis envolvendo o *ethos* profissional da comunidade interpretativa dos jornalistas (ZELIZER, 2000). Em comum, todas as obras criam a expectativa de um “tipo ideal” do jornalismo e do jornalista. Weber (1979) já anunciava que o “tipo ideal” é o conjunto de vários pontos de vista que formam um quadro homogêneo de pensamento. Esse flerte com as Ciências Sociais ajuda a compreender as rotinas produtivas expostas nas cenas dos filmes que publicizam os processos da cadeia de produção jornalística, além da relação do profissional com as organizações. Em outras palavras, esse é o imaginário forjado sobre o Jornalismo e o seu compromisso com a verdade, ao desempenhar o papel de mediação do mundo.

De outro lado, os estudos das Teorias do Jornalismo auxiliam no esclarecimento das nuances que ensejam a atividade jornalística. A produção do processo de *newsmaking* está vinculada à necessidade social da informação jornalística que gira em torno de uma relação de confiabilidade, de crença¹⁸. É a partir desta compreensão que Otto Groth (2011), influenciado pela orientação de Weber, vai classificar os jornais como obras culturais. Do mesmo modo, a noção de “ciência do espírito” (WEBER, 1979) se aproxima da atividade jornalística a partir do cotidiano, do tempo, do espaço, da cultura, da arte, dos costumes, enfim, do contexto em si.

As histórias retratadas nos filmes citados acima vão mostrar que o Jornalismo é sinônimo de transformação e que esse aspecto “camaleônico” da atividade é justamente o que garante a longevidade jornalística, sendo a alma da profissão, ou seja, aquilo que justifica a existência contínua do jornalismo. A pandemia, ainda em curso, contribuiu para potencializar essa assertiva, a partir do momento em que os veículos de imprensa em todo o mundo precisaram se adaptar às condições sanitárias impostas pela Covid-19 para continuar a exercer a indispensável atividade jornalística de mediação de mundo¹⁹, posta em questão na contemporaneidade diante do discurso de desintermediação por meio das tecnologias, sobretudo, nas redes sociais digitais. Portanto, o pressuposto dado aqui

¹⁸ Nesta tese, o termo crença está sendo usado no sentido de confiança, baseado no conceito do jornalismo como “sistema perito”, Cf. Miguel (1999) inspirado em Giddens (1991) e Träsel (2014).

¹⁹ Desde que foi decretada a pandemia no mundo, em março de 2020, surgiram diversos estudos acadêmicos sobre as mudanças nas rotinas produtivas jornalísticas (ALBUQUERQUE *et al.*, 2021). A criação do consórcio de imprensa no Brasil que reuniu seis veículos para contabilizar os dados da pandemia também representou uma adaptação significativa do poder de adaptabilidade jornalística.

é de que a atividade jornalística está em permanente processo de mutação, concomitantemente, produzindo rupturas e evidenciando continuidades de outrora, coexistindo em uma nova ecologia midiática, conforme observou Barsotti ao investigar o papel do jornalista no livro “Jornalista em mutação: do cão de guarda ao mobilizador de audiência” (BARSOTTI, 2014).

Dentro da lógica fluida que se modela a atividade jornalística aqui admitida, a pesquisa que ora apresento tem como foco as rotinas profissionais produtivas que ocorrem nas redações das empresas jornalísticas, compreendendo que são nesses ambientes de disputas, perdas e ganhos, que as notícias são mundialmente produzidas. Afinal, executar a tomada de decisão para reconhecer o que é ou não notícia não é uma tarefa tão simples assim. Por mais que a sociedade ainda conheça pouco o *modus operandi* do jornalismo profissional, ou seja, sobre o “avesso da redação”²⁰, os jornalistas aprendem e reconhecem “por osmose” (BREED, 1993) as tensões do que é notícia pelo método universal: para um acontecimento ganhar notoriedade pública, ele precisa passar por uma série de etapas, tão variáveis quanto flexíveis, e alcançar a audiência até ser consumido. É um complexo sistema ritualístico que aproxima a redação jornalística de um campo de poder, no qual ocorrem disputas à esfera pública por meio dos critérios de noticiabilidade e valores-notícia (SILVA, 2014). Admitir, portanto, que é neste espaço organizacional de instabilidade que são articuladas diversas negociações (discursivas, econômicas, operacionais) do que é produzido como realidade socialmente construída (ALSINA, 2009), ajuda a compreender as nuances da cadeia produtiva jornalística que coloca em jogo a autoridade jornalística. Groth (2011) também concorda com essa visão ao destacar como o jornalismo se insere na sociedade a partir das flagrantes relações de poder e crença.

Sendo assim, a credibilidade é base de sustentação do jornalismo, é o que nutre a condição de confiança no jornalismo como fiadora da verdade, ou seja, o “capital simbólico do jornalismo” (SODRÉ, 2009, p.42). Nesse sentido, torna-se um elemento central para a análise empreendida nesta tese, pois é a partir de uma

²⁰ A afirmação diz respeito ao desconhecimento da sociedade no processo de fabricação da notícia. Por muito tempo o jornalismo não se preocupou em mostrar a receita de produção noticiosa, ou seja, a redação por dentro com as rotinas produtivas. Atualmente, existe uma busca para que esse “avesso” seja desvelado.

relação fiduciária que a sociedade estabelece vínculos de crença com a atividade jornalística.

Os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social e importância pública (ALSINA, 2009, p.47).

Em outras palavras, a confiança é o princípio que legitima a atividade jornalística, a partir do entendimento de que os veículos de comunicação ocupam um lugar simbólico de fala ao se estabelecerem como portadores da verdade do mundo: “graças a sua alegação de ser capaz de oferecer cidadania ao conhecimento relevante e confiável que o jornalismo justifica sua posição como uma instituição constitutiva em uma sociedade democrática” (EKSTRÖM, 2002, p.260)²¹. Não é por acaso que Groth (2011) vai classificar o jornalismo como um produto cultural que resulta das necessidades sociais vinculadas ao processo de confiabilidade.

Ocorre, que nos últimos anos, por conta da fragmentação na esfera pública e a crise nas instituições, o jornalismo vem perdendo lugar de autoridade produtiva da verdade. A instauração da erosão na confiança da sociedade confere com os dados do último relatório da *Edelman Trust*²², que analisa a crença da sociedade em quatro estruturas: empresas, instituições políticas, mídia e organizações não governamentais. O resultado da pesquisa realizada no Brasil, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, África do Sul, Coreia do Sul, Reino Unido e Estados Unidos mostra que, gradativamente, os indivíduos vão acreditando mais nas empresas privadas do que nas instituições. Apesar da análise não ser direcionada para Portugal, a flagrante desistência das instituições tradicionais chama atenção, pois enfraquece politicamente uma nação e causa impactos mundiais, requisitando um olhar atento sobre a responsabilidade das corporações na atuação profissional de todo o mundo. Nesse sentido, o jornalismo deve ter uma preocupação redobrada, já que se encontra em uma encruzilhada histórica de poderes simbólicos: se, de um lado, o jornalismo ocupa um lugar de produção de conhecimento dentro de um campo discursivo de disputas ao acesso à esfera pública em uma sociedade

²¹ Tradução livre.

²² Disponível em: <https://www.edelman.co.uk/research/edelman-trust-barometer-coronavirus-special-report>, acesso em 12 de dezembro de 2020.

democrática (SCHUDSON, 2010; ALSINA, 2009; TRAQUINA, 2005), por outro, o jornalismo é um bem público negociado em um ambiente privado. E, obviamente, como todo negócio, visa o lucro e a audiência. Tais negociações ocorrem nas mais diversas escalas produtivas jornalísticas como, por exemplo: na decisão e angulação das pautas, em função do espaço-tempo, em sintonia com a linha editorial do veículo etc. Portanto, torna-se inadiável perceber o que está em jogo nesta complexa relação em que a comunidade interpretativa tem um papel determinante no poder de transformação, na possibilidade de exercer o direito de porta-voz da “verdade”, a partir de ações credíveis e no funcionamento de um guia pedagógico de referência e segurança (VIZEU, 2008) para a sociedade. Importante ressaltar ainda o tensionamento da face privada e, portanto, oculta que promove uma opacidade no Jornalismo que, por sua vez, demanda transparência como mote de ação na sociedade. Outra questão fundamental é perceber em que medida as empresas agem como curadoras de um bem público. Se no Brasil instituições jornalística públicas tornaram-se uma utopia, em Portugal temos a RTP, televisão pública do país, que serviu de molde para a criação das emissoras privadas – SIC e TVI, que chegaram nos anos de 1990.

Diante da ciência desta dupla responsabilidade do jornalismo como bem público em negociação também em ambientes privados, direciono a pesquisa a partir da inspiração dos conceitos de comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000), transnacional (TRAQUINA, 2005) e transorganizacional (BREED, 1993; SOLOSKI, 1999), em lançar o conceito de comunidade interpretativa transterritorial, alargando a investigação do processo de *newsmaking* para além-mar, concentrando esforços para compreender as rotinas produtivas de sete canais de língua portuguesa, entendendo que os contornos culturais envolvidos na construção noticiosa extrapolam não só as quatro paredes de uma redação, mas navegam de um continente ao outro de forma híbrida, para além do território físico, alcançando o ambiente web compreendido como território simbólico, proporcionando novas formas de atuação (LEMOS, 2006). Vale a menção de que minha tese de doutorado segue a mesma vertente da minha dissertação de mestrado, com o intuito de averiguar os *modus operandi* televisivos, desta vez, nas empresas de TV portuguesas. Portanto, representa a continuidade do resultado de uma inquietação surgida a partir da minha própria vivência em redações jornalísticas.

Recuando um pouco no tempo, é válido mencionar que a minha trajetória como jornalista inclui mais de 13 anos em redações de TV²³ e, durante este período, pude testemunhar diversas mudanças nas rotinas produtivas, sobretudo na produção de sentido audiovisual com a chegada da *world wide web*, que permitiu a transmissão de múltiplas histórias (não necessariamente mais plurais, inclusivas e/ou diversas) no mundo social por meio de imagens, áudio e vídeo, e que rendem implicações complexas até os dias atuais. O entusiasmo inicial de mais imagens circulantes nas diversas telas esbarrou em questões éticas do fazer jornalístico. E foi nesse espaço, no rigor da atividade diária do que eu produzia enquanto jornalista, que encontrei a minha primeira inquietação de pesquisa: a utilização de vídeos amadores e de vigilância nos telejornais. Desde 2009, me debruço sobre o tema, que acabou sendo desaguado na minha dissertação de mestrado na PUC-Rio e, posteriormente, organizado em forma de livro, publicado pela editora Insular, intitulado: “Telejornalismo Apócrifo: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância” (GOULART DE ANDRADE, 2018).

Foi exatamente quando ingressei no mestrado, no ano de 2012, que eclodiu o meu “flerte” com Portugal, ao ser apresentada às Teorias do Jornalismo com profundidade. Autores como Traquina (2005); Park (2008); Wolf (2003), Breed (1993); Sousa (2002); Lippmann (2008); Soloski (1993); Tuchman (1983); Alsina (2009); Schudson (2010); Zelizer (2000); Groth (2011), entre outros, amplamente debatidos em nosso Grupo de Pesquisa Tejor²⁴, formaram uma espécie de gramática mental que me acompanhava diariamente na atuação jornalística. Eu já não conseguia descolar a compreensão dos aprendizados, por exemplo, sobre *gatekeeper* (TRAQUINA, 2005), a percepção dos constrangimentos organizacionais (BREED, 1993; SOLOSKI, 1999), bem como a construção da notícia (ALSINA, 2008) e o processo de *newsmaking* da minha atividade profissional. Afinal, eram exatamente essas práticas que eu, e toda a comunidade jornalística, desempenhávamos diariamente na redação. Ao mesmo tempo em que

²³ Foram mais de 12 anos dividindo o ofício entre sala de aula e as redações cariocas. Passei por quase todas as funções nas emissoras CNT e Record TV (de estagiária à chefia), compreendia claramente as competências de cada departamento. Graças a essa dupla vivência é que eu posso reforçar a minha defesa de que teoria e prática caminham lado a lado e que o Jornalismo deve observar as potencialidades desta interseção, sobretudo para a manutenção de um exercício constante envolvendo reflexão, crítica e proposição.

²⁴ O Tejor - Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais é o Grupo de Pesquisa da PUC-Rio, criado desde 2008. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/721353>, acesso em 02 de fevereiro de 2020.

cumpria o “*deadline* de cada dia”, ficava cada vez mais rigorosa naquilo que eu produzia coletivamente e que iria, de alguma maneira, interferir no entendimento de mundo da sociedade. A essa altura já era inadmissível não ter a compreensão de que a redação jornalística representa um espaço de lutas e negociações de visibilidade à esfera pública, como forma de conhecimento (PARK, 2008; MEDITSCH, 1992).

Em 2015, estive de férias em Portugal e consegui agendar uma visita ao professor Francisco Rui Cádima, da Universidade Nova de Lisboa. Mostrei o meu interesse em pesquisar as emissoras portuguesas e fui gentilmente presenteada com um exemplar do livro “Salazar, Caetano e a televisão portuguesa” (CÁDIMA, 1996). A leitura mapeava um período marcado pela falta de liberdade e com sombras dos regimes do fascismo e nazismo suplantado na Segunda Guerra Mundial, somado ao Salazarismo, a ditadura militar que permaneceu em Portugal por 46 anos. O texto obrigatório sobre a RTP e o Telejornal, o principal produto do canal e alvo desta pesquisa, aumentou ainda mais o meu entusiasmo pela investigação empírica nas emissoras lusitanas. No mesmo período, o jornalista Carlos Alberto Moreira Tourinho escrevia o que vinha a ser o último livro antes da sua despedida prematura: “Uma porta nova para a televisão – telejornalismo interativo entre a promessa e a realidade” (TOURINHO, 2015). A obra foi fruto da tese de doutorado, defendida na Universidade do Minho, em 2014. Tourinho também foi um grande incentivador para a minha decisão de investigar os canais portugueses, por ter percorrido um caminho semelhante ao meu, transitando entre redação e pesquisa sobre o jornalismo audiovisual. Parte da minha motivação em fazer a travessia além-mar veio, ainda, das constantes reflexões teóricas sobre o telejornalismo que desempenho dialogando em congressos científicos com a Rede de Pesquisa Telejor desde 2009²⁵, da qual o Tourinho também fazia parte.

Em 2017, já no doutorado, tive a consciência de que era preciso fazer renúncias e tomei uma decisão fundamental: pedi demissão da emissora em que estava trabalhando para me dedicar exclusivamente à pesquisa e à sala de aula²⁶. O ímpeto era dialogar com outras culturas para compreender a produção noticiosa extra Brasil. Por fim, o aceite e abrigo da minha pesquisa pelo LabCom, Laboratório

²⁵ Ver em: <https://www.instagram.com/redetelejor/?hl=pt-br>, acesso em: 11 de jul de 2021.

²⁶ Nessa época, eu ocupava o cargo de editora de texto na Record TV. O meu desligamento ocorreu em março de 2017.

de comunicação e conteúdos *online* da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior – UBI, possibilitou a minha aproximação com o território português, viabilizando a minha vivência nas emissoras de Portugal, a fim de levantar dados e construir a minha tese de doutorado²⁷. No fim de 2018, embarquei para Portugal na travessia além-mar para mergulhar nas rotinas produtivas do jornalismo audiovisual, ampliando o território de análise. Todo o esforço que reorganizou a travessia entre o passado, o presente e o futuro (RICOUER, 1998) já fazia parte de uma convicção: eu queria investigar a comunidade interpretativa de outro continente, com o objetivo de compreender, por dentro das rotinas profissionais, a produção da notícia nos canais portugueses e o sentido das webtelas no ambiente multiplataforma, dando continuidade à minha pesquisa de mestrado, no entanto, em outro território. E isso só seria possível de perto.

Assim, a constituição desta pesquisa está centrada nos seguintes pilares: a) desvelar os *modus operandi* das rotinas produtivas de forma transterritorial, mostrando como é feito o jornalismo de TV em Portugal; b) tensionar a questão da crença jornalística; c) suprir carência de pesquisas acadêmicas que se debruçam para as redações, reforçando o diálogo entre práxis e teoria de forma ampliada em mira de transformações; d) experimentar um método de investigação para identificar o sentido das telas da TV para o ambiente Web.

Para tanto, a estrutura desta tese está dividida da seguinte forma: Parte I e Parte II, fazendo alusão à lógica de apresentação dos blocos do noticiário Telejornal da RTP, alvo desta pesquisa. A Parte I foi reservada para as concepções teóricas (3Ts), a partir da tríade entre Teorias do Jornalismo, Telejornalismo e Tecnologia. O espaço foi abastecido por três reservas que dialogam sobre o fazer jornalístico e formam um ferramental teórico-metodológico. Já a Parte II traz as contribuições metodológicas de abordagem material do ponto de vista tático e do nível epistemológico, que promoveram as descobertas além-mar: não se pode entender o jornalismo apenas pelo jornalista ou pela expectativa do “tipo ideal” (WEBER, 1979) que se faz da profissão. É preciso ocupar as empresas e dialogar com os sujeitos produtivos para compreender as múltiplas influências que ajudam a dar forma ao processo de *newsmaking*, ou seja, a produção da notícia. E mais: contemplado de forma transterritorial a articulação de fluxos culturais que fazem

²⁷ O professor Dr. João Canavilhas foi o supervisor do doutorado sanduíche, desenvolvido na Universidade da Beira Interior – UBI, Covilhã.

com que a atividade jornalística, independente das suas preferências editoriais, seja reconhecida tanto no ambiente físico, quanto no ambiente web, a partir da análise do Jornalismo Audiovisual, reforçando o lugar de crença que o jornalismo, a rigor, estabeleceu com a sociedade desde a sua constituição.

Movida pelas questões elencadas acima, o ponto de partida foi o conceito de comunidade interpretativa transterritorial, inspirado pelos estudos sobre comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000), transnacional (TRAQUINA, 2005) e transorganizacional (BREED, 1993; SOLOSKI, 1993), estendendo a ideia de território para além-mar e além-telas, trazido aqui como telesfera. Desse modo, me inseri como jornalista na comunidade das emissoras com língua portuguesa para compreender o processo produtivo dos noticiários de TV. Estive em sete delas: RTP, SIC, TVI, CMTV, Globo, Record e Banda TV, estabelecendo um tempo de permanência maior na RTP - Rádio e Televisão de Portugal, de 04 a 20 de fevereiro de 2019 – pela compreensão de que foi a emissora pública que ditou o modelo das emissoras privadas no país (TOURINHO, 2015). Nesse sentido, o deslocamento para recuar e perceber pistas anteriores, que justifiquem o presente, apontou uma possível imagem do futuro. O movimento reflexivo da minha observação ganhou contornos que permitiram aguçar, interpretar e sistematizar uma série de questões que navegaram no território português, com o objetivo de estabelecer processos válidos para desvelar inquietações da rotina produtiva audiovisual nos noticiários na era da TV Ubíqua (JOST, 2015).

O passo sequencial ocorreu durante o trabalho de observação de campo, que possibilitou a construção de um mapeamento histórico com as percepções das rupturas, permanências e potencialidades dos noticiários portugueses, a partir de um método de investigação composto por: observação participante (PERUZZO 2005; GEERTZ 1998), análise televisual com a aplicação da Análise da Materialidade Audiovisual – AMA (COUTINHO, 2016), entrevistas semiestruturadas (DUARTE; BARROS, 2005) e autoetnografia (ELLIS; BOCHNER, 2000).

Por fim, após a aplicação dos métodos anteriores, trazemos como contribuição uma metodologia própria de análise no Telejornal da RTP, enquanto membro da comunidade interpretativa transterritorial, intitulado “metodologia da aposta”, que visa averiguar de que forma as notícias transitam nas telas e no ambiente web, constituindo o que chamo de telesfera. Assim, permaneci por dez

dias ao lado das coordenadoras²⁸ do Telejornal, o principal produto da RTP, fazendo um alinhamento²⁹ particular. Enquanto acompanhava a produção do Telejornal, concomitantemente, eu selecionava, a partir dos principais portais portugueses, o que seria notícia pelo meu ponto de vista, uma verdadeira aposta. O método que consistia em eleger quais acontecimentos teriam condições de se sustentar como notícia televisiva, permitiu a comparação dos dados colhidos pela minha apuração via ambiente web, com o resultado da produção televisiva da escalada produzida pelos jornalistas, ou seja, os sujeitos produtivos da RTP. Além da experimentação da cultura profissional ao lado dos meus informantes, a metodologia, desenvolvida em Portugal e que inclui a passagem por oito etapas, levou em consideração alguns aspectos: 1) como os jornalistas se informam para informar na TV; 2) a minha inserção na comunidade da RTP, relativamente adaptada a partir da confiança adquirida dos meus pares por acompanhamento de externa, edições e sugestões de pautas; 3) a *expertise* da atividade jornalística, que inclui três competências: o “saber de reconhecimento”, o “saber de procedimento” e o “saber de narração”³⁰.

Assim, a estrutura deste trabalho está inicialmente dividida em duas partes, como dito acima, e distribuída em cinco capítulos. No Capítulo 1, o objetivo é falar sobre a relação histórica e as interfaces do jornalismo e a sociedade, à luz das teorias do jornalismo com destaque para o processo de *newsmaking* e a questão fundamental da credibilidade jornalística. As reflexões são ancoradas em autores brasileiros e estrangeiros, em especial, os que dialogam com a perspectiva lusófona e promoveram o interesse da minha busca em Portugal. Ainda no primeiro capítulo é destacado o jornalismo como forma de conhecimento (PARK, 2008; MEDITSCH, 1992; SPONHOLZ, 2009). O capítulo traz também o conceito de território³¹ (LEMOS 2006), com destaque para os usos de processos de relações baseada numa perspectiva tridimensional e híbrida – sociedade-espço-tempo – que, juntamente com os conceitos de comunidades interpretativa transnacional e transorganizacional, possibilitou o alargamento conceitual para comunidade

²⁸ O termo “coordenadora” em telejornal de Portugal corresponde ao cargo de editora-chefe no Brasil.

²⁹ O termo “alinhamento” no noticiário de Portugal corresponde ao espelho no Brasil.

³⁰ Cf. (ERICSON; BARANEK; CHAN 1987, *apud* TRAQUINA, 2005).

³¹ LEMOS (2006) trabalha com processos de territorialização e desterritorialização no ciberespaço.

transterritorial, que me transferiu, portanto, para as redações portuguesas, viabilizando a minha observação em profundidade.

O Capítulo 2 está destinado para um olhar dos fluxos do ontem, do hoje e do amanhã, dentro da travessia do jornalismo audiovisual (WILLIANS, 2016; BECKER, 2016; CARLÓN, 2014; FECHINE, 2014; SILVA, 2018; FINGER, 2016 *et al.*) forjado por contextos diversos com o salazarismo em Portugal (CÁDIMA, 1996), que auxiliou sobremaneira na constituição das marcas produtivas dos noticiários. Assim, a partir do acionamento de memórias e esquecimentos (RICOEUR, 1998) existe a formação de um sólido solo fértil para discutir a epistemologia do telejornalismo (EKSTRÖM, 2002; CORREIA; VIZEU, 2008; MACHADO, 2000), fases e faces dos noticiários portugueses (TOURINHO, 2015) e, por fim, aproximações e distanciamentos dos telejornais em diálogos com o Brasil.

O Capítulo 3, ainda na Parte I, diz respeito às processualidades tecnológicas que possibilitam a ideia do Jornalismo para telas (EMERIM, 2018), a partir da compreensão do espalhamento dos ecrãs para o ambiente web e multiplataforma (CANAVILHAS; SERRA, 2003; MANOVITH, 2005; PALACIOS 2010; JOST, 2015). Busco tensionar as reconfigurações da produção, distribuição e do consumo televisuais que estendem o conteúdo em abundância do ecrã principal para telas secundárias. O objetivo é identificar os sentidos das telas e de que forma está sendo preenchido o vácuo do trânsito audiovisual entre o televisor e os mais diversos ecrãs no século XXI, a partir do uso das novas tecnologias de informação. Discuto, ainda, a linguagem e a automação na produção de sentido audiovisual que vem ocupando, inclusive, o território das webtelas, que denominamos aqui como “telesfera”.

A Parte II está centralizada no estudo de caso em si, trazendo as contribuições e descobertas além-mar, a partir dos diálogos estabelecidos no território português. O Capítulo 4 destaca o nível tático da abordagem material e das técnicas de observação utilizados na tese para obtenção de dados, completando os níveis teórico-metodológicos, formando uma espécie de ferramental metodológico que conjugou as seguintes técnicas: observação participante, análise televisual, autoetnografia e 37 entrevistas semiestruturadas, totalizando 15 horas, 10 minutos e 4 segundos de gravação.

No Capítulo 5, mergulho nas rotinas produtivas das emissoras de língua portuguesa com aplicação da observação participante e, também, das entrevistas.

Inicialmente, trago as percepções das evidências do processo de *newsmaking* e sobre a relevância da TV no século XXI dos seguintes canais: SIC, TVI, CMTV, Banca TV, Globo e Record. Posteriormente, sintonizo no cotidiano noticioso da RTP, a televisão pública de Portugal. É nesta etapa que ocorre o visionamento televisual de seis edições do noticiário Telejornal dos anos de 2009 e 2019, permitindo sistematizar categorias a fim de compreender as contínuas transformações e o sentido das telas na RTP a partir da análise de: a) narratividade; b) visualidade; c) edição. Tal etapa faz parte do método aplicado para ganhar a confiança dos informantes, partindo da observação de um saber histórico das marcas discursivas de outrora para facilitar o processo de interlocução afetiva nas entrevistas semiestruturadas. O capítulo ganha destaque com a aplicação da descoberta da metodologia da aposta, uma ferramenta que analisa a escolha e produção de acontecimentos entre o ambiente web e os ecrãs televisivos, retomando a questão da crença, a partir dos três saberes jornalísticos: saber de reconhecimento; saber de procedimento e saber de narração(cf. ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987 *apud* TRAQUINA, 2005), destacando a linguagem, a produção de sentido, o rigor na construção noticiosa e a ética na construção televisual.

Disto tudo isto, anunciamos o convite para uma verdadeira expedição além-mar para “abrir-se a ‘alma’ da cultura e deixar-se ‘molhar’, ‘ensopar’ das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência” (FREIRE, 1995, p. 110).

Parte I – Concepções Teóricas (3Ts)

1. Teorias do Jornalismo: crença ediálogos lusófonos

Neste capítulo, partimos dos estudos culturais com os conceitos de periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade (GROTH, 2011) para demonstrar que a ciência jornalística pode ser compreendida como forma de conhecimento (VAN DIJK, 2005; PARK, 2008; MEDITSCH, 1992; SPONHOLZ, 2007). Alargamos a discussão com a presença do senso comum e enfatizamos a questão da crença estabelecida (TAMBOSI, 2007; EKSTRÖM, 2002; LISBOA; BENETTI, 2015; MIGUEL, 1999; BOURDIEU, 1997) no contrato fiduciário, na perspectiva da construção social da realidade (ALSINA, 2009; BERGER; LUCKMANN 2003; SCHUDSON, 2010; VIZEU, 2009)

Recuperamos a origem do paradigma do jornalismo de informação e destacamos os critérios de noticiabilidade e previsibilidade dos acontecimentos. Trabalhamos, ainda, com o conceito de “sistema perito”, inspirado em Giddens (1997), que caracteriza o jornalismo como porta voz da autoridade produtiva até os dias de hoje (REGO; BARBOSA, 2020).

Revisitamos as teorias do jornalismo, com atenção para a teoria do *newsmaking* (WOLF, 2003; AGUIAR, 2006; PENA, 2005) e destacamos o jornalismo como saber de reconhecimento, saber de procedimento e saber de narração (ERICSON *et al.*, 1987 *apud* TRAQUINA, 2005). Na travessia do passado, presente e futuro, pontuamos os diálogos lusófonos que inspiraram a escolha da investigação em emissoras de língua portuguesa dentro da conexão Brasil e Portugal (TRAQUINA, 2005; SOUSA, 2008; FIDALGO, 2004; SERRA, 2015; CANAVILHAS, 2003; TOURINHO, 2015; PONTE, 2009; CORREIA, 2015).

Por fim, justificamos o conceito de “comunidade interpretativa transteritorial” a partir de Zelizer (1993), Traquina, (2005), Breed (1993), Soloski (1993) e Lemos (2006). Tomamos a revisão bibliográfica como ponto de partida para compreender as complexidades da atividade jornalística, sugerindo a “metodo-logia da aposta” desenvolvida durante a permanência nas emissoras.

1.1. Jornalismo e Sociedade: uma leitura como forma de conhecimento

Absorver, acumular, processar e comparar informações: essas são atitudes necessárias para o desenvolvimento humano que fazem parte da própria constituição de subjetividades de qualquer indivíduo dentro de uma sociedade. É neste contexto que o jornalismo entra em cena por ser um produto cultural e, portanto, uma realidade de sentidos resultante das necessidades sociais (GROTH, 2011).

Jornais e revistas são obras culturais. Cultura é entendida aqui como o conjunto das criações mentais humanas que cresce e muda continuamente. Assim, a Ciência dos Jornais é a ciência de obras culturais, é uma “ciência da cultura” (GROTH, 2011, p.33).

Na medida em que a atividade jornalística vai se tornando cada vez mais profissional, ela também potencializa a exigência da crença, da confiabilidade da informação, considerando que existe um pacto tácito baseado na confiança entre o jornalismo e a sociedade. Groth (2011), ao analisar de forma pioneira a Ciência dos Jornais³², identificou quatro pilares fundamentais para a compreensão do jornalismo ao estabelecer vínculo com a comunidade: periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade.

A primeira característica identificada pelo autor é a *periodicidade*, mirando na continuidade das publicações direcionadas aos sujeitos. Groth acentua que o termo significa um recorte de tempo específico: “período era no começo um conceito de espaço e significava o caminho, a distância que se circula ou se percorre. Ou seja, ciclo, percurso, espaço de tempo” (GROTH, 2011, p. 150). A implementação tecnológica permitiu a distribuição e recepção regulares dos conteúdos processados de forma organizativa, rítmica e confiável. Fidalgo (2004) corrobora esta assertiva ao afirmar que “a periodicidade tem como ideal atingir o objetivo da simultaneidade do acontecimento e da notícia. Mais marcante para a periodicidade jornalística é a simultaneidade e não a regularidade” (FIDALGO, 2004, p. 4).

O caráter universal, ou seja, a *universalidade* é o segundo recorte trazido por Groth para defender a necessidade dos jornais de tratarem os assuntos de forma

³² Á época, no início do século XX, o cientista tratou dos jornais e revistas para falar sobre a Ciência dos Jornais. Ele utilizou a relação com outras ciências para construir a base da epistemológica.

ampliada, situando o leitor no tempo e no espaço. Nesse aspecto, ele destaca a busca pelo “tipo ideal”.

Quem questiona a universalidade do jornal desconhece, portanto, exatamente o jornal real. Em suma, ela só tem que ser entendida corretamente como tipo ideal e justamente como universalidade do jornal e não como “do universo”, como cosmo da natureza e da cultura. (...) não quer nem nunca pode abranger a realidade objetiva, mas sempre somente a universalidade (GROTH, 2011, p. 216-217).

Compreender, portanto a ciência do jornalismo é, antes de tudo, reconhecer as complexidades das relações de poder, admitindo sucessos e fracassos nas apostas de uma audiência presumida (VIZEU, 2008) na árdua tarefa de promover a transformação de um acontecimento em notícia, “ainda que seja fundamental manter e valorizar quem faça a mediação crítica entre poder e cidadania” (BRAGA; AGUIAR; BERGAMASCHI, 2014, p. 124).

O jornal, portanto, agarra tudo o que faz parte do mundo diante dos seus leitores: muitas vezes agarrando de fato errado e deixando lacunas, nem sempre imediata e conseqüentemente, muitas vezes duvidando e hesitando, impedindo por questões externas ou contrariando a si próprio, atentando só em um estágio tardio, atento e movido por alguma ocasião especial, por alguma pressão, por um motivo atual qualquer, mas, apesar de tudo, sempre sujeito a lei da universalidade e seguindo as suas regras (GROTH, 2011, p. 217).

Outro aspecto da contribuição de Groth para compreender o jornalismo é a *atualidade*. O autor alerta para a possível confusão entre atualidade e novidade. A novidade traz no bojo a atualidade, mas não é necessariamente vinculada à questão temporal.

A razão da atualidade está na necessidade da vida das pessoas, na natureza teleológica da sua psique e na necessidade constante de informações o mais rápido possível sobre os respectivos mundos diante de si, o que também levou à invenção do jornal. Por isso este tem que se esforçar com todo o afã pela mediação rápida dos acontecimentos do presente, uma vez que é a sua missão de vida, se quiser ser jornal e se não quiser tornar a si próprio supérfluo. A atualidade não é uma consequência da concorrência, mas sim – na ordem econômica capitalista – um fator que, como atua de forma estimulante em outras áreas, assim mantém a atualidade viva na área dos jornais, aumenta e incita para novas performances (GROTH, 2011, p. 236).

Por fim, a *publicidade*, que diz respeito à distribuição/circulação do jornal, no sentido de tornar o conteúdo aberto, disponível, ou seja, como esfera pública (o espaço) e como (o ser/ tornar-se de conhecimento público). Esta categoria está fortemente alinhada com a universalidade quanto à difusão de notícias, compreendendo o caráter cultural e a relação do produto e público.

O *significado* fundamental da publicidade resulta sem mais nem menos do fato de que ela é a porta através da qual os bens imateriais do jornal são enviados e recebidos, através da qual todas as seções de produção da empresa, dos escritórios da direção da editora e da redação até salas de máquinas e empacotamento, mantém a ligação com o mundo exterior (GROTH, 2011, p. 313).

A inclinação para a observação do mundo externo indica a necessidade de considerar o jornal como bem comum em disputa à esfera pública e, concomitantemente, como empresa com anunciantes e consumidores. Isto se alinha com a alusão do jornalismo como “chão de fábrica de notícias” vinculado às rotinas produtivas (BRAGA; AGUIAR; BERGAMASCHI, 2014). Em outras palavras, para Groth (2011) o itinerário noticioso, que vai da produção ao consumo, deve ser observado dentro de uma cultura. Nesse sentido, Marques de Mello reforça como ocorre o jornalismo:

É concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica) entre organizações formais (empresas de comunicação / imprensa) e coletividades (públicos e receptores), através de canais de difusão (jornal/ revista/ rádio/ televisão/ cinema) que asseguram a transmissão de informações (necessariamente atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais e ideológicos) (MARQUES DE MELO, 2007, p.17).

A contribuição de Groth (2011) com a fundação da Ciência do Jornalismo para traduzir a prática da atividade considera componentes de outras ciências para explicar o jornalismo, como, por exemplo, as ciências naturais, a ciência dos espíritos que, por sua vez, trabalha as percepções, imagens, sensações, e pode fornecer pistas para a interpretação da atividade jornalística como um campo em expansão e retração e que, exatamente por isso, permanece em constante mutação, tendo o poder de transformação.

Dentro do contexto da relação entre jornalismo e sociedade, Van Dijk afirma que não há notícia sem conhecimento: “o estudo do conhecimento nas notícias é

vital para o entendimento de muitos aspectos fundamentais da produção e compreensão noticiosa” (VAN DIJK, 2005, p. 14). Já Robert Park (2008) foi o pioneiro em pensar o jornalismo como conhecimento: “a função da notícia é orientar o homem e a sociedade no mundo real” (Park, 2008, p. 51). Para defender o seu conceito, o autor recorre a William James (1890) a partir da ideia de dois tipos de conhecimento: o conhecimento “de” algo e “a cerca de” algo. Assim, Park interpreta formas diferentes de conhecimentos com graus de precisão e validade distintos: conhecimento “a cerca de” como investigação mais formal, com estrutura lógica e sistematizada. Já o conhecimento “de” é adquirido a partir de experiências pessoais no mundo.

É o conhecimento que vem do uso e do costume mais do qualquer tipo de investigação formal ou sistemática. (...) De fato, tal conhecimento pode ser concebido como uma forma de ajuste ou adaptação orgânica, representando um acúmulo e, por assim dizer, uma fusão de uma longa série de experiências. É esse tipo de conhecimento pessoal e individual que nos faz sentir em casa num mundo que a pessoa escolhe para viver ou se condena a viver (PARK, 2008, p. 52).

E segue: “constituindo um *continuum* dentro do qual todos os tipos e espécies de conhecimento encontram um lugar. Em tal *continuum* a notícia tem localização própria” (PARK, 2008, p. 58).

Então, o jornalismo é uma forma de conhecimento? Esse é o título de um dos textos de Meditsch (1997), desenvolvido a partir de uma Conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão, em Portugal. O autor destaca três tipos de abordagens: a) o jornalismo não produz um conhecimento válido, contribuindo apenas para a degradação do saber, já que é preciso sistematização e análise: “o situa no campo do conhecimento como uma ciência mal feita, quando não como uma atividade perversa e degradante” (MEDITSCH, 1997, p. 2); b) considera o jornalismo como ciência menor, ou seja, aquela que revela a cotidianidade da vida humana, daí o jornalismo ser uma forma de conhecimento da realidade (conhecimento “de”) admitindo o trânsito entre o senso comum e a ciência; e c) compreensão da capacidade do jornalismo de revelar aspectos.

Para esta terceira abordagem, o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar

aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar (MEDITSCH, 1997, p. 3).

O pressuposto, portanto, é a necessidade de compreender melhor como funciona o Jornalismo como forma de conhecimento e de investigar até que ponto não será capaz de revelar aspectos da realidade que não são obtidos por outras maneiras de conhecimento mais prestigiadas em cada cultura, produzindo e reproduzindo conhecimentos válidos. Sendo assim, o Jornalismo opera no campo lógico do senso comum e esta é uma característica definidora fundamental. Sponholz concorda: “ao se contemplar a função social do jornalismo de fornecer orientações para o nosso dia-a-dia, então pode-se classificá-lo como senso comum” (SPONHOLZ, 2007, p. 7). No entanto, alerta que é preciso compreender dois aspectos, do ponto de vista da produção e da recepção: “jornalismo não é só aquilo que se consome, mas também algo que é produzido. E no seu processo de produção, o jornalismo se diferencia essencialmente do senso comum” (SPONHOLZ, 2007, p. 8). Para a autora o jornalismo é um processo híbrido de conhecimento.

Classificar o jornalismo como uma forma de ciência é exigir dos jornalistas o que eles não têm condições de cumprir com os recursos que lhes são disponíveis. Igualá-lo ao senso comum é condená-lo a reproduzir e reforçar aquilo que já se sabe, mesmo quando esse “saber” não corresponder à realidade, e desperdiçar a chance do potencial do jornalismo como processo de conhecimento (SPONHOLZ, 2007, p. 13-14).

Fato é que a operação no campo lógico da realidade dominante assegura ao modo de conhecimento do jornalismo tanto a sua força, quanto a sua fraqueza.

Embora nesta perspectiva se considere que o Jornalismo produz e reproduz conhecimento, não apenas de forma válida mas também útil para as sociedades e seus indivíduos, não se pode deixar de considerar que esse conhecimento por ele produzido tem os seus próprios limites lógicos e, quando observado na prática, apresenta também uma série de problemas estruturais. Como toda outra forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo Jornalismo será sempre condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam desta produção. Estará também condicionada pela maneira particular como é produzida (MEDITSCH, 1997, p. 9-10).

Assim, para Meditsch, um dos problemas centrais do jornalismo enquanto conhecimento está nas mediações que condicionam o modo processual do

Jornalismo sobre a realidade. Esta visão inclui as rotinas produtivas, as técnicas e o fator econômico em jogo nas disputas entre o saber e o poder (FOUCAULT, 2010). Outros fatores, como a falta de transparência, o excesso de velocidade e a espetacularização também se constituem dentro do mesmo aspecto: “como produto social, o Jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições. Nenhum modo de conhecimento disponível está completamente imune a isto” (MEDITSCH, 1997, p. 13).

É válido reforçar que o conhecimento está intimamente ligado à questão da verdade. Tambosi (2007) ratifica: “não há conhecimento sem verdade, isto é, todo conhecimento é verdadeiro ou não é conhecimento” (TAMBOSI, 2007, p. 36). Historicamente, a atividade jornalística ocupa um campo sacralizado como discurso social de relevância, sendo o porta-voz da verdade do mundo. Como memória social, carrega a missão de narrar um acontecimento de interesse público. Assim, Tambosi (2007) alerta que existe uma tendência a associar-se a verdade ao imperativo da ética: esta fica, então, reduzida a um ideal de honestidade ou credibilidade do repórter e suas fontes, ou próprios meios (TAMBOSI, 2007). Desse modo, ao discorrer sobre a importância da verdade para o conhecimento, o autor classifica três teorias sobre a verdade: a) a teoria da verdade como correspondência (que tem a ver com conformidade ou adequação); b) a teoria da verdade como coerência (também compreendida como não-contradição); e c) a teoria pragmática da verdade (ou da utilidade). Neste sentido, algo verdadeiro seria tudo o que satisfaz alguma relação de adequação. É assim que existe uma resistência histórica da teoria da verdade como correspondência: “a verdade como correspondência, também observada por –, que pode muito bem ‘sobreviver relativizada e atenuada’ tanto no interior de um sistema de perspectiva coerentista quanto no interior da verdade-utilidade” (TAMBOSI, 2007, p. 40). Isso porque o jornalismo está no plano da relação enunciativa, de modo extralinguístico: o “pressuposto básico dessa teoria é que a verdade de uma proposição³³ consiste em sua relação com o mundo, isto é, em sua correspondência com os fatos ou estados de coisas” (TAMBOSI, 2007, p. 37). Um dos problemas apontados pelo autor é a dependência excessiva das fontes e, assim sendo, sugere que existe uma verdade aproximativa a se alcançar na atividade jornalística, compreendendo que,

³³ Proposições, crenças, sentenças e afirmações podem todas ser verdadeiras ou falsas. Cf. Tambosi (2007).

diferentemente da ciência, o jornalismo se aproxima mais da realidade social do que da natural (TAMBOSI, 2007). No entanto, vale relativizar que existem diferentes processos de conhecimento e a atividade jornalística é um tipo de ciência, conforme aponta Meditsch (1997). Já Adelmo Genro Filho (2012) aposta na singularidade que cristaliza o jornalismo como forma de conhecimento.

Diante da guerra de narrativas estabelecida no século XXI, a busca pela verdade, permanece sendo o movimento prioritário do jornalismo de referência. Afinal, a notícia gira em torno da ideia de “verdade”. Não sobre uma verdade absoluta, pura ou concreta, mas na direção da verdade como um sentido que alimenta a atividade jornalística, desempenhada nas conturbadas rotinas produtivas. Kovach e Rosenstiel afirmam que “a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 61). Essa premissa sustenta que o jornalismo não é ficcional e tem a função de informar empenhando-se na busca da verdade: o primeiro e mais confuso princípio. Eles destacam a natureza reativa e prática no jornalismo, considerando a importância da mediação no mundo social como guia para a sociedade.

Ensinamos a nossos filhos normas e regras, história, física e biologia. Todas essas verdades, incluindo as leis da ciência, estão sujeitas a revisão, mas enquanto isso nos orientamos por elas porque são necessárias e funcionam. É isso que o jornalismo procura – uma forma prática e funcional da verdade. Não a verdade no sentido absoluto ou filosófico. Não a verdade de uma equação química. Mas o jornalismo pode – e deve – perseguir a verdade num sentido por meio do qual possamos funcionar no dia-a-dia (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p. 68).

De toda forma, construir socialmente uma realidade não é uma das tarefas mais simples a ser realizada. A realidade, enfim, solidifica-se a partir de interações sociais baseadas na crença, na confiança estabelecida legitimamente entre o jornalismo e a sociedade, numa espécie de contrato fiduciário (ALSINA, 2009). No entanto, Alsina afirma que o conceito de “construção social da realidade” não deve ser vinculado apenas ao jornalismo, ele está na própria vida cotidiana e se consolida através de um processo de institucionalização das práticas e dos papéis de quem as constroem. É algo, paralelamente, social e intersubjetivamente construído.

Isso faz caracterizarmos a atividade jornalística como um papel socialmente legitimado para gerar construções da realidade publicamente relevantes. Portanto, podemos dizer que os

jornalistas têm um papel social legitimado e institucionalizado para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante. Essas competências são realizadas no interior de aparatos de produção específicos: a mídia (ALSINA, 2009, p.46).

No entanto, Meditsch (2013) refuta essa junção e alerta para a distinção entre o jornalismo e mídia. Reforça que a credibilidade é o capital cultural do jornalismo e que a mídia estaria em busca da audiência, compreendendo que o jornalismo, ao mesmo tempo em que depende da mídia, funciona como um contra poder, e destaca o sistema jornalístico como uma referência de organização e do mundo.

Podemos dizer que exagerar a importância da mídia na construção da realidade seja um engano natural dos teóricos da mídia. Mas um engano que precisa ser desfeito para compreendermos melhor como os frames estabelecidos pelas matrizes da sociedade afetam a construção do acontecimento no jornalismo (MEDITCSH, 2013, p. 20).

Já para Berger e Luckmann (2003) a compreensão da construção social da realidade significa atuar continuamente em interação com os outros indivíduos, instituições, forças sociais e cultura, ou seja, é um processo socialmente construído. Ekström (2002) pontua que o jornalismo pode ser considerado uma das mais importantes instituições vinculadas à produção de conhecimento. As representações de mundo são construídas periodicamente, possibilitando que as pessoas obtenham conhecimento do mundo fora de uma experiência imediata. Isso é possível mediante ao conteúdo predominante do jornalismo de descrever a realidade e influenciar outras instituições sociais.

Dentro desse contexto, a noticiabilidade de um acontecimento vai depender justamente de um campo de força dos jogos de poder-saber. E nessa arena jornalística, posicionam-se, de um lado, as empresas de comunicação e, de outro, a comunidade interpretativa dos jornalistas (TRAQUINA, 2008). O palco dessa relação de comunicação é um fluxo contínuo de critérios que apresentam relevâncias tão flexíveis quanto variáveis. Não há, portanto, um processo fixo que estabeleça um esquema ordenado de noticiabilidade – existe sim um caráter de negociação nessa fatura da informação, exercida pelos profissionais que agregam diferentes níveis de importância aos acontecimentos.

Neste sentido, existem percursos de interpretação ao longo do acontecimento que vão levando a notícia a ser produzida como forma de conhecimento.

Embora nesta perspectiva se considere que o Jornalismo produz e reproduz conhecimento, não apenas de forma válida mas também útil para as sociedades e seus indivíduos, não se pode deixar de considerar que esse conhecimento por ele produzido tem os seus próprios limites lógicos e, quando observado na prática, apresenta também uma série de problemas estruturais. Como toda outra forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo Jornalismo será sempre condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam desta produção. Estará também condicionada pela maneira particular como é produzida (MEDITSCH, 1997, p. 9-10).

No entanto, o jornalismo como forma de conhecimento, deve promover diálogos discursivos com rigor e método, cumprindo os códigos deontológicos da profissão. Dessa forma, o Jornalismo em telas deve entregar à sociedade um discurso narrativo forjado por meio da linguagem (imagem, texto etc.), e de processos históricos. A produção de conhecimento ocorre na medida em que a comunhão destes códigos comuns se efetiva. De acordo com Vizeu: “é o resultado de uma série de enquadramentos culturais, das práticas sociais, da cultura profissional, dos constrangimentos organizacionais e do campo da linguagem que os jornalistas mobilizam para produzir notícias” (VIZEU, 2009, p. 80). Assim, a partir de uma perspectiva construcionista, o jornalismo pode ser compreendido como um lugar de produção de conhecimento, dentro de um campo discursivo de disputas ao acesso à esfera pública em uma sociedade democrática.

O conjunto dos acontecimentos construídos pela mídia como tendo transcendência social compõem um lugar de referência, para orientar a compreensão da realidade das pessoas e a sua ação no mundo. Por isso, precisam ser acreditados como verdadeiros. Mas o discurso jornalístico precisa ser assumido como falível para pretender a sua excelência, ou seja, a sua constante legitimação como válido, verdadeiro e correto junto ao seu auditório, visto que as pessoas que compõem o seu público são seres em processo que estão, mais ou menos, sempre ampliando seu conhecimento sobre o mundo (PEREIRA JÚNIOR; ROCHA, 2011, p. 762).

É válido lembrar que, historicamente, o jornalismo que conhecemos hoje tem como origem o paradigma do jornal de informação que, no século XIX,

acelerou a industrialização, refletindo na educação e profissionalização dos jornalistas, superando o jornal de opinião e os modos de vida da sociedade. Assim, os jornais foram transformados em produtos fabricados por empresas nos quais os jornalistas atuavam de forma profissional. Concomitantemente, surgiu a necessidade da criação de regras éticas que colocassem a imprensa em um lugar privilegiado para as discussões democráticas e, dessa forma, os conteúdos textuais deram lugar à criação de um novo jornalismo no século XIX – a *Penny Press* trouxe um novo conceito jornalístico: o jornalismo de informação. O surgimento desse novo discurso jornalístico se deu em um contexto marcado pelo Positivismo, que possibilitou a função profissional do jornalista como repórter, dotado de técnica objetiva e imbuído de neutralidade ao relatar os fatos. As narrativas ganharam contornos que aprimoraram o valor de uso e as técnicas ficaram mais atraentes e objetivas – cada vez mais o interesse dos leitores aumentava, promovendo uma nova ética profissional.

O jornalista deixa de ser um ativista político, autor de textos opinativos, para se tornar um mediador neutro e imparcial que observa a realidade social e produz um relato com base no método da objetividade, semelhante ao rigor metodológico do Positivismo (AGUIAR, 2008, p. 18).

A institucionalização do jornalismo enquanto fiscalizador do poder como esfera pública ocorreu em um terreno fértil, no qual se tinha o elemento notícia como valor, amparado no modelo da teoria da democracia, representado pela imprensa. Assim, os jornais foram transformados em produtos fabricados por empresas em que jornalistas atuavam executando as suas rotinas de forma profissional, construindo as notícias a partir de uma série variável e flexível de critérios de noticiabilidade e previsibilidade de acontecimentos, dentro de um esquema de ordenação de tempo e espaço (SILVA, 2014; TRAQUINA, 2005).

A legitimidade do jornalismo está intimamente ligada às pretensões de conhecimento e verdade. Isso é graças a sua alegação de ser capaz de oferecer cidadania ao conhecimento relevante e confiável que o jornalismo justifica sua posição como uma instituição constitutiva em uma sociedade democrática. As pretensões de conhecimento são justificadas e legitimadas dentro da estrutura de epistemologias (EKSTRÖM, 2002, p.260)³⁴.

³⁴ Tradução livre.

É nessa direção que crença, no sentido de confiança, torna-se uma questão central para a discussão que empreendemos aqui e para a compreensão das imbricações que envolvem a ética e a legitimação discursiva. Na mesma linha de Tambosi (2005), Lisboa e Benetti (2015) ancoram-se na filosofia para tomar a credibilidade jornalística do ponto de vista epistemológico. De acordo com as autoras, se o jornalismo é uma fonte de conhecimento da realidade, precisa nutrir três elementos fundamentais: a crença, a verdade e a justificação em seu próprio discurso. A credibilidade está ligada à confiança e pode ser *constituída* (de quem anuncia) ou *percebida* (atribuída pelo interlocutor):

Essa distinção é importante porque os valores que sustentam a credibilidade percebida – atribuída pelo leitor – nem sempre correspondem aos valores “canônicos” que desenham o *ethos* do jornalismo e que são geralmente associados à credibilidade constituída “do jornalismo” ou “do veículo”. A credibilidade tem uma natureza intersubjetiva: para ser um predicado, não pode ser uma qualidade auto atribuída, mas se forma no contexto de uma relação e é dependente da perspectiva de outro sujeito (LISBOA; BENETTI, 2015, p. 12).

Em outras palavras, a *credibilidade percebida* teria como mecanismos de percepção e julgamento de confiança os valores morais individuais, os valores coletivos de sociabilidade e a existência de normas e regras sociais, ou seja, a necessidade de dizer a verdade. Já a *credibilidade constituída* é baseada na retórica aristotélica, fundamentada na legitimação do jornalismo como instituição social e consolidação do *ethos* profissional, além da legitimação do jornalismo como discurso confiável, baseado na consolidação do *logos*. Para as autoras, o jornalismo incorpora a credibilidade quando cumpre com a expectativa de oferecer relatos verdadeiros, se aproximando de uma forma de conhecimento como uma crença verdadeira e justificada, sem haver quebra de confiança não só no conteúdo, mas também no enunciador, sendo, portanto, a credibilidade jornalística ligada às instâncias de produção, como uma propriedade discursiva apresentando os seus testemunhos como críveis, mas que pode ser atestada também pela validação da instância de quem recebe o conteúdo (BENNETTI; LISBOA, 2015).

Inspirado na visão de “desencaixe” sobre as consequências da Modernidade (Giddens, 1997), Luiz Felipe Miguel traz o conceito do “jornalismo como sistema perito”, tensionando tempo-espaço e saberes, práticas e artefatos. Para Miguel, uma das principais características do sistema perito é “uma crença em

sua competência especializada. Assim, quando o indivíduo vai ao médico, via de regra não tem condições de avaliar a correção ou incorreção do tratamento que lhe é recomendado³⁵. Apenas confia.” (MIGUEL, 1999, p. 198). Visto que o sistema perito atua entre a prática específica de produção noticiosa e um produto final que será entregue ao consumidor, o autor define três tipos de confianças: a) quanto à veracidade das informações; b) seleção e hierarquização e importância dos relatos; e c) seleção e hierarquização dos fatos disponíveis. Miguel destaca a dificuldade do jornalismo no processo de comprovação das confianças elencadas acima³⁶ e reforça que o regime de crença é sustentado a partir das experiências cotidianas que induzem o funcionamento dos sistemas.

A crença no passageiro comum no conhecimento materializado no avião não é mantida com base em um saber especializado, que ele não possui, mas também não é irracional. Apóia-se no fato de que, via de regra, os aviões chegam a seus destinos; a crença no engenheiro se mantém quando se observa que os seus edifícios não desabam. Em geral, os sistemas peritos devem passar por isto que poderia ser chamado de “prova de efetividade” (MIGUEL, 1999).

A questão da crença e do campo jornalístico também foi observada por Bourdieu (1997).

O campo jornalístico, como os outros campos, baseia-se em um conjunto de pressupostos e de crenças partilhadas (para além das diferenças de posição e de opinião). Esses pressupostos, (...) estão no princípio da seleção que os jornalistas operam na realidade social, e também no conjunto das produções simbólicas (BOURDIEU, 1997, p. 67).

A crença, alinhada à autoridade produtiva da verdade, perpetua no jornalismo o que poder ser interpretado, portanto, como uma instituição em contínua construção e permanente mutação. No recente livro “A construção intencional da ignorância: o mercado de informações falsas”, as autoras Ana Regina Rego e Marialva Barbosa retomam a complexa questão da crença, articulando os conceitos de verdade, valores, acontecimento, informação e jornalismo. Ao

³⁵ Vale destacar que a visão de Giddens (1997) se diferencia de Foucault (2010) sobre a noção dos saberes/poderes e discurso, Cf. Miguel (1999).

³⁶ O autor destaca a narrativa televisiva como dificuldade da comprovação da confiança: “é cogénial ao próprio jornalismo, e estratégia para obter a credibilidade, sobretudo na televisão, é impor como indiscutível o fato que se relata, em grande medida através da representação de imagens “que não mentem jamais” (MIGUEL, 1999, p. 200).

discutirem as interferências nos modos de produção de verdade no jornalismo, falam das verdades alternativas e destacam a credibilidade jornalística e o lugar simbólico de produção de crenças (REGO; BARBOSA, 2020).

A convenção em torno da verdade tem como pedra basilar a fundação de um conceito, em que o acreditar e a crença em algo que se diz verdadeiro esteja diretamente relacionada ao factual. É a base factual que avaliza a verdade e a crença. Nos dias atuais, porém, a política de verdade que envolvia o campo midiático e jornalístico, por exemplo, terminou sendo implodida por fatores diversos (...) de um lado, a própria prática dos campos, de outro, as possibilidades tecnológicas de desnudamento dos processos dos campos e, ademais, pelo empoderamento das massas, antes não autorizadas a produzir conteúdo, que passaram a se utilizar de ferramentas gratuitas em prol de suas crenças particulares ou coletivas, produzindo conteúdos nem sempre factuais e fazendo-os circular com grande velocidade pelas infovias (REGO; BARBOSA, 2020, p. 62).

Decidir o que é notícia, nesse aspecto, é uma tarefa diária dos jornalistas que tensionam as redações de todo o mundo. É neste sentido que a teoria do *newsmaking* norteia as proposições da nossa pesquisa sobre as rotinas produtivas das emissoras de língua portuguesa, conforme veremos na Parte II desta tese.

As pesquisas de *newsmaking* têm, em comum, a técnica da observação participante, pois permite reunir e obter sistematicamente os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria jornalística e no processo de produção da notícia (WOLF, 2003, p. 186 *apud* AGUIAR, 2006, p. 3).

Tendo como paradigma a construção social da realidade, a escolha do *newsmaking* possibilita a seguinte abordagem: que representação da sociedade é fornecida pelos noticiários? E mais: como ela se associa às necessidades cotidianas de produção da notícia? Também veremos estas questões mais adiante.

O fato é que o fazer jornalístico se ancora em competências e habilidades técnicas que passam por formulação de pautas, coleta e apuração, escrita, edição e publicação em todos os meios. Os *modus operandi* sofreram alterações inevitáveis que atravessaram o *ethos* profissional com o desenvolvimento tecnológico dos últimos tempos. Indubitavelmente, a produção, a circulação/ distribuição e a recepção/consumo foram modificados com os avanços tecnológicos e novos modelos de negócio. No entanto, independente da cultura *mobile* das redes sociais, de sites e empresas que utilizam conteúdo *on demand* e a convergência midiática,

secularmente, a construção da narrativa jornalística se materializa por duas vertentes fundamentais: a) os dados: matematizando o real, dando-lhe credibilidade e verificabilidade; e b) as fontes humanas: humanizando a narrativa na representação social dos agentes, trazendo a verossimilhança (PEREIRA JUNIOR, 2006). É nesse mesmo sentido que Aguiar (2009), ao analisar a validade dos critérios de noticiabilidade no ciberjornalismo, é enfático afirmando que “os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção permanecem os mesmos para as rotinas de produção do *hard news*, tanto no jornalismo impresso quanto no jornalismo *online*” (AGUIAR, 2009, p.163). Aguiar enumera as contribuições de Bardeel e Deuze (2001), Palácios (2002) e Canavilhas (2003) para o campo do jornalismo em ambiente web, assinalando as seguintes características: hipertextualidade, interatividade, multimidialidade, customização de conteúdo, convergência de mídias, personalização de conteúdo, memória e instantaneidade do acesso (AGUIAR, 2009). Os conceitos que envolvem o jornalismo digital e o tensionamento com as rotinas produtivas serão discutidos com mais profundidade nos capítulos 3 e 5, quando trataremos à tona a questão das webtelas em Portugal.

Antes de prosseguirmos nas permanências, continuidades e potencialidade do campo jornalístico, porém, faremos uma revisita as teorias clássicas do jornalismo, retornando a questão do *newsmaking* vinculado à construção social da realidade, teoria que norteia nossa tese.

As teorias ligadas ao campo da notícia como construção desconsideram a já superada perspectiva da teoria do espelho, que colocava a imprensa como um reflexo do real dos acontecimentos. Entretanto, vale ressaltar que no campo profissional é essa perspectiva que conforma um modo de ser e estar jornalista. Apesar de ser pacificada a limitação desta teoria, por não caber mais argumentação sobre uma linguagem neutra e objetiva, Pena (2008) afirma que os profissionais a utilizam como uma espécie de defesa para legitimar os acontecimentos.

A comunidade jornalística defende a teoria do espelho com base na crença de que as notícias refletem a realidade. Isso acontece porque ela dá legitimidade e credibilidade aos jornalistas, tratando-os como imparciais, limitados por procedimentos profissionais e dotados de um saber de narração baseado em método científico que garante o relato objetivo dos fatos (PENA, 2008, p.126).

Entretanto, a teoria do espelho é claramente rejeitada³⁷ pela compreensão de que a teoria construcionista ajuda a construir a própria realidade e não pode ser interpretada apenas como uma reprodução da realidade tal como ela é. A teoria como construção tem como base a percepção de que “as notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido” (SCHUDSON *apud* TRAQUINA, 2008, p. 172). Assim, as notícias são resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: a) jornalistas e fontes; b) jornalistas e sociedade; e c) jornalistas e os membros da comunidade profissional. O paradigma das notícias como construção (BERGER; LUCKMAN, 2003; MOLOTCH; LESTER, 1974; TUCHMAN, 1993; SCHUDSON, 2010; BIRD; DARDENNE 1993; ROEH 1989; HALL *et al.*, 1999), que emergiu nos anos 1970, admite o olhar para a organização, considerando a comunidade profissional e a cultura jornalística inserida nas rotinas produtivas. Dentro desse contexto, Schudson (2010) afirma que, embora as notícias não sejam ficcionais, elas são convenções culturais produzindo significados culturais armazenados e padrões de discurso (TRAQUINA, 2012). Já Bird e Dardene (1988) interpretam as notícias como narrativas, criando o que Colby (1975) classifica como gramática cultural e Hall *et al.* (1978), como mapas de significados, considerando um lugar de conflitos com imprevisibilidade e volubilidade. Para Sousa (2002) na perspectiva estruturalista:

(...) as notícias são um produto socialmente construído, mas que reproduzem a ideologia dominante e legitimam o *status quo*. Em certa medida, pode-se dizer que isto se dá não de uma forma fechada (como na teoria da ação política), mas porque os meios estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos a partir da conjugação de vários fatores. Os jornalistas têm uma reduzida margem de autonomia, pertencem a uma cultura rotinizada e burocratizada e estão sujeitos ao controle da classe dominante, proprietária dos meios de comunicação, que vincula os media às suas (primeiras) definições dos acontecimentos (SOUSA, 2002, p. 5).

Uma das divergências desta teoria é a tendência do apoio a interpretações oficiais em relação às fontes. Pena (2005) atenta que a preferência para a opinião dos poderosos funciona, na verdade, como uma defesa para o jornalista. Ao obter

³⁷ A “teoria do espelho” foi a primeira tentativa de explicar porque as notícias são como são. Tem como base que informar equivale a “buscar a verdade acima de qualquer coisa”, visão influenciada pelo Positivismo.

um depoimento que legitima a informação, ele se esconde atrás da palavra do outro e assim demonstra objetividade. De acordo com Stuart Hall (*apud* PENA, 2005, p.155), isto tem a ver com uma cultura profissional das práticas jornalísticas.

Já como inovação metodológica, a abordagem para explorar a visão teórica construcionista inspira a etnografia, proporcionando compreender a atitude do “nativo” nas rotinas produtivas. Desse modo, segue obtendo uma dimensão transorganizacional no processo de produção da notícia, compreendendo a comunidade interpretativa dos jornalistas, tendo como base os três saberes fundamentais para a dimensão do paradigma construtivista: saber de reconhecimento; saber de procedimento e saber de narração (cf. ERICSON; BARANEK; CHAN, 1987 *apud* TRAQUINA, 2005).

É assim que o *newsmaking* se constitui como um processo de produção que inclui a percepção, seleção e transformação de um acontecimento em notícia, compreendendo que os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo (fechamento), tendo que elaborar um produto final dentro de um cotidiano, considerando que os acontecimentos podem surgir a qualquer momento e em qualquer parte – é por esse motivo que as empresas jornalísticas precisam ordenar o fator espacial e temporal. Como estratégias para “cobrir o espaço” as empresas dividem o mundo em territorialidade geográfica, especialização organizacional (fontes recorrentes) e espacialização temática (editorias e seções). Já para a expectativa temporal de uma cobertura, as empresas lançam mão da previsibilidade dos acontecimentos como negociação constante na produção noticiosa – o que Tuchman (1993) vai denominar de “teia de faticidade”, com o planejamento preditivo de notícias e estoque de matérias frias para o que não for imediato (TRAQUINA, 2005).

Esta visão é central para a abordagem da nossa pesquisa e serve de base para a proposição metodológica, conforme veremos na Parte II, mais precisamente no capítulo 5. Com a intenção de investigar o processo de produção da notícia nas emissoras com língua portuguesa surgiram algumas indagações: O que mudou no modo de ser jornalista de TV? Que habilidades estão em curso? Em que contexto social as telas estão inseridas hoje? Mas antes de nos determos nestas questões, passaremos para os diálogos teóricos entre Brasil e Portugal que justificam a comunidade transterritorial que ora propomos.

1.2. Vozes Teóricas do Jornalismo: conexões Brasil e Portugal

O desenvolvimento dos estudos de jornalismo procurou nos últimos anos sistematizar conhecimentos para identificar tendências e refletir sobre os efeitos dos processos e das práticas jornalísticas, a partir de fenômenos complexos, em busca de compreender “porque as notícias são como são” (TRAQUINA, 2005). Na travessia do passado, presente e futuro, teóricos como Traquina (2005), Sousa (2002), Fidalgo (2004), Serra (2015), Cádima (1996), Canavilhas (2003), Correia (2015) Tourinho (2015), Ponte (2009), entre outros, se debruçaram sobre a atividade jornalística e as rotinas produtivas além-mar, em terras lusitanas.

Inspirados pelos diálogos lusófonos que ultrapassam as relações de aproximações ou distanciamentos políticos, pretendemos nesta pesquisa avançar com a investigação sobre as rotinas produtivas nas emissoras de língua portuguesa, observando a complexidade dos dois territórios – Brasil e Portugal – que permanecem em união para além da partilha do idioma.

Barbosa (2012), por exemplo, no texto “Nelson Traquina e as pesquisas em Jornalismo no Brasil”, pontua as contribuições do autor para os estudos do jornalismo, a partir de um recorte bibliométrico, com a utilização de conceitos mencionados por Traquina no Brasil em dissertações e teses, principalmente a partir do lançamento do livro “Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’”, na década de 1990³⁸.

Tomando como base apenas as 453 teses e dissertações da área de Comunicação, de maneira ampla, defendidas em 2007, no estudo bibliométrico realizado por Kunsch (2009), Nelson Traquina aparece citado 76 vezes em 40 trabalhos. No mesmo estudo, mas considerando os trabalhos apresentados no âmbito do Congresso anual da INTERCOM, o mais representativo da área de Comunicação realizado no Brasil e que naquele ano reuniu 3099 participantes em Brasília (DF), as referências a Traquina são ainda mais expressivas: entre os 20 autores mais citados, ele aparece em 14º lugar, à frente de Umberto Eco, Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Armand Mattelart e J. Habermas. Considerando-se os autores que claramente teorizam sobre o jornalismo, Traquina aparece como primeiro

³⁸ Em 2019, ano de falecimento de Traquina, Marialva Barbosa participou com o Prof. Dr. Leonel Aguiar do evento “Homenagem a Nelson Traquina”, realizado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando teve a oportunidade de atualizar os números das citações mencionadas, identificando a manutenção da tendência aludida aqui. Ver em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17890092514679713/>

representante na lista, considerando-se os 20 primeiros referenciados (BARBOSA, 2012, p. 16).

Os relevantes dados adquiridos por Marialva Barbosa demonstram que “as teorias emanadas da visão etnográfica e construtivista elaboradas sistematicamente por pesquisadores norte-americanos, além da que ele [Traquina] mesmo produziu, se constituíram num todo orgânico e puderam ser legitimadas com lugar próprio de fala (BARBOSA, 2012, p. 22). Além disso, sublinha a importância do autor como inspiração para a reflexão dos estudos de jornalismo que ultrapassem a perspectiva prática, alcançando uma visão crítica da atividade.

Tão relevante quanto são as contribuições de Jorge Pedro Sousa, da Universidade Fernando Pessoa, sobre as notícias e seus efeitos, reunidas em seu livro “As “teorias” do Jornalismo e os efeitos sociais dos media jornalísticos” (SOUSA, 2002). Assim é que Sousa destaca a teoria da notícia a partir da interseção de cinco forças: ação pessoal, social, ideológica, cultural e tecnológica. Dentro deste guarda-chuva, traz a sexta força, a histórica.

Dando continuidade aos diálogos entre Brasil e Portugal, para além da credibilidade já amplamente debatida no item anterior, Serra (2015) discute reflexões fundamentais sobre a concepção canônica do jornalismo, tensionando os conceitos de informação como objetividade.

Essa “deficiência” de objectividade não é uma deficiência do jornalismo – ela não é sequer uma ‘deficiência’. Queremos com isto dizer que, filosoficamente falando, todos os ‘factos’, por mais ‘objetivos’ que sejam, são mais ou menos ‘criados’ ou ‘construídos’: pelos códigos culturais de que somos portadores, a começar por esse código primário que é a linguagem, pelas crenças que professamos, incluindo essas crenças ‘racionalis’ que são as teorias científicas e as doutrinas filosóficas, pelas tecnologias e instrumentos que utilizamos, pelas verdades práticas- utilitárias que partilhamos com os outros membros da comunidade (SERRA, 2015, p. 338).

Já Fidalgo (2004) retoma os quatro pilares da “ciência jornalística” de Otto Groth (2011): periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade para pensar no jornalismo online a partir das profundas transformações que a internet trouxe para o campo jornalístico. As análises empreendidas por Fidalgo contribuíram para pensar o sentido das telas no ambiente web, conforme também veremos mais à frente, no capítulo 5.

Na mesma lógica das telas que se espriam para a rede, Canavilhas (2010) dialoga com as teorias do jornalismo a partir do fazer jornalístico de olho nas rotinas produtivas. O texto “Do *gatekeeping* ao *gatewatcher*: o papel das redes sociais no ecossistema mediático” procura demonstrar que se o *gatekeeping* exige um guardião controlando o que passa pelo portão, no *gatewatching* as audiências participam em um esforço distribuído de observação e acompanhamento das informações que passam por seus canais. Para Canavilhas (2010), para além dos próprios meios utilizarem estes canais, os leitores chamaram para si esta função, funcionando como uma espécie de novos *gatekeepers* que comentam e selecionam as notícias mais interessantes para suas redes. Desta forma, a própria audiência coloca-se no centro de um novo ecossistema midiático, aproximando os dois extremos do processo de produção de notícias: o recolhimento de informação e a distribuição dos conteúdos. A visão de Canavilhas (2010) também é compartilhada por Bruns (2011):

(...) a multiplicação contínua dos canais disponíveis para a publicação e divulgação das notícias, especialmente desde o surgimento do *World Wide Web* como uma mídia popular, e o desenvolvimento dos modelos colaborativos para a participação dos usuários e para a criação de conteúdo, que atualmente são frequentemente resumidos sob o rótulo de “Web 2.0” (BRUNS, 2011, p. 122).

Na conexão entre Brasil e Portugal, Tourinho (2015) também navegou além-mar em busca de descobertas inovadoras para pensar o telejornalismo interativo e identificou barreiras invisíveis entre o público e o conteúdo, bem como a presença do segundo ecrã interferindo no consumo televisivo.

Por sua vez, Ponte (2009) foi uma autora decisiva para a construção do conceito de comunidade transterritorial. Com base em pesquisas de treze jornais europeus a autora investiga as narrativas sobre a interpretação cultural de crianças na internet. Para tanto, explora o conceito dos jornalistas como comunidade interpretativa (ZELIZER, 1993) e transnacional (TRAQUINA, 2002). É nessa mesma direção que nos propomos seguir, trabalhando o conceito de “comunidade interpretativa transterritorial”, com o interesse de investigar as rotinas produtivas nas emissoras de língua portuguesa, conforme veremos a seguir.

1.3. A comunidade interpretativa transterritorial

O termo de “comunidade interpretativa” foi cunhado por Barbie Zelizer (1993), uma influente investigadora na área do jornalismo e da cultura, afirmando que os jornalistas têm “enquadramento de referência partilhado para trabalhar” (ZELIZER, 1993, p. 402). Posteriormente, o conceito foi reforçado por Traquina (2005) buscando compreender a cultura profissional dos jornalistas e as realidades sociais que são construídas a partir da questão: “o que é ser jornalista” – quando afirma que: “parte de toda uma cultura de uma constelação de crenças, mitos, valores. Símbolos e representações que constituem o ar que marca a produção das notícias” (TRAQUINA, 2005, p.23). Saback (2015) também destaca a crença ao recorrer ao conceito de comunidade de Ferdinand Tönnies em *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e Sociedade), escrito em 1887. A pesquisadora Lilian Saback salienta que: “o que o autor definiu como *gemeinschaft* (comunidade) resultava de vínculos familiares, religiosos, laços de amizade, de lugar, ou de crenças comuns (MIRANDA, 1995 *apud* SABACK, 2015, p.35).

Para além da comunidade jornalística, que compreendem as notícias como um resultado de processos de interação social entre jornalistas, fontes e os membros de uma comunidade profissional, que envolvem a interação, a troca de experiências, os saberes, a concorrência etc., Traquina destaca que:

Ninguém segue as notícias tão de perto como os jornalistas. Os jornalistas monitoram a cobertura uns dos outros. Mesmo quando não estão em contato direto com os jornalistas confiam fortemente no trabalho uns dos outros, como prática institucionalizada, para ideias de histórias e confirmação dos seus critérios noticiosos (TRAQUINA, 2005, p. 27).

Na mesma linha, Wolf (2003) compreende que esse processo noticioso é o resultado de negociações que têm como finalidade decidir o que deve ser divulgado e de que forma deve ser veiculado. O autor concorda também com a escolha dos critérios de noticiabilidade dentro de uma cultura profissional e na lógica organizacional.

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia (WOLF, 2003, p.195).

Por sua vez, Zelizer (2000) defende que os profissionais fazem parte de uma “comunidade interpretativa”, bem próximo do que Traquina (2005) chamou de “tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional”, composta por jornalistas comprometidos com o coletivo pela maneira semelhante de ler o mundo, difundida muito mais por uma circulação proponente de uma realidade compartilhada do que por códigos deontológicos da profissão. Dessa forma, a comunidade interpretativa pressupõe que os jornalistas não atuam individualmente, eles trabalham em grupo e ultrapassam os limites organizacionais das instituições em que são vinculados ao incluírem na sua rotina profissional relações interpessoais que auxiliam na percepção de mundo e, conseqüentemente, na produção noticiosa. A noção de comunidade interpretativa favorece trocas intersubjetivas sobre a percepção dos jornalistas da realidade social, ao ponto da experiência do que é comum entre os profissionais criar uma força coletiva unânime durante a interpretação dos acontecimentos, norteadas por um acordo tácito entre os membros dessa tribo jornalística.

Estando o conceito de Zelizer (2000), que propõe a ocupação desse espaço exclusivamente por jornalistas, Leal e Jácome (2013) admitem outros atores participantes dentro da comunidade: “é bastante pertinente e produtivo alargar as fronteiras dessa comunidade para perceber a existência de outros agentes e de outras relações nela imbricadas (LEAL; JÁCOME, 2013, p. 54). A autora portuguesa Cristina Ponte também associou os conceitos de comunidade interpretativa de Zelizer (1993) com a perspectiva transnacional de Traquina (2005) para fazer uma pesquisa comparada em jornais europeus sobre o Projeto “EU Kids Online” (PONTE, 2009).

Já a contribuição de Breed (1999) parte da análise da cultura profissional nas rotinas produtivas com 120 jornalistas. O autor identifica que os jornalistas aprendem as normas editoriais “por osmose”.

Todos, com a exceção dos novos, sabem qual é a política editorial. Quando interrogados, respondem que aprendem “por osmose”. Em termos sociológicos, isto significa que se socializam e “aprendem as regras” como um neófito numa subcultura. Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores. Aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades (BREED, 1999, p. 155).

Desse modo, os jornalistas tendem a se preocupar mais com a cultura organizacional e as linhas editoriais do que com uma cultura profissional e suas crenças. O autor sistematiza seis pontos para a manutenção da conformidade organizacional: a) receio das sanções normalizadoras; b) deferência com os superiores; c) desejo de crescimento na empresa; d) esvaziamento de lutas de classes organizadas; e) a satisfação em exercer a atividade jornalística; e f) o processo noticioso como um bem. Entretanto, apesar de compreender que a linha editorial jornalística quase sempre é seguida, Breed também salienta que, em meios as rotinas produtivas, pode haver rupturas e “brechas” nesta cadeia organizacional a partir de um comportamento transgressor. De acordo com a ideia que já defendemos nesta tese, de que o jornalismo está em permanente mutação, Breed alega que: a) as normas editoriais não são totalmente explícitas; b) ao construir uma reportagem o jornalista tem certa autonomia; c) considerando a notícia como um valor, o jornalista pode oferecer uma pauta negada para outro veículo, atribuindo importância ao conteúdo desprezado; d) dependendo das “estórias” obtidas, o repórter ganha o protagonismo por conta do acontecimento publicado; e e) o estatuto de alguns jornalistas confere uma importância que ultrapassa a linha editorial (BREED, 1993).

A complexa relação entre a cultura profissional e o poder das organizações jornalísticas também já foi alvo de investigação explorado por outros pesquisadores (TRAVANCAS, 1992; KUNCZIK, 2002; SOLOSKI, 1993). Curran, por exemplo, define ‘autonomia consentida’ como aquela que “é permitida enquanto for exercida em conformidade com os requisitos da empresa jornalística” (CURRAN *apud* TRAQUINA, 2005, p. 159).

Na mesma linha que Breed (1993), Soloski (1993), utilizando a técnica de observação participante num diário de média tiragem, observou que o profissionalismo é um método eficaz de controle do comportamento dos repórteres e editores. Ele alerta que as organizações não devem “confiar em normas profissionais para controlar o comportamento dos seus profissionais; a fim de limitar mais o comportamento discricionário dos jornalistas, as organizações têm desenvolvido regras – políticas editoriais” (SOLOSKI, 1993, p. 135). É nesse sentido que o autor conclui que: “a natureza organizacional das notícias é determinada pela interação entre o mecanismo de controle transorganizacional

representado pelo profissionalismo jornalístico e os mecanismos de controle representados pela política editorial” (SOLOSKI, 1993, p.145).

Enfim, amparados nas proposições de Zelizer (1993), Traquina (2005), Breed (1999) e Soloski (1993), podemos juntar o conceito de *território* para justificar a necessidade da investigação da produção noticiosa das emissoras de língua portuguesa inseridas em culturas diferentes. Vale salientar, compreendemos que o conceito de território é algo bastante complexo e que enseja diversas observações, passíveis de aprofundamento em diversos níveis. Entretanto, aqui nos limitaremos ao recorte do que nos parece relevante para os objetivos de nossa pesquisa.

Do ponto de vista etimológico, a palavra território vem do latim *territorium* e significa “terra pertencente a alguém” (HAESBAERT, 1995). Tal definição evidencia uma proximidade com a ideia geográfica de Estado-Nação. Raffestin (1993) e Santos (2006) são autores de referência que trabalham com a complexa temática de território e suas variantes, bem como os imbricamentos das relações dos espaços correlacionando com o poder. Por exemplo, para Raffestin, filiado a uma perspectiva foucaultiana, território pode ser interpretado como um espaço criado a partir das relações de poder e vida social, tendo a comunicação como elemento-chave de interação, compreendendo que a “multiplicidade das relações de força são imanentes ao domínio em que elas se exercem e são constitutivas de sua organização, já que “o poder é parte intrínseca de toda uma relação” (RAFFESTIN, 1993, p.54).

Raquel Paiva (2003) em “O espírito comum” pontua a espacialidade na comunicação e relaciona a questão da territorialidade à comunidade, no que tange as relações humanas.

Apesar das controvérsias quanto à validade de aplicação, não há como desconsiderar que a implicação física pode vir a ser um dado eficaz, se o propósito é a planificação e ocupação do espaço. A vertente da sociologia, para qual esta colocação é pertinente, considera que comunidade pode ser definida como um grupo humano situado em determinado território, um grupo no qual o indivíduo pode atender às suas necessidades e desenvolver todas as suas funções (PAIVA, 2003, p.76).

Marcos Palácios (1996) ao discutir cotidiano e sociabilidade no ciberespaço relembra seis elementos constituintes da comunidade clássica:

a) o sentimento de pertencimento; b) uma territorialidade (geográfica ou simbólica); c) a permanência; d) a ligação entre sentimento de comunidade, caráter cooperativo e emergência de um projeto comum; e) a existência de formas próprias de comunicação f) a tendência a institucionalização (PALÁCIOS, 1996, p.06).

Embora o autor pontue que é possível aplicar e sustentar o pertencimento a distância, reforça que o tipo de relação de ocupação de território em uma comunidade não implica na substituição de outro tipo de relação. Ou seja, defende a coexistência de ambas as formas com o mesmo sentimento de pertencimento (PALACIOS, 1996). Lemos (2006) adota uma posição híbrida a partir da ideia de “territórios recombinantes”.

Por exemplo: do lugar onde estou, posso enviar fotos, filmes ou mensagens de texto sem que aqueles que controlam esse território físico, legal, simbólico, saibam ou mesmo possam fazer alguma coisa (a não ser que bloqueiem o acesso à rede, impedindo a criação do meu território informacional). Há aqui uma imbricação entre os diversos territórios que compõem essa minha experiência: o território físico (o ICBA, Salvador, Brasil...), meu território corporal e subjetivo, o território econômico, jurídico, cultural onde estou imerso, o meu território informacional, ao qual somente eu tenho acesso a partir de minhas senhas pessoais. Assim, o território informacional deve ser pensado nessa miríade de territórios e deve ajudar a manter a privacidade e a segurança do meu território. O reconhecimento do território informacional é comunicacional, mas também social e político (LEMOS, 2006, p. 3).

Para o autor a desterritorialização e a reterritorialização caminham lado a lado, são interligados, ou seja, território tem caráter múltiplo:

Só podemos pensar o território a partir de uma dimensão integral das diferentes formas sociais, como lugar de processos de semantização (territorialização), bem como de movimentação (desterritorialização), a partir de múltiplas relações de poder (Foucault) e/ou desejo (Deleuze). Todo espaço, físico ou simbólico, apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas, se transforma em território (LEMOS, 2006, p. 5).

Compreendemos que, assim como o jornalismo, na contemporaneidade, os territórios também estão em transição, em busca de novas abordagens envolvendo tempo-espaço e poderes simbólicos. Não à toa Anderson, Bell e Shirky (2013) trazem o conceito de “ecossistema jornalístico” para abordar as novas formas de circulação em diferentes territórios. Ao falarmos sobre credibilidade e novas

interfaces produtivas (SERRA, 2003; AGUIAR; GOULART DE ANDRADE, 2020), destacamos a visão dos autores na produção do relatório sobre o jornalismo pós-industrial.

O documento, dividido em três partes – jornalistas, instituições e ecossistema –, aponta para uma derrocada do jornalismo inventado na Modernidade e dá pistas de um cenário de revolução e adaptação aos novos modelos de negócios jornalísticos. O foco da discussão é que não existe mais a “indústria do jornalismo”, devido à liberdade e atuação dos novos atores no processo noticioso, em um cenário em que ocorre ao mesmo tempo uma “desintermediação” jornalística e uma “intermediação” dos próprios consumidores da informação (AGUIAR; GOULART DE ANDRADE, 2020, p. 3).

Entretanto, dentro desse deslocamento de territórios para o ambiente web, entendemos que os territórios já estabelecidos não desaparecem, eles se acoplam uns aos outros. Nessa direção, fazer uma travessia continental para ocupar o território das emissoras de língua portuguesa, sentir-se pertencida à comunidade interpretativa além-mar, produzir atividades jornalísticas enquanto membro observador/participante e dialogar com os sujeitos falantes sobre a realidade vivenciada foram movimentos fundamentais para a proposição que ora trazemos aqui.

A partir das reflexões acima, objetivamente, o que nos interessa aqui é destacar o substrato necessário para conceituar a presença, a imersão e a vivência tanto no território físico das redações de emissoras de língua portuguesa, quanto para explorar os espaços virtuais do território informacional, considerando as tramas sociais, políticas e culturais. Para Santos (2011) cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos:

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo do qual é o cimento (SANTOS, 2011, p. 141).

Assim, a partir da proposição do conceito de comunidade interpretativa transterritorial, buscamos identificar as rotinas produtivas em sete redações de língua portuguesa (RTP, TVI, SIC, CMTV, Banda TV, Globo e Record), elegendo a RTP, a televisão pública de Portugal, para a aplicação dos três tipos de saberes

jornalísticos: a) saberes de reconhecimento; b) saberes de procedimento; e c) saberes de narração (ERICSON; BARANECK; CHAN, 1989 *apud* TRAQUINA, 2005) para, por fim, testarmos a metodologia da aposta proposto como método de análise que pretende identificar rupturas, permanências e potencialidades na chamada telesfera, a partir da análise das webtelas portuguesas, conforme veremos na Parte II desta tese.

2. Telejornalismo: das marcas do ontem para os sinais do amanhã

Neste capítulo, vamos discutir as epistemologias do telejornalismo traçando um perfil histórico do audiovisual entre o passado, presente e futuro, com destaque para as fases do telejornalismo e a produção de sentido. Recuamos para a análise dos cinejornais que representaram uma experiência narrativa fundamental ao associar imagens a outros códigos audiovisuais para exibir histórias cotidianas. Resgatamos reflexões de autores brasileiros e estrangeiros abarcando questões sociais, econômicas, políticas e históricas, com foco nas interfaces e diálogos sobre a representação social na vida cotidiana e o sentido das telas. Destacamos também as fases e faces da TV em Portugal e o período de Salazarismo, apontando os impactos deste sistema para a formação dos *media* televisivos na produção noticiosa, sobretudo na linguagem, ética, rigor e método. Traçamos aproximações e distanciamentos entre Brasil e Portugal, a partir da cultura organizacional, da onipresença televisiva e da presença/ausência e impacto de órgãos de regulação da mídia, a exemplo da ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. Assim, daremos continuidade ao capítulo seguinte que dialoga com os ecrãs em transição.

2.1. Epistemologias do telejornalismo

Para compreendermos o sentido das telas e a relação estabelecida com o jornalismo audiovisual e a sociedade é preciso acionarmos as memórias e revisitarmos as entrelinhas do passado na tentativa de decifrar o telejornalismo enquanto fenômeno social produtor de sentidos no presente e futuro. Recuar nessa travessia significa retomarmos a narrativa audiovisual que a televisão e, conseqüentemente, o telejornalismo herdaram como forma narrativa.

Intentamos dialogar sobre a construção histórica da narrativa audiovisual e, para isso, é necessário tomarmos o cinema como empréstimo a partir da invenção do cinematógrafo – um aparelho criado na França no final do século XIX pelos irmãos *Auguste e Louis Lumière*, uma caixa de madeira com uma manivela que conjugava uma câmera de filmagem e um projetor de fita de celulóide (REIS, 1995). O primeiro experimento foi em 1895, na cidade de *Lyon*, na estação de trem de *La Ciotat* e causou espanto nos espectadores. A cena, projetada no “Grand Café”

mostra a chegada do comboio na estação com passageiros à espera. O trem aparece ao fundo em movimento e “invade” a tela até parar para que ocorra a saída dos usuários. Os espectadores se assustaram como o movimento do trem vindo em direção da câmera, como se fosse invadir a tela e causar um acidente³⁹. Na mesma linha, “*La Sortie de l'usine Lumière à Lyon*”, também em 1895, foi considerado um dos primeiros filmes da história do cinema projetado em público, igualmente produzido e distribuído pelos irmãos Lumière⁴⁰. A cena cotidiana traduzia espontaneidade e mostrava *take a take* a saída de dezenas de funcionários pelo portão da usina. Ou seja, a partir do cinematógrafo foi possível registrar os *frames* por segundo que, ao serem projetados, criavam a sensação de movimento, uma impressão de realidade captadas por “olhos mecânicos”. Assim, o espectador se junta ao personagem de forma de ação heróica para emular sensações.

(...) o cinema coloca na tela pedaços de realidade, coloca na tela a própria realidade. É, pelo menos, a interpretação do cinema que se tenta impor. E durante muito tempo aceitou-se essa interpretação (BERNADET, 1991, p. 16).

Mas esse jogo que brinca com a imagem em movimento dos irmãos *Lumiere* previa um movimento de câmera estático, como uma espécie de “teatro filmado”. O cineasta Georges Méliès, percebendo que os cortes nos planos poderiam criar ilusões de passagem de tempo, avançou nas tentativas de outras narrativas a partir do cinematógrafo⁴¹. Entretanto, apesar do reconhecido empenho no desenvolvimento do cinema, a câmera permanecia parada no espaço como uma reprodução do “teatro gravado”. Foi só a partir de 1910 que a potencialidade de filmar com a câmera dentro da própria cena foi percebida, cortando o espaço cênico, dispensando um plano único da percepção da realidade. Assim, os equipamentos ganharam autonomia narrativa, representando um importante elemento para a temporalidade cinematográfica, recombinao tempo e espaço dentro de variados planos ao contar uma determinada história.

Foi dessa forma que a linguagem clássica do audiovisual se estabeleceu, partindo da vocação do cinema para explorar e imitar a realidade com “contação de histórias”, promovendo convenções como a decupagem clássica e o processo de

³⁹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=CUgvS7i4TDg>, acesso em: 20 de dezembro de 2020.

⁴⁰ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=4jmCFzzCQvw>, acesso em 20 de dezembro de 2020.

⁴¹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=UHbpgsD8zCM>, acesso em 20 de dezembro de 2020.

continuidade para a linguagem cinematográfica que conhecemos nos dias atuais. O crédito para a descoberta da relação entre os mais diversos planos e a inovação da ocupação do espaço na própria cena, com o foco narrativo para a linguagem cinematográfica, foi atribuído ao diretor norte-americano David W. Griffith (XAVIER, 1984).

Se as primeiras experiências cinematográficas já davam conta da impressão de realidade do cotidiano nas telas de cinema, uma espécie de curta-metragem informativo ou jornal cinematográfico marcava o início da relação do cinema com a produção de sentido de notícias publicizadas, que predominou na metade do século XX: os cinejornais⁴².

Noticiário produzido especialmente para apresentação em cinemas. É geralmente um curta-metragem periódico, exibido como complemento de filmes em circuito comercial. Diz-se também atualidades ou jornal da tela (BARBOSA; RABAÇA, 1995, p. 131).

As imagens associadas ao texto e a outros códigos audiovisuais proporcionavam expressivas fontes de atualidade e entretenimento, formas de conhecimento e percepção do mundo social, bem como estavam embutidos interesses econômicos.

Nos anos 1920 já apresentavam uma padronização internacional em seu formato de apresentação, com letreiros iniciais, títulos de segmento para a subdivisão das notícias e intertítulos nas séries produzidas antes do advento da fita sonora. Ao longo do século XX, eles traduziram uma prática audiovisual que serviu a diferentes formas de propagandas políticas, fossem democráticas ou ditatoriais, capitalistas ou socialistas, ocidentais ou orientais. Por onde foi produzido representou, com imagem em movimento, regimes e sociedades diversos (ARCHANGELO, 2012, p.1).

Em Portugal o telejornalismo também teve origem no cinema no ano de 1918, com “O Jornal dos Condes e as Actualidades Portuguesas”. Entretanto, foi apenas em 1938 que o “Jornal Português” trouxe para as telas a ideia de continuidade, com a direção de António Lopes Ribeiro pelo Secretariado da Propaganda Nacional.

⁴² No Brasil os cinejornais permaneceram até os anos 1980, quando a massificação da TV e a legislação do país tornaram a produção obsoleta (cf. ARCHANGELO, 2012).

Reportava as comemorações de efemérides, os eventos políticos, os desfiles militares, as inaugurações e outros acontecimentos, numa lógica de propaganda do Estado Novo. Em 1951, o *Jornal Português* foi substituído pelas *Imagens de Portugal*, que acentuou as reportagens sobre o progresso económico do país (novas fábricas e empreendimentos, inaugurações de barragens e hospitais, etc.). Os cinejornais, em Portugal como noutras partes do mundo, foram importantes para a configuração da pequena tele-reportagem como pedra basilar do telejornalismo e mesmo para a noção de variedade temática que marca os telejornais (SOUSA, 2008, p. 74).

Em outras palavras, o cotidiano e os acontecimentos representados por imagens em movimento desde sempre foram utilizados para expandir o conhecimento e a percepção social do mundo, tanto quanto serviram de instrumento de multiplicação ideológica com a produção de conteúdos vinculados a interesses económicos e políticos dos regimes nazista e fascista. Posteriormente, os cinejornais foram substituídos pela TV, dando origem aos telejornais.

Fato é que os telejornais sofreram forte influência da experiência narrativa dos cinejornais não só pela captação de imagens do real, pela semelhança na noção de cortes, perspectiva de continuidade, plano sequência, montagem, combinação de outros elementos audiovisuais na produção de sentido de histórias do cotidiano, que aliás comparecem até hoje no jornalismo produzido pela e para telas (EMERIM, 2017).

É importante ressaltar que a televisão emprega a imagem em movimento que já era característica do cinema, mas dele se diferencia pela possibilidade de transmitir ao vivo, em tempo real as imagens e sons do mundo. Para pensar TELE, primeiro se recorre ao dicionário etimológico que o escreve com grafia tel(e) e o define como elemento composto do grego que está ligado a noção de *longe, longe de* ou *ao longe*; podendo remeter, a noção de distância ou de modelos de transmissão de dados a distância (EMERIM, 2017, p. 4).

Indubitavelmente, as transmissões de imagens e sons a distância e ao vivo em dimensões mundiais, representam até os dias atuais a principal característica da TV que marca uma diferença fundamental em relação a outros meios (JOST, 2015; MACHADO, 2000). Paternostro (1999) atesta que a Guerra do Golfo, em 1991, foi a primeira guerra assistida ao vivo pela TV. Na ocasião, dezenas de jornalistas buscavam cobrir o fato, mas o jornalista Peter Arnett, repórter da CNN, foi o que conseguiu transmitir com exclusividade as imagens do bombardeio do dia. Tudo

por conta dos equipamentos e recursos técnicos que permitiram o envio de imagens para fora do Iraque. As outras emissoras de TV vieram a reboque.

Em janeiro de 1991, a CNN conquistou seu maior prestígio: no dia 17, foi a única emissora a transmitir ao vivo, via satélite, com narração de um repórter, o primeiro bombardeio norte-americano a Bagdá, no Iraque. Depois, continuou mostrando ao vivo outros ataques durante a Guerra do Golfo Pérsico. As imagens exclusivas foram retransmitidas para todas as emissoras de TV do mundo, inclusive do Brasil (PATERNOSTRO, 1999, p. 41).

Sendo assim, “todo o telejornalismo é produzido tendo em mente a apresentação e o espectador” (EKSTRÖM, 2002, p. 264)⁴³. Embora, por meio de um viés construcionista, seja necessário pensar na representação e não só na apresentação, considerando a perspectiva cultural das diferentes linguagens adotadas no jornalismo para telas (EMERIM, 2017). Jost (2007) fala sobre a especificidade da linguagem televisiva com a transmissão direta, destacando a promessa de uma translucidez total e uma relação legítima com a realidade, enquanto o fato está ocorrendo. Portanto, existe uma espécie de compromisso fundamentado na ideia de transparência. Desse modo, aos olhos do espectador, ele está consumindo algo da esfera da autenticidade, como se fosse o real de forma nua e crua.

Entretanto, a noção de translucidez – da identificação dessa mídia com a própria realidade, como se apagasse a ideia de mediação com o mundo, mais visível em veículos como o cinema – faz parte da promessa discursiva feita ao espectador. Não obstante, a assimilação dessa promessa pela recepção é o motivo de parte de suas críticas: muitos temem que a força da transmissão direta anule a reflexão em proveito da emoção e crie um abismo entre os que aprenderam a olhar as imagens e os demais (MARTINS, 2017, p. 94).

Nesse sentido, “um dos critérios mais fundamentais da ‘boa televisão’, aos olhos dos produtores, é que algo está acontecendo. Isso se aplica a todos os tipos de programas: novelas, reportagens, debates ou telejornais” (EKSTRÖM, 2002, p. 266)⁴⁴. Considerando as transformações do capitalismo fordista para o capitalismo cognitivo, temos como premissa de que a atual busca nas rotinas produtivas de TV da sociedade do telejornalismo (VIZEU; CORREIA, 2008) é priorizar o fazer

⁴³ Tradução livre.

⁴⁴ Tradução livre.

telejornalístico muita mais na apresentação do acontecimento como uma espécie de “experiência hipnótica de um determinado evento” por meio do “ao vivo”, algo já historicamente consolidado no telejornalismo.

As transmissões ao vivo, nos noticiários, carregam o efeito de testemunho do fato. “Assim, tem-se a sensação de ser testemunha do acontecimento, sem a mediação da TV, e não de acompanhar um recorte da realidade nas transmissões ao vivo” (BECKER, 2016, p. 69). No entanto, para além dos elementos técnicos, enquadramentos, angulações, sons, cores nupaces e efeitos, os telejornais também herdaram o uso da produção destes conteúdos para defesa de ideologias e interesses econômicos. Portanto, a construção histórica do audiovisual já demonstra que os noticiários nasceram de uma perspectiva privada, excludente e para as elites, sendo um lugar complexo de tensionamentos e produção dialética, servindo tanto para informar quanto conformar (no sentido ideológico). Assim, o foco da investigação da produção de sentido televisual não deve estar na tecnologia em si, mas nos usos que são feitos dessas tecnologias, na serventia intencional que se aplica a determinado uso.

Fazendo uma recuperação histórica, lembramos que as primeiras transmissões de televisão ocorreram de forma experimental em 1920 no Japão, na Inglaterra e nos Estados Unidos (BONVENTTI, 2019) ainda com baixa resolução de imagem e com um escala industrial tímida.

É na década de 1930 que surgem as primeiras grandes emissoras, como a BBC na Inglaterra e a CBS nos Estados Unidos. Na França e na Alemanha a TV é lançada oficialmente em 1935. No ano seguinte surge a BBC na Inglaterra, e ela fez a primeira transmissão ao vivo na cerimônia de coroação do Rei inglês George VI. Calcula-se que é vista por quase 50 mil pessoas na cidade de Londres. Nos Estados Unidos as primeiras imagens oficiais são de 1939. Mas o boom acontece mesmo no final da década de 1940 e início da década de 1950, quando a televisão se transforma, nos Estados Unidos, em um símbolo de status e do que os americanos definem como *american way of life*, ou seja, um estilo de vida onde a felicidade de uma pessoa ou família está na quantidade de bens que ela adquire (BONVENTTI, 2019, p. 27).

Entretanto, o televisor era considerado um artigo de luxo que poucos tinham acesso. Assim, os monitores de TV eram partilhados pela vizinhança, o movimento chamado de “televizinhos” (BONVENTTI, 2019). Ocorre que no período após a Segunda Guerra Mundial os equipamentos foram paulatinamente ficando mais

acessíveis e TV passou a definir o cotidiano e organizar a rotina de produção e da sociedade com uma nova significação espaço-temporal. Desse modo, “a TV registra um percurso marcado por muitas evoluções tecnológicas e se firma dentro dos lares como o grande veículo de difusão de informações e de opção de entretenimento” (BONVENTTI, 2019, p. 28).

A novidade que ganhou o protagonismo como produto na cultura de massa foi se consolidando também com usos políticos de promoção de estados autoritários, o que inspirou pesquisas com pensamentos críticos, atribuindo à televisão uma máquina manipuladora com invasão de imagens no cotidiano da sociedade. Assim, inicialmente, estudiosos da Escola de Frankfurt com as marcas avassaladoras do nazismo, declinaram-se apenas no pensamento dos efeitos que a TV poderia trazer para o público. Com o passar dos anos, em 1948, foi criado o modelo de comunicação de Lasswell, inspirado pelo sociólogo e cientista político Harold Lasswell do *Mass Communication Research*, considerando duas vias no fluxo de informações para a comunicação de massa. Dentro desse contexto, os estudos culturais se fortalecem não só na Inglaterra, mas também na América Latina. Para além de um determinismo tecnológico, já na década de 70, Raymond Williams (2016) contribuiu para a ampliação dos estudos dos meios audiovisuais de massa por uma perspectiva inovadora a partir do conceito de “fluxo televisivo”, compreendendo que a TV e a tecnologia não atendem só aos interesses ideológicos e de mercado, elas representam uma nova forma cultural de massa serve também para preencher as demandas da sociedade não representando apenas o real, mas construindo realidades a partir da própria sociedade. Para Williams (2016) o fluxo marca fortemente os estudos culturais como experiência central da televisão diante da observação da dinâmica interna do funcionamento *broadcasting* e fluxos planejados com conteúdos sequenciais e contínuos, encadeados pela grade de programação ou pela mudança de um canal pelo outro. Obviamente que a ideia de fluxo televisivo nos dias atuais foi superada por conta do transbordamento das telas nas diversas plataformas que abriram inúmeros outros fluxos de acesso à audiência nas mais diversas mídias. No entanto, é inegável que os estudos culturais contribuíram sobremaneira para este campo tão complexo e para as análises de TV.

De acordo com Umberto Eco (1986), a história da TV, notadamente na Europa, se divide em duas grandes etapas: a paleotelevisão e a neotelevisão. Na chamada paleoTV que compreende o período de 1950 a 1970, existia uma televisão

completamente concentrada em um estado nacional com marcas do monopólio público, tendo a tutela do governo. É a fase chamada de “TV janela”, não à toa alvo de críticas dos grandes teóricos da Comunicação. Existiam poucos aparelhos de televisão e a programação era concentrada em algumas emissoras, de modo que a sociedade era forjada a partir do acesso a conteúdos controlados e limitados pelo governo, com privação de liberdade individual e definindo rotinas a partir do consumo ofertado.

É neste período que a TV torna-se um espaço simbólico para a organização do cotidiano da vida familiar, cujo ritmo se adequa à programação televisiva. Assim, são definidos os “melhores” horários para as refeições, as conversas domésticas e até a hora de dormir. Sua relação com o público é marcada por um modelo unidirecional agregado a um telespectador passivo e distante (TOURINHO, 2015, p. 55).

A segunda etapa apontada por Eco (1986) é a neotelevisão e tem início na metade dos anos 1970⁴⁵ e carrega a metáfora da “TV espelho”, pelo fato de se espelhar em si mesma com a presença de autorreferência despertando o interesse dos telespectadores com foco na audiência e fidelização do público consumidor atraído por narrativas mais populares e menos institucionalizadas, conforme a PaleoTV, alterando, assim, a relação de produção e recepção dos conteúdos televisivos (LOPES, 2008). Desta maneira, eram forjados modos de comportamento que pareciam legítimos, engendrando uma proximidade com a quebra da rigidez de outrora: “os jovens pensam que aquele é o modo certo de se comportar em público – como sempre tinham suspeitado” (ECO, 1986, p. 149). No continente europeu, esta etapa é fortemente marcada pela desregulamentação passando a funcionar por um sistema misto público e privado, consolidando o modelo de TV generalista, colocando o telespectador como elemento central para o sucesso dos audímetros e, conseqüentemente, a entrada de receita publicitária.

As mudanças nas grades de programação com 24 horas de exibição, o efeito de sentido de real com a perspectiva de transparência “da vida como ela é”, mostrando os bastidores da TV, e a promessa de uma televisão da atualidade são marcas da fase NeoTV trazida por Eco (1986). Tais características ampliam a ideia

⁴⁵ Esta data vale para a Europa de uma forma geral. Vale destacar que em Portugal, por conta do salazarismo e monopólio estatal (RTP) a fase da neotelevisão só começa a partir dos anos 1990, com a entrada das emissoras privadas (SIC e TVI).

de cumplicidade, ao dialogar com o conceito de dramaturgia do telejornalismo (COUTINHO, 2012) que, inspirado na “Poética” de Aristóteles, reconhece a forma da narrativa televisiva e as suas estratégias utilizadas nas histórias contadas para atrair a atenção do telespectador por meio de uma gramática visual, encadeada por som, imagens, vozes, textos etc.

É desta época o surgimento de canais inovadores como a CNN (1980) e a MTV (1981), ambas nos Estados Unidos. É uma televisão da vida cotidiana com forte e imbricada presença de publicidade, entretenimento e informação. A fronteira entre os gêneros começa a ser rompida e os formatos se confundem. Simbolicamente, pode-se verificar que, antes desta fase, o olhar direto para a câmara era típico do programa informativo - como a deixar claro que naquele momento o profissional da televisão está a representar a si próprio, portanto falando a verdade (TOURINHO, 2015, p. 59).

Não existe um consenso do fim desta fase (cf. VERON, 2001; SOCOLARI, 2008) e algumas emissoras ainda guardam semelhanças com as características deste período, ainda que em busca de inovação.

Inspiradas com a contribuição de Umberto Eco, diversas nomeações dão conta de conceituar uma terceira fase histórica dos estudos televisivos diante de um modelo fractal de distribuição alterando a fruição do telespectador. Assim, a diante da chamada “Pós-televisão” (RAMONET, 2002; PISCITELLI, 1998), surgem denominações diversas para localizar essa mutação das telas na passagem para o século XXI, conforme pontua Beatriz Becker no livro *Televisão e Telejornalismo: Transições: “Hipertelevisão, Pós-Industrial ou Pós-massiva; Pós-Broadcast, Pós-Nacional, Pós-Digital ou ainda Pós-TV, TV Expandida ou TV Ubíqua”* (BECKER, 2016, p.11). O termo Hipertelevisão foi cunhado por Scolari (2008), considerando o ambiente de convergência midiática com a audiência segmentada.

A combinação com outras espécies mediáticas, as transformações em todo o ecossistema devido à ampla difusão das tecnologias digitais e o surgimento de novos formatos e lógicas de uso estão redesenhando de forma acelerada o sistema da televisão (SCOLARI, 2008, p. 4).

A narrativa hipermediática com a ruptura do modelo analógico promoveu a exigência de outras práticas e competências e inspirou novos conceitos que

extrapolaram a chamada NeoTV, como por exemplo a nomeação dada por Carlos Tourinho (2015) ao investigar a interação televisiva na contemporaneidade:

(...) a televisão passa a se ocupar não mais do mundo ou de si mesma, mas de seus telespectadores, num ambiente de convergência mediática sob o controlo, agora, deste telespectador. Por isto que, relativamente às TVs “janela” e “espelho”, nomeamos esta terceira fase como a TV da “Porta Nova”, aquela em que o telespectador demonstra desejar mais do que olhar o mundo ou ver o reflexo da emissora. Agora, acreditamos, o telespectador deseja entrar e sair por uma porta, na hora em que desejar. É a TV da fase interativa (TOURINHO, 2015, p. 64).

Embora tenhamos a percepção de que muitas características da NeoTV permanecem ainda hoje nas emissoras, a compreensão da terceira fase da TV, da HiperTV, deve ser interpretada como um novo paradigma em formação que não se esgota aqui. Pelo contrário, segue instigando novas possibilidades conceituais para a compreensão de um modelo televisivo que, indubitavelmente, não é o do passado, mas que também não representa de forma totalitária o atual momento, carecendo de análises cuidadosas e observações ampliadas em uma ambiente “híbrido pós-televisivo” e da era “pós-generalista” (TORRES, 2011). É neste sentido que esta tese intenta analisar as rotinas produtivas percebendo as rupturas, continuidades e potencialidades dos telejornais em língua portuguesa a partir dos múltiplos ecrãs em transição que espraiam-se para o ambiente web, cunhado aqui como “telesfera”, conforme veremos no Capítulo 3.

2.2. Fases e faces da TV e dos noticiários em Portugal

Dos cinejornais à HiperTV, a fase mais recente da história da televisão ainda tenta decifrar os enigmas da “caixinha mágica portuguesa”. Uma travessia entre o passado, o presente e o futuro, com estes períodos ligados pela experiência, pela sensação e pelo sentido evocados na produção da combinação de imagens e sons que desembocam na linguagem audiovisual. Mas antes de direcionarmos para a relevância da TV no século XXI, precisamos contextualizar historicamente a consolidação da TV e dos noticiários em Portugal, que engendraram formas particulares de constituições por conta do tensionamento da ditadura durante o regime autoritário baseado no salazarismo.

A partir de 1953, a televisão portuguesa começa a ganhar os seus primeiros contornos com a criação do Grupo de Estudos de Televisão e investimentos em uma rede distribuidora de sinais de TV. “Em Portugal os primeiros passos rumo à ideia de televisão são dados nos anos 50 do século XX quando começaram os estudos para a implantação de um serviço de televisão no território nacional” (SOBRAL, 2012, p. 3). Na mesma linha, Tourinho pontua: “No entanto estas iniciativas se davam num ambiente misto de desinteresse e desconfiança” (TOURINHO, 2015, p.79). Dois anos depois, a RTP – Rádio e Televisão de Portugal foi criada, em 15 de dezembro de 1955, por Decreto-Lei de iniciativa governamental. Constituíam-se a SARL, a Sociedade Anônima de Responsabilidade Ltda., que contava com capital estatal e de outros acionistas. Mas só em 1956 foram iniciados os primeiros testes de transmissões experimentais da RTP, que já havia recebido a outorga de serviço público de televisão, na Feira Popular de Lisboa. Portanto, esta foi a primeira emissão televisiva do país (Figura 1)⁴⁶.



Figura 1: Primeira emissão televisiva de Portugal, feita de Lisboa, em 1956.

Fonte: imagem extraída do site da RTP.

Foi um período caracterizado por uma programação baseada em filmes, músicas e revistas filmadas, com forte intervenção do estado e admissão de publicidade. Superada as etapas experimentais, as emissões oficiais da RTP tiveram início no dia 07 de março de 1957.

⁴⁶ Ver em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/emissao-experimental-na-feira-popular/>, acesso em 14 de outubro de 2020.

Tratava-se de um telejornalismo ao mesmo tempo formal (“senhores telespectadores...”) e propagandístico (o seu papel era, essencialmente, o de mostrar as cerimónias de corta-fitas do regime), ferozmente vigiado pelo Estado, que controlava a RTP, a exemplo do que acontecia, de resto, um pouco por toda a Europa, que implementava sistemas televisivos públicos ou mistos (capital estatal e privado). Por isso, ao contrário do que sucedeu nos Estados Unidos, cujo sistema televisivo assenta na televisão privada com intuítos comerciais, a televisão europeia viveu sempre na sombra do Estado, em especial até aos anos Noventa (SOUSA, 2008, p. 75).

Inicialmente a história do noticiário televisivo em Portugal, a fase da PaleoTV, foi marcada pelo pivô⁴⁷ lendo notícia em frente às câmeras e por um ambiente altamente controlado pela ditadura, que engendrou a TV portuguesa até 1974. Assim, a televisão foi utilizada como um potente instrumento técnico e discursivo que colaborou para a legitimação e longevidade do regime ditatorial dos chefes de estado Antônio Salazar (1932-1968) e Marcelo Caetano (1968-1974). Desta forma, “a televisão e a comunicação social, em geral, adquirem assim o estatuto de porta-vozes do regime” (CÁDIMA, 2010, p. 4).



Figura 2: Discurso do então Presidente do Conselho de Ministros de Antônio Salazar, em 1967.

Fonte: Frame do site RTP Arquivos.

⁴⁷ O mesmo que apresentador de TV.

Apesar de ter a máquina televisiva a seu favor, “Salazar temia que a televisão despertasse o interesse da população a cerca das coisas da vida e do mundo” (TOURINHO, 2015, p. 80). Assim, preferia utilizar o meio para discursos modelados pela prática de censura e pelo silêncio das opiniões contrárias, reforçando um apego ao conservadorismo⁴⁸ (Figura 2). Diferentemente do seu antecessor, Marcelo Caetano instrumentalizou a TV para si, lançando o Programa “Conversas em Família”, na RTP. A sua performance incluía uma fala direta com o telespectador, emitindo a sua visão dos fatos contidianos⁴⁹ (Figura 3).



Figura 3: A estreia de Marcelo Caetano no programa “Conversas de Família”, em 8 de janeiro de 1969.

Fonte: Frame retirado do vídeo da RTP Arquivo.

Entretanto, a explanação política do governante entusiasta Marcelo Caetano criou um efeito colateral com a estratégia de “conversar com o público”, gerando uma espécie de relação natural com o Chefe do Governo e com a nação, o que ocasionaria uma possível vulnerabilidade, pensamento anteriormente temido por Salazar (TORRES, 2011). Tourinho, focaliza que desde essa época já existia uma busca pela coloquialidade televisiva.

Observa-se, então, que a busca na atualidade por uma naturalização da linguagem televisiva foi, neste tempo, algo

⁴⁸ Ver em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/discurso-de-salazar-sobre-politica-ultramarina/>, acesso em 20 de outubro de 2020.

⁴⁹ Ver em: <https://magg.sapo.pt/televisao/artigos/conversas-em-familia-saiba-como-ha-50-anos-marcello-caetano-usou-o-teleponto-pela-primeira-vez>, acesso em 15 de outubro de 2020.

surpreendente e, de certa forma, indesejável (TOURINHO, 2015, p. 82).

Foi em 25 de abril de 1974 que entrou em declínio a promoção da televisão como “megafone do regime salazarista-marcelista” (TORRES, 2011), com a queda do regime totalitário de Portugal a a nacionalização da RTP. No dia da Revolução dos Cravos, ato que colocou fim no salazarismo do país, o noticiário da RTP foi constituído por uma leitura do pivô anunciando o novo controle da RTP por meio do comunicado do Movimento das Forças Armadas. A exibição foi seqüenciada por música e intercalada por blocos informativos⁵⁰ (Figura 4).



Figura 4: Exibição do Telejornal com o fim do regime ditatorial, em 1974.

Fonte: frame do site RTP Arquivos.

Entretanto, mesmo com o fim da ditadura, a RTP conservou a afinidade com os poderes políticos consecutivos, embora, oficialmente tenha incluído mais entretenimento como musicais, concursos, filmes e futebol na grela de programação para angariar mais popularidade. Aos poucos, mantendo a concessão do serviço público de televisão, o canal deixou de elogiar o regime político e passou a adotar um tom mais isento (LOPES, 2008). Nesse contexto, em 1977, as telenovelas brasileiras invadiram os ecrãs, como, por exemplo, a trama “Gabriela”, do romance de Jorge Amado, que virou um marco no país, aproximando os diálogos entre Brasil e Portugal. Na sequência, em 1982, as telenovelas portuguesas também entram em

⁵⁰ Ver em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/o-primeiro-telejornal-da-rtp-no-25-de-abril/>, acesso em 14 de outubro de 2020.

cena, conquistando uma grande influência junto ao público (TORRES, 2011), sendo um movimento determinante para a constituição de subjetividade dos portugueses diante dos ecrãs e a permanência da herança do consumo audiovisual até os dias atuais.

O fim do monopólio de 35 anos da RTP ocorre com a nova legislação de 1989, garantindo a desregulamentação e a concorrência com o aparecimento das emissoras privadas: a SIC – Sociedade Independente de Comunicação, em 6 de outubro de 1992⁵¹, e a TVI – Televisão Independente, que estreou em 20 de fevereiro de 1993⁵². O novo contexto reorganizou o meio no país, criando novas possibilidades para o alargamento do *broadcast* televisivo. Ainda na década da 1990, ocorre o surgimento da RTP Internacional e RTP África, com a pretensão de ultrapassar fronteiras e alcançar outras audiências. Já em 1990, acontece a assinatura dos contratos de concessão do serviço público entre o Governo e RTP.

A emissora estatal foi criada sob a filosofia da TV pública, mas tendo um modelo de negócio sustentado duplamente pelo financiamento público e pelo privado (...). É sustentada, também, pela chamada “contribuição audiovisual”, uma taxa paga por todos os consumidores na conta de energia elétrica e por fundos públicos (TOURINHO, 2015, p. 84).

Além da diversidade, ampla cobertura, caráter não comercial, inserção de conteúdos educativos e informativos, Lopes (1999) pontua quatro características fundamentais para o serviço público. São elas: a) continuidade: para assegurar à sociedade uma produção e difusão dos programas previstos; b) mutabilidade: para garantir possíveis mudanças e adaptações de acordo com a sociedade; c) igualdade: extensão do princípio jurídico que nivela todos os cidadãos perante a lei; e d) neutralidade: dispositivo para impedir qualquer juízo de valor naquilo que é difundido. Já Brandão (2002) alerta para a questão da audiência e afirma que não existe serviço público sem o público. Assim, defende a legitimação na coexistência com as emissoras privadas, desempenhando um papel, inclusive, competitivo e complementar, oferecendo uma programação atrativa, mesmo que definindo audiência menores, porém, comprometidas.

⁵¹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=EwFf5nvsmEs>, acesso 10 de outubro de 2020.

⁵² Ver em: <https://tvi.iol.pt/25/videos/a-tvi-nasceu-a-20-de-fevereiro-de-1993/5a8c2cf50cf29778-fd1db08b>, acesso em 10 de outubro de 2020.

No mesmo período, da NeoTV, outros acontecimentos também foram importantes na disputa de audiência e na era da concorrência televisiva. Um deles é a novidade da TV a cabo, que aumentou o alcance territorial e a oferta de serviços. Outro, foi a implantação da TDT (TV Digital Terrestre), o dispositivo que garantiria sinais de TV por ondas hertzianas, uma promessa do governo lançada em 2008 e implantada em 2009.

Assim como em toda a Europa, Portugal seguiu a diretiva da União Europeia na implantação do padrão DVB-T (*Digital Video Broadcasting – Terrestrial*). A implantação do sistema digital culminou no *switch-off* analógico em 2012. Mais do que uma nova televisão caracterizada pela migração do formato do ecrã de 4:3 para 16:9, com imagem e áudio de qualidades superiores, relativamente ao modelo analógico, a TDT portuguesa foi recebida com frustração pelos telespectadores portugueses, especialmente pela limitada oferta de canais digitais (TOURINHO, 2015, p. 89).

A entrada das emissoras privadas em Portugal, a quebra do monopólio da RTP, as transformações tecnológicas, políticas e sociais interferiram no modo de fazer televisão em Portugal, promovendo alterações de linguagem, de apresentação visual das peças, do uso intensificado de grafismo, mais dinamismo e tentativa de atrair as audiências (TORRES, 2011).

As operadoras privadas promoveram a quebra da liderança de audiência da TV pública. Nesse sentido, mais uma vez é evidenciado o diálogo com o audiovisual brasileiro com a estratégia de exibir telenovelas nas emissoras privadas que, desde 1977, agradam ao público (CÁDIMA, 2011). Assim, pontua Sobral:

(...) importante notar que esta primeira alteração na liderança das audiências se deveu em grande parte à estratégia enérgica e de proximidade da SIC, mas também a um acordo estabelecido com a Rede Globo para transmissão exclusiva das suas telenovelas (SOBRAL, 2012, p. 9).

Na mesma lógica, a TVI apostou tanto em novelas portuguesas, como no formato do programa Big Brother, transmissões que impulsionaram a disputa pelo audímetro *no prime-time*:

A TV generalista tendeu a afunilar os gêneros. Os canais assemelharam-se, programando noticiário contra noticiário, tal show contra talk show, novela contra novela, reality game contra reality game. Em termos históricos, o primeiro lugar dos canais no pódio das audiências esteve ligado a um único género, a

telenovela, primeiro na RTP, depois na SIC, finalmente na TVI, nesta com a produção de novelas portuguesas (TORRES, 2011, p. 54).

A proximidade de Brasil e Portugal no âmbito audiovisual fica mais evidente reforçando a coprodução luso brasileira com a chegada da TV Globo Portugal. Embora, desde 1977, já existisse um diálogo com a exibição de telenovelas, a inauguração da sede própria europeia só aconteceu em 2011. O escritório fica em Lisboa e atualmente é representado jornalisticamente pelo correspondente Leonardo Monteiro⁵³, que contribuiu para a construção desta tese, cedendo uma entrevista sobre as rotinas produtivas. Na mesma lógica, a Record TV Europa inaugurou uma sede em 2014. A área de informação é representada pela correspondente Ana Paula Gomes que, igualmente, cedeu entrevista para a construção desta pesquisa.

A Banda TV, também com sede em Portugal e voltada para o público angolano, mistura entretenimento e informação. Entretanto, tem uma peculiaridade de manter o telejornalismo como resistência. Nesse sentido, também faz parte do escopo desta pesquisa para percepções mais ampliadas dos noticiários na nova ecologia midiática. O jornalista José Mussuaili, primeiro apresentador negro do país, também foi entrevistado para a análise aqui empreendida.

Há nove anos no ar, a CMTV, considerada uma TV generalista e extensão do jornal impresso Correio da Manhã, entra na disputa da audiência portuguesa, apostando na lógica sensacionalista de fazer jornalismo, utilizando sobremaneira os recursos tecnológicos disponíveis nas redes sociais digitais com notícias 24 horas por dia. Trata-se de um espaço integrado das redações entre impresso, internet e televisão. Paulo Santos, diretor de informação do canal também deu o seu contributo como entrevista para o corpus desta tese.

A CMTV entrega o cargo de canal mais recente para a CNN Portugal, com previsão de estreia para o dia 22 de novembro de 2021⁵⁴. No Brasil, a CNN estreou concomitantemente a pandemia (GOULART DE ANDRADE, 2020). O artigo “Telejornalismo na quarentena: a estreia da CNN Brasil na pandemia de Covid-19” destaca a perspectiva ubíqua e multiplataforma das rotinas produtivas e sistematiza

⁵³ Recentemente, durante a cobertura do G20 na Itália, o jornalista foi agredido por seguranças de Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, ao ser reconhecido como repórter da Rede Globo. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=Il6zNjMgEWA>, acesso em 12 de novembro.

⁵⁴ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=EbhspmO80vE>, acesso em 16 de setembro de 2021.

as novas funções e competências do jornalista multitarefa do canal, por meio de três entrevistas com profissionais atuantes na emissora. Resta saber o que vem a seguir e se existirá similitudes do canal entre os países, sobretudo com o processo de espalhabilidade (JENKINS; GREEN; FORD, 2014), que caracteriza fortemente a CNN Brasil em concorrência direta com a Globo News, no Brasil.

Depois deste levantamento da história do noticiário em Portugal, passando pela RTP e todas as faces que engendraram a linguagem televisiva portuguesa desde o primeiro canal, destacando a chegada das emissoras privadas que representaram um marco no modelo audiovisual português, bem como focalizando as emissoras brasileiras que se instalaram no país, seguimos para as aproximações e distanciamentos entre Brasil e Portugal.

2.3. Brasil e Portugal: aproximações e distanciamentos na era da ubiquidade televisual

Pensar na constituição da TV brasileira é, antes de mais nada, admitir as relações de poderes econômicos e políticos. A televisão no Brasil nasceu sob o domínio privado e restrita às elites. A primeira transmissão aconteceu em 1950, pela TV Tupi-Difusora uma emissora dos Diários Associados do empresário Assis Chateaubriand (Figura 5) ⁵⁵.

A cidade de São Paulo foi escolhida para ser a sede da primeira emissora brasileira de televisão. Os equipamentos foram adquiridos da RCA Victor, empresa americana associada ao canal NBC. A 18 de setembro de 1950, os espectadores de alguns aparelhos de televisão espalhados nos arredores do centro da cidade e na porta do estúdio situado à Rua 7 de abril puderam assistir, pela primeira vez, a transmissão dos sinais da televisão, numa programação que misturou a bênção do canal, shows humorísticos e musicais (SILVA, 2018, p.20-21).

⁵⁵ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJgJoRaW6og>, acesso em outubro de 2020.



Figura 5: Inauguração da TV brasileira.

Fonte: vídeo do Youtube (BaudaTV) produzido com arquivo da TV Tupi da Cinemateca/SP.

A história da TV no Brasil e do telejornalismo se confundem, pois o primeiro telejornal brasileiro, o “Imagens do Dia” (Figura 6), foi ao ar um dia depois da estreia da TV no país, com texto lido pelo locutor Ruy Rezende, que acumulava o cargo de produtor e redator de jornalismo⁵⁶. Os cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas foram os responsáveis pela captura das cenas em preto e branco (REZENDE, 2000).

⁵⁶ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=U3XNnQW-WI8>, acesso em 20 de outubro de 2020.



Figura 6: Imagens do primeiro telejornal “Imagens do Dia”.

Fonte: frame do Youtube de imagens da TV Brasil.

Se por um lado a TV e o telejornalismo no Brasil surgiram de uma aposta improvisada com forte herança radiofônica, por outro mostrou os primeiros contornos da necessidade do trabalho em equipe para a produção de sentido televisual, conjugando texto e imagens (mesmo que de forma ainda tímida) e com um ingrediente a mais: o tempo do ao vivo. Inegavelmente, a experiência do homem, pela primeira vez na história, como produtor de imagens e narrações instantâneas é um talento da TV que perdura até os dias de hoje. Nesse sentido, é possível pensar que ao longo de sua trajetória o telejornalismo brasileiro tenha desenvolvido práticas, que foram internalizadas pelos profissionais de TV (jornalistas, técnicos, gestores) e disseminadas pelas escolas de jornalismo, nos estúdios e nas redações, que se constituem no que podemos chamar de um “saber telejornalístico” (SILVA, 2018, p. 19-20). O “saber telejornalístico” foi sendo engendrado a partir das práticas construídas ao longo do tempo no telejornalismo, admitindo ainda que as formas de narrar o “real” a cada momento também foram passando por mudanças, considerando que a estratégia de certificação pode mudar a cada contexto (THOMÉ; PICCININ; REIS, 2020). As mudanças são sucessivas, mas tal saber vai sendo reelaborado, fazendo com que as práticas sejam retomadas ou mesmo ressignificadas e adaptadas em fases seguintes.

Debruçados a investigar as práticas televisivas e seus desafios, Mattos (2010) e Silva (2018) focalizaram períodos que auxiliam na compreensão da TV e do jornalismo de telas. Para Sérgio Mattos, a evolução televisiva pode ser dividida em sete fases dentro de um “contexto socioeconômico, político e cultural do país” (MATTOS, 2010, p. 26): fase elitista (1950-1964); fase populista (1964-1975); fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985); fase de transição e da expansão internacional (1985-1990); fase da globalização da TV Paga (2000-2010); fase de portabilidade, mobilidade e Interatividade Digital (a partir de 2010). Já Silva (2018) pontua seis fases dos noticiários brasileiros: telejornalismo falado, telejornalismo reportado, telejornalismo *All News*, telejornalismo convergente, telejornalismo expandido e telejornalismo imersivo.

A primeira fase intitulada como *Telejornalismo Falado* (SILVA, 2018) ocorre com a chegada da TV no Brasil, em 1950, conforme já mencionado. O período foi marcado pelo improvisado e com centralidade do locutor que apresentava as notícias no “Imagens do Dia”, nos formatos de nota ao vivo (nota seca) e nota coberta (com imagens ilustrativas). Mattos (2002) relembra o aproveitamento dos profissionais de rádio para trabalharem em televisão com o uso do mesmo formato de programação, assim como seus técnicos e artistas.

O telejornalismo na segunda fase foi identificado por Silva (2018) como *Telejornalismo Reportado*. A novidade nesse período fica por conta, sobretudo, da chegada do videoteipe, no fim dos anos 1950, com a possibilidade de gravação e edição do material: “no início da década de sessenta, a televisão recebeu um grande impulso com a chegada do videoteipe. O uso do VT possibilitou não só as novelas diárias como também a implantação de uma estratégia de programação horizontal” (MATTOS, 2010, p. 30). Sobretudo no telejornalismo esse foi um período de grande impacto porque, até então, os filmes usados para exibição dos produtos noticiosos precisavam ser revelados em laboratório antes de serem entregues às emissoras. As máquinas de videoteipe (VT) aceleraram esse processo com a utilização de fitas e propiciaram uma edição mais objetiva, viabilizando a criação de uma estratégia de programação horizontal. Assim, os espectadores se acostumaram com a exibição do mesmo programa em vários dias e criaram o hábito de assistir a televisão sempre no mesmo horário. A horizontalidade e verticalidade foram determinantes para a criação de uma grade de programação homogênea. Os

processos de produção, circulação e consumo ganharam novos contornos. Isso foi fundamental para a compreensão do quesito audiência, hoje tão fragmentada.

Embora a era da TV no Brasil comece oficialmente em 1950, somente nos anos 60 o novo meio de comunicação vai se consolidar e adquirir os contornos de indústria. Nos anos 50 a televisão era operada como uma extensão do rádio, de quem herdou os padrões de produção, programação e gerência, envolvidos num modelo de uso privado e exploração comercial. Nos anos 60 a televisão começou a procurar seu próprio caminho, a adquirir processos de produção mais adequados às suas características enquanto meio e transformou-se assim no poderoso veículo de transmissão de idéias e de venda de produtos e serviços que é hoje (JAMBEIRO, 2002, p. 53).

O golpe militar de 1964 afetou diretamente os meios de comunicação de massa, já que a situação socioeconômica do país ficou centrada na acelerada industrialização, com empresas estatais, empresas privadas nacionais e multinacionais. Com a ditadura militar “os veículos de comunicação de massa, principalmente a televisão, passaram a exercer o papel de difusores não apenas da ideologia do regime como também da produção de bens duráveis e não-duráveis” (MATTOS, 2010, p. 31). Desse modo, durante os governos militares (1964-1985), o Estado desempenhou protagonismo nas tomadas de decisões interferindo nas autorizações e alterações no setor de telecomunicação, o que afetou sobremaneira a formação da televisão brasileira.

No período compreendido entre 1968 e 1979, os veículos de comunicação operaram sob as restrições do Ato Institucional nº 5, o qual concedia ao Poder Executivo federal o direito de censurar os veículos, além de estimular a prática da autocensura, evitando assim qualquer publicação ou transmissão que pudesse levá-los a ser enquadrados e processados na Lei de Segurança Nacional. Ironicamente, o desenvolvimento da televisão, principalmente da TV Globo, aconteceu durante esse período de maior restrição governamental. Além do controle através das concessões de licenças e da censura, o governo fazia recomendações diretas e indiretas a respeito do conteúdo dos programas (MATTOS, 2010, p. 33).

Silva (2018) reforça que o desenvolvimento do noticiário regional também representa um marco na fase do *Telejornalismo Reportado*: “o Telejornal Bom Dia São Paulo foi lançado em 19 de abril de 1977. Foi o primeiro noticiário matutino da Rede Globo de Televisão” (SILVA, 2018, p. 24).

A terceira fase apontada por Siva (2018) é a do *Telejornalismo All News*, que aponta a chegada da TV por assinatura, nos anos 1980, e a consequente inauguração de novos canais de notícias.

A chegada da TV paga abalou a audiência da televisão aberta. O público começou a dividir sua atenção com uma programação diversificada e com canais especializados. Em 1991, surge a Globosat, programadora e operadora das Organizações Globo, que é responsável pelo primeiro canal de telejornalismo no Brasil, o GloboNews (SILVA, 2018, p. 25).

Foi uma fase marcada pela instantaneidade da notícia, com transmissões ao vivo, libertando os telespectadores dos horários fixos das grades de programação.

A quarta fase, a fase do *Telejornalismo Convergente*, foi de profundas transformações, a partir das possibilidades que surgem com as tecnologias digitais. A edição não-linear foi “uma das grandes mudanças nas rotinas produtivas do jornalismo televisivo” (SILVA, 2018, p. 26), que impactou em uma série de alterações no fazer telejornalístico, incluindo a inserção de videografismos. A participação dos telespectadores com envio de imagens de flagrantes também se efetiva nesse período. A comunicação, portanto, assume um papel ativo na produção de sentido para as formações sociais e se torna passível de incorporações para que sua forma mantenha algum vínculo inteligível diante desse aparato imaginário simbólico. Dessa forma, a web 2.0 potencializa interações em níveis diferentes dos que são empreendidos pelos meios de comunicação de massa.

O espalhamento do telejornal para as redes sociais digitais, com participações de repórteres e apresentadores em mídias sociais e aplicativos, dialogam o que Silva e Alves (2016) conceituaram como *Telejornalismo Expandido* dentro do novo ecossistema midiático.

Por último, há a sexta fase, identificada por Silva (2018) como *Telejornalismo Imersivo*, que usa tecnologias de realidade virtual, com vídeos em 360°.

No telejornalismo as produções imersivas são consumidas no processo transmidiático, uma vez que outras plataformas são utilizadas para a fruição dos vídeos. Em termos de linguagem, a maioria dos vídeos 360° graus são produzidos com formatos jornalísticos televisivos, destacando-se a nota coberta e a reportagem como principais modelos. As imagens, mesmo consumidas sem óculos especiais, possuem mais detalhes do que os vídeos tradicionais, possibilitando ao espectador que explore

ângulos diferentes do ambiente em que ocorre o acontecimento noticiado. O fato de oferecer novas possibilidades de exploração de imagens não significa diretamente que há mais informação, visto que os detalhes visuais podem não agregar valor à notícia (SILVA, 2018, p. 32).

Ao sistematizarem a história da TV e do telejornalismo brasileiro, Mattos (2010) e Edna (2018) comprovam que a hibridização de linguagens e os aparatos tecnológicos estiveram presentes desde a constituição da televisão no Brasil. Compreendendo a TV como processo, os autores, por meios das classificações das fases, oferecem um manual de análises para a pesquisa do jornalismo para e em telas, em sintonia com uma TV “do Brasil para o mundo”. A TV mundializada, que já participou de grandes coberturas como a Queda do Muro de Berlim e os atentados às Torres Gêmeas, segue inspirando novas observações. É o movimento que vem sendo feito ao longo de 15 anos por pesquisadores das mais diversas regiões do Brasil que constituem a Rede Telejor – Rede de Pesquisa em Telejornalismo, compreendendo que ao longo do século XX os noticiários tornaram-se as principais fontes de informação dos acontecimentos no país, passando a pautar, portanto, a agenda pública da sociedade ao longo de mais de sete décadas no ar. De acordo com o portal UOL, cerca de 25 milhões de domicílios brasileiros (em média 80 milhões de pessoas) só têm acesso à TV aberta. Essas pessoas geralmente são de classes menos favorecidas, que não têm acesso à internet⁵⁷, portanto têm a televisão como única fonte oficial de informação sobre o que acontece no país e no mundo. Dito isso, pode-se prever que a televisão ainda é o maior meio de comunicação de massa e que tem maior credibilidade para o cidadão brasileiro buscar informações, mesmo diante da explosão de informações no meio digital.

Pesquisadores de todo o mundo debruçam-se nos desafios da televisão do século XXI em busca de novos olhares que possam traduzir a produção de sentido no ambiente convergente. Afinal, a TV ainda é relevante? Em “O Fim da Televisão”, Fechinne e Carlón trazem a perspectiva de “um pensamento latino-americano sobre o meio” (FECHINNE; CARLÓN, 2014, p. 7). Algumas correntes defendem que a TV não está morta e nem irá morrer. Outras acreditam em um novo tipo de televisão. Para Mario Carlón a TV “está deixando espaço para outras centenas de canais, que transmitem para nichos; uma televisão portátil, que faz parte

⁵⁷ Disponível em: <https://cutt.ly/LgGmHzt> Acesso em: 28 de jul. de 2020.

de um sistema integrado com a internet e outros novos meios” (CARLÓN, 2014, p. 14). O autor traz o conceito de metatelevisão, mas não com a intenção de pensar em uma terceira fase que atravessa o meio, a exemplo da NeoTV, e sim com um sentido canibalístico, conforme pontua Scolari: “a televisão canibal, que se auto consome e falar de si mesma” (SCOLARI, 2014, p. 42). Na mesma linha, Verón (2001) relaciona o fim da TV com a crise dos meios de comunicação de massa. Por outra perspectiva, pesquisadores afirmam que a TV está entrando em uma nova era: depois da fase da escassez, do período da abundância, enfrenta atualmente a fase da variedade de telas (ELLIS, 2002; MILLER, 2014). Orozco (2014) também tem uma visão mais positiva: a televisão estaria extrapolando para as outras telas, e não morrendo.

(...) eu destaco o televisivo como espaço de negociação entre a tela e o público e, sobretudo, de reconhecimento mútuo de certo tipo de expressão audiovisual e de situação do público, ritmo, formas de narrar histórias, de conectar imagens, e tecê-las umas com as outras, assim como os efeitos de voz especiais (OROZCO, 2014, p. 101).

O movimento de reinvenção do telejornal no século XXI (BECKER, 2016) ampliou as vozes dos sujeitos falantes (MACHADO, 2000), que perceberam as alterações nas suas rotinas produtivas agindo como operadores didáticos para garantir a manutenção do lugar de referência e segurança (VIZEU; LAERTE, 2019), implicando em novas funções e competências (THOMÉ; REIS, 2019). “A experiência com as mudanças anteriores nos diz que as velhas e novas mídias se acumulam, se reorganizam, mas não desaparecem” (OROZCO, 2014, p. 109).

Por essa linha, o conceito de dramaturgia do telejornalismo (COUTINHO, 2012) ganhou novas camadas quando a produção de sentido do jornalismo para telas (EMERIM, 2017), transbordou para outras plataformas. A credibilidade como antídoto à fake news (PORCELLO, 2020) também deve ser considerada no ambiente televisivo que vem sofrendo recorrentes ataques políticos sustentados pela ideia de fratura da democracia no Brasil.

As narrativas transmidiáticas (FINGER, 2020) merecem um olhar atento nas pesquisas, bem como a coprodução televisiva (SIQUEIRA, 2013) na contemporaneidade. Na mesma direção, “o amador no audiovisual” (MATA, 2019), o telejornalismo na ubiquidade de câmeras onipresentes e oniscientes (MARTINS, 2016) e o telejornalismo apócrifo (GOULART DE ANDRADE, 2018), que

destacou o uso comercial com a exibição de uma “esquizofrenia imagética” de imagens amadoras e de vigilância que inclui a adoção a naturalização de imagens verticalizadas e tremidas para emular sensações na construção televisiva, inculcando um sentimento de pertença nos telespectadores para angariar audiência a todo custo, dialoga com Portugal. Sá (2015) pontua que a participação do público na narrativa promove popularidade ao noticiário na era da ubiquidade do telejornalismo (SERRA, 2015). Em “Gigantes do Telejornalismo Mundial”, Esperidião (2020) trata das mutações editoriais tecnológicas sobre a televisão internacional e a construção midiática, tendo como alvo a APTN e a Reuters TV. Ela alerta para o crescimento e a circulação de vídeos sem intermediação.

A tecnologia ampliou, expressivamente, o número de vídeos reportados ao mundo. Em 2009, um escritório de agência no Rio de Janeiro produzia 10 vezes mais por dia do que no início da década de 1990. Já em 2010 era possível perceber que as agências passavam por um momento delicado, quebrando o modelo que vingou por uma centena de anos, ao “vender” seus conteúdos diretamente para consumidores, sem a mediação das empresas jornalísticas (ESPERIDIÃO, 2020, p. 11-12).

Para além da língua portuguesa e da formação histórica do jornalismo audiovisual, os distanciamentos e as aproximações entre os dois países passam obrigatoriamente pelo serviço público. Conforme dito anteriormente, o telejornalismo é um bem público, embora negociado em um espaço privado. Esse tensionamento em Portugal se acomoda com a representação da RTP, emissora pública do país.

O Telejornal que se vê na tensão entre a necessidade de adotar um serviço diferencial de informação, valorizando o ponto de vista de um serviço público de televisão ou a adesão a uma visão concorrencial com as privadas pelo bom resultado no audímetro, abandonando sua gênese de serviço público (TOURINHO, 2015, p. 240).

Já no Brasil as instituições públicas são utópicas, o telejornalismo é ditado pelas instituições privadas que disputam audiência a qualquer preço. A aproximação das empresas jornalísticas e as relações estreitas com grupos de empresários e políticos não são necessariamente uma novidade, já que o telejornalismo já nasceu de um negócio privado. A grande questão é quando o tripé “mídia, política e religião” se fortalece no telejornalismo que desempenha um papel

crucial, interferindo na atribuição de sentido, na experiência social e na formação da identidade de uma nação, considerando o alto índice de analfabetismo no país: 11 milhões de pessoas não sabem ler e escrever⁵⁸. Soma-se a isso a dependência econômica, política e tecnológica dos canais em busca de novos modelos de negócio para coexistir na mediação e reintermediação televisual.

A falta de uma entidade reguladora, a exemplo da ERC – que supervisiona os órgãos de comunicação de Portugal, cria um ambiente desfavorável para o cumprimento do telejornalismo com rigor e livre dos constrangimentos organizacionais e do domínio de concessão pública por grupos com alto poder aquisitivo que utilizam a máquina televisiva, inclusive, para interesses próprios.

É neste sentido que o conceito de “telejornalismo de brechas” (VIZEU; GOULART DE ANDRADE; SIQUEIRA; CERQUEIRA, 2021) se mostra uma eficaz ferramenta de resistência, abrindo espaço para diálogos de pautas sociais e direitos humanos. Assim, pesquisas como a formação identitária feminina (PEREIRA, 2013) passam a preencher espaço não apenas na academia com indagações reflexivas sobre o tema (ou a ausência dele), mas podem vir a ocupar a disputa na esfera pública democrática, a partir do instante da ampliação de temas sensíveis, plurais e diversos de uma realidade socialmente construída na TV e naturalizada nas rotinas produtivas.

O telejornalismo como uma construção social que se configura a partir da conjunção entre determinadas possibilidades tecnológicas e determinadas condições históricas, sociais, econômicas e culturais (...) fazendo o jornalismo, o telejornalismo, coletivamente – no processo de produção e consumo, nos processos de reconhecimento social das funções do jornalismo, no processo político de disputa sobre o que o jornalismo pode ou deve ser (GOMES, 2011, p. 57).

A trajetória do fazer telejornalístico vem sendo permeada e construída, de forma acelerada e nada estática, na perspectiva desta tese que traz o telejornalismo em mutação, seja marcado pelas mudanças tecnológicas, pelos novos contextos comunicacionais, por alterações no modo de narrar, tendo como foco sempre sua função de informar. A função do telejornal se manteve ao longo dos anos, mas a forma como construiu e como levou a notícia ao telespectador não foi a mesma

⁵⁸ Ver em: <https://blog.wyden.com.br/noticias/pesquisa-do-ibge-aponta-que-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos/>, acesso em outubro de 2020.

sempre, variando a partir da tecnologia, da relação com o público, do que se entende por narrativa certificada a cada momento. Assim, o telejornalismo por meio da memória (MUSSE, 2014) segue ressignificando o passado para construir um futuro mais inclusivo.

3. Tecnologias: comunhão na produção de sentidos na era da teléfera

Neste capítulo, buscamos dialogar sobre as tecnologias de informação, destacando o audiovisual nas redes e os diversos telejornalismos, pontuando os impactos na produção televisiva. Falamos sobre interação, audiência, convergências e processos de novas atuações sociais no ambiente web. Temos como base a onipresença das telas e discutimos a relevância televisiva no século XXI diante da abundância de informações nas redes. Reforçamos a retroalimentação entre TV e as redes, apostando na coexistência midiática e pontuando novas funções e habilidades do jornalista de TV. Por fim, destacamos o espalhamento dos conteúdos visuais em plataformas variadas e as mudanças nas formas de produção, circulação e consumo audiovisual na era da teléfera.

3.1. Das telas às redes: uma infovia de mão dupla

A TV ainda é relevante no século XXI? A noção de informação-espetáculo (CANAVILHAS, 2001) da “caixinha mágica” de outrora ganhou, ao longo dos anos, novos fluxos de acesso para dialogar com a audiência. O televisor que antes reunia as famílias diante do ecrã para comungar sons, imagens e falas, hoje parece estar resumido a um eletrodoméstico com a função prioritária de modelar os mobiliários de um determinado cômodo nos lares. Pensar na TV “fora da caixa” é compreender que a interação anteriormente aparecia por meio de cartas, pelo zapping etc. Hoje, com a superabundância de informações disseminadas nas redes, as emissoras buscam dialogar muito com as audiências por meio dos diversos ecrãs, nas plataformas, nos dispositivos móveis etc. Entretanto, Emerim (2018) recorda que o estatuto de credibilização do meio televisão é reconhecido através da linguagem.

Do ponto de vista da televisão, para compreender a linguagem é preciso dizer que, quando o telespectador ficava sentado frente à televisão, *zappeando* e mudando de canal, criou uma programação particular e, na atualidade, esse *zapping* potencializou a essa relação particularizada a partir dos modos de funcionamento dos dispositivos móveis. Mudanças que inserem estas produções televisivas numa plataforma de acesso em qualquer tempo, de qualquer lugar, de modos diferentes, estabelecendo um modelo de zapear que hibridiza os conteúdos,

tornando-os cada vez mais misturados e resignificados (EMERIM, 2018, p. 5).

Assim, é preciso perceber que hibridização de linguagens não é exatamente uma coisa nova, ela acontece desde a invenção do cinema, no audiovisual com os aparatos técnicos movidos especificamente para TV, como visto no capítulo anterior. Para Jenkins (2009) a “cultura da convergência” é o espaço “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, onde o produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 29). Santaella (2021) recorre a visão antecipatória de Lev Manovich sobre o que chamou de “estética híbrida” em *The language of new media* (2001).

Lev Manovich declarava que, por volta de meados dos anos 1990, as mídias de produção de imagem, anteriormente separadas, tanto as estáticas, como a tipografia, design gráfico e foto, quanto as mídias animadas (cinematografia, vídeo animação, inclusive, a animação computadorizada 3D), juntando-se às novas técnicas de computação (composição, múltiplos níveis de transparência), começaram todas elas a interagir em um único ambiente, o computador como metamídia ou mídia das mídias (SANTAELLA, 2021, p.3).

Então, essa combinação que aponta para *mediamorphosis* (FIDLER, 1997), convergência (SALAVERRÍA; GARCIA AVILÉS; MASIP, 2010), remediação (CANAVILHAS, 2012), já comparece no jornalismo televisual no final da primeira década para o início da segunda década do século XXI. Entretanto, para Canavilhas (2012), a convergência deve promover uma nova linguagem de integralização com os conteúdos anteriores, já a remediação pode ser caracterizada pelo acúmulo de diversos conteúdos apresentados numa mesma plataforma.

No que concerne às versões on-line, os primeiros sites das televisões mais pareciam brochuras eletrônicas da estação, exibindo a programação e alguma informação sobre os conteúdos. No início do novo século, as televisões começaram a incluir notícias, mas, tal como os restantes meios on-line, em formato textual devido a questões de ordem técnica relacionadas com a largura de banda. A generalização da banda larga e os novos formatos de compressão de vídeo tornaram o processo mais rápido, permitindo às televisões emitir em streaming e disponibilizar programas em vodcast. Entre os meios de comunicação tradicionais, a televisão é aquele que menos alterou a sua natureza nas versões web, tendo neste meio uma espécie de

canal não linear onde o utilizador pode construir uma programação à sua medida (CANAVILHAS, 2012, p. 15).

No entanto, obviamente, os noticiários competem com outras formas de transmissão da informação dentro desse ecossistema transmidiático, segundo Canavilhas (2013), Renó e Flores (2012) e Salaverría (2019), entre a emancipação de uma linguagem que caracterize a convergência de fato e a colagem de uma mistura de conteúdo que promove a remediação. Ainda assim, a estrutura narrativa com o pivô/apresentador falando, seguido de uma reportagem e, depois, de um directo/ao vivo, mantém uma gramática televisual que é familiar para a sociedade, compreendendo que o telejornal representa uma forma organizativa de transmitir as principais histórias do mundo.

É percebido no século XXI que, apesar das mudanças, das novas formas de produção no ambiente convergente, os telejornais continuam sendo as principais fontes de informação para a maioria das pessoas, mesmo que exista um esforço maior de se aproximar das audiências. O último relatório *Digital News Report* ratifica o argumento acima ao confirmar que a TV e a Internet continuam como fontes favoritas de informação dos portugueses: “a televisão é a principal fonte de notícias para 57,7%, a Internet (excluindo redes sociais) para 17,4% e as redes sociais, isoladamente, para 13,4%”⁵⁹. A preferência da audiência pela TV neste período tem também, obviamente, a ver com a maior crise sanitária do século. A Covid-19 fez com que a televisão reconquistasse uma centralidade, não só porque todos precisaram ficar de quarentena ao atravessar o período mais crítico da pandemia com uma ameaça invisível, mas porque o noticiário ainda representa referência e segurança (VIZEU, 2009), principalmente em momentos de instabilidade e crise em que a credibilidade se torna elemento-chave com vínculos, inclusive, emocionais, tendo a TV como um território simbólico de cidadania e pertencimento.

O impacto na audiência aponta para um dado curioso da recepção de espectador/internauta, considerando que TV e Digital não estão em direções opostas, mas sobrepostas, em camadas e, portanto, não parecem disputar a audiência na era da TV ubíqua, conforme Jost (2015). Ao contrário, acumulam,

⁵⁹ Ver em: https://obercom.pt/digital-news-report-2021-portugal/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=digital-news-report-2021-portugal, acesso em 20 de outubro de 2021.

comungam e acrescentam significados, numa espécie de espiral ascendente de atenção e consumo entre telas e em rede⁶⁰.

Fato é que são inúmeros os desafios impostos à televisão e ao telejornalismo na passagem para a HiperTV (SCOLARI, 2008), em meio a um cenário de profundas alterações no trânsito midiático que não para de oferecer possibilidades. Os jornalistas precisam conviver com uma nova ecologia diante da abundância de informação e, ao mesmo tempo, manter o compromisso ético de produção, com conteúdo cada vez mais atraente, de interesse público e valorizando a diversidade por meio de uma linguagem mais democrática, tratando o jornalismo como forma de conhecimento. Coexistir midiaticamente também requer um preenchimento dos novos fluxos comunicacionais, exigindo novas habilidades perceptivas e cognitivas da comunidade jornalística. Palácios (2010) caracteriza como incidências o fluxo contínuo de informações na atualidade e relembra que a televisão exerceu um papel fundamental no rompimento da marcação jornalística da temporalidade. Do mesmo modo, destaca a complementaridade do fluxo da web: “com as redes telemáticas – e a web em particular – a continuidade do fluxo se completa, estabelecendo, de modo definitivo, a midiavivência da vida em tempo real” (PALÁCIOS, 2010, p. 42).

Correia (2015) já apontava para as transformações e compreensão dos modos de fazer jornalístico, apresentando quatro desafios para pensar a relevância da televisão no século XXI. São eles: o da *criatividade*, o da *convivência*, o do *discurso* e o do *modelo de negócio*. A criatividade deve dar conta de observar as mudanças no conteúdo, que por sua vez precisa ser cada vez mais atraente para atender a demanda do público; a convivência tem a ver com as redes sociais e os comentários constantes, que devem ser revertidos em conteúdo democrático e plural; o discurso deve se preocupar com a linguagem e talvez com a criação de intertextualidades e narrativas transmídias; por fim, o modelo de negócio é voltado para a lógica corporativista e forte competitividade. Musse e Pernisa (2011) afirmam que a internet, com formatos como a instantaneidade e interatividade, não está necessariamente concorrendo com a televisão, e sim criando diálogos possíveis.

⁶⁰ Cf. “Audiência Agolera: A Fase Pandêmica da RTP na TV e no Digital” (GOULART DE ANDRADE, 2021).

O campo comunicacional como um todo teve uma alteração bastante significativa desde a web 2.0 que, com a cibercultura, inaugurou uma nova configuração comunicacional a partir da liberação do polo emissor. As diversas manifestações socioculturais contemporâneas mostram que o que está em jogo é mais o excesso de informação do que a emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos *mass media*. “A liberação do pólo da emissão está presente nas novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimentação social da rede” (LEMOS, 2013, p. 7). A internet também trouxe uma mudança de paradigma nas formas de produção, circulação e consumo de notícias promovendo outros arranjos profissionais (DEUZE; WITSCHGE, 2016; BRUNS, 2005; JENKINS, 2009) e a necessidade da presença do profissional multitarefa ou polivalente (SALAVERRÍA, 2014).

Com isso também surgiram novas práticas interpessoais, comunicacionais, bem como outras percepções de tempo e espaço. Assim, a experiência do instantâneo, da vida *online*, do tempo real e imediato, vem produzindo uma ideia de “vida ao vivo” em um presente contínuo, em que não existe (ou não importa tanto) nem o passado, nem o futuro. As atividades são simultâneas, o tempo se concentra todo no “agora”, dentro de um mundo de “hiperaceleração” e “hiperestímulo”. Ocorre que na atividade jornalística o fetiche da velocidade pode comprometer uma apuração mais rigorosa da notícia.

Agora, na era do “tempo real”, essas contradições tendem a se agravar, e a se “resolver” pela eliminação de um dos termos do problema - a necessidade de veicular informações corretas e contextualizadas -, pois “qualquer explicação serve” para sustentar a notícia transmitida instantaneamente (MORETZSOHN, 2002, p. 128).

A passagem do capitalismo fordista para o capitalismo cognitivo (LAZZARATO, 2006), que tem reordenando todo o processo noticioso, leva em conta a produção de subjetividade coletiva que influencia a questão da opinião pública. Se, no modelo fordista, o telejornalismo era resultado do trabalho a partir de funções específicas, hoje, as inovações da tecnologia permitem uma pluralidade na distribuição de conteúdo, compreendendo a relação com outros meios, e abre espaço para novos usos. Schlaucher e Coutinho (2013) classificam como (re)apresentação televisiva da realidade social.

Diariamente, os telespectadores se apropriam das informações veiculadas em telejornais e, a partir delas, constroem novos relatos. Muitas vezes. Inclusive, tomam por empréstimo os assuntos e modelos narrativos típicos do jornalismo audiovisual a fim de se posicionarem socialmente. Ao fazer isso, também desvelam as estratégias adotadas no processo de produção da notícia em TV. Assim, num contexto onde a fronteira que separa emissores e receptores torna-se menos rígida, a relação entre telejornalismo e público passa por mudanças, em função dos novos hábitos informativos dos indivíduos (SCHLAUCHER; COUTINHO, 2013).

Em Portugal, uma iniciativa pioneira da TV convencional de dialogar com os receptores na era da pós-televisão foi a criação do “Meu Telejornal”⁶¹, em 2009. Um serviço abrigado no sítio da RTP que permite o usuário construir o seu próprio alinhamento a partir de informações dos noticiários da emissora, organizando de forma aleatória o tempo e o espaço entre o emissor e o destinatário, construindo um telejornal a seu próprio gosto (CANAVILHAS 2012; TOURINHO, 2015.)

O utilizador online da página de vídeos de informação da estação passou a ter não só acesso aos diversos conteúdos noticiosos separados notícia a notícia, extraídos para o site a partir dos principais serviços noticiosos da estação em sinal aberto (o programa da manhã, Bom Dia Portugal, e os noticiários do almoço, Jornal da Tarde, e da hora de jantar, Telejornal), como a poder organizá-los de acordo com um alinhamento por si definido para imediato ou posterior visionamento. A experiência significa, pois, a potencial geração de uma miríade de novas totalidades estabelecidas individualmente por cada um dos utilizadores-espectadores a partir dos fragmentos da totalidade primordial definida pelo produtor-difusor, bem como a consagração de uma destemporalização da relação entre emissor e destinatário da mensagem televisiva (LOUREIRO, 2009, p. 164).

A aposta na espécie de bricolagem televisual permanece no ar⁶², formando uma anatomia própria do conteúdo dos ecrãs por parte dos espectadores, reordenando a construção produtiva do alinhamento do noticiário de televisão, sem a garantia do consumo imediato ou posterior das peças no ciberespaço. Entretanto, Tourinho (2015) analisa se, de fato, esse foi um movimento inicial de interação por meio da narrativa transmidiática, sugerindo que a participação do telespectador pode ser um dispositivo de aproximação da sociedade aos *modus operandi* do

⁶¹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=o0sq69-oimk>, acesso em 06 de setembro de 2020.

⁶² Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/links/o-meu-telejornal_g476805, acesso 06 de novembro de 2021.

saber/fazer telejornalístico, trazendo interrogações sobre o destaque do que foi eleito para ganhar o status de notícia e das coberturas ofertadas no menu do self-service informativo.

Hoje, ao contrário da fase da TV como *janela* voltada para o mundo, o telespectador já não se contenta com o modelo de comunicação de sentido único emissor-receptor. Já sabe que pode fazer parte do processo da notícia (TOURINHO, 2015, p. 186).

Notadamente, “falar diretamente com a audiência” é um desafio das emissoras para coexistir no ambiente midiático, seguindo a proposição de Tourinho (2015) de uma “Porta Nova da TV”, por onde o telespectador quer entrar com passe livre.

O que ocorre é que tanto o ambiente web, quanto o telejornalismo parecem fazer um *remix* do conteúdo noticioso dentro de uma apropriação tecnológica tácita, que permite a co-criação e reintrodução de subjetividades, recombinaando relações e criando um infinito processamento de produtos. Essas mudanças passam por um novo regime de visibilidade e audiência, considerando que o compartilhamento em rede é a forma de captação e de atenção, logo, de audiência e lucro.

Graças a esse agrupamento em função do critério da visualização em tempo real, os internautas têm a impressão de formar um grupo, o que é reforçado pela aparição de comentários também em tempo real (...) Em todo caso, constata-se, a lógica de classificação é aquela de todo canal de televisão: a audiência (JOST, 2011, p. 101).

As mudanças na experiência de tempo e espaço foram alteradas, remodelando também as formas de interação e percepção do mundo como forma de conhecimento.

Na mesma lógica da transmidialidade televisiva, ao analisar os noticiários brasileiros, Teixeira (2014) pontua que existe uma contaminação recíproca e contínua com o cruzamento de narrativas em várias mídias que muda a forma de produção e consumo.

O audiovisual se reorganiza, por um lado, porque sites passam a oferecer tanto produtos televisivos quanto ofertas produzidas exclusivamente para o consumo via internet; por outro lado, surgem sites de compartilhamento (como o *Youtube*) e de audiovisual *on demand*, que possibilitam um consumo híbrido, seja na própria internet, na televisão ou em qualquer plataforma

capaz de receber conexão wireless ou cabeamento por *high-definition multimedia interface* (TEIXEIRA, 2014, p. 241).

A internet trouxe uma nova capilaridade inevitável promovendo o transbordamento da TV para o ambiente web e a necessidade de similitude com a internet. Nesse sentido, a interação parece-nos um caminho possível para a coexistência dos meios convencionais com as novas formas de transmissões televisuais. Aliás, a interatividade era a promessa do Ginga⁶³ na era da TV Digital: tratava-se de um programa desenvolvido em parceria com o Governo, com a PUC-Rio e com a Universidade Federal da Paraíba.

O Ginga foi concebido como um *software* livre (sem o pagamento de *royalties*) de inclusão ao sistema digital nipo-brasileiro que permita a qualquer cidadão produzir e acessar conteúdos de informação e serviços interativos usando apenas a televisão. Com isso ele pode consultar a programação da TV, realizar compras e operações bancárias utilizando apenas o aparelho de televisão. Mais do que isso, o Governo brasileiro anunciou sua intenção de fazer do aplicativo uma ferramenta de inclusão social com possibilidades, por exemplo, de permitir a marcação de consultas no Sistema Único de Saúde, o SUS (TOURINHO, 2015, p. 109).

Entretanto, pela ausência de uma legislação específica, o *middleware* não teve sucesso entre com os fabricantes que alegaram encarecimento no produto final. Assim, o espaço acabou ocupado pelas TVs conectadas com outros softwares comerciais fechados (TOURINHO, 2015).

É perceptível o uso do que chamamos aqui de “expertise de sobrevivência”, ou seja, a tentativa de adesão das grandes emissoras às novas formas de exibição televisual oriundas do ambiente web para sustentar os novos modelos de negócio híbridos. No Brasil, observamos movimentos que denotam uma retroalimentação midiática, ainda que sem um formato específico e com caráter experimental. Prova disso foi a surpreendente exibição pelo coletivo Mídia Ninja de uma reportagem sobre as manifestações de 2013 no Rio de Janeiro. Ainda sem saber lidar com essas novas modulações audiovisuais, a televisão, mais precisamente o telejornalismo, parece preferir adotar a lógica de que “se não pode contra eles, junte-se a eles”. Assim foi feito, por exemplo, quando a Mídia Ninja cedeu material da cobertura

⁶³Ginga foi escolhido como nome do dispositivo em reconhecimento à cultura, arte e luta por liberdade e igualdade do povo brasileiro. Ver em: <http://www.ginga.org.br/pt-br/sobre>, acesso em 20 de outubro de 2021.

das manifestações de 2013 para a Rede Globo, exigindo o crédito da sigla durante a exibição de uma reportagem editada⁶⁴. Obviamente que com o poder de penetração da maior emissora do país, o grupo ganhou mais notoriedade e força. Apesar da matéria ter sido editada e, portanto, modificada a partir do tempo real, nota-se que a entrevista do personagem Bruno Ferreira Teles, assim como as imagens do acontecimento ao vivo, foram elementos determinantes para a construção do VT. A reportagem contrariava a alegação das polícias civil e militar sobre a prisão de um manifestante durante as passeatas de 2013.

Dentro desse contexto, para além de convergência de mídias, de linguagens, de elementos visuais que cria no ambiente web um espiral ascendente infinito de produção de sentido, chamamos atenção para a emergência de um olhar atento à convergência empresarial já presente nas grandes corporações. Maurício (2012) já alertava sobre isso ao analisar os conflitos da TV digital brasileira.

Ao tratar de convergência, tratando-se de um setor oligopolizado como o da comunicação no Brasil, podemos falar, também, de uma convergência de empregos. Na nota “TV Globo anuncia nova estrutura de jornalismo”, o Jornal O Globo informa em 09 de julho, que a emissora criou a área de Jornalismo e Esporte, seguindo o exemplo das áreas de Entretenimento e Comercial da emissora, com maior integração das equipes na criação e produção de conteúdos para a TV aberta, TV fechada, internet e novas mídias digitais. O perigo é que esse tipo de integração resulte em que os mesmos profissionais exerçam funções para várias mídias da mesma organização empresarial, fechando vagas ou evitando a criação de novas (MAURÍCIO, 2012, p. 161).

Na medida em que novas possibilidades de narrativas transmidiáticas se expandem, ampliam também as questões econômicas e a necessidade da democratização de *softwares e hardwares*, além de discussões sobre políticas públicas e regulamentações diante da plataformização dos mercados mundiais de comunicação.

3.2. Espalhamento de conteúdos televisuais em multiplataforma

Mesmo diante da convivência do telejornalismo convencional com os outros meios, consideramos que o jornalismo para as múltiplas telas (EMERIM, 2017) é

⁶⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2713906/>, acesso em: 20/07/2018.

pautado pela lógica dos protocolos das diversas plataformas e aplicativos, que hoje são modelos dominantes de comunicação e desempenham um papel ativo no financiamento da produção, traduzindo novas formas de mediação, remediação e intermediação do mundo. Entretanto, se percebemos a perda de controle da televisão *broadcast* para as grandes plataformas como Netflix, Amazon etc., continuamos a ter uma audiência muito maior se comparada às audiências fragmentadas. O conceito de “televisão transmídia” (FECHINNE, 2014), pensado a partir da ideia de *Post-Network Era* de Lotz (2007), tenta refletir sobre “uma televisão que não desapareceu”, compreendendo que na contemporaneidade o que temos é uma nova forma de televisão que, como já vimos, imprime outra dinâmica na lógica de produção, circulação e consumo dos conteúdos televisivos com a digitalização da TV e de outros meios articulados a outras plataformas e ao comportamento das audiências (FECHINE, 2014). Entretanto, essa articulação está baseada no espalhamento para outras vias, colocando a televisão como uma espécie de “nave-mãe”, uma grande plataforma distribuidora televisual. Dessa forma, podemos compreender que a disputa na plataformização entre telas *mainstream versus streaming* traz um ganho no consumo de vídeo na produção de sentido do cotidiano e do mundo, reconfigurando a produção informativa e, logo, alterando os fluxos do jornalismo para as múltiplas telas (EMERIM, 2017).

Ocorre que reconhecer a influência de novos processos sociais é entender a necessidade de considerar novos valores-notícia que moldam o interesse público na contemporaneidade e se espraiam em multiplataformas, acoplando-os ao conjunto de critérios já utilizados anteriormente, que propõe pensar em novas formas de apresentação do conteúdo noticioso em que a produção, a circulação e a recepção já não se descolam. Se antes a TV obedecia ao modelo *broadcasting* de comunicação, hoje isso já não é mais suficiente para dar conta de todo o processamento noticioso do ecossistema midiático (CANAVILHAS, 2013). As redes sociotécnicas, principalmente aquelas que emergem da união dos dispositivos móveis de comunicação com plataformas sociais online, levam à atualização dos critérios de noticiabilidade e obrigam a buscar novos horizontes para conceber as categorias que operacionalizam estes critérios: os valores-notícia (SATUF, 2014, p.319). Satuf destaca que “os critérios de noticiabilidade são afetados pela percepção de que grandes volumes de conteúdos se movem com força suficiente para abalar os pilares que até então sustentavam a seleção e a construção das

notícias” (SATUF, 2014, p. 326). Ele elenca três novos valores-notícia: a hashtag, a redundância e a participação/colaboração.

A *hashtag* possibilita a busca automática de conteúdo por sistemas de rastreamento e, a partir do impacto dos metadados, pode ganhar propagação e interferir no sistema cognitivo, ajudando a emoldurar a percepção social de um determinado fato. Nesse sentido, a hashtag acaba ganhando status de valor-notícia por duas frentes: o da seleção, ao conseguir rastrear os temas mais compartilhados por mecanismos de busca; e o da construção, quando possibilita a localização facilitada dos conteúdos indexados (vídeo, foto, texto, áudio). A redundância é o segundo novo valor-notícia. Com a liberação do polo emissor desde a web 2.0, em que cada indivíduo pode produzir, fazer circular e consumir conteúdo, deve-se considerar que um acontecimento que é produzido por um maior número de pessoas e por diferentes ângulos tem mais chances de virar uma notícia. Desse modo, um fato devidamente checado e enquadrado no quesito redundância aumentaria a credibilidade da informação jornalística. “É um valor-notícia que pode utilizar software de conteúdo georreferenciado, como o Foursquare, que permite associar informação e localização geográfica” (SATUF, 2014, p. 327). O terceiro e último critério proposto é o da participação ou colaboração. Esse critério é bastante utilizado em coberturas de fenômenos naturais e de grandes eventos. Normalmente são conteúdos feitos por *smartphones* e monitorados para ilustrarem os noticiários. Esse valor-notícia se aproxima do que Traquina (2005) considera “equilíbrio”, ao falar de critério contextual de seleção. “Os conteúdos produzidos e partilhados pelo público em geral conquistaram espaço definitivo no jornalismo, seja radiofônico, televisivo, impresso ou on-line” (SATUF, 2014, p. 328).

As mudanças no processo jornalístico atingem diversas camadas e exigem alterações nas rotinas profissionais, nas estratégias produtivas, na formação acadêmica, no processo noticioso e na absorção de novos atores na cena jornalística como os “tecnoatores” (CANAVILHAS; SATUF; LUNA; TORRES, 2016).

(...) são eles que possuem profundo domínio técnico sobre linguagens de programação e softwares de edição que agem sobre o trabalho jornalístico, influenciando simultaneamente os procedimentos e os produtos. Designers e programadores conquistam proeminência diante da carência ou completa falta de expertise dos jornalistas em um momento de acelerada mudança nas tecnologias. E não se trata de uma questão meramente

instrumental, pois poderemos estar perante um intenso choque entre culturas profissionais (CANAVILHAS *et al*, 2016, p. 2)

Percebemos a emergência de novas competências jornalísticas, alargando uma projeção polivalente, já apontada por Ramon Salaverría (2003), de ambientes jornalísticos multifunções com profissionais multitarefas, típicos da convergência dos grupos jornalísticos. Os novos olhares para novas demandas inspiram propostas como “Videojournalism”, que funciona como um guia pioneiro para habilidades técnicas dentro do treinamento da lógica multifacetada televisual (GRIFFITHS,1998). Baseados na *expertise mainstream*, os chamados videojornalistas se empenham na captura televisual de acontecimentos da contemporaneidade para atender a crescente demanda distribuída em múltiplas plataformas. Tais movimentos reacendem a discussão sobre o futuro do jornalismo e dos jornalistas diante da desfragmentação das grandes corporações (DEUZE, 2015) e a redefinição de uma redação remodelada que partilhe as expertises de novos atores reforçando o sentimento de pertença à comunidade jornalística (ANDERSON, 2011).

Entretanto, a informação televisual expandiu-se não apenas para os ecrãs dos telemóveis ou para as múltiplas plataformas. Como visto nas fases do telejornalismo trazidas por Silva (2018), os vídeos também tentam decifrar as narrativas imersivas e transmidiáticas com realidades virtual e aumentada, acrescentando novas camadas de produção de sentido na experiência do consumo audiovisual por meio de reportagem imersiva, vídeo 360°, infografias interativas, que reorganizam a representação do real na vida cotidiana.

Esse terreno tem sido fértil para promover a inserção do *brandend content* no Jornalismo. No cenário internacional, os *content studios* (estúdios de conteúdo) nos veículos já se consolidaram como uma importante fonte de renda, contribuindo para redefinir o modelo de negócios das empresas, diante das dificuldades enfrentadas pelas publicações impressas com o advento das mídias digitais e os novos hábitos de consumo do público. Um fato emblemático da relevância destes estúdios pode ser destacado com a conquista do Grand Prix do *Entertainment Lions* de 2016, evento dedicado às atividades de *branded content* dentro de uma das maiores premiações de publicidade no mundo, da ação *The displaced*, desenvolvida

pelo *T Brand Studio*⁶⁵, unidade de *branded content* do jornal *The New York Times*, que produziu um curta-metragem contando a trajetória de crianças refugiadas da crise na Síria e na Ucrânia por meio de uma experiência de realidade virtual, viabilizada com a distribuição de 1,3 milhões dos óculos *Google cardboard*⁶⁶ aos seus assinantes. Outro bom exemplo que pode ser citado é o *Guardian Labs*⁶⁷, do jornal *The Guardian*, que, dentre os diversos trabalhos produzidos, vale destacar a série documental *The Power of Privacy*⁶⁸ para a marca *Silent Circle*.

No Brasil, diversos veículos adotaram esta prática, como o Estúdio ABC – Abril *Branded Content*⁶⁹, que foi lançado em junho de 2015, acompanhando uma grande reformulação do Grupo Abril. Segundo Edward Pimenta, diretor da empresa até 2017, em entrevista ao *Adnews*⁷⁰, a equipe já contava com 15 pessoas trabalhando para 145 clientes, totalizando a criação de mais de dois mil conteúdos até outubro de 2016, com cerca de dois fechamentos por dia. Outros jornais brasileiros acompanharam esta tendência, como a criação do Estúdio Folha⁷¹, do jornal *Folha de São Paulo*, a *Gazeta do Povo Branded Content (GPBC)*⁷² e o *Media Lab Estadão*⁷³.

Além dos jornais, a *Vice Media*⁷⁴ e a *Trip Editora*⁷⁵ também utilizam a *expertise* de sua equipe de jornalistas para oferecer conteúdo customizado para as marcas em diversas plataformas midiáticas. Conforme afirmação de Fernando Luna, sócio e diretor da *Trip Editora*, os trabalhos de *branded content* já correspondem a cerca de 90% do faturamento⁷⁶ da empresa.

⁶⁵ Disponível em: <http://www.tbrandstudio.com>, acesso 30 de outubro de 2021.

⁶⁶ Disponível em: Disponível em: <https://www.google.com.br/get/cardboard>, acesso em 30 de outubro de 2021.

⁶⁷ Ver em: Site da empresa: <https://guardianlabs.theguardian.com/about>, acesso em 30 de outubro de 2021.

⁶⁸ Disponível em: <https://www.theguardian.com/media-network/2016/jan/28/the-power-of-privacy-documentary-film>, Disponível em 20 de outubro de 2021.

⁶⁹ Ver em: <http://estudio.abril.com.br>, acesso em 20 de outubro de 2021.

⁷⁰ Disponível em: <http://adnews.com.br/adcontent/brandedcontent/abrilentrevista.html>, acesso em 20 de outubro de 2021.

⁷¹ Disponível em: <http://estudio.folha.uol.com.br/institucional>, acesso em 20 de outubro de 2021.

⁷² Disponível em: <https://gpbc.com.br>, acesso em 20 de outubro de 2021.

⁷³ Disponível em: <https://medium.com/medialabestadao/sobre-o-media-lab-estad%C3%A3o-2b8d72c03938#.40ifcvrj6>, acesso em 20 de outubro de 2021.

⁷⁴ Disponível em: http://www.vice.com/pt_br/page/about-58477f133bbbf901f85613df, acesso em 20 de outubro de 2021.

⁷⁵ Disponível em: <http://www.tripeditora.com.br>, acesso em 20 de outubro de 2021.

⁷⁶ Disponível em: <http://goadmedia.com.br/negocios/por-que-branded-content-e-poderoso-para-marcaspublishers-e-consumidores>, acesso em 20 de outubro de 2021.

Evidentemente é compreensível que exista uma resistência ao pensar nessa aproximação e formação de um profissional híbrido, conjugando o saber telejornalístico com a *expertise* de processos da cultura de rede. Isso se dá justamente pela preocupação com os códigos deontológicos da profissão e com os limites éticos que essa nova realidade de mercado, requisitando reflexões que se debrucem na soma de forças sobre a produção do comum, buscando reforçar o lugar de produção de conhecimento e disputa à esfera pública, sem desprezar novos saberes que possam reforçar a excelência do cumprimento da atividade jornalística diante de tantos desafios.

3.2.1. A era da telesfera

No capitalismo de plataformas, o poder da “propagabilidade” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014) vem reorganizando a esfera midiática.

O que estamos chamando de propagabilidade parte do pressuposto de que a circulação se constitui como uma das forças-chave que dão forma ao ambiente de mídia. Parte também de uma crença de que, se formos capazes de entender melhor os fatores institucionais que formatam a natureza da circulação, podemos nos tornar mais eficazes com a colocação de mensagens alternativas em circulação (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 241).

Fato é que tentamos compreender essas novas formas de distribuição de conteúdos desde a web 2.0 (2002-2010) com o fenômeno da “blogosfera” (RODRIGUES, 2006). O desafio se manteve da mesma forma ainda na web 3.0 (2010-2015), com a emergência dos smartphones e as redes sociais digitais, e está presente na era da web 4.0 (a partir de 2015), fase do aprimoramento dos dispositivos, com a novidade da convergência, transmidialidade, realidades imersivas, a fragmentação de um espaço público e, portanto, uma mudança significativa na “infosfera” (FLORIDI, 2010). Este neologismo foi cunhado com base na Biosfera para se referir à esfera informacional que rege vida cotidiana tanto de forma virtual com suas propriedades, interações, processos, como de forma natural, admitindo relações mútuas (*idem*). Johnson (2001), em *Cultura da Interface*, já alertava o que estava por vir no sistema comunicacional da chamada “infosfera” no século passado.

À medida que a infosfera continuar crescendo exponencialmente, as metáforas usadas para descrevê-la crescerão também, tanto em escala quanto em complexidade. A ágora do século XX pode perfeitamente se deslocar para o ciberespaço, mas não irá muito longe sem arquitetos de interface que desenhem os projetos (JOHNSON, 2001, p. 20).

É nesse sentido que Rodrigues (2006), ao buscar a potencialidade dos blogues como a fragmentação do espaço público, considerando a blogosfera com um lugar de liberdade de expressão, permitindo mais vozes e olhares sobre a realidade relembra:

O surgimento de um dos primeiros blogs – Scripting News – no mundo, é atribuído a Dave Winer⁷⁷, em 1997. Em Portugal, segundo um trabalho publicado em, o primeiro blog – Macacos sem Galho – surgiu em Março de 1999⁷⁸. Neste mesmo ano os blogs começaram a ganhar popularidade com o lançamento dos sites Blogger e Weblogger que possibilitaram a criação e manutenção de blogs por qualquer pessoa, uma autêntica revolução na edição de textos na web. Grande parte do potencial destes dispositivos foi revelada em 2002, durante a invasão ao Iraque, quando Salam Pax publicou a sua própria experiência na guerra e a sua visão dos acontecimentos, num blog⁷⁹. Em 2003 assistiu-se ao verdadeiro boom da blogosfera (Rodrigues, 2006, p. 21).

Na mesma linha, com a invasão dos podcasts como tecnologia de oralidade que atende a distribuição sob demanda, Freire (2016) traz a ideia de “podosfera” como uma possibilidade de linha direta com a audiência, ampliando a polifonia do espaço público com as abordagens de temas e posicionamentos plurais.

O cenário de *podcasts* brasileiros, conhecido como “*podosfera*”, indica ser pautado pelo encontro expressivo dos sujeitos. Observa-se constantemente nesse âmbito a troca de falas entre eles, seja a recepção pelo público das expressões dos produtores de *podcasts* – denominados *podcasters* –, seja o envio de mensagens da audiência por vários meios: comentários em *blogs*, *e-mails*, fóruns *on-line*. Em igual medida, é perceptível um fenômeno no qual diversos ouvintes acabam por inserir as suas vozes na *podosfera*, fundando os seus próprios programas, assim como são constatados casos em que membros da audiência passam a integrar as falas de um programa que escutavam (FREIRE, 2016, p. 21).

⁷⁷ Ver em: <http://www.scripting.com>, acesso em 5 de outubro de 2021.

⁷⁸ Ver em: <http://blog.no.sapo.pt/25momentos/index.htm>, acesso em 5 de outubro de 2021.

⁷⁹ Ver em: http://dear_raed.blogspot.com, acesso em 5 de outubro de 2021.

É nesse sentido que, considerando a televisão como parte da cultura material do dia a dia e o jornalismo em e para telas (EMERIM, 2017), a *expertise mainstream* desagua em novos fluxos cada vez mais férteis, com o uso do *second screen* derivado flutuante da TV como um ecrã “nave-mãe” em um mundo de abundância de informação, além do consumo do audiovisual nas diversas plataformas, que propomos a ideia de “telesfera”. O termo visa abarcar ainda o crescente uso de imagens ao vivo, o que Jost (2015) classificou como “luta intermedial” entre pequenos e grandes ecrãs, admitindo que televisão se diferencia por uma tensão narrativa particular devido a força centrípeta que possui além da transmissão por meio de imagens em *stock*, *pseudo-stock* ou direto⁸⁰.

A telesfera traduz a união de saberes antigos do telejornalismo com novos regimes de visibilidades das redes, representando uma reintermediação televisual, alterando o regime de periodicidade pensado por Groth (2014) e revisto por Fidalgo (2004) no ambiente digital. Essa tentativa de ampliar as vozes dos sujeitos falantes (MACHADO, 2000) possibilita criar novos mundos e ocupar mais espaços no jornalismo em telas, por meio de novos valores-notícia difusores de conteúdos para diversos públicos, defendendo de forma mais ampla e democrática a atividade jornalística audiovisual, lançando mão dos novos regimes de publicação (FÍGARO, 2020).

⁸⁰ O mesmo que “ao vivo”.

Parte II – Descobertas além-mar

4. Percurso metodológico

Nossa visada metodológica é, antes, induzir à prática de uma comunicação transcultural, que entendemos como uma dialogia semiótica, não um diálogo “entre” formações que se pretendam verdadeiramente e estanques, mas a lógica do trans ou do vaivém “através” dos limiares do sentido, não uma filosofia de portas e sim de pontes ou de transição para correspondências analógicas, que não são necessariamente conciliatórias ou harmônicas, mas que abrem caminho para novos termos das disputas de sentido (SODRÉ, 2017, p. 26).

Neste capítulo, o foco está concentrado em apresentarmos o ferramental metodológico, com combinação de diferentes formas de análises, mobilizada para dar conta da investigação das rotinas produtivas e mapeamento das rupturas, continuidades e potencialidades nas emissoras de língua portuguesa. A conjugação de formas complementares de levantamento de dados pretende avaliar, por prismas diversos, a investigação da produção noticiosa televisiva em Portugal a partir do rompimento de fronteiras para mapear novas culturas e identificar disputas de sentido das telas/ecrãs em negociações por meio do reconhecimento de novos fluxos de produção, circulação e distribuição.

Apesar de já terem sido aludidas nos capítulos anteriores, as justificativas para o uso dos métodos de entrevistas semiestruturadas, análise televisual, observação participante e autoetnografia se fazem necessárias, já que representam passos importantes para a testagem da “metodologia da aposta”, que trazemos como proposta como mais uma forma de análise, criada a partir destas camadas metodológicas experimentadas.

Vale destacar que a escolha dos métodos para abarcar a dimensão da investigação inserida em outra cultura, com novos sujeitos falantes, com o acolhimento em outro território, foi sendo criada aos poucos a partir de um trabalho mental de amadurecimento com o conteúdo conquistado paulatinamente.

Assim, o ponto de partida foi o método de observação participante (PERUZZO, 2016), inspirado na antropologia, que permitiu perceber as rupturas, permanências e potencialidades nas rotinas produtivas em cada emissora visitada, tal como Geertz (1989) salienta no livro “A interpretação das culturas”, defendendo uma teoria interpretativa da cultura a partir de uma “descrição densa”: “praticar

etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Na sequência, a aplicação da autoetnografia tornou-se inevitável para a completude da construção desta tese na compreensão dos grupos sociais aos quais eu estava inserida. É exatamente neste momento que peço licença para falar em primeira pessoa do singular e anuncio que, longe de querer adotar uma posição pedante ou não distanciada, sigo apenas a intuição da necessidade de descrever e acionar as minhas memórias e conquistas vividas na travessia além mar e, particularmente, nas dependências da RTP enquanto membro da comunidade interpretativa transterritorial, conforme visto na capítulo 1, “como humanos comunicantes que estudam humanos se comunicando, estamos inseridos no que estamos estudando” (ELLIS; BOCHNER, 2000, p. 12, em livre tradução)⁸¹.

Antes de obter as respostas dos informantes por meio das entrevistas semiestruturadas, lançamos mão da utilização da análise da materialidade audiovisual – AMA (COUTINHO, 2016) para observar peças do ano de 2009 e do ano de 2019, obedecendo 10 anos de distância entre as exibições dos telejornais, com a intenção de compreender a realidade do local, para perceber valores, considerando os aspectos sociocultural, econômico e histórico da comunidade investigada. Desse modo, acreditamos ter atributos suficientes para estruturar de maneira mais confiante e efetiva as entrevistas semiestruturadas, considerando os códigos linguísticos produzidos e partilhados entre os membros da comunidade portuguesa. A análise televisual aplicada como método permitiu o reconhecimento na combinação de produção de sentido por três vias que fornecem: a) narratividade; b) visualidade; e c) edição.

Por fim, a metodologia das entrevistas semiestruturadas em profundidade (DUARTE; BARROS, 2006; CASSETI; CHIO, 1999) permitiu uma aproximação com os informantes. Com o objetivo de compreender a natureza social da instituição, a cultura organizacional, a comunidade em si, a entrevista semiestruturada mostrou-se como técnica eficaz para colher impressões de forma

⁸¹ O método guarda semelhanças com a adoção de “participação observante” (PERUZZO, 2005). No entanto, compreendemos que a autoetnografia seria mais eficaz para dar conta da complexidade do momento vivido. Incluindo riscos, paixões e apostas em um movimento de mudança de continente e acolhimento em outra cultura.

mais flexível, percebendo visões sobre as rotinas produtivas. Embora respeitando os tópicos já estruturados anteriormente para a entrevista, admitimos formulações advindas da fala do próprio entrevistado no momento exato do diálogo, focando na liberdade da resposta e no teor afetivo dialético.

A aplicação deste conjunto de ferramentas possibilitou a criação e testagem da aplicação da “metodologia da aposta”, uma análise multivariada podendo assumir natureza qualitativa ou quantitativa, de acordo com o objetivo da análise, que trazemos como contribuição para o campo da ordem das telas e webtelas em outra cultura, foi desenvolvida durante a passagem pela RTP e que será explicada no capítulo a seguir.

4.1. Pesquisa Participante

O método da pesquisa participante pressupõe a presença de um observador passivo ou ativo no campo investigado. Para tanto, existem três modalidades de utilização da técnica da pesquisa observante, segundo Peruzzo (2016). São elas a) observação participante; b) participação observante; e c) pesquisa-ação. Dentre elas, a observação participante foi o método que escolhemos para iniciar as nossas proposições.

Peruzzo (2016) afirma que a pesquisa participante permite a presença constante do observador no ambiente observado para que seja possível “ver as coisas de dentro”. Na mesma linha etnográfica, Geertz (1889) propõe o mergulho na cultura observada para compreender “o ponto de vista do nativo”. Uma das estratégias de inserção é o compartilhamento das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de maneira sistemática e consistente, ou seja, ocorre um envolvimento direto nas atividades por parte do pesquisador permitindo covivenciar “interesses e fatos”. Ainda pode ocorrer a necessidade da pessoa que está investigando “assumir o papel do outro para atingir “o sentido e suas ações” (MEAD; KLUCKHON *apud* HAGUETE, 1990, p. 63).

A técnica de observação participante ocorre quando o pesquisador participa para observar. Pressupõe que o pesquisador se insira no grupo a ser pesquisado, participando e vivendo (com maior ou menor grau) próximo do objeto que está sendo investigado. Nesse sentido, vale destacar a semelhança da técnica com a pesquisa etnográfica. Já na participação observante, o pesquisador atua ao participar

das atividades, interagindo como membro de uma comunidade. O grupo investigado conhece os propósitos e as intenções e já existe uma concordância prévia da realização da pesquisa. Assim, a técnica se aproxima da autoetnografia (ELLIS; BOCHNER, 2000).

A presença constante do pesquisador no ambiente observado facilita compreender as coisas de dentro, vivenciando com o olhar de quem está compartilhando, pertencido. Experimenta as atividades e captura o real por conhecimento e competências metódicas e técnicas. É uma atividade empírica na busca de compreensão do processo.

A técnica foi aplicada nas sete emissoras de língua portuguesa – RTP, SIC, TVI, CMTV, Banda TV, Globo e Record (ver anexo 1), em maior e menor grau de permanência no campo, mas suficiente para colher dados e informações que construíram as percepções trazidas nesta tese, conforme veremos adiante. As evidências foram registradas em diário de campo e registros fotográficos, para posteriormente sistematizar os dados empíricos, decodificando o que foi colhido por meio das consultas documentais, anotações no diário para futura montagem, juntando os elementos e criando esquemas de categorias imbricadas com as outras técnicas aqui relatadas.

4.1.1. Autoetnografia

Um das modalidades da pesquisa participante é a participação observante, segundo Peruzzo (2016). O método prevê não só a observação, mas a atuação, a participação do pesquisador ao observar determinado fenômeno. Interage como membro, envolve-se e, em determinadas situações, assume o papel do grupo que está sendo investigado. Por isso, é preciso respeitar um tempo de pausa e decantação após a inserção no meio para que não haja vieses na interpretação e percepção adquiridas.

É assim que a autoetnografia surgiu como um método necessário para legitimar as memórias que ora aciono, ao trazer o conceito de comunidade interpretativa transterritorial, conforme visto no capítulo 1. Ao deslocar-me do Brasil para Portugal com o intuito de averiguar em outro território cultural rupturas, permanências e potencialidades dos ecrãs noticiosos, assumo vestir lentes que

reconheçam as particularidades que envolvem riscos e paixões no percurso da pesquisa.

Autoetnografia é um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa que exhibe camadas múltiplas de consciência, conectando o pessoal ao cultural. Regredindo e avançando o olhar dos autoetnógrafos, primeiro através de uma lente grande-angular etnográfica, focando em aspectos sociais e culturais de suas experiências pessoais. Depois, olham para dentro e expõem um interior vulnerável que é movido e pode mover, refratar e resistir a interpretações culturais (ELLIS; BOCHNER, 2000, p.7).

É desse modo que a técnica inclui a participação efetiva nos processos e as suas percepções a partir da vivência com o grupo investigado. E foi assim que na RTP, eu participei de produções de pautas, reuniões de equipes, acompanhei equipes de externas, utilizei equipamentos, participei de edições de peças, fazendo parte, portanto da comunidade interpretativa transterritorial.

4.2. Análise da Materialidade Audiovisual

Se o Jornalismo é apontado por alguns como uma forma conhecimento e dar a ver o mundo, muitas vezes sendo compreendido como tradutor de diferentes saberes, que se inscrevem nas notícias e seus processos, um dos desafios dos estudiosos do telejornalismo é exatamente o de tradução de diferentes códigos, níveis e estruturas implicados nas experiências de produção, oferta e consumo do jornalismo audiovisual (COUTINHO, 2016, p. 9).

Como um dos métodos escolhidos para esta tese, a Análise da Materialidade Audiovisual – AMA considera o jornalismo como forma de conhecimento, admitindo que as análises dos produtos audiovisuais se debruçam no interesse de decifrar diferentes códigos que demonstrem a produção de sentido televisual, aceitando a participação como um “telespectador privilegiado”⁸². O método sugere a avaliação da unidade “texto+som+imagem+edição” (COUTINHO, 2016, p. 10), a partir da construção de uma ficha de avaliação com os eixos temáticos que permitam uma investigação com marcadores quantitativos ou qualitativos, de acordo com a promessa de pesquisa.

⁸² A ideia de “telespectador privilegiado” dialoga com a natureza da metodologia proposta aqui. Ao trazer a perspectiva da comunidade interpretativa transterritorial, me lançando para outro território e me incluindo com parte produtiva e, ao mesmo tempo, como parte observante dos processos produtivos, reforça o conceito proposto pela autora.

A aplicação da AMA na investigação sobre as notícias televisuais da RTP ocorreu em seis edições do noticiário Telejornal, três do ano de 2009 e três de 2019 (ver anexo 2). A observação proporcionou a interpretação dos achados com deixas imagéticas que trouxeram pistas sobre a memória da emissora, ampliando o conhecimento da produção noticiosa dos sujeitos falantes da comunidade na qual eu estava inserida como pesquisadora.

Tais promessas, tecidas a partir da partilha das decisões e procedimentos metodológicos, não seriam exclusivas da análise da materialidade audiovisual como método. Ao invés disso, podem envolver diversas outras formas de investigação e coleta de dados, tais como as entrevistas, a pesquisa em redes sociais que, em última instância, também podem constituir-se em produtos audiovisuais a serem analisados, em diferentes suportes (COUTINHO, 2016, p. 13).

Nesse sentido, a adoção e aplicação na Análise da materialidade Audiovisual - AMA foi fundamental para ganhar a confiança dos informantes durante as entrevistas, realizadas posteriormente e propor a metodologia da aposta como uma forma multivariada.

4.3. Entrevistas semiestruturadas

A técnica da entrevista permite obter confiança dos sujeitos falantes, no caso, os jornalistas, além de criar uma ambiência agradável para auxiliar na obtenção fidedigna dos registros de investigação. As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas fechadas (com detalhamento de questões previamente formuladas) e perguntas abertas (que podem surgir ao longo do diálogo com o entrevistado).

Uma das vantagens é a elasticidade na duração da conversa, permitindo um diálogo mais profundo sobre os temas abordados, focando em aspectos sensíveis de forma afetiva, colocando entrevistado e entrevistador num espaço maior de expressão de ideias. Mas isso não significa dizer que a entrevista é um procedimento baseado em uma conversa despreziosa e neutra, pois ela visa a coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto “sujeitos-objeto” (NETO, 1994, p. 51). De acordo com Minayo (2013), as entrevistas semiestruturadas podem despertar outros aspectos relevantes para a pesquisa que vão surgindo aos poucos e ainda revelam “crenças, maneiras de pensar, opiniões, sentimentos, maneiras de sentir, maneiras

de atuar, condutas e projeções para o futuro, razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos” (MINAYO, 1993, p. 65).

Casetti e Chio (1999) defendem que analisar a realidade de perto, ou seja, ao vivo, evita possíveis atravessamentos que podem alterar os dados pretendidos. Segundo o método citado, asseguramos que as entrevistas foram desenvolvidas pessoalmente, previamente autorizadas e realizadas no ambiente da redação com a utilização de um gravador. Foram feitas 37 entrevistas totalizando 15 horas, 10 minutos e 4 segundos de gravação. Todo o conteúdo pode ser conferido nos anexos desta tese.

A escolha dos entrevistados considerou a diversidade de funções, disponibilidade e representatividade dos sujeitos falantes dos noticiários.

5. Mergulho nas rotinas produtivas

Neste capítulo, traremos a aplicação das etapas metodológicas das técnicas descritas acima na busca de identificar as rupturas, permanências e potencialidades dos noticiários em sete emissoras de língua portuguesa. Inicialmente, faremos um passeio em sintonias com os canais privados, baseados em observação participante e a percepção de 20 entrevistas com a comunidade jornalística da SIC, TVI, CMTV, Banda TV, além das sucursais Globo e Record.

A RTP entra em cena como foco principal. Um mergulho nas rotinas produtivas da TV pública de Portugal, que serviu de modelo para a criação de todas as outras emissoras, trouxe pistas para a compreensão da transição do sentido dos ecrãs na contemporaneidade. A permanência na emissora como membro da comunidade interpretativa transterritorial no período de 04 a 20 de fevereiro de 2019 permitiu que para além da observação participante, a aplicação da autoetnografia, já que houve o meu envolvimento em produções de pauta, edições, saídas em externas etc.

É neste mesmo item que faço a Análise da Materialidade Televisual – AMA de seis edições do Tejelornal para compreender as deixas narrativas do produto mais antigo enquanto noticiário da emissora.

Na RTP foram feitas 17 entrevistas em profundidade semiestruturadas para, por fim, trazer a aplicação da metodologia da aposta que, para além do caminho traçado na busca de respostas para a tese, serviu de modelo experimental de análise transterritorial.

5.1. Por dentro da produção noticiosa: SIC, TVI, CMTV, Banda TV, Globo e Record

Informantes, palavras e deixas simbólicas: é a partir da observação participantes e de 37 entrevistas que faremos um diagnóstico das emissoras de língua portuguesa de Portugal. Com fim do monopólio televisivo em Portugal a entrada das emissoras privadas se deu a partir de uma nova legislação, em 1989, criando novos contornos para o desenvolvimento do *broadcast* português. Foi um momento também de empoderamento do telespectador, que passou a apropriar-se da TV e dos telejornais para questionar as instituições públicas.

Uma postura que permitia ao telespectador perceber este medium como um “novo poder” que, de certa maneira, modificava as formas anteriormente conhecidas de se reivindicar melhorias sociais. Mais do que isso, o telespectador sentia que ele mesmo adquiria “força”, um poder em expansão, alimentado pela televisão (TOURINHO, 2015, p. 70).

A SIC – Sociedade Independente de Televisão foi a primeira emissora privada a ocupar os ecrãs portugueses, em 1992. Lopes (2007) afirma que a primeira grela da SIC não alcançou sucesso de audiência frente à RTP, o que forçou a estratégia de adesão a popularização na programação, incluindo as transmissões exclusivas das novelas brasileiras da Rede Globo que, até então, eram exibidas na RTP. O resultado foi medido no audímetro durante o *prime time*. Em 2000 entrou para o universo do canal a cabo e em 2007 investiu no ambiente digital. Já em 2019, durante a coleta de informação para a construção desta tese, a emissora mudou de sede, deixando a freguesia de Carnaxide para instalar-se em Paço do Arcos, junto ao grupo Imprensa. Foi neste espaço que ocorreram as 4 das 6 entrevistas realizadas com jornalistas ligados à emissora, no dia 26 de fevereiro de 2019 (Figura 7).

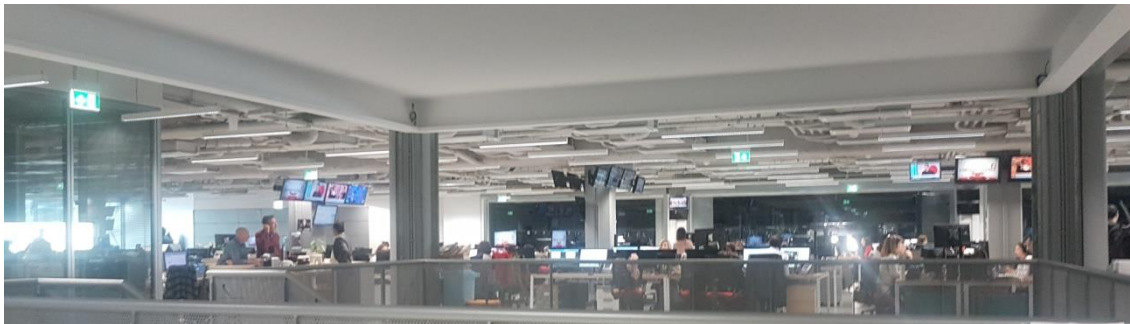


Figura 7: Nova sede da SIC em 2019.

Fonte: Registro da autora.

Durante a observação participante no local, foi percebido os modos de construção noticiosa do alinhamento (ver figuras 8, 9), as relações organizacionais da equipe desde a reunião de pauta (ver figura 10), os usos e apropriações dos recursos tecnológicos da emissora e o acompanhamento de um dos noticiários na *régie* (ver figura 11), “O Jornal da Noite”, com o pivô Rodrigo Carlos de Carvalho⁸³.

⁸³ Ver em: https://drive.google.com/file/d/1iQ_oDfn7D_gbvYUDId-LHIE1CnHrEL/view?usp=sharing, acesso em 20 de outubro de 2021.

Alinh. Primeiro Jornal [26/02/2019 13:00]																
Story Slug	Anr	CC	MOS	Status	Jornalistas	MOS Obj	Slug	Mistura	Audio	Origem	Text Ti	Object	Actual	Cume	Object Autocrea	Front
--- CENÁRIO PJ MAESTRO				XX			(PJ_FUNDO_					0:00	0:00	0:00		13:00:00
GEN INI PJ Bento Rodrigues				XX			PJ_gen_Bent	GEN		FS1	0:00	0:00	3:30	3:30		13:00:00
Neto de Moura Ullimas	B	F			Fernanda de O Ribeiro		Neto de			SONY	0:20	3:28	3:48	7:16		13:03:30
Violência doméstica vs Com Socia	B	FF			Liliana Carvalho		Violência			SONY	0:14	2:40	2:54	10:12		13:07:19
Sanções Juizes	B	F			Isabel Osorio		Sanções			SONY	0:12	1:02	1:14	11:27		13:10:13
--- PROMO 10 Carne sem aqualid	B	FF			Bento Rodrigues	---	PROMO 10	promo	OFF	MIX	0:00	0:12	0:12	11:39		13:11:28
Novas Buscas EP Paços Ferreira	B	F			Catarina Folhadela		Novas Buscas			SONY	0:11	1:25	1:36	13:16		13:11:40
Sofia Fava Operação Marquês	B	FF			Pedro M Costa		Sofia Fava	op marquês		SONY	0:23	2:01	2:24	15:40		13:13:17
--- DIR TCIC	B	FF			Diogo Torres		(FRASE_TOP	2 way		EXT	0:08	0:00	1:35	17:15		13:15:42
--- PROMO 10 Condenação Geor	B	FF				---	PROMO 10	promo	OFF	MIX	0:07	0:11	0:18	17:34		13:17:17
Desumanidade IPO Porto	B	F			Catarina Lazaro		Desumanidad	saúde		SONY	0:13	2:00	2:13	19:48		13:17:36
Carne sem Qualidade	B	F			Ana Leite		Carne sem			SONY	0:09	2:04	2:13	22:01		13:19:50
--- ULTIMA HORA				XX			(ULTHORA_F			MAES	0:00	0:00	0:00	22:02		13:22:03
Negociações Professores PJ				F	Elsa Goncalves		Negociações	fenprof		SONY	0:12	2:28	2:40	24:42		13:22:04
Greve Nelson Mateus	B	FF			Nelson Mateus		Greve			SONY	0:10	1:40	1:50	26:33		13:24:44
Greve Magistrados MP Porto	B	F			Marcia Torres		Greve			SONY	0:08	1:54	2:02	28:35		13:26:35
--- PROMO 10 Benfica	B	FF				---	PROMO 10	promo	OFF	MIX	0:06	0:12	0:18	28:54		13:28:38
Condenação George Pell	B	FF			Teresa C Noronha		Condenação	vaticano		SONY	0:17	2:42	2:59	31:53		13:28:56
Brexit PJ 1	B	FF			Joao Assuncao		Brexit PJ 1	uk		SONY	0:17	2:30	2:47	34:40		13:31:55
--- Corfina Direto				XX				corfina direto		MIX	0:00	0:00	0:03	34:43		13:34:42
--- DIR Londres (Live U Londres)	B	FF			Emanuel Nunes		(PJ-	2 way		EXT	0:08	0:00	1:30	36:13		13:34:45
--- Imagens UK				XX			-- Imagens UK	pintar		SONY	0:00	2:19	0:00	36:13		13:36:15
Venezuela Manhã	B	FF			Teresa Camarao		Venezuela	venezuela		SONY	0:21	3:21	3:42	39:55		13:36:15
Chegadas Vietnam Peça	B	F			Marta Sobral		Chegadas	.vidi		SONY	0:23	0:56	1:19	41:15		13:39:57
--- Imagens Kim vidi				XX		---	imagens	pintar vidi		SONY	0:00	0:38	0:00	41:15		13:41:17
--- PROMO 10 Calor e Primavera	B	F				---	PROMO 10	promo	OFF	MIX	0:05	0:11	0:16	41:32		13:41:17
Resumo Benfica - Chaves	B	F			Vitor Lopes		Resumo	.vidi		SONY	0:06	2:18	2:24	43:56		13:41:34
Reax Benfica - Chaves	B	F			Vitor Lopes		Reax Benfica	.vidi		SONY	0:09	1:00	1:09	45:06		13:43:58
Resumo Marítimo - Sporting	B	F			Vitor Lopes		Resumo	.vidi		SONY	0:07	1:31	1:38	46:44		13:45:08
Reax Marítimo - Sporting	B	F			Tiago Cortez		Reax	.vidi		SONY	0:07	1:14	1:21	48:05		13:46:46
Antevisão FC Porto-Braga	B	F			Miguel Torrao		Antevisão FC	.vidi		SONY	0:08	1:33	1:41	49:46		13:48:07
--- PROMO Obrigada a Trabalhar	B	F				---	PROMO	promo	OFF	MIX	0:05	0:12	0:17	50:03		13:49:48
Intervalo											0:00		10:29	1:00:32		13:50:05

Figura 8: Parte 1 do alinhamento do Primeiro Jornal, da SIC.

Fonte: material cedido pela SIC.

Intervalo											0:00		10:29	1:00:32		13:50:05
Obrigada a Trabalhar	B	F			Susana Bastos		Obrigada a			SONY	0:14	3:17	3:31	1:04:03		14:00:34
GNR Feridos Mourão	B	F			Bruno Ferreira		GNR Feridos	.Incêndio		SONY	0:13	2:51	3:04	1:07:08		14:04:05
Dinheiros Bombeiros Aveiro	B	F			Paulo Ravara		Dinheiros	bombeiros		SONY	0:14	1:24	1:38	1:08:46		14:07:09
Camas Estudantes	B	F			Andre Palma		Camas	educação		SONY	0:13	2:01	2:14	1:11:01		14:08:47
Estudo Turismo Lisboa JN 2	B	F			Vicente Lourenço		Estudo			SONY	0:10	1:13	1:23	1:12:24		14:11:01
Fake News Estudo PEÇA	B	F			Diogo Martins		Fake News			SONY	0:11	1:17	1:28	1:13:53		14:12:25
Peça Promo Glifosatos	B	F			Carla Castelo		Peça Promo			SONY	0:18	1:57	2:15	1:16:09		14:13:54
Calor semana	B	F			Sofia Martins		Calor semana			SONY	0:06	1:16	1:22	1:17:31		14:16:10
Primavera Bragança 1	B	F			Joao Faloies		Primavera	.vidi		SONY	0:07	2:21	2:28	1:20:00		14:17:32
Primavera Covilhã	B	F			Patricia Figueiredo		Primavera	.vidi		SONY	0:08	2:08	2:16	1:22:16		14:20:01
Primavera Alentejo	B	F			Hugo Alcantara		Primavera	.vidi		SONY	0:10	2:14	2:24	1:24:40		14:22:17
---METEO				XX			(PJ-		MUS	MAES	0:00	0:00	0:50	1:25:30		14:24:41
--- Saída sem Cartoes	B	XX									0:03		0:20	1:25:50		14:25:31

Figura 9: Parte 2 do alinhamento do Primeiro Jornal, da SIC.

Fonte: material cedido pela SIC.

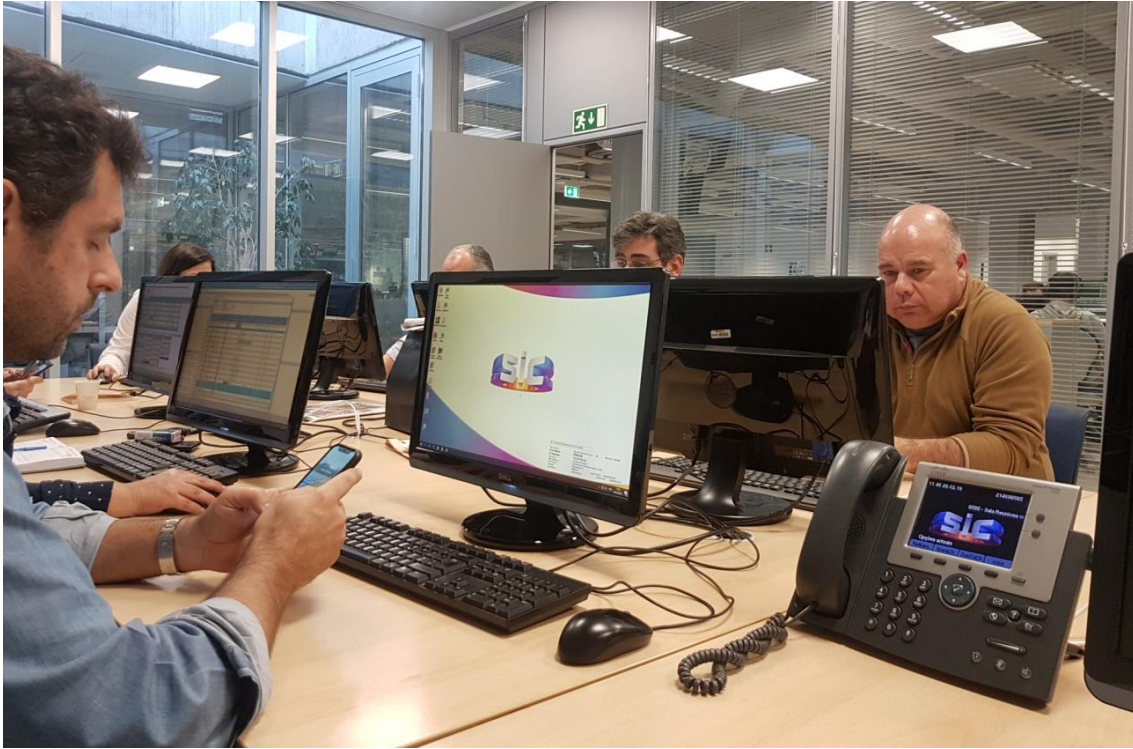


Figura 10: Reunião de pauta na SIC.

Fonte: Elaboração da autora.



Figura 11: Acompanhamento de noticiário Jornal da Tarde na régie.

Fonte: registro da autora.

A primeira emissora privada no país mantém uma redação integrada com as equipas de TV e o Digital, inclusive no processo de apuração jornalística. O pivô Bento Rodrigues destaca que as redes sociais digitais obrigaram aos jornalistas a ficarem mais rigorosos.

(...) ir ainda mais fundo na notícia, a ter ainda mais certeza e mais segurança no seu trabalho, porque esse feedback é imediato, por ser imediato, muitas vezes temos o público a cobrar imediatamente uma informação que não é boa, que não é completamente assertiva. Não quer dizer que tenha sido fabricada de uma forma errada, deliberadamente errada, não é isso, mas às vezes a pressa leva que as coisas sejam feitas com menos rigor. Isso é completamente indesejável, e o fato de se sentir essa pressão muito mais, por exemplo, do público, acho que tende a nos levar a sermos ainda mais exigentes conosco próprios, porque a intenção é servir o melhor possível a quem consome a informação (RODRIGUES, 2019)⁸⁴.

A percepção a partir das entrevistas e da observação participante denota que o cotidiano da redação da SIC, de um modo geral, é muito semelhante às emissoras brasileiras. A figura do coordenador que coloca o noticiário no ar orientando os repórteres, as discussões sobre angulação das peças, a vigilância nas emissoras concorrentes. A diferença no processo noticioso fica por conta das peças que não priorizam o aparecimento do repórter, por exemplo. Já no Brasil, nota-se um excesso da passagem nas reportagens. A notícia como valor (BREED, 1993) também é uma marca que diferencia os dois países, considerando a cultura e o índice de alfabetização das duas nações.

O diretor de informação Ricardo Costa enxerga que a cobrança aumentou muito de dez para cá e afirma que “nunca no mundo as pessoas leram tantas notícias como hoje e nunca viram tanto vídeo como hoje” (COSTA, 2019)⁸⁵. Curiosamente, a emissora de 170 integrantes que utiliza as tecnologias em busca de possibilidades convergentes, também matem o hábito de receber e responder cartas, conforme afirma o editor André Antunes:

Há pessoas para quem a televisão é uma companhia ainda, pessoas que se sentem sozinhas, pessoas que vivem ainda fascinadas com a questão da televisão, não é? Há as que escrevem

⁸⁴ Entrevista concedida à autora.

⁸⁵ Entrevista concedida à autora.

para cá a criticar ou a dizer ou a sugerir, eu faço questão de responder a todas (ANTUNES, 2019).

Notadamente, a SIC está transitando entre a NeoTV (ECO, 1986) e a HiperTV (SCOLARI,2008), ainda com marcas do passado que coabitam no presente. André Antunes, ao fazer uma projeção da TV em 2029, pontua.

Da nossa parte, acho que vamos tentar fazer tudo por tudo para que a televisão continue a ser um meio competitivo e interessante para as pessoas. Agora, depois há um outro problema que é, nós vemos que as pessoas mais novas estão mais desligadas da televisão, se calhar a televisão não os interessa, estão todos com o pescoço pendurado para baixo, agarradas ao telefone. E as pessoas mais velhas, que são quem vê televisão, vão... vão morrendo (idem).

Nesse sentido, Canavilhas pontua: “se o jornalismo não quer perder as novas gerações só tem uma saída: levar a informação até aos suportes de comunicação mais usados por essas gerações” (CANAVILHAS, 2011, p.18). O pivô Bento Rodrigues admite a preocupação com a crise no jornalismo pela necessidade de novos modelos de negócio, mas aposta em antigas expertises conjugadas com mais rigor e critério na informação, demonstrando crença no futuro da TV, focando no conteúdo.

(...) ainda mais controle sobre a produção da notícia, a confirmação da notícia, o relacionamento com as fontes, e uma coisa essencial, que é justamente a questão das fontes, decifrar as fontes de informação, é, avaliar cada vez melhor as fontes de informação, ser mais exigente ainda com as fontes de informação, que é uma coisa que as pessoas deixaram de ser, e daí a questão das *fake news*, as pessoas hoje consomem notícias no Facebook, e independentemente da fonte, sem sequer perceberem se é boa ou má informação, desde que está no Facebook é boa, e replicam e compartilham e amplificam a informação de uma forma... de uma forma que é altamente perigosa e é difícil combater por um jornalista (BENTO, 2019)⁸⁶.

A segunda emissora privada do país foi a TVI, entrou no ar em 1993. A TVI – Televisões Independentes inaugurou o primeiro telejornal, “O Informação 4” posteriormente passou por diversas mudanças de nome até chegar ao atual, “Jornal das 8”. A emissora enfrentou uma crise financeira até alcançar o interesse do público.

⁸⁶ Entrevista concedida à autora.

Situação que ocorreu a partir de 1998 com a troca de comando da emissora, que saiu das mãos da Igreja Católica para o grupo Media Capital. Os efeitos da mudança administrativa começaram a ser percebidos com maior intensidade a partir do ano 2000 quando a prioridade passou a ser a produção de ficção nacional (novelas e séries), *talk shows* e *reality shows* (TOURINHO, 2015, p. 256).

A compra de formatos para angariar audiência não só alavancou o audímetro, superando a SIC, como também levou a mudança de slogan de “uma televisão feita por si” para “juntos, criamos a sua televisão”, estratégia que dura até hoje. Para além do canal principal, a emissora tem ainda outras quatro frentes (TVI24, a TVI Ficção, a TVI Reality e a TVI Internacional), além do TVI Online, desde 2000, e da plataforma TV Player, em 2015. A transmissão regular em HD teve início em 2019, no mesmo ano da realização da observação participante, no dia 08 de março. Na TVI foram feitas seis entrevistas com jornalistas atuantes no canal, entre diretores e atuais coordenadores.

A exemplo da metodologia aplicada na SIC, também houve acompanhamento da construção do telejornal desde a participação na reunião de pauta (ver figura 11), passando pela cadeia noticiosa na rotina produtiva até a exibição do noticiário “Jornal da Uma”, com Ana Sofia Cardoso (ver figura 12).

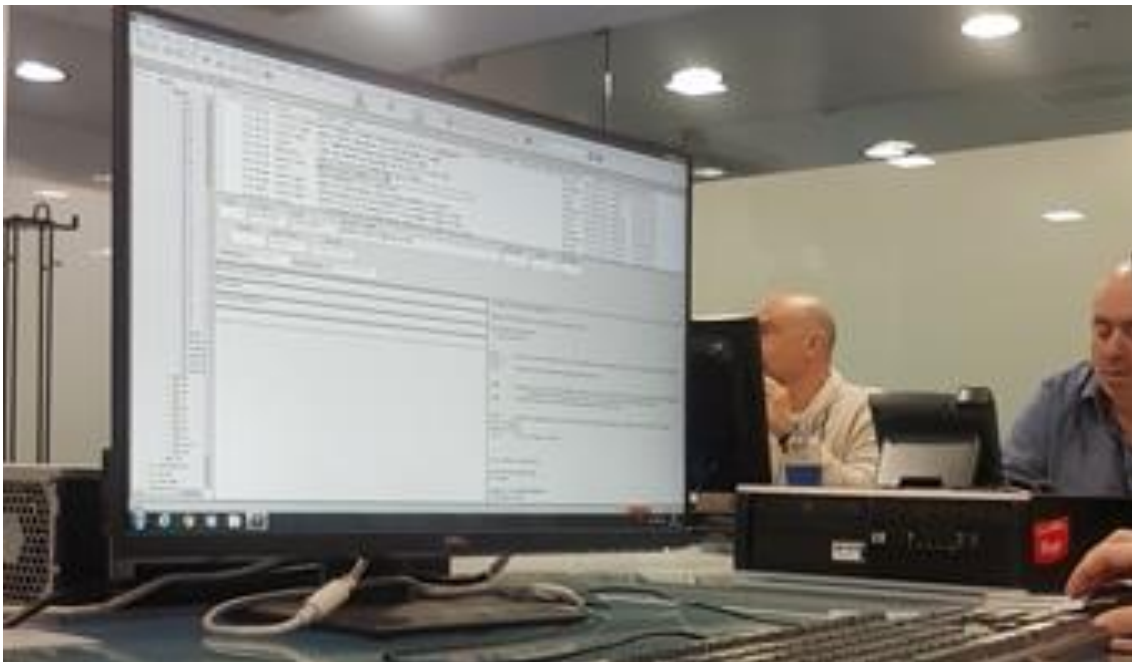


Figura 12: Reunião de pauta TVI.

Fonte: registro da autora.



Figura 13: Exibição do Jornal da Uma, na régie.

Fonte: registro própria.

As percepções dão conta de uma maior integração em ambiente da TV e Digital em relação à SIC. Há notadamente um abastecimento contínuo de apuração entre os dois pólos. Diante de uma equipe de 200 pessoas, os cargos de chefia estão voltados, em sua maioria, para homens e jornalistas mais experientes. Existe uma vigilância constante com a concorrência (especialmente com a SIC) e tensionamento natural com o *deadline*, o alinhamento segue a lógica de reportagens factuais mais curtas e com pouca inclusão de passagens, reportagens especiais e em edição mais bem acabada. José Carlos Araújo, coordenador geral da emissora, confirma: “um melhor tratamento em termos de investigação, de edição de imagem, de grafismo” (ARAÚJO, 2019)⁸⁷.

Sergio Figueiredo, diretor de informação da TVI, mostra-se otimista diante do futuro de uma nova televisão com sentidos expandidos e aposta na crença/credibilidade.

A valorização do jornalismo é... é dizer que, é, nisso vocês podem confiar, porque no dia em que perderem a confiança na TV,

⁸⁷ Entrevista concedida à autora.

deixam de vir à TV, que é nossa morte, não é? Tanto o nosso negócio depende única e exclusivamente da credibilidade. Portanto, as pessoas no limite, quando vêem o mesmo vídeo debaixo da marca TVI ou à solta no Facebook, tenderão a dizer, não, se está aqui na TVI, é porque isto...eu posso confiar nisto, não é? E a gente não pode vacilar nesse aspecto. Porque senão, se formos iguais a todo o resto, né, não adianta ter aí duzentos jornalistas aqui e pivôs com credibilidade e notoriedade porque aí desaparece o nosso papel, não é? (FIGUEIREDO, 2019)⁸⁸.

A aposta no entretenimento e personalidades também apareceu como estratégia de manter a atenção dos telespectadores no ecossistema midiático. A diretora digital Paula Oliveira referiu-se à apresentadora Cristina Ferreira, que, à época, tinha um programa próprio representado pela concorrente SIC.

É um desafio grande. Acho que estará mais em personalidades do que alguma vez esteve até agora, porque provavelmente como nós vimos agora com esta passagem da Cristina Ferreira pra SIC, as pessoas, querem ver essa figura todos os dias em direto, não é? (OLIVEIRA, 2019)⁸⁹.

“O Programa da Cristina” foi um programa de auditório com estreia em 2019 e que alcançou rapidamente uma resposta na audiência. Atualmente, a apresentadora e empresária Cristina Ferreira é uma das acionistas do Grupo Media Capital, responsável pela TVI. Durante o estágio doutoral que viabilizou a construção desta tese, “O Programa da Cristina” também estava na mira da investigação científica (ver figura 13). Inclusive, foi feita uma visita aos estúdios e uma entrevista com a coordenadora da Cristina Ferreira. Entretanto, preferimos deixar fora da análise empreendida aqui e utilizarmos para trabalhos futuros

⁸⁸ Entrevista concedida à autora.

⁸⁹ Entrevista concedida à autora.

Alinhamento_PGM0031_18_02_2019 - Copy

VT / ORÁCULOS / GRAFISMO		MÚSICA / AUDIO	SET	OBSERVAÇÕES / GUIÃO	TEMPO PARCIAL	TEMPO TOTAL
PGM 0031 - 18/02/2019 (segunda-feira)						
PASSATEMPO "CASA FELIZ" 2.500 euros - 761 100 300						
JACKPOT - 22.750 euros						
1ª PARTE						
GENÉRICO DE ABERTURA					00:00:11	10:11:11
2	CF + CONVERSA COM FLÁVIO CALDEIRA	VT	ESCRITÓRIO	<p>No MULTIUSOS 2 já estão: - FLÁVIO CALDEIRA (barbeiro) - THIAGO COSTA - <u>sentado em banco alto</u> - KAYO NEVES - <u>sentado em banco alto</u></p> <p>CF conversa com FLÁVIO e fazem aplicação de próteses capilares a THIAGO e KAYO</p> <p><u>HÁ FOTOS PARA PINTAR</u></p> <p><u>FOTO DO ANTES EM TWO-WAY (R. Valido)</u></p> <p>ADEREÇOS: 2 Bancos altos + espelho + secador</p>	00:10:00	10:21:11

Figura 14: Alinhamento do “O Programa da Cristina”, na SIC.

Fonte: Cedido pelo “O Programa da Cristina”, SIC.

Já durante a permanência na CMTV, Correio da Manhã TV, no dia 11 de março de 2019, foi percebida uma forma de organização voltada para a integralização de um espaço físico e de áreas, produzidas em um local formado por várias secções especializadas em diferentes áreas onde chegam e são distribuídas as notícias por diferentes plataformas. A única entrevista autorizada foi a do diretor adjunto Paulo Santos (ver figura 14) que apontou a aposta de contratação dos nativos digitais.

Naturalmente que a primeira grande aposta foi nos jovens porque é... aqueles mais velhos não estavam em rendimento, ou vocacionados para aprender, a fazer a montagem de programas, eram linguagens completamente estranhas, muitos jovens já tinha feito até como... de uma forma amadora, alguma coisa, alguma coisa meio assim, seria muito mais fácil eles aprenderem (SANTOS, 2019)⁹⁰.

⁹⁰ Entrevista concedida à autora.



Figura 15: Registro da entrada da CMTV com o diretor adjunto Paulo Santos.

Fonte: registro da autora.

O canal assemelha-se ao ponto já discutido aqui de convergência empresarial, conforme também está ocorrendo em emissoras brasileiras como a CNN e BandNews, em que jornalistas desenvolvem e acumulam cargos e funções, indicando o perfil dos jornalistas polivalente ou multitarefa, conforme Salaverría (2014). Outro ponto que chama atenção na entrevista e dialoga com os cargos em uma redação de TV é tendência em directos e o desaparecimento dos cinegrafistas.

Em direto. Em direto e com um realismo. Como aliás o cinema, é, que era de planos muito fechados, e parados, e a partir de uma determinada altura as máquinas começaram a movimentar. Aqui também vai ser um pouco isso. As máquinas de filmar vão se movimentar um pouquinho mais. Tenho a ideia que os câmeras irão desaparecer. O próprio jornalista fará esse tipo de trabalho, levará câmeras que fazem esse tipo de trabalho (idem).

Percebemos que a lógica é semelhante ao canal da CNN Brasil, conforme artigo “Telejornalismo na quarentena: a estreia da CNN Brasil na pandemia de Covid-19”⁹¹, que visa cumprir a tendência de espalhabilidade (JENKINS; GREEN; FORD, 2014) com os videorepórteres, profissionais responsáveis por dar a notícia ao vivo de um determinado lugar onde tenha ocorrido algum acontecimento, contando com um celular e um tripé, sendo responsável pelo enquadramento, pelo

⁹¹ Ver em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/14647>, acesso em 20 de outubro de 2021.

texto e por toda a dinâmica de um ao vivo como um “sujeito falante” (MACHADO, 2000) com novas responsabilidades.

A Banda TV, apesar de não ser uma emissora especificamente de TV, torna-se valorosa para a tese, pois mantém o que podemos chamar de noticiário de resistência dentro de uma rede de entretenimento, acionando memórias e *expertises* do passado para manter vivo um presente de incertezas. No dia 23 de janeiro de 2019⁹², foram feitas três entrevistas durante a observação do acompanhamento da produção do telejornal “Informação” (ver figura 15). O pivô José Musualli acumula a experiência como jornalista adquirida desde 1980 para manter um pequeno noticiário dentro da Banda TV. Ele foi o primeiro apresentador negro a assumir uma bancada.

Até que eles, 3, 2, 1, ‘tás no ar’. Olá, sejam bem-vindos ao jornal na TVI, eu sou José Mussualli, pápápápá, e a partir daí, é, rolou. Estive em rede nacional, fui o primeiro negro a apresentar notícias em Portugal. Tive três anos a apresentar, apresentava algumas semanas, apresentava o fim de semana, outras semanas apresentava durante a semana, Jornal da uma, Jornal das vinte, mas pronto. E fui o... e foi assim (MUSSUAILI, 2019)⁹³.



Figura 16: Redação da Banda TV durante elaboração do noticiário “Informação”.

Fonte: registro da autora.

A ida na sede da Rede Globo em Portugal foi realizada em 29 de janeiro de 2019, a entrevista foi com o corresponde da Europa, Leonardo Monteiro (ver figura 16). O jornalista apontou similitudes e diferenças entre os valores-notícia de Portugal e Brasil.

⁹² A data marcou um dia “quente” na pequena redação com a notícia de que Juan Guaidó havia autodeclarado presidente da Venezuela, o que causou obrigatoriamente um reordenamento no alinhamento.

⁹³ Entrevista concedida à autora.

A minha grande comparação do jornalismo brasileiro com o jornalismo português obviamente é por causa do tamanho dos tamanhos dos países e por ser um país muito mais calmo etc, eu acho que o jornalismo português, ele é um jornalismo de agenda, então é tudo muito marcado, é, presidente (MONTEIRO, 2019)⁹⁴.



Figura 17: Sede da Rede Globo em Portugal com o correspondente da Eupora, Leonardo Monteiro.

Fonte: registro da autora.

E dentro da previsibilidade dos acontecimentos no âmbito português, o jornalista também destacou como uma das diferenças visuais, por exemplo, a ausência da imagem do repórter nas peças, sendo mais direcionadas para os directos: “na televisão portuguesa não há passagem. São raras as passagens” (idem). Além de destacar os processos do chamado jornalismo colaborativo.

Existe um programa chamado Opinião Pública na SIC até hoje em que a única forma de você falar com o programa é ligando pra dois telefones fixos, você entra pra dar uma opinião, só que o povo português é mais polido e menos corajoso do que no Brasil (idem).

Já a ida à Record Europa ocorreu no dia 25 de janeiro de 2019. A emissora funciona como uma distribuidora de conteúdos, aposta na produção de estúdios e

⁹⁴ Entrevista concedida à autora.

tecnologias. A parte de informação fica a cargo da correspondente Ana Paula Gomes que, igualmente ao correspondente da Rede Globo, destacou a percepção dela nas diferenças entre Brasil e Portugal⁹⁵.

Até pouco tempo Portugal tinha apenas a TV pública, né, do governo, então não, não, não tinha essa... essa variedade que o Brasil tem, né? Realmente a profissão é bastante diferente e a gente até... é, sente dificuldade, muitas vezes, em ver um jornal daqui porque é totalmente diferente. Primeiro pela linguagem, é, não é tão direta. Acho que no Brasil a gente tem essa linguagem mais direta pra tentar chegar em todo mundo, aqui às vezes eu acho que é um pouco... rebuscado demais em algumas TVs. Uma outra coisa que se vê todo dia a televisão aqui, até jornal, eles, é, vou dar um exemplo: nevou na Serra da Estrela, né? (...) Eles usam a neve do ano passado, a neve que eles tiverem, entendeu? Então, isso no Brasil, a gente tem muita preocupação em buscar a imagem do dia (GOMES, 2019).

A chegada dos canais privados em Portugal na década de 90 prometia a possibilidade de mais escolhas, maior facilidade em busca de uma TV mais plural. Os desafios ainda permanecem com a multiplicidade dos ecrãs na era da “telesfera”, em que a TV ganha um sentido expandido, uma nova vida. Um ponto que fica bastante visível nas entrevistas dos canais privados é a preocupação de inovação para atrair os nativos digitais, que não assistem mais a TV de outrora. Entre tentativas, erros e acertos, os canais tentam buscar soluções que aproximem o ecrã da TV aos outros “ecrãs flutuantes”, assumindo que o consumo audiovisual permanece sendo determinante para a comunidade como um modelo organizativo de segurança e credibilidade no jornalismo para e em telas (EMERIM, 2017).

5.2. A RTP – O Telejornal

De novo, peço licença para falar em primeira pessoa, como anunciado anteriormente, inspirada no método da autoetnografia (ELLIS; BOCHNER, 2000). Esta tese envolve riscos, paixões e apostas. Não à toa a escolha e conjugação da metodologia da AMA – Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016), que permite a construção de eixos de análises de acordo com a busca pela investigação que, por sua vez, serviu de inspiração para a sugestão da “metodologia

⁹⁵ A entrevista com a correspondente da Europa Ana Paula Gomes precisou ser realizada por meio de gravações de áudio por conta de choque nos horários, embora, já houvesse tido um primeiro contato com percepções iniciais.

da aposta”, ao lançar-me como membro da comunidade interpretativa transterritorial nas rotinas produtivas da RTP.

O caminho percorrido até aqui exigiu coragem e crença na profissão, desde o movimento de continuar a pesquisa sobre *newsmaking* iniciada no mestrado, passando pelo aceite do projeto de pesquisa na UBI, até a consolidação dos contatos e autorização de acesso para cumprir o estágio doutoral na RTP.

Após um primeiro contato com a Natalia Oliveira, diretora de informação e minha tutora na emissora, a incerteza me rondava pela expectativa dos resultados que eu iria encontrar. E foi após receber o e-mail de confirmação da minha permanência no canal que experimentei o sentimento de pertença à comunidade interpretativa da RTP no dia 04 de fevereiro de 2019.

Ainda na fase de reconhecimento, tomei posse do crachá que iria me acompanhar durante os próximos dias: era o passaporte para o acesso à emissora pública de Portugal, que durou de 04 a 20 de fevereiro. Após a primeira conversa com a minha tutora, fiz um passeio pela emissora, que seria o meu ambiente profissional pelos próximos dias, de domingo a domingo⁹⁶.

Aciono até hoje as imagens da redação da emissora. A RTP é dividida em dois setores. No “pisso 1” está concentrada a equipe de informação composta por produtores, repórteres, repórteres de imagem, pesquisadores e coordenadores. Todos são separados por baias e respectivas editorias como: desporto, cultura, documentário e RTP África. Dentro desse escopo são feitas “matérias do dia” e os chamados “não diários”. É nessa redação que o conteúdo noticioso é disponibilizado 100% online, logo após a exibição na TV.

Embora Alexandre Britto, diretor de informação responsável pela área digital, reforce que apesar de ocupações separadas, é preciso pensar na TV da RTP como uma coisa só, um canal de informação que se apresenta em múltiplas plataformas.

A tendência é que haja essa, essa partilha de informação. É, o que acontece é, muito do que nós dizemos e que eu tenho dito e que eu tenho passado é que nós não somos uma coisa à parte da RTP. É, ou seja, nós somos a informação da RTP, independentemente do meio. É, não é fácil esse processo porque tamos a falar duma coisa muito recente, é, numa empresa que tem uma tradição enorme de televisão e, portanto, temos aqui um núcleo novo e diferente do que é colocado cá adentro. Mas a ideia é sempre nós

⁹⁶ Os telejornais em Portugal são exibidos aos domingos, diferentemente do Brasil.

somos a RTP, não somos o digital da RTP, portanto há muito essa partilha de informação, dos dois sentidos (BRITTO, 2019)⁹⁷.

De volta ao reconhecimento do lugar, noto que no “piso -1” fica a essência do jornalismo. É a redação mais efervescente e mais recente também (ver figura 17). Cerca de 40 jornalistas e colaboradores da área técnica se revezam e ocupam os lugares em frente aos ecrãs a cumprirem com o *deadline*. São divididos por baias e também por editorias: sociedade, política, economia, desporto e internacional. Nesse mesmo espaço existe a integração dos estúdios e das régies⁹⁸. Os dois pivôs⁹⁹ se dividem na apresentação do Telejornal de domingo a domingo: João Adelino Faria e José Rodrigues, famoso pela sua piscadela. O tempo de produção do TJ é de 60 minutos, ele é dividido em 2 partes e exhibe cerca de 40 peças por edição, considerando o direto, notas, entrevistas em estúdio.



Figura 18: Parte da redação da RTP.

Fonte: registro da autora.

⁹⁷ Entrevista concedida à autora.

⁹⁸ O mesmo que *switcher*.

⁹⁹ O mesmo que apresentadores.

Depois do mapeamento do ambiente, precisei ganhar a confiança da comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000), a partir de uma interlocução afetiva como dispositivo para driblar os olhares curiosos que demonstravam nítido incômodo por parte da comunidade em “estar sendo monitorada”. O meu caderno de campo e o meu laptop foram companheiros inseparáveis e são consultados até hoje para rememorar cada instante vivido. A partir da etnografia e da colaboração do “ponto de vista dos nativos” (GEERTZ, 1989), pude, pouco a pouco, perceber os modos de produção noticiosa da RTP.

Foram feitos visionamentos de peças do Telejornal em épocas distintas (3 edições do ano de 2009 e 3 edições do ano de 2019) para compreender possíveis alterações na linguagem produzida para o noticiário; acompanhei as equipes de reportagens em campo, tendo contato mais direto para além da redação (ver figuras 18, 19 e 20).



Figura 19: Acompanhamento de equipa de externa.

Fonte: registro da autora.



Figura 20: Acompanhamento de equipa de externa.

Fonte: registro da autora.



Figura 21: Acompanhamento de equipa de externa.

Fonte: registro da autora.

Além disso, participei da elaboração e reunião de pautas; fiz parte do processo de edição das peças (ver figura 21); permanecendo na *régie* por mais de dez edições ao lado do coordenador que coloca o telejornal no ar (ver figura 22), comparando o que era destaque noticioso, tanto na grela¹⁰⁰ dos noticiários quanto no ambiente Web e fiz 17 entrevistas semiestruturadas.



Figura 22: Acompanhamento de equipa de externa.

Fonte: registro da autora.

¹⁰⁰ O mesmo que espelho no ambiente televisivo. É um panorama de todas as notícias que vão ao ar e com as informações correspondentes.



Figura 23: Acompanhamento na régie.

Fonte: registro da autora.

Todo esse movimento da observação participante fez-me sentir parte integrante daquela grande equipe de sujeitos falantes (MACHADO, 2000), confirmando aqui a hipótese de comunidade interpretativa transterritorial.

Durante o tempo de permanência na emissora ao lado da equipa¹⁰¹ de fechamento do Telejornal (coordenadores e apresentadores), foi possível compreender alguns aspectos sobre a produção da notícia. A autorreferência e as “promos” das peças, por exemplo, ganham espaço no noticiário para prender a atenção dos telespectadores. O Telejornal, principal noticiário da emissora, sofreu

¹⁰¹ O mesmo que equipe.

adaptações tecnológicas e estéticas ao longo do tempo, como o uso constante de grafismos nas peças e nos estúdios, determinantes para a produção de sentido audiovisual.

O Telejornal é definido após uma reunião diária ao meio dia. Odília Godinho é uma das coordenadoras do Telejornal, está a frente do noticiário desde 2013 e destaca a presença dos “tecnoatores” (CANAVILHAS *et al.*, 2016).

Eu faço uma reunião no almoço, especificamente sobre o telejornal só com a a realizadora, grafismo, assistente de informação e produção (...) Pois, porque nessa reunião está sempre a ilha do grafismo que é quem faz os palcos, nós chamamos os palcos; o video áudio e logo ali fica definido o que, sobre o que é cada peça, que imagens é que podemos ir buscar ara vídeo áudio, os palcos, sobre o que vai ser... Às vezes pode ser uma coisa mais trabalhada, não é? E eles ficam mais sensibilizados para isso, logo ali (GODINHO, 2019)¹⁰².

A partir disso, os coordenadores fazem o alinhamento e vão repassando aos editores os comandos para os repórteres que já estão na rua. Os pivôs chegam por volta das 17h, fazem as modificações no alinhamento e checam a audiência do dia anterior¹⁰³. Também são eles que modificam as cabeças (também chamadas de pivô) e fazem os ajustes textuais. Do ponto de vista organizacional, a redação da RTP segue um padrão semelhante ao ritmo das redações do Brasil, com os diretores de informação a todo instante na redação e de olho no resultado de cada edição. Às 19 horas, o Telejornal entra no ar com atenção na concorrência. A equipa do TJ também faz apostas na audiência e utiliza estratégias para tentar diminuir a atenção dos canais privados. Nem todas as peças apresentam a existência do elemento passagem (ou seja, o repórter não costuma “dar corpo”¹⁰⁴ ao produto exibido). A aparição do repórter se justifica muito mais nas peças dos correspondentes internacionais. Os pivôs utilizam muito os grandes ecrãs com grafismo para explicação das notícias.

Durante a exibição do Telejornal os coordenadores ficam em busca de notícia de última hora por meio de veículos online, como sites da RTP e

¹⁰² Entrevista concedida à autora.

¹⁰³ Diferente do Brasil que atualiza o Ibope minuto a minuto, a mediação da audiência em Portugal é disponibilizada apenas no dia seguinte.

¹⁰⁴ Essa expressão “dar o corpo”, o equivalente ao elemento passagem nas reportagens do Brasil, apareceu durante as entrevistas. Apesar de compreender que as peças são constituídas de um corpo, não descartamos a possibilidade de uma denotação construída de forma preconceituosa na abordagem de uma brasileira sobre as peças.

concorrência. Pela própria estrutura orgânica de editorias (bem diferente do Brasil), não existe um setor próprio de apuração jornalística. Se no Brasil a notícia passa por apuração, produção, reportagem, edição e apresentação, basicamente, na RTP, existe uma divisão de editorias com um editor responsável que tem a função de cobrar o *deadline* e marcar a saída da equipe de reportagem. Por sua vez, o repórter cuida da sua matéria, inclusive, com marcação de fontes etc. Quase não foi verificado o de materiais advindas das redes sociais como imagens amadoras ou de videovigilância (muito por conta da lei de proteção de dados de Portugal), conforme reforça o pivô José Rodrigues dos Santos.

(...) há muitas limitações, e por causa das questões de privacidade, segundo existe também uma cultura em Portugal que é muito mais conservadora. Por exemplo, no Brasil, é normal uma pessoa estar na cadeia entrevista atrás das grades, em Portugal isso é inaceitável. Da maneira que aliás aconteceu um caso de, de um crime qualquer no Brasil envolvendo um português, então foi-se ver, mostrou-se a reportagem, mostrou-se as pessoas lá, e aqui foi, ficou toda, toda a gente chocada, advogados, políticos e não sei que, não se pode, pra defender tem que ser, então é uma cultura diferente, não é? E, portanto, o acesso a determinadas imagens é mais agressivo no Brasil (SANTOS, 2019)¹⁰⁵.

De um modo geral, os valores-notícia escolhidos permanecem o de interesse público, voltados mais para temas sobre saúde, educação, segurança e internacional. Embora boa parte da equipa de produção do Telejornal seja composta por pessoas mais antigas da redação, pude entrevistar repórteres novatos e comprovar a contratação de pessoas mais jovens que dominam a tecnologia, muitos são nativos digitais. Dessa forma, existe uma hibridização das equipes também na redação da RTP. Assim, percebi marcas da NeoTV, como o recebimento de cartas endereçadas aos pivôs: “temos ainda uma audiência com muita gente antiga, porque foi o primeiro telejornal de sempre em Portugal, há muita gente que está aqui por tradição e eu fico muito contente” (FARIA, 2019)¹⁰⁶ que ainda caminha a passos curtos para o que pontuamos aqui como hipertelevisão (SCOLARI, 2014). Sobre o futuro da TV, o diretor de informação digital Alexandre Britto aposta na coexistência midiática.

¹⁰⁵ Entrevista concedida à autora.

¹⁰⁶ Entrevista concedida à autora.

A forma tradicional de fazer televisão vai se manter, tem que se manter, porque há momentos em que nós precisamos de se fazer as coisas com mais calma e a televisão tradicional, é isso, o telejornal das oito, deve ser esse momento de fazer as coisas com mais calma, é, ao mesmo tempo temos que ser, é, muito rápidos a dar informação nos outros meios, nos canais de informação (BRITTO, 2019).¹⁰⁷

5.2.1. #10yearschallenge (2009 – 2019)

O Telejornal está no ar desde 1959, é o mais antigo programa de televisão de Portugal e inspirou o modelo dos operadores privados do país. Para ganhar a atenção dos meus informantes realizei a análise televisual de seis edições do Telejornal (3 em 2009 e 3 em 2019). O método da AMA – Análise da Materialidade Audiovisual, baseado na combinação “texto + som + imagem + tempo + edição” (COUTINHO, 2016), permitiu o reconhecimento na combinação de produção de sentido por três vias que forneceram pistas sobre: a) narratividade; b) visualidade; e c) edição.

O visionamento das peças permitiu uma aproximação maior com os entrevistados para dialogar sobre a emissora, ganhando a confiança dos informantes ao analisar dois períodos da história da emissora traçando as principais diferenças televisuais, conforme disposto no quadro a seguir.

Tabela 1 – Análise da Materialidade

Eixos	edições 2009	edições 2019
narratividade	Interpretação dos pivôs nas bancadas (José Alberto Carvalho).	Pivô mais livre sem a bancada. Mais entradas em directo.
visualidade	Apresentação mais estática centrada no pivô. Câmera focalizando o pivô fechado. Predomínio de cores quentes na vinheta (vermelho, laranja).	Maior movimentação de câmeras. Uso do “palco” telão pelo pivô. Cores mais sóbrias (azul).
edição	Notas secas e locuções ao vivo pelo pivô.	Mais imagens. Mais matérias. Maior pluralidade de assuntos.

Tabela produzida pela autora

¹⁰⁷ Entrevista concedida à autora.

Em 2009, notamos que as marcas da narratividade ficavam mais voltadas para o pivô, que concentrava as leituras em plano fechado, apresentando uma visualidade mais estática, traduzida pelo close do apresentador. Também foram observadas a utilização de cores mais quentes na vinheta como forma de “alerta”. Já na edição, existia a previsibilidade dos formatos noticiosos com predomínio de notas secas, locuções ao vivo e pequenas peças.

Já em 2019, na categoria narratividade, notamos o pivô mais livre e mais entradas em directo. Já no quesito visualidade existe uma maior movimentação nos estúdios e interação no palco, além de cores mais sóbrias nas vinhetas e maior ousadia com grafismo. A edição também ganha mais imagens, mais matérias e maior pluralidade de assuntos.

Dez anos de distância dentro de uma mesma fase, a NeoTV, mostram movimentos importantes na transição televisual. Muitas peculiaridades da NeoTV vão permanecer na HiperTV, na perspectiva de que acumulam saberem nesta travessia, e não excluem. A HiperTV caminha em passos lentos esbarrando em desafios para coexistir com novos meios, ocupando as múltiplas plataformas e tentando despertar a atenção dos nativos digitais.

5.2.2. Metodologia da aposta

O caminho percorrido para buscar as rupturas, permanências e potencialidades dos ecrãs e webtelas em Portugal, trouxe à tona a necessidade de conjugar metodologias, proporcionando a testagem de um método multivariado que denominamos de “metodologia da aposta” para legitimar as impressões do percurso.

Intitular uma técnica experimental de investigação como metodologia da aposta, inclui admitir os riscos desse jogo entre “poder-saber” (FOUCAULT, 2010) em um cenário que enquadra o telejornalismo em permanente mutação. Vizeu (2008) já pontuou isso ao contribuir com o conceito de audiência presumida, é sempre uma aposta. A inspiração veio da contribuição de Iluska Coutinho (2016), ao apresentar o método da Análise da Materialidade Audiovisual – AMA, que também admite a inclusão das vias das paixões. E para além do uso da etnografia e os seus desdobramentos como técnica habitual nos estudos de jornalismo, foi

preciso alcançar as extras paredes das redações para investigar o que Anderson (2011) e Canavilhas (2013) chamaram de ecossistema midiático.

Assim sendo, a análise da aposta consiste em apostar, literalmente, nos valores-notícia escolhidos para compor a escalada do Telejornal, após a experimentação das outras técnicas como a observação participante, autoetnografia, análise televisual e entrevistas semiestruturadas. Além da experimentação da cultura profissional ao lado dos meus informantes, a metodologia, desenvolvida em Portugal que inclui a passagem por sete etapas, levou em consideração alguns aspectos: 1) como os jornalistas se informam para informar na TV; 2) a minha inserção na comunidade da RTP, relativamente adaptada a partir da confiança adquirida dos meus pares por acompanhamento de externa, edições e sugestões de pautas; 3) a *expertise* da atividade jornalística que inclui três competências: o “saber de reconhecimento”, o “saber de procedimento” e o “saber de narração”.

As etapas foram: 1º) inserção no campo; 2º) conquistar a confiança dos informantes a partir de análise televisual; 3º) aplicar entrevistas semiestruturadas; 4º) participar das atividades (pautas, pesquisas e externas) de forma propositiva como agente social da comunidade interpretativa transterritorial; 5º) usar o “saber do reconhecimento” para apurar por meio dos portais de referência do território pesquisado; 6º) comparar o resultado da apuração pessoal com o que foi produzido para ir ao ar, ao acompanhar as edições dos noticiários ao vivo; 7º) interpretação qualitativa dos resultados similares após o reconhecimento dos valores-notícia entre as telas. A apuração não incluiu diretamente as redes sociais digitais como *Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp* etc. Como estava inserida como membro na comunidade da RTP, a escolha foi utilizar os métodos de avaliação semelhante aos dos jornalistas da emissora¹⁰⁸. Assim, os principais sítios visitados foram: *Público, Notícias ao minuto, Observador e Expresso*. Separamos cinco edições do acompanhamento do noticiário Telejornal para amostragem da metodologia da aposta. Os dias escolhidos foram: 10/02/2019, 11/02/2019, 13/02/2019, 14/02/2019 e 15/02/2019.

¹⁰⁸ De uma forma geral, os jornalistas da RTP não utilizam o conteúdo das redes sociais para apurar as notícias. A confiabilidade ainda está mais voltada para os sites de notícia de referência como: Público, Expresso Nem mesmo o WhatsApp para comunicação interna tinha grande valia. Recebi várias mensagens por SMS.

1º dia: 10/02/2019

Aposta nos assuntos

- 1) Marcha Violência doméstica, 2) Queda grua no Porto, 3) Manifestação Madrid,
- 4) Crowdfunding enfermeiros, 5) Morte Fernando Perez, Sporting, 6) Festejos na prisão é exibido via facebook e 7) Benfica goleia Nacional por 10 x 0.

Resultado

Num	Título	Pivot	Jorn	Status	Del	MOS Cha	Origem	Audio Mix	Media Time	Apr Final	MOS Status	Omnibus LX MOS
A1	DIRECTOS TJ	====	====	OK			====	====	0:00			
B0	RELÓGIO CONTINUIDADE	====	====	OK			CONT	CONT	0:00	✓		
C0	GENÉRICO Telejornal	====	====	OK			MPB	MPB	0:00	✓		
C1	MARCHA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	jaf	PAM	OK					2:18			MarchaViolenTJCva 1002TX
C2	cola PROMO (C) festa na cadeia	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoCadeia 1002TP
C3	BENFICA x NACIONAL	jaf	CALB	OK					1:40			BenficTJcma19 1002TX
C4	REAÇÕES JOGO	jaf	JPA	OK					0:39			BocasSLB.Jal19 1002TX
C5	PRESOS POLÍTICOS VENEZUELA	jaf	HS	OK			SVR	SVR	3:12	✓		PresosVenezJca19 0902TX
C6	off POLÍCIA MARÍTIMA MIGRANTES	jaf	SCL	OK					0:00			MigraPoliMarOffTJGbr19 1002TX
C7	MANIFESTAÇÃO ESPANHA	jaf	DSA	OK					2:50	✓		ManifEspTJPva19 1002TX
C8	DIA VENEZUELA	jaf	ARM	OK					2:27			DiaVenezuelaTJCva 1002TX
C9	»»» direto CARACAS	jaf	HS	OK	D1				3:30	✓		
C10	EMPRESAS BRITÂNICAS BREXIT	jaf	VAL	OK					2:23			EmpBrexTJPva19 1002TX
C11	cola PROMO (D) bastonária enfermeiros	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoEnf 1002TP
C12	cola PROMO (B) bairros da lata	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoBarra 1002TP
C13	pivot lança intervalo			OK			C+PLT	IN+PLT+DG	0:00	✓		
D0	INTERVALO			OK			CONT	CONT	4:23	✓		
D1	GRUA PORTO	jaf	MSA	OK					2:04			GruaTJOly19 1002TX
D2	BASTONÁRIA ENFERMEIROS	jaf	MSO	OK					2:11			BastaEnTJLvi19 1002TX
D3	FESTA NA CADEIA	jaf	JAP	OK			SVR	SVR	1:33			FestaCadeiaMsc19 1002TX
D4	ESTATUTO MAIOR ACOMPANHADO	jaf	FFO	OK					2:23			EstatutoMaior2TJGbr19 1002TX
D5	BAIRROS DE LATA	jaf	DPD	OK					3:00			BairrosLataTJOcs19 1002TX
D6	cola PROMO (A) homenagens flamengo	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoFlam 1002TP
D7	CONVENÇÃO CDS EUROPEIAS	jaf	PES	OK					1:36			ConvCDSTJlv19 1002TX
D8	boca CATARINA MARTINS	jaf	ANB	OK					0:41			BocaCatMartinsTJAnb19 1002TX
D9	CONGRESSO ALIANÇA	jaf	SVIC	OK					2:25			AliancaTJDmo19 1002TX
D10	CALÇADO MILÃO	jaf	SSI	OK			SVR	SVR	2:44			SapatosMilaoTJPva19 1002TX
D11	cola PROMO (E) simone com Ivan	jaf		OK					0:00	✓		PromoSimone 1002TP

Figura 24: Espelho do Telejornal.

Fonte: material cedido pela RTP.

Dos sete acontecimentos apostados, cinco estavam de acordo com o destaque no alinhamento da RTP, três voltados para o valor-notícia violência/tragédia, um evento que fala sobre Governo e um sobre entretenimento.

2º dia: 11/02/2019

Aposta nos assuntos:

1) Trabalhadores soterrados em mina, 2) Praça da Espanha, 3) Ministra da saúde rejeita tempos menores consulta, 4) Bloco de Esquerda quer a exoneração do governador do Banco de Portugal

Resultado

Telejornal [11-02-19 20:00]

Num	Título	Pivot	Jom.	Status	Del	MOS Cha	Origem	Audio Mix	Media Time	Apr Final	MOS Status	Omnibus LX MOS
A1	DIRECTOS TJ	====	====	OK			====	====	0:00			
B0	RELÓGIO CONTINUIDADE	====	====	OK			CONT	CONT	0:00			
C0	GENÉRICO Telejornal	====	====	OK			MPB	MPB	0:00			
C1	INTIMAÇÃO ENTREGUE	jaf	FCR	OK			SV	SV	2:27			lixo#1
C2	CIRURGIAS ADIADAS SANTA MARIA	jaf	MSO	OK		b	SV	SV	2:43			CirurgAdiadaTJLd19 1102TX
C3	TEMPOS CONSULTAS	jaf	CCD	OK			SV	SV	2:08			TempoConsultaTJCva 1102TX
C4	DESTITUIÇÃO CARLOS COSTA	jaf	PZA	OK			SV	SV	2:33			DestCarCostaTJNca19 1102TX
C5	cola PROMO (A) Acidente Minas Aljustrel	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoMina 1102TP
C6	CASOS REFORMAS	jaf	RSG	OK			SV	SV	2:27			CasosReformTJPfa19 1102TX
C7	REUNIÃO LUXEMBURGO	LER	RSG	OK			SV	SV	1:34			ReuniaoLuxTJEal19 1102TX
C8	ANTEVISÃO JULGAMENTO ESPANHA	jaf	DSA	OK			SV	SV	2:14	✓		AntevJulgaTJNdu19 1102TX
C9	PORTUGAL NO EUROGRUPO	jaf	DVA	OK			SV	SV	1:47			PortEuroTJMle19 1102TX
C10	cola PROMO (B) Goleada Histórica Mund	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoSLB 1102TP
C11	cola PROMO (D) Gramys e Baftas	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoGrammy2Pfa 1102TP
C12	pivot lança intervalo			OK			C+PLT	IN+PLT+DG	0:00	✓		
D0	INTERVALO			OK			CONT	CONT	5:55	✓		
D1	ÚLTIMAS VENEZUELA	jaf	FSV	OK			SV	SV	2:31			UltimasVenezTJNdu19 1102TX
D2	REPORTAGEM VENEZUELA	jaf	HSI	OK			SV	SV	2:20			RepVenezTJSlu19 1102TX
D3	«DIRETO VENEZUELA	jaf	HSI	OK	D1		LIVE U	LIVE U	3:00	✓		
D4	AJUDA DA MADEIRA	jaf	CFR	OK			SV	SV	2:45			AjudaMadeiraTJNdu19 1102TX
D5	ACIDENTE MINAS ALJUSTREL	jaf	FCR	OK			SV	SV	1:32			AcidenteMinaTJCva 1102TX
D6	FESTAROLA NA PRISÃO	jaf	VIG	OK			SV	SV	2:52			FestaPrisaoTJEal19 1102TX
D7	JULGAMENTO CRISTOVÃO E MUSTAFA	jaf	MFL	OK			SV	SV	2:25	✓		JulgameCristovTJLmo19 1102TX
D8	Off MANIF PROFESSORES	jaf	ACA	OK			SV	SV+OFF	0:00			ManifProfsOffAca19 1102TX
D9	Off PM LINHA ÉVORA	jaf	EBO	OK			SV	OFF	0:00	✓		CostaEvoraOffEBo 1102TX
D10	Cola BOCA COSTA ÉVORA	==	EBO	OK			SV	SV	0:36	✓		PMBocaTJEbo19 1102TX
D11	CRISTAS E VENEZUELA	jaf	PZA	OK			SV	SV	1:58			CristasVenezTJNdu19 1102TX
D12	ANTEVISÃO FC PORTO	jaf	HCA	OK			SV	SV	1:55			AntevPortoPfa19 1102TX

Figura 25: Espelho do Telejornal.

Fonte: material cedido pela RTP.

No segundo dia de apostas, dos quatro assuntos, apenas um ganhou destaque pela avaliação da RTP com a retransmissão “Portugal no Eurogrupo”.

3º dia: 13/02/2019

Aposta nos assuntos:

1) Greve dos enfermeiros, 2) Professores ameaçam governo, 3) Bolsonaro sai do hospital, 4) Venezuela carta papa, 5) Eleições Espanha.

Resultado

Telejornal [13-02-19 20:00]

Num	Título	Pivot	Jorn.	Status	Del	MO: Cha	Origem	Audio Mix	Media Time	Apr Final	MOS Status	Omnibus LX MOS
A1	DIRECTOS TJ	====	====	OK			====	====	0:00			
B0	RELOGIO CONTINUIDADE	====	====	OK			CONT	CONT	0:00			
C0	GENÉRICO Telejornal	====	====	OK			MPB	MPB	0:00			
C1	POLEMICA ADSE	jaf	MFL	OK			SV	SV	2:57			PolemicaAdseTJNca19 1302TX
C2	PSD E BE SOBRE ADSE	jaf	SVIC	OK			SV	SV	1:50			PsdBeAdseTJLmo19 1302TX
C3	OS MILHÕES DA ADSE	jaf	MCO	OK			SV	SV	2:46			MilhoesAdseTJLcl19 1302TX
C4	RIO E GOVERNADOR	jaf	SMS	OK			SV	SV	1:42			RioGovTJogo19 1302TX
C5	cola PROMO (A) Sanchez Chumbado	jaf	====	OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoSanchezTJme 1302TP
C6	ÚLTIMAS BREXIT	jaf	JBO	OK			SV	SV	1:41	✓		UltimBrexitTJndu19 1302TX
C7	LANÇA INTERVALO								0:00	✓		
D0	1º INTERVALO			OK			CONT	CONT	0:42	✓		
D1	SANCHEZ CHUMBADO	jaf	DSA	OK			SV	SV	2:42			SanchezChuTJMle19 1302TX
D2	ÚLTIMAS VENEZUELA	jaf	FSV	OK			SV	SV	2:00			UltVenezuelaTJCva 1302TX
D3	REPORTAGEM VIGILIA CARACAS	jaf	HS	OK			SV	SV	2:21	✓		VigiliaVenezBDBar19 1302TX
D4	***DIRETO CARACAS	jaf	HSI	OK	D1				3:00	✓		PintacartaTJJme 1302TP
D5	cola PROMO (B) Casal deportado	jaf	====	OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoFamiliaTJme 1302TP
D6	cola PROMO (C) Libertado PJ militar			OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoFamiliaTJme 1302TP
D7	pivot lança intervalo			OK			C+PLT	IN+PLT+DC	0:00	✓		PromoPJLibTJme 1302TP
E0	2º INTERVALO			OK			CONT	CONT	2:39	✓		
E1	Off HACKER CONTINUA PRESO	jaf	MFL	OK			SV	SV+off	0:00			HackerOffTJNca19 1302TX
E2	Off PROTESTO PJ	jaf	FCR	OK			SV	SV	0:00			OffProtestoPJFcr 1302TX
E3	Off JUROS DA DÍVIDA	jaf	VAL	OK			SV	off+SV	0:00	✓		LeilaoOffVai19 1302TX
E4	Off PRODUÇÃO INDUSTRIAL	jaf	PCR	OK			SV	OFF	0:00	✓		IndustEuroOffPcr19 1302TX
E5	SIZA VEIRA NO PARLAMENTO	jaf	FFE	OK			SV	SV	2:17			SizaVeiraTJLcl19 1302TX
E6	cola PROMO (D) Benfica e Bruno Lage	jag	====	OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoBenPfa 1302TP
E7	CASAL PORTUGUÊS DEPORTADO	jaf	DPD	OK			SV	SV	2:05			CasalPortugaTJLmo19 1302TX
E8	LIBERTADO PJ MILITAR	jaf	IMC	OK			SV	SV	1:55			LibPJLibTJCva 1302TX
E9	REPORTAGEM ISTAMBUL	jaf	ALS	OK			SV	SV	1:51			RepIstambTJndu19 1302TX

Figura 26: Espelho do Telejornal.

Fonte: material cedido pela RTP.

Da aposta com cinco acontecimentos, apenas um foi contemplado com as retransmissões “Últimas Venezuelas” e “Reportagem Vigília Caracas”. A retransmissão “Rio e Governador” nada tem a ver com o Brasil. Trata-se do sobrenome de um político, “Rui Rio” que, à época, sugeriu a saída do Governador do Banco de Portugal, Carlos Costa.

4º dia: 14/02/2019

Aposta nos assuntos:

1) Justiça aceita intimação apresentada por sindicato dos enfermeiros, 2) Greve Judiciária, 3) Rosa Grilo sai da prisão, 4) Valentine's Day, 5) Governo aprova lei para "permanência vitalícia" de moradores numa habitação 6) Nem o Papa confia em Maduro

Resultado

Num	Título	Pivot	Jorn	Status	Del	MO: Cha	Origem	Audio Mix	Media Time	Apr Final	MOS Status	Omnibus LX MOS
A1	DIRECTOS TJ	====	====	OK			====	====	0:00			
B0	RELÓGIO CONTINUIDADE	====	====	OK			CONT	CONT	0:00			
C0	GENÉRICO Telejornal	====	====	OK			MPB	MPB	0:00			
C1	CRESCIMENTO ABRANDA	jaf	MCO	OK			SV	SV	2:11			CrescAbrandaTJCva 1402TX
C2	***PALCO NUMEROS	jaf	RAV	OK			C+MPLAY	IN	0:00	✓		
C3	cola REAÇÕES PARTIDOS	===	PES	OK			SV	SV	1:42	✓		ReaxPartidosTJcgo19 1402TX
C4	REMODELAÇÃO GOVERNO	jaf	SMS	OK			SV	SV	2:44			lixo#16
C5	cola PROMO (A) Ameaças Professores	jaf	====	OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00			PromoProfsTJJme 1402TP
C6	PM SOBRE ADSE	jaf	LGV	OK			SV	SV	1:20			PmAdseTJcgo19 1402Tx
C7	PRELADA E CHAMPALIMAUD	jaf	PAM	OK			SV	SV	2:02			PrelChampTJNca19 1402TX
C8	CASO CIRURGIA SÃO JOÃO	jaf	MAS	OK			SV	SV	1:52			CasoSJoaoTJRma19 1402TX
C9	GREVE UGT	jaf	FFE	OK			SV	SV	2:14	✓		GreveUgtTJLd19 1402TX
C10	COMISSÃO CGD		SVC	OK			SV	SV	2:50			ComissCgdTJNca19 1402TX
C11	cola PROMO (B) Coletivos Venezuela	jaf	====	OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00			PromoColectJJme 1402TP
C12	cola PROMO (D) Benfica	jaf	====	OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoBenfasPfa 1402TP
C13	pivot lança intervalo			OK			C+PLT	IN+PLT+DG	0:00	✓		
D0	INTERVALO			OK			CONT	CONT	5:23			
D1	INTIMAÇÃO ACEITE	jaf	DPD	OK			SV	SV	1:52			IntimaTJLcl19 1402TX
D2	AMEAÇAS PROFESSORES	jaf	BRT	OK			SV	SV	1:28			ProfsTJLmo19 1402TX
D3	Off NUMERO TURISTAS	jaf	PCR	OK			SV	SV+OFF	0:00	✓		RecordTurismOffPcr19 1402TX
D4	GARANTIAS ARRENDAMENTO	jaf	PZA	OK			SV	SV	1:56			GarantArrendaTJNca19 1402TX
D5	EMPRESA FECHADA PAÇOS FERREIRA	jaf	JAP	OK			SV	SV	1:58			EmpresaFechaRgr19 1302TX
D6	cola PROMO (C) Numeros Violência Namor	jaf	====	OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoViolenPfa 1402TP
D7	BREXIT PARLAMENTO	jaf	JBO	OK			SV	SV	2:17			BrexitTJea19 1402TX
D8	REPORTAGEM COLETIVOS VENEZUELA	jaf	HSI	OK			SV	SV	3:35	✓		ColetivoVenezBDBar19 1402TX
D9	***DIRETO CARACAS	jaf	HSI	OK	D1		LIVEU	LIVEU	3:30	✓		PintaColectivTJJme 1402TP
D10	Off TRUMP MURO	ler	FSV	OK			SV	off+SV	0:00			OFFtrumpMuroFsv19 1402TX
D11	POMPEO IRÃO	jaf	ARM	OK			SV	SV	0:00			

Figura 27: Espelho do Telejornal.

Fonte: material cedido pela RTP.

De cinco apostas em valores-notícia baseados nos sites, duas estavam de acordo com o alinhamento decidido pela RTP.

5º dia: 15/02/2019

Aposta nos assuntos:

- 1) Greve das escolas, 2) Demissão da diretora da prisão de Paços de Ferreira,
- 3) Detidos oito funcionários de empresa responsável por barragem em Brumadinho,
- 4) Trump declara “emergência nacional”.

Resultado

Id	Título	Pivot	Jorn.	Status	Del	MOS Cha	Origem	Audio Mix	Media Time	Apr Final	MOS Status	Omnibus LX MOS
	DIRECTOS TJ	====	====	OK			====	====	0:00			
	RELÓGIO CONTINUIDADE	====	====	OK			CONT	CONT	0:00			
	GENÉRICO Telejornal	====	====	OK			MPB	MPB	0:00			
	Off PGR GREVE CIRURGICA	LER	BRT	OK			SV	SV+off	0:00			OffPgrGrevelmc19 1502TX
	MOÇÃO DE CENSURA	jaf	SVC	OK			SV	SV	2:20			MocCensuraTJNca19 1502TX
	REAÇÕES PARTIDOS	jaf	PZA	OK			SV	SV	2:40			ReaxPartidosTJLmo19 1502TX
	cola PROMO (A) Rusga na Cadreia	jaf	====	OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoRusgaTJJme 1502TP
	RUSGA NA CADEIA	jaf	CCD	OK			SV	SV	2:31	✓		RusgaTJOcs19 1502TX
	GREVE CONJUNTA LX E PORTO	jaf	FFE	OK			SV	SV	2:22			GreveConjTJcgo19 1502TX
	GREVE PAÍS	jaf	RGO	OK			SV	SV	1:58	✓		GrevePaisRgr19 1502TX
	====DIRETO MIN SAÚDE	jaf	FCR	OK	D1		WMT?	WMT?	6:00			PintaEnfermTJJme 1502TP
	DADOS CROWDFUNDING	jaf	DPD	OK			SV	SV	1:43			DadosCrowTJCva 1502TX
	====DIRETO ASP (PORTO?)		CVI	OK	D2		WMT?	WMT?	2:30	✓		
	cola PROMO (B) Msduro com Americanos	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoMaduroTJJme 1502TP
	cola PROMO (C) Sporting e jogadores	jaf		OK			PLT+SV	PLT+SV+H	0:00	✓		PromoScpPfa 1502TP
	pivot lança intervalo			OK			C+PLT	IN+PLT+DG	0:00	✓		
	INTERVALO			OK			CONT	CONT	4:31	✓		
	RIO E O GOVERNO	jaf	LAG	OK			SV	SV	1:29	✓		RioGovernoTJVma19 1502TX
	CUIDADOR INFORMAL	jaf	MFL	OK			SV	SV	2:22			CuidadorTJcgo19 1502TX
	CARROS ABALROADOS	jaf	CDG	OK			SV	SV	1:17			CarrosAbalroaTJanu19 1502TX
	ELEIÇÕES ESPANHA	jaf	ARM	OK			SV	SV	2:05			EleicoesEspTJNdu19 1502TX
	MADURO COM AMERICANOS	jaf	FSV	OK			SV	SV	1:59			MaduroAmerTJEal19 1502TX
	====DIRETO CARACAS	jaf	HSI	OK	D3		LIVEU	LIVEU	2:30	✓		
	TRUMP E O MURO	jaf	JRV	OK			SV	SV	2:23			MuroTrumpTJEal19 1502TX
	GUERRA COLETES AMARELOS	jaf	RSG	OK			SV	SV	2:18	✓		GuerraColetTJNdu19 1502TX
	OFF FRANCO EXUMADO	jaf	JBO	OK			SV	SV+OFF	0:00	✓		FrancoOffTJNca 1502TX
	OFF ARCEBISPO ABUSADOR	jaf	JBO	OK			SV	SV+OFF	0:00	✓		ArcebispOffTJbo19 1502TX
	SANTOS SILVA LUANDA	jaf	JML	OK			SV	SV	2:17			MneLuandaTJJme19 1502TX

Figura 28: Espelho do Telejornal.

Fonte: material cedido pela RTP.

Dos três acontecimentos julgados importantes na metodologia da aposta, 3 compareceram no alinhamento da RTP.

Conforme apontou Breed (1993), o caminho para que um acontecimento ganhe o status de notícia vai depender das características do fato, dos julgamentos pessoais do jornalista, da capacidade do diálogo com fontes, da qualidade do material (no caso, aqui, também das imagens), da linha editorial, do prazo, das negociações com a audiência e da questão ética. As percepções variavam pouco do olhar de uma investigadora brasileira no território português. Indubitavelmente, os

resultados passam pela subjetividade forjada por fatores históricos culturais, por mais que tenha tido uma permanência na emissora e utilizado os mesmos métodos de avaliação. Soma-se a isso o destaque da emissora pública cumprir normas legais e constitucionais para garantir o funcionamento pleno do telejornalismo como legitimador do exercício do direito à informação.

5.3. Rupturas, Permanências e Potencialidades

O telejornalismo está passando por profundas mudanças e indubitavelmente vem sentindo a necessidade de uma (re)configuração, o que implica na obtenção de saberes multidisciplinares. Entretanto, parece claro que será preciso um tempo para que essas novas formas de apreensão do saber decantem para posteriormente espriarem-se pela narrativa audiovisual, buscando ganhar uma nova identidade na HiperTV.

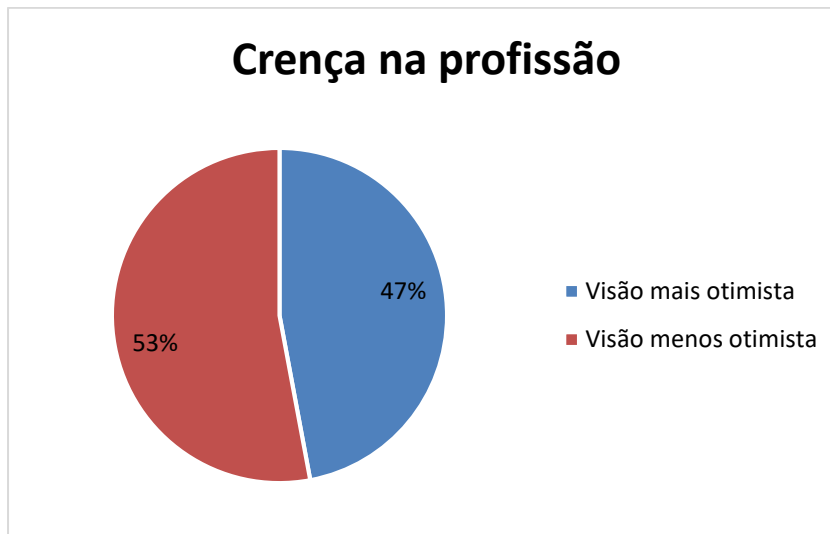
Se novos jogos se estabelecem entre sujeitos da enunciação, criando outros arranjos nos regimes de interação, o momento exige que mais esforços sejam organizados para a compreensão dos efeitos que essas novas possibilidades de diálogos entre as áreas do conhecimento e público consumidor possam ensejar.

A inserção de novas estratégias em alcançar novos públicos tenta traduzir a união de saberes antigos do telejornalismo a novos regimes de visibilidades no ambiente web. É nesse ínterim que o telejornalismo merece um olhar especial nas pesquisas, porque na mesma medida da sua aceleração, existe ainda um processo de acomodação em processamento pela comunidade jornalística, que ainda encontra-se em fase de aprendizado e absorção das potencialidades audiovisuais

Ocorre que dentro dessa nova ecologia das mídias, movida por uma força centrípeta, as emissoras (públicas ou privadas) são dependentes da audiência e devem focar a atenção para aquilo que é de interesse público.

Para apontar as rupturas, permanências e potencialidades, dividimos e tabulamos as interpretações das 17 entrevistas da RTP nos seguintes eixos: a) Crença na profissão, b) Jornalismo em Telas como forma de conhecimento, c) Partilha dos ecrãs no ecossistema midiático, d) Convergência empresarial e e) Novas funções e competências.

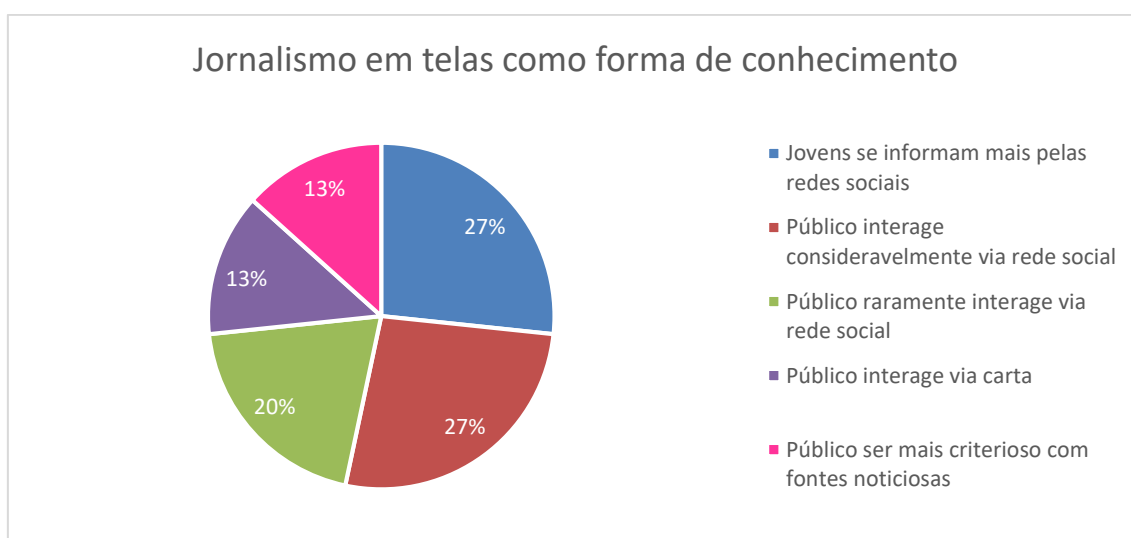
Gráfico 1: Crença na profissão



Fonte: elaboração da autora.

Sobre crença na profissão, observamos que ela se sustenta não apenas pela manutenção do compromisso e comportamento na cultura organizacional no serviço público, mas também pela necessidade de outros conhecimentos e condutas nas rotinas produtivas no século XXI. A saber, a crença deve incluir expertises interdisciplinares, outros saberes que extrapolam o saber narrar, o saber do acontecimento e potencializam o saber do procedimento. Do total das pessoas entrevistadas, 47% possuem uma visão mais otimista e 53% uma visão mais desanimadora sobre esse item (ver gráfico 1).

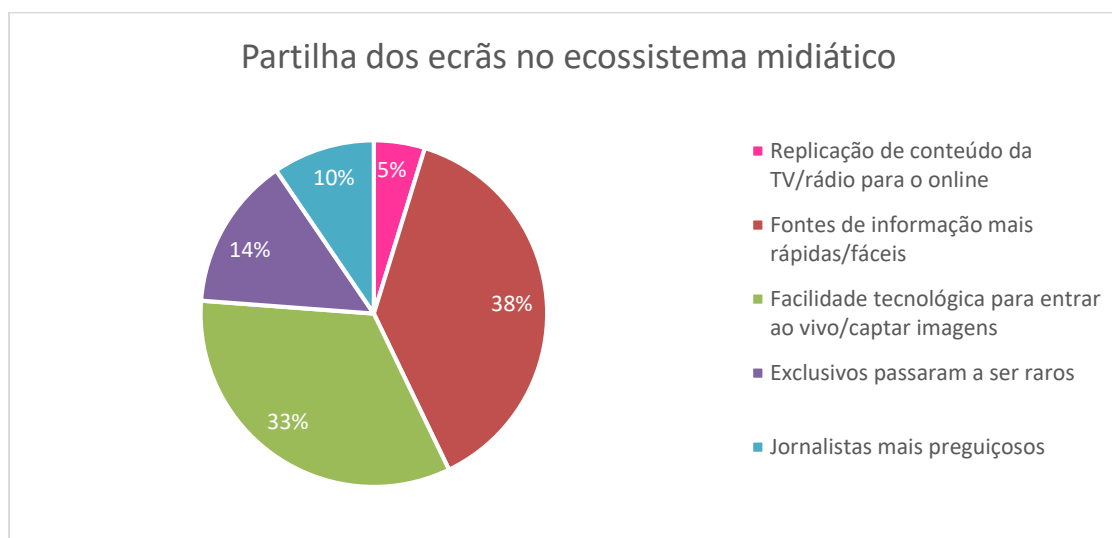
Gráfico 2: Jornalismo em telas como forma de conhecimento



Fonte: elaboração da autora.

A noção do jornalismo em telas como forma de conhecimento também foi compartilhada pela comunidade da emissora portuguesa (ver gráfico 2). A pesquisa confirmou a percepção dos informantes de que a TV é pouco atrativa para os jovens e a nova geração recorre mais às redes sociais para buscar conhecimento jornalístico, num total de 27%. O mesmo percentual, 27%, confirma a interação do público em geral, incluindo as gerações mais velhas, por redes sociais digitais. Entretanto, 13,6% tem a percepção de que raramente o público busca conhecimento credível pelas redes sociais. Uma parcela de 13% ainda participa via emissão de carta para o canal. Na avaliação dos jornalistas o mesmo percentual, 13%, alerta para uma exigência criteriosa com as fontes noticiosas no ambiente das redes, afirmando que a sociedade precisa ser mais criteriosa no consumo de notícias.

Gráfico 3: Partilha dos ecrãs no ecossistema midiático



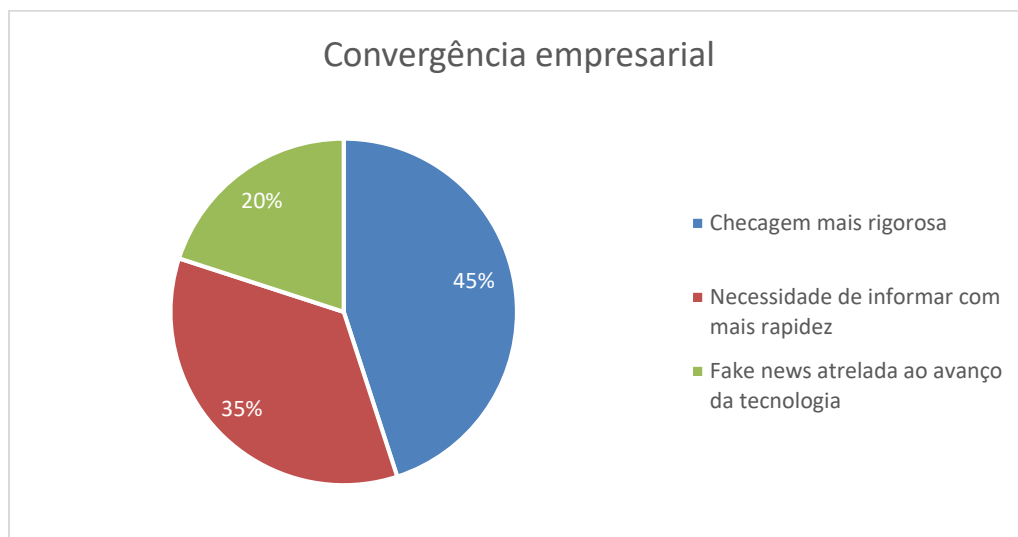
Fonte: elaboração da autora.

Já o terceiro ponto de partilha dos ecrãs mostra que 5% compreende que não existe uma convergência dos meios com um novo sentido em si, o que ocorre é uma replicação de conteúdo da TV e do rádio para a internet. O que Breed (1993) apontava como osmose, hoje, em certa medida, pode ser considerado uma mimese. Já 38% dos informantes admitem que o consumo televisual na rede possibilita a democratização das fontes de informação de forma facilitada para o consumo. Uma parcela de 33% admite que o ao vivo da TV se popularizou se expandindo para as redes no ambiente web, possibilitando a participação de novos atores que contribuem na construção televisual da realidade na cena jornalística. Entretanto, 14% afirmam que a mesma facilidade de expansão dos usos e apropriações

tecnológicas também diminuem a chance de “fatos” exclusivos. A rigor, o “valor-exclusividade” é algo que abastece mais a satisfação profissional do jornalista do que, de fato, interfere no cotidiano da sociedade. Em outras palavras, a exclusividade de um acontecimento é um capital que foi forjado dentro das empresas nas rotinas produtivas para atrair a audiência. Uma parcela de 10% aponta que a partilha nos ecrãs deixaram afastou dos jornalistas o empenho de uma apuração mais rigorosa sobre um determinado fato.

Há evidências iniciais que a partilha dos ecrãs no ecossistema midiático esbarra com um problema. As múltiplas telas que transitam no ciberespaço, aqui sugerida como telesfera, produzem comentários de uma audiência que fala mais entre si numa espécie de comentariado do que essencialmente com a emissora em si. Podemos apontar como potencialidade a emergência do 5º poder no audiovisual (COUTINHO; MATA; PEREIRA, 2020) fazendo com que o ambiente web, diante de uma sociedade plataformizada, desempenhe um papel de “fortalecimento da democracia e dos diálogos estabelecidos entre os fluxos de TV e Internet como formas de (re)estabelecimento do lugar do Jornalismo, com narrativas mais plurais” (idem, p.20).

Gráfico 4: Convergência empresarial

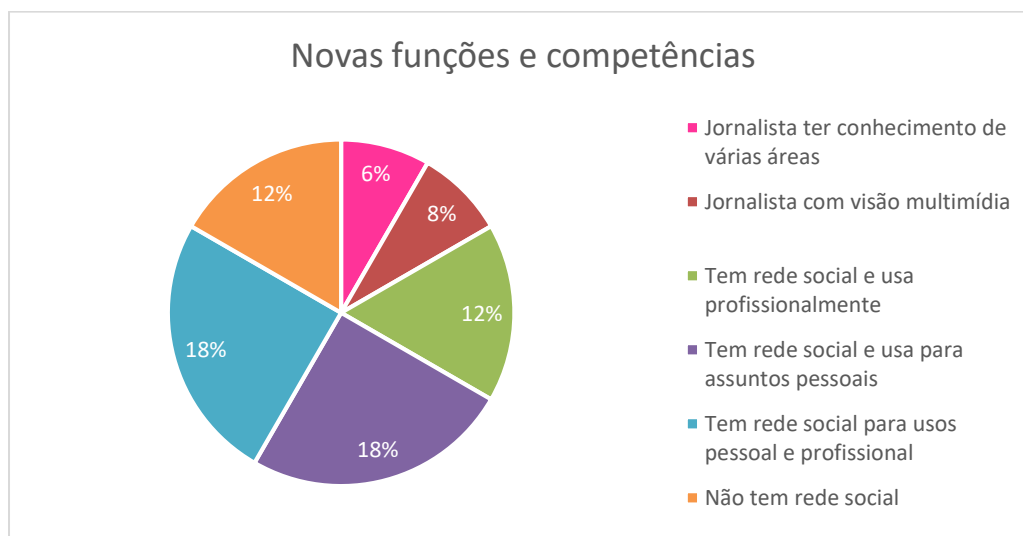


Fonte: elaboração da autora.

Para além da convergência de linguagens na produção de sentido televisual, a convergência empresarial também aparece como ponto em destaque. Ainda que não seja uma realidade no canal público, 45% dos informantes chamam atenção para a necessidade de uma apuração mais rigorosa diante da abundância informativa

e pressões cotidianas do deadline, que só aumentam por conta dos diversos fluxos informativos na contemporaneidade. É nesse sentido, que 35% dos entrevistados alertam para o risco da necessidade de informar cada vez mais depressa sem a devida apuração. Uma parcela de 20% associa o fenômeno das *fake news* ao desarranjo das redes sociais que oferecem conteúdos não necessariamente jornalísticos. Notadamente, esse movimento já ocupa espaço nas redações das emissoras privadas, ainda mais com a chegada da CNN no país. Ocorre que o acúmulo de tarefas não pode ser camuflado em novas funções e competências. Nesse sentido, a pandemia de Covid-19 já provocou rupturas significativas com alterações irreversíveis para o telejornalismo.

Gráfico 5: Novas funções e competências



Fonte: elaboração própria.

A pesquisa confirmou com 6% de respostas a necessidade do perfil profissional polivalente (SALAVARRÍA, 2014), com a visão voltada para a questão da multimídia, conforme 8% apontam. Sobre a gramática jornalística utilizada pelos jornalistas para se informar dentro dos regimes de visibilidade (profissional/particular), 12% afirmaram que utilizam as redes sociais de forma profissional, 18% mantém as redes especificamente para assuntos pessoais, 18% misturam assuntos pessoais e profissionais e 12% afirmam que não têm redes sociais. Situação adversas do Brasil, por exemplo, em que as próprias empresas estimulam que os profissionais “apareçam” nas redes divulgando os seus produtos jornalísticos na busca por angariar cada vez mais audiência para a TV.

Com base nas 37 entrevistas realizadas, a observação participante dentro das emissoras, as análises televisuais e a convivência como membro da comunidade interpretativa transterritorial, elencamos possíveis rupturas, permanências e potencialidades.

Como rupturas podemos elencar os modelos de negócio que buscam alternativas criativas e novas parcerias financeiras; a periodicidade que tende a obedecer a uma lógica fractal nas múltiplas plataformas, compreendendo o jornalismo como forma de conhecimento; a convivência com outros meios e, por fim, noção que a “nova objetividade jornalística” passa pela transparência diante de uma nova lógica no ecossistema midiático e seus novos fluxos em um mundo de abundância de informação.

Como permanências, destacamos a imagem como protagonista da produção de sentido, a forma de (re)apresentação televisual com pivôs e produtos televisivos, o noticiário de TV como lugar de segurança e a credibilidade.

Como potencialidades observamos a exploração de novos fluxos e ocupação multiplataforma, além da adaptabilidade às novas formas de produção. Vale mencionar que durante a pandemia da Covid-19 foi feita uma nova entrevista com a Natalia Oliveira, diretora da RTP, para atualizar a situação da empresa sobre as transformações que já estavam em curso e que tiveram alterações significativas com a pandemia, conforme já observado por vários pesquisadores em todo o mundo. Assim, destacamos seis transformações que ocorreram após a realização da pesquisa e que podem ser incorporadas como potencialidades, ao pensar em um cenário pós-pandemia. São elas: a) criatividade como escape com uso de drone e admissão de imagens caseiras (amadoras); b) teletrabalho; c) rodízio de funções, d) mudança na programação dos noticiários e pluralidade de fontes por videoconferência.

6. Considerações finais

Navegar nunca foi tão preciso em um mundo de incertezas. Notadamente, hoje, as emissoras analisadas nesta tese apresentam mais características da NeoTV do que da HiperTV, e seguem nessa metamorfose em busca de novas alternativas que dêem conta do jornalismo para telas (EMERIM, 2017). De uma maneira geral, embora já falemos comumente em PósTV, TV pós-industrial, Netcast, TV pós-massiva, TV ubíqua etc., a televisão ainda não se libertou da segunda fase, a NeoTV. Não existe, portanto, um momento fixo de virada para pontuar a terceira fase da televisão, a HiperTV (SCOLARI, 2018), embora já possamos reconhecer alguns elementos em construção que modelam novas formas de produção de sentido televisual neste cenário de linguagem múltipla, acelerada, hipertextual e não linear que exige novas habilidades perceptivas e cognitivas de produtores e consumidores.

Esta pesquisa intentou compreender os *modus operandi* do jornalismo televisivo em Portugal e foi motivada pela continuidade da investigação nos processos de *newsmaking* já desenvolvido no Brasil. A decisão de buscar novas inspirações no que chamamos de “comunidade interpretativa transterritorial” envolveu riscos, paixões e a certeza de que o jornalismo permanece como uma atividade profissional cada vez mais desafiadora.

A imaginação do “tipo ideal” do jornalismo em telas na fase da HiperTV em Portugal apontou uma tortuosa travessia além-mar, caracterizada por resquícios do passado com rastros engendrados por um sistema ditatorial de silenciamentos. De tal modo que a cristalização de outrora produz marcas que justificam o comportamento presente e a produção dos “sujeitos falantes”, bem como dos “sujeitos ouvintes”. Somos, portanto, uma polifonia em busca de sinais para o futuro. E que tipo de conexão podemos aproveitar desse enlace com o passado? Fizemos um passeio pela “ciência jornalística” de Groth (2011) até os novos regimes publicação (FÍGARO, 2020). Do Jornalismo como forma de conhecimento (PARK, 2008; MEDITSCH, 1992; SPONHOLZ, 2009) às notícias digitais, novamente, como forma de conhecimento (NIELSEN, 2021). Ou seja, independente da plataforma, do território (físico ou virtual) e dos moldes de exibição, a credibilidade é o elemento-chave para pensar no jornalismo em e para telas: “entre crenças e ecrãs”.

Da imagem em movimento do grande ecrã do cinema para “as caixinhas mágicas” no centro da sala de casa. De “Salazar” e “Caetano” até a “Gabriela, cravo e canela”. A relação televisual entre Brasil e Portugal e as “idiossincrasias luso-brasileiras” inspiraram expedições acadêmicas como esta, em busca da vivência nas rotinas produtivas profissionais dentro das emissoras de TV.

A permanência com os informantes nas emissoras, os traços organizacionais dos sete lugares investigados, o visionamento de peças em busca de rastros do passado para dialogar com o presente, os choques organizacionais, a construção noticiosa, as tomadas de decisões das quais participei como membro da comunidade interpretativa transterritorial, o *deadline*, o serviço público, o serviço privado, as escutas das 37 entrevistas por meio de troca dialógica do comum (SODRÉ, 2014), o sentir, as deixas simbólicas dos falantes e todas as conquistas no território português favoreceram a construção de um espectro do perfil do jornalista televisão além-mar.

Apesar de muitos anunciarem a morte da TV (MANDER, 1999), ela permanece mais viva do que nunca, sendo ela “muitas coisas ao mesmo tempo” (OROZCO, 2014). Tanto é que a produção de sentido da TV e dos telejornais transbordou para as mais diversas plataformas e, se antes a TV tinha o poder de reunir vários grupos diante do sofá, hoje, enfrenta um dos maiores desafios que é falar diretamente com a audiência numa sociedade platformizada e assimétrica, composta por telespectadores emancipados e nativos digitais ou, ainda, pela “geração tiktokers”. A coexistência da televisão com os meios que naveguem pelos mais diversos fluxos representa um processo ainda em construção.

A experimental “metodologia da aposta”, realizada durante a observação participante e, concomitantemente, com as entrevistas, fez com que algumas “fichas” fossem postas nos valores-notícia vinculados ao entretenimento e a tragicidade, obviamente considerando a subjetividade de uma brasileira em uma montagem de alinhamento. Entretanto, o resultado das análises do espelhos mostraram que os critérios de noticiabilidade escolhidos pela emissora pública de Portugal, a RTP, durante o acompanhamento na régie, tinham um viés mais público norteado pela garantia do telejornalismo como legitimador do exercício do direito à informação.

É no vácuo do trânsito da convergência de linguagens no ecossistema midiático da “infosfera” (FLORIDI, 2010; JOHNSON 2001), da

“blogosfera”(RODRIGUES, 2006) e da “podosfera” (FREIRE, 2016) que trouxemos como sugestão da “telesfera”, uma forma de espiral ascendente de atenção e consumo que comunga com as outras mídias mantendo a produção de sentido televisiva. A ideia de telesfera ampara-se na consciente hibridização e aumento do consumo televisual na contemporaneidade, dialogando com Emerim (2017) sobre o termo grego “tele” “que está vinculado à noção de *longe, longe de* ou *ao longe*” (p.116).

Ao longo desta pesquisa ficou evidenciado que os três saberes jornalísticos (cf. ERICSON; BARANEK; CHAN 1987 *apud* TRAQUINA, 2005) “saber de reconhecimento, saber de narração e saber de procedimento” permanecem como uma espécie de guia jornalístico e estão chamando a atenção de outras áreas do conhecimento vinculada à produção de conteúdo, no caso, o *branded content*. O movimento que se vira para o jornalismo em busca de credibilidade discursiva guarda semelhanças com a sexta fase do telejornalismo focaliza por Silva (2018), a *fase imersiva*, que propõe o uso de realidades aumenta e virtual no jornalismo, embora essa habilidade não tenha sido notada em Portugal.

A interlocução e admissão de novas expertises na redação também ficaram evidenciadas nesta tese. É o que Canavilhas *et al.* (2016) classificaram como “tecnatores”. Como, por exemplo, o protagonismo dos realizadores que desenvolvem o grafismo nas peças dos noticiários de TV, notado em quatro emissoras portuguesas: RTP, SIC, TVI e CMTV.

Para além da crença na profissão, do jornalismo como uma forma de (re)conhecimento, da partilhas dos ecrãs em busca de democratização de produção de sentido, temos também uma convergência de linguagem na nova ecologia midiática, que traz consigo a emergência de uma convergência empresarial e, obviamente, o acúmulo de tarefas. Tal deslocamento instiga trabalhos futuros para o mais novo canal de TV em Portugal, a CNN. No Brasil este movimento já foi observado, conforme já citado.

É preciso compreender que atuar no jornalismo como um todo é viver num campo de tensões e contradições, já que jornalismo é um bem comum negociado, na maioria das vezes, em um ambiente privado. Se em Portugal o televisão pública ocupa um lugar de credibilidade, no Brasil o serviço público é uma utopia. É nesse sentido que Vizeu *et al.* (2021) sugerem o conceito de telejornalismo de brechas

como dispositivo de resistência na atividade jornalística norteado pela ética e compromisso de dever público.

A pandemia de Covid-19 mostrou a importância da mediação feita pelo jornalismo e telejornalismo. Com todas as severas alterações que a maior crise sanitária trouxe para o telejornalismo, certamente herdaremos novos modos de fazer descobertos nesta travessia. Nesse sentido, o lugar de mediação também pode ser representar um lugar de transformação.

As cenas dos próximos capítulos ainda estão sendo escritas.

Sustentamos, por fim, que a impermanência do jornalismo é o oxigênio da própria atividade que se adensa, portanto, como um terreno fértil para aplicações de pesquisas que fomentem desbravar o que virá a seguir, avaliando a relevância do jornalismo com o aprendizado do passado, com as ações do presente para podermos projetar um futuro mais inclusivo, democrático, plural e inventivo.

7. Referências bibliográficas

AGUIAR, L. A validade dos critérios de noticiabilidade no jornalismo digital. In: RODRIGUES, Carla (org.). **Jornalismo Online: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Sulinas, 2009.

_____. Critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo: um estudo preliminar. In: **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Brasília: Intercom, 2006.

_____. Entretenimento: valor-notícia fundamental. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia – PPGJ/UFSC**. Ano V, n.1, pp. 12-23. Florianópolis, jan/jun, 2008.

AGUIAR, L.; GOULART DE ANDRADE, A. P. Novas interfaces nas rotinas produtivas e credibilidade jornalística: uma contribuição aos estudos da profissão. In: **Mediação – FUMEC**. V. 22, n. 31, pp. 67-79. Belo Horizonte, jul/dez, 2020.

ALBUQUERQUE, T. C.; MELLO, S. E.; REIS, M. A.; GOULART DE ANDRADE, A. P. A cobertura da Covid-19 no Rio de Janeiro: aspectos da rotina produtiva do Telejornalismo Local. In: **Ámbitos – Revista Internacional de Comunicación**, n. 25, p. 71-86. Sevilla, 2021.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ANDERSON, C. W. Blowing up the newsroom: ethnography in the age of distributed journalism. In: DOMINGO, D.; PATHERSON, C. (orgs.). **Making online news volume 2: newsroom ethnographies in the second decade of internet journalism**. New York: Peter Lang, 2011.

ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. In: **Revista de Jornalismo ESPM**, v. 2, n. 5, p. 30-89. São Paulo, abril/maio/junho, 2013.

ANTUNES, A. Entrevista concedida à autora, 2019.

ARAÚJO, J. C. Entrevista concedida à autora, 2019.

ARCHANGELO, R. Imagens do poder e o poder das notícias nos cinejornais. In: **Anais do XXI Encontro Estadual de História**. Campinas: ANPUH-SP, 2012.

BARBOSA, G.; RABAÇA, C. A. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BARBOSA, M. C. Nelson Traquina e as pesquisas em jornalismo no Brasil. In: CUNHA, I. F.; CABRERA, A.; SOUSA, J. P. (orgs.). **Pesquisa em mídia e jornalismo: homenagem a Nelson Traquina**. Covilhã: LabCom – UBI, 2012.

BARDOEL, J; DEUZE, M. Network journalism: converging competences of media professionals and professionalism. In: **Australian Journalism Review – JERAA**, v. 23, n. 2, pp.91-103. Intellect Books (Austrália), 2001.

BARSOTTI, A. **Jornalista em mutação**: do cão de guarda ao mobilizador de audiência. Florianópolis: Insular, 2014.

BECKER, B. **Televisão e telejornalismo**: transições. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERNADET. J. C. **O que é cinema**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BIRD, S. E.; DARDENNE, R. W. Mito, registro e 'estórias': explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

BONVENTTI, R. C. **TV Excelsior**: do pioneirismo ao confronto com a ditadura militar e o esquecimento. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo, 2019.

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, A.; AGUIAR, L.; BERGAMASCHI, M. O chão de fábrica da notícia: contribuições para uma economia política da práxis jornalística. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom**, v. 37, n. 1, p. 111-132. São Paulo, junho, 2014.

BRANDÃO, N. G. **O espectáculo das notícias**: a televisão generalista e a abertura dos telejornais. Lisboa: Editorial Notícias, 2002.

BREED, W. O controle social na redação. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

BRITTO, A. Entrevista concedida à autora, 2019.

BRUNS, A. Gatekeeping, gatewatching e realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo. In: **Brazilian Journalism Research – SBPJor**, v. 7, n. 2, pp.119-140. Brasília, 2011.

BRUNS, A. **Gatewatching**: collaborative online news production. Nova York: Peter Lang, 2005.

CÁDIMA, F. R. Imagens e representações da ditadura portuguesa na televisão (1957-1974). In: **Logos: Comunicação e Universidade**, v. 17, n. 1, 56-69. Lisboa, 2010.

_____. **Salazar, Caetano e a televisão portuguesa**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

CANAVILHAS, J. M. Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. **Brazilian Journalism Research – SBPJor**, v. 8, n. 1, pp. 7-21. Brasília, 2012.

_____. Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. In: II Congresso Internacional de Comunicação 3.0. **Nuevos Medios, Nueva Comunicación**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2010.

CANAVILHAS, J. M. Ensino do Jornalismo: digital como oportunidade. In: Quadros, C.; Caetano, K.; Laranjeira, A. (orgs.) **Jornalismo como convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã: LabCom – UBI, 2011.

_____. Jornalismo transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: Renó, D.; Campalans, C.; Ruiz S.; Gosciola V. (Ed.), **Periodismo transmedia: miradas múltiples**. Barcelona: Editorial Universidad del Rosario, 2013.

_____. **Televisão: domínio da informação-espectáculo**. Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001.

_____. Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web. In: FIDALGO, A.; SERRA, P. In: **Jornalismo Online**. Covilhã: UBI, 2003.

CANAVILHAS; *et al.* Jornalistas e tecnoatores: a negociação de culturas profissionais em redações online. In: **Revista Famecos – PUC-RS**, v. 23, n. 3. Porto Alegre, 2016.

CARLSON, M. Introduction: the many boundaries of journalism. In: CARLSON, M.; LEWIS, S. C. (ed.). **Boundaries of journalism: professionalism, practices and participation**. Nova York: Routledge, 2015.

_____. Repensando os debates anglos-saxões e latino-americanos sobre o “fim da televisão”. In: FECHINE, Y.; CARLÓN, M. (orgs.) **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

CASETTI, F.; CHIO, F. **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999.

CORREIA, J. C. Ubiquidade: a próxima revolução televisiva. In: SERRA, P.; SÁ, S.; SOUZA FILHO, W. **A televisão ubíqua**. Covilhã: Labcom, 2015.

COSTA, R. Entrevista concedida à autora, 2019.

COUTINHO, I. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

_____. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: a análise da materialidade audiovisual como método possível. In: **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2016.

COUTINHO, I; MATA, J.A.P.; PEREIRA, G. T.F. Democracia e qualidade no jornalismo audiovisual: diálogos TV-Internet e o quinto poder. In: **Estudo em Jornalismo e Mídia** – PPGJ/UFSC, v. 17, n. 1, pp. 20-31. Florianópolis, junho, 2020.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. Além do jornalismo. In: **Leituras do Jornalismo** – UNESP, v. 2, n. 4, pp. 1-31. Bauru, 2015.

_____. O que o jornalismo está se tornando. Tradução de Rafael Grohmann. In: **Parágrafo** – FIAM-FAAM, v. 4, n. 2, pp. 7-21. São Paulo, 2016.

DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

ECO, U. **Viagem na irrealidade quotidiana**. Lisboa: Difel, 1986.

EKSTRÖM, M. Epistemologies of TV journalism: a theoretical framework. In: **Journalism**, v. 3, n. 3, pp. 259–282. Sage Journals (EUA), 2002.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: research as subject. In.: NORMAN, D.; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: SAGE, 2000.

ELLIS, J. **Seeing things: television in the age of uncertainty**. Nova York: I. B. Tauris, 2002.

EMERIM, C. Estudos em telejornalismo: possibilidades de análise da inovação. In: **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo: SBPJor, 2018.

_____. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia** – PPGJ/UFSC, v. 14, n. 2, pp. 113-126. Florianópolis, jul/dez, 2017.

ESPERIDIÃO, M. C. **Gigantes do telejornalismo mundial: mutações editoriais e tecnológicas das agências internacionais de notícias**. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

FARIA, J. A. Entrevista concedida à autora, 2019.

FECHINE, Y. Elogio à programação: repensando a TV que não desapareceu. In: FECHINE, Y.; CARLÓN, M. (orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

FIDALGO, A. Jornalismo online segundo o modelo de Otto Groth. Covilhã: LabCom – UBI, 2004.

FIDLER, R. **Mediamorphosis**: understanding new media. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

FIGARO, R. Regime de publicação, cronotopo e instâncias de seleção, composição e circulação: categorias teórico-metodológicas de análise da produção jornalísticas dos arranjos nativos digitais. In **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2020.

FIGUEIREDO, S. Entrevista concedida à autora, 2019.

FINGER, C. Os desafios da cultura da convergência no telejornalismo na TVE-RS. In: EMERIM, C.; FINGER, C.; PORCELLO, F. (orgs.). **Telejornalismo e poder**. Florianópolis: Insular, 2016.

_____. Ubiquidade: o novo desafio do telejornalismo. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornalismo 70 anos**: o sentido das e nas telas. Florianópolis: Insular, 2020.

FLORIDI, L. **Information**: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.

FREIRE, E. P. A. A comunicação/educação freireana na podosferabrasileira. In: **Comunicações – UNIMEP**, v. 23 n. 2, pp. 29-52. Piracicaba, mai/ago, 2016.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GODINHO, O. Entrevista concedida à autora, 2019.

GOMES, A. P. Entrevista concedida à autora, 2019.

GOMES, I. M. M. Tendências do telejornalismo brasileiro no início do século XXI: telejornalismo popular e infotainment. In: **Estudos de Televisão**: diálogos Brasil – Portugal, FILHO, J. F.; BORGES, G. (orgs). Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOULART DE ANDRADE, A. P. Audiência aglomerada: a fase pandêmica na TV e no digital da RTP. In: SUING, A.; FALANDES, C.; KNEIPP, V. **Cenas audiovisuais**. Aveiro: Ria Editorial, 2021.

_____. **Telejornalismo apócrifo**: a construção da notícia com imagens amadoras e de vigilância. Florianópolis: Insular, 2018.

_____. **Telejornalismo apócrifo**: perspectivas sobre o uso de imagens amadoras e de videovigilância na construção da narrativa telejornalística. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica – Puc-Rio. Rio de Janeiro, 2014.

_____. Telejornalismo na quarentena: a estreia da CNN Brasil na pandemia de Covid-19. In: **Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília: SBPJor, 2020.

GRIFFITHS, R. **Videojournalism**. Oxford: Focal Press, 1998.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes; 1987.

HALL, S.; *et al.* A produção social das notícias: o ‘mugging dos media’. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

JAMBEIRO, O. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

JAMES, W. **The principles of psychology**. New York: Henry Holt, 1890.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

JOHNSON, S. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

JOST, F. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias? In: **Matrizes** - USP, v. 4, n. 2, pp. 93-109. São Paulo, dezembro, 2011.

_____. Que relação com o tempo nos é prometida na era da ubiquidade televisiva? In: SERRA, P.; SÁ, S.; SOUZA FILHO, W. **A televisão ubíqua**. Covilhã: LabCom – UBI, 2015.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

- KUNCZIK, M. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LEAL, B. S.; JÁCOME, P. Outros agentes na comunidade interpretativa do jornalismo. In: **Rumores** – USP, v. 7, n. 14, pp. 45-61. São Paulo, dezembro, 2013.
- LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender nossa época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In: **Anaisdo 15º Encontro Anual Da Compós**, 2006, Bauru. Campinas: Galoá, 2006.
- LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LISBOA, S.; BENETTI, M. O jornalismo como crença verdadeira justificada. In: **Brazilian Journalism Research** – SBPJor, v. 11, n. 2, pp. 10-29. Brasília, dezembro, 2015.
- LOPES, F. Da pós-neotelevisão: a reconfiguração do prime-time nos canais generalistas portugueses. In: Marinho, S.; Pinto, M. (orgs.). **Os Media em Portugal nos Primeiros Cinco Anos do Século XXI**. Porto: Campo das Letras, 2008.
- _____. **O Telejornal e o Serviço Público**. Coimbra: Minerva, 1999.
- LOTZ, A. **The television will be revolutionized**. New York/London: New York University Press, 2007.
- LOUREIRO, L. M. O meu telejornal já não é o nosso: questões que o determinismo tecnológico coloca ao dispositivo televisivo. In: **Comunicação e Sociedade** – Universidade do Minho, vol. 15, pp. 163-172. Braga, outubro, 2009.
- MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000.
- MANDER, J. **Quatro argumentos para acabar com a televisão**. Lisboa: Antígona, 1999.
- MANOVICH, L. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**. Barcelona: Paidós, 2005.
- MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2001.

MARTINS, M. O. **Novos efeitos de real concretizados pelas máquinas de visibilidade**: reconfigurações no telejornalismo perante a ubiquidade das câmeras onipresentes e oniscientes. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.

MATA, J. A. P. **O amador no audiovisual**: conteúdos gerados por cidadãos comuns na televisão brasileira. Juiz de Fora: UFJF, 2019.

MATTOS, S. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAURÍCIO, P. **Conflitos na TV digital brasileira**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

MEDITSCH, E. B. V. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1997.

_____. Os múltiplos *framings* do acontecimento no jornalismo. In: VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. Florianópolis: Insular, 2013.

MIGUEL, L. F. Jornalismo como sistema perito. In: **Tempo social** – FFLCH/USP, v. 11, n. 1, pp. 197-208. São Paulo, maio, 1999.

MILLER, T. O agora e o futuro da televisão. In: CARLÓN, M.; FECHINE, Y. (orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOLOTCH, H.; LESTER, M. News as purposive behavior: on the strategic use of routine events, accidents, and scandals. In: **American Sociological Review** – ASA, v. 39, n. 1, pp.118-137. Washington, D. C., 1974.

MONTEIRO, L. Entrevista concedida à autora, 2019.

MORETZSOHN, S. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MUSSE, C. F. Telejornalismo e memória: a ressignificação do passado pelas histórias de vida. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (orgs.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014.

MUSSE, C. F.; PERNISA, M. B. Telejornalismo: novos formatos no cenário de crise da TV aberta. In: **Alterjor** – USP, v. 3, n.1, pp. 1-12. São Paulo, setembro, 2011.

MUSSUAILI, J. Entrevista concedida à autora, 2019.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; MINAYO, M. C. S. (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NIELSEN, R. K. Notícias digitais como formas de conhecimento: um novo capítulo na Sociologia do Conhecimento. In: **Intexto** – PPGCOM/UFRGS., n. 52, pp. 1-25. Porto Alegre, jan/dez, 2021.

OLIVEIRA, P. Entrevista concedida à autora, 2019.

OROZCO, G. Televisão: causa e efeito de si mesma. In: CARLÓN, M.; FECHINE, Y. (orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

PAIVA, R. **O espírito comum**. Rio de Janeiro. Mauad, 2003.

PALACIOS, M. S. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. In: **Matrizes** – USP, v. 4, n. 1, pp. 37-50. São Paulo, jul/dez, 2010.

PALACIOS, M. S. Cotidiano e sociabilidade no cyberspaco: apontamentos para uma discussão. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (orgs.). **O indivíduo e as mídias: ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

_____. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (orgs.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Calandra, 2003.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: MAROCCO, B.; BERGER, C. (orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1999.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, A. E. V.; ROCHA, H. C. L. Jornalismo construtivista: algumas considerações epistemológicas. In: **Famecos** – PUC-RS, v. 18, n. 3, pp. 746-764. Porto Alegre, dezembro, 2011.

PEREIRA JUNIOR, L. C. **A apuração da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PEREIRA, A. C. Práticas discursivas identitárias: o universo feminino nas páginas da revista paranaense Ideias. In: **Jornal Alcar** – UFRGS, v. 2, n.7, p. 01-09. Porto Alegre, maio, 2013.

PERUZZO, C. M. K. A pesquisa participante: de uma matriz teórico-metodológica às especificidades das práticas investigativas. Paper apresentado no Congresso ALAIC, México, UAM/UNAM, 2016.

_____. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

PISCITELLI, A. **Post-televisión**: ecología de los medios em la era de internet. Buenos Aires: Paidós, 1998.

PONTE, C. Os jornalistas como “comunidade interpretativa transnacional”. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia** – PPGJ/UFSC, v. 6, n. 1, pp. 143-159. Florianópolis, julho, 2009.

PORCELLO, F. A. C. A credibilidade do telejornalismo como antídoto às fake news. In: COUTINHO, I.; EMERIM, C.; PEREIRA, A. (orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020.

RAFFESTIN, C. **Por umageografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMONET, I. **La post-televisión**: multimedia, internet y globalización económica. Barcelona: Icaria, 2002.

REGO, A. R.; BARBOSA, M. **A construção intencional da ignorância**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

REIS, J. **Breve história do cinema**. Pelotas: EDUCAT, 1995.

RENÓ, D.; FLORES, J. **Periodismo transmedia**: reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos. Madrid: Fragua, 2012.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RICOEUR, P. **A marca do passado**. Paris: Comité Éditorial du Fonds Ricouer, 1998.

RODRIGUES, B. Entrevista concedida à autora, 2019.

RODRIGUES, C. **Blogs e a fragmentação do espaço público**. Covilhã: LabCom – UBI, 2006.

ROEH, I. Journalism and storytelling, coverage as narrative. In: **American Behavioral Scientist**, v. 33, n. 2, pp. 162-168. Sage Journals (EUA), 1989.

SÁ, S. O espectador em alta definição. In: SERRA, P.; SÁ, S.; SOUZA FILHO, W. (orgs.). **A televisão ubíqua**. Covilhã: Labcom – UBI, 2015.

SABACK, L. Digital journalism: 25 years of research. Review article. In: **El profesional de la información**, v. 28, n. 1, pp. 1-26. Oxford (RU), jan/fev, 2019.

_____. **Parceiro do RJ/TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

SALAVERRÍA, R. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: Canavilhas, J. (Ed.), **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Covilhã: LabCom – UBI, 2014.

SALAVERRÍA, R; GARCIA AVILÉS, J. A.; MASIP, P. Concepto de convergencia de medios. LOPEZ, X.; PEREIRA, X. (orgs.). **Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España.** Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010.

SANTAELLA, L. A natureza metamórfica da fotografia. In: **Projeto História – PUC-SP**, v. 70, pp. 65-91. São Paulo, jan/abr, 2021.

SANTOS, J. R. Entrevista concedida à autora, 2019.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. **O espaço da cidadania e outras reflexões.** Porto Alegre: Fundação Ulisses Guimarães, 2011.

SANTOS, P. Entrevista concedida à autora, 2019.

SATUF, I. A rua manda notícias: dispositivos móveis e manifestações sociais na atualização dos critérios de noticiabilidade. In: **Liinc em Revista**, v.10, n.1, pp. 317-329. Rio de Janeiro, maio, 2014.

SCHLAUCHER, B. G. P.; COUTINHO, I. O “drama cotidiano” na era da convergência midiática: uma análise do quadro “Jovens do Brasil” a partir do conceito metodológico de dramaturgia do telejornalismo. In: **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, Manaus, 2013. São Paulo: Intercom, 2013.

SCHUDSON, M. **Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos.** Petrópolis: Vozes, 2010.

SCOLARI, C. A. This is the end: as intermináveis discussões sobre o fim da televisão. In: CARLÓN, M.; FECHINE, Y. (orgs.). **O fim da televisão.** Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

_____. Hacia la hipertelevisión: los primeros síntomas de una nueva configuración del dispositivo televisivo. In: **Diálogos de LaComunicación – Revista Académica de LaFederación Latino Americana de Comunicación Social – Universitat de Vic**, n. 77, pp. 1-9. Barcelona, jul/dez, 2008.

SERRA, P. A televisão e a ubiquidade como experiência. In: SERRA, P.; SÁ, S.; SOUSA FILHO, W. **A televisão ubíqua**. Covilhã: LabCom – UBI, 2015.

_____. O princípio da credibilidade na seleção da informação mediática. In: **Animus** – Revista Interamericana da Comunicação Midiática –UFSM, v. 2, n. 1, pp. 37-49. Santa Maria, 2003.

SILVA, E. M. Fases do telejornalismo: uma proposta epistemológica. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (orgs.). **Críticos de noticiabilidade: problemas e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SIQUEIRA, F. C. **O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia**: o flagrante único de coprodução no telejornalismo. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

SOBRAL, F. A. Televisão em contexto português: uma abordagem histórica e prospetiva. In: **Millenium** – Instituto Politécnico de Viseu, n. 42, pp. 143-159. Viseu, 2012.

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOLOSKI, J. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, N. (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

_____. Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974. In: **Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa, perspectivas luso-brasileiras**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SPONHOLZ, L. Entre senso comum e ciência: o conhecimento híbrido do Jornalismo. In: **Ciências & Cognição** – UFRJ, v. 10, pp. 2-14. Rio de Janeiro, 2007.

TAMBOSI, O. Jornalismo e teorias da verdade. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** – Intercom, v. 30, n. 1, pp. 35-48. São Paulo, jan/jun, 2007.

TEIXEIRA, A. K. **Televisão na América Latina**: da indústria cultural à cultura da convergência. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

THOMÉ, C.; PICCININ, F.; REIS, M. A. Anatomias narrativas do telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020.

THOMÉ, C.; REIS, M. A. Novas funções e competências no telejornalismo regional. In: COUTINHO, I.; EMERIM, C. (orgs.). **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Florianópolis: Insular, 2019.

TORRES, E. C. **A televisão e o serviço público**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011.

TOURINHO, C. A. M. **Uma porta nova para a televisão: telejornalismo interativo: entre a promessa e a realidade**. Lisboa: Editora Chiado, 2015.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo – Volume I: porque as notícias são como são**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo– Volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1992.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.

VAN DIJK, T. Notícias e conhecimento. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia – PPGJ/UFSC**, v. 2, n. 2, pp.13-29. Florianópolis, janeiro, 2005.

VERÓN, E. Les publics entre production et reception: problèmes pour une théorie de la reconnaissance. In: VERÓN, E. **Cursos da Arrábida, Públicos, Televisão**, Portugal, 2001.

VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. In: **Revista Famecos – PUC-RS**, v. 16, n. 40, pp. 77-83. Porto Alegre, dezembro, 2009.

_____. Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; MOTA, C. **Telejornalismo a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.

VIZEU, A.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: Vizeu, A. (Ed.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, A.; GOULART DE ANDRADE, A. P.; SIQUEIRA, F.; CERQUEIRA, L. Telejornalismo de brechas: as pautas sociais e os direitos humanos nos telejornais. In: **Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo: SBPJor, 2021.

VIZEU, A; CERQUEIRA, L. O “lugar de referência” do telejornalismo local: o papel dos saberes, dos dispositivos didáticos e da temporalidade. In: COUTINHO, I.; EMERIN, C. (orgs.). **Telejornalismo local**: teorias, conceitos e reflexões. Florianópolis: Insular, 2019.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, R. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

XAVIER, I. D. W. **Griffith**: o nascimento de um cinema. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ZELIZER, B. Journalists as interpretive communities. In: **Critical Studies in Mass Communication** – National Communication Association, v. 10, n. 3, pp. 219-237. Taylor & Francis (RU), setembro, 1993.

_____. Os jornalistas como comunidade interpretativa. In: **Revista de Comunicação e Linguagens** – Universidade Nova de Lisboa, n. 27, pp. 50-65. Lisboa, fevereiro, 2000.

Anexos

TVI

José Carlos Araújo

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

José Carlos Araújo

TEMPO DE GRAVAÇÃO

30 minutos e 45 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

José Carlos Araújo: (inint) 00:01 chegar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, simsim.

José Carlos Araújo: Não tem problema.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá ok. Então vamo lá. É, na verdade, começando pela sua apresentação, seu cargo e sua função aqui na TVI.

José Carlos Araújo: Meu nome é José Carlos Araújo, eu... eu sou coordenador geral da TVI 24, que é o canal de notícias da TVI, estou aqui na TVI desde 2000, é, onde já desempenhei funções de jornalista, de repórter, é, mais precisamente pivô, âncora, apresentador de noticiários, primeiro, é, das sete às dez da manhã durante três anos, depois passei pra TVI 24, canal de notícias como agora estou a

exercer essa função de coordenador, entretanto há uns anos, é, exerci também função de editor de sociedade. É, não sei como é que vocês... se vocês têm a mesma terminologia.

Ana Paula Goulart de Andrade: No geral.

José Carlos Araújo: Ah, geral, é, tirando/

Ana Paula Goulart de Andrade: No Brasil não é separado por editorias. Isso também é um diferencial, produzido separado por cargos e funções, então é apuração, produção, reportagem, decisão.

José Carlos Araújo: Ok, sim. Mas aqui também, isso... isso que estava a dizer de... de edição, produção, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas assim, eu como repórter não monto a minha peça.

José Carlos Araújo: Ah, aqui sim e não. Muitas vezes o repórter vai montando a estrutura da peça, o corpo da peça, os (inint) 01:21, não sei como é que vocês dizem, se quer utilizar na peça, vai estruturando a peça ou até vai gravando a voz off para a peça, enfim, vai criando ali uma série de... de peças para o puzzle e depois o editor de... de imagem...

Ana Paula Goulart de Andrade: Monta.

José Carlos Araújo: Monta, é, ainda que existam jornalistas já com, é, capacidades e... e habilidades suficientes para praticamente fazer, é, a... a edição da peça em termos de estrutura de... de (inint) 01:51 os áudios, alguns efeitos, inserção do grafismo, há... há quem consiga fazer isso do princípio ao fim. É, sendo que de fato e... esse cargo que eu exerci há uns anos de editor de sociedade (inint) 02:02 um pouco. Porque é... é, (reverberização) 02:04 foi feita aqui há uns talvez quatro meses, se calhar nem tanto, três, quatro meses aqui dentro da TVI, de fato também, é, anulou algumas editorias. Ou seja, nós agora temos uma editoria muito focada no jornal das oito, que é o jornal principal da estação, é prime time, e que depois a chamada Agência 24, que apoio também obviamente aos jornais diários, que é o jornal da hora do almoço, que era o jornal das oito à noite, e alimenta muito a TVI

24, é, no de tarde, obviamente, e é quem trata ao fim e ao cabo esta Agência 24 é quem trata dos... é, assuntos do cotidiano, do dia a dia. É a equipa que está mais focada para o jornal das oito tem também como começo e não só fazer peças específicas para (inint) 02:51, tá ligado no (inint) 02:52, e peças que exijam um... um melhor tratamento em termos de investigação, de edição de imagem, de grafismo, é, e também fazer algumas coisas que são tratadas, é, com alguma (inint) 03:05, portanto que estão em agenda, (é possível ver) 03:08 e que sabemos que vai acontecer. Efeméride, um evento qualquer que... que nós, é, temos aí agenda e que sabemos que queremos tratar de forma relevante, e portanto a simetria vai também trabalhando isso a médio prazo, por assim dizer. Portan... ah, pronto, ok, temos a... a editoria Agência 24, temos uma editoria, ao fim e ao cabo estão só editorias, né, uma só, ou temos um grupo de jornalistas que s... foca mais no trabalho do jornal das oito, temos aí sim a editoria de desporto, continua a existir desporto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Separado.

José Carlos Araújo: À parte. É, e temos ainda aqui na... na nossa redação uma task force, é, que trata das notícias, mal temos conhecimento dessas notícias, ou seja, o primeiro tr... é uma... é um radar, é triagem e o primeiro tratamento à notícia. É o off ainda sem uma... uma peça estruturada, é o (cortado) 04:03 no vivo, (inint) 04:06 (arrogante) 04:07 e se pronunciou sobre isto ou sobre aquilo que nós tínhamos eventualmente transmitido em direto ou não, é, entretan... há também essa equipa que é o newsdesk, que faz o primeiro tratamento a... às informações que recebemos e a equipa também de digital que se encarrega de colocar as notícias online.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá bem integrado, né.

José Carlos Araújo:(inint) 04:28. Sim, a equi... a equipa de... de newsdesk e online trabalham ali, costas com costas, porque é aquela necessidade de, é, tratar primeiro e mais rapidamente possível, que é pra colocar em televisão que é também pra colocar em online ou para enviarmos pros... é, o telemóvel e ter as notificações, é, os alertas da... da TVI 24. E estamos muito próximos. Aqui, não sei se a Paula já lhe explicou, que mais pra (inint) 04:55 está a tal Agência 24, no piso de cima está a equipa do jornal das oito e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, no (inint) 04:59, sim.

José Carlos Araújo: Desporto, sim. Tem uma equipa do jornal das oito e a equipa do desporto. E, é, mais algumas equipas pequenas para programas que existem, é, no canal online da TVI ou na TVI 24, programas de, é, sociedade, lifestyle, cinema.

Ana Paula Goulart de Andrade:(inint) 05:18.

José Carlos Araújo: Cinema tá aqui embaixo agora. Sim, mas outras coisas mais... mais específicas ou também, é, jornalistas que fazem parte do... dum... dum... dum grupo que produz essencialmente médias e grandes reportagens. Portanto, para o desporto mais de dez minutos, vinte minutos, às vezes mais até em duas... em duas partes. O que que eu posso dizer mais da nossa redação? É, esta é a divisão, assim, estrutural, ok? Portanto, Agência 24, jornal das oito, editoria de desporto, newsdesk, triagem, filtro e também tratamento digital ali, é, junto. E temos outras equipas também que estão a trabalhar com determinados, é, coordenados por determinados jornalistas que apresentam reportagens, é, no jornal das oito, no jornal prime time, é, todas as semanas. Não sei se já se percebeu, se já olhou para o jornal das oito da TVI, que os únicos jornais que não têm pilar ou muito (inint) 06:31, é, são os de quarta-feira e os de sábado. Porque à segunda-feira o jornal é editado pelo Miguel Sousa Tavares, que é editor do jornal e comenta no jornal, à terça-feira há uma peça estrutural da equipa coordenada pela Sandra Borges, que promove depois um debate que começa, é, às vezes começa um pouco entre o jornal das oito, mas que se prolonga imediatamente a seguir no canal de notícias, na TVI 24, à quarta-feira não está nada determinado, à quinta-feira é a equipa coordenada pela (inint) 07:04, basicamente funciona, é, da... da mesma forma, ou seja, há uma reportagem estrutural, há mais uma ou duas pequenas reportagens de investigação e depois há um debate que segue no canal noticioso. À sexta-feira o jornal tem um espaço significativo de aproximadamente vinte minutos, é, entrei, ajudei agora no (inint) 07:25, é, onde ele sinaliza uma série de fatos que estão em ordem (inint) 07:31, são investigados, fazer aqui um tipo de fact-check. Aos sábados (o nosso espaço) 07:35 tá bem mais livre, e ao domingo tem, é, pequenas e médias reportagens, tem comentadores direto também, o Paulo Portas, que foi vice primeiro-ministro de Portugal no período das (inint) 07:47, que foi a líder partidário de um partido com... com relevância no... no nosso parlamento, foi o inverno do partido, (dez anos)

07:55, foi até uma figura de preso político e que é comentarista do jornal das oito e há ainda na mesma mesa um espaço dedicado a sátira humorística com mais ou menos vinte minutos do... apresentado por (inint) 08:07.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, a gente tá pesquisando na verdade como é que a tecnologia influenciou o telejornalismo em perspectiva de inovação, de interatividade, como é que vocês apuram a partir da tecnologia, como é que vocês recebem o material de fora pra dentro da redação, esse sentido.

José Carlos Araújo: Sim, eu sempre aconselho a falar com Vasco Crespo sobre a parte, Vasco Crespo, ele tem todo o estabelecimento sobre essa parte da... da forma como lidamos com os meios. Agora daquilo que eu sei e daquilo que eu trabalho, é, nossa tecnologia aqui utilizamos os carro satélite, utilizamos o que chamamos aqui (terabytes) 08:50 que são (aspectos) 08:53, 4G e é qualquer coisa que, é, tem claro uma desvantagem em relação ao carro satélite, nem sempre o sinal é o melhor, é raro, hoje em dia já é raro felizmente, mas há locais, o piso menos dois ou menos três, um edifício, a f... às vezes no meio da montanha, no meio de uma serra pode não haver um sinal muito bom e de imagem pode freezar, pode (inint) 09:19. É, isto em termos de... de diretos, é o utilizamos essencialmente, ou os carros satélite ou os (terabytes) 09:28. É, para entrevistas utilizamos, é, Skype, fazemos lá as entrevistas eventualmente, é, e claro temos um canal, um endereço por correio eletrônico, um e-mail criado para receber vídeos ou fotografias que são enviadas por telespectadores.

Ana Paula Goulart de Andrade: WhatsApp não? Vocês não usam.

José Carlos Araújo: Sim, também já recebemos vídeos de telespectadores no WhatsApp.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, já?

José Carlos Araújo: Já. E na... e na... na régie, é, temos uma ferramenta chamada vídeo que nos permite fazer um... fazer um esquema do... do mar e (escolher) 10:04 uma área, é, de um site, é, e colocar essa imagem no ar. Ou seja, eventualmente, em um cenário em que seja possível, nós temos um acordo com outra estação televisiva para eles verem a... a emissão live broadcast que esteja disponível online ou no site

dessa estação ou no canal no YouTube dessa estação e basicamente através desse vídeo que está na régie, nós fazemos um... um esquema nessa área e colocamos isso (excepcional) 10:37 no ar.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como é que é a checagem disso?

José Carlos Araújo: Do canal? Bom/

Ana Paula Goulart de Andrade: Da informação, sim.

José Carlos Araújo:(inint) 10:41 temos que saber que canal é aquele.

Ana Paula Goulart de Andrade: Anteriormente.

José Carlos Araújo: E credi... e creditamos esse canal, creditamos as imagens desse canal. Essa questão da... da checagem é muito relevante nomeadamente para as fotografias e para os vídeos que nós recebemos através do correio eletrônico porque eu não duvido da... da boa vontade dos nossos telespectadores, a verdade é que hoje podemos ter uma, imagina, uma queda de neve numa cidade portuguesa. Chega aqui uma fotografia, duas, três. Nós temos que tentar perceber imediata com as autoridades ou com o instituto português de meteorologia se de fato aquilo está a acontecer, se nós temos já repórteres no local ou se... se tão lá perto para perceber através do contato no local. Mas precisamos desse fact-check porque aquela fotografia pode ser tirada como nevou há dez anos ou quando acontece uma cheia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como aconteceu em Brumadinho, né, muitas... muitos (inint) 11:40 agora.

José Carlos Araújo: Pode acontecer, lá esse mesmo, é, quando... quando acontece uma enxurrada d'água, (inint) 11:47 já pode ter acontecido naquele local há dez anos ou três, e isso obriga-nos a pôr muitas vezes um (inint) 11:54 porque está sempre (entrelaçado), nós podemos alimentar o canal com, é, a maior rapidez possível, com as novas imagens e os novos vídeos e as novas fotografias (inint) 12:05, mas sempre que possível vamos ao máximo essa... essa... essa confirmação para termos a certeza de que naquele local estava a acontecer isto ou aquilo ou que está a acontecer esta [ininit] 12:19 ou esta enxurrada, ou esta queda de neve ou qualquer coisa, enfim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em dez anos de telejornalismo, né, de 2009 a 2019, como é que você acha que as tecnologias mudaram nesse sentido mais tecnológico? Ou seja, tá mais difícil ser jornalista hoje? Porque na medida que você tem muitas possibilidades pra checar e colocar no ar, se ao mesmo tempo você tem a facilidade de pesquisar.

José Carlos Araújo: S... muito interessante. (inint) 12:43.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma contramão, é um paradoxo.

José Carlos Araújo: São, é, são duas faces da... da... da mesma moeda, é, tem mais facilidade de acesso, mas tem também obviamente mais, é, trabalho e mais necessidade de ter rigor em confirmar que essa informação é credível e que é verdadeira. Acho que todos nós damos graças à... à tecnologia, e hoje em dia se calhar não nos imaginamos o que é não trabalhar com grupos de WhatsApp que quando estamos a... a tratar duma efeméride que nos ocupa vinte ou trinta pessoas nesta casa ou começamos a cobrir um julgamento, (inint) 13:18 um grupo do WhatsApp e todo a gente fala e manda mensagens toda a gente e toda a gente está em tempo real a perceber o que que toda gente envolvida nessa equipa está a fazer. Imaginemos há alguns anos quando, é, bom, e até (já antes) 13:31 quando (inint) 13:31 já havia telemóveis, nada mal. Já permitia uns e outros (ligarem) 13:36 pra aqui e ir passando a mensagem. Agora, desde a produção ao jornali... ao repórter, ao câmeraman, ao produtor, ao realizador, ao editor que está aqui na régie, se quisermos até um diretor de informação que muitas vezes é também incluído no... no grupo, toda a gente está a receber informação em tempo real.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais um trabalho interno do que externo.

José Carlos Araújo: Sim, mas que ajuda na... na... na comunicação. E... e também na passagem de informação. Imagine quando tamos num... num local a fazer cobertura de um incêndio. Os repórteres estão espalhados, tão a vinte quilômetros ou trinta uns dos outros, não é? E... e muitas vezes é de fato muito relevante termos acesso a essa informação do que é que está acontecer. Às vezes temos a emissão (inint) 14:19, às vezes por questões técnicas não temos (inint) 14:22 algum tempo a emissão do (inint) 14:23 e... e portanto através des... desta tecnologia, ao fim e a cabo, né, está ficando ainda tecnológico, é também muito...

muito relevante para o que nós estamos em... em sintonia e temos que perceber em tempo real basicamente o que que uns e outros estão a fazer ou o que que estão a pensar a fazer, não é? Tanto isso é... é, isso é muito importante essa... essa partida. É, em termos de tecnologia, o que que eu lhe posso dizer mais, eu tô aqui a esquecer de coisas. É, já me lembrei, é, da régie, do (inint) 14:54. É, não sei, (inint) 15:01 todo tipo de curso. Bom, as nossas (hiper reportagens) 15:04 quando vão para o exterior ou... ou quando vamos a (premissas) 15:06 oficiais, muitas já vão unidas com os próprios computadores para editar as peças e editamos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

José Carlos Araújo: Enviamos as peças também.

Ana Paula Goulart de Andrade: Hoje talvez até com o comp... com o celular, né.

José Carlos Araújo: Ah, hoje em dia com um bocadinho maior.

Ana Paula Goulart de Andrade: É (risos). É, como que você acha que, enfim, com essa... obviamente nas redes sociais a gente pode fazer uma live também, 4G, 5G tá chegando aí também, é, só que a gente não tem essa mediação nem essa credibilidade do jornalista enquanto produtor social de realidade. Como é que você acha que a televisão vai estar daqui a dez anos, se aproximando dessa rede? Se aproximando dessa ideia de, é, icônica das redes sociais? Hoje a gente já tem algumas participações, é, vocês já falaram também, é, via WhatsApp não, mas via Skype, via participação do... do... porque assim, eu cidadão comum, eu telespectador já consumiu a notícia durante, enfim, o dia inteiro. Como que eu, é, vejo na... na TV... TV 24 horas, mas como que eu quero assistir o jornal das oito, qual o diferencial? Como que a televisão vai estar daqui a pouco, daqui a uns dez anos?

José Carlos Araújo: Eu tenho a visão de que, é, pra já que eu tenho que fazer aqui um disclaimer. Eu não tenho Facebook.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, isso eu ia te perguntar daqui a...

José Carlos Araújo: Pronto. Tenho Instagram, que essencialmente me serve para promover, é, produtos que eu apresento na televisão. É, agora, daqui, não... não só

daqui a dez anos, mas já vivemos essa era, o valor da informação, e vamos chamar informação (inint) 16:47 tudo vai estar assim, principalmente este enquadramento, (inint) 16:52 e a questão que ela terminou o giro do cidadão repórter, isso tem muito de... de bom porque às vezes hoje em dia o cidadão r... chega, pode estar num acidente ou passou ao lado e filmou, é, pode ser nada interessante, mas o cidadão é cidadão e, é, absorve o que vê, o que filma, o que grava e a informação que veicula à maneira dele, não se... não estou aqui a julgar se com boas ou más intenções, mas à maneira dele. Não é um jornalista que tá ali que observa determinados critérios a dizer (inint) 17:30 ou que tenha uma ideia pré-concebida de como transmitir a... a notícia, como tratar a notícia. Acho que os jornais televisivos têm que (optar) 17:39 muito nisso, na explicação da... da notícia, no desmontar da notícia. Eu sei que há notícias que parecem ser muito simples, é só ver, é... é, chocaram três carros, houve um (inint) 17:52, houve uma vítima mortal, pronto, pode ser um... um assunto muito chato. Mas há notícias que (inint) 18:00 requerem da nossa parte um tratamento que seja diferenciador em relação àquilo que se tá escrevendo nos blogs, nas redes sociais, é, que hoje em dia são também uma ferramenta que nós vivemos muito a utilizar, são uma ferramenta útil para nós próprios veicularmos a nossa... a nossa produção...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, é o nosso algoritmo que mesmo né, porque...

José Carlos Araújo: É, e...mas apesar de ser umas ferramentas, é uma ferra... é uma ferramenta que é tratada de maneiras diferentes. Por um cidadão comum ou o jornalista. E nós temos que ser capazes de lutar contra... contra essa, às vezes essa... essa impostura que se faz do que é informação publicada e até mesmo publicada (inint) 18:47, colocada com cabo e online, do enquadramento, dos porquês, das consequências em relação à notícia. É, isso não só é... é um... é um risco, é uma ameaça, é uma oportunidade que nós temos para nos servirmos das redes sociais em determinadas circunstâncias, mas é algo com que nós temos que, é, nós temos que enfrentar de forma muito séria porque estamos perante um problema quando falamos daqui a dez anos, já não está a falar desta geração que está agora a conseguir as redes sociais, mas está a falar da próxima também,

daqueles que têm agora sete, oito, nove anos, e que já vão chegar aos dezenove, é, entre outras, saber de notícias pelos tópicos, pelos filtros, pelos (posts) 19:46.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque eles nem assistem mais televisão, por exemplo.

José Carlos Araújo: Então, essa... essa é outra conversa. É, mas sabem das coisas por tópicos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, abreviadas.

José Carlos Araújo: É, o porquê que aconteceu ou qual é o enquadramento, quais são as consequências, ou os contraditórios ou... é, isso... isso tem que ser um trabalho nosso e temos que ser nós a conseguir estimular o consumidor, o receptor da mensagem a que ele se interesse pela forma como nós explicamos a história, porque muito do que é colocado e não... não estou a falar dos sites, é, das próprias estações televisivas, mas de outros sites que vão sugando informação e que se limitam a colocar um tópico em duas ou três ou quatro linhas. E há muita gente que vai pensando que sabe quase tudo sobre bastando, é, receber as notificações e sabe, sabe o título.

Ana Paula Goulart de Andrade: Às vezes nem lê (risos).

José Carlos Araújo: Sabe, também não vou dizer que não sabe, sabe, eu respeito, sabe de fato. Sabe o título. Agora, s... se pois sabe discutir o assunto, sabe avali... avaliar o assunto, se enquanto cidadão que quer ser ou não mais ou menos informado, isso aí eu tenho claramente dúvidas de que através dos tópicos e do... do speed das notícias sucintas, que o cidadão consiga estar bem informado, e aí daí, é um novo comportamento geracional, é, e vai daí, a informação pra mim hoje é o bem mais valioso que existe, (inint) 21:26 mais valioso, valia já há muito tempo. É, mas hoje em dia, não só com as redes sociais, com as agências de comunicação, com os (inint) 12:36, é, mais ou menos legais e autorizados e varia de... de país pra país. É, é... é... é muita informação a chegar, as pesso... o cidadão, é o jornalista, o jornalista começa errando, não é? É, e portanto é muita informa... é um mundo de informação muito grande. E nós em termos de televisivos, radiofônicos, seja... nós temos os jornais em papel a definir, a definir, mas a tecnologia tem também

não só na comunicação social da imprensa, temos na indústria discográfica. Não se vende CDs, o CD é um cartão de apresentação à moda antiga. Em vez de dar um cartão de papel, dá um CD. Ninguém, em prática ninguém compra CDs, a nova geração não compra CDs, não compra CDs. É, e portanto isso são... são comportamentos, são novos comportamentos que vão... que vão acontecendo, e em relação às quais nós temos que ir lá arranjar maneiras de continuar a cativar pessoas, o consumo televisivo, (tem que ainda baixar) 22:36, as ofertas continuam seja de TV por cabo, seja por Netflix ou HBO, são cada vez mais, e nós temos que ser capazes de captar atenção do espectador. Acho que isso acontece essencialmente quando acontecem, é, às vezes acontece quando há, é, eventos, fatos em direto. Porque em direto tá em direto, tá conservado, né. (inint) 23:02.

Ana Paula Goulart de Andrade: O direto eu acho que é a grande aposta da televisão.

José Carlos Araújo: É a única. Porque todo o resto você vai ver, é, na... na... na box, como nós chamamos aqui, vai com... depois (endfree) 23:14, você não precisa ver as séries, as novelas, os (próprios) 23:18 debates sobre determinado assunto, você não precisa ver na hora, vê quando... quando for lhe for conveniente, não precisa tar a ver na hora. O que que você vai querer continuar a ver na hora? Os eventos desportivos, é, as tragédias, alguns eventos, é, a escala mundial, seja o casamento real, seja, sei lá, uma coisa qualquer. Hoje em dia é melhor ninguém interceder numa nave que vai para o espaço, é, há vinte anos era importante. É... é... e... e portanto eu acho que a televisão vai viver muito do direto, todo o resto vai ser, é, na ótica do utilizador, é... é, ter recebido, a pessoa viu, quando o utilizador quiser. E isto é como aquela máxima que nós temos cá em Portugal que é o cliente tem sempre razão, e o utilizador também tem sempre razão, o telespectador tem sempre razão, vê quando quer. É, eu estive quatro anos aproximadamente em Atlanta, no... na... no headquarter da CNN e também na aquela altura já estavam com a própria ferramenta online que chamava CN... CNN (inint) 24:31, em que você online lia o jornal deles e já não precisava de ver o jornal, já tinha visto por... por (times) 24:41 das notícias no jornal, pós emissão. Ok? O jornal era emitido, estava a ser emitido, trinta segundos depois um minuto e ia caindo a receita. Você vai lá uma hora, se você... se quiser ver o jornal da... das

oito da CNN, você vai online, você vai ver a notícia que quiser, é já bem aquela coisa de carregar, está a ver o jornal (endfree) 25:06 e anda a pra frente, faz o scroll pra andar uns minutos pra frente, esta notícia não me interessou, não... mas vem... vai ao menu, tá lá o tópico no menu como nas redes sociais ou nos sites que averigui agregam agregador de informação, você vai ao menu e clica, tem o direto, faz a sua playlist do jornal. É claro que isso tem, óbvio, já riscos para a sobrevivência do negócio, não é? Claro. Porque começa a segmentar cada vez mais e a (inint) 25:35 cada vez mais o consumo, mas é democratização total e a liberdade total do utilizador e do consumidor da informação, e como é pra eles que nós trabalhamos, eles têm razão. Tanto assim nós apresentamos um jornal com vinte notícias e eles vão lá e vêem dez, não vêem as outras dez, é, temos que tirar (enrolações) 25:57, quer dizer, não é não ver as outras dez, mas vêem mais uma de que outras, isso é bem... é normal, não quer dizer que (inint) 26:02 um top ten das notícias que as outras dez não... não interessam. Não é isso que eu estou querendo dizer, até porque há... temos que ter uma edição editorial do... do próprio produto, não é? Não é uma coisa fechada lá porque as notícias que... que querem mais saber sobre, é, sobre cantores ou sobre príncipes e princesas, não vamos fazer um jornal só disso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, temático.

José Carlos Araújo: Claro. É, mas é mais um indicador, mais uma ferramenta e mais um sinal de como as pessoas vão a consumir aquilo que é produzido numa televisão que eu não sei se isto tudo ainda se vai chamar televisão daqui a uns anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: A televisão já é ubíqua, né, de certa forma. Já tem uma onipresença.

José Carlos Araújo: É, isso já é... sim, a televisão é um... é um objeto, é uma coisa. Portanto, nem sei se isto... se ainda vai fazer sentido daqui a dez anos dizemos numa televisão, um... um canal televisivo. Isto vai ser uma coisa que se calhar nem vai se chamar estação televisiva.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim (risos).

José Carlos Araújo: Nem mesmo não sei se a televisão consegue ainda vai ser no mesmo eixo porque as pesso... e a tecnologia tem até esta coisa, é a pessoa escolhe o que quer, claro, porque (inint) 27:07 divertem-se e não é só isso, e adoram os... os (inint) 27:12, começamos a segmentar as opções de...

Ana Paula Goulart de Andrade: E oferecer aquilo que é...

José Carlos Araújo: Oferecer o que é de certas tendências, é, oferece o que quer de forma muito mais objetiva e... e isto é um caminho, é... é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sem volta.

José Carlos Araújo: Sem volta e (inint) 27:29.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não dá pra parar.

José Carlos Araújo: Não, é impossível você parar não, não, você não vai... você vai ver um telejornal todo que eu quero apresentar, não, você não... não vai ver só aqui esta notícia ou aquela notícia. Você não vai fazer isso. E tudo... tudo isso vai mudar, as pessoas em termos de (inint) 27:44, claro, nós vivemos nas receitas da... da publicidade ainda que... que o canal generalista haja obviamente de programas de informação, programas de entretenimento, é, e... e portanto a publicidade cai aí, não é, não... não se faz publicidade especificamente, ou se faz dentro dos jornais posto nos intervalos, entre os jornais ou antes do jornal, qualquer coisa assim do gênero. É...

Ana Paula Goulart de Andrade: É grande, né, são... são até doze minutos.

José Carlos Araújo: É que a minha estratégia é assim, aponta para doze minutos de... de intervalo. É, (inint) 28:13 em Portugal, é, o... o que eu acho que é um pouco diferente do Brasil, que mas antes só tinha... só podia... a TV Globo ficava talvez, onde havia mais intervalos, mas o custo de dois minutos.

Ana Paula Goulart de Andrade: São dois intervalos de dois e...

José Carlos Araújo: Sim, mas você vai ver o tempo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Dois a quatro minutos, né.

José Carlos Araújo: Pois. Aqui porque...

Ana Paula Goulart de Andrade: É bem curtinho. E aí isso é uma loucura porque a gente, não sei se você escutou falar lá, a gente tem o minuto a minuto né, na régie.

José Carlos Araújo: Ah, nós aqui não temos. (inint) 28:43.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma loucura porque tá indo pro break/

José Carlos Araújo: Não, nós aqui a temos, é, no dia seguinte, se você percebeu, o que, é...

Ana Paula Goulart de Andrade:(inint) 28:46. Então daí eu não tenho, é... é, no final eu, editora-chefe, não sei o que que eu coloquei no ar. Não sei de verdade porque o SBT tá dando e a Globo tá dando e a Record tem que dar e aí aposta nisso, cai com essa matéria, tira o vivo.

José Carlos Araújo: Sobre esta, esta tá a abalar, tá a subir. (inint) 29:04 como você diz, ao vivo entregue (inint) 29:07 com o minuto no traço.

Ana Paula Goulart de Andrade: Minuto a minuto, minuto a minuto.

José Carlos Araújo: E o minuto que tá cai... cai o valor. O seu e os dos outros.

Ana Paula Goulart de Andrade: De todo mundo.

José Carlos Araújo: Isso, há pessoas com ferramentas de apuração (inint) 29:18 nessas registros, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, as pessoas começaram a ficar doente com isso.

José Carlos Araújo: Pois.

Ana Paula Goulart de Andrade: De verdade.

José Carlos Araújo: Pois.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque era... era uma lógica que você criava...

José Carlos Araújo: De velocidade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você criava um alinhamento com uma lógica, né, com uma pequena construção do mundo, da verdade até o tempo do teu telejornal e quando cê ia pra régie, colocar o jornal lá, não, caiu isso, o entrevistado dele já chegou, a mesma matéria que vocês tão colocando, coloca essa, acaba o vivo (risos).

José Carlos Araújo: E esta divisa, às tantas a... a lógica (inint) 29:49 ou a estrutura do jornal foi...

Ana Paula Goulart de Andrade: (Foi abaixo) 29:50. Eu sou da época que a gente fazia conta, né, e aí o, sei lá/

José Carlos Araújo:(inint) 29:55.

Ana Paula Goulart de Andrade: Se foi alguma coisa, o sistema hoje é lindo nesse sentido.

José Carlos Araújo: Claro, hoje ele é bem claro, mas também... também estamos de olho no que a concorrência está a fazer, mas é uma questão (que está tão cerrada) 30:03 que até em termos de intervalos, e... estamos todos a, o (inint) 30:07 vai quase ao mesmo tempo pra trocar. Agora, temos essa clara vantagem que não morremos de pressão porque de notícia podemos... podemos ter uma grande desilusão, vamos ficar muito tristes.

Ana Paula Goulart de Andrade: É muito bom. Só apostas.

José Carlos Araújo: Por causa da... sim, mas não consigo fazer nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: No dia seguinte.

José Carlos Araújo: É, no dia seguinte só consegue emendar... só no dia seguinte, claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

José Carlos Araújo: Sim, portanto não... não dá pra tentar fazer ali na hora, isso... é possível (desfibrilador) 30:31 (inint) 30:32 de saúde, eu tenho.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

José Carlos Araújo: Para a gente perder o medo.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos) é isso querido, muito obrigada.

José Carlos Araújo: Nada, tá ok. Vou só precis... pedir pra tirar uma foto com você porque eu preciso registrar todo mundo que eu, pode falar na redação que é (inint) 30:44/

Luiz Salvador

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Luiz Salvador

TEMPO DE GRAVAÇÃO

20 minutos e 08 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Só que tem que ser gravado. Ó eu fazendo aqui, ó, o trabalho já de gravação (risos). Daqui a pouco eu te acompanho, tá?

Luiz Salvador: Já me pegou.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos). Então, vamo lá. Sua apresentação, seu cargo e sua função.

Luiz Salvador: Luiz Salvador, sou da direção de informação, sou... sou diretor, tenho a área operacional em meu cargo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá, é... é, essa pergunta é um pouquinho maior, pode ser sintética, um pouquinho de sua trajetória até aqui na TVI.

Luiz Salvador: Quer dizer, a minha trajetória comecei há trinta e três anos na RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Luiz Salvador: Já tenho alguma idade. Então eu comecei como operador de câmara na RTP. Fiz um curso de oito meses e durante sete anos fui operador de câmara na RTP. Quando iniciaram as privadas em Portugal, a SIC na altura convidou-me para ir (inint) [00:00:47] um turno de câmeras na SIC. Eu na altura já queria ir pra partes mais jornalística, pra parte da realização, é, e não aceitei na altura a SIC. A TVI depois fui eu que fui procurar a TVI para vir para a equipa de realização da TVI. A TVI já tinha a equipa de realização completa, eu vim pra TVI como assistente de realização.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Luiz Salvador: Assistente de realização, antes de começar a (inint) [00:01:13], faltava um realizador para fazer um programa desportivo. Convidaram-me para começar a fazer o programa desportivo. E aí também depois na realização, realizar, quer dizer, realizava ao fim de semana, durante a semana era assistente. Depois, eu fui vindo, (inint) [00:01:30] realizador. Quando a SporTV se iniciou em Portugal, o programa de canal esportivo, eu fui convidado como fui depois muito ligado ao desporto, fui convidado pra iniciar esse canal, é, como (inint) [00:01:44] e pela realização do canal. Eu aí também aprendi muito, os contatos que fiz com empresas estrangeiras, (inint) [00:01:53] empresas portuguesas, a RTP, em termos de produção (inint) [00:01:59]. É depois o José Eduardo, veio pra TVI, pro Senhor Televisão, é, e depois convidaram (inint) [00:02:08] pra na TV pra formar a primeira equipa da realização da TVI. Coordenei a equipa de realização até (inint) [00:02:15].

Ana Paula Goulart de Andrade: Ô coisa boa, nossa.

Luiz Salvador: (inint) [00:02:19] (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: Bem resumido, né?

Luiz Salvador: Mas isto foi o meu... o meu projeto.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tá falando de tecnologias aqui, né. Como é que você acha que a tecnologia influenciou, é, influencia o telejornalismo na medida de checagem de informação, imediatismo da notícia, ter tomada de decisão de colocar ao ar uma informação?

Luiz Salvador: Assim, a tecnologia de tal forma que hoje em dia toda a gente anda com uma câmera de televisão no bolso, e todas as pessoas conseguem ficar visível para todo o mundo. Um posta no Face, um posta no Twitter, o que seja, uma notícia. Ou uma notícia, eu discordo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Entre aspas.

Luiz Salvador: Entre aspas. Consegue pôr um conteúdo, uma informação que pode ser verdadeira ou falsa. A grande dificuldade é devido à proliferação tão grande dessa informação, nós temos que dar essa notícia em primeiro lugar e tentar saber se é verdade ou se é mentira.

Ana Paula Goulart de Andrade: Esse é o grande desafio.

Luiz Salvador: Este... este é o grande desafio que nós temos hoje em dia e que é, isto a circular na... na internet, é verdade ou é mentira?

Ana Paula Goulart de Andrade: E como é que vocês fazem o processo de apuração aqui? Tem esse cuidado desse filtro cada vez maior, né, que tem que ser um gate?

Luiz Salvador: É, assim, nós temos que ter um cuidado muito grande e não... não... não irmos atrás (inint) [00:03:42], quem é que chegou primeiro. Acho que temos que ter cabeça fria e isto a circular, (faz-se) [00:03:49] telefonemas por duas, três pessoas da agenda de jornalistas a tentar checar se realmente o que está a

circular é verdade ou não. O que acontece pois algumas vezes é que circula, há uma estação, ou se aquela estação tá a dar se calhar e tá a circular já, é verdade. E aí o que que acontece, começamos a fazer o mimetismo, eles dão, nós damos, os outros dão. Posso contar o que aconteceu em Praga, é, no incêndio do ano passado muito grande na zona centro de Portugal, houve um canal de televisão que começou a dizer que um helicóptero tinha despenhado. É, e ficamos todos surpresos, não havia mais informação nenhuma, já não lembro se fomos nós, se foi a SIC, foi a RTP que a seguir foi dizer que mesmo helicóptero tinha despenhado. Foi confirmada a notícia... não confirmou. Fez o eco da notícia

Ana Paula Goulart de Andrade: Mimetismo midiático.

Luiz Salvador: Fez o eco da notícia. Há dois a dizer, aconteceu, nós começamos a dizer, RTP diz, todos os canais de televisão em Portugal assumem que o helicóptero caiu, inclusive os bombeiros dizem que o... que o helicóptero realmente tinha se despenhado. Passado quatro horas soube-se que era falso. E é isto grave hoje em dia que a velocidade com que as coisas acontecem se nós não conseguimos travar um bocadinho e disparar, isso acontece mais vezes.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em um período de dez anos, de 2009 para cá, pra 2019, como é que você acha que o telejornalismo modificou... as tecnologias modificaram o telejornalismo?

Luiz Salvador: Assim, modificaram-se pois também internamente, que assim, em 2009 se calhar... a grande revolução tecnológica interna da TVI, os sistemas de tração digitais, o jornalismo passou a ser, o jornalista passou a escrever a sua notícia e editar a sua notícia, passou ele a fazer uma grande parte do trabalho.

Ana Paula Goulart de Andrade: E não era assim antes.

Luiz Salvador: É, em 2009 havia uma grande parte da redação que ainda não editava, que tinham pessoas especializadas em editar as peças. Nossa função foi um bocadinho mais...

Ana Paula Goulart de Andrade: A montagem era feita por uma outra pessoa.

Luiz Salvador: A montagem era feita pelos editores de imagem. Hoje em dia, acontece precisamente o contrário, hoje em dia, 80 a 90 por cento das notícias são editadas pelos próprios jornalistas, e há 10 por cento que não é. Não são as notícias... mais... mais longas, que têm uma perspectiva diferente, têm um olhar diferente, um olhar mais profundo da... da notícia, aí geralmente é editada é por um editor de imagem. É, tamos a falar de peças de cinco, seis, sete, oito, dez, doze minutos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Seriam especiais, né?

Luiz Salvador: É isso, são reportagens especiais. É reportagem da notícia do dia a dia. Hoje em dia são os jornalistas que editam.

Ana Paula Goulart de Andrade: No próprio sistema?

Luiz Salvador: No próprio sistema, no próprio sistema da redação no seu computadorzinho, tem ali até m/

Ana Paula Goulart de Andrade: É o que, o qual é, o (QCut) [00:06:49], não?

Luiz Salvador: É, é. Nós tamos a... tamos a utilizar o sistema é o (QCut) [00:06:54] da... da, é o (QCut), (QuickEdit) [00:06:57], temos a plataforma dá... do (QCut) é o mais básico, o jornalista só cutcutcut cut. O edit já mistura, já fazemos o (inint) [00:07:05], já dá pra fazer uns efeito. Daí não querer abrir o edit ao jornalista porque senão o jornalista pode chegar ali e fazer de uma reportagem só com cortinas ali, uma miscelânea de efeitos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí fica defeito especial (risos).

Luiz Salvador: Isso, exato... boa! Não é efeito, é defeito.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

Luiz Salvador: Vou usar essa também (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: À vontade. Você acha que tem mais interatividade, é, inovação nesse tipo de contato com o público? Como que a TVI trabalha com o público?

Luiz Salvador: Ah, imagina, conseguimos fazer mais hoje em dia. É, eu acho que com as redes sociais, nós temos que interagir mais pelas redes sociais. Nós andamos a estudar uma forma de podermos usar também na TVI os tweets que as pessoas, fazer um filtro pra ter uma hashtag para determinados programas e as pessoas podem também twittar e os tweets serem visíveis no ecrã. É, isso tem a ver com duas coisas. Tentar trazer as pessoas do Twitter pra ver televisão um bocadinho, em que a televisão possa ser o pontapé de saída de uma discussão em que s/

Ana Paula Goulart de Andrade: Com o mediador, né, como ter alguém pra mediar.

Luiz Salvador: Como mediador, alguém que essa discussão depois do programa possa continuar a acontecer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Num... numa ideia de sinergia.

Luiz Salvador: No... no... exato. Nós andamos a... nós hoje em dia já temos um programa no ar, que onde eles iriam aparecer hoje, (inint) [00:08:28], que esse programa já interage com as pessoas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Qual é o horário?

Luiz Salvador: Deus e o Diabo é às nove da noite.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vou tá aqui.

Luiz Salvador: É aqui dentro do jornal das oito.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vou ficar d... ah, sim, sim, sim.

Luiz Salvador: Que, é, nós temos um painel com, é, nós temos oito canais de... de... de... de, como é que chama, de Skype em que as pessoas estão em casa assistindo ao programa e nós estamos a ver as pessoas também a assistir ao programa no Skype através/

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é um perigo colocar ao vivo.

Luiz Salvador: É sim, é prec/... como somos nós que fazemos a triagem, a pessoa inscreve-se.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, sim, sim, sim, sim, sim.

Luiz Salvador: A pessoa inscreve-se, dá o seu número de Skype, dá a sua informação, os temas que querem discutir, nós depois editorialmente fazemos uma triagem que as pessoas vão possivelmente entrar, podem não entrar todas como podem entrar todas. (Pega) [00:09:17] um pouquinho também do programa quando é que o programa (caminha) [00:09:19]. Hoje já estamos a tratar muitos sobre a violência doméstica, que nós já estamos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim. Dia Internacional da mulher...

Luiz Salvador: Nós estamos a falar, hoje é dia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Oito.

Luiz Salvador: Oito de março.

Ana Paula Goulart de Andrade: Dia Internacional da Mulher.

Luiz Salvador: É Dia Internacional da Mulher, já morreram desde o início do ano oitenta e uma mulheres em Portugal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Número bem grande pra o tamanho de Portugal.

Luiz Salvador: Nós somos bem mais (inint) [00:09:41] que vocês.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pois é.

Luiz Salvador: E então, é, vai ser um bocadinho sobre isso, e se calhar vai haver muita mulher (inint) [00:09:48] um bocadinho se calhar no programa. Não sei bem e a parte editorial não me compete a mim, mas vou que... vão-se, vai-se a dar (inint) [00:09:55]. Já temos essa interação, um moderador com as pessoas que tão em casa. As pessoas tão em casa e se explicam aqui as ideias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu acho que vocês das emissoras portuguesas são as primeiras.

Luiz Salvador: É, nós já tentamos fazer um piloto e não conseguimos que era tentar como se fazer em que o programa primeiro acontecesse nas redes sociais, um moderador com os tweets, com os fãs.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como num teaser.

Luiz Salvador: Nessas o programa dá vinte minutos ali. Quando o programa já começa a ‘tar maisquentinho, em que as pessoas já tão mais libertas, já pensam em mais conteúdo pra falar, mete-se um... uma cabeça.

Ana Paula Goulart de Andrade: Depois que capturar a... o telespectador.

Luiz Salvador: E começa na televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito bom.

Luiz Salvador: Passar meia uma, uma hora, o que seja, a direção do programa, fecha-se o programa em televisão, (começa) [00:10:42] pois continua também na rede.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você vai tirar a atenção dele daqui e incluir a televisão nas redes sociais.

Luiz Salvador: Exatamente. Eu acho que essa integração é muito importante trazer, tentar trazer quem gosta de twittar e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Os próprios jovens né, que hoje não assistem muita...

Luiz Salvador: Não assistem, não assistem. Eu tenho dois filhos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu tenho também.

Luiz Salvador: Um com 19, uma com 26. O de 19 anos vê pontualmente, (jogos de escola) [00:11:06].

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:11:06]. É o mesmo lá em casa.

Luiz Salvador: Jogos de futebol, não veem mais nada. A televisão em casa e eles nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na tua opinião, tá mais difícil ser jornalista hoje como há dez anos? Porque você tem que ter novas competências, nova... competências, novos saberes, novas literacias e novas cobranças também. Pergunta difícil (risos).

Luiz Salvador: Eu não... eu divido com um cadinho, tá, eu divido que é assim, hoje em dia os jovens com as novas tecnologias, com essas novas ferramentas, eles têm acesso mais facilitado às ferramentas que nós antigamente tínhamos. Eu acho que eles conseguem manobrar com mais facilidade as ferramentas, mas ser um bom jornalista continua a ser tão difícil. Assim, ou nós temos (inint) [00:11:53] qualquer coisa que nos torna jornalistas, essas nós não temos. Não são as ferramentas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é um determinismo tecnológico que tá...

Luiz Salvador: O jornalista como a folha, papel e com lápis pra ser bastante jornalista. E eu, jornalista com uma ferramentas... outorgar-me, não sei que... pode ser um péssimo jornalista.

Ana Paula Goulart de Andrade: Me dá uma ideia também de, é, o termo não é preguiça, mas o jornalismo centrado combina com (inint) [00:12:19] e a gente tá num computador em vez de tá no sítio ou em vez de tá checando nas fontes ou pegar aquilo como um indício de uma informação e checar, sei lá, o máximo que você conseguir até o teu horário.

Luiz Salvador: Mas isso..., mas isso hoje é um bocadinho por causa das redes sociais. Toda a gente anda nas redes sociais à procura de informação. Eu acho que falta é, sim senhora, faz o sentado a pesquisa, dá alguma pesquisa, mas (inint) [00:12:40].

Ana Paula Goulart de Andrade: E, é, na medida também que muitas informações vêm de fora pra dentro, né. O gate, o filtro tem que ser cada vez maior.

Luiz Salvador: Tem que ser, tem que ser maior. O filtro cada vez tem que ser maior e não temos que ser, é, ter a fobia de, é o primeiro, é o primeiro. Não, somos o primeiro, mas somos o primeiro seguro, seguro a se dizer, isto que aconteceu.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma coisa que eu noto muito no Brasil e aqui não tanto é o uso de WhatsApp nas redações.

Luiz Salvador: Gera, gerações mais novas usam. Nós também estamos atentos a isso, mas se calhar não sei por que que em Portugal também não se utiliza esse... os mais jovens utilizam.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas o uso/

Luiz Salvador: Os mais... os mais velhos ainda tão muito ligados...

Ana Paula Goulart de Andrade: SMS.

Luiz Salvador: Ao Face e ao SMS.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas assim, é, lá por exemplo, no Brasil a gente tem canais de WhatsApp para envie sua notícia, envie...

Luiz Salvador: Nós, nós internamente, a TVI utilizamos a direção de informação, tem dois ou três grupos de WhatsApp, um com uma parte mais editorial.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, tem, tem.

Luiz Salvador: Outra com uma parte mais aproximal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas é um grupo entre vocês.

Luiz Salvador: É um grupo entre nós.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não pra o público em geral.

Luiz Salvador: Não, para o público em geral, não, para o público em geral, não. Por exemplo, eu tive que fazer a Liga dos Campeões na quarta-feira o jogo do Porto e pela primeira vez em, a Liga dos Campeões tá a ter o VAR, pelo vídeo árbitro referee. É, e então foi logo criado ali um grupo WhatsApp de trabalho para par...

Ana Paula Goulart de Andrade: Participar.

Luiz Salvador: Para o pessoal tá todo a ver, vamos fazer os testes, não sei que, tá tudo pronto, os testes foram bem, tá, e é muito mais fácil no que tás. Olha, vens fazer o teste agora por telefone, não. É o grupo que manda-se uma mensagem.

Ana Paula Goulart de Andrade: É muito mais interno do que uma coisa externa.

Luiz Salvador: Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas no Brasil a gente tem, talvez isso justifique a nossa eleição.

Luiz Salvador: Ah, exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Né, porque o jornalismo foi culpado nesse sentido de... de...

Luiz Salvador: Como é que é, vai (ser o nome do VAR) [00:14:33] televisivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você usa o WhatsApp 24 horas por dia e... e eu já estudei um grupo de WhatsApp que são pra lá de mil jornalistas e vários grupos que eles abastecem as emissoras com as informações. Já que é de grupo de jornalista, é fiel e não é. Então vem um pedaço, um trecho de uma chuva, sei lá, tragédia, e daí colocam, a emissora, aí eu comecei a perceber do WhatsApp eu via, e via na mesma hora na televisão, recebemos agora umas informa... umas imagens assim, assim e assado. E daí era mentira, e daí a gente levou o jornalismo a algum lugar que acostumou os telespectadores, leitores, ouvintes, consumidores de notícia, a acreditar no WhatsApp. E daí fake news e daí fact-check.

Luiz Salvador: Isso é o nosso grande problema hoje em dia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu... eu acho que Portugal tá mais seguro nesse sentido.

Luiz Salvador: É, tá porque se calhar, ainda não existem esses grupos...

Ana Paula Goulart de Andrade: De mídia. Media.

Luiz Salvador: S... exatamente. Não existe ainda, e o nosso jornalismo, em Portugal e se calhar na Europa, nós somos um cadinho conservadores.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, eu acho bem bom, assim, nesse sentido.

Luiz Salvador: Eu acho que nós ainda... ainda estamos um bocadinho conservadores nessa matéria, é, e daí se calhar não haja tanta fake news em Portugal e na Europa se calhar como há no Brasil.

Ana Paula Goulart de Andrade: Com certeza.

Luiz Salvador: Nos Estados Unidos, alguns outros países mais jovens que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Com certeza.

Luiz Salvador: Não têm essa maturidade ainda ou perderam essa maturidade jornalística.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma última pergunta, é, talvez não tenha resposta. Como é que você acha que o telejornalismo vai estar daqui a uns dez anos?

Luiz Salvador: Olha, daqui a uns dez anos eu julgo que há duas formas. Principalmente eu falando na televisão, um canal de informação, eu julgo dentro de dez anos 80 por cento de... do (inint) [00:16:25] da emissão desse canal é live.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ao vivo, direto.

Luiz Salvador: Direto. É ao vivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ao vivo.

Luiz Salvador: Ao vivo no que 'tá a acontecer no nosso país, ao vivo o que está a acontecer no mundo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sem montagem de peça.

Luiz Salvador: Sem montagem. Eu julgo que vai acontecer é que vai haver dez, quinze jornalistas que vão 'tar a acompanhar vários acontecimentos e vão ser chamados à antena em off para explicar ao espectador e enquadrar o que 'tá a

acontecer naquele momento, no que ‘tá a acontecer no país, no norte, no sul, o caminhão que teve... que se despistou, virou. Ontem, por exemplo, acharam uma cabeça de uma mulher na lixeira e não sei quê. Isso certeza que era direito, direto, direto, direto. E acho que nós vamos virar a quase um Big Brother jornalístico, e não vamos a quase ter tempo de, é, editar peça.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, mas aí também vai por uma...

Luiz Salvador: Vai ser muito live, muito live.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma apuração mais restrita porque é imediata...

Luiz Salvador: É imediata.

Ana Paula Goulart de Andrade: E daí a gente não sabe qual a qualidade que a gente vai dar disso.

Luiz Salvador: Mas é assim, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Talvez a televisão não tenha que passar por uma questão de aprofundamento?

Luiz Salvador: Mas eu a... eu acho... eu... eu acho que, assim, a qualidade, às vezes não interes/a qualidade do que tô falar a qualidade técnica em termos de imagem, porque às vezes o conteúdo é tão importante que a imagem de um telemóvel desfocado, quadriculado, pixalizado vale. Desde que tenhas a percepção do que está acontecer, o... desde que o som seja limpo, aquilo vale para perceber.

Ana Paula Goulart de Andrade: É a única coisa sem ótica que refet... re... refere-se ao... ao assunto e que tá ali.

Luiz Salvador: Tá ali, porque o consumo vai ser...

Ana Paula Goulart de Andrade: Imediato.

Luiz Salvador: Em que com fósforo. Ateou, queimou, foi embora, já... já... já ninguém quer saber, já viu aquilo. Em relação aos que/

Ana Paula Goulart de Andrade: Então, nesse sentido a televisão tá ameaçada.

Luiz Salvador: Não, não tá, não tá. Eu acho que vai virar mesmo Big Brother mesmo, as pessoas vão querer, é, tal, um concerto na China, é um tufão, é vista do Tufão a passar, é vista da meteorologia e depois ‘tás a ver o desastre que aconteceu, as casas todas destruídas e não sei que. Ah, pois uma tomada de posse dum presidente, um... uma parada militar, e ‘tás a mostrar a seguir a parada militar. Eu acho que vai ser muito isto, acho que vai ser uma miscelânea muito grande de... de acontecimento e o editor coordenador que ‘tá na régie a que vai fazer o fio condutor, ela que dizer, pra onde é que eu vou conduzir isto. Quero agora fazer uma parte nacional, uma parte internacional, uma parte desportiva, uma parte...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tudo online.

Luiz Salvador: Acho que vai ser muito...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que é alguma coisa que se aproxima muito das redes sociais, (inint) [00:18:57] uma interação e a mediação e credibilidade.

Luiz Salvador: Exatamente. Isto nos canais de notícias que só dão notícias. Nos canais generalistas., eu acho que os canais generalistas vão caminhar para, é, uma forma que associarem-se cada vez a mais eventos. E acho que o canal generalista tem que ir a grandes eventos, sejam eles esportivos, económicos, sociais, e em eventos, dois, três, quatro, cinco dias, acho que tem que passar por aí. E depois a parte da informação no telejornal diário como ele é hoje em dia, quando chega às oito horas as pessoas já sabem tudo que se passou no mundo. Ou então o que que querem saber mais? Eu acho que vai haver uma síntese rápida de imagens do que se passou no mundo e a seguir vamos ter que explicar de alguma forma as notícias que vamos (cobrir) [00:19:48]. Isso causa uma forma com uma (possibilidade) [00:19:50] dife/diferente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais aprofundado.

Luiz Salvador: Com comentário em direto, algum comentário gravado, com explicação, com debate, com reportagem mais aprofundada. Eu acho que tem que... temos que caminhar por aí.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá ótimo.

Luiz Salvador: Nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito obrigada.

Luiz Salvador: Nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu só preciso agora registrar uma foto que eu te dei, é.

Luiz Salvador: Ô, a fotograf/

Mário Jorge Maria

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Mário Jorge Maria

TEMPO DE GRAVAÇÃO

50 minutos e 32 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Bem à vontade. Sua apresentação, seu cargo e sua função.

Mário Jorge Maria: Neste momento, é Mário Jorge Maria o meu nome né, e sou editor coordenador do jornal do almoço, conhecido aqui como o jornal da uma, uma da tarde.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma da tarde (risos). (inint) 00:16 bem puxado.

Mário Jorge Maria: Não, mas é isso. É o almoço né?

Ana Paula Goulart de Andrade: E/

Mário Jorge Maria: É o que eu faço neste momento.

Ana Paula Goulart de Andrade: E um pouquinho d... sim, e o que que um coordenador faz aqui além de, é, aprovar o alinhamento, revisá-los...

Mário Jorge Maria: É prepará-lo, né, planificá-lo mesmo. Portanto, eu aprovo o alinhamento, no fim... ao fim e ao cabo o que eu faço é, quando eu chego aqui de manhã eu preparo o que vai ser esse dia. Chego aí muito cedo e preparo este dia, isto é, preparo aquilo que eu acho relevante, os temas que vão ser trazidos pra discussão na reunião das nove para ter um resultado prático que é o da uma. É evidente que eu posso pensar né no meu canto, né, que é o (inint) 00:57, vai ter que ter toda uma... uma visão macro né, que é o que se faz também durante a manhã na TV a cabo, na TVI 24 com o que eu tenho, o que pode sobrar ainda pra ter continuidade no jornal das oito. Portanto, a manhã é a marca do dia informativo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Define, né.

Mário Jorge Maria: Ou define, voilá. Define o dia informativo sempre que a âncora, é o jornal principal desse segmento, é o do almoço, pronto. E é nesse... nisso que eu faço e coordeno tudo, portanto eu preparo. (inint) 01:25.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então você pode que os repórteres você fala...

Mário Jorge Maria: Sim, isso é uma outra fase, mas isso é uma coisa minha. Eu tenho muito isso, mas isso é o que tamos a falar na (inint) 01:32, é aquela loucura digamos que eu tenho de acompanhar obsessivamente o processo. Porque não é que eles não saibam fazer, não é falta de confiança, até porque como eu disse, (tá pregado) 01:44 nos editores, que me apresentam, porque aqui são os editores que

tão mais familiarizados com as questões da política, da economia, da sociedade, que não vão dizer olha que não, tás a fazer isso, mas pr... é melhor olhar bem pra este tal e tal e tal. Mas eu quando venho com a ideia e ela é aceita por eles, eu tenho medo, é muito concreto como é que se ataca, quer dizer, qual é o foco, o foco da... da notícia, e eles compreendem e transmitem, mas eu depois tenho que me certificar, e vou ter com um a um (a dizer à tarde) 02:16 isto é assim e assim e assim. Aquela coisa e tal, mas não pode esquecer de coisa, porque às vez tá... o pessoal tá distraído, é... é preciso misturar matéria que já vem do dia anterior e não sabem que existe um vivo que esclarece a tal situação, e isso... se tivermos isso, é, podemos ter isso e então dispensar outras coisas ou ao contrário ou como você me disse bem quando estávamos na régie, uma matéria que parece já dada ontem, é refrescá-la e pronto, e pra isso tem que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ter orientação.

Mário Jorge Maria: Orientação. E isso também serve particularmente para... eu gosto muito de grifar e gosto muito de falar no momento onde eu falo nos diretos. Porque o direto não pode ser mais do mesmo, nós temos muito essa mania aqui em Portugal, marca diretos por tudo e por nada, e depois o direto vai dizer a mesma coisa que o... a peça, o off antes disso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem que se justificar.

Mário Jorge Maria: Mas não, não, tem que ser... tem que se explicar porque é que se marcou direto, não o que que tamos lá a fazer. Uns são óbvios, porque se é uma coisa que aconteceu agora, no... na última hora, uma acidente, não tem ainda imagem (e pouco) 03:25 e pra faz-se o off, aconteceu isto, isto e aquilo, vamos já pra direto, como é que tá a situação, pois o carro já foi levado, a mulher tá morta mas não sei o que, ou então uma coisa política, o que ele já acabou de falar, inclusive alguém cortou o vivo antes e lança, explica e isso vai. Mas muitas vezes acontece nos diretos, é, porque também há diretos (inint) 03:45, há tudo né, e aquela... mas muitas vezes quando é diretos, principalmente da área da sociedade, é, em que a peça é antes enquadra, dá a notícia, enquadra depois dá o direto e acaba por...

Ana Paula Goulart de Andrade: A peça já esgotou o assunto que o direto poderia...

Mário Jorge Maria: E é preciso ter muito cuidado com isso e eu que também tenho essa preocupação de brifar (a dizer a pra) 04:06 que acrescentas e não seja só trinta segundos, não vale a pena, se é pra dar dois minutos a falar de... de coisas que não interessam, e acontece muitas vezes e às vezes tem que gritar, né?

Ana Paula Goulart de Andrade: Bem diferente do Brasil porque o Brasil é... é o contrário. Eles pegam uma matéria e eles querem que esgote essa mesma, que você repita o tempo todo no direto.

Mário Jorge Maria: Sim, mas se é em loop, aquela conversa em loop, mas eu isso não... não acho bem.

Ana Paula Goulart de Andrade: É porque tira a qualidade, cansa, né.

Mário Jorge Maria: Mas isso só... só, exato, ou então há uma opção e eu defendo isso por... por acaso pra o jornal da uma, é, e faço de alguma maneira, porque eu defendo nesse sentido. No jornal da uma as coisas tão a acontecer. Olha, se estão a acontecer, eu não posso arriscar ter um repórter no terreno e dizer pra ele vir quando aqui ainda está, acabei, e depois tem... vem de carro, ou seja o que for, leva não sei quanto tempo. Quando chegar aqui, tem dez minutos pra fazer a matéria, como você ia dizer, na... não dá, portanto, mais vale ele ficar lá ainda e eu vou lá pra ele fazer um direto, e ali ele tem que contar tudo, não tem nada pra lançar.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, faz a peça pro jornal seguinte.

Mário Jorge Maria: Sim, e faz a peça pra o jornal a seguir, essa é que é a corri... não, e faz, e aí tem que explicar tudo, e assim, e aí ó, ou ele tem tempo pra mandar umas imagens e eu vou cobrindo ou então ele ao falar tem que mostrar o que tá acontecer, e isso é minha grande guerra também aqui, é nos diretos que as pessoas, lá está, ele tá de momento, o direto é para mostrar mesmo quando não há nada para acrescentar ou, é... é mostrar que é o... o... a sensibilidade digamos da... da... do repórter daquele momento, daquele momento que tá a acontecer, dizer nós agora ainda agora vimos passar não sei o que.

Ana Paula Goulart de Andrade: A testemunha ocular da notícia a ideia.

Mário Jorge Maria: Voilá. E para dizer que tá a mostrar tem que mostrar também, mesmo que ele já entrou, mostra a porta, foi por esta porta.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

Mário Jorge Maria: (inint) 05:56 e é assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É um bom elemento.

Mário Jorge Maria: Mas não fazem porque... eu não concordo e eu detesto e acabei com isso infelizmente. Mas eu lembro daqui há uns anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Peraí.

Mário Jorge Maria: Edição, eu ainda fiz uma coisa quando... que que eu coordenei várias coisas aqui nesta casa, várias, várias, várias, várias, várias, e...

Ana Paula Goulart de Andrade: É a próxima pergunta (risos).

Mário Jorge Maria: E introduzi por acaso numa... no desporto particularmente que eu andei a coordenar o desporto também há muitos anos. Eu introduzi um... digamos uma coisa que era o jornalista entrar sempre em off, isto é, nunca se ver a cara dele. É logo na imagem e ele fala por baixo, (inint) 06:29 e tal. Depois no fim ou no meio, é como nas peças, eu... eu processo minhas peças quando há um momento muito importante ou um enviado especial a um sítio qualquer de guerra, um... que no fim acaba a peça a dizer (inint) 06:42 com uma espécie de complemento, quer dizer, com a imagem, não sei quais...

Ana Paula Goulart de Andrade: Pra mostrar que você esteve ali naquele local.

Mário Jorge Maria: Mas não é preciso. Pra mostrar basta que o vivo em vez de ter um fecho, seja um elemento de ligação entre dois momentos da reportagem. Porque o oráculo vai dizer onde é que ele está, vai dizer qual não sei que, a TVI em... em camadas. E eu disse assim, porque era assim (que tá a ligar) 07:04. Agora eu lembro dum professor americano que tivemos em curso de formação quando eu era mesmo jovem que falava disso precisamente, dizia por que é que vocês no fim um acidente ferroviário, tá tátátátátáe pois no fim ficam hoje assim o balanço traduz-se em vinte e três mortes, não sei quantos no lugar tal onde aconteceu o

acidente. Não é disso, (inint) 07:26 não, o oráculo e você no meio da peça, imagine dizer, nunca mais me esqueci, imagine um vídeo, pode ser esse vídeo assim, stand up, né, e ele pegando a pedra assim, essa pedra é que fez descarrilar o comboio.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ponto.

Mário Jorge Maria: (inint) 07:41.

Ana Paula Goulart de Andrade: Valeu a pena.

Mário Jorge Maria: Valeu o vivo todo né, que é como se diz na... na... o negócio é ter todo (inint) 07:47.

Ana Paula Goulart de Andrade: O vivo, né? (risos).

Mário Jorge Maria: Pronto. Portanto, e então é essa a preocupação...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu percebi que as peças não têm muita, é... é em dar corpo, né, que vocês chamam que dar vivo.

Mário Jorge Maria: Sim, dar vivo. Temos muito esse hábito por acaso, acho que é uma coisa também muito...

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito brasileira.

Mário Jorge Maria: Brasileiro. E (inint) 07:59/

Ana Paula Goulart de Andrade: Do aqui e agora.

Mário Jorge Maria: Também, mas assim, eu também acho que em algumas coisas deve-se pessoalizar mais, mas acho que faz parte um bocadinho da nossa cultura.

Ana Paula Goulart de Andrade: E... e do próprio feeling do... do repórter de saber se aquilo vale o não vale.

Mário Jorge Maria: Sim, pronto, e sim. Mas todos alinham a informação ao... à probabilidade, isto é, à estatística de mostrar, eu acho que é uma coisa de cultura aqui, não temos esse hábito.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês têm mais preocupação com a notícia do que com...

Mário Jorge Maria: Sim, é, e em ter os protagonistas porque, eu não sei como é que pode haver isso, mas a notícia tem dois minutos, que é muito chato, que se a (inint) 08:32 gasta vinte segundos no vivo do repórter, quer dizer que dispensamos vinte segundos de um político a dizer uma coisa importante provavelmente. Nem sempre, mas às vezes acontece, e eu prefiro que se gaste porque a notícia não somos nós, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

Mário Jorge Maria: Mas acontece (mais ou menos) 08:48.

Ana Paula Goulart de Andrade: Um pouquinho da sua carreira antes de vir pra cá ou aqui também, né, um pouquinho da sua trajetória. Eu sei que a pergunta é grande pra uma pessoa com tanta experiência.

Mário Jorge Maria: Sim, eu... não, não, mas eu resumo isso. É, porque eu nem comecei muito cedo, sabe? Por razões várias de andar em muitos países e uma vida assim de, pronto, nômade, né? Eu até comecei a carreira tarde, tarde se foi 24, aí não, mas normalmente aí se começa logo aos 19, 20 anos, vêm aqui miúdos acabado de sair da faculdade quando (inint) 09:16 já tão aqui, a estagiário pelo menos, 25 quase. E passei, é, um estágio na Agência de notícias, já que é lá (inint) 09:27 e telex.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

Mário Jorge Maria: E são aquelas máquinas e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Experiência é tudo no jornalismo.

Mário Jorge Maria: É, ainda falar, ainda... ainda apanhei as máquinas de escrever HCesar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa (risos).

Mário Jorge Maria: E o teclado, ainda apanhei. E o... a Caverte, né, depois é que foi o Azerty, eu não nem lembro b... computadores então, só mesmo [inin] 09:47. Depois passei pra..prarádio e nessa altura fiz muita coisa, fiz desporto e informação, é, e em três vertentes, então desporto, portanto trabalhava mesmo, loucura, né. Ganhava por vários sítios, era uma maneira de... pronto. Depois fazia a informação, é, desporto manhã, informação à tarde e quatro vezes por semana à noite participava num... num... num... programa de informação especial com matéria mais...

Ana Paula Goulart de Andrade: Elaborada.

Mário Jorge Maria: Desenvolvi... elaborada porque eu tinha, ainda tenho por tradição histórica, cultural e experiência própria, e eu era especialista em política africana.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Mário Jorge Maria: Sim, vivi sempre em África, meu pai foi um ativista político e eu tenho... tinha bons contatos e... e daí sempre fui de... lembro aqui na TVI, pronto. E a rádio foi isso, até que tinha também umas colaborações em jornais, é, e era assim de fazer aquilo, a peça, né, pagavam, enfim, (inint) 10:46 até que fiquei no desemprego, né, a rádio acabou, foi ali todo um problema, tive... participei numa revista de viagens, veja lá, é, mas tinha mandado uns currículos aqui pra televisão, nunca tinha feito, vi uma entrevista e aceitaram logo, vim assim pequeno pro estágio pra perceber como é que é isso da televisão. E pronto, a carreira daqui foi já tututu, não é pra à toa que tô há 26 anos mais ou menos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Mário Jorge Maria: Pronto, e a assim comecei.

Ana Paula Goulart de Andrade: (Aprimor) 11:13 histórico.

Mário Jorge Maria: Sim, sim, faço parte do... ainda do... não do... da origem, mas do primeiro ano desta televisão, portanto não do... dos pioneiros, mas do ano e meio a seguir, tanto isto começou em 93, eu vim em 94, portanto, até hoje. Tanto comecei como repórter normal e não sei que e tal, mas fui descobrindo, foram me descobrindo qualidades de chefia ou de organização, que é mais disso, e as coisas

aconteceram, né, comecei a editar aqui uma coisa e pois acharam bem e me deram mais outra, sempre no desporto. No desporto, até que acabei como coordenador geral do desporto porque entretanto o antigo anterior chefe foi embora, eles não... não tinham ninguém, meteram a mim no... levantaram a mim no cargo, mas aí já é tudo, é coordenar horário, controle de (inint) 12:03, essas coisas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Mário Jorge Maria: Sim. E a passagem para a informação dá-se de uma maneira incrível e engraçada, aí o José Eduardo Muniz, que foi o antigo diretor geral, que em 2001, mil e uns, eu já tava até a ajudar, tinha experiência quando fui da Guerra do Golfo em noventa e tal na rádio, e assim, as Torres Gêmeas, né, participou-se muito, mas pra tá aqui num acontecimento em Portugal que é caiu uma ponte que matou cinquenta e tal pessoas, foi assim, quase foi boom pra ir pro... pras televisões tarem direto o dia todo não sei que. E nós fomos lá e aqui não correu bem logo na primeira noite, primeiro dia, foi uma equipa lá do Porto, foi sem um norte, no meio da chuva em um pequeno carro. E o filho do diretor na altura que acumulava as funções, diretor geral dentro da informação, chamou-me para eu ir lá. E eu até disse êpa, não sou jornalista, (inint) 13:01, o que que eu vou fazer? Do desporto, não, e vinha do desporto, não sei que. (inint) 13:06 sabes e mais do que isso, tens uma grande experiência na coordenação de meios técnicas, porque tava habituado a fazer as transmissões do futebol, da... do estádio, tanto eu fui... trabalhava com caminhões, dezoito câmeras e muita gente... coordenando muita gente. E pronto e foi.

Ana Paula Goulart de Andrade: Um evento, né?

Mário Jorge Maria: Foi, foi um evento. E íamos lá dezoito dias em direto quase vinte quatro sobre vinte quatro, portanto a coordenador carros, caminhões, diretos, geradores, pessoas, foi a primeira vez tive aí quase vinte pessoas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Envolvidas.

Mário Jorge Maria: No meu comando lá. Olha, correu tão bem que eu cheguei aqui, passado uma semana, ele disse, não voltas mais para o desporto.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

Mário Jorge Maria: Não, vais ficar na... na informação, vais ficar na informação e eu vou te dar um desafio. É, vais editar, coordenador um jornal... os jornais do fim de semana, que tamos muito a mal, a audiência não tá bem, se bem que (no jogo) 14:04 domingo já estamos a dar a volta porque foi quando comecei o Marcelo, o presidente, o Marcelo que fazia os comentários aqui começou comigo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, é?

Mário Jorge Maria: É, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ontem lançaram, foi ontem a Felisbela lançou um livro, né? Dele.

Mário Jorge Maria: Exatamente. Tá pra... eu apanhei precisamente nessa fase, o sábado tava muito mal nessa altura também em termos de audiência. E ele, ah, um desafio, se te safares bem, eu mando não sei que e tal. Porque o... o no desporto já tenha coordenado e editado quase tudo, pronto foi isso, e fiz e correu bem. Temos domingo, consolidamos e aumentamos e eu... eles tinham me dado um prazo de seis meses para tentar comparar no sábado e consegui em dois meses e meio.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Mário Jorge Maria: Bom, a partir daí não saí, né? Dois anos e tal e sempre no fim de semana, é, que eu tinha feito já outras coisas como repórter, né, ir na Angola, fazer (qualquer) 14:52 coisa da África. Mas e pronto, (inint) 14:55 foi isso, sendo que, é, dois anos... dois anos e meio, sim. Passado esse tempo todo então, o mesmo diretor veio ter comigo e disse e pronto, até o fim de semana tá correndo bem e tal, vamo experimentar o jornal da uma.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos) vamo pra semana hora.

Mário Jorge Maria: Não, o jornal da uma e lá estava o jornal do almoço, é a minha primeira experiência, foi com duas outras pessoas, interagi e tive um ano também e aquilo correu bem. Como correu bem, fiquei com o jornal da noite, o prime time, faturando quase cinco anos seguidos, e ali até aconteceu coisas ao contrário, no meio desse... desse... acabou?

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, não, não, não.

Mário Jorge Maria: No meio desse... de eu tar a coordenar o... o jornal da noite.

Ana Paula Goulart de Andrade: Da noite.

Mário Jorge Maria: Sim, à noite, quase cinco anos. É, aconteceu um grande evento que a TVI ganhou os direitos pra transmitir um campeonato europeu de futebol na Suíça. E então era precisa toda uma operação, meios e não sei que e tal. E então chamaram, fui eu pra Suíça para tar um mês a coordenar uma equipa com trinta e tal pessoas, quatro caminhões, três carros, não sei quanto, mas foi uma coisa espetacular, foi uma lindeza, né, uma mês ali.

Ana Paula Goulart de Andrade: Imagino.

Mário Jorge Maria: Pronto, (inint) 16:16.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você gosta de orquestrar, né? Você gosta, você gosta.

Mário Jorge Maria: Gosto, eu gosto de tudo que é, porque eu (inint) 16:21.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu percebi aqui na reunião, eu percebi lá na...

Mário Jorge Maria: Sim, e aquilo acontece, antes de mudarem os jornais de agora, (aí eu abro parênteses) 16:25 por que qual era a experiência? Era o futebol e depois na informação, onde eu fiz todas, todas as coordenações das emissões oficiais de campanhas eleitorais e não sei que é nas sedes dos partidos que eu portanto tava lá com caminhão. Muitos repórteres, congressos. Bom, eu tinha essa... essa... essa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Agilidade.

Mário Jorge Maria: Exatamente, e isto deu-me o próprio, até que depois desse tempo todo do jornal da noite, eu ainda voltei pro fim de semana. Disseram, ah, e que vou pra o fim de semana e depois arranca o projeto mais tarde já da TVI 24. E aí tem outro desafio, o mesmo diretor chama-me e disse, agora me pergunte (inint) 17:12 e não sei que, eu quero que vás editar sociedade pra alimentar agora, que foi uma outra coisa diferente, que aí já não tô ligado à régie nem nada, é... é editar

mesmo sociedade, tive ali um ano e meio também, e tudo, cond... coordenar é tudo, horário e tudo, né? E se tem aqui cem pessoas pra coordenar.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso, lá no Rio é diferente. Você tem uma... um chefe de redação pra fazer isso, um editor pra fazer isso.

Mário Jorge Maria: Pois, (inint) 17:35 está ali, mas que não... não (inint) 17:38, trinta e cinco da redação ao todo, trinta e cinco tavam (inint) 17:40 né, era só ali, e tive ligado ao TVI 24 depois houve mudanças de, como é que vai dizer, mudanças de administrações, de direções, e aqui vai e vem, chegam, há outras pessoas. (inint) 17:55 algumas têm, veio uma outra direção, primeiro procurou... porque depois entretanto aconteceu uma série de coisas e fui.

(Pausa para falar com Sérgio)

Sérgio: Tás a ser bem tratada?

Ana Paula Goulart de Andrade: Olá, tudo bom, Sérgio?

Sérgio: Tudo bem?

Ana Paula Goulart de Andrade: Tudo sim, graças a Deus.

Sérgio: Eu citei a todos mal aspecto mas é porque eu (inint) 18:13.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu já acompanhei ele hoje na régie (risos).

(Voltando para a entrevista)

Mário Jorge Maria: Mas, é, o que é aconteceu é que, pronto, vários motivos fiquei assim em parte fora do processo, e nessa altura do processo também empreguei mais, me embrenhei na condução na régie da 24 no canal, e aí fiz também todos pro prime time, (inint) 18:41 era difícil, não é? Mas batia os horários tudinho. Até que a direção nova que entra aqui vê o meu trabalho e diz, o que que o homem tá aqui a fazer? Vai outra vez para o jornal da noite, e fiquei outra vez no jornal da noite.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa mãe, você foi pra tudo então, você fez tudo.

Mário Jorge Maria: Sim, é, e depois voltei pra lá.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa mãe.

Mário Jorge Maria: Pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Onde precisou alavancar, você tava.

Mário Jorge Maria: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Basicamente.

Mário Jorge Maria: Tive, entretanto foi só em 2016, dezessete, (inint) 19:10 e fiquei ausente quase um ano por problema de saúde. Mas já tá tudo bem, mas, é, e voltei outra vez para o jornal, pronto, não é? Tá tudo bem, tanto já tô na uma, eu não sei, hoje entanto fez cinco anos (inint) 19:25 seis, dois na... um na sociedade, quatro no desporto, dois na... no TVI 24, quatro no... na uma, três no fim de semana, hoje entanto (inint) 19:37 comecei, não sei, não faço (inint) 19:39.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vamo lá, é, minha pesquisa passa um pouco pelas tecnologias, né, de formação, novas tecnologias que a gente chama, é, como é que vocês trabalham essa nova tecnologia a serviço do telejornalismo? É, em checagem de fatos, a gente sabe que as notícias vêm de fora pra dentro, muitas vezes da redação e que ao mesmo tempo que é muito fácil hoje ser jornalista em frente ao computador, você deixa de estar nos lugares porque essas notícias chegam de um... todos os lugares, né, então você na frente do computador você consegue apurar. Como é que vocês trabalham com isso com os telespectadores? Tá mais difícil, tá mais fácil ser jornalista hoje?

Mário Jorge Maria: Tá mais difícil, tá mais difícil. Mais difícil...

Ana Paula Goulart de Andrade: Principalmente com os... os jovens, né, que sentam aqui e ah não, é isso.

Mário Jorge Maria: Tá difícil pra um... pra alguém como eu.

Ana Paula Goulart de Andrade: (Pausa para falar com outra pessoa).

Mário Jorge Maria: Pode tá difícil para alguém como eu o manuseamento, né, mas isso é um assunto (inint) 20:39.

Ana Paula Goulart de Andrade: É um determinismo ecológico.

Mário Jorge Maria: Exatamente. Tirando isso, e é uma (inint) 20:42 muito bem, a questão é que não é pelo manuseamento, eu acho, é... é que o (inint) 20:50 é o controle e o... e o... a falta de controle e o (inint) 20:57 tem que se fazer porque eu acho que é um grande, é, as tecnologias têm um problema inerente que é uma, como é que vai dizer, é um vasto terreno propício para o (inint) 21:13 das fake news. Tudo é (inint) 21:16, é o anônimo, é o diz que diz, é o... a mensagem não sei que (inint) 21:21.

Ana Paula Goulart de Andrade: É o intencional.

Mário Jorge Maria: É o... é o (inint) 21:22 eu senti isso quando aparece o ouvinte em porta que era preciso dar tudo, então (inint) 21:27 reagia porque apareceu um tweet. Agora eu também posso não sei que e tal, não, morreu não sei quantos, (inint) 21:35, e eu disse veja, s... do que... donde é que vem isso? Mas já confirmaste? Mesmo que seja tá a nevar agora, mas sabe se está a nevar? Li... ligaste pra lá? Para ele dizer que ah, mas já publicaram uma fotografia/

Ana Paula Goulart de Andrade: O velho e o bom jornalismo, né?

Mário Jorge Maria: Voilá. E eu... eu acho, não pode, não... não... não, mas... mas isso foi durante um tempo aqui e tanto. Essas tecnologias pra mim é um perigo. Eu não tô a dizer que não se tenha que... que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Utilizar.

Mário Jorge Maria: (inint) 22:02 nelas, mas acho que não devemos dar a importância que têm, a importância tem, nós temos que interagir, tem. Agora temos que limitar e tem, como diz o Miguel Sousa Tavares no... no... na onde é que tem uma... uma... uma edição pessoal do jornal de segunda-feira, não é? E eu mesmo (inint) 22:20 da onde é aquilo, é, uma pessoa muito conceituado, um jornalista da antiga, vá, e o gajo diz e com razão, vamos acabar com isso, vamos voltar a ter o jorna... o jornal editado por jornalista.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso. Que senão a ideia do cidadão repórter a gente replica isso e a gente se tira da cena.

Mário Jorge Maria: Exato, replica, (inint) 22:38 próprio, quer dizer, que tem... que isto é uma (inint) 22:41, não checa, não filtra, não condiciona, não escolhe. Nós... eu não venho entrar com coisas que se pode discutir, agora a filosofia diz, não sei. Nós temos isso de ver, não direto, (escolher) 22:54, editarem isso, é ver entre as coisas, é o contraditório, não sei que temos que ser corretos, justos, não sei que. Mas podemos escolher, isto... esse assunto não interessa.

Ana Paula Goulart de Andrade: É saber o que jogar fora.

Mário Jorge Maria: Eu sei que é um problema que em relação a jornalista que é (inint) 23:14, é, a audiência.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Mário Jorge Maria: Porque você vai perguntar a mim, o pessoal, (inint) 23:23 do jornal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Mário Jorge Maria: Notícia de que? Não gosta. (inint) 23:28. E pra que? E aqui serve, pra que? Matou não sei quem. Pô, maneiro, então denunciar para... esse crime é importante porque denuncia uma... uma situação social para... porque remete pra falta de...

Ana Paula Goulart de Andrade: A notícia pela notícia.

Mário Jorge Maria: E pelo crime, é que não é notícia pela notícia, já é o crime pelo crime.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, sim, sim, sim, o crime.

Mário Jorge Maria: O pessoal, ah, vale ouro tal, não, (e a nota) 23:53 repercute e até tem a tendência, eu não... alguém dizer uma vez, eu não sei até que ponto está certo, que só o fato, havia um estudo (inint) 24:01 sobre isso, o fato da... da... da... das televisões, a repetitiva transmitir notícias da (inint) 24:09 faziam com que eles

aumentassem porque essa gente que pega fogo na mata gosta de ver as imagens depois do trabalho que ele fez.

Ana Paula Goulart de Andrade: É o mesmo digamos no Brasil.

Mário Jorge Maria: Pois é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eles gostam de...

Mário Jorge Maria: Gostam de... de... de...

Ana Paula Goulart de Andrade: É o poder, sensação de poder.

Mário Jorge Maria: É, é o poder, lá está. Eu acho que existe/

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 24:28.

Mário Jorge Maria: Chegou a haver ver uma recomendação... chegou a haver uma recomendação europeia, não era uma obrigatá... uma obrigação, era uma documentação que se fizesse isso, não se repercutisse, e pá, não se tá, isso é terrível, se também tá um incêndio grande que tá, mas não se pode contornar, é difícil.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, é igual a... é, a lógica do suicídio, né, não sei se aqui vocês também têm isso.

Mário Jorge Maria: Não, mas no suicídio já não damos. Suicídio proibimos.

Ana Paula Goulart de Andrade: É que no Brasil... até porque você incentiva que tá, não tá na estabilidade emocional a fazer aquilo, né.

Mário Jorge Maria: Exatamente, exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: A ideia é essa. No Brasil agora tem uma grande discussão. Devemos falar sobre o suicídio?

Mário Jorge Maria: Houv... houve aqui essa discussão em Portugal e houve uma norma e lá está, não era obrigatório, houve uma norma a indicar pra não coi... e... e as televisões, pelo menos que eu era, agora o Correio da Manhã TV não sei se faz isso, mas, é, nós da RTP e a SIC concordamos com a... com a através da autoridade de argumentação que sim senhor, não... havia uma outra situação, era isso e outra,

que era por exemplo, é, diretos com... havia uma altura que era uma loucura e são uns dez anos aqui que era a turma da (inint) 23:38. (inint) 23:39 barricavam nos sítios com alguém porque tinha feito um prob/

Ana Paula Goulart de Andrade: Sério?

Mário Jorge Maria: Ah, ba. E pois os diretos todos da televisão e ele não saía dali, né, porque estava na televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tava gerando audiência.

Mário Jorge Maria: Não, mas aquilo foi... mas é, mas é assim. Tava a acontecer isso quase mesmo sim, mês não. Se é que podia ser uma história assim. Até que deixamos de fazer isso, deixou de haver pra ver como é que são as coisas. Não, mas porque são... opinião pública acabou. Não tô a dizer que não haja reféns (inint) 26:05.

Ana Paula Goulart de Andrade: Claro, claro. Não há... não há um alimentado, né.

Mário Jorge Maria: Mas daquela quantidade com aquela... acabou, isso acabou. Mas isso também foi uma decisão, mas aí não foi todos, acho que fomos só nós e a... mas pronto. Eu... aqui falta-nos tomamos uma decisão aqui com a direção de informação, não mostramos. Às vezes não passamos ao lado da notícia que era importante, tinha relacionados, mas não estávamos sempre... sempre a mostrar e não, fazíamos aquilo de maneira mais discreta, aquilo que acabamos de fazer também com o suicídio, ou não fazer ou fazer de uma maneira mais discreta. E é por isso que é preciso não confundir aquilo que é relevante para uma notícia e aquilo que é (inint) 25:42, e obrigam o exercício constante da fiscalização, porque a sociedade hoje em dia tá ali na... na... dessas coisas que não interessam a ninguém. E se (inint) 26:55 tá a falar da sociedade, do suicídio, do bangbang, não sei que, não é nada. Nem política e nem economia então fo... isto aí é uma já... uma tragédia porque na política e na economia são os interesses (inint) 27:05. Não tô a dizer que tô aqui a pressionar, não sei que, (inint) 27:08. Não, mas (inint) 27:09 vem por trás com... com falsa notícia pra... pra provocar uma reação, não sei do que, do outro que reage.

Ana Paula Goulart de Andrade: Meu caminho, meu presidente foi...

Mário Jorge Maria: Ó, exatamente, olha o que vos anda. Nem... nem vou... eu até fico, inacreditável. Mas pronto. Imagine... imagine se um dia acontece aqui também, porque isto caminha para isso. Caminha para isso porque a sociedade...

Ana Paula Goulart de Andrade: Lógica algorítmica também, né?

Mário Jorge Maria: Mas a sociedade deixou de refletir. Porque a sociedade através destas tecnologias passou a viver o momento e o momento é efêmero. Passou a viver um momento que é imediatamente substituído por outro, passava algum tempo. E portanto é uma sucessão de eventos, uma sucessão de coisas, uma sucessão de beeps, e não há uma paragem há dizer, ok, mas por que que isso aconteceu? Por que que não vamos pensar nisso?

Ana Paula Goulart de Andrade: Não existe a mediação nem a credibilidade jornalística.

Mário Jorge Maria: Não, não há.

Ana Paula Goulart de Andrade: Quando existe uma falácia.

Mário Jorge Maria: Então, eu sou a favor disso e quando (inint) 28:00 eu tava a dizer pra esse jornal na segunda-feira, que as coisas que ficam num... numa primeira, e tá a fazer bem o jornal, prova que se pode fazer as coisas sem o medo da audiência. O jornal tá a fazer bem e ganha todas as segundas. Por quê? (inint) 28:15 também tivemos que modificar umas coisas, eu olho pra aquele jornal e disse (inint) 28:19 bem que às vezes venho, os outros já começarem com aquilo que tá... que tá acontecer e não que seja normal, né, na assembleia eu discutiria, não, tem que escolher o tema por que que a violência não sei que e tal. Comentador em estúdio, direto não sei aonde pra seguir o enquadramento, pra ser factual, pronto, deu relevância àquele assunto, bem.

Ana Paula Goulart de Andrade: E outra angulação também daquilo que todo mundo já viu nas redes sociais, na... no online, enfim.

Mário Jorge Maria: Exatamente. Nós temos também que aproveitar isso porque, ou melhor, merece as redes sociais, não deixa de repercutir ou de falar, pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, e de postar.

Mário Jorge Maria: Mas eu acho que essa que é a posição, é perceber a importância nesse sentido, que está a ser comentado, que tá a ter uma certa importância, mas não subjugar-se, é isso. Eu já vi aqui nas reuniões, e a própria Paula, enfim, que é... que é dessa área tá a tentar. A (gestão) 29:09, não se fala de outra coisa na rede social, não sei que, pra também fala de... não de fala de muita coisa, mas já eu não quero saber, não quero saber porque pra mim não é assunto praí, é assunto de rede social que não tem mais nada pra fazer. Porque na rede social é que tá pra discutir essas pequenas coisas.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma falácia?

Mário Jorge Maria: É uma falácia ou uma linha de ódio. O timeline do Twitter é só uma pessoa a dizer, ah bá, não concordo, esse gajo é um bandido. A partir daí...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você viu a última do Bolsonaro? Que foi o vídeo que ele postou.

Mário Jorge Maria: Sim, e na cara dele tava, aquilo é só pra ver. E ele lá mesmo, vai fazer a todas as quintas, né?

Ana Paula Goulart de Andrade: É, toda quinta-feira sim.

Mário Jorge Maria: Toda quinta-feira vai fazer...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ele desbancou o telejornalismo, que ele não foi a nenhum debate, semana... e ninguém foi... os jornalistas foram culpados. Por quê? É, primeiro que não deixaram uma cadeira vazia. Você faz um convite, eu, se fosse eu lá decidindo, deixaria...

Mário Jorge Maria: Nós fizemos isso aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma cadeira vazia.

Mário Jorge Maria: E mostramos, não quis vir.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não quis vir.

Mário Jorge Maria: Convidamos e não quis.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso, não tô com (inint) 30:01.

Mário Jorge Maria: Não quis apresentar as ideias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ponto, exatamente. Acho que esse seria o ponto de partida.

Mário Jorge Maria: Mas completamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, uso de WhatsApp...

Mário Jorge Maria: Na crise da democracia, é que mais se acontece.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente levou, é, a gente tem, depois eu te mostro, grupos no Rio, é, Mídia RJ, um, dois, três, quatro, dez por editorias, uma coisa já organizada que me parece muito proveitoso pra uma organização aqui, mas não pra uma organização de jornalistas, são meus jornalistas passando releases, passando tudo, inclusive imagens. Eu fiz um estudo quando eu vi isso me chamou muito a atenção porque isso alimentava as emissoras. Acabamos de receber uma imagem de fulana, ou seja, a gente levou os telejornalistas, os telespectadores para o WhatsApp. E daí assim, se é verdade ou não é.

Mário Jorge Maria: Ou se o jornalismo pra rua, da rua pra o WhatsApp e do WhatsApp outra vez para a televisão. Seja assim um... um círculo e eu...

Ana Paula Goulart de Andrade: E onde as pessoas não... que não assistem mais televisão porque não tem mais uma televisão centrada, ela tá pulverizada, ela é ubíqua, é, eles foram pro celular. Tá na mão, tá... é barato. Isso tá na minha mão a qualquer preço, a qualquer hora.

Mário Jorge Maria: Sim, claro, só fazer assim e ponto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não sei como é que a gente vai reverter isso.

Mário Jorge Maria: Dá aí uma dimensão (inint) 31:18.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ganhou um volume muito.

Mário Jorge Maria: Ganhou um volume quase incontrolável, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aqui, e aí assim, eu prefiro ser otimista, então eu prefiro achar que... sou pesquisadora, eu acho que eu tenho essa... essa, é, esse dever de achar que o jornalismo não tá numa crise não, ele tá numa transição, e numa transição que a gente tem que ver que onda é essa que a gente tá surfando, né, o bom jornalismo, porque eu tenho colegas que acham que produção de conteúdo e tudo, qualquer coisa é telejornalismo. Essa é a minha pesquisa inclusive.

Mário Jorge Maria: Ah é? Perfeito.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em dez anos, num período de dez, de 2009 a 2019, que que você acha que as tecnologias impactaram no telejornalismo?

Mário Jorge Maria: Ah, tudo. Mas já obrigou-nos a isso que voltamos atrás, obrigou-nos a ser, é, mais rápidos, né, é, acho que pondera com mais rapidez em todo o lado e de todas as maneiras. E isso levou a tal problema, deixamos de ser proativos e passamos a ser reativos. Eu acho que essa que é a grande... a grande coisa do perigo da tecnologia é isso. Porque não estamos a reagir, porque qualquer coisa que nos entrou de forma dado pelas tecnologias nos obrigam a reagir sempre, nem que seja pra dizer que não é assim, que não, é... é, obrigam-nos, obrigam-nos a dizer, olha que não é, ou então é, é, não vamos (inint) 32:40. Agora, a tecnologia... a tecnologia também, a repercussão da coisa, a maneira como flui, a rapidez com que... eu vejo as tecnologias de outras... de duas maneiras. É uma tecnologia boa, digamos, que é uma má, que essas redes sociais onde eu acho que não se... não se fala, não se diz nada. Claro que há exceções e há blocos, né, pronto, onde se analisa, discute. Mas normalmente não, e aquilo é, e é... é, tecnologia de rede social é a tecnologia do eu, né, que não é o fato de ser efêmera.

Ana Paula Goulart de Andrade: De visibilidade.

Mário Jorge Maria: Da visibilidade do eu, mais do que transmitir qualquer coisa, a pessoa quer dizer ao mundo que é ela que tá a dizer aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma catarse, né?

Mário Jorge Maria: Vou lá. É pá, que aí que eu sou assim e não sei que e eu penso assim, e é por isso que eu digo isso, não é porque eu acho que é uma mensagem importante, mas é pra receber like, like, like e todo like, todo mundo gosta, depois remete a outro lugar. Ah, pois quando...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas talvez esse seja o lugar que os outros/

Mário Jorge Maria: Pois quando não gostam ficam de (inint) 33:40 que não sei que. Azar, né, quer dizer, as coisas são assim, pronto. Eu tenho a dizer da tecnologia remetida às redes sociais, é isso que eu penso. Eu não tenho. Eu tenho Twitter e isso porque sigo muitas instituições, mesmo coisas do Brasil, né, muitas. Porque se for na onda (mesmo, faz um bocado) 33:56 e pronto, e sigo, vejo e intervenho pouco, é mais pra...

Ana Paula Goulart de Andrade: Observação.

Mário Jorge Maria: Também não tenho Facebook, não tenho Instagram, na... nada, eu não quero saber. E eu pr... não é velha geração, não vale a coisa, eu prefiro falar... e eu tenho telemóvel a minha filha diz, não, mas quê? Tás aí a mensagear por quê? Fala com ele, porque ele é... eu acho/

Ana Paula Goulart de Andrade: A última coisa que as pessoas fazem hoje com o celular é...

Mário Jorge Maria: Não falam, é... é a última coisa. Mas eu disse à minha filha outro dia, porque sempre tá triste, só podes perceber isso ouvindo em... em flexão de voz. Se ele tá a mensagear, ele pode dizer que tá triste pra mentir. Por exemplo, não sei que agora, se tu importas por ele, fala e tu sentes na voz que ele precisa da tua ajuda. E se precisa da tua ajuda, vai ter com ele, não fica só... vai e fica, olha nos olhos, toca na mão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Os afetos foram perdidos.

Mário Jorge Maria: Porque nós... vou lá, perdidos. Tanto egocentrismo, afetos perdidos, mentira, tudo isso, pronto. E pra mim a tecnologia só vai trazer isto, é um porcaria, não quero saber. Bom pra trás é isso, essa rapidez de podemos fazer isso, já não podemos passar com... sem isso, as... as câmeras HD, é a facilidade de agora

de fazer tudo no computador, cortar e ter aquela coisa da cassete, mas isto é uma maravilha né, isto aí, não posso falar mal disto. Isto agora eu posso fazer um em direto pra televisão porque...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 35:15 a revolução do computador (inint) 35:27 assim.

Mário Jorge Maria: Pronto, é isso. E encarado assim é bom olhar, você viu na... na... na régie, eu próprio tinha aqui um computador com alinhamento, um computador com as (inint) 35:27 e outro computador em que eu posso editar qualquer coisa assim de repente que vem, o (keycut) 35:32 né, o coisa de montagem, que eu posso pôr no ar, po... peço ao desk pra fazer e rapidamente é emitido um alinhamento porque, é, a passagem é... é, não era (inint) 35:43 com a cassete (inint) 35:44.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu também (risos).

Mário Jorge Maria: Eu ainda sou de um tempo da fita, na... no telex, até bobina magnética (inint) 25:53, depois o cartucho, e aí aqui as cassetes VHS né, depois a Beta, depois...

Ana Paula Goulart de Andrade: Super 8.

Mário Jorge Maria: Sim, e agora sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, a gente já falou de inovação, enfim, é, nesse sentido... não, a gente falou se tá mais difícil ser... ter outras competências, outras cobranças jornalísticas. Tá mais difícil, né?

Mário Jorge Maria: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você já... já... já concordou com isso. Por fim então, é a última, como é que você acha, é uma pergunta que talvez não tenha resposta, que o telejornalismo em si enquanto mediador social e com a construção social de realidade, enquanto, é, agente, é, de credibilidade da sociedade, vai estar daqui a dez anos? Como é que você vê a televisão daqui a dez anos?

Mário Jorge Maria: Não consigo imaginar sequer. Não consigo/

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que a aposta é em ao vivos, como, assim, porque sei lá, as redes sociais elas coloc... pegaram esse ao vivo como se fo... que é um talento da televisão.

Mário Jorge Maria: Não consigo imaginar, eu não consigo imaginar. Eu, pela maneira como está a decorrer...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 36:51/

Mário Jorge Maria: Parece que tem quase cem, é uma tendência pra desaparecer, e eu não... não posso acreditar nisso, porque senão é o fim do fim. É, porque a tendência é, aliás é muitos canais para todos os nichos, tanto uma TV cabo digamos onde possa encontrar qualquer produto pra qualquer cliente, né. Eu gosto de séries? É mesmo séries que eu vejo. Dentro das séries, se é policial, é de policial. Se é não sei que, e tal. Pois quem gosta mais não sei que vê, vê. Portanto, passa a fragmentar, né, e... e o conceito de... de uma televisão generalista vai acabar, isso aí eu não tenho dúvida, então isto vai acabar, nós vamos acabar, né, que esse conceito não existe de ter uma televisão que tem uma programação variada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que eu te ofereço.

Mário Jorge Maria: Não, variada e eclética, não dá, não dá, não dá. O nosso bolo... o nosso bolo de televisão, eu lembro há dez anos, por isso é que não consigo ver daqui dez. Há dez eu lembro-me que nós chegávamos a ganhar o dia quando passávamos pra liderança e tínhamos o dia média de audiência de (ser) 37:59, é, entre vinte e cinco a trinta e tal. Para se hoje conseguimos dezesseis, já é um grande dia, hoje é um dia espetacular. Não dá, não dá, isso não dá, acabou (inint) 38:13, foi tudo para o cabo, Netflix, não sei quantas e tal. Agora, a minha esperança também, porque eu não sei mesmo, não consigo perceber, aí muitos (estereótipos) 38:24 e tal, mas não consigo antever o... o futuro da televisão. Sei como está, não vai... vai acabar. Como vai ser não consigo saber. A minha esperança é ligar isso ao outro programa que é a questão sociopolítica, isto é, com a crise toda que há, é, crise política, ideológica, porque acabou, nós cobramos uma série de coisas ao tempo de quarenta anos, é preciso ver, eu sou dos anos 60, portanto tá a ver. É ideologia esquerda-direita, é ideologia do muro, é a guerra, o pós guerra, os conflitos regionais, o pós independência, os pós colonialismos, nós passamos por

isso tudo. Os populismos né, agora as redes sociais e a fragmentação, o eu, o egocentrismo e isso tudo e tátátá, com a minha experiê... é a crise política porque principalmente (inint) 39:14 era uma coisa terrível de tar a acontecer, transversalmente a todas as sociedades, digamos. Eu já não digo das ditaduras, as sociedades não... ditas democráticas, a corrupção, a bandidagem né, aquela... é, aq... coisa que... que pra mim foi terrível, mas eu tenho... eu sou mesmo assim, ideologicamente assim. Eu detesto o neoliberalismo. Acho uma coisa, não é o capitalismo, é o neoliberalismo, aquele que tirou todo e qualquer (inint) 39:43. Dito isto, o que que tá acontecendo, eu tenho até... não quero chegar, que eu também não sou da religião, lá está, eu sou perfeitamente contra qualquer tipo de religião, (inint) 39:52 problema, só com problema. Acho que mesmo assim, que isso chegou ao mundo porque o clima, essas coisas todas, né, chegamos a um momento de ruptura, por isso é que eu não sei adivinhar o futuro, porque não é só televisão, é a vida.

Ana Paula Goulart de Andrade: É tudo.

Mário Jorge Maria: Eu não sei, eu vou achar um coisa e daqui que morremos de (inint) 40:12, daqui a dez o planeta existe? Se o planeta não existe, quero lá saber da televisão, né?

Ana Paula Goulart de Andrade: Lógico, lógico, lógico, lógico, lógico.

Mário Jorge Maria: Por quê? Que chegamos a um momento em que o mundo, é, já não é ideologia, já não é nada, é já não distingue uma coisa fundamental que não tem nada a ver, que ultrapassa tudo, que é o bem e o mal, o bom e o certo, o errado, essas coisas. Eu sei, quem sou eu pra dizer o que é o certo e o errado, mas tá (inint) 40:39 uma pré-definição, é um bom senso, né, um senso comum. Sabemos que, é, que faz (idades) 40:46 muito muito muito muito rica e muito muito pobre não tem sentido nenhum entre países sanguinários e países democráticos, é um questão de bom senso, né, pronto. É... é... é, a ideologia, não de esquerda, direita, liberal e comuna, não sei que que é, não, a ideologia da inclusão e a outra que é de exclusão, pronto. Depois é as redes sociais, não sei que e tal. Qual é a minha... a minha esperança e o meu otimismo? Porque o mundo não pode acabar, né, não dá, isto não é... não é, nem sequer é do humano, né? É uma mudança, e aí a televisão poderá

ganhar com isso mais tarde porque, é eu acho que a mudança é na base sociopolítica, que é a intervenção cada vez maior que vai haver no futuro da chamada sociedade civil. Eu acredito que movimentos porque... e já pequenas coisas, tá bem que defendem causas ainda muito residuais, né, o lesbianmovement, o direitos humanos dos animais, não sei que, mas quer dizer, só o cidadão que devagarinho tã a se organizar a dizer basta, mesmo que seja no (bairro) 41:49, não pode ser, não estamos aqui, não tem condições, não há infraestrutura e não há esgoto e não há, ah bá, já chega. E aí a intervenção é se for a nível... é acabar com a intervenção política daquele que tá sempre procurando (inint) 42:02, sempre corrompido. Não, é ação social, ação cívica dos indivíduos para que a vida melhore. Se isto for pra frente, e eu acredito que sim, também vão ter que ter qualquer coisa para repercutir, ou seja, essas ideias ou essas ações. E eu acho que jornalismo quando fizer também uma análise séria, porque não tá a fazer, teve culpa e não está a fazer análise, parar pra pensar e dizer que o conceito de democracia, e eu sei que a democracia em tempo de política vale o que vale e vale conforme as (latitudes) 42:36 e as políticas faz dizer democráticas, nunca uma democracia francesa vai ser igual na Argentina, não vai ser, tudo bem. Mas há a ideia de democracia, onde está inerente o conceito de liberdade, direito cívico, ora é universal. O direito da mulher, o direito do homem é universal. Não venho a dizer que isso muda de país pra país, se muda é porque tá mal. E eu tenho a esperança porque o jornalismo um dia também para pra pensar, refletir e dizer que se não intervir rapidamente, um bocadinho de jornalistas, de cineastas, escritores, portanto, a gente da cultura e... e mediador, no nosso caso da informação, é, a democracia corre mesmo perigo de vida. E eu acho que se a democracia corre perigo de vida, o planeta corre também perigo de vida. Isso é a minha opinião. Ou não corre perigo de vida o mundo e vai ficar assim daqueles países, é, não sei, meio fascistóide, tecnológico, tipo Blade Runner ou ao lado desses filmes de ficção científica, mas eu lamento, é um país ou não, quando (inint) 43:35, mas nunca viver num país desses, não quero. Portanto, isso é... espero que não aconteça isso. Agora, o que que vai ser daqui a dez anos? Não sei, não sei responder. Quero, só pra terminar, que daqui a dez anos não sejamos como agora, cúmplice.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pronto.

Mário Jorge Maria: Pelo menos dessa, e daí evitar o que somos. Espero que não continuemos assim, pronto. E temos que nós... nós jornalistas, o que que nós somos antes de ser jornalistas? Somos cidadãos, somos ou não somos? Independentemente da cor. Agora, (inint) 44:04, política, somos cidadãos, não temos que nos indignar com as coisas que importam-nos, (inint) 44:09 todos os dias e já tem aqui, mesma equipe, sempre com discussões, sempre a partir cabeça.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas que bom que cê tá com discussão assim, muito bom ouvir isso, muito bom ouvir essa... essa, assim, esse relato, com... quem dizer, lutando pro Brasil, é, não uma sociedade, que é isso, assim, tá me estranhando o que tá acontecendo não tem ninguém na rua.

Mário Jorge Maria: (inint) 44:20. Acho que isso é que é...

Ana Paula Goulart de Andrade: As pessoas não estão nos direitos, porque as pessoas estão desinformadas e nesse sentido o jornalismo tem um papel fundamental.

Mário Jorge Maria: Podia ser uma...

Ana Paula Goulart de Andrade: E eu como professora, é, de escola particular, a universidade particular ainda porque não tá tendo concurso, é, fico um pouco apavorada, porque assim, é, quem que eu estou formando, e eu sou uma professora de esquerda, todos sabem minha posição de oposição, eu acho que democraticamente eu tenho que ser isto, não... não consegui, minha essência.

Mário Jorge Maria: É porque (inint) 45:16 aqui, foi um torcer do contra, dizer que eu sou direita contra esquerda, por que? Estamos pra isso né, talvez. E aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas por que essa passagem, por que que isso diz? Ao ponto que lá nó... é, nós editores escrevemos muito pros repórteres, e eu negava fazer isso. Porque eu acho que se um repórter vai pro sítio, pro local, então quer dizer, tem que ir munido de informação. Eu posso ter informação pra ele. Os repórteres chegavam pra mim e falavam assim, Ana, o que que eu faço?

Mário Jorge Maria: Não, sim. Uma gota no oceano, se juntarem as gotas todas.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso, esperança também.

Mário Jorge Maria: Se houverem muitas gotas, pronto. Era isso que eu passo, formulei muitas gotas e um dia qualquer quem sabe, mas a tendência não é essa. Até porque, e eu acho que isso é que às vezes os diários trouxeram porque é que desses anos dizia já vem... já vem há muitos anos, vem inclusive na... na, não estamos a falar desde os nossos países. No meu caso, deste, que é na... na (bolomia) 47:22 do pós guerra, onde houve... a geração do meu pai sofreu e a perseguição, mas agora não, eu sou da geração que inventou a classe média, que o Plano Marshall a seguir, é, a construção do Europa, o bem-estar, a cidade consumo, começamos a ter coisas e isso (está assim até hoje) 47:39. E depois quando apareceu este anesthesiólogos, os próprios nossos filhos já vieram, é, mais anestesiados ainda, né, inclusive eu vejo na educação, contra mim e falo né, acho tão lindo e eu... eu quanto tinha anos, uns dez anos, eu andava na rua, nem sabia onde é que andava, tinha uma liberdade de... de... hoje temos de mudo, o menino tá, quê? Tá na rua a dez anos que, dez da noite não tá em casa, não, quando havia rapto, para ver isto, para ver aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É mais do que isso.

Mário Jorge Maria: (inint) 48:12, violação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Os jovens hoje estão, é, com medo de ir em busca porque uma, pelo menos a minha geração era aquela que desbravava. Eu tenho dois filhos adolescentes, então eles tão, eles querem, é, experiências felizes com garantia de felicidade. Eles não querem nem dirigir, porque eles têm Uber, então eles querem viajar.

Mário Jorge Maria: Claro, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Serem mochileiros, experiências felizes e eles colecionam isso. Só que aí a vida não é isso.

Mário Jorge Maria: Pois não.

Ana Paula Goulart de Andrade: A vida é uma construção.

Mário Jorge Maria: E nega a seguirmos uma coisa importantíssima que é a contrariedade.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

Mário Jorge Maria: Uma pessoa... uma pessoa tem que ser contrariada de vez em quando, ouvir não. É... é, a felicidade só existe se saber o que é tristeza, porque senão não dá valor.

Ana Paula Goulart de Andrade: É claro, é claro.

Mário Jorge Maria: É, eu não quero entrar nesse romantismo, mas... mas é isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, mas é isso.

Mário Jorge Maria: (inint) 49:02, eu sou contra viver triste, isso é outra história.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, não é isso.

Mário Jorge Maria: Mas não suporto pedir facilidade sem saber o que é triste.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas você... mas você precisa.

Mário Jorge Maria:Voilà. Eu tô à vontade, né, porque eu tive um percurso comigo, meu pai como era ativista político, passamos tudo né, que é o refugiado, o exilado, a fome, a guerra civil, a perseguição policial e a prisão, tudo né? Portanto eu sei muito bem e é isso que eu tô a tentar passar também à filha. E ela conhece o avô, o meu pai, o que ele passou e... e ele está a lutar desde os vinte anos, tem oitenta e três e ainda não parou, ainda continua ali, faz mais confusão do que eu.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

Mário Jorge Maria: Mas é (inint) 49:46, o homem não para. Não para. Tá ali e é comentador em rádio, congressista, escreve mas sempre sempre sempre sempre a malhar a tudo que é principalmente a Angola que é o... o donde dele é nacionalista, né, nacionalista da velha guarda né, desde cinquenta sete né, que eu ainda não tive isto. E vivemos sempre nisso a fugir de alguma coisa, né, e... mas isso foi bom, foi bom porque eu precisei crescer.

Ana Paula Goulart de Andrade: A subjetividade que isso te trouxe.

Mário Jorge Maria: Tudo que é bom, tudo que é que eu tenho de bom agora, eu percebo que aquilo não existiria se não... não houve outra (inint) 50:23.

Ana Paula Goulart de Andrade: A luta, ó.

Mário Jorge Maria: Eu acho uma piada, (inint) 50:25, mas eu... sabe quando é que eu, isto não tem nada a ver agora com nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fechou.

Mário Jorge Maria: Não, mas quer dizer, não tem nada a ver com isso que assim/

Paula Oliveira

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Paula Oliveira

TEMPO DE GRAVAÇÃO

43 minutos e 22 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Paula Oliveira: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: E enfim, começando pela sua apresentação, seu cargo e sua função.

Paula Oliveira: Ok. Meu nome é Paula Oliveira, sou jornalista e com o cargo de editora-chefe na TVI 24. Paralelamente, também tenho a área digital, até recentemente, eu... eu... a empresa estava estruturada numa forma diferente em relação ao digital, eu era diretora editorial da área digital, de toda a Media Capital, incluindo informação e entretenimento, ficção, portanto no fundo estava responsável por essa área da parte editorial. É, (inint) 00:39 um cadinho demais também, não é? É, e na altura havia necessidade também de se fazer ou... ou tomar uma opção, eu como sempre fui jornalista e no meu (inint) 00:51 o breakingnews é muito presente, portanto, é, optei por esta... por ficar aqui na parte de informação. É, nós somos... é... portanto tem... temos (inint) 01:03, apenas ações nesta... nesta área. Tanto anteriormente eu era chefe de redação, é, e houve outros três chefes de redação, éramos quatro, estavam (adstritos) 01:16 aos jornais, então às oito e eu ao 24, é, sozinha.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Paula Oliveira: (risos) era um bocadinho complicado, no fundo, é, o principal era garantir dois elos, um que temos a informação do breakingnews, é, toda, não é? Portanto ativar essa... essa parte e por outro lado garantir que em todo o quadro de, é... de editores, pivôs, de todas as eq... de toda equipa que funciona na... na... que é preciso, eu tinha... eu tenho os horários dessa gente toda e fazer... fazer com que não haja buracos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Paula Oliveira: Que continuar a ter, ponto. No fundo, a parte de... parte do online, da parte edição e apresentação, é, tanto estas duas partes, que envolvem bastante pessoas.

Ana Paula Goulart de Andrade: São quantas pessoas? No total, de informação.

Paula Oliveira: Eu... eu posso não tar muito certa disso, né, mas há equipas tamb... estão, é, que estão defasadas na... mas no meu... alto de cinquenta pessoas (inint) 02:29.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na... na...

Paula Oliveira: Na minha parte.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na tua parte, em geral na TVI de informação. Juntando com Porto, né?

Paula Oliveira: É, é mais ou menos o... o... outra parte, portanto é isso, é quase metade. Um pouco menos da metade. É, tanto que nós, é, fazemos... fazemos com que pra já a parte online que é sempre muito rápida, é, e... e a parte televisiva tr... que é mais, é, morosa por... por... pela (inint) 02:58.

Ana Paula Goulart de Andrade: O quanto a gente já falou que a televisão é mais morosa, né? (risos).

Paula Oliveira: (risos) é, é provável. E portanto o que nós... o que nós tentamos fazer foi juntar ao... o máximo o... o, e cortar o máximo de tempo entre uma coisa e outra, e portanto trabalhamos em conjunto, é, nesse sentido.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma ideia de integração que é uma tendência, né.

Paula Oliveira: Sim, sim. Botamos vários modelos interessantes também. Não é fácil, nós temos... a TVI tem 26 anos, fez agora, portanto este trabalho que eu... eu já estou cá aqui na redação propriamente dita talvez há uns... uns seis, sete anos, oito, por aí. E primeiro mais só pra parteparte digital, só que depois a resposta à parte digital é... é tão rápida e tão que tem ser já televisiva, não é? Para termos uma ideia, um acontecimento comum aos atentados de Paris, em que eu estou, é, a informação, eu estou a ditar para o (ticker) 03:58 de... de informação que passa no ro... no rodapé da antena para o posto de notificação dos sites, para postar pros

sites, para pôr-se no Facebook, para o off que é escrito, é, para a televisão, e isto é que está a ser feito em simultâneo com alguém, é... é, a descrever essa informação rapidamente, que até posso ser eu.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Paula Oliveira: É interessante pra mim, é um... é um trabalho muito interessante do ponto de visto do aproveitamento do... dos recursos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Plataforma.

Paula Oliveira: E das plataformas, não é? Portanto, é, já tivemos a parte digital, é, separada do canal e o que que acontecia? Muitas vezes tínhamos, é, confirmações, é, feitas por nós, depois tínhamos outros no insta do canal (inint) 04:41 que trabalh... que trabalham (inint) 04:43 e às vezes (entra no site o trabalho elaborado) 04:46 pela... pelos que temos, porque as coisas têm que ocorrer, mas de fato não... nem sempre é preciso trabalho (inint) 04:51 e portanto nós, é, a parte online do site trata breakingnews, é, nós lemos agora hoje... hoje de manhã houve um... um acidente mortal na A1, nós... é um tipo de... de notícia que nós também damos cobertura e, é, nós confirmamos para os meios oficiais todos, é o digital que faz isso. O correspondente porque... porque é fora do... da nossa zona, o correspondente já vai a caminho e nós com informação que nós temos, nós passamos na informação, quando eu chego lá já tem muita informação e ele próprio também nos passa aquela que veio... que veio por dentro. E... e aqui nós damos depois, em... em... é, fazendo com que o que está em (ticker) 05:39 de rodapé esteja correto, o que está no site esteja correto, o que está no off de lançamento desse direto quando ele lá chegar esteja também correto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, muito trabalho.

Paula Oliveira: É uma cadeia, não é? Mas é... é interessante. Nós estamos a trabalhar assim. Depois, é, há a parte televisiva, a televisão vive de imagens e nós somos também na... na área digital um... temos rapidez em... em encontrar imagens, é, tentando que sejam verdadeiras, não é? E... e temos, é, sempre todos

os cuidados em relação a isso, é, imaginamos que o nosso repórter ainda não chegou lá, há um vídeo que aparece, é, que nós tentamos perceber se é daquela zona, se não é e não sei que, e pr... e tentamos passar assim imediatamente pra antena também. Entra online e entra na antena. No fundo foi aproximar muito o ritmo de trabalho que é muito mais semelhante, o digital é m... é mais semelhante, é mais parecido com a rádio, não é? E a televisão/

Ana Paula Goulart de Andrade: O imediatismo da rádio e tal.

Paula Oliveira: O imediatismo. E a televisão, é que é por... por tirar vantagem do imediatismo também, que é um pouco como eu estava a dizer, qualquer dia só vamos ter coisas em direto pra dar, (vamos ver) 07:01 só canais em direto, não é? Porque o... o que acontece é que nós construímos alinhamentos com base em peças já feitas que voltam a passar, voltam a ter vida, não é? Podem ir passar a impressão de serem relevantes, interessante, é, (por necessidade do jornal apenas) 07:15, mas se temos uma info... um conteúdo em direto do breaking, vai tudo ao ar e nós acrescentamos nesse. Ou então, é, imaginemos, é, um... um da semana passada. O... um antigo presidente do Sporting, o Bruno de Carvalho, não sei se tens...

Ana Paula Goulart de Andrade: O autor do Sem Filtro?

Paula Oliveira: Sim, é, foi expulso do clube, pronto. Era uma coi... é... é... é uma notícia que pra nós desenvolvermos, temos que ter comentadores, é, gente do [ininit] 07:51 jurídica, temos que acionar isso muito rapidamente junto da agenda e planeamento com listas pré-feitas que já... nós já temos, não é? (A ver esses temas) 08:00, é, e acho que vai junto acrescentando sempre nomes e tentando ter sempre tanto alguma dinâmica de... de... da antena em relação a isso, até um tema que toda a gente tá a falar, é, ele é uma pessoa polémica, não é? Basta saber que o livro também que escreveu foi... tá em primeiro lugar das... das... das (inint) 08:19.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 08:20 entrando e que tava lá em destaque.

Paula Oliveira: Sim, sim, sim. E então nós criamos até pra televisar esse... esse tema. Portanto, não é... eu não preciso mandar no... eu vou obviamente tentar falar

com o Bruno Carvalho, não conseguimos, tentar falar com amigos do Bruno Carvalho pra ele convencer e (risos) vir falar conosco, e, então bom, tanto vamos dando nossa volta a isso, tentar estar muito atento a... a... ao círculo dele, não é? Ele e a mãe dele que fala muito nas redes sociais também como ele e que por acaso fez uma... um... uma publicação no Instagram não, no... no Facebook e que mostra imediatamente a combinando a... a vir cá, ela depois não podia, não... não quis, não sei que... pronto, mas temos gente que possa comentar essa... e... essa questão do ponto de vista desportivo, do ponto de vista, é, jurídico, não é? E depois abrir a antena pras pessoas, é, que consideram isso, não é? Que... que (inint) 09:17, tanto isso implica mudar a... o... a (gralha) 09:20 pro... pra aquele momento que tínhamos que se calhar previsto, três horas de noticiário e que este já é formatado de outra forma. É, implica em termos práticos em ter um... clipes de momentos chave do... do que aconteceu, é, não fundir relatando, não é, o... o que que levou até aqui, né, portanto es... este é um... é o trabalho que eu faço, que é agilizar isto, pôr isto a funcionar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito trabalho.

Paula Oliveira: (risos) (inint) 09:54.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito mais o horário que você vai sair.

Paula Oliveira: Não, nós não som... eu não faço isto sozinha, tanto não, nós somos quatro, é, um dos quatro, é, dois novamente estão na manhã, que sou eu e o Zeca, José Carlos Araújo e dois estão à tarde, é, que é o Joaquim Sousa Martins e o Luís Calvo. Hoje, a sexta-feira que não tenha o programa ou domingo à noite do desporto, folgam e nós novamente dividimos um bocadinho na... num horário, portanto ele hoje vem mais cedo um bocadinho, é, pronto... tanto às oito já cá deveria estar de certeza, é, e eu vim mesmo em cima das nove, pronto. É, e devo sair só às oito. Portanto eu hoje à hora do almoço pois preciso de sair que tenho uma... uma reunião fora. Portanto, nós vamos nos organizando dessa fo... não é, portanto, é, esta semana houve um dia em que ele tinha um... um (funeral) 10:45, uma questão pessoal que não podia vir e eu fiquei doente, o da noite um veio de manhã, o outro veio à tarde. Portanto, é, combinamos assim pra no fundo sermos

aquelas, o... o... focos dinamizadores da antena. É, no fundo a perceber-se que temos tudo que queremos, auxiliar os editores nessa... nas suas escolhas de alinhamento, é, e depois pronto, acaba, porque sempre também é um trabalho muito desgastante porque estamos sempre em cima do erro, não é? (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos) Em busca dele, né?

Paula Oliveira: Sempre em cima dele, não é? E... e o lide não tá bem, vamos que fazer e vamos fazer (inint) 11:23, pronto. É, ao mesmo/

Ana Paula Goulart de Andrade: Que bom, né, que bom isso porque, em busca de mais qualidade.

Paula Oliveira: É, é, sim, em busca de mai... é o que (inint) 11:31 é a qualidade. Por um lado, por outro lado, é, tudo pode ser, dependente muito da nossa capacidade de reação. É, imaginemos que o Bruno foi há pouco um partido se daí essa apresentou um som de censura ao governo e isso (inint) 11:48, o que que a gente vai fazer, tanto quanto temos que ter alguém rapidamente aqui e tínhamos aqui a Constança Cunha e Sá, que é comentadora política, jornalista antiga, editora também política, e portanto que é ótima e, é, tentar pô-la em... em... em estúdio o mais rapidamente possível, é, para documentar isso. Portanto, temos aqui uma dinâmica que nunca está a fech... fechada de manhã. Portanto, de manhã nós temos com vista ali uma série que nós chamamos ali de serviços de alicate, acontecimentos que vamos co... cobrir, mas se calhar alguns deles vão se diluir ao longo do dia porque outros vão aparecer e têm um impacto do... do breakingnews mais, é, tanto mais, é, maior não é? E nesse caso vamos atrás dele. É, muitas vezes não temos, é, tem... temos tanta coisa que acontece, nem sempre temos meios, né, fazemos opções.

Ana Paula Goulart de Andrade: Os repórteres aqui, eles trabalham nesse mesmo esquema, é, de sinergia? Digamos assim. Ele monta uma peça, eu percebi que em... em muitos momentos não, vocês chamam de dar corpo, né, lá a gente chama de passagem, a aparição do repórter na peça. É, muitas vezes aqui a televisão não exhibe, é, a... a imagem do repórter, enfim, talvez só quando precise. No Brasil, isso

tá muito banalizado, que tá voltado pro aqui e agora, então o repórter é muito testemunha ocular do acontecimento que às vezes nem é um acontecimento, (que é uma repórter a notícia) 13:18. É, eles já trabalham nesse esquema de fazer um podcast, de fazer um teaser pra uma matéria que vai ao ar? Vocês já têm isso?

Paula Oliveira: Fazem, sim, em diversos níveis. É, depende muito ou portanto o... o jornalista que vai pra um direto, um... por exemplo, um... essa semana houve uma... uma série de carros que foram incendiados pra cima da noite.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) são seis né?

Paula Oliveira: Sete. E nós...

Ana Paula Goulart de Andrade: Foi em Almada? Não, não, não, não.

Paula Oliveira: Não, foi aqui em... em Queijas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso, isso, isso.

Paula Oliveira: Então nós, é, mandamos pra lá uma repórter que esteve a fazer diretos de lá, não é, e sempre o direto ele entra, não é? É, entra. Se vai conforme, não é, é diferente. A peça propriamente dita se calhar não há tanto, é, uma peça do diário e portanto essa preocupação de entrar, muitas vezes porque o jornalista é um jornalista que está na rua com, é, esse trabalho, mas aí quem monta a peça é o que está cá pra às vezes a processo de rapidez. É, por um lado perde-se um bocadinho sempre alguma coisa, não é? Porque o testemunho... a testemunha é sempre o jornalista que lá esteve, não é? É, mas por outro lado, o... o... consegue-se ter as peças no ar nas horas precisas e portanto acaba por ser benéfico nesse aspecto. É, e daí não... não ter se calhar vivo, é, mas sempre que... que existe essa possibilidade é feita. Em relação a peças maiores, por exemplo, é, a... as peças (inint) 14:54 do programa da Ana Leal, todas as peças têm devida promoção, é, durante a semana há várias promos fora dos jornais e dentro dos jornais que nós vamos, é, pondo e inclusive também dentro das redes sociais e tentando capitalizar e chamar atenção pra isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nas plataformas, né?

Paula Oliveira: Sim, todas as plataformas. É, isso também acontece com, há vários produtos que funcionam muito bem online, portanto, esses... as pessoas gostam do que querem notícias, né, no fundo querem os jornais todos iguais e aquilo que diferencia é, como esta aposta que... do Sérgio Figueiredo que tem sido muito interessante no meu ponto de vista e boa, é, que... que este produto Ana Leal são histórias nossas, investigações, casos noticiosos fortes.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi.

Paula Oliveira: (risos) não é? E isso traz muita gente à... à antena e às plataformas. É, temos outras histórias à... à terça-feira da Alexandra Borges que também fa... tem um... um efeito (inint) 15:59, também são histórias fortes nossas citadas depois por outros mídia, é, que... do qual (inint) 16:06 equipas de produção dessas que só fazem, trabalham pra esses, é, pra esses... pra esses programas, não é? É, depois há outra coisa que também funciona muito bem que é a antena que era em... no online e o programa dentro do jornal das oito tem muita gente que não sabe (inint) 16:25, que não é notícia, mas é aquela notícia com a... vem sempre com base a notícia, não é? É, mas é... é sátira se quisermos, não é? Uma paródia à volta da notícia, e isso também tem uma aceitação muito grande. É, nós aqui estamos muito, portanto tudo que cai é antena ou mesmo antes de uma forma conhecida, se iremos assim, vai pro online, é destacado, redes sociais, é, vai na aplicação, tanto há um... há uns anos/

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 16:56.

Paula Oliveira: Sim, é um processo de trabalho que já está muito rodado e o... ao qual eu não tenho que estar a entrevir a cada instante, não é? É, tanto nós somos... o nosso foco é a informação, hard news, breakingnews, não é? E depois também vamos buscar coisas que a internet está, é, a entreter-se, não é? Que eu acho que nem sempre são notícias, mas que são não notícias, mas também é... de... fazemos

isso, pode até pra... porque as próprias... as nossas redes sociais também gostam, é importante, vamos também (inint) 17:32.

Ana Paula Goulart de Andrade: Se alimentar de alguma fora esse conteúdo.

Paula Oliveira: Sim, e portanto nós pra isso usamos, pra já temos uma... uma... o online trabalha sempre com o Google Analytics real time, pra saber o que que está a dar e onde é que tá, de onde é que vem, esse trab... esse trab... é, recentemente temos uma... uma ferramenta que é (inint) 17:51 news, (demos que acontecer) 17:54, é, que também nos ajuda a perceber um cadinho o que que tá a ocorrer muito bem na concorrência, e se tá a ocorrer muito bem, se tá toda a gente a f... a falar daquilo, já também que é/

Ana Paula Goulart de Andrade: Os algoritmos tão lá.

Paula Oliveira: Os algoritmos tão lá ou estão a enganar-nos, mas (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: É (risos).

Paula Oliveira: Mas é... é, ajuda.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como disse, de um valor notícia.

Paula Oliveira: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ou de um infotainment.

Paula Oliveira: Sim, é o infotainment. É, depois também temos o (inint) 18:18, que a equipe ainda não trabalha, é, por... porque eu não tive tempo de passar, basicamente, normalmente isto vem pra mim e depois eu que vos passo e faço a... a formação da... deles, mas também me parece que me relação à (inint) 18:32, eu acho que fez o (inint) 18:32, e é, pronto. E é um pouco disso, não sei.

Ana Paula Goulart de Andrade: Segunda pergunta só (risos). É, um... um pouquinho da sua trajetória, né, você vem muito com a perspectiva, é, online, de ferramentas, compreendendo muito o que é a minha pesquisa, é, né, nesse ato, né, entre redes sociais e internet e o telejornalismo em si, que a gente tá numa televisão vivo, onde a televisão tá em tudo quanto é canto, e a gente tem um desafio grande aí, o que que é a televisão. Onde que você já trabalhou antes daqui?

Paula Oliveira: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pode ser resumidamente porque deve ter sido muito...

Paula Oliveira: (risos) não, eu portanto eu aqui estou desde 2006 na empresa Media Capital, portanto já estou aqui há alguns anos. Comecei pela parte digital, no entanto fui convidado por um... um diretor que já cá não está, é, e que era o diretor da área editorial da Media Capital digital. Cargo que eu conheci e depois ocupei. É, e que tinha a responsabilidade de todos os sites basicamente, por assim dizer. E na altura não havia, é, em 2006 TVI 24, mas tínhamos essa grande vantagem que nós temos da equipa digital da 24 e porque ela v... vem de uma base de jornalismo nativo de net, nativo que era o diário digital, é, que ele foi o segundo diário principalmente digital que... que apareceu em Portugal e este... desculpe, não é diário digital foi o primeiro, o nosso chamava-se personal diário, que é um traço, personal diário, e em Portugal... Portugal diário. É, tinha esta... esta uma equipa que ainda tem alguns membros...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que legal.

Paula Oliveira: E isso, é, fez com que por exemplo, o... de audiência a vantagem em relação a muita coisa porque nós já távamos craques na net, não é? Já távamos pra... pra via digital. Foi a primeira vez que eu vim pra área digital, porque eu nunca tinha feito digital, é, e eu... eu fiz já muitas coisas, eu comecei pelo jornalismo, é, quer dizer, eu sempre fiz muitas coisas, ora bem, que eu enquanto estava a tirar a minha licenciatura eu fiz sempre estágios nas férias, fiz estágio em televisão, em jornal, é, durante o meu curso tive vários programas de rádio na UBI.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ó.

Paula Oliveira: RCC. Durante quatro anos e meio de notícias crônicas, de música, nunca que... eu sempre achei que o curso era muito pouco prático em relação à... à profissão. E eu vi essas oportunidades e eu as pegava. Depois, como estagiária, eu para Lisboa para o Diário de Notícias, escrever para o estado lá um ano, é, depois fui convidada para ir... para abrir um... um... para fazer parte da equipa fundadora do jornal 24 horas que aceitei, tive lá também alguns anos, é, fazia (inint) 21:32 para política com uma equipa muito interessante (inint) 21:36, é, mas que rapidamente vinha mudando, notícia que nós... os nossos desse eram todos poetas, assim, uma... um luxo. É, e eu com 25 anos fiquei sendo editora de política e portanto comecei muito cedo o que era gerir a agenda e pessoas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Paula Oliveira: Pronto. É, não... não foi sempre, não é? Mas comecei nessa altura, tinha... tinha (um entusiasmo) 22:05, e isso... sou confesso uma workaholic, porque quanto tempo não marco, pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Coisa boa.

Paula Oliveira: (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: Me identifico.

Paula Oliveira: É, pronto. Depois saí, fui pra uma revista semanal, a Focus, que era uma... foi lançada em Portugal uma... uma versão ainda da Focus alemã, original não é, mas foi a Portugal, e nessa tanto saí da da 24 horas pra Focus, depois saí da Focus que foi alguns anos em freelancer, trabalho pra todo lado, é, mas que não trabalhava mais, é, também gostei bastante de ser freelancer e depois então entrei aqui. É, e pra todo lado enquanto era freelancer e permiti-me... continha boas relações com do... vários, muitas redações, com colegas em várias estações, permitia fazer coisas muito di... diferentes, por exemplo, é, é um suplemento que

me orgulho muito de ter feito parte, que é o DNA, é, do DN, com um ano entrevistas de vida muito interessante, cada entrevista assim linda, não é? E depois com uma base fotográfica muito muito interessante também e portanto muito cuidado, eu fui... é um... é um suplemento muito premiado e gostei muito de fazer isso, é fiz reportagens que punha pra várias publicações e que... e que me dava minha (inint) 23:27, portanto iniciei a minha... a minha... a minha própria agenda.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, bem dinâmico.

Paula Oliveira: É?

Ana Paula Goulart de Andrade: Bem dinâmico.

Paula Oliveira: Assim, pois juntar que a parte digital não s... não... não... não tenho, não tinha formação nessa área, mas aprendi tudo sozinha. E portanto com a (possibilidade) 23:44 de estudar, eu estudei, não é, fui fazendo aquilo que nós fazemos, jornalista quer estudar, vamos estudar os temas, vamos estudar. É, e... e acabei por... por gostar imenso, e pra mim, ser difícil, é, a partir de certa altura olhar pra... olhar... olhar para o papel e pensar, vou trabalhar num jornal.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

Paula Oliveira: (inint) 24:07, não é? Eu acho que uma parte das pessoas que passa por esse processo depois tem dificuldade em... em regressar. O... o jornalismo digital tem (inint) 24:21 televisão, nós a tentávamos separados num... comunicávamos sequer, é, tem uma v... uma desvantagem que é sempre junto em termos de (inint) 24:29, né. (inint) 24:31 acontece qualquer coisa, (inint) 24:33 acho que duas ou três, alguém tava acordado e faz só uma manchete com isso e escreve o perfil e tal e a noite toda, não é, é... é de casa até. Por exemplo, você está aqui, esta... esta facilidade pois tamanhos leva, é, a trabalhar com muita paixão, não é? Com... queremos ter sempre as (inint) 24:52.

Ana Paula Goulart de Andrade: É o jornalismo na veia, né?

Paula Oliveira: É, o jornalismo na veia, exatamente. É, pronto. Depois, quando... quando apareceu, quando foi lançado o 24, o Portugal Diário desapareceu e deu... e deu asa à equipa digital da TVI 24. No fundo o que nós fazíamos era ainda... era um cadinho diferente o que fazemos, é muito diferente aliás do que fazemos agora, porque acabamos por ter duas empresas, pessoas que s... tanto eu, é, durante estes anos todos tenho um... um... uma intensidade (inint) 25:24 por isso tenho feito pontos em todo o lado e portanto tentar que seja um bolo só e não dois, não é? Ou seja, e isso tem sido conseguido, tem sido feito. Não quer dizer que a televisão se sobreponha ao digital, mas nós sabemos que somos um site de uma televisão, e isso é importante porque eu, é, também tenho jornalistas junto com o online que quando apresentam uma ideia, eu os digo olha, eu acho que interessa pra o online assim, e vais fazer isso pra o canal assado. Ai (inint) 25:58 esse trabalho. Pois, mas vais ter tempo. É, porque vale a pena, senão não noticia/

Ana Paula Goulart de Andrade: São naturezas diferentes, né.

Paula Oliveira: É, são naturezas diferentes, mas que se podem casar e é... e só o fato de nós conseguirmos tirar o jornalista da... do digital, ainda mais... que tá mais na redação, dar-lhe essa oportunidade de sair e de viver, não é? Na reportagem exterior, isso valoriza a ele e vale mais ânimo também para o trabalho, não é? E da mesma forma como, é, o jornalista de televisão também faz pra o... pra o online.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito bom.

Paula Oliveira: Também vou... também vou, tem... é uma conquista que temos aqui, que ainda tamos longe da perfeição, é, por exemplo, que é um colega, o Vitor Andrada, que fez um... um... duas reportagens muito sobre Salazar, sobre coisas que não se sabia de Salazar ainda, algumas sim, outras não, mas tínhamos acesso à casa dele e coisas que não... nunca antes filmadas, e que eu vi, claro. Temos que ter aqui (inint) 27:00.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Paula Oliveira: Pra juntar as duas, é, reportagens, e ele ainda está ainda cada vez como vê como eu não estive cá dois dias...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sai correndo (risos).

Paula Oliveira: (risos) não aguentei comigo. Assim ao qual ainda não consegui, disse olha, eles não falam mais (com antigo enquanto) 27:18 (inint) 27:19. Pronto, é, esse, mas isso também há por exemplo as grandes... sobretudo as grandes reportagens, não é no repórter do dia a dia, mas também acontece mais as coisas que não aconteciam tanto, por exemplo o repórter, é, imaginemos, há um... um... um tribunal, um julgamento importante, e de forma a nós termos, é, (enturmado) 27:43 tudo fazemos um grupo de WhatsApp pra várias coisas, né, grupos de WhatsApp para as precisam que precisam estar com aquela informação e assim eu sei que tenho os lides feitos na régie bem feitos ou a informação completa que o site tá ao minuto com aquilo corretamente, que os... que os rodapés tão corretos, que a peça que vai ser feita para o (inint) 28:02 tem a informação correta e que temos todos a me... todos o mesmo nível de informação e as... e as dúvidas são tiradas pra todos. Fazemos junto isso também.

Ana Paula Goulart de Andrade: O WhatsApp é mais restrito à redação particular, não para o público.

Paula Oliveira: Sim. Não, não, não. Só... só pra nós, só pra nós. É, para acontecimento que, é, é difícil avisar toda a gente, é mais fácil toda a gente ter, é, estar num grupo, não é? Onde isso, uma informação que vai circulando e vai e vai levando. No entanto, podemos (inint) 28:3.3

Ana Paula Goulart de Andrade: Com... e como é que vocês usam assim, é, bom, você já falou, até respondeu um pouquinho como que a tecnologia ajuda nessa produção do telejornal, né, nessas duas, quanta coisa na... na internet, mas você acha que tá mais difícil ser jornalista hoje? A partir do momento que vem muita coisa de fora e a tomada de decisão é cada vez mais rápida pra você ser um bom gatekeeper se faz sentido a gente falar em gatekeeper ainda, é, a gente tem muitas

ofertas e tem uma... uma ou duas, enfim, uma equipe poder decidir o que é notícia naquele determinado momento.

Paula Oliveira: É, o grande desafio do jornalismo não é o publicar tudo, é o que não publicar. Não vamos publicar isto, então quer dizer, essa, é... é uma autoridade da decisão que deve haver. É, e isso acho que só pode haver com... quando já tem alguma notoriedade, não vejo equipes muito novas a conseguirem fazer essa...

Ana Paula Goulart de Andrade: São os nativos digitais, né, [inin] 29:28.

Paula Oliveira: É, é, outros, é, tanto, vejo da maneira como estamos organizados, é, acho que se faz... se faz bem, nas dúvi... na dúvida todos consultamos uns aos outros, mas perdemos, é, o... o minuto certo em que (inint) 29:46, mas damos como... como queremos, não é? Como já estivemos dado. É, o... o... o... o jornalista hoje é... é de fato é... é, é muito mais difícil, é, e por um lado e por outro lado mais fácil. (inint) 30:05 não sei como foi que nós começamos, (inint) 30:08 tal anos nós não tínhamos Google, não tínhamos nada, não é? Nós tínhamos aí uma reportagem e a reportagem era aquilo que a gente trazia, não é? Não sabíamos o que que o outro colega que também saiu, é, no jornal seguinte se ia escrever ou se era diferente, se não era da relação a nós. Agora com as... com as coisas todas online, é, acho que existe mais preguiça porque, é, ele vai se calhar, eu ouço sempre isso, em ajuste para muitos jornalistas, mas ele sempre diz isto, mas está (inint) 30:36 que está, é, no fundo teja... se ele também desalentava ao... a privilegiar certo tema. Isso faz nós todos iguais, não é? Porque se calhar, se eu até lá no terreno, eu costumo dizer sempre, no terreno é que mandas, o terreno é que manda, não é? O terreno é que manda. Se há qualquer coisa que chega ali que consideras mais importante, pois deixar de concentrar por achar que mais (inint) 31:06 considerou e isso... desculpa (risos). (Pausa para falar com outra pessoa). E isso... e isso acaba por ser, portanto, não enriquece o jornalismo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem uma pluralidade jornalística.

Paula Oliveira: É, é, falta-nos mais por... por... por, é, e portanto o digital por assim dizer, deu-nos acesso, nós hoje muito mais, como muito mais... mais acesso a

informação, é, do que tínhamos antes de estarmos no... no digital, então enfim. Ficou toda a gente, mas perde-se talvez um cadinho em originalidade, ou seja, é o dever maior pra os jornalistas hoje.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, é verdade. Em dez anos, como é que você acha assim, de 2009 pra 2019, o que que você acha que o telejornalismo e as tecnologias interferiram no tecnológi... no... no telejornalismo?

Paula Oliveira: Ah, em dez anos foi sem dúvida foi o aparecimento dos smartphones, não é? É, o smarphone veio, é, e não vou dizer rivalizar com a televisão, mas veio acompanhar e com isso as redes sociais, não é? Em que um tema que está a ser, e nós próprios jornalistas fazíamos isso, nós fazemos live, é, por publicações live de coisas que estão a acontecer na nossa antena porque queremos dinamizar e que as pessoas comecem a falar daquilo, não é? E... e muitas vezes não precisamos de faz... de fazer nada disso porque as pessoas naturalmente começam a falar daquilo. É, então, é, acho que a grande revolução é... é o smartphone, é, na... na... na... nas televisões. O fato do pra já da televisão, deixar de estar acessível num... num só num aparelho, não é? A televisão tá aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá ubíqua, né.

Paula Oliveira: É, tá em todo lado. Tá no computador e portanto a televisão deixou de ser um aparelho, por um lado, por outro lado a televisão passou a ser, é, algo com que se pode... com que pode estar acom... acompanhado doutros... .doutros... doutras pessoas, não é? Que não está propriamente no nosso sofá, e isso nós vemos... vemos isso muito não é? (inint) 33:30 dois temas que são, bom, haverá três que, aquilo que é (inint) 33:37 que aconteceu, sei lá, poder algum grande tá em toda a gente chocada com a... as mortes e agora com os nativos e com tudo isso. Mas normalmente tem mais da política e de futebol, estão sempre, sempre, sempre muito fortes nas redes sociais a um... no momento em que estão acontecendo... em que... em que o... o jogo está a decorrer, em que, é, a eleição está a ocorrer, e portanto isso permite... permite-nos, é, uma... damos uma visão maior do mundo, não é? Porque não tem que só que confidenciar com, é... é, a pessoa que está comigo no

sofá, não é? Portanto o mundo tornou-se melhor, é, através da comunicação em redes.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá mais democrático, né.

Paula Oliveira: Mais democrático, é, acho até que inicialmente, não é, 'veio juntar aqui interesses de pessoas desconhecidas, é, que se calhar são... são muito parecidas até, não é? É, e portanto veio criar aqui uma atualidade nova, é, no consumo da informação televisiva.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em dez anos, o que que você acha que vai ser a televisão? A televisão já não é essa centralidade que tá na casa das pessoas, num... todos sentam ao sofá às oito horas da noite pra assistir televisão, a televisão tá espalhada, digamos assim, em outras plataformas. Como é que você enxerga a televisão ou pelo menos as apostas que a gente tem que ter pra continuar nesse veículo televisão com a sua credibilidade, com... com...

Paula Oliveira: Sim, sim. Se nós tivemos em conta que metade, às vezes mais até da metade até do consumo televisivo em Portugal é feito através do cabo, ou seja, as pessoas já não querem, é, os jornais tradicionais de televisão, que era em outras coisas. É, e se tivermos em conta que são vários... que normalmente as operadoras não fornecem, é uma pena, mas que seria muito interessante ter, de estudar, é, se tivermos em conta agora que, é, eu... eu chego a casa, eu vejo pro meu padrão, meus... meus filhos não vêem televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Quais idades?

Paula Oliveira: De sete e quatorze, não vêem televisão. É, ou têm a minha filha/

Ana Paula Goulart de Andrade: Nem futebol?

Paula Oliveira: É, futebol às vezes, sim, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: A sua filha, desculpa.

Paula Oliveira: Esteve a ver porque o pronto, tava... tava-nos a acabar de jantar e tava com o jornal das oito no ar e ela ficou interessada na peça dos mórmons e tanto quis ver.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

Paula Oliveira: Eu não, eu tava cansadíssima, tinha feito uma/

Ana Paula Goulart de Andrade: Foi uma coisa que tocou ela, assim.

Paula Oliveira: Tocou, sim, sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem a ver com... com o aparato dela, social.

Paula Oliveira: Sim, sim. Eu não, eu tava muito cansada (inint) 36:16 o dia todo e portanto (dei por ele) 36:19 já estava a terminar. E portanto viu televisão e nessa... nesse... nesse aspecto. Porque por acaso tropeçou naquilo, mas não queria ligar para ver um tele... um jornal, nunca. Nenhum dos meus filhos. É, eu faço isso, mas faço isso, por ver porque o meu consumo é... é, sempre está no digital. Eu já sou do digital há muito tempo, eu... eu... eu antes, é, quando estava, é, o Zé Alberto Carvalho vinha... vinha aqui na redação, eu quero aprender contigo como é que tu trabalhas e como é que tu vives, você que... pronto, porque, é, rapidamente adaptei muito bem a isso, não é? Nós em dois mil e... e nove, 2011, 2012 eu fiz uma campanha eleitoral, é, só com via, um minuto enviado até aí do Twitter no nosso site, entrava o minuto, aquilo era muito interessante.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, que interessante.

Paula Oliveira: E era a única, ainda é ali naquele grupo e toda da gente de jornalistas, então eu dava as notícias mais depressa do que saiu aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, mas eu acho que isso teve um pouco a ver com a sua personalidade de buscar, né, de... de... (inint) 37:35.

Paula Oliveira: É, tem a ver com essa personalidade, nós temos aqui várias coisas que são assim também. (inint) 37:40 assim. Agora como é que eu vejo a televisão daqui a dez anos? É... é um pouco como ela já está a acontecer, não é? É, que é... é... é a televisão onetone, portanto, eu vou escolher o que ver, é como eu hoje tenho Netflix em casa, tenho a HBO, eu agora estou fechada com a HBO (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

Paula Oliveira: E portanto quero... quero ver outras coisas, não é, de informação sei onde elas estão e v... mais facilmente, raramente vejo em direto, eu vejo sempre no... no horário que não dá mais já, vejo na box, ou seja, vou dar audiência ao (inint) 38:24 e não a audiência do momento. Mas eu... eu me interesso, quer dizer, se calhar não sou o exemplo porque trabalho aqui, tô... tô o dia todo com a televisão, não é? Mas me interessa muito saber aquilo que eu quero ver, mas já não temos não, não é? Antes com os piratas, é, depois deixando de ver necessidade de piratas porque não são a ver, só ver as plataformas onde isso é possível, temos acesso a bom conteúdo e... e... e fazíamos... portanto, a hora que se quer. E a televisão do futuro não é linear. É não-linear, é... é uma televisão que no geral deve ser uma espécie de Netflix, HBO, acho que esse é o caminho. Depois, temos outras coisas que é aquilo... aquilo que faz levantar a audiência num minuto são os acontecimento que acontecem neste momento, e não são assim tantos tantos acontecimento que fazem com que as pessoas se levantem pra ligar a televisão. O desporto é um deles, sim, não é? Portanto, se não estamos a ver os programas mais (inint) 39:40 na televisão são os repetidos, é, em Portugal, é, não tenho dúvida que o... o... e existem imensos canais, nós próprios também (damos aí menos espaço ao desporto) 39:49. É, será o desporto aquilo que vai levar o futebol, não é, que vai de certeza juntar multidões em tempo real.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Paula Oliveira: Agora, fora isso, fora (quem usa) 40:08 o futebol disso um grande acontecimento que seja relevante naquela comunidade, não é? Ou por exemplo, eu costuma haver também um grande consumo, é, cada vez menor, mas também tem

casos de eleição e que minuto a minuto você vai sabendo, é, do candidato se, (inint) 40:28.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 40:29.

Paula Oliveira: As eleições, não foram as últimas, foram as anteriores, nós fizemos aqui uma aplicação, uma parceria com a Microsoft, que tava... fui eu que fiz com eles, que foi muito interessante que era as... os resultados eleitorais em tempo real na... numa aplicação. Tanto nem sequer precisávamos tar a ver televisão, né? Aquilo tava tudo a passar ali e távamos a aproveitar a... aquilo que tínhamos de televisão também para... para dentro dessa aplicação, mas tudo que foi importante ali era aplicação direto ao (inint) 41:02 e, é, ou puramente távamos em tempo real, não é? Ou seja, é, a televisão tem um caminho difícil, não é, para... para... pra correr.

Ana Paula Goulart de Andrade: É um desafio.

Paula Oliveira: É um desafio, é um desafio, é um desafio grande. É, acho que estará mais (essente) 41:20 em personalidades do que alguma vez esteve até agora porque provavelmente como nós vimos agora com esta passagem da Cristina Ferreira pra SIC, é, as pessoas, como é, foi criada uma figura e essa figura é a figura minha, não é? E as pessoas querem ver essa figura todos os dias em direto, não é? E (inint) 41:44.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma projeção, né?

Paula Oliveira: E vemos que isso funciona, tá a funcionar pra eles, mal pra nós. É, mas que está a funcionar e isso também pode ser um... uma...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ele sai muito mais da informação e vai pro entretenimento, né, pra projeção da (inint) 42:02.

Paula Oliveira: Mas tem informação, a informação tem... tem... tem, portanto, a informação está a competir, a televisão não tá a competir plataforma. Tem que agora

mais do que aquilo que eu tô falando, ah, portanto se nós conseguirmos que as histórias grandes, escândalos, polêmicas e não sei, saiam dentro dos jornais televisivos, (inint) 42:24 capital, não é? E depois atrás é que vem as outras plataformas. Esse também é o caminho, mas nós sabemos que é preciso ainda... ainda ganhar audiências por isso e o... e Portugal, é, é um... é um... é um peixe pequeno, é, as... as... as classes mais novas são... não são nada fíáveis em relação àquilo que... que... que as escolhas que fazem, não os fazem uma escolha, não é? Fazem outra, portanto são muito móveis, muito...

Ana Paula Goulart de Andrade: Flutuantes.

Paula Oliveira: Flutuantes. É, e então é um desafio muito interessante. É, implica... implicará como se fazer muita criatividade.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos) é isso. Muito obrigada.

Paula Oliveira: Falei demais, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem problema nenhum, imagina.

Paula Oliveira: (risos) já tava aqui quase a entrar pra o jornal da uma, mes/

Raquel Cruz

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Raquel Cruz

TEMPO DE GRAVAÇÃO

14 minutos e 54 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Começando pela sua apresentação, seu cargo e sua função.

Raquel Cruz: Ok, eu sou Raquel Matos Cruz, sou sobretudo jornalista (risos). É, e da uns anos pra cá editora e coordenadora da seção de sociedade, que cai basicamente tudo que envolve justiça, saúde, enfim, tudo que não é política, economia, desporto nem internacional, todo que tá. Portanto inclui-se isso nessa editoria de sociedade. Agora temos uma organização um bocadinho diferente e hoje estou mais dedicada ao jornal das oito e às histórias mais aprofundadas, mais do que o dia, é, aquilo que vamos aprofundar ou sobre o dia ou histórias nossas. Eu que coordeno essa equipa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ai que coisa boa.

Raquel Cruz: (risos) sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como é que foi a sua trajetória jornalística? Eu sei que isso é uma pergunta muito ampla, você pode resumir.

Raquel Cruz: É, bom, eu comecei a trabalhar quando saí da faculdade na imprensa escrita, depois, é, trabalhei no... no início do que foi o primeiro canal de notícias em Portugal, é, que foi, era o Canal de Notícias de Lisboa e depois vim trabalhar pra TVI e comecei como jornalista, repórter e fui sempre repórter, é... é, até há quatro... quatro anos? Enfim. Quatro anos e tal que comecei a ser coordenadora. Também fiz muitas coisas de reportagens, desde muita coisa de sociedade que é

minha área, fui à Guerra do Iraque pelo meio, é, apresentei jornais, apresentei programas e agora tô na coordenação, na edição.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, a minha pesquisa passa um pouco pela tecnologia, é, que se passa muito pela tecnologia. Como é que vocês trabalham, sobretudo sociedade, né, que a gente tem a ideia do repórter muito presente, é, como é que vocês trabalham com essa ideia do cidadão comum colaborando com a TVI, a gente tem... tem canais de colaboração, vocês buscam coisas na internet? Como é que é essa mão e contramão com o público? Vocês aproveitam esse material já que todo mundo pode ser um produtor de notícia?

Raquel Cruz: O... o cidadão repórter, é isso? (risos). É, aproveitamos (inint) [00:02:12] e eu tenho muitas reservas em relação a isso porque acho que a questão aqui é o filtro, e na vertigem dos dias, é, o que acontece muitas vezes é que há essa tendência de alguém manda uma... uma coisa qualquer, é, e das coisas serem apelativas e... e essa... esse filtro às vezes há tendência de... de se perder. Eu tento não o fazer e... e tenho muito esse cuidado de o que vem das redes sociais, o que é enviado via mail por espectadores que chega-nos muita coisa assim, é, tentar. Nem sempre é fácil porque é uma corrida contra o tempo. Nós temos um canal que chama-se 'Eu vi', que é uma coisa que... em que as pessoas, é, denunciam diretamente, ou por exemplo quando há cheias, mal tempo, é uma... são alturas em que fazemos muito uso disso. E aí é mais fácil de verificar, porque a gente vê, sei lá, se foi mal tempo em Coimbra, a gente sabe que é Coimbra, a gente sabe que naquele dia está efetivamente mal tempo, pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma forma de pertencimento também de quem tá sofrendo com aquilo.

Raquel Cruz: Sim. Mas temos tendência a replicar esse modelo, por exemplo quando houve uma queda de uma estrada numa zona duma pedreira que morreram várias pessoas na estrada, ruiu, houve muita gente que disse que tinha feito avisos sobre essa... sobre essa estrada. Nós imediatamente criamos um mail chamado, é, à semelhança do 'Eu vi', este caso chamava-se 'Eu avisei'.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Raquel Cruz: Então o que que era? É uma coisa de denúncia, de eu avisei às autoridades que este muro está prestes a cair, mas isso não coisas que necessariamente depois nós temos que pesquisar, ou seja, fazer uma triagem daquilo e pesquisar o que é que... o que é que... que veracidade é que tem aquela informação. Mas sim, nós fazemos uso dessa... cidadão repórter.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, em dez anos de 2009 pra 2019, o que que você/como que você acha que as tecnologias impactaram o telejornalismo em si? Já que eu já vi a notícia muitas vezes em rede social, no online, qual o papel da televisão nesses dez anos, como que eu posso...

Raquel Cruz: É muito impacto, as pessoas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Algo assim, aprofundar né, como você falou aí que cê faz matérias por outras angulações, o que o jornal fazia de aprofundar um pouco mais a matéria também...

Raquel Cruz: Ou seja, eu acho que a notícia, quando chega às oito da noite, geralmente já toda a gente sabe. Ou seja, meio dia a população já está informada. Portanto, talvez, não sei, acho que estamos na fase da descoberta, que talvez o caminho seja esse, o aprofundar ou descobrir outros ângulos ou ouvir outras pessoas. Dar a notícia o mais rapidamente possível porque as pessoas ou as que já estão porq... a pessoa ou já sabe ou resumir o fato e depois tentar procurar outra abordagem. Nós ainda tamos a desbravar esse caminho, mas acho que pode ser... pode ser uma solução. Acho que há muita diferença nos últimos dez anos. As pessoas ou já estão informadas ou acham que já estão.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, isso é o problema.

Raquel Cruz: É, e eu acho que o que é assustador é que as pessoas tomam aquilo que veem nas redes sociais ou replicado na internet como verdade, e, portanto, nós

teríamos que descobrir um caminho para as pessoas perceberem a importância do filtro, ou a nossa importância.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma mediadora e credibilidade.

Raquel Cruz: Sim, sim, e acho que essa... que essa é uma, mas... mas existe, ainda é tudo muito (inint) [00:05:43], as pessoas ainda tomam... e as pessoas/e eu ouço pessoas a dizer, ah sim é verdade, eu v... deu no Facebook. Ou seja, fazendo réplica do que deu na televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim. Aconteceu, virou manchete.

Raquel Cruz: Pronto, é. E, portanto, eu acho isso, nós temos todos um desafio grande pela frente e nós próprios já (sucumbimos) [00:06:04] a isso porque a tendência, muitas vezes, para fazer sobretudo no final do jornal ou... ou por exemplo, acontece um crime qualquer, fazer réplica do que é que aquela pessoa disse nos últimos tempos nas redes sociais.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

Raquel Cruz: É, por exemplo, acontece um fenômeno qualquer, fazer réplica do... o que que as redes sociais, como se isso fosse uma entidade, né, diz aí sobre isto. Alvo de fortes críticas nas redes sociais. O que é verdade é que isso depois também tem impactos socie/na sociedade. O que se diz nas redes sociais depois vai tendo, vai...

Ana Paula Goulart de Andrade: Aproxima.

Raquel Cruz: É bola, é, vai bola de neve. E, portanto, nós, não sei muito bem como é que vamos resistir a isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tá fazendo uma retroalimentação né.

Raquel Cruz: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ao mesmo tempo que a televisão busca nas redes sociais e as redes sociais publicam a matéria que saiu na televisão e isso dá uma origem comentariada.

Raquel Cruz: É, exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse sentido, você acha que em dez anos/

Raquel Cruz: Ah, e um comentário sem filtro, que é uma outra coisa perigosa, fazer réplica dos comentários das redes sociais, as pessoas nas... a grande, pra mim, é o grande crescimento das redes sociais tem a ver com a facilidade de acesso, mas tem a ver com a máscara, ou seja, eu basto [00:07:21] atrás de um telefone e eu posso dizer o que eu quiser. E, portanto, isso (gera) 07:26 as maiores atrocidades, as maiores (alarmidades) [00:07:28], é, e nós temos que cui/ter muito cuidado ao fazer eco disso, porque as pessoas acham, é fácil, é fácil dizer coisas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sem ser interrompido, sem ter uma (mediação) [00:07:41].

Raquel Cruz: Sim, sem ser interrompido, sem ser confrontado e... e ficando atrás dum... dizer as coisas olhos nos olhos é sempre muito mais difícil.

Ana Paula Goulart de Andrade: A receita da política do meu país, né. É essa, foi essa, tá sendo essa, né, enfim.

Raquel Cruz: É um bom exemplo, um... um mau exemplo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É um bom mau exemplo.

Raquel Cruz: Exato.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse sentido, é, que a gente tem muita oferta de informações ou indício do que pode virar uma notícia, é, com toda a interação,

com toda... a notícia que vem de fora pra dentro da redação, você acredita que é mais difícil ser jornalista hoje? É um paradoxo. Ao mesmo tempo que você tem uma facilidade grande de pesquisa, você tem uma responsabilidade muito grande de tomada de decisão enquanto gatekeeper.

Raquel Cruz: Não, eu às vezes dou por mim a pensar porque o quanto você ser jornalista, que dizer obviamente já existia, mas não havia este fluxo de informação, e às vezes penso como é que isto se fazia antes, a gente às vezes...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não conseguia trabalhar.

Raquel Cruz: O que é de fato muito mais fácil? Eu tenho uma dúvida qualquer, é, e rapidamente eu a desfaço.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, não dá pra parar com o tempo uma coisa que é benéfica nesse sentido.

Raquel Cruz: Nunca. É, e isso é maravilhoso. A questão é: quanta informação lixo não chega? E que capacidade que eu tenho de filtrar essa informação? É, mas eu acho que o saldo final é altamente benéfico, não... não tenho dúvida nenhuma. Acho que vamos descobrir, é, formas de, a nossa profissão (sobre se estar) [00:09:09] tanto tempo, de que as pessoas percebam a sua importância. É, eu acho que há outros desafios para o jornalismo hoje, tão ou mais importantes do que este porque estão a minimizar o papel do jornalista, minimiza a sua importância.

Ana Paula Goulart de Andrade: (A literacia) [00:09:26]

Raquel Cruz: O seu valor, a importância de termos pessoas mais velhas com memória a fazer jornalismo, que não ganhem muito mal, e estas coisas todas misturam-se, porque esta coisa do... do... parece que qualquer pessoa pode ser jornalista, sabe, eu... eu tô aqui e dou esta notícia, filmo, pronto, e faço o papel do jornalista.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como se qualquer pessoa pudesse ser médico também, né.

Raquel Cruz: É.

Ana Paula Goulart de Andrade: Né, se a gente puder fazer uma comparação. Mas nesse sentido, tá mais difícil, por exemplo, é, a cobrança no jornalismo, que você tem um tempo menor pra decidir mais rápido, é, a partir do momento que as pessoas já se informaram, desinformaram nas redes sociais e aí o papel do jornalista como esse mediador, a literacia, cobrança, as competências desse jornalista.

Raquel Cruz: São, é, a balança está aí entre o informar mais depressa, e por que conseguimos informar muito mais depressa, mas não informamos melhor, e, portanto,... e porque nessa vertigem dos dias na/perde-se o tempo, né, e depois no dia seguinte parece que já não vale, já não volta a aprofundar aquele assunto, já veio outro, já passou. E isso... e isso eu acho que é o lado perverso disto tudo, é... é velocidade com que corre. Embora também tenha um lado bom, quer dizer, não há nada que fique fora.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais democrático?

Raquel Cruz: Não há, acontece e, e a... alguém que vai tar ali e alguém que vai dizer e alguém que vai investigar. Se vai investigar melhor, não sei, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: É um desafio.

Raquel Cruz: Eu (acredito que vou) [00:19:58] continuar a ver tempo para as grandes reportagens, para as matérias mais profundas, mas cada vez menos por causa dessa vertigem da/

Ana Paula Goulart de Andrade: Talvez mais os diretos como uma rede social, qualquer pessoa de qualquer lugar pode fazer.

Raquel Cruz: É, mas o direto é uma coisa perigosa porque o direto é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, mas aí eu digo dos profiss... dos profissionais, né.

Raquel Cruz: (inint) [00:11:105] sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: A televisão de repente investir mais nos diretos porque é o acontecimento aqui e agora que se aproxima.

Raquel Cruz: Investe-se cada vez mais nos diretos, ali tá a acontecer ali.

Ana Paula Goulart de Andrade: Talvez mais... é, nas matérias investigativas.

Raquel Cruz: (inint) [00:11:26] em diretos, quer dizer, o jornalista tá atento, mas tá ali muito tempo em direto, o que que o direto... eu acho que o direto impede. Se eu estou muito tempo em direto e não tenho tempo de fazer aquela coisa que é pousar e ir sentar-me com as pessoas, ouvir, perceber se é verdade, fazer o contraditório, isto/fazer isto tudo em direto é muito mais difícil, portanto o direto é bom porque lá está, é, velocidade contra a qualidade, contra a profundidade, e é velocidade que tá a vencer claramente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É a última pergunta. É, como é que você, enfim, a gente não imaginaria que o telejornalismo, as redes sociais, o impacto das redes sociais, a gente não pensou há dez anos, mas como é que você pensa daqui a dez anos o futuro da televisão? Talvez não tenha resposta. Ou que você gosta... gostaria que fosse.

Raquel Cruz: Eu acho que o futuro da televisão é a escolha, ou seja, nós caminhamos no... no... no... neste sentido. A escolha de cada um, é a minha escolha sobre o que que eu quero saber, e isto é... porque eu c/eu própria chego em casa não vejo tudo. Eu ando pra frente, eu ando pra trás, portanto é a minha própria escolha. Qual é o problema disto? É o que que as pessoas vão escolher e até que ponto é que vão ficar de fato, é, bem informadas porque o que que elas querem

saber? E isto vai, é um problema muito mais que é um problema de educação, não é? É, e, portanto, eu acho que pra mim e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Os adolescentes/

Raquel Cruz: Não sei se a televisão desaparece, ela talvez desapareça nestes moldes em que temos hoje. Se bem que eu acho que ainda há um público muito vasto a ver televisão, mas o modelo vai mudar, o modelo vai mudar por isto tudo, porque não chega às oito da noite, eu não tenho que esperar pelas oito pra ser informada e não tenho que esperar por um intervalo pra ver o episódio ou... ou... ou o seguimento da série, e eu não tenho que ver aquela notícia sobre... não interessa ou a saber do estado que não... não é, pra mim não me importa, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu decido o que eu quero ver (inint) [00:13:37] eu quero ver e onde eu quero ver.

Raquel Cruz: Eu decido o que eu quero ver. A questão aí tá, é, montante quer dizer, que é como é que a gente vai ensinar as pessoas a escolher as... as coisas certas pra ver, e isso... isso também depende um bocadinho depois de outra coisa, é de uma capacidade que temos que ter de tornar as coisas interessantes, ou seja, se o ar tiver muito pesado, ele não chega a ninguém. O meu objetivo é informar, às vezes dizem ah, é muito folclore a volta disto, muito... ok. Se eu chegar com a not/com... com aquela informação às pessoas que eu quero, esse é o meu objetivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pronto.

Raquel Cruz: Como eu cheguei, ah, não foi daquela forma estruturada, clássica como se faziam as coisas, não, não é. Chegou lá, chegou a informação e as pessoas sabem, e esse é o meu objetivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: A mensagem foi dada.

Raquel Cruz: E, portanto, eu ando nisto há... desde que comecei no jornalismo, à procura dessas fórmulas em que coisa mais pesada consegue interessar as pessoas

e isso é difícil de... de conseguir. E... e se interessar, a pessoa vai escolher aquele conteúdo, né, informa ela.

Ana Paula Goulart de Andrade: Critério de noticiabilidade.

Raquel Cruz: O embrulho importa, o embrulho importa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ai. Obrigada.

Raquel Cruz: Nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pedir só pra gente tirar uma foto que é pra registrar.

Raquel Cruz: Claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que eu estive aqui e tirei/

Sérgio Figueiredo

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Sérgio Figueiredo

TEMPO DE GRAVAÇÃO

26 minutos e 53 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Começando então pela sua apresentação, seu cargo e sua função que é na TVI.

Sérgio Figueiredo: Eu sou diretor de informação desde janeiro de 2015, quatro bons anos e meio. Fui sempre jornalista, é, 2007, isso aí, é, saí e fui dirigir fundação pensando não voltar para o jornalismo e pra redação e voltei em 2015 e cá estou, e nunca tinha feito televisão. Eu sempre...eu fui diretor de dois jornais de [inint] 00:37 em Portugal que desde muito novo e a minha área sempre foi imprensa e [inint] 00:45 e pronto, e vim pra esta aventura.

Ana Paula Goulart de Andrade: Já tá na segunda pergunta que é justamente a sua trajetória.

Sérgio Figueiredo: É, só falta falar de mim.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos) então fala antes.

Sérgio Figueiredo: É, não, acho...tem interesse ou não tem?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

Sérgio Figueiredo: Tem, tem. Portanto, sou avô duma neta de um ano e dois meses, que é filha do meu...meu filho mais novo, que é o Sérgio, 28, Maria Luísa, 19, brasileira [inint] 01:12 e Maria Alda, 15, Pedro, 13, e pronto. E nos intervalos consigo ser pai.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos) isso é ótimo.

Sérgio Figueiredo: [inint] 01:22.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, a gente...a minha pesquisa passa pelas tecnologias, é, sabendo como que vocês utilizam a tecnologia, a gente sabe que hoje a informação, ela vem muito de fora pra dentro da redação, se antes a gente definia

numa pauta o que seria notícia, hoje a gente tem uma pressão, é, de um...duma grande falácia da sociedade, mas também muitas contribuições de fora pra dentro da redação sobretudo em redes sociais, na, é, leitura, de likes, de...de robôs, de...o que que é valor notícia porque o povo de certa forma tá fora da televisão, também está na rede social, ou seja, a gente tem essas possibilidades. É como é que vocês trabalham com essa questão da checagem, da apuração do que vem de fora pra dentro da redação, cada vez mais pressão pra ter a tomada de decisão mais rápido.

Sérgio Figueiredo: Pronto, certa. Então, é, neste meu regresso ao jornalismo, porque apesar de tudo foram sete longos anos fora da atividade. A grande diferença, vou usar a palavra que eu não gosto, mas eu acho que se aplica, do paradigma, que contra (ela) 02:39 foi o fim do...da exclusividade que o jornalista tem...tinha com o produtor de conteúdos. Porque mesmo as fontes de informação externas que alimentavam as redações e alimentam, eram fontes de informação formais, agências de informação, é, constituídas por redações, a Reuters, a Associated Press et cetera et cetera et cetera. E já tinham um trabalho editorial e jornalístico à nascença. Pronto, e...e vivíamos nesse circuito chave, uma equação, produtor, conciliador que era unilateral. Nós decidíamos o que era importante e o que que era editorialmente relevante e disponibilizávamos. Um outro que eu vim a encontrar é muito mais complexo porque essa frontaria do produtor e o conciliador de informação [inint] 03:36 e...e o conciliador de informação trouxe ao próprio um fornecedor de conteúdos que não é necessariamente mal, porque pra qualquer redação do mundo é impossível tar em todas as cidades, em todas as ruas de cada cidade e em cada esquina de cada rua dessa cidade, portanto é normal que o cidadão comum capte coisas que são jornalisticamente relevantes e que não tenha um jornalista lá pra assistir, pra testemunhar e poder, é, poder depois difundir. É, e...e isso é evidente e é com antecedentes terríveis como atentados terroristas em que normalmente o material que nós usamos são de fontes de informação informais, as tais...os telemóveis que estão presentes nos locais e que captam as imagens, mas também acontecimentos mais comedidos como a revolta dos estudantes em que eram...foi toda testemunhada pelos próprios manifestantes e é um acontecimento tão importante que...ao qual os jornalistas ocidentais por exemplo não tinham acesso. Tanto negar isto é negar a própria prática do jornalismo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Democrática, inclusive.

Sérgio Figueiredo: Não é? Porque não...é um exercício de arrogância que empobrece o...é...o exercício da nossa profissão. Isto é uma coisa, é o lado bom da história. Qual é a face negra deste processo? É que para o nosso destinatário final, o plano de, é, distinção entre o que nó...que passa pelo crivo editorial e aquilo que é fornecido diretamente por uma pessoa que coloca aquilo nas redes sociais, não existe essa distinção. E aí as pessoas concebem aquilo tudo como jornalista, e muitas fake news que aparecem com essa origem. Quando se percebe que são falsas, a reação imediata das pessoas nas redes sociais é que não se pode confiar no jornalismo quando (não) 06:00 estamos [inint] 06:01 uma coisa que não tem nada a ver com o exercício do jornalismo. Portanto, aumentou, é, a nebulosa e a própria...a própria transparência do processo, não é? Isso é um problema. O segundo problema é que o trabalho de checagem, de verificação da validade desse material tem que ser redobrado comparando com aquilo quando chega das tais agências que a gente confia porque têm créditos e têm critérios que são os nossos, não é? E que é suposto também fazerem o seu processo de filtragem. Quando chega alguma coisa da Reuters, a nossa única preocupação não é confirmar se é válido ou não, é se tá atribuído à fonte. Segundo a Reuters, o presidente russo não sei que, não sei que, não sei que mais. Aqui não, e isso convoca-nos para um território de areias movediças porque nem sempre é pressão do tempo, é, é compatível com as...ele sabe a maturação e verificação e checagem daquilo que nos chega, e faz com que muitas vezes aqui em Portugal e no mundo os próprios...as estações de televisão, mas não só, não estamos a falar de estações de televisão porque são as mais imediatas, (eles que reagem mais movimento) 07:12, coloquem coisas que não deviam e depois têm que corrigir, porque é frequente também, é, nós tamos a mostrar imagens do atentado em Moscovo, o que aconteceu no atentado anterior que já dá cinco anos, mas que os algoritmos da tal tecnologia que tu falas, quando as pessoas começam a procurar atentados em Moscovo, vão buscar vídeos de uma coisa que não aconteceu naquele momento e que a gente passa como se tivesse sido há duas horas antes, como aquela [inint] 07:55. Portanto, a tecnologia é um instrumento fundamental para democratizar o processo de informação, o jornalista não deve ter a arrogância de ignorar tudo aquilo que não é sua própria produção e sua própria iniciativa, mas isso obriga-nos a...a fazer um trabalho difícil de

filtragem...de filtragem e depois também de validação e...e...e muitas vezes somos nós próprias vítimas desse processo e difundimos notícias que não são verdadeiras, que não são exatas, mas que...mas que temos que viver com elas e temos que saber lidar com essa nova realidade. Eu acho que as formas como as redações estão a ajudar na sua organização já buscam precisamente respostas a este novo mundo que vivemos e que sendo um bom, traz perigos novos e que traz perigos perversos, não é? Porque...porque acima disso depois há pessoas que fazem a manipulação do processo, não é? Não é o só o interno ir no centro ou alguém que nos engana só como pregar uma partida [inin] 09:21. Nós já aqui já temos processo político, formas organizadas de utilizar essa...esse...esse emaranhado, né, essa tal diluição da fronteira que separava o formal e o informal, pra manipular precisamente a opin...a opinião pública com um intuito muito pré-determinado, organizado e como se...vimos entre vários processos eleitorais, o brasileiro mas também o britânico, já pra não falar do próprio american...é, o brasileiro, o inglês e pra não falar do americano. A eleição do Trump até hoje está envolta em suspeições que não foram desfeitas nem esclarecidas em que há empresas que fazem negócio precisamente justamente em cima disso, não é? E isso já não é o brinco pro jornalismo, é um brinco pra própria democracia. É um...uma questão até, eu já [inint] 10: 23 no exercício da nossa profissão. Agora claramente estamos no mundo em que se fez uma desintermediação do papel do jornalismo, que sempre foi intermediário entre o acontecimento e o destinatário e essa [inint] 10:41 mediação está a acontecer, está a acontecer, mas nunca, jamais o papel do jornalista pode ser substituído por um novo mundo, porque justamente o contrário pelo que eu tentava dizer, obriga-nos a...a ser o filtro e o elo de confiança que mais tarde ou mais cedo vão ter que ter, acreditar em alguma coisa e acreditar em alguém, e aí as formas organizadas de fazer jornalismo e as marcas das televisões e os jornalistas que dão a cara pelas notícias confio eu que a prazo serão o filtro duma confusão geral que alguém um dia perceberá que vai [inint] 11:26 enaltece paradoxalmente o...o nosso papel.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá mais difícil ser jornalista hoje.

Sérgio Figueiredo: É mais com...é mais...é mais difícil desse ponto de vista, porque lá está [inint] 11:39. Uma grande elétrica quando tem uma central de produção que distribui a eletricidade sozinha numa região, tem um poder absoluto de deixar

milhões de pessoas às escuras ou iluminares a vila. A partir do momento em que começa a combinar nesse região, as pessoas vão colocando painéis solares, fazendo a sua própria geração da energia que consomem, o papel dessa elétrica deixa de ser de monopólio, e portanto mas nem toda a gente já depende disso. De certa forma, eu vejo o jornal...uma redação como uma central elétrica que deixou de ter o monopólio de produzir um...um determinado bem essencial para a vida das pessoas, no nosso caso são notícias, né. Porque há pessoas que já elas próprias estão a produzir aquilo que consomem e que até abastecem [inint] 12:44 que, é, não precisam da central elétrica pra nada, né. E quando eu falei dessa intermediação, é nesse sentido, é que ninguém tia acesso a informação sem passar por aqui e...e hoje as pessoas acham que estão informadas dispensando o papel que o jornalista tem na sociedade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você falou em sete anos. Numa período de dez anos, de 2009 a 2019, o lado bom e o lado ruim você já deu uma...uma...é, exclamação, mas o que você acha que mudou de fato no...na notícia televisiva as tecnologias? O ao vivo, por exemplo, você acha que...o ao vivo sempre foi um talento da TV e hoje as redes sociais colocam, é, qualquer pessoa pode fazer uma live de qualquer lugar, não necessariamente com a mediação, a credibilidade jornalística, mas qualquer pessoa pode, o famoso estamos aqui. É, você acha que que mudou desses...significativamente, o que que mudou nesses dez anos?

Sérgio Figueiredo: (Sou a favor de ver) 13:40 um...um alinhamento no jornal. Tu hoje tens uma presença de vídeo amador, é, na...nesse alinhamento que não tinhas no passado, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu fiz uma pesquisa sobre isso.

Sérgio Figueiredo: Não é? Não tinha isso. É, naci...nacional e internacional. É, que tu corre o risco, que eu tava a dizer, não é? Porque eu como responsável dessa redação, se dizem que tem...que tá a correr as redes sociais um vídeo absolutamente único, exclusivo e que tá já, como é que eu ia dizer, validado, porque se confirma que é verídico, eu não tenho opção. Eu tô no meu critério [inint] 14:30 que aquilo é notícia, não é? E não tenho que andar aqui se...identidade do seu ator e sem tem

carteira jornalística ou se não tem carteira jornalística pra poder usar, não é? Eu contava na imprensa escrita, fica aí muito, como é que eu ia dizer, é complexo quando percebi que este princípio no Brasil até ele estava extremo de só podia assinar notícia quem tinha carteir...curso de jornalismo, não era só carteira, porque pra ter carteira era preciso ter o curso. Eu por exemplo nunca poderia ter sido jornalista no Brasil porque o meu curso foi em economia, e no Brasil não iria exercer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Agora pode.

Sérgio Figueiredo: É minha [inint] 15:12 pelo que eu sei nunca pode assinar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jornalista.

Sérgio Figueiredo: Nunca pode assinar notícias e muitas vezes ela dava matérias em primeira mão na sua crônica de auxiliar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por isso que ela tem/

Sérgio Figueiredo: E a chamada na capa do Globo era feita (remetente da Glória) 15:25, que é porque depois ela não podia desenvolver aquilo em notícia. Este mundo é já quase pré-histórico. Na realidade atual, tamos a falar de uma coisa quase do ano passado, não é? Porque é impossível sindicatos, é impossível governos e é impossível diretores de informação ignorarem essa realidade que é o mundo ligado à rede. E permutar a informação é impossível. E gente ao...aos [inint] 15:53 desse mundo está a cavar a própria sepultura.

Ana Paula Goulart de Andrade: Alguém vai ocupar.

Sérgio Figueiredo: [inint] 15:58 o que estavas...é isso lá, exatamente, não é? Porque essa (fiel da arrogância) 16:02 que eu tava a dizer que o jornalismo, é, tem que fazer a sua afirmação que é, de tudo que está a gente de cura, escolhe e v...(davos) 16:13 como a nossa chancela, não é? A valorização do jornalismo é...é dizer que, é, nisso vocês podem confiar, porque no dia em que perderem a confiança na

TV, deixam de vir à TV, que é nossa morte, não é? Se alguém deixar de consumir um...os vídeos do Zé Manuel da esquina, o Zé Manuel da esquina provavelmente pedreiro, tem outra profissão, não vai à falência por isso. Tanto o nosso negócio depende única e exclusivamente da credibilidade. Portanto, e as pessoas no limite, quando vêem o mesmo vídeo debaixo da marca TVI ou à solta no Facebook, tenderão a dizer, não, se tá aqui na TVI, é porque isto...eu posso confiar nisto, não é? E a gente não pode vacilar nessa...nesse aspecto. Porque senão, se formos iguais a todo o resto, né, não adianta ter aí duzentos jornalistas aqui e pivôs com credibilidade e notoriedade porque aí é...essa [inint] 17:16 e aí desaparece o nosso papel, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: É a última pergunta, é, na verdade a gente tá não...a gente tá falando sobre mais competências e mais cobranças também do jornalismo, né, nessa...nessa perspectiva. Como é que você acha que a televisão, a pergunta que talvez não tenha resposta, vai estar daqui a dez anos? Como é que o negócio TV, que é uma televisão que eu não preciso mais estar à frente do sofá, é, à frente da TV no sofá com a minha família, eu posso consumir a televisão de qualquer lugar, a qualquer momento, é, qual o futuro da televisão?

Sérgio Figueiredo: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse sentido, você acha que a aposta é mais como era o...o...o jornal antigo, é, que a gente se aprofundava um pouco mais, a televisão talvez nos modelos de investigação, percebi que a TVI tem feito muitas matérias investigativas e reportagens especiais...

Sérgio Figueiredo: É, matérias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse sentido, é, de...de gerar questões mais delicadas que não se dá pra cumprir no vivo, no direto, você acha que esse é um pouco o caminho? Você consegue enxergar a televisão daqui a dez anos?

Sérgio Figueiredo: Olha, eu não consigo, mas eu tenho uma...uma perspectiva muito otimista, sabes?

Ana Paula Goulart de Andrade: Que bom.

Sérgio Figueiredo: E eu acho que não é completamente para tar porque, primeiro, é, o jornalismo, os mídia não são uma atividade que se...que se...que se globaliza. O que que eu quero dizer com isto? Que é, a CNN não é uma ameaça à TVI, certo? Há uma coisa que nos protege que é a língua, e dentro da língua é o nosso contexto. O jornalista brasileiro que tem a mesma língua que eu tô a falar tem grandes dificuldades em exercer uma profissão num país que não conhece a realidade, a cultura.

Ana Paula Goulart de Andrade: O local.

Sérgio Figueiredo: As fontes de informação, os circuitos. Por isso, portanto, nós temos uma atividade pra o bem e pra o mal, é tipicamente local, ok? Esta é a primeira coisa. A segunda coisa, que tem a ver com o conceito de televisão. Se a gente concebe televisão um ecrã, nessa alma em que tem um telecomando na mão e que sente que daqui a dez anos continuamos a ter isso, a televisão tá morta. Se a gente conceber televisão como uma fábrica de conteúdos jornalísticos que tem tudo, que tem a notícia, que tem a análise, que tem a investigação das tais matérias que, é, têm um suporte de investigação [inint] 20:04 das coisas, das questões importantes da sociedade e da política et cetera et cetera et cetera. E que tudo isto pode ser distribuído em várias plataformas incluindo o telemóvel e eu acredito que isto está longe de ser uma...uma espécie em vias de extinção. Por quê? Porque o que está errado neste processo todo de grande transformação tecnológica é o modelo de negócio da televisão, porque ainda é concebido como eu reúno um conjunto de televisão que vai dar um jornal de uma hora de vinte, né, e esse jornal é um jornal que é única, que é indivisível e que é indiferenciado, e que as pessoas que estão à frente do ecrã, é, tão disponíveis pra estar uma hora e meia pra ver o que gostam, pra ver o que não gostam, inovar com break, com intervalos e publicidades...

Ana Paula Goulart de Andrade: [inint] 21:16.

Sérgio Figueiredo: De treze minutos e que ficam ali comportadinhas. Isso é passado, acabou. E a forma como as empresas, as estações de televisões ainda estão (recaucionadas) 21:29 e organizadas ainda neste mundo. Se tu achares que um jornal de uma hora de meia, tem um jornal de uma hora e meia mas que tu podes receber e ver quando quer que seja na tua box em casa ou aqui, só aquilo que te interessa realmente e não tens que preencher um questionário, não é? Porque os algo...as máquinas sabem exatamente se tu gostas de noticiário internacional, se gostas de ver desporto, que não te interessa crime nem te interessa/

Ana Paula Goulart de Andrade: Conhece mais do que nós mesmos.

Sérgio Figueiredo: Exato. A questão é o negócio da internet, o YouTube é assim. Tu quando entras no YouTube, não é por acaso que aparecem coisas que tu gostas, porque é algo que alguma máquina leu o teu padrão de busca e de pesquisa e o que tá a sugerir são coisas à vol/

Ana Paula Goulart de Andrade: À volta.

Sérgio Figueiredo: À volta e a própria voz, à volta dos...dos teus interesses. Por que que os média terá que ser diferente? Por que que o meu jornal que o José Alberto Carvalho, hoje [inint] 22:27 de pessoas ou hoje vai a fazer daqui a pouco tempo, que é um jornal de fato, não tem também uma relação [inint] 22:36 com os consumidores, em que as pessoas têm ali esse serviço, que é eu às nove e meia da noite quero ver o jornal da TVI, e se calhar eu Sérgio só vou receber quarenta minutos no jornal que é de uma hora e meia, e tu se calhar vais receber só vinte, e alguém aqui vai ver tudo porque gosta de tudo e costuma ver tudo. Não tamos a falar de futurismo porque como digo, os modelos da internet, YouTube, Spotify, tudo isso, é, o próprio Facebook já te dá as coisas que eles percebem que tu querem, tal como a publicidade, e o modelo que financia a televisão que é a receita publicitária também tem que ser customizado, tem que ser [inint] 23:20, uma filha de treze anos não tem que tar a ver anúncios de automóveis, nem daqui a três an...seis anos vai ter um carro, não...não é pra ele. E a publicidade não é dirigida também, é treze minutos pra todos. Isso [inint] 23:35 se calhar é o que? E a máquina sabe que ele gosta de [inint] 23:39, esse anúncio e ele até vai gostar dele. E eu vejo

o futuro dos mídia que é replicando, é um negócio que o Zuckerber e lá atrás muito antes já...já perceberam, porque tu tens as pessoas a continuarem à procura de conteúdos, e quem os produz não é o Google, não é o Facebook. Alguém tem que produzir estes conteúdos. O nosso problema tá na distribuição. Como é que a gente chega (às duas) 24:05, e isso e acabou aquela coisa do megafone, não é? [inint] 24:11 uma hora e meia tu dá notícias, quem quiser fica, quem quiser vai embora. Isso acabou. É...é um palanque, sim senhor, é uma hora e meia, mas no limite eu posso ter um desdobramento de dez milhões de jornais diferentes pra cada português. Faça-me entender.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma diversidade, né?

Sérgio Figueiredo: Sim, e é o fato feito à medida, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu pego a fatia.

Sérgio Figueiredo: O fato feito à medida. Tu dizes assim, mas isso é um produto do supermercado. Tu colocas na ditadura do consumidor e o teu papel de editor dilui-se, né, às tantas as pessoas não estar a ver aquilo que tu queres, mas tão a ver só aquilo que procuram. Não tem que ser assim, porque realmente se tem um exclusivo duma grande repórter minha em que não há um padrão de consumo daquele tipo de assunto e daquela reportagem porque ela é exclusiva e é nova, eu imponho isso e de fato os meus [inint] 25: 10 vão ter que ver isso porque eu como editor acho que é importante eles verem. Todo o resto, a calhar eu não tenho que tar a impor às pessoas uma feira de presuntos e (fumeiros numa entrada de motos) 25:21 porque há pessoas que não querem ver aquilo. Mas as que querem vão receber porque a gente sabe que elas querem e ficam a ver, não é? Tanto eu vejo muito esta evolução assim que não nos dispensa, bem pelo contrário, eu volto a dizer porque não dá pra substituir isso que a gente tem aqui, esta máquina, por uma criança de vinte e dois anos com um chroma atrás, com um cenário virtual a dizer notícias, porque vai o fator da credibilidade, as pessoas precisam acreditar naquilo que tão a ver. É a relação de confiança, é o jornal [inint] 25:54 pessoas, mesmo que seja feito pra duzentas pessoas, não é? É o jornal da TVI, não é da TV Record (risos), não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Ok (risos).

Sérgio Figueiredo: Pode outra expressão qualquer. Portanto, isso, a história da humanidade diz-nos que não é uma coisa pré...não é uma coisa é...é, da moda, não é? Foi assim que se fez as instituições que as pessoas precisam ter alguém em quem confiar e que cuidam do (bem do mundo) 26:21. E o jornalismo é uma instituição, não é uma instituição, como é que eu ia dizer, é, protocolada, não é? O diretor da TVI não senta ao lado do bispo, do embaixador quando o presidente da República faz uma cerimônia, mas é uma instituição muito importante dos sistemas democráticos, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso. Finalizou.

Sérgio Figueiredo: Chega?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim. Perfeito, muitíssimo obrigada. Eu vou precisar só tirar uma foto com você pra justificar.

Sérgio Figueiredo: Tudo bem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que eu/

SIC

André Antunes

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

André Antunes

TEMPO DE GRAVAÇÃO

26 minutos e 57 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então 3, 2, 1, gravando. Sua apresentação, seu cargo e sua função aqui na SIC.

André Antunes: Sim. Meu nome é André Antunes, sou coordenador do primeiro jornal, o jornal que abre no sábado à tarde, acumulo essas funções também como chefe de redação durante esse período.

Ana Paula Goulart de Andrade: E quanto tempo cê tá aqui?

André Antunes: Na SIC? Dezoito anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Só?

André Antunes: Só (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu ia te pedir um pouquinho da sua trajetória, mas enfim, você já...

André Antunes: A minha trajetória, eu comecei como produtor editorial, é, da SIC Notícias na altura, fui... eu vim trabalhar pra... vim estagiar pra SIC em agosto de 2001, depois passei para... para redação como estagiário, né, depois tive um primeiro contrato como produtor editorial, fazíamos uns pequenos programas, depois tive na edição da manhã, da... da... da SIC Notícias, depois passei pra... pra redação da SIC. Mais tarde, tive na equipe da sociedade, fui pra equipe do jornal da

noite e em 2007 fui promovido a editor executivo, foi uma espécie de chefe de redação. É, e é quem decide quem faz que matérias, quem faz o que, que matérias, como é que nós, como é que a SIC gera os seus meios, é, no país todo. É, basicamente que notícias é que vão ser feitas. Mas o editor executivo não decide como é que elas entram nos jornais. Mais tarde passei a ser coordenador de jornal, que (inint) [00:01:22] e fazia as duas coisas, era editor executivo e coordenador de jornal que é o que eu faço hoje. Que é decide quem faz o que, que matérias é que são feitas e depois faço o jornal, o...

Ana Paula Goulart de Andrade: O alinhamento.

André Antunes: O alinhamento, de que forma que essas notícias entram, é, no jornal, porque (inint) [00:01:37].

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tá, é, investigando as tecnologias, né, as redes sociais, enfim, tecnologia não são só redes sociais, mas, é, na busca de notícias, é muito comum que jornalistas recorram onde o povo está, e o povo está nas redes sociais. Aqui na SIC vocês/

André Antunes: Algum povo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, uma parcela. É, muita gente se informa pelas redes sociais, né, a gente levando essa... essa multidão aí pras redes sociais. Aqui vocês têm algum aplicativo, é, alguma busca nas redes sociais, vocês tão de olho nisso? Vocês, como é que vocês fazem a apuração?

André Antunes: Nós temos... nós temos, é, duas coisas diferentes. Nós enquanto pessoas jornalistas recebemos coisas pelas redes sociais porque nos enviam um amigo, um familiar, é, ou alguém a quem interessa que aquilo seja divulgado, por exemplo, não é? Pronto. Aí recebemos notícias dessas formas. Por WhatsApp, por Messenger, o que quer que seja. Essa é uma parte. Depois há a parte em que nós ativamente vamos à procura de alguma coisa. Vamos supor. Alguém (vai dar) [00:02:47] uma notícia rápida de que houve uma explosão em Berlim. Um dos meus... eu principalmente, um dos meus primeiros (cliques) [00:02:52], é ir ao

Twitter, onde as coisas caem primeiro, é no Twitter. Acho que há países onde as pessoas são muito ativas no Twitter. E os/e vídeos de quinze segundos, vinte segundos, em que nós/em que nós consigamos confirmar que aquilo foi ali porque... percebemos porque a rua é aquela, a estação de metrô é aquela, o edifício é aquele, só depois de conseguirmos tentar confirmar e fazemos (inint) [00:03:17] que aquilo são imagens que não estão confirmadas, não são imagens oficiais, são imagens divulgadas pelo Twitter. É, podemos (inint) [00:03:23] pôr no ar. Depois há um problema, você usou uma expressão que é, as pessoas se informam através das redes sociais, as pessoas não se informam através... é, receber informação pelas redes sociais não quer necessariamente dizer que a informação esteja correta, não é? E há muita propaganda, como você sabe, no... no passado recente no Brasil de... de manipulação, propaganda. As redes sociais, na verdade, são perfeitas para isso, não é? Temos muitos exemplos de...

Ana Paula Goulart de Andrade: Da falácia que é.

André Antunes: Da falácia que é. Temos as eleições norte-americanas, a influência da Rússia, o Facebook admitiu, o Edward Snowden falou sobre isso na época. Tanto tá mais do que provado do que as/que as redes sociais podem ser uma arma fortíssima para fazer o... para ameaçar as democracias, para eleger governos ou roubar governos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Os próprios algoritmos.

André Antunes: Sim, os algoritmos são... são uma arma muito potente, né. Como é que nós aqui fazemos isso? Nós tentamos ao máximo filtrar, temos... tentamos ao máximo não ceder à pressão daquilo que é o imediatismo e a concorrência muitas vezes, e tentamos ter um... um incrível filtro grande para, é, por um lado, a nossa primeira preocupação é perceber se aquilo é verdade, se aquelas imagens são verdadeiras, se aquela informação é verdadeira, não é? Esse é o... é o ponto base. E depois, é, há uma outra coisa que é, ok, isso até é verdade, mas é relevante?

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

André Antunes: É interessante? O... E o que isto contribui para o espectador? Por que que (aquilo traremos de mostrar) [00:04:58] ao espectador, uma coisa que eles já viram? Eu tenho que dar-lhes algo a mais, não é? Tem que... ou enquadrar aquilo ou ajudá-los a perceber. Se a pessoa já recebeu aquele vídeo no WhatsApp, por que que a gente está a mostrar outra vez pela televisão? Não é? Então tem que acrescentar alguma coisa, tem que o ajudar a compreender o que que é aquilo, por que que aquilo aconteceu, por que que... que fenômeno é aquele, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: É o tipo de angulação, né?

André Antunes: Sim, ou eu lhes dou um ganho ou então nós não vamos fazer nada, não é. Portanto, nós temos essa preocupação, sem dúvida.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse, é num período de 2009 a 2019, portanto dez anos, o que que você acha que a tecnologia mudou o telejornalismo? (riso).

André Antunes: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Não só em termos de grafismo, como a gente viu, né. Estúdio, enfim, também de apuração, de checar. Você acha que ficou mais difícil ser jornalista, por que que você tem muitas possibilidades de fora para dentro da redação, e talvez esse filtro tenha que ser reforçado, o que que você acha?

André Antunes: Uhm, eu acho que a tecnologia tem, eu já nem falo de dez anos para cá, eu falo de... de ano, cada ano que passa as coisas mudam significativamente, e aquilo que eu noto é que no... no nosso caso, isto acelera muito, acelera muito a nossa forma de... de trabalhar, e a tecnologia também, que nos permite chegar às pessoas, hoje em dia noutras plataformas, porque essa tecnologia, há... há dois cenários. É, a tecnologia com a qual nós trabalhamos e com a qual nós/nos permite fazer informação mais depressa, mas também faz... permite essa mesma tecnologia chegar às pessoas mais depressa no celular, no computador, no tablet, na televisão. E isso tudo fez acelerar o processo, e isso é um problema porque acelerando o processo, se eu faço a notícia chegar mais rápido daqui até ali, eu... eu vou falhar coisas. É, eu vou perder conteúdo, eu vou perder

rigor, vou perder, é, um lado que eu deixei do vídeo, não é? Se a minha preocupação é fazer chegar lá mais depressa, porque a tecnologia agora permite, e eu não posso ficar atrás da concorrência, eu tô a perder qualquer coisa, não é? E nós aí temo... temos também uma preocupação extra que é, ok, há coisas que é importante fazer chegar depressa, mas há outras que, se quiser, a gente pode travar um pouco, frear um pouco, né, e... e fazer um trabalho melhor. Agora, a tecnologia de fato ajudou-nos imenso, nós conseguimos, é, chegar mais depressa a um sítio do que antigamente, sei lá, nós conseguimos mostrar a realidade do país e do mundo, é, de uma forma mais rápida, mais imediata, porque antes era impossível, antes só no dia seguinte é que se conhecia o que aconteceu, né. Hoje em dia não, hoje em dia é possível nós vermos em qualquer lado do... de Portugal e do estrangeiro, é, as coisas que estão a acontecer. Acho que essa mesma tecnologia nas redações (inint) [00:07:59] muito a posição do jornalista também, porque o jornalista hoje, ele é, boa parte deles editam as suas peças, montam as suas peças. Enquanto estão a editar, não estão a pensar, não estão a ir à procura de, não estão a fazer o trabalho de jornalista, né, não estão a ir... continuar... continuar a buscar fatos, né, e isso é importante, porque tiveram que parar o seu trabalho de jornalista para fazer o trabalho de... de editor ou de... ou pensar... ou agora também já há uma tendência de fazer grafismo, por exemplo, não é. E isso/

Ana Paula Goulart de Andrade: O próprio jornalista.

André Antunes: O próprio jornalista. Há redações onde isso já é feito. Nós cá temos essa responsabilidade e não o fazemos. Achamos que o grafismo deve ser feito por grafistas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por um outro olhar, né.

André Antunes: Com um olhar a mais, mais artístico, né, mais artístico. É, mas que que a tecnologia nos permite, agora a tecnologia de fato permite-nos fazer não necessariamente no âmbito das redes sociais, mas permite-nos de fato mostrar às pessoas, fazer informaç/a informação chegar às pessoas de outra forma, dou... doutras formas, não é? Não só da parte televisiva, é, mas da parte como você viu, né, vocês chamam palco, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

André Antunes: É, se queremos sublinhar umas as imagens, fazer, dá... dá pra fazer coisas mais (inint) [00:09:14].

Ana Paula Goulart de Andrade: Esteticamente.

André Antunes: Esteticamente diferentes, né. E isso também conta, né, porque, é, nós temos, daquilo que nós sabemos da... da demografia do nosso público, nós temos um público um pouco mais exigente. E também temos que ter essa preocupação, não é? E felizmente temos as ferramentas tecnológicas que nos ajudam a fazer isso, porque se fizemos um investimento de onze milhões de euros em estúdios novos e uma redação nova, é, porque sabemos que o nosso público é exigente e fizemos uma reforço tecnológico para ir também, ter com... com as... com aquilo que são as exigências do nosso público, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: E... e falando em público, em questão de interatividade, interação, como que a SIC trabalha com... com esse pouco, a TV em si, né, o telejornalismo em si. Assim, existe interatividade e interação com este público que também ou ainda manda carta, né, porque antigamente eram cartas, e-mails.

André Antunes: Sim, hoje em dia mandam e-mail. Hoje em dia, sim. Quer dizer, nós... nós, há uma coisa, eu no meu caso pessoal, eu faço questão de todos os e-mails que chegam, uma parte chega por e-mail, os, os pivôs recebem cartas, (inint) [00:10:16], cartas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é muito curioso.

André Antunes: Sim, e recebem carta, recebem prendas. Há pessoas para quem a televisão é uma companhia ainda, é, pessoas que se sentem sozinhas, pessoas que vivem, que vivem ainda fascinadas com a questão da televisão, não é? E para quem, as pesso/

Ana Paula Goulart de Andrade: Não perdeu ainda a centralidade.

André Antunes: Não perdeu, para, para muitas pessoas não perdeu. São pessoas que são cada vez menos jovens, né, mas pessoas para quem isto ainda é uma companhia, é uma forma de a gente fazer chegar. Haver uma pessoa que lhes fala para elas ainda é uma forma muito personalizada de fazer chegar a informação, não é? E as pessoas agradecem, retornar isso. É, há as que escrevem para cá a criticar ou a dizer ou a sugerir, eu faço questão de responder a todas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você mesmo responde?

André Antunes: Eu mesmo, eu mesmo, eu respondo. Tem razão, sim, foi um lapso, não foi, ou é porque não é bem assim, tentamos fazer assim, assado, não sei quê. Recebemos críticas construtivas, críticas destrutivas, críticas erradas, críticas com razão, muitas vezes. Como você sabe, eu não fui do tempo de produção do nosso jornal, é curto. É curto, é curto?

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito.

André Antunes: E às vezes há casos... acidentes que acontecem ao... ao lapso, uma pessoa que não foi ouvida, houve uma pessoa que foi mal interpretada, acontece. Infelizmente acontece. Idealmente não deveria acontecer. Mas pronto, mas eu faço questão de responder a todos, desde aquele que é mais simples a pessoas que se queixam que a ilha onde elas vivem não está bem representada no mapa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jura?

André Antunes: Sim, coisas, é, ou por que que aparece primeiro, a primeira não aparece primeiro aos Açores.

Ana Paula Goulart de Andrade: Meu Deus.

André Antunes: Na meteorologia, por que que eu...

Ana Paula Goulart de Andrade: É pela própria identificação do público com o canal.

André Antunes: É, exatamente. E então respondemos, eu respondo a toda gente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que tudo isso que a gente falou de tecnologia e tal, exi/exige do jornalista hoje uma cobrança muito maior, uma literacia, você precisa ter...

André Antunes: Muito maior, sim. E isso nota... nota-se...

Ana Paula Goulart de Andrade: É mais difícil ser jornalista hoje.

André Antunes: É mais difícil ser jornalista porque hoje em dia essas são as ferramentas, é, eu noto isso na minha equipa, as... as, há pessoas que são muito mais capazes, não é, de sobreviver enquanto jornalistas nesse mundo hoje, né, (trata-se de um caso de sobreviver) [00:12:27]. É, hoje em dia infelizmente as... as fontes já não são suas fontes de antigamente, e hoje em dia é muito mais difícil guardar uma notícia, por exemplo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ter uma exclusividade.

André Antunes: Ter uma exclusiv/é muito mais difícil ter um exclusivo, não é. Então, o... o próprio papel do jornalista mudou... mudou um pouco, e acho inclusive, os jornalistas mais apetrechados são aqueles que sabem, é, tirar mais partido da... da parte tecnológica, usar o... ao máximo o seu computador, usar ao máximo o seu celular, usar ao máximo as plataformas multimédia, usar ao máximo as... as redes sociais, porque as redes sociais há coisas más, obviamente, não é, mas conseguem ser, doar coisas boas em termos de imagem, por exemplo, há coisas... as redes sociais têm uma coisa muito boa que é tornaram demora/democratizaram muito a forma das pessoas poderem fazer ouvir a sua voz, fazer chegar ao mundo os seus trabalhos, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, mas ao mesmo tempo não tem um jornalista mediando esse discurso entre sociedade e fato.

André Antunes: Não tem, não tem, mas do ponto de vista/

Ana Paula Goulart de Andrade: Por exemplo, algum jornalista faz uma... qualquer pessoa faz um ao vivo, não é ao vivo, é direto, no celular, e aí ele tá mostrando alguma coisa que modifica a opinião pública porque sim, tem pessoas na rede também, mas de certa forma isso é um talento da televisão, né, o direto sempre foi um talento nosso.

André Antunes: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na televisão, como mediação, e nas redes sociais acho que o perigo também tá um pouquinho por aí.

André Antunes: Sim, por exemplo, nós não usamos... nós não usamos, é, sei lá, não sei, há tantos exemplos da forma como as... as próprias redes sociais e as... os novos aparelhos tiraram partido. No outro dia eu tava a ter aqui uma conversa com uma repórter minha e precisamos de ouvir... nós tivemos uma peça que foi muito bem feito no outro dia e que podia ser o... (usada) [00:14:25] das universidades. Houve um protesto de caminhonistas, um bloqueio de caminhonistas em França. E ficamos com muitos caminhonistas portugueses retidos em França, na fila dos caminhonistas, dos caminhões, né. Tradicionalmente, essa peça seria feita da seguinte forma, confirmamos, gravamos o áudio, damos uma base gráfica, ao telefone: (inint) [00:14:53], por que que a gente não faz diferente, Skype ou WhatsApp vídeo, grava um vídeo do relato do caminhonista português lá no telemóvel em Portugal. E fizemos isso com três caminhonistas, e a peça ficou espetacular. Filtrado por um jornalista, (hedionado) [00:15:10] por um jornalista, o jornalista disse mostra-me o que que se passa, responda-me estas perguntas, relate-me onde é que está e o que que não sei o que, nãñã. Como se ele estivesse lá. É, e os caminhonistas, com quem nós conseguimos chegar e que tinha um telemóvel, tinha WhatsApp, tinha um (cabeçalho) [00:15:26] de vídeo, é, mandaram-nos isso,

e a peça televisiva ficou muito mais, ficou mesmo muito mais rica porque deixou de ser um caminhonista perdido há alguns em França.

Ana Paula Goulart de Andrade: Para ter um testemunho.

André Antunes: Para ser uma testemunha de um caminhonista preso no meio de uma autoestrada há dois dias, em que se conseguia ver pela primeira vez. E isso é uma riqueza que estas ferramentas nos proporcionam. Proporcionam se... se nós soubermos tirar a partir dela.

Ana Paula Goulart de Andrade: Avaliar, né.

André Antunes: E avaliar, né. Mas de repente nós dizemos, pedes isto, pra eles fazerem isto, e o jornalista percebeu a importância disso e a forma como aquilo podia ficar, é, melhor. E agora, de fato, esta... estas... estas ferramentas permitiram-nos isso. E a peça ficou... ficamos com a melhor peça do mercado, não há dúvidas sobre isso. A peça que a SIC transmitiu sobre esse assunto era a melhor peça do mercado.

Ana Paula Goulart de Andrade: E você tenha conseguir transmitir um pedacinho de uma realidade que ninguém chegava.

André Antunes: Que ninguém chegava, que ninguém conseguia ver. Nós conseguimos ouvir o relato, não é, mas podia... era um relato da rádio, de repente conseguiu-se ver na televisão, e isso foi (perfeito) [00:16:28].

Ana Paula Goulart de Andrade: Diferencial.

André Antunes: Fez uma diferença.

Ana Paula Goulart de Andrade: Graças à tecnologia.

André Antunes: Graças à tecnologia e graças à... graças a, em parte, também às redes sociais, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, e... e a... e a, me parece a avaliação de uma equipe em apostar nisso e fazer bem feito também porque partiu de um... de um caminhoneiro, né, não partiu de um motorista que tava/

André Antunes: Não, porque é diferente, nós não fomos ao Facebook dele...

Ana Paula Goulart de Andrade: Exatamente.

André Antunes: Tirar. Nós...

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma coisa que talvez fosse propositada em prol de alguma questão política.

André Antunes: Exatamente, nós não fomos roubar o Facebook dele. Nós...

Ana Paula Goulart de Andrade: Produziram.

André Antunes: Nós produzimos uma coisa própria, que é diferente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito. É, bom. Você tem rede social? Na verdade, é isso...

André Antunes: Uhum, tenho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma pergunta se você usa pessoal ou profissionalmente, você mistura?

André Antunes: Profissionalmente. Honestamente, não tenho tempo (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Maravilhoso.

André Antunes: Não tenho muito tempo, não tenho muito tempo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu imagino.

André Antunes: O tempo que... o tempo em que eu estou aqui, eu acho que eu devia usar mais, até para promover o jornal que eu coordeno, mas quer dizer, eu tenho a consciência que, eu não apareço na televisão, sou uma pessoa dos bastidores, né, eu não apareço na televisão, não sou uma figura pública.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas o próprio telejornal, o próprio programa não tem uma página?

André Antunes: Não temos, não temos. Já tivemos, quisemos ter, mas isso implicava ter alguém quase que em permanência que alimentasse aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, porque se morre também de alimentar a página.

André Antunes: É isso, para, não faz sentido. Você percebeu pela minha rotina que eu não tenho muito tempo disponível.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi (riso).

André Antunes: Não tenho muito tempo disponível, e isso implicava ter alguém que estivesse sempre a alimentar aquilo, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: E não tem aqui ninguém que trabalhe com rede social para isso?

André Antunes: Não, tem, nós temos uma... uma (inint) [00:17:58]...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [17:59]...

André Antunes: Só que é o online em geral.

Ana Paula Goulart de Andrade: Geral.

André Antunes: Não é um produto próprio.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim, sim, sim.

André Antunes: Nós temos isso na edição da manhã, na... na... na edição da manhã da SIC Notícias, mas é uma coisa muito específica que é vem... vem cá um entrevistado falar da... um dentista a falar sobre os problemas dos dentes podres, por exemplo. (Corta essa entrevista a pensar) 18:18, são coisas pontuais, não é, nós aqui podíamos fazer uma coisa muito mais forte, é, uma coisa mesmo da nossa marca, só que isso implicava termos quase que uma pessoa só a fazer isso. Também, e este é um conceito que eu tenho, podíamos ter um... uma coisa de produção, uma ferramenta de produção das redes sociais, no Facebook, na... no site.

Ana Paula Goulart de Andrade: De repente os repórteres na rua pudessem fazer um teaser do que tão fazendo e mandar.

André Antunes: Sim, eventualmente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas aí é mais uma cobrança né, eu tô aqui inventando mais uma cobrança pro programa.

André Antunes: Sim, mas depois, sim, mas depois tem um ato pernicioso que é, e também nós tamos a dar à concorrência aquilo que vamos fazer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Entregar, é.

André Antunes: Não é uma coisa que me preocupo muito, honestamente. Há formas inteligentes de fazer isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Depende do tempo que, depende do tempo que posta, né.

André Antunes: A... a, de fato já não há assim tanto exclusivo, não é, como havia antigamente, mas as pessoas saberem em casas que vão... o que no giro podemos mostrar às pessoas, estamos agora a fazer isto para a SIC aqui um bocadinho, não é, estamos agora a fal...

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso. Um teaser.

André Antunes: Um teaser, mas... mas a dizer, atenção, tamos a fazer essa peça, tamos a acabá-la, da pessoa dar ideia que é pra isso/

Ana Paula Goulart de Andrade: É pra você.

André Antunes: Eu sou importante, é pra você, é isso. Eu sou importante, estão a fazer isso pra mim, não é, que tinha que ser uma coisa/

Ana Paula Goulart de Andrade: Seria interessante.

André Antunes: Feito assim, feito assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É a última pergunta, eu juro.

André Antunes: Não, tudo bem.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, como é que você acha, na tua opinião, assim, que o jornalismo vai estar daqui a dez anos? A televisão, como é que a televisão cumpre com o telejornal daqui a dez anos?

André Antunes: (pausa curta).

Ana Paula Goulart de Andrade: Pergunta difícil.

André Antunes: O que eu acho ou o que eu espero? (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Os dois.

André Antunes: Eu acho que vai estar, é, vai ser mais desafiante para a televisão, que eu acho que a televisão... a televisão, o negócio da televisão está a morrer. Esta...

Ana Paula Goulart de Andrade: E como é?

André Antunes: Como é? É, isto aqui é o que eu acho pessoalmente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

André Antunes: Porque há novos operadores, Netflix, HBO, há novos produtores de conteúdos e as... e a maior oferta brutal, né, e nós vemos as novas gerações, que são gerações completamente, aquilo que eles chamam os (inint) [00:20:18], que eles só precisam de acesso à internet, eles não querem mais nada. Eles não querem ter box de televisão, só querem ter acesso à internet. (inint) [00:20:26] acesso à internet, eles veem o que eles querem, o que ele escolhe. E isso está sendo, está cada vez mais, né, nós falamos, eu falo com pessoas da minha idade, algumas mais novas, elas não veem televisão, ou veem pouca televisão, veem, mas não têm hábito de sentar como os nossos pais tinham em frente, ver as notícias, ver a novela, ver seja o que for. É, depois também há outra ferramenta que nos permite não ver televisão em tempo real. Os que vêem, não vêem televisão delinear, né, isso já veio que eu não preciso tar a ver as coisas d'agora, eu posso ver à noite quando chegar a casa, e eu vejo só o que quero. E salta (inint) [00:20:59], e salto as matérias que não me interessam, né. Acho que daqui a dez anos eu não faço ideia o que vai tar/vai acontecer. Da nossa parte, acho que vamos tentar fazer tudo por tudo para que a televisão continue a ser um meio competitivo e interessante para as pessoas. Agora depois há um outro problema que é, nós vemos que as pessoas mais novas estão mais desligadas da televisão, se calhar a televisão não os interessa, (inint) [00:21:24] tão todos com o pescoço pendurado para baixo, agarradas ao telefone. E as pessoas mais velhas, que são quem vê televisão, vão... vão morrendo. Então tem isso, o nosso público vai diminuir. Vai diminuir, quer dizer que a publicidade vai diminuir, quer dizer que vai haver menos dinheiro. Portanto, isso necessariamente

também vai nos transformar a nós, não é? Que vamos ter que fazer necessariamente uma televisão mais barata, isso é uma coisa que me preocupa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Verdade.

André Antunes: Porque a fatia do bolo publicitário vai ter que ser a dividir pelo YouTube, pelo Facebook.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que já estão apostando em notícia.

André Antunes: Já. Tem até um cenário que me preocupa, e eu não sei, não tenho resposta pra sua pergunta.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) quase ninguém tem, é isso mesmo.

André Antunes: (riso) ninguém tem, ninguém tem. Não há cá bolas de cristal, mas é uma coisa que eu... que eu, é, que eu penso... que eu penso muito, eu tenho... eu tenho pensado muito sobre isso e... e eu acho que não são cinco, não são dez anos, acho que até é menos, eu acho que até são cinco, eu acho que isto muda daqui a dois anos já.

Ana Paula Goulart de Andrade: Já, já tá mudando.

André Antunes: Tá a mudar, sim, daqui a um ano vai ser diferente, daqui a dois [00:22:29] anos vai ser diferente, daqui a cinco anos vai ser diferente. Acho que é, a velocidade é muito mais rápida do que uma década. Eu vejo há, nós há dez anos, eu acho que não pensávamos que estaríamos como estamos agora, por exemplo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque de repente ninguém se preocupou lá atrás também em pensar.

André Antunes: Exatamente. É verdade, ninguém se preocupava. Há dez anos você achava que ia haver Netflix na casa das pessoas, em que a pessoa vê o que quer/

Ana Paula Goulart de Andrade: Pelo contrário, era uma segurança que a televisão tinha, tirava como centralizadora das notícias, imagens...

André Antunes: Exatamente, você não pensava... você há dez anos pensava que o Facebook ia ter o poder que tem hoje? Ninguém pensou nisso, não é? E isso de fato mudou, e não foram preciso dez anos, e agora daqui a dez provavelmente vão aparecer coisas que ainda não foram inventadas e que nos vão fazer mudar tudo. Os telemóveis vão ser dobrados e vão ser...

Ana Paula Goulart de Andrade: O tempo dirá.

André Antunes: Sim, o tempo dirá completamente. Agora não fala... não sei, não pergunte.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

André Antunes: Deixem, eu penso nisso todos os dias, eu penso nisso todos os dias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Essa foi perturbadora. A última pergunta.

André Antunes: Não, foi porque eu penso mesmo nisso, não é uma pergunta que faz, que me surpreenda porque eu penso nela mesmo, eu presumo como é que a gente vai fazer...

Ana Paula Goulart de Andrade: Normalmente quando eu faço essa pergunta, as pessoas param e olham assim pra mim do tipo, nunca parei pra pensar porque eu não quero pensar, sabe?

André Antunes: Não, eu penso muito nisso também, e eu penso que, mais do que... até mais do que, e eu acho... mais do que televisão, por exemplo, nós somos um grupo de mídia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

André Antunes: Nós, a empresa. A empresa que é dona da SIC, do Expresso e de outros negócios. Mais do que transformação que tem que haver na televisão, tem que haver uma transformação do nosso grupo, e o nosso grupo tem que saber arranjar uma forma inteligente, já... já... já transmiti a minha opinião ao CEO, temos que arranjar uma forma inteligente de conseguirmos movermos ao longo dos anos de forma a conseguirmos defender os nossos negócios, mas arranizando fontes de dinheiro diferentes, né, e acho que o grupo tem que ir atrás.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pra não ficar refém dos...

André Antunes: Pra não ficar refém do... do negócio meramente da televisão, porque é um negócio que de ano pra ano perde dinheiro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai migrar pra outros negócios.

André Antunes: Temos que migrar pra outros negócios. Pode ser, é, negócios ligados ao Instagram ou ao que quer que seja.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jogos, o YouTube.

André Antunes: Jogos, sim, o que quer que seja. Acho que podemos nós, nós temos um conhecimento que pouca gente tem e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

André Antunes: De... de fazer conteúdos de alta qualidade. Nós podemos fazer conteúdos de alta qualidade, sei lá, o negócio dos youtubers, nós podemos ajudar os youtubers a fazer o produto que eles fazem, mas com qualidade superior, pra eles distinguirem de outros youtubers, e podemos nós entrar nesse nicho. O Instagram.

Ana Paula Goulart de Andrade: Antes que alguém ocupe, né.

André Antunes: E antes que alguém ocupe. O Instagram, nós sabemos que as contas de Instagram que dão dinheiro não são contas, são contas altamente pagas, não é? Você vê, não sei se você tem Instagram ou se usa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

André Antunes: A gente vê que recebe mensagens e não sei que a dizer se quer mais followers, se quer mais isto, se quer mais aquilo, e o Instagram é um negócio. Sempre que há um post, há ganhos. (Tem foto) [00:25:35] que tem um milhão de likes e que gera dinheiro. E esse dinheiro não é por acaso, não é só fãs. É uma máquina, há milhões de telemóveis fechados numa sala a fazer like e tweet e relike e não sei que, não é? E a fazer comments automáticos. Você vê que a maior parte dos comments do Instagram são automáticos, não são feitos por pessoas. É um ok, é um não sei que, é um coração. Isso é feito por empresas, a maior parte delas na Índia, na China, e não pode fazer isso cá? A gente pode vender esse serviço, não é, de robotfollowers no nosso mercado nacional. É um mercado pequeno, mas é um mercado intenso. E há mercado. Quem diz isso diz outras coisas, agora eu acho que nós enquanto grupo de mídia temos que... que não ter medo de, não é? De abandonar o negócio da televisão, porque isso, neste momento, é o nosso... a nossa vaca, (inint) [00:26:28].

Ana Paula Goulart de Andrade: Acompanhar a televisão e as transformações que ela pode.

André Antunes: Ou ir pra outros negócios de forma...

Ana Paula Goulart de Andrade: Acoplando.

André Antunes: A poder continuar a financiar o negócio da televisão para continuar a fazer televisão de qualidade. Pronto, eu acho que esse... esse caminho também tem que ser percorrido pela empresa enquanto empresa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que a ideia é multimídia, multimédia.

André Antunes: Multimédia, exatamente. Eu acho que tem que ser um pouco por aí.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito.

André Antunes: Tá?

Ana Paula Goulart de Andrade: Fechado.

André Antunes: Mais nada?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, não, vamos tirar uma foto pra eu poder comprovar que eu estive com você.

André Antunes: Fantástico.

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

André Antunes: Eu e voc/

Bento Rodrigues

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Bento Rodrigues

TEMPO DE GRAVAÇÃO

11 minutos e 08 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então é teu apresentação, teu cargo e tua função aqui na SIC.

Bento Rodrigues: É, eu sou jornalista com esta função específica de apresentar, é, e ter um papel também ativo na edição da... da...das notícias, escolher, acompanhamento.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, um pouquinho da sua trajetória, né, por onde você já passou antes daqui, como é que foi até hoje.

Bento Rodrigues: Minha vida foi feita na rádio e na televisão, começou na rádio há (pausa curta) trinta anos (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos). É uma pergunta difícil pro (percurso) [00:00:30].

Bento Rodrigues: Trinta anos, sim. É, os últimos vinte e quatro, é, eu estou na televisão, houve ali um período em que acumulei televisão e rádio, mas, é, a televisão tem... tem sido a fatia mais larga da minha vida profissional, já com vin... vinte e cinco anos de televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tá numa época que a tecnologia e o telejornalismo, eles tão andando, caminhando lado a lado. Como é que você avalia, é, na sua, é, posição de pivô, essa apuração nos aplicativos, nas redes sociais, como é que é a sua opinião em relação a isso?

Bento Rodrigues: Tem muitas vantagens e muitas desvantagens. Tem a vantagem de, no caso da televisão, que era tradicionalmente um meio pesado, era difícil de alocar equipas, fazer um direto significava enviar um carro de exteriores, nem todo sítio havia a possibilidade de fazer um direto porque não havia sinal de satélite, é, era mais difícil. Hoje, com a tecnologia cada vez mais leve, cada vez mais pequena, cada vez mais portátil, nós conseguimos fazer televisão teoricamente em qualquer sítio. Isso é uma vantagem extraordinária em termos de deslocação da televisão até o acontecimento. Em estúdio, é, aquilo que nós vemos neste estúdio, que é muito recente, portanto, tem um último grito da tecnologia, extraordinário, e consegue servir também à forma como nós levamos as notícias até a casa das pessoas. Tu viste, é, ilustrações no videowall, maneiras de explicar melhor as notícias e de as tornar mais compreensivas. Ou seja, a tecnologia tem esta bela vital de nos ajudar a comunicar melhor. Depois tem alguns problemas, porque a tecnologia permite também que a informação circule mais rápida, que seja produzida por fontes que não são confiáveis, é, que seja consultada em sítios que não são propriamente os mais institucionais e os mais credíveis, os telemóveis, é, e... e... e tudo isso. Isso... isso... isso é um desafio, é, porque há muitos produtores de...

Ana Paula Goulart de Andrade: Conteúdo.

Bento Rodrigues: De conteúdo, que não é necessariamente conteúdo informativo. Há sites, há blogs, há... há sites que são feitos deliberadamente para produzir fake news, por exemplo, e difundir essa matéria, é, com uma... com uma dispersão brutal, é, atinge milhões de pessoas através de um telemóvel, através de um computador, ou seja, essa vantagem da tecnologia, de chegar rapidamente a todo lado, pra toda a gente, é, também há uma desvantagem no sentido em que uma má informação também chega mais longe e influencia, é, ainda mais negativamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em dez anos, que que você acha que... que em termos de interação e interatividade com o usuário, que também é um consumidor, que também é um produtor, o que que você acha n... essa avaliação de dez anos, de 2009 pra agora, o que que você acha que mudou em termos de trabalho dentro da redação e em termos de consumo também?

Bento Rodrigues: O que que eu acho que mudou em termos de trabalho dentro da redação, muita coisa, justamente por causa dessa questão tecnológica.

Ana Paula Goulart de Andrade: Exi... existe uma maior cobrança para o jornalista dele apurar melhor uma notícia já que tem muitas possibilidades como não antes?

Bento Rodrigues: Uhum. Eu... eu acho que existe um feedback muitíssimo maior, e isso, é, tem uma parte muito boa, tem uma parte muito boa, porque obriga o jornalista a ser ainda mais rigoroso, ir ainda mais fundo na notícia, a ter ainda mais certeza e mais segurança no seu trabalho, porque esse feedback é imediato, por ser imediato, muitas vezes temos o público a cobrar imediatamente uma... uma informação que não é boa, que não é completamente assertiva. Não quer dizer que tenha sido, é, fabricada de uma forma errada, deliberadamente errada, não é isso, mas às vezes a pressa leva que as coisas sejam feitas com menos rigor. Isso é completamente indesejável, e o fato de se sentir essa pressão muito mais, por exemplo, do público, acho que tende a nos levar a sermos ainda mais exigentes conosco próprios, porque a intenção é servir o melhor possível a quem consome a informação.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tem visto aí muitas imagens cedidas, sobretudo no Brasil, né, eu tô fazendo comparação Brasil e Portugal, imagens de vigilância, imagens amadoras cedidas e configurando uma... uma notícia, é, televisiva. É, nessa participação do público. Como que vocês trabalham aqui com isso, assim, existe um canal aberto, vocês aproveitam aquilo só nos grandes acontecimentos?

Bento Rodrigues: Eu acho que cada caso é um caso. Há notícias, há imagens que independentemente de terem sido colhidas por... por um anônimo, por alguém na rua, ou por um profissional, são imagens que têm um conteúdo noticioso intrínseco, e como tal devem ser usadas, mas são uma minoria, são exceção. Acho que esse material tem que ser material polido, trabalhado, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Checado.

Bento Rodrigues: (estruturado) [00:05:20], escolhido e checado por um profissional da comunicação. Agora, há muito material que chega dessa... dessa, é... dessa multidão de espectadores, desses jornalistas, é, dessas pessoas que se acham às vezes jornalistas e que numa certa (meditação) [00:05:40], se entendermos o jornalismo como... como uma forma de fazer chegar conteúdos a determinado lado, mas que na verdade são perigosas também, são... são... é material muito perigoso. Abrir uma antena só pra material desse, só pra colher todo esse material é altamente perigoso. Agora, através das pessoas e dessas fontes de informação também vem muita coisa boa. Vamos dar um exemplo. É, você lembra, é, da imagem do Galeano...

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum.

Bento Rodrigues: Aquela criança que apareceu na... na... na... na praia turca e que alertou o mundo para a questão dos refugiados. Essa imagem, é, é uma imagem que é... que é captada por alguém que está ali. É uma imagem que tem uma carga noticiosa brutal, aquela imagem é a notícia. É uma imagem histórica com um peso extraordinário que motivou uma alteração completa, por exemplo, na maneira como a União Europeia olhava pro acolhimento de refugiados, o próprio mundo olhava para o acolhimento de refugiados. E, portanto, essa imagem tinha de ser usada, ainda bem que foi... que foi usada, nós decidimos abrir o jornal com essa imagem. A maior parte das imagens não tem essa importância e, portanto, não devem ser usadas sequer como material informativo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muitas pessoas no meio acadêmico falam sobre uma crise no jornalismo. Eu, particularmente, acho que é uma transição, a gente tá passando por um período de transição onde a televisão é ubíqua, ela tá em todos os lugares, pode estar em todos os lugares, mas que as redes sociais tentam se comparar, principalmente no ao vivo, né, quando você faz um ao vivo, e muitos jornalistas profissionais acabam fazendo, entrando nesta mesma, é, onda, nessa mesma vibe. Você utiliza as redes sociais profissionalmente, pessoalmente ou?

Bento Rodrigues: Eu utilizo as minhas redes sociais pessoalmente, é, é muito raro fazer um uso profissional da... da... da... das minhas redes sociais, quero, faço muita questão em separar, em separar as águas e acho que é perigoso que... que as duas... as duas zonas se misturem. É, se há uma crise no jornalismo, sim, há uma crise no jornalismo, mas eu... eu prefiro olhar para a necessidade, é, de combater essa crise com ainda mais rigor, ainda mais, é, critério de escolha, ainda mais controle sobre a produção da notícia, a confirmação da notícia, o relacionamento com as fontes, e uma coisa essencial, que é justamente a questão das fontes, decifrar as fontes de informação, é, avaliar cada vez melhor as fontes de informação, ser mais exigente ainda com as fontes de informação, que é uma coisa que as pessoas deixaram de ser, e daí a questão das fake news, as pessoas hoje confo/consomem notícias no Facebook, e independentemente da fonte, sem sequer/

Ana Paula Goulart de Andrade: E compartilham.

Bento Rodrigues: Perceberem se é boa ou má informação, desde que está no Facebook é boa, e replicam e compartilham e amplificam a informação de uma forma... de uma forma que é altamente perigosa e é difícil combater por um jornalista. Por outro lado, eu acho que os meios convencionais de comunicação como a televisão, é, têm aí a obrigação, e eu acho que na maior parte dos casos isso é feito de, perante essa realidade, apostar ainda mais no rigor, na escolha, no critério, no controle e tudo isso. É claro que há desafios muito complexos, e a composição das redações, por exemplo, é um desses desafios. As redações tendem a ser um bocadinho menos exigentes porque a formação de base começa a ser mais débil e o... há um certo espírito um bocadinho mais facilitador aí... num determinado conjunto de pessoas que chegam às redações, mas eu acho que como (inint) [00:09:20] e é quem tem essa responsabilidade de zelar pelo rigor e pela segurança e pela boa informação. Fazer com que isso não... não... não... não domine a produção de notícias, essa má prática.

Ana Paula Goulart de Andrade: Já respondeu... já respondeu minha última pergunta que era sua visão do jornalismo... do telejornalismo daqui a dez anos, é isso, né. Eu acho que cada vez mais rigor e mais jornalistas para trabalhar com mais informações já que ela vem de cada lado (inint) [00:09:46].

Bento Rodrigues: Vamos fazer uma coisa. Nós, é, ao longo do tempo, eu tenho trinta anos de profissão, é, e não vi sempre nem só jornalistas rigorosos e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Bento Rodrigues: É, esta questão existe desde sempre. Hoje tem... tem muito mais importância porque a capacidade de amplificar má informação por causa das novas tecnologias e das redes sociais, sobretudo, é muito maior e, portanto, muito mais perigosa. Mas isso só quer dizer que a necessidade de controle, o esforço para controlar isso tem que ser maior. É uma questão de estarmos disponíveis para, é, aplicar esse esforço, estarmos permanentemente vigilantes e zelar por aquilo que é a nossa profissão. Com, é, uma questão que eu acho que é muito importante, é, e que nos deve obrigar ainda mais a ser rigorosos e focados e tudo isso, é que as pessoas v... vão sempre perceber quando... quando a informação é boa e quando a informação é má. Podem não perceber imediatamente, mas há um dia em que vão perceber que ali é bom e ali não é bom, e, portanto, essa escolha que as pessoas em muitos casos sabem fazer porque sabem, é, o público é um público exigente, eu gosto de achar que é um público exigente, obriga-nos a reforçar ainda mais esse critério de escolha, é, acompanhamento e... e... e difusão da... da... da... das notícias, e essa luta por vigor.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fechadíssimo. Muito obrigada, deixa eu só registrar com uma fot/

Cristiana Neves

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Cristiana Neves

TEMPO DE GRAVAÇÃO

21 minutos e 46 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então 3, 2, 1, gravando com Cristiana Neves. Sua apresentação, seu cargo e sua função atual.

Cristiana Neves: Muito bem. Neste momento sou editora de (RGI) [00:00:09], editora de conteúdos, ou seja, a responsabilidade de, juntamente com, é, mais dois elementos, coordenar o uso dos conteúdos e tudo o que vai para o ar no programa da manhã, da Cristina.

Ana Paula Goulart de Andrade: A próxima pergunta é rápida, mas enfim, talvez a resposta não. Como é que foi sua trajetória?

Cristiana Neves: Ah, pois, mas é...

Ana Paula Goulart de Andrade: É rapidinho (riso).

Cristiana Neves: A paixão, a paixão foi rádio, sempre a minha base desde menina, e entretanto, não sou de Lisboa, vim da Figueira da Foz, uma bonita cidade à beira-mar, mais para o centro do país, vim com muita vontade de aprender e de fazer rádio cá, é, uma rádio nacional, não é? É, entretanto, é, a rádio não me dava as condições pra eu poder sobreviver, e apaixonada por comunicação, agarrei a oportunidade de um produtor de televisão que estava precisamente a abrir portas, é,

a pessoas sem experiência para trabalhar em conteúdos, ou seja, é, fazemos pesquisas sem internet, sem nada, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, (inint) [00:01:07].

Cristiana Neves: Naquela altura, há 19 anos, é, e pronto, para criarmos conteúdos para um programa que, na altura, é, era um programa de grande sucesso na SIC, com o nome de Fátima Lopes, é, pronto. Depois daí, é, nessa mesma produtora da comunicação, do Manuel Berio, que é um nomes de referência enquanto produtor de televisão em Portugal, é, com todo respeito por todos os outros, ele tinha a visão, ele arriscava, ele apostava, e foi ele que, é, me chamou várias vezes e disse, Cristiana, tu respiras isto, sentes isto, eu chorava, eu ria e eu, revoltava e eu, pronto, vivia as coisas de uma forma muito intensa e acho que ainda hoje é assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) É, parece.

Cristiana Neves: Pronto, mas de uma forma mais... mais serena. É, e ele então ensinou-me tudo. É, mandou-me para a rua fazer reportagem, depois mandou-me à (RGI) [00:01:55] a falar aos ouvintes, o apresentador no fundo, tens que ser a rede do apresentador, tens que conhecer tão bem as histórias, tão bem os tempos, tão bem as dinâmicas de tudo, é uma aprendizagem diária, não... né, se sentes, és o primeiro espectador, é, e pronto. E... e... e pronto, deu-me essas... estas ferramentas que, é, me permitiram abrir outras portas, outros projetos, outras produtoras, pronto. Até eu conhecer a Cristina Ferreira e pronto, e ela me convidar para integrar, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Já é sucesso em um mês e duas semanas?

Cristiana Neves: Exatamente, foi no dia (seis de janeiro, sim) [00:02:32].

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tá falando aí de televisão, né, de telejornalismo, de, é, entretenimento e notícia. Hoje, as notícias vêm muito também de fora para dentro de uma redação, muitas possibilidades que antes era a carta por exemplo, hoje a gente tem uma colaboração de um público que quer ser ouvido,

seja nas redes sociais por gritos, né, seja, enfim, por vídeos, por WhatsApp aqui em Portugal eu nem vi tanto, mas...

Cristiana Neves: Uhum, sim. Também.

Ana Paula Goulart de Andrade: Enfim, e-mails e, enfim, outros meios também. E também pelo garimpo que os próprios produtores fazem na coleta da internet. Existe dessa forma uma retroalimentação, digamos assim. Como é que o Programa da Cristina trabalha com isso. Vocês aproveitam, é, sei lá, busca... aqui não fala pauta, é agendamento, né?

Cristiana Neves: Pauta, agendamento e planeamento (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: É, como é que o planeamento é feito em busca disso? Porque assim, o jornalismo, é, a Cristina, deve estar onde o público está, onde o povo está, né, a gente tem uma função social com a soci... com a sociedade é redundante, mas é isso.

Cristiana Neves: Sem dúvida.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como que vocês se pautam, se planeam? Perdão.

Cristiana Neves: Exatamente, tá tudo correto. Aqui, é, é curioso porque até, é, eu tenho um profundo respeito de ter trabalhado com os melhores profissionais de Portugal. Não temos assim muitos, mas temos alguns, aqueles que mão cheia. É, liderando ou não liderando as audiências. Trabalhar com a Cristina foi e está a ser o desafio, porque ela não deixa escapar nada. Indo de encontro já ao... ao que quero dizer, assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ela é o gatekeeper?

Cristiana Neves: Todos os dias, ela nos faz chegar cartas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Cartas? (inint) [00:04:15].

Cristiana Neves: Muitas mensagens através do Instagram, não há uma mensagem do Instagram que não seja lida por ela. Todas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por ela?

Cristiana Neves: Por ela. Todas as... todas as redes sociais que ela tem, desde o Facebook ao Instagram do programa, é, do (daily Cristina) [00:04:30], de tudo é ela que seleciona o que vai para rede social, o que se escreve naquele post.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que máximo.

Cristiana Neves: E todas as mensagens são vistas por ela. Pode ser uma semana depois, quinze dias depois, um mês depois. E posso garantir que ela faz-nos chegar porque tá a equipe de coordenação e uma de nós faz chegar o contato, é, enviamos esta mensagem com esta temática, qual era o seu interesse? Falar deste... deste tema ou apenas sugerir? Portanto, neste momento, é, e em... e em comparação com, sei lá, as ferramentas que tínhamos há uns anos atrás, sem dúvida nenhuma que as redes sociais são uma base, é, uma base do nosso trabalho, é, há uma história que eu gosto de contar, não foi para este programa, mas foi para outra, é, entre tantas outras histórias, mas esta foi a mais recente e a que mais que me marcou. O Nuno Santos é um jovem de vinte e poucos anos, é, que eu comecei a perseguir no Instagram, e isto vai dar a resposta porque é assim que nós funcionamos aqui, e comecei a segui-lo porque tinha fotografias muito bonitas e porque escrevia muito bem, e percebi que ele fazia sempre, é, um recuo ao passado, de quando estava hospitalizado, e eu, que coisa. E depois uma foto (do presente) [00:05:44], portanto ele ia alimentando assim a sua rede social, dizendo que está a chegar a hora da minha decisão, da minha grande decisão. Bem, aquilo cria uma expectativa quase que era televisão em direto, né, ao vivo. É, e eu, meu Deus, o que é que se vai passar? E então a decisão dele é que este jovem desde cedo, desde os 14 anos, é, vivia com uma dor crônica, para além disso um problema em que foi submetido a várias operações cirúrgicas com uma mãe extraordinária e uma irmã também maravilhosas, uhm, pronto, e desde (inint) [00:06:15] ou passava a vida, o resto da vida em... em camas de hospital a tratar daquela maldita perna que já era (inint) [00:06:20] ou amputava a perna. O

que que isto quer dizer? Ele amputou a perna, é, mas eu conheci-o antes dessa... dessa cirurgia. Cheguei até ele, pedi desculpa, visse que trabalhava num programa de televisão, mas que trabalhava com seriedade e que, é, só sugeria histórias e histórias na primeira pessoa se essas histórias tivessem história, e eu já o seguia há algum tempo e estava completamente já familiarizada com a história dele, com a dor dele, com a vontade dele de passar para uma nova etapa. Tá, ele agradeceu, chegamos ao contato e entrevistamos, é, fiz a reportagem, levei-o lá, hoje é o meu amigo pessoal, é o meu anjinho, tem trinta anos mesmo, e eu tenho quarenta e quatro, portanto temos uma diferença abismal, e... e é daquelas coisas boas que nos acontecem. E com a Cristina tem acontecido isso sistematicamente, que é, histórias que me chegam, pessoas que perdem, é, que ganham, que superam, é, de todas as formas. Há uma rotina aqui, e agora, pronto. Voltando a responder, mas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Imagina, não tem problema.

Cristiana Neves: Eu vivo assim. Há uma rotina que é a leitura dos jornais e o... a... atenção máxima em tudo que a internet diz respeito, não é? É, pronto. E então aí é importante, tá, vou agarrar esta história, porque todos os programas querem a melhor história. A Cristina vai mais longe, a Cristina quer a tua história, mas quer a tua história se calhar contada de forma diferente, se calhar não vamos por aquela linha, é, não é, quer... quer contá-la...

Ana Paula Goulart de Andrade: Em outro ângulo.

Cristiana Neves: Noutro ângulo, e... e o fato dela se preparar muito bem, eu ver, não ter filtros, a Cristina não tem filtros, ela se tiver que dizer um opa, se calhar para vocês não é um opa ou, poxa, não é? Ela diz, e as pessoas já aceitam isso nela. E então é esta descontração, naturalidade e vontade de querer o melhor de... da história, é, e pronto, que nos leva a ter este método de trabalho, é, mais de... de... em permanente alerta (riso), não é, é tudo. Sobretudo as... as redes sociais.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então assim, em termos de interatividade e interação, a gente viu hoje no programa lá que ainda tem o... o telefone né, que é uma coisa que a gente vê pouco. Você ainda comentou: Lá no Brasil isso iria ser

um estardalhaço, e aqui, é, você acha que num período de dez anos, de 2009 para 2019, o que que mudou de lá para cá fora as redes sociais? As tecnologias, as cobranças nos jornalistas, nos produtores, isso tá maior? Porque assim, são muitas possibilidades, então eu preciso de um filtro cada vez melhor, na minha opinião, para poder responder aquilo. Se antes eu tinha só de um lugar, ok, né. E agora eu tenho muitas possibilidades. Então você acha que e... essa atenção, para quem trabalha com televisão, para quem trabalha com telejornalismo sobretudo, tá mais pesado?

Cristiana Neves: Ai, eu nem sei como responder, nem sei.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque o jornalista é um mediador desse discurso, e organizar esse discurso, essa casa toda, né, como uma grande edição, que é o que vocês fazem todos os dias, talvez para você não, porque você tem a Cristina ali como você mesma já relatou, muito de frente, muito junto, né.

Cristiana Neves: A forma como, não sei se é essa a pergunta, acho que sim, mas a forma como é... e isto é a Cristina que faz a diferença, como ela faz chegar a notícia, não é como... como nós fazemos chegar a notícia. Ela olha e trabalha à sua maneira. Agora eu quando lhe faço chegar essa notícia ou a história também sai pra quem é que estou a trabalhar, e sei que ela não vai aceitar uma historiazinha ou um caso simples.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então na hora de vender, vocês já...

Cristiana Neves: Para mim, sim, isso eu acho que está mais descontraído. Portugal é um bocadinho mais sério, não é? Tem aquela formalidade toda. Se está melhor, quando eu comecei a trabalhar na SIC, a SIC já tinha uma linguagem já muito próxima de quem já arriscava muito. A Cristina arrisca ainda mais, mais do que toda a gente que eu já conheci, na forma como quer fazer passar a mensagem, na forma como quer dar a notícia, e ela... não sei se é isso que queres saber.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim, sim, sim.

Cristiana Neves: Porque a nível de meios, infelizmente, não acho que... que haja uma grande evolução, não acho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque assim, é, eu... eu faço, tô fazendo uma metodologia de observação participante, e eu vejo que o que, a aposta pelo menos dos telejornais é no grafismo.

Cristiana Neves: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E a tecnologia aparece muito nesse grafismo. Que eu achei inclusive hoje a gente comentou um pouco mais limpa a imagem daqui, menos suja. Eu não sei se é suja que fala.

Cristiana Neves: É, é, é isso, é o ruído, para mim é ruído.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque talvez a Cristina seja a grande estrela do programa.

Cristiana Neves: Sem dúvida. E não é só a questão/

Ana Paula Goulart de Andrade: E os GCs são temporários, eles não ficam na... n... muito tempo. Uma coisa que lá no Brasil agora não, inimaginável.

Cristiana Neves: Pois.

Ana Paula Goulart de Andrade: Inimaginável. Porque assim, é... é uma televisão limpa, é uma televisão que você ver uma televisão, você não tapa, aquilo não é canopla, é cubo, né, você não tapa, porque assim, as pessoas não pensaram nisso quando fizeram uma tarde ali de levantar um pouquinho, de afastar um pouco mais, né. Não sei se foi estética.

Cristiana Neves: Tal e qual.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, enfim. Acho que faz sentido.

Cristiana Neves: Faz... faz sentido o que estás a dizer, porque aqui não vai só pelo apresentador, é, o trabalho é conjunto. Para este projeto não bastava só criarmos um estúdio, é, com trinta metros quadrados, com vários sets, vocês dizem lá, nos espaços, vários sets, o set de apuração, o set da conversa, o set de...

Ana Paula Goulart de Andrade: Da cozinha, da varanda.

Cristiana Neves: Ora, aí está. Aqui, este projeto foi pensado há muito tempo. Há cinco anos que esta casa está pensada assim pela Cristina e pelo João Patrício, o diretor, é, também do programa, o realizador, e tem sido brilhante porque eu nunca acreditei, eu como opera... operacional, televisão, não é, somos todos, que pudesse ser, ter esta realidade. Eu... eu às vezes, abre um parênteses, não... não é para isto, mas pronto. É, a SIC tem aqui vários programas e muitas vezes tem retirado o quarto, a divisão do quarto pra... pra frente. E houve um dia que eu precisei de ir ao estúdio (suspiro de choque), fiquei chocada.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Cristiana Neves: (inint) [00:12:47].

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acredita que (inint) [00:12:48].

Cristiana Neves: Exatamente. Ou seja, como muitos telespectadores, é curioso isto, né, e esta magia de... e... e o difícil que é de realizar, é... é faz sentido o que estás a dizer, primeiro eu sou um bocadinho já contra, tens que ligar o som. Eu não quero saber, para se ver televisão, tem que se ligar o som. Há... há muitas vezes que liga, que a televisão de manhã é rádio, não é, tem que ser rádio, tem que ser divertida, tens que parar e passar a ver pra ver, olha, vais a cozinha preparar o almoço, volta e estamos a falar de (inint) [00:13:18]. Tem que ser surpreendido/

Ana Paula Goulart de Andrade: Surpreendido pela televisão.

Cristiana Neves: Exatamente. Depois do jantar tá mais calmo, já pode estar sentado a ver conversas mais longas. A manhã tem que ter aquele dinamismo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem que acordar (riso).

Cristiana Neves: Tem que acordar. E aqui, mais do que (inint) [00:13:31], né, ou grafismos, como vocês dizem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

Cristiana Neves: Houve essa preocupação, e... e temos o melhor realizador (inint) [00:13:38] day time, que é o João Patrício, é, eu sou muito falada porque, ele também, porque ele também saiu da TVI, e apesar de estarmos numa produtora, (inint) [00:13:48].

Ana Paula Goulart de Andrade: Ele tá aí?

Cristiana Neves: Ele já saiu, mas depois podes...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, eu vou ver se eu consigo o contato dele.

Cristiana Neves: Sim, outro dia, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Beleza.

Cristiana Neves: Ele, podes vir cá à vontade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá ótimo.

Cristiana Neves: É, pronto. Mas basicamente ele, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ele saiu da TVI.

Cristiana Neves: Saiu da TVI e pra cá e criou aqui uma linguagem, uma narrativa no programa, técnica, muito fechado. Ou seja, o Bruno de Carvalho hoje era um dos nossos convidados, mas mesmo o convidado anônimo tem o (inint) [00:14:14]. Portanto, eu não posso criar, eu posso criar grafismos de contextualização...

Ana Paula Goulart de Andrade: Entendi.

Cristiana Neves: Posso criar, é... é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, entendi tudo agora.

Cristiana Neves: Ah, pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque, não, agora fez todo o sentido pra mim.

Cristiana Neves: Pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque é super close lá, que a gente chama.

Cristiana Neves: Exatamente, sim. O grande plano que cria, pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:14:27]. E aí não dá pra, (inint) [00:14:30].

Cristiana Neves: Sim exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por isso que...

Cristiana Neves: Nós não temos a impermanência, nós não temos a impermanência, a caixa. E ele da altura do Bruno Carvalho disse: "Tira, tira, tira, tira."

Ana Paula Goulart de Andrade: (Muito mais legal o Bruno Carvalho) [00:14:38].

Cristiana Neves: Então aí, pronto. Eu que queria os três ou quatro grafismos sobre o indivíduo. E se eu quiser só pro convidado se ele quiser usar, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Entendi.

Cristiana Neves: Tem sempre que identificar o nome primeiro e último, menor não, não é? Pronto. Mas todo o resto, não. Por que? Porque ele vai dar-te destaque a ti. Eu acho que a energia também/

Ana Paula Goulart de Andrade: O sentimento (inint) [00:14:58] hoje, né? É o sentimento, né?

Cristiana Neves: Sim, claro, pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Faz sentido.

Cristiana Neves: Mas... mas e aquela coisa de dar... de realçar a nossa Cristina, que é a estrela maior, como é óbvio, né, mas por outro lado, quem está cá, quem vem dar o seu (inint) [00:15:13]/

Ana Paula Goulart de Andrade: Valorizar o seu... a sua visita.

Cristiana Neves: Isso. Parar mesmo na história anterior, houve (um eixo dos planos) [00:15:17] mais fechados.

Ana Paula Goulart de Andrade: No próprio VT.

Cristiana Neves: Na própria, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É VT que vocês chamam?

Cristiana Neves: Exatamente, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: No próprio VT da... da Madeira ali, tinha... tinha isso.

Cristiana Neves: Tal e qual, tal e qual.

Ana Paula Goulart de Andrade: Enfim, você saiu da... da notícia, sem formação pro entretenimento.

Cristiana Neves: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que isso é uma tendência dos jornalistas? Tendo o jornalismo hoje um descrédito nesse sentido, que a gente já tava falando de todo mundo pode ser jornalismo... jornalista. Você acha que... que essa é uma tendência natural, e por que o entretenimento e a notícia tão cada vez mais juntos. A gente tem o Programa da Cristina que é visivelmente entretenimento, mas que não deixa/

Cristiana Neves: É infotenimento também, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: De entrar a notícia.

Cristiana Neves: Exatamente, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E a notícia só é notícia porque em algum momento o entretenimento existiu lá com as relações públicas historicamente, né?

Cristiana Neves: Exatamente, tal e qual.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, e teve a ideia de objetividade, o que, quando, onde, como e por que pra poder vender, e aí veio a notícia se posicionar, não, eu sou notícia, sai daqui entretenimento, né. E hoje me parece, tá tendo o renascimento disso. Né, quando a gente junta entretenimento com notícia.

Cristiana Neves: Mas há uma grande, é, ainda... não quero dizer preconceito, nem discriminação, mas a inf/a notícia dá informação pura e dura, é uma coisa, os jornalistas que dão a notícia pura e dura do telejornal, é, ainda se mantém um bocadinho distantes desta coisa de olhar para o entretenimento. Ó, estão a dar aquele caso, mas aquele caso é da informação, então, não é? Portanto, tem que haver cada vez mais, é. Se eu sou pelo conhecimento, pela informação...

Ana Paula Goulart de Andrade: Pela construção social.

Cristiana Neves: Pela notícia, pela construção, por tudo, eu quero fazer chegar a isto com a maior objetividade, com a maior imparcialidade, seja através de uma rede social, seja, é, como pivô de um telejornal, seja apresentar o programa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Deixa eu te interromper. Seja através de uma rede social, então quem tá lá na rede social fazendo entre aspas o entretenimento, você... você acha que isso não é um risco assim pra gente, também assim, tudo bem que em Portugal as pessoas ainda assistem TV, mas os jovens não. Os jovens estão lá na rede social. Então que ato é esse entre telejornalismo, televisão, o (inint) [00:17:29], enfim, e redes sociais. Pra você assim, a sua opinião.

Cristiana Neves: Eu não estou, claro, eu não estou a dar credibilidade a quem faz isso. Até porque eu... eu refino apenas as plataformas oficiais.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim, sim.

Cristiana Neves: É, e... e por acaso a SIC Notícias tem, e muito bem, uma jovem, é, cujo nome não me recordo, e que para chegar a (estas que) [00:17:49] são estratégias para os canais, encontram, para chegar através de o Instagram, é... é... é... é (inint) [00:17:55] mais nova, fazê-los também interessar-se por tudo que a atualidade de informação pura e dura, assuntos internacionais, matérias internacionais et cetera, sobre o estado do país basicamente, é, ela só é pivô ali. E é pivô muito bem, mas eu dou-lhe a credibilidade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas ela é da SIC e ela usa como nome de SIC.

Cristiana Neves: Toda, mas ela é da SIC, como ela está. Portanto, sim, acho um risco, porque hoje em dia toda a gente pode ser (inint) [00:18:22], pode ser artista, é, pode se tornar uma figura pública, o Brasil tem imensos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, mas quando o jornalista... (riso) É. Quando o jornalista utiliza isso como uma estratégia até de levar esse público para a televisão, ok.

Cristiana Neves: Exatamente. Agora, não esqueçamos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Talvez a gente esteja utilizando, é, o que eles tão pegando da gente. Eles... eles, parece que são inimigos.

Cristiana Neves: Sim, é verdade, somos nós, né. Pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas assim, o que eles estão pegando, as redes sociais estão buscando na televisão, que é o ao vivo que me... que me parece que é interseção, que é um talento da TV desde a Guerra do Golfo.

Cristiana Neves: Mesmo, tal e qual.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, e colocam isso numa novidade, você se utilizar dele, junte-se a eles, né, eu não posso com eles, junte-se a eles. (inint) [00:19:00].

Cristiana Neves: É, mesmo, mesmo. Não, mas eu acho isso, acho isso mesmo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Falta a última.

Cristiana Neves: E... e hoje em dia, é, tens cada vez mais isso. É, mas pronto. Dava-te muitos exemplos, mas deixa que passar, tá mais tempo para... para perceber.

Ana Paula Goulart de Andrade: E, é, como é que é, é a última pergunta, na verdade, o uso de redes sociais pessoal, Cristiana, e profissional. Ou você une os dois?

Cristiana Neves: Uno os dois neste momento.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não dá pra dividir.

Cristiana Neves: Não consigo.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Cristiana Neves: Não consigo. Se eu tenho que seguir uma pessoa com quem eu entrei em contato, porque eu uso, é, a minha rede social e faço chegar, eu não tenho nada a esconder na realidade, senão criava um perfil até privado, o meu até é público por opção. Não tenho, é, portanto, nada que eu não quero expor.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tua vida é um livro aberto.

Cristiana Neves: Sim, mas não quero expor. Mas há muitos colegas que não, e eu, há de respeitar isso, mas... mas sim, eu faço chegar o meu contato através da mensagem privada da minha rede social até a pessoa, a pessoa responde, quer dizer, desde que não sejamos invasivos da vida do outro, nem abusador.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lógico.

Cristiana Neves: É... é perfeitamente normal. É, mas... é, neste caso da Cristina, está a acontecer, porque a própria Cristina também que nos envolve muito. Por exemplo, a Cristina é capaz de responder se perceber que tens muita vontade de contar, agora obviamente que não pode, é, dar o seu contato nem falar com toda a gente porque não é essa a função dela, mas sim, faz-nos chegar tudo, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, e é ela que filtra, né. E isso é incrível.

Cristiana Neves: E através da página dela. Portanto, como é que eu posso usar uma profissional...

Ana Paula Goulart de Andrade: É, não tem como.

Cristiana Neves: Quando a minha apresentadora, quer dizer, a primeira e das mais populares do país, é a primeira a... a dar a resposta e a fazer chegar-nos a... as histórias, quer dizer, a (inint) [00:20:53]. Por isso a importância... a importância cada vez maior, e ela tem muito cuidado, é, muito cuidado, ela partilha, é, bastidores, ela partilha o início, nós estávamos numa outra sala completamente sem nada, pronto. E...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi um vídeo da montagem.

Cristiana Neves: Da montagem do... do estúdio, sim. Ah, meu Deus. (Deu -me um arrepio agora de saber) [00:21:10].

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Terceira pessoa: Quando eu cheguei aqui que eu vim morar, e eu comecei a conversar com os portugueses sobre TV, o primeiro nome foi o da Cristina.

Cristiana Neves: Ah, sim, claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, ela (inint) [00:21:22].

Cristiana Neves: Também é, é um fenómeno. Um fenómeno em Portugal.

Terceira pessoa: É um fenómeno.

Cristiana Neves: É um fenómeno mesmo. Mas pronto, mas aí importante depois também (entrevistes) 21:27 o João Patrício, pra Cristina é mais difícil porque ela hoje nem pra reunião ficou sequer, é, mas... mas pronto. Dá isso, depois logo... logo vemos, tá bem? Pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai ser ótimo. Fechou. Pronto. Tá ótimo.

Cristiana Neves: Mas... mas acho que já percebi que estas focado muito nesta, que é importante, é...

Filipa Basílio da Silva

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Filipa Basílio da Silva

TEMPO DE GRAVAÇÃO

15 minutos e 16 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então 3, 2, 1, seu todo nome é Felipa Marques?

Filipa Basílio da Silva: Não, é Filipa Basílio da Silva, é como assino enquanto jornalista.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como? Desculpa.

Filipa Basílio da Silva: Filipa Basílio da Silva.

Ana Paula Goulart de Andrade: Basílio da Silva, tá. É, na verdade, uma apresentação, seu cargo e sua função no seu atual emprego.

Filipa Basílio da Silva: Sou jornalista. Escrevo para duas revistas mensais, uma feminina chamada Saber Viver e uma masculina chamada Men's Health, é uma publicação portuguesa, não é internacional.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum. E onde que você assim trabalhou, um pouquinho da sua trajetória, você já me falou um pouquinho da sua trajetória antes, você, é, tá na revista hoje.

Filipa Basílio da Silva: Eu estudei Comunicação Social em Portugal, é, na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, é, depois, é, fui para Londres estudar Cinema, voltei, não conseguia trabalho nem em Londres, nem... nem cá em Lisboa na área do cinema. É, e surgiu uma oportunidade de, é, trabalhar na área de Jornalismo. Fui dar o meu background, é, em Comunicação. Então iniciei um estágio na... no canal SIC, é, e fui tirando uma pós-graduação aqui, na Universidade Nova de Lisboa, também jornalismo de plataforma. É, e pronto, estive na televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, bem... bem.

Filipa Basílio da Silva: Estive na televisão alguns meses, trabalhei sempre na redação do jornal das oito, já trabalhávamos durante o dia nas... nas notícias do dia, é, e... e tínhamos que montar até às vinte horas, digamos assim. Depois, no final, já estava a cobrar também com o primeiro jornal, é, mas aí era já estar a ordenar as peças que ainda eram relevantes do, do dia anterior, é, e a ver o que que ainda conseguia entrar, o que que nós conseguíamos produzir até... até essa hora. É, ao nível de como é que obtínhamos a, as imagens que era o que me perguntava inicialmente. Quando eu estive a estagiar, foi o início em 2013, é, meu guia das imagens vinham de agências noticiosas como a Reuters. Algumas pessoas já tinham do, do público já tinham smartphones, então, é, se via alguma notícia de algum um acontecimento, às vezes conseguíamos obter imagens de transeuntes que tinham testemunhado esse acontecimento.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como que era a apuração disso?

Filipa Basílio da Silva: É, nós, é, tínhamos um departamento de produção que... que procurava contatar pessoas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fontes.

Filipa Basílio da Silva: Fontes, ou então chegava diretamente à redação. Ou seja, as pessoas contatavam a redação (a enviar) [00:03:08].

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Filipa Basílio da Silva: É, outra (inint) [00:03:12].

Ana Paula Goulart de Andrade: Desculpa, isso era em...?

Filipa Basílio da Silva: 2013. É, mais no início de 2014, começou a acontecer bastante os jornalistas irem buscar foundfootage do... do YouTube, de acontecimentos internacionais, portanto, quando não havia forma de, se não tínhamos correspondente no local ou era numa cidade...

Ana Paula Goulart de Andrade: Longe.

Filipa Basílio da Silva: Ou não havia mesmo forma de contatar ninguém, é, ia-se buscar foundfootage a... ao YouTube. Uhm...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que você acha que esse processo todo de tecnologia, não só no telejornalismo, né, claro, a imprensa também, mudou, vamo lá, em dez anos de lá para cá? O que que você acha que mudou para bom, para bem e para o mal.

Filipa Basílio da Silva: Para, é, o bem, é, temos mais pessoas, é, a quererem contar a verdade, não é. Mas depois temos a persp/as várias perspectivas, não é. Para o

jornalismo é sempre bom ter o máximo de persp/de perspectivas em relação ao assunto, é, e nesse aspecto, quando acontece algum evento sobre o qual não, é uma equipa jornalística não consegue deslocar-se rapidamente para captar imagens ou para entrevistar rapidamente, o público pode ser um bom auxiliar. Por outro lado, também pode complicar o trabalho, é, do jornalista, não é. Se não há forma de... do jornalista se deslocar lá para verificar os fatos, como é o caso de catástrofes naturais entre... em locais remotos do mundo, é, estamos completamente dependentes daquilo que as pessoas, é, contam. É, e (inint) [00:05:04].

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é prático, mas ao mesmo tempo perigoso por questões de fake news também.

Filipa Basílio da Silva: É mais pela questão das fake news, e percebemos que é muito fácil manipular, é, facilmente se edita um... um vídeo que foi captado, é, em smartphones. Há ferramentas que agilizam isso muito mais hoje em dia do que há sete anos atrás. Uma vantagem para os jornalistas, que hoje em dia se querem cada vez mais, é, com... mais capacidades que antigamente, antigamente a função do jornalista era procurar o máximo de fontes possíveis para configurar ou não uma determinada história, é, hoje em dia o jornalista tem que ser também fotógrafo, repórter de imagem, tem que ser editor de vídeo, editor de imagem, saber photoshop e tudo, saber dar voz como na rádio, é, e pronto, tem que se ter outras competências, é, que foi uma exigência imposta pela tecnologia. Ou seja, as tecnologias vieram facilitar por um lado, é, o trabalho, mas ao mesmo tempo, é, como os media têm cada vez menos recursos financeiros para pagar equipas tão grandes como existiam nas redações antigamente, é, quer-se, o jornalista que é o backpackjournalist.

Ana Paula Goulart de Andrade: E... e, assim, você percebe na tua vida de jornalista algum aplicativo, busca do próprio jornalista, é, aplicati/por exemplo, você falou do YouTube, né, você falou que ia buscar fonte na internet, mas existe algum aplicativo, é, alguma questão de interatividade, de, de... das fontes com o jornalismo dentro das redações? Não?

Filipa Basílio da Silva: Não, existem muitos bancos de imagem gratuitos, é, porque acaba por também não ser justo para os fotojornalistas, é, mas não...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não percebe nenhum tipo de interatividade, interação nesse sentido.

Filipa Basílio da Silva: Pode perguntar, é/

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque o que que a gente percebe hoje é, é, é uma tentativa do jornalista, né, do jornalismo, tá cada vez mais próximo desse povo que é uma grande multidão.

Filipa Basílio da Silva: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Digamos assim, né, midiática. É, mas ao mesmo tempo, me parece que existe uma ausência de aplicativos ou de interatividade com esse público, o máximo é mande o seu tex/mande o seu vídeo, mande o seu texto, mande o seu. Como as cartas que chegavam antigamente às redações, hoje a gente não tem um aplicativo, ou pelo menos não está popularizado um tipo de aplicativo que facilite, que abrevie essa distância, ao mesmo tempo que é em rede social, e aí qualquer pessoa pode postar qualquer coisa, parece que não existe nenhuma interatividade no sentido de filtrar essas informações. Porque na medida também que chega muita coisa de fora...

Filipa Basílio da Silva: Eu acho que são questões diferentes. Por exemplo, nos meios de comunicação portugueses, é muito fácil comunicar e interagir com eles. Eles ‘tão todos presentes no Twitter, é, no Facebook, alguns ‘tão muitos cada vez mais tão presentes no Instagram.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas nessas plataformas.

Filipa Basílio da Silva: E há... e há equipas que, é, estão (dedicadas) [00:08:40] só para responder às questões.

Ana Paula Goulart de Andrade: Para responder, tá.

Filipa Basílio da Silva: É, quanto à filtragem de...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:08:46].

Filipa Basílio da Silva: Qualidade de informação que chega.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso, isso.

Filipa Basílio da Silva: Pelo menos na televisão havia uma equipa só para isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah é?

Filipa Basílio da Silva: Sim. Mas não era só a nível de... de imagem, de fotografias, de vídeos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas pelo WhatsApp, é, ou tudo?

Filipa Basílio da Silva: Agora não sei, porque na altura não existia o WhatsApp quando eu estava lá a trabalhar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, ah, sim, claro, claro.

Filipa Basílio da Silva: E agora não sei como é que isso funciona. Mas na altura...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas existia alguém só para isso.

Filipa Basílio da Silva: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Entendi.

Filipa Basílio da Silva: Que analisava a qualidade dos vídeos, se tinham sido manipulados ou não, imagens.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Filipa Basílio da Silva: É, e... e mesmo gravações (ao vivo) [00:09:18].

Ana Paula Goulart de Andrade: Que máximo, que... bem diferente. Bacana. É, bom, novas competências, novas cobranças, você já acabou falando, é. Sim, qual... é a última. O que que você, daqui a dez anos, né, a gente tá falando de um tempo de dez anos, né. Como é que você acredita, você falou aí do livro, mas é que você acredita que o jornalismo de uma maneira geral vai estar daqui a dez anos? Que papel social o jornalismo vai cumprir daqui a dez anos? Assim, qual a tua visão, o que que vem a seguir?

Filipa Basílio da Silva: Eu acho que o jornalismo vai continuar, é, a ter um papel importante. Daqui a dez anos talvez ainda mais. Neste momento está a profissão, está um bocadinho desacreditada e... e o produto que sai de... do trabalho do jornalista é está um pouco desacreditado por haver toda esta concorrência de... de qualquer pessoas poder, é, entre aspas, informar ou dar a conhecer algo e publicar. Facilmente, em redes sociais ou outr/outras plataformas que sejam, que tenham muita visibilidade, muitas visitas. É, mas eu acho que precisamente por isso, por haver cada vez mais desinformação, acho que vamos ter que recuar e perceber que a função do jornalista é ser o gatekeeper, é, e a função do jornalista vai ser muito mais, é, ou então ser o primeiro a informar. Que até agora é naquela luta de, nós damos a notícia primeiro.

Ana Paula Goulart de Andrade: O furo, né, do exclusivo.

Filipa Basílio da Silva: Exatamente. Vai ser muito mais quem é que filtra melhor a verdade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Precisa de um renascimento, digamos assim.

Filipa Basílio da Silva: Sim. Vamos ter que arranjar um novo ângulo para a profissão, é, dar-lhe uma nova vida, mas é muito muito importante, esta... esta profissão é muito importante.

Ana Paula Goulart de Andrade: De mediador, né.

Filipa Basílio da Silva: Mediador, às vezes as pessoas acham que não publicam em geral, não percebe a dificuldade que é por exemplo traduzir por miúdos, é, as palavras de um cientista. Isso, não é? O jornalista tem que ler uma tese de um cientista físico. Por exemplo, não percebe nada daquilo, tem que falar com... com o cientista, tem que fazer perguntas, fazer perguntas, as perguntas que o público faria até perceber exatamente o que que conseguiu com a sua investigação e que aplicações é que tem para o mundo real, para as pessoas, não é? E isso é muito importante. Nós somos a ponte entre o que está a acontecer nos bastidores de... de muita coisa, não só da ciência, mas da política, é, do comércio, é, e é importante continuar a ter um papel, é, não só de desmascarar, é, simplesmente de informar, mas informar bem, né, dando sempre várias perspectivas e não ser apenas do... a corrida, eu cheguei primeiro e depois, afinal não é esse...

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito. Acabou com deixa bem feita, né, como a gente fala.

Filipa Basílio da Silva: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Vou pedir só para a gente tirar uma fotinha pra/

Odacir Junior

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Odacir Junior

TEMPO DE GRAVAÇÃO

15 minutos e 16 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Essa obrigatoriedade. Enfim, sua apresentação, teu cargo e tua função.

Odacir Junior: Pronto. Me chamam, meu nome profissional é Odacir Junior, né, sou repórter de imagem numa... da primeira televisão privada em Portugal, foi fundada 27 anos atrás.

Ana Paula Goulart de Andrade: A função que você...

Odacir Junior: Repórter de imagem, eu falei.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que foi um pouco da sua trajetória, vai lá. Eu sei que essa é uma pergunta muito grande (riso).

Odacir Junior: É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas você pode resumir, inclusive com o Brasil.

Odacir Junior: Aí eu saí do Brasil, né, mas já f... ou seja, trabalhei três meses no Brasil como estafeta, como office boy, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum, estafeta, sim. Pode...

Odacir Junior: E depois, desde então, entrei para o meio publicitário.

Ana Paula Goulart de Andrade: Publicitário?

Odacir Junior: Publicitário. Fazia iluminação, meu forte era diretor de fotografia lá no (inint) [00:00:48].

Ana Paula Goulart de Andrade: Que importante isso para a tua... para a tua...

Odacir Junior: Comecei como diretor de fotografia, depois quando cheguei aqui, era, o mercado ainda muito... muito pequenininho, muito fechado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você tá há quanto tempo aqui? Desculpa.

Odacir Junior: Tô há 30 anos. Vai fazer 30 anos esse ano, em novembro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Odacir Junior: Fui, respondi. Não, primeiro, meu primeiro emprego aqui foi de motorista. Depois conheci uma pessoa que fazia entregas e respondi uma... um pedido de trabalho numa produtora, que era para ser assistente de equipe. Fui fazer o teste e disse qual é o papel de assistente de equipe, daí disse, ah, ajudar aqui a ser motorista, a fazer compras e montar equipamento, carregar equipamento e eu disse, ah, ok, aceito. Um dia faltou o câmera dessa equipe. O diretor de... da equipe fez de câmera, e o câmera que faltava fazia iluminação, e o diretor na s... (inint) [00:01:48] e eu disse, Ricardo, eu posso te ajudar na iluminação, ok. Fiz a iluminação naquele dia. No próximo, ou seja, no dia seguinte, ele disse, quero formar uma equipe diferente dessa que eu tenho e a equipe começa comigo e com o Odacir, que o trabalho dele é muito diferente do que nós temos aqui. (inint) [00:02:12] e ele pegou um grande projeto com (inint) [00:02:14], que era o lançamento do VHS ainda.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Odacir Junior: Imagina. Lançamento da VHS e formamos uma equipe que eu era diretor de fotografia e câmera man. O Ricardo era o realizador e chefe de equipe. Depois tinha os dois assistentes. Tá, daí a partir daí o s/o trabalho fluiu muito bem

entre eu e ele, e ele foi convidado para abrir a televisão, a SIC. Assim que recebeu o convite disse, eu vou...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas você vem comigo.

Odacir Junior: Mas levo você junto, e assim foi.

Ana Paula Goulart de Andrade: E no Brasil você já trabalhava com imagens.

Odacir Junior: Já, comecei como, aí, kalunga, como eles dizem, né, carregando caminhão de iluminação, depois passei para assistente de iluminação, depois o... o diretor de fotografia, que era o Sérgio (inint) [00:03:00], que era um judeu, me pagou um curso de fotografia, de iluminação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que importante.

Odacir Junior: Fiz o curso de iluminação, aí, é, depois passei para... fazia também como freelancer assistente de VT, né, stop play stop play, depois passei para terceiro assistente de câmera, depois passei para quinto câmera em campanha política, fiz três campanha política, sendo que uma fiz como terceiro câmera e uma como segundo câmera, e aí foi né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Foi, aqui cê teve que recomeçar e aí foi para a SIC. E aí tá lá até hoje.

Odacir Junior: E aí, é, tô lá até hoje.

Ana Paula Goulart de Andrade: Coisa boa. Como é que você acha que as tecnologias, sobretudo essas imagens cedidas e de câmeras de vigilâncias, essas narrativas que aqui em Portugal eu não verifiquei tanto, graças a Deus, como é que elas interferem no telejornalismo, como é que você acha que, é... é... é um vento que não dá para parar com a mão, né, como diz aqui. Mas ao mesmo tempo, é, tá mais difícil ser jornalista, que você tem que ter um filtro muito maior para que imagem usar, que imagem rivalizar com o material que é tradicional?

Odacir Junior: Eu acho que as imagens têm diferença, né, em tudo. Captada pelo um... pelo um repórter de imagem é uma coisa, captada por uma câmera fixa é outra. Eu acho que não tá, o problema todo não tá na imagem, tá quem vai trabalhar essa imagem. O que que tu quer, qual o teu objetivo com essa imagem. Porque eu próprio já fiz trabalhos de investigação que usei diversas maneiras de imagem, câmera oculta, câmera de segurança, telemóvel, n coisas. O meu parceiro é que embrulha a notícia. Eu acho que isso que é fundamental. A imagem é que nem você diz, é impossível parar. Tá, e nós temos correspondente na Inglaterra que já fazem tudo com iPhone. Quando eu digo tudo, é tudo mesmo. Isso é até impossível de parar. Aí é... e para aí é muito complicado, aí vai me dizer, e a qualidade e a arte e a func... n coisas. Mas eu acho que nessa tua pergunta não me importa a imagem, importa o que que o meu parceiro, o jornalista, que no fundo é o que embrulha, né, a notícia, ele e o repor/e o editor de imagem, o que que vão fazer com ela. Que eu posso te, te dar uma imagem numa câmera de segurança, dois, é, um casal aos beijo na esquina, uns beijo mais afoito, e tu pode dizer, violência doméstica ou aí é um ato sexual na esquina da... da coisa ou um... um... romance entre dois...

Ana Paula Goulart de Andrade: Um romance. E o que que você acha que as tecnologias nesse sentido mudou o telejornalismo?

Odacir Junior: Bom, as tecnologias nos últimos dez anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Dez anos.

Odacir Junior: Eu tenho 55 já, anos já, né. Aquilo foi um atropelo, nós tivemos que nos reinventar, né. Aí é, tem aqui uma escola que forma repórter de imagem, cinegrafistas, e que sai um leque de repórter de imagens por... por ano tremendo. E tem muito jovem com muitas capacidades, que têm bom gosto, sabe fazer enquadramento, não sei que. Falta know-how, falta. Aí, é, não é uma... não é eu com 30 anos que já participei de guerra, de documentário, de grande reportagem, de conflitos urbanos, de problemas com polícia, de tudo, esse know-how falta, né. Mas daqui três anos, se mandarem ele fazer, ele vai ter o meu know-how. Mas (inint) [00:06:30] como dizem que.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai adquirir.

Odacir Junior: Vai adquirir. Aí, é, só que eles nascem com a tecnologia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eles são nativos digitais. É o mesmo/

Odacir Junior: Tendeu? E eu fiz o curso de edição de imagem, eu quando eu vou para a rua, aí fora do país, vai eu e o jorna/jornalista, eu levo edição, levo tera deck para fazer envios direto, levo tudo. Aí, tá. Saiu do... do... do... do couro, aprender a ediç/a editar, sob pressão, enviar, ok. Eles já têm a tecnologia na ponta dos dedos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ao mesmo tempo não assistem muita TV, né.

Odacir Junior: Ao mesmo tempo não assiste a TV.

Ana Paula Goulart de Andrade: São desinformados.

Odacir Junior: E não têm esse cuidado que a geração mais velha tem no uso inadequado com o (inint) [00:07:10] da imagem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Checagem, né.

Odacir Junior: A triagem, o que é que eu vou usar para pintar aquele texto da... do meu jornalista, tendeu. Não é só pintar por pintar, né, não é encher a peça, né. Se tu me disser uma frase, aquilo tem que ter coerência com a minha imagem. Isso estamos perdendo um bocado já.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha então que tem que ter, é... é, o mercado exige mais cobrança? Ao mesmo tempo tá mais fácil no sentido tecnológico?

Odacir Junior: Não.

Ana Paula Goulart de Andrade: O mercado exige mais cobrança de um jornalista, porque você tem muitas opções, e na medida que você tem muitas opções de fora para dentro de todos os meios possíveis, tá mais difícil ser jornalista? É, o exclusivo, por exemplo, não... é... é muito difícil você ter uma exclusividade ao ponto que tá todo mundo em todos os lugares.

Odacir Junior: Olha, eu ontem saí como uma velha guarda. Tá há 25 anos, que tá há 25 anos trabalhando juntos. Ela tem exclusivo, ela tem contato, ela liga para o... então, capitão, tudo bem? Amélia Moura Ramos, como é que está a sua..., ah, Amélia, minha amiga, fala, é diferente do...

Ana Paula Goulart de Andrade: Questão da credibilidade.

Odacir Junior: É, é diferente de um estagiário, com todo o respeito, (inint) [00:08:20], é diferente de um estagiário, dum miúdo da CMTV com cinco anos de profissão, ponto. O... o contato existe, a fonte existe e essa fonte é... é os anos que amadurecem, né, aí é... (inint) [00:08:40].

Ana Paula Goulart de Andrade: E o que você faz daquela tua fonte.

Odacir Junior: É, e o que você faz com essa fonte, ou seja, hoje tu me dá uma caixa, se eu usá-la bem, eu vou ter uma segunda caixa amanhã. Hoje tu me dá uma caixa e se eu não usar ela bem ou se eu não usar as informações corretas que tu me deu, eu não vou ter essa segunda caixa amanhã, entendeu. Há um grupo muito forte no mercado português, principalmente na RTP, na SIC e alguns na TVI que ainda são bons jornalistas, que têm boas caixas, que têm boas fontes, respeitam a fonte, sabe usar a fonte, não abusam da fonte, entendeu, aí/e eu acho que esse produto final é brutal, tem uma qualidade brutal.

Ana Paula Goulart de Andrade: E daqui que é a última pergunta já, a gente já tá indo para a última pergunta. Como é que você imagina a televisão daqui a dez anos?

Odacir Junior: A televisão caixinha mágica acabou, tá acabando, né. Porque tu não senta mais na televisão às oito da noite para ver o jornal, né. Tu chega em casa

às nove horas e vê o teu jornal das oito, tu vê o teu jornal das oito amanhã às nove da manhã, tu vê o teu jornal das oito às três da manhã sentado no... no teu WC, no teu telemóvel, no teu iPad e não sei que. Isso, eu acho que a caixinha mágica não vai acabar, não vai deixar de existir a caixinha.

Ana Paula Goulart de Andrade: Produto noticioso televisivo não acaba porque ele tá em todos os meios. Mas como ele se sustenta?

Odacir Junior: É, mas vai acabar, é, vai acabar o jornal das oito, acho que vai... vai ter uma dificuldade tremenda de, é isso mesmo de se, como é que ele vai se sustentar, como é que ele vai, que nem é, é, como é que ele vai...

Ana Paula Goulart de Andrade: Atrair o público?

Odacir Junior: É, atrair. Como é que ele vai fidelizar, fidelizar o velhote que senta às oito ou, eu vou jantar para ver meu jornal, eu quero chegar em casa mais cedo para ver meu jornal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que eu vou ver a notícia, se é notícia de morte ou se é entretenimento ou se é, enfim. Eu vou escolher essa notícia, né. O público tá bem seletivo nesse sentido. Ele... ele não aceita mais a televisão te dá. Eu quero escolher o que eu vou assistir.

Odacir Junior: É, mas isso acho que é um público mais... é um público que tem um nível intelectual um pouquinho acima do normal. Por exemplo, aqui é um fenômeno que tá, eu não sei dizer, três quatro anos atrás que abriu uma televisão, né, que é a CMTV.

Ana Paula Goulart de Andrade: Seis anos, vai fazer seis anos agora.

Odacir Junior: Seis. Aquilo passa tão rápido que/

Ana Paula Goulart de Andrade: É, é. Quarenta anos de Correio da Manhã e seis anos de CMTV. Só sei também porque eu vou lá amanhã... amanhã não/

Odacir Junior: Correio da Manhã como papel era um bom jornal. É um bom jornal. Tá, se tu me disser que tu espreme o jornal e sai sangue, ou tem coisa mais fraca, mas tudo bem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas cumpria com a função.

Odacir Junior: Cumpria com a função, aí tinha um papel social muito grande em Portugal, eu falo isso já, 30 anos atrás o Correio da Manhã e outros jornais que já acabaram tinham seu papel social. Eles levaram essa fonte para a televisão, que também não mais valia para eles porque antigamente, antes deles abrirem, nós sabíamos coisas que hoje eles sabem quase antes da polícia, ou seja, antes de ligar para a polícia, eu ligo para a CMTV. É um fenômeno que acontece. Aconteceu com todas as televisões e agora a CMTV.

Ana Paula Goulart de Andrade: Bem próximo do Brasil.

Odacir Junior: É. Agora, que a CMTV tá embrulhando de uma maneira muito, com falta de critério e rigor, a notícia, e quando eu digo falta de rigor é, eu tenho fonte fidedignas que o próprio diretor da estação disse para o repórter que tá no terreno assim, repete a notícia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fecha com o que tem.

Odacir Junior: Faz dentro do off, diz que vai acontecer, mas como que vai acontecer? Diz que esteve no local e já viu a polícia sair. Não, a polícia não saiu do local, eu não vi, eu não posso falar isso. Fala, que eu quero que tu fale isso. Isso que que é? Duas coisas, aí. O diretor acha que não perdeu o... a qualidade dele. A audiência fez ele ficar um pouco cego e perder alguma coluna vertebral. O jornalista novo, três quatro anos, diz assim, se tu não fizer, tu vai para a rua.

Ana Paula Goulart de Andrade: E tem alguém no teu lugar rapidamente.

Odacir Junior: E tem alguém no teu lugar não, tem três para entrar no teu lugar por menos cinquenta euros que tu. E isso é um problema muito complicado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é uma agressão à democracia.

Odacir Junior: Uma agressão à democracia, uma agressão a quem faz bom jornal... bom jornalismo, à velha guarda, que é a primeira que tá na... na fila para... para despedimento das empresas e, pronto, tudo bem. Muita gente diz assim, quando morrer o dono da empresa, que é o velhote de 80 anos, o filho que assumir vai fazer uma limpeza na malta velha. Isso é pronto, e pode-se acontecer isso. Mas o que mais me preocupa é isso, é o... o... o critério audiência, o critério dinheiro fala mais alto.

Ana Paula Goulart de Andrade: O jornalismo negócio.

Odacir Junior: O jornalismo negócio.

Ana Paula Goulart de Andrade: E daí você/

Odacir Junior: Não tinha necessidade disso aqui, não tinha.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, porque eu encontrei um jornalismo muito diferente do Brasil, o Brasil tá muito próximo da CMTV mesmo, mesmo. Infelizmente, e são todas, um... um pouco a Globo, um pouco são todas, não tem diferenciação nesse sentido, porque elas acabam, porque a concorrência dá, eu vou dar também. Então eles são/fazem uma, uma... fazem um apanhado nas redes sociais e quase que replicam aquilo, e daí eles...

Odacir Junior: E várias vezes.

Ana Paula Goulart de Andrade: E aí eles tiram (essa validade) [00:14:03] da televisão, ou seja, do jornalismo, não à toa o jornalismo tá passando pelo que a gente chama de uma crise, eu prefiro dizer transição porque eu sou otimista. É,

você, para finalizar, você tem rede social, você usa sua rede social, é, para trabalho, pessoal?

Odacir Junior: Eu tenho Instagram, só. Ah, e nunca tive o... o Facebook. Não, nada contra, é porque falta de tempo mesmo. Acho que pode ter um/

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito protocolo social, né (riso).

Odacir Junior: É, tem que gerir aquilo e na boa. Olha, a minha mulher tem o Facebook e gere mesmo de uma maneira proativa, entendeu? Não é respondeu bonito, lindo, não sei que. Ela gere aquilo para o bem dela, ela fatura com aquilo, ela ganha a nível, todos os nível com aquilo, entendeu? Mas para isso tem que se dedicar àquilo, tem que fazer aquilo, né. E eu não tenho tempo para isso. Minha vida é super...

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) eu vejo, eu percebi. Consegui sua última entrevista graças a Deus. É isso, muito obrigada.

Odacir Junior: Mas é muito, essa coisa que tu falaste tem pontos assim muito, isso aí dá para muita conversa, bah, muita conversa mesmo. Aí eu até, bah, você pode citar o... os nomes, se tu puder.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, não, isso...

Odacir Junior: Se for usar, usa de uma maneira...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, isso não entra.

Odacir Junior: Sem maldade, porque/

Reinaldo Serrano

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Reinaldo Serrano

TEMPO DE GRAVAÇÃO

09 minutos e 01 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então 3, 2, 1. Sua apresentação, seu cargo e sua função aqui na SIC.

Reinaldo Serrano: É, o meu nome é Reinaldo Serrano, tenho 51 anos e sou editor e coordenador do Jornal da Noite da SIC e também da SIC Notícias quando é preciso coordenar uma edição.

Ana Paula Goulart de Andrade: E um pouquinho da sua trajetória. Eu sei que é difícil (riso).

Reinaldo Serrano: Ah, eu sou jornalista desde 1986, portanto, há 33 anos. Estive quatro anos no semanário Expresso, que é o maior semanário de Portugal e um dos melhores da Europa, e sou fundador da SIC. Portanto, estou cá vai fazer 27 anos este ano.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse tempo, a gente pegando um período de dez anos, o que que você acha que a tecnologia mudou em termos de construção de notícia no telejornalismo? A gente tem hoje aí um acesso muito grande a redes

sociais, uma forma do... do internauta participar muito, mas o que que de fato você acha que mudou?

Reinaldo Serrano: Hum. Em alguns anos, nós usávamos uma expressão, que é uma expressão dos Estados Unidos, dos anos 60 se não estou em erro, (inint) [00:01:06] da televisão, que era "a caixa que mudou o mundo". E depois nós apresentamos a caixa que mudou o mundo, que mudou a caixa.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Reinaldo Serrano: É, e isto aplica-se às tecnologias. É, ou seja, eu acho que o que mudou mais foi a acessibilidade do público à informação, a maior rapidez nessa acessibilidade e obviamente em termos de imagem, em termos de estética, em termos plásticos, é, houve uma melhoria muito grande em termos da própria imagem na televisão, não meramente da informação, junto do público. Estou a falar em termos de design gráfico, estou a falar em termos de recurso a tecnologias 3D e todas as tecnologias que foram evoluindo. Sobre as redes sociais, eu não estou em nenhuma.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, não?

Reinaldo Serrano: Não tenho (intenção) [00:01:58] de estar. É, acho que são um instrumento de trabalho, é, perigoso pelo jornalista, porque precisa de filtrar muito mais, dez vezes mais, é a informação, acho que tem efeitos muito perversos junto do próprio, é, jornalista, porque dar... dar voz, é, às vezes a quem não merece, e eu tenho uma frase que costumo usar sempre, que é o jornalismo..., então estou a falar só do jornalismo, porque é a minha área, é aquilo que o jornalista quer que seja. É, isto pode parecer um bocadinho polêmico, mas da mesma forma que não explica um médico como executar uma intervenção cirúrgica, não gosto e não aceito que me... é... é... digam a mim que caminho é que eu devo, é, escolher, e eu acho que há uma diferença demasiada e evidente, e um facilitismo muito grande em que os jornalistas de um modo geral, é, em nome dessa pressa, dessa correria e dessa cereledade com que a informação passa, é, aceitam muito facilmente tudo o que uma rede social diz. Ou seja, as redes sociais têm uma (campanha) [00:03:09] positiva,

que é a divulgação de informação, e responsabiliza muito mais o público que vem com informação nessas redes sociais. O problema é que o público não se responsabiliza a si próprio nem naquilo que divulga. Portanto, compete ao jornalista ter em conta as redes sociais e cada vez mais, porque elas são inevitáveis, e eu não sou contra o progresso, simplesmente acho que há progresso que deve ser filtrado por alguém que é simultaneamente testemunha e testemunho, que é isso que o jornalista é na primeira e última análise.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então tá mais difícil ser jornalista hoje? A cob... as cobranças... tá mais difícil ser jornalista hoje porque você precisa ser um filtro cada vez mais forte?

Reinaldo Serrano: Não é mais difícil, é mais complicado, que é uma coisa diferente. É, porque justamente porque havendo mais fontes de informação, quanto mais fontes de informação existem, mais filtros têm que existir também. E o problema, sobretudo de quem faz televisão diariamente, é justamente ter tempo e discernimento, sensibilidade e bom senso, como eu costumo dizer, para filtrar justamente esse tipo de informação. Porque ninguém me garante que depois de um atentado, imagine se em Paris, as primeiras imagens que eu vejo sejam realmente aquele atentado. Porque não tenho tempo de filtrar. Mas ao mesmo tempo há um contágio muito perverso, porque a tendência é ver se há o canal A que tem no mar, a tendência é ir atrás do canal A. Só que o canal A pode ser da SIC, o canal A pode ser da Globo, o canal A pode ser outra coisa qualquer, pode ser da Record, pode ser da Bandeirantes, pode ser da TVI em Portugal, pode ser da CNN, e a tendência, ou seja, qual é o efeito negativo disto? Se um erra, se o primeiro erra, todos os outros ‘tão errados. E o que me parece mais preocupante é que há erros cada vez mais frequentes e como esses erros são mais frequentes, são mais assumidos, é, e mais... e mais tolerados pela própria opinião pública, e acabam parecendo mais tolerados para o próprio jornalismo. Ou seja, o que eu quero dizer é que esse efeito de multiplicação rápida do que vem nas redes sociais complica muito mais a tarefa do jornalismo como eu vejo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que você acha que a televisão, é a última pergunta, vai tá daqui a dez anos? A televisão hoje a gente tem no celular, a gente

não tem jovens vendo televisão, como é que você acha que tá o futuro dessa televisão daqui a dez anos? Hoje é inimag... a gente não imaginava que pudesse tá do jeito que tá, né? A gente utilizando muitas vezes, não o caso daqui pelo que eu percebi, mas muitas imagens de... de redes sociais, é, vigorando no... na... na... na (inint) [00:05:45] noticiosa, como é que você acha? A tua avaliação?

Reinaldo Serrano: É uma pergunta dif/

Ana Paula Goulart de Andrade: Difícil, é (riso).

Reinaldo Serrano: Difícil, não, uma pergunta muito difícil por várias razões. Em primeiro lugar, porque é, é, a vantagem de ter 50 anos como eu é que a companhia e as várias revoluções tecnológicas foram tendo lugar, e agora mais do que revoluções tecnológicas, há evoluções tecnológicas, que é uma coisa ligeiramente diferente. É, o que se (tinha) [00:06:11] para dizer é que há dez anos, diziam, muita gente dizia que o livro ia acabar, que o e-book ia substituir o livro, e isso não aconteceu, nem está perto de acontecer. Uma coisa é os livros digitais evoluírem muito, outra coisa significar que os outros ficam para trás. Não é verdade. E no mercado brasileiro, que eu conheço bem, sobretudo em São Paulo e na... e no Rio de Janeiro, graças a Deus, há imensas livrarias, a Livraria Cultura na... ali na Paulista, em São Paulo, que é brutal, fabulosa, é, há depois, é, no Rio, não me... (inint) [00:06:46], porque agora eu não me lembro, mas não interessa. Onde eu ia sempre, à Saraiva, obviamente, há outras.

Ana Paula Goulart de Andrade: Travessa.

Reinaldo Serrano: Portanto...

Ana Paula Goulart de Andrade: Travessa.

Reinaldo Serrano: A Travessa, justamente, a travessa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu lancei meu livro lá.

Reinaldo Serrano: É, a Travessa, justamente, e eu ia sempre, e vou sempre à Travessa sempre que vou ao Rio de Janeiro, sempre tenho ligação especial à... à livraria, porque ela é maravilhosa. Portanto, as pessoas continuam a ter livros à disposição e continuam a escolhê-los. Em matéria televisiva, eu penso que vão existir écrans mais depressa, evolução em termos, é, em termos tecnológ... é, tecnológicos. Isso vai acontecer. Porque tecnologia gera tecnologia, e... e o processo vai sendo acelerado. O problema é como nós depois utilizamos essa tecnologia, eu já vi coisas péssimas em canais norte-americanos de televisão que não sabem usar os recursos que têm, são... portanto, também é preciso ter sensibilidade e bom senso, o jornalista vai ter que permanecer fiel à sua função com uma diferença, por causa da evolução tecnológica, o jornalista de televisão, em primeiro lugar, porque é mais visível, é só por causa disso, não é por ser melhor ou pior, vai ter que adaptar-se muito mais, é, e vai ter de expandir muito mais o seu conhecimento, quer em termos tecnológicos... tecnológicos, saber trabalhar em 3D, saber que o 4 (kappa) [00:08:08] e o 8 (kappa) [00:08:11], e já há 12 (kappa) [00:08:12], e já se fala no Japão da 32 (kappa) [00:08:13] vão obrigar em termo de... em termos de captação de imagem, eventualmente a outros enquadramentos, é, que o 360 que nós já usamos aqui, é, é uma evolução espantosa a um nível daquilo que o próprio utilizador consegue ver, se essa experiência for transferível para um écran de televisão, e é brutal, portanto, o próprio jornalista vai ter de ser simultaneamente jornalis... é como se tivéssemos um gráfico em que o jornalista do meu tempo quando começou era 90 e a tecnologia era cinco. Neste momento, a tecnologia é 90 e o jornalista tem que ser 98 para poder acompanhá-la.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito. Muito obrigada.

Reinaldo Serrano: Não sei se fui explícito, (inint) [00:08:58].

Ana Paula Goulart de Andrade: Excelentes as suas análises, eu escrevi um texto/

Ricardo Costa

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Ricardo Costa

TEMPO DE GRAVAÇÃO

13 minutos e 06 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: /dade eu tô fazendo, é, um questionário semiestruturado, que faz parte da metodologia do projeto de doutoramento que eu faço na UBI, até vi que vocês têm parceria, né, com... com correspondentes lá, por isso (vamo) [00:00:10].

Ricardo Costa: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E eu faço um ques/um... um questionário que são algumas perguntas sobre telejornalismo contemporâneo. E aí sua apresentação, seu cargo e sua função.

Ricardo Costa: Eu sou, o meu nome é Ricardo Costa, eu sou diretor de informação da SIC.

Ana Paula Goulart de Andrade: Um pouquinho da sua trajetória. Eu sei que é muito grande (riso), mas (se você puder) [00:00:26].

Ricardo Costa: É muito grande. Faço este ano 30 anos de profissão e sempre neste grupo, ou seja, eu comecei no jornal expresso quando tinha 21 anos, tive cá a três anos como repórter de política, depois fui pra SIC a 1992, portanto comecei em 1989 e 1992 fui pra SIC para fundar a SIC, primeira televisão privada em Portugal, na altura era filiada ao f/mais ou menos da Globo, a Globo era sócia, é, e depois fiquei na... na SIC como repórter de política, depois fui editor de política em 1996 ou 97 e em 2001, é, me chamaram para a direção de informação. Eu fiquei lá um bocado, em 2003 acumulei com a direção de informação da SIC Notícias, depois, é, em 2008 tive um ano na direção geral da empresa toda a trabalhar com o diretor geral de então, não gostei especialmente, é uma coisa muito mais (digital) [00:01:10] et cetera. Então depois fui para, voltei para o Expresso, fui para a direção do Expresso, tive s... seis, sete anos no Expresso, cinco dos quais como diretor e depois voltei para SIC há três anos, (inint) [00:01:24]. É, como diretor de informação, o plano de projeto foi muito também esse de juntar a SIC e o Expresso na mesma... na mesma redação. Eu hoje em dia tô muito afastado aqui do dia a dia. Deve ter visto (inint) [00:01:36] de manhã, porque de manhã tive uma reunião numa universidade, tive uma reunião com correspondentes por causa de uma questão administrativa, mas eu tive outra reunião de orçamento, eu tenho há dias. Então é sempre assim, há dias que eu tô mais metido aqui nas coisas, mas há dias em que às vezes, (inint) [00:01:48], o que que abre hoje ao jornal, eu não sei.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso me chamou muito atenção. Você aqui na... na redação, é bem diferente do Brasil nesse sentido.

Ricardo Costa: É, não, não estamos. Temos ali um gabinete, mas você não tá vendo montado e tal, mas pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, a gente, é, na verdade a minha pesquisa passa um pouco para... pelo o telejornalismo e pelas novas tecnologias, o que que se tem (interferindo) [00:02:05]. Num período de dez anos, o que que você acha que as tecnologias mudaram o telejornalismo?

Ricardo Costa: Mudaram muito. É, mudaram desde questões no bom sentido como a questão, tão todas elas ligadas. Isso tudo que alterou foi muita tecnologia do

direto, facilitou muito, é, ou seja, nós antigamente, há dez anos, precisou de um direto, fazia-se com o carro de exteriores, fazia-se com algumas coisas, já havia mais uma outra tecnologia, mas eram mais pesadas. Hoje em dia com as mochilas, com aquelas coisas que nós chamamos de mochilas, com os (terabytes) [00:02:31] et cetera, é, a presença do direto mudou, é, mudou radicalmente. Isso teve com a reportagem no exterior, sobretudo, o envio, a edição de imagem também no computador, no laptop, isso alterou radicalmente e, portanto, facilitou nós... nós chegamos enlouquecidos e conseguimos entrar em direto, por outro lado, é, e conseguimos também montar uma peça em qualquer sítio, uma reportagem, uma matéria como vocês dizem, enviá-la, é, tudo isso é muito... muito mais fácil. Isso (obviamente) [00:02:56] tem implicações porque, é, ganha-se a velocidade e rapidez, perde-se no tempo de correção, alguma capacidade de fazer as coisas com mais calma, se o repórter pode 'tar no sítio enviado para uma coisa qualquer e tem que... consegue fazer duas coisas por dia, por que que que não há três, por que que não há de fazer três e não fazer só uma? Obviamente ganha-se numa certa produtividade, mas perde-se, às vezes nós depois não tem boas reportagens dos sítios porque a pessoa vai enviada, vai ter que 'tar a fazer diretos a toda hora, tem mais dificuldade, então tem esses lados. Depois, com muita aparição de tecnologia, é (RGIs) [00:03:27], é estúdio, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Grafismo.

Ricardo Costa: Grafismo, é... é... edição de imagem no próprio, na montagem no computador, o jornalista a fazer muito mais no computador. Eu, como eu costume dizer, é assim, nunca houve na história da humanidade alturas em que, é, a tecnologia não impactasse o jornalismo, isso nunca aconteceu. É, portanto, tecnologia impacta sempre o jornalismo, desde que apareceu o telégrafo, que aparece o rádio, que aparece a televisão ou que a impressão, então tudo. Apareceu o computador na redação, eu comecei a trabalhar e ainda havia máquinas de escrever em alguns jornalistas, mas já ninguém usava, esses jornalistas só usavam máquina de escrever. (inint) [00:04:05], pronto, muda e mudam sempre as coisas, é o que eu digo, muda. E est/nestas mudanças há sempre ganhos e há sempre algumas perdas, umas percas. E há sempre também períodos de ajustamento, é, e, portanto, mas eu acho que o saldo é claramente positivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas, é, por exemplo, a gente tem hoje muitas pessoas colaborando de fora para dentro da redação, cidadãos comuns, e enviam mensagens, vídeos, enfim.

Ricardo Costa: No Brasil mais que em Portugal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito mais, muito mais, e eu tô... a minha pesquisa tá ficando bem rica em relação a isso, pela comparação. E aqui me parece que vocês têm mais uma busca pela verdade da notícia, e por quê há notícia ou pelo menos um gatekeeper do que de fato se pode virar notícia do que simplesmente reproduzir aquilo que agentes passam. É, nesse sentido, você acha que o jornalismo, é, tá cobrando mais uma literacia, uma... uma competência desse jornalista que tem uma... tá mais fácil ser jornalista hoje?

Ricardo Costa: Não, não, também não tá-se mais fácil, porque nós temos mais fontes de... de informação, também, depois somos muito mais coordenados. É, muitas vezes há outras pessoas que fazem (um bom trabalho jornalístico) [00:05:13] e coisas verdadeiras, que não são bem jornalistas, portanto, o trabalho não tá mais fácil, o trabalho tá mais exigente. O trabalho está um pouco mais difícil. É, eu acho é que tem, não... assim, eu olho e eu... e eu costumo ter sempre isso como lado positivo, e eu tive (sete anos) [00:05:27] agora no jornal, antes de ir para televisão. Editar um jornal nesta altura é pesado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lógico.

Ricardo Costa: Mais pesado, é mais pesado que a televisão. Mas tem uma vantagem. Nós aprendemos ali uma coisa que é, como nós dizemos... nós dizemos... há um ditado que se diz em Portugal, não sei se no Brasil, que é não se para o vento com as mãos, não é? Bateu o vento, você não consegue parar o vento com as mãos. É, não porque não pode, é um meio impossível, né? Portanto, nós não conseguimos parar, assim como não conseguimos parar nos jornais, não conseguimos parar nos jornais porque as pessoas vão tendencialmente ler menos papel. Nós também não conseguimos parar que as pessoas vão tendencialmente ver

menos televisão em direto, televisão generalista, aquilo do FTA. Agora, eu costumo dizer ao contrário, nunca no mundo as pessoas leram tantas notícias como hoje e nunca viram tanto vídeo como hoje. Pronto e, portanto, nós temos que ver quais são os lados positivos. O lado positivo é hoje, por exemplo, eu dizia muito isto aos meus colegas do Expresso, o jornal (inint) [00:06:17], eu hoje, se quiser escrever sobre um acontecimento qualquer que eu acho que é importante, eu posso escrever agora, às quatro e trinta e seis, quando estou a falar consigo, e não tem que ser amanhã de manhã quando sai na banca. Nem tem que ser à hora x, pode ser agora. Se eu acho que é agora, é agora. E isso é importante, porque se há um leitor que quer ler agora a minha opinião ou a minha notícia, pode ler, e isso é bom. E na televisão isso também acontece. Agora qual é o problema? É que se eu não fizer, pode estar a fazer outro. E esse outro pode às vezes não ser um jornalista. E por exemplo, aí no Brasil há um caso, há uma coisa que ainda cá, não há cá, então tem muita... muita presença, acho que é um caso muito... que é aquele caso do... do órgãos de Comunicação Social, que não são bem órgãos de Comunicação Social, são movimentos cívicos, de repente se põe a fazer jornalismo de...

Ana Paula Goulart de Andrade: É mesmo, né?

Ricardo Costa: Os Mídia Ninja, os Renovas, os mais para uns, para o...

Ana Paula Goulart de Andrade: Se aproveitam da fórmula [00:07:02].

Ricardo Costa: Uns pró PT, outros pró Bolsonaro, e tu de repente tens seguidores, e esse... esse fenómeno me preocupa muito.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma ameaça à democracia.

Ricardo Costa: Essa é uma ameaça, essa é uma ameaça, e é uma coisa muito complicada. Cá há uma coisa que se inspira no Mídia Ninja, mas não tem grande presença, que tenha bem feito, vem ser perigoso, porque eu na altura acompanhei, até que falei com pessoas do Mídia Ninja que vieram cá a Portugal (inint) [00:07:23], e as pessoas todas, vinha muita gente aqui, muitos jornalistas tinham simpatia por isso, e eu disse, isto é perigosíssimo, por quê? Ah, porque eles fazem

algo... algumas coisas fazem bem, outras fazem mal, pois são militantes políticos e que têm uma agenda política, mas são (inint) [00:07:35] pelos telespectadores são vistos como jornalistas. E as pessoas começam a dizer, estes dizem a verdade que eu quero.

Ana Paula Goulart de Andrade: Credibilidade ali.

Ricardo Costa: É, eu não gosto da Globo, eu não gosto da Record, eu não gosto da Bandeirantes, eu gosto desse.

Ana Paula Goulart de Andrade: É o avesso.

Ricardo Costa: Então passo a ver, é, seja o impeachment da Dilma, seja a eleição do presidencial, eu passo a ver por aqui. E o problema é que a seguir, (inint) [00:07:55], agora criaram a direta coisas iguais para fazer o mesmo para o Bolsonaro, e uma parte da audiência (inint) [00:08:01], e fica menos gente a ver as mídias (inint) [00:08:03], e isso é um problema. Em Portugal isso não aconteceu ainda porque a nossa política não ficou tão tribal, a política brasileira ficou muito tribal. Portanto, esse é um problema, mas aí está, nós também não paramos o vento com as mãos e nós não podemos impedir que haja um grupo de pessoas que faça isto, não é, o que não... qual é o nosso único caminho? É fazer melhor jornalismo e tentar ser um gatekeeper e tentar fazer coisas com mais qualidade e tal, esse... essa é que é a grande questão. E ah, por quê? Nós agora temos muita vertigem da velocidade e da... da rapidez, e nós temos que saber nessa vertigem da velocidade e da rapidez, saber parar para não cometer erros. Porque os erros hoje são nos cobrados hoje como não eram antigamente, são muito mais cobrados, o jornalismo/

Ana Paula Goulart de Andrade: O regime de visibilidade muito maior.

Ricardo Costa: Claro. O jornalismo sempre teve erro, não é? Sempre... sempre houve erro no jornalismo, você pode ir à Folha de S.Paulo ou ao Estado de S. Paulo, 1930 e ou de 50 e encontra lá notícias erradas, no sentido que não tavam corretas. É diferente do que (são as fakenews) [00:08:54], fake news é propositadamente incorreta, que é diferente do (inint) [00:08:59]. O problema é que hoje o erramos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu não concordo muito com o termo fake news, que sendo fake, não pode ser news, né?

Ricardo Costa: É, claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Quando a gente(inint) [00:09:04] boato.

Ricardo Costa: Às vezes é fake news. Não, são coisas diferentes. Quando nós temos uma notícia errada, não, não é fake news. Fake news é uma notícia que/

Ana Paula Goulart de Andrade: Propositado.

Ricardo Costa: É propositadamente errada, tem um objetivo de que as pessoas achem isto ou achem aquilo. O erro jornalístico não é fake news, não, porque não foi feito com esse objetivo. Não tem essa linha, não há uma repetição, não há um...

Ricardo Costa: Não há pessoas a fazer propositadamente notícias erradas, pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma intenção.

Ricardo Costa: E essa é uma das grandes questões.

Ana Paula Goulart de Andrade: É a última pergunta e talvez sem resposta.

Ricardo Costa: Não, não, não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que você acha que o telejornalismo em si vai tá daqui a dez anos? (riso).

Ricardo Costa: Não sei, é um... é um pouco difícil, por quê? Porque se alguém... se me perguntasse há dez anos como é que ia estar o telejornalismo hoje, eu não ia aceitar/não ia acertar. Em Portugal, por exemplo, em Portugal também há... há um fenômeno, (inint) [00:09:46] o jornal da noite, ser visto ontem, se vir amanhã, se

vir o jornal da TVI, vai haver uma coisa que é um pouco normal e que há dois anos não existia. Nós tamos a... nós tamos a fazer uma quantidade enorme de grande reportagem, de média reportagem no próprio jornal das oito da noite. Ontem houve uma sobre pedofilia, hoje é uma de vinte minutos sobre o (inint) [00:10:06], amanhã é outra sobre o refugiado, é, afogado que também tem vinte minutos, na quinta-feira é uma... uma grande reportagem de trinta minutos sobre... sobre a hipótese de um terremoto em Lisboa. O que que acontecia, sexta é uma... também uma reportagem, um trabalho de vinte minutos sobre (desportos) [00:10:20] é um trabalho da alta profundidade (inint) [00:10:23] a fazer. Isto é muito normal acontecer, mas tá a acontecer no jornalismo televisivo, ou seja, de repente, veja bem em Portugal neste momento há mais investigação e trabalho de fundo no/na televisão do que no jornal, isso não era normal, não era normal de todos. Se me viesse perguntar isso há dez anos, eu nunca diria que isso estava/que isto iria acontecer com esta quantidade, mas está, está por quê? Porque tá a haver concorrência, porque a tevê faz muitas, e a SIC tem que fazer, a RTP também, (de repente) [00:10:45] temos que poder fazer mais. Por isso quando me diz o que que há daqui a dez anos, eu não tenho uma resposta certa, mas eu acho que o jornalismo televisivo para... para continuar a ter reforço vai ter que aumentar a sua profundidade em... em grande parte dos seus segmentos, não é em todos. Vai ter que continuar a fazer um... a notícia do dia, a notícia do dia, o que que fez o presidente, o que que aconteceu no Parlamento.

Ana Paula Goulart de Andrade: Alinhamento.

Ricardo Costa: Se aconteceu alguma coisa ou tal, é, dez, quinze, vinte notícias no dia, o que é que aconteceu ao Trump ou não interessa e à Venezuela, mas depois vai ter que ter uma linha de reportagens mais de fundo e de trabalhos mais de fundo. Por quê? Porque... porque senão vai ficar muito igual ao que é a internet. É, e esse o grande problem/a internet num sentido mais...

Ana Paula Goulart de Andrade: Global.

Ricardo Costa: Global, onde tá tudo um pouco. As pessoas, porque... qual é o problema? Hoje o consumo de informação, seja escrito, seja televisivo, é muito desagregado, não é? Agora o desagregado de conteúdo é uma ameaça para os mídia

porque a pessoa diz, ah, onde é que viu isso? E a pessoa não sabe se viu na Record, se viu na Globo, se viu na Bandeirantes, se viu... não faz, não faz ideia. Tem/onde é que leu isso? Não se lembra se foi na Folha, se foi no Estadão, se foi no... no Globo, se leu... não lembra. Ah, eu li, eu vi.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi numa reportagem.

Ricardo Costa: Acontece muito. A não ser quando é opinião de fulano de tal ou (inint) [00:12:05]. Mas muitas vezes as pessoas não sabem, mesmo colegas meus dizem, ah, não sei, vi no Facebook, vi no Google, vi no..., mandaram por WhatsApp.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ô.

Ricardo Costa: Pronto. E isso...

Ana Paula Goulart de Andrade: Bolsonaro foi eleito assim.

Ricardo Costa: Pronto, é. E esse é um problema que é, nós perguntar contra essa desagregação de conteúdo, (inint) [00:12:20] para nos adaptarmos a isso, tem que ser, temos que ter alguns conteúdos, temos que ter lá vários conteúdos de alta qualidade e de alta distinção, porque senão ficamos num...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mesmo nível.

Ricardo Costa: No mesmo... no mesmo nível de virtude, e isso não dá, não dá. Claro que para isto é um desafio porque nós ao mesmo tempo temos um canal de notícias, e um canal de notícias tem que tá no ar vinte e quatro horas por dia, e aí essa diferenciação não pode ser feita todas as horas aí, é impossível, nós temos... temos muito mais o jornalismo como commodity, por isso é que eu acho que o jornalismo televisivo vai variar um pouco entre o que é o calo, o que é o FTA ou televisão generalista, não é? E o que é o... e o que são esses segmentos de... de reportagem, de investigação, de trabalhos um pouco mais de fundo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ok.

Ricardo Costa: Tá bem?

Ana Paula Goulart de Andrade: Agora só pedir para tirar uma foto com você porque eu preciso registrar tudo da entrevista.

Ricardo Costa: Tá bem. Até (inint) [00:13:04] para UBI?

CMTV

Paulo Santos

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Paulo Santos

TEMPO DE GRAVAÇÃO

34 minutos e 34 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Na verdade, são perguntas bem simples como você já me falou, já me respondeu bastante coisa.

Paulo Santos: E se eu... e se eu não puder responder.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem problema, não tem problema.

Paulo Santos: Na verdade, sua apresentação, seu cargo e sua função aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim. Paulo Santos, é, eu sou diretor adjunto do Correio da Manhã e da CMTV. Quem é do Correio da Manhã também é da CMTV por inerência, digamos assim, (pelos cargos) [00:01:17], e... e é isso. A minha função de diretor, eu estou mais ligado à parte do... do jornal. É... é, nós temos uma estrutura em que há pessoas mais vocacionadas para televisão, outras mais vocacionadas para... para... para o jornal, o que não quer dizer que não haja uma ligação. Se houver, agora, uma questão vai me perguntar a mim, olha quem é (inint) [00:00:39], e eu decido se não estiver cá nenhum diretor que pudesse algumas vezes no meio à noite, eu decido o que que... o que que é pra fazer e como tenho 26 anos de Correio da Manhã, tenho uma facilidade de conhecer as pessoas até.

Ana Paula Goulart de Andrade: Até porque vocês prepararam essas pessoas pros outros meios.

Paulo Santos: Nós preparamos, e eu conheço, o tempo que estou aqui com você exatamente quais são as pessoas melhores pra fazer este trabalho ou para fazer aquele trabalho. Ou seja, estamos perante um jogo de futebol no aeroporto, naturalmente não vou mandar uma pessoa que está lá, pressioná-la para fazer um (treino) [00:01:13]. A menos que seja o último recurso, mas normalmente, e eu como (inint) [00:01:17], tenho essa facilidade, e eu me entrego um pouco a essa função de gerir, digamos, a... da ação para alimentar a televisão e para alimentar o jornal, e pra fazer aquela triagem que eu lhei falei, o que que vamos dar em exclusivo, o que que pra vender no jornal, o que depois vai... vai pra televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: E vocês apostam muito nos jovens também, né, eu vejo que tem... que tem a juventude aqui que/

Paulo Santos: Tudo nos jovens, nós... eu mesmo estou num grupo, não sabia o que perguntar quantos éramos, não, nós chegamos a (aceitar) [00:01:44] trezentas pessoas. Naturalmente que a primeira grande aposta foi nos jovens porque é... aqueles mais velhos não estavam em rendimento, ou vocacionados para aprender, (inint) [00:01:57] a fazer a montagem de programas, eram linguagens completamente estranhas, muitos jovens já tinha feito até como... de uma forma amadora, alguma coisa, alguma coisa meio assim, seria muito mais fácil eles aprenderem do que criaturas (inint) [00:02:12].

Ana Paula Goulart de Andrade: Eles são nativos digitais.

Paulo Santos: Já têm isso, e exatamente. E então o que que nós fizemos? Embora nunca, é, não me recordo alguma vez termos despedido alguém, nunca. Aqui ninguém se... não se despedem pessoas, pelo menos até agora (inint) [00:02:25].

Ana Paula Goulart de Andrade: Que incrível isso. Isso... isso me chamou muita atenção de vocês apostarem.

Paulo Santos: Nós podemos dizer assim, pronto, quem quiser sair nós damos, é, até acima daquilo que pelo menos estivéssemos... estivéssemos obrigados. As pessoas que quiserem sair normalmente saem, mas não, não despedimos ninguém. E a toda a gente tamos fumaçando, não... não fizemos, é, não separamos, não... não pusemos ninguém de parte. Toda a gente tem formação que é na montagem das peças, que é na apresentação em tudo, toda a gente, naturalmente que ao longo desses seis anos, que estou a responder a sua pergunta, (inint) [00:02:55] ao longo de seis anos, saíram várias pessoas. Até porque eu não tô com quarenta anos, portanto é natural que muitas dessas pessoas chegassem ao (inint) [00:03:02], é... é, e saíssem. E a partir daí, toda a gente que entrou, a gente, já vem toda a gente, que nós temos plataformas com universidade, é, em que fazemos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Quais são as universidades?

Paulo Santos: Eu, eu não lhe consigo dizer, mas por exemplo, a Universidade de Braga é uma delas, é, a Universidade da Beira Interior também, temos... temos alunos/

Ana Paula Goulart de Andrade: É onde eu faço doutoramento.

Paulo Santos: Nós temos, temos alguns protocolos com universidades, como a Universidade Católica também, tivemos e o que que nós fizemos, é... é, normalmente vêm estagiários que fazem aqui o seu estágio e um de nós pode ter já uma percepção daquelas pessoas que foram a evoluir mais rapidamente, ou rapidamente ou pra ir pra escrita, pra televisão, e a perguntar-nos, por exemplo (inint) [00:03:40], fazemos esse aproveitamento e aproveitamos pra algum grupo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E vocês são divididos aqui em editorias ou por funções, ou todo mundo faz a sua peça, o repórter monta a sua peça?

Paulo Santos: Não, nós estamos todos divididos por editorias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por editorias.

Paulo Santos: Ou seja, a parte da direção, quem, é, tem a responsabilidade dos órgãos de comunicação social estão todos centralizados, como diz. Mas depois, cada órgão de comunicação social tem a sua divisão própria. E o que que nós fazemos, nós fazemos exatamente (íamos recorrer) [00:04:07] ao jornal e os outros fizeram a mesma coisa. Íamos recorrer ao jornal, a forma de, é... é, de segmentar essa... essa...

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma diversidade.

Paulo Santos: (inint) [00:04:17], exatamente. O que que nós fazemos? O jornal tem várias, tem o Chamado Portugal, (inint) [00:04:21] sociedade, depois vamos ter a economia, depois tem a sociedade, depois vem a economia. O que o que que nós fizemos? Fizemos que cada uma destas bancadas que estão aqui corresponde

exatamente a uma destas secções que tá aqui no jornal. Portanto, é... não quer dizer que em caso de necessidade nós não vamos buscar aqui uma pessoa e colocar (noutra) [00:04:44], isso acontece muitas vezes.

Ana Paula Goulart de Andrade: E é bem o ritmo da própria perspectiva de vocês.

Paulo Santos: E tem que ser. Fazemos muito isso. Esse... essa, digamos essa mudança das pessoas.

Ana Paula Goulart de Andrade: De redação.

Paulo Santos: Mas nós não queremos especialistas, nós não somos muito especialistas, as pessoas têm que saber um bocadinho de tudo. E agora (inint) [00:05:02], mas tem que saber tudo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Senão não é jornalista, né (risos).

Paulo Santos: Exatamente, e por isso mesmo isso facilita-nos a nós que depois...

Ana Paula Goulart de Andrade: Flexibilidade.

Paulo Santos: Podemos flexibilizar atendendo, ontem por exemplo, o mundo... o mundo tem uma... uma, por exemplo, tem uma expressão menor, digamos assim, nesta nossa menor não, não é? Nesta nossa... não quer dizer que a gente não acompanhe. Mas nessa nossa estrutura não é tão grande. Tanto que a secção que eles têm é uma secção com mais tempo. Ontem com uma tragédia como esta é normal, né, para reforçarmos isso (inint) [00:05:34] chegar pessoas a vários sítios.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês têm vários correspondentes.

Paulo Santos: Temos vários correspondentes, no Brasil por exemplo, mas temos mais a nível nacional. É porque (inint) [00:05:43] os permite sim a algum telespectador fosse ver (inint) [00:05:47] ou fosse (inint) [00:05:50].

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Paulo Santos: Nós em pouco tempo teríamos lá, é a falar com a família ou com quem quer que fosse.

Ana Paula Goulart de Andrade: E é um pilar fundamental que você disse, é o radar ali, né.

Paulo Santos: O pilar fundamental é o radar. São pessoas que nós e estão aqui desde as oito da manhã, sete, oito da manhã e por tudo na... na, até as duas da manhã cuja missão é exatamente ver tudo o que existe.

Ana Paula Goulart de Andrade: É a partir dali que nasce a notícia.

Paulo Santos: E a partir dali que nasce a notícia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Checagem de...

Paulo Santos: Nós vamos chegar ali (inint) [00:06:20].

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, sem problemas.

(pausa) [00:06:21] – [00:07:15]

Paulo Santos: E é dali que nasce feito, é... grande parte das notícias vem ali, vem ali no radar, e vem também do... se é que ele está ao lado, que eu vou mostrar, que é o Portugal. O que que nós fazemos, mais ou menos da hora a hora vem aquela equipa que trabalha ali, faz as chamadas de, as chamadas pra polícia, liga pra polícia. (inint) [00:07:36] liga pra não sei que.

Ana Paula Goulart de Andrade: A ronda, né.

Paulo Santos: Exatamente, a ronda, faz a ronda. Portanto de hora a hora faz-se a ronda. Fazemos daqui e as diversas, é, ligações que nós temos fazem também essa, essa ronda. Portanto, tem notícia que ouvem devagar, ouvem dali.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na base pra poder distribuir em todas as plataformas.

Paulo Santos: Pra poder distribuir. Nós depois assimilamos, vemos se a notícia é verdadeira ou não é verdadeira, é, e a partir dali depois nós distribuimos essas... hoje em dia, daquelas notícias que é do crime e acidentes, não vale a pena estamos a guardar porque em tempo de (inint) [00:08:09].

Ana Paula Goulart de Andrade: E é um valor notícia que/

Paulo Santos: Aí sim, aí sim a rede social rapidamente vai (inint) [00:08:13]. Então tem essa... essa parte (no banco) [00:08:16]. Agora, se houver um crime (inint) [00:08:19] esse crime e vamos procurar saber quem são as pessoas, por que que o crime aconteceu. São coisas que a televisão já não... já não (adianta) [00:08:26] muito, mas (inint) [00:08:27] a investigar, mas não, não é, não... não... não...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não sustenta.

Paulo Santos: Não sustenta, não sustenta. As pessoas gostam de ver é o corpo no chão et cetera, mas que já não sustenta aquilo que... quando nós falamos muito em televisão e as pessoas não estão a ver, é, desligam assim um bocadinho, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: É, porque elas podem ver de qualquer lugar. Não é preciso mais...

Paulo Santos: Importante nós nesses casos vamos aprofundar um bocadinho pra saber quem é era esta família e (inint) [00:08:53] et cetera.

Ana Paula Goulart de Andrade: Apostar no assunto.

Paulo Santos: Apostar nisso. E essa aposta é entram aqui pra parte do...

Ana Paula Goulart de Andrade: Do (inint) [00:08:59].

Paulo Santos: Sim. No online, eu tenho a percepção, acho que é mais ou menos a percepção um tanto que está ligado a redes sociais, mais de três parágrafos, ou a pessoa se interessa no... pelo assunto antes (inint) [00:09:11].

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais do que isso, mais um título, né...

Paulo Santos: Mais de três, (inint) 09:13, mais o título que é pra chamar, o resto já não, e que é quando as outras também mostram que vamos mudando os títulos. E passa-se uma coisa muito curiosa. Nós temos um motivo, nós, aquela pessoa que está ali que eu já lhe vou dizer quem é, é, consegue saber quantas pessoas tão nesse momento a ver a tele... a telenotícia em tem... em tempo real.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, sim, sim. Em tempo real?

Paulo Santos: Está em tempo real, pronto, não... temos essa facilidade. A única coisa... a única coisa em que o papel que ainda não consegue a esse... essa... essa percepção quanto às pessoas é que hoje (inint) [00:09:41] na TVI 24.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na TV vocês têm também tempo real?

Paulo Santos: Na TV é (inint) [00:09:44].

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês têm a audiência da TV em tempo real?

Paulo Santos: Sim, sim, sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Paulo Santos: E... e no site em tempo real. Portanto, nós sabemos exatamente quantas pessoas estão a ver naquele momento.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lá no Rio, a gente tem o... o... a audiência de todas as TVs em tempo real. Então é uma loucura, porque eu como editora chefe, eu não sei o que eu coloquei no ar.

Paulo Santos: Nós também temos das outras, também conseguimos dizer sobre as outras. E então o que que acontece? (inint) [00:10:08] porque nós vemos ali uma notícia que, é, tínhamos por quatrocentos, quatrocentas pessoas a ver aquela notícia, como se costuma dizer, e basta mudar a notícia, pode ser a mesma, basta mudar o título e novamente aquilo, a pessoa... e só mudou o título, mais nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Incrível. Incrível.

Paulo Santos: Não mudou uma foto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu percebi também que na... na própria TV, vocês têm o título bem destacado.

Paulo Santos: Sempre destacado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não sei se vocês chamam de... é oráculo que vocês chamam?

Paulo Santos: É o oráculo. Isso, isso vem também aqui, foi uma apreensão do... do... do... canal que fizemos recentemente aqui (inint) [00:10:34], e essa é uma das características dele, as nossas manchetes, digamos assim, normalmente têm quatro palavras, que não sustenta mais também. Portanto, isto é, aquilo que se veem, e o que distinguia, hoje já não tanto, mas era isso que nos distinguia dos outros jornais, quem estivesse (inint) [00:10:48] consegue ver o que está aqui (inint) [00:10:50]. E aqui funciona um bocado assim. Temos em cima sempre, é, um alerta, digamos assim, aqui não consigo que eu já estou cegueta, ma... e embaixo (inint) [00:11:02], nó/nós temos... tem outras como a do entretenimento, (inint) [00:16:06] da manhã, mas que interrompemos depois, esta é outra como outra vantagem e pronto, que eu não expliquei.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em termos de semiótica, vocês tão...

Paulo Santos: Se houver... se houver um acontecimento qualquer, nós interrompemos qualquer programa. Não... não tem, e... e, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Dando lugar à notícia.

Paulo Santos: As outras televisões tão muito formatadas, tem que seguir ao alinhamento, né, se o programa tem duas horas, tem que levar até o fim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem que esperar aquilo ali acabar.

Paulo Santos: Exatamente. Nós, não. Isso houve, há programa, não há programa, (inint) [00:11:32], se não houver nenhum acontecimento, que justifica, não há esse...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês justificam a... a... vocês mudam a grade.

Paulo Santos: Sim, e seja... e seja novelas, nós temos uma novela também a seguir, seja o que for, não entra.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que incrível. A informação em primeiro lugar.

Paulo Santos: Sempre em primeiro lugar, sim. Por direto sempre é primeiro lugar. Portanto, hoje... hoje temos esses programas, muitas vezes não temos esses programas.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, a segunda pergunta é um pouquinho da sua trajetória, eu sei que deve ser grande (risos). Mas é bem resumido.

Paulo Santos: Sim, sim. Eu comecei nos jornais desportivos por volta de 77 precisamente. Comecei nos jornais desportivos, é, intervenções para a imigração portuguesa, foi-nos a pensar em eventos portugueses. Depois... depois tive ligado

a jornais, é, de (inint) [00:12:21] partidos, pois acabaram, havia... havia... havia três jornais à tarde, digamos assim, mal dá pra aguentar os da manhã, quanto mais os da tarde.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu imagino.

Paulo Santos: Não se consegue, não se consegue. Fazer a diferença, não é? Passei também por aí, passei depois... passei depois pros... pros jornais econômicos e, é, um... um colega meu que tinha estado comigo na tropa, ele estava aqui no Correio da Manhã, ia deixar o Correio da Manhã e, é, disse, olha, eu vou deixar o Correio da Manhã, se quiser vir pra o Correio da Manhã, é, e via pronto também, vou pra aí, e é curioso que ele agora é o diretor do jornal desportivo que é o Record.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Paulo Santos: Tanto chegamos os dois jornais à mesma coisa. Pois é um... é um trabalho sempre dentro do jornal, passei por todas as secções da minha especialidade, é religião, gosto muito de religião, gosto muito de perceber, digamos, os fenômenos religiosos, (inint) [00:13:22] em Fátima, deu susto neles e o fenômeno Fátima, não parece, mas é a minha área de fato favorita.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, é?

Paulo Santos: É, a minha área é de religião. Mas dentro digamos do... do jornal passei por todas as secções.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então sobre essa visão macro, não é à toa.

Paulo Santos: Não é à toa, passei por todas elas.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tá, passa um pouco pela tecnologia, né, você já me explicou um pouquinho como é que funciona aqui essa tecnologia. Qual a diferença que você vê, assim, sobretudo vocês estão de olho obviamente nesse telejornalismo contemporâneo, que a tecnologia traz um pouco das redes sociais,

mas que a gente também tem uma notícia que vem de fora para dentro, porque a gente tem vários agentes sociais colaborando com essa notícia. Vocês têm algum aplicativo aqui que vocês utilizem para essa checagem? Como é que essa... esse trabalho com a socie... a sociedade não, em termos de editoria, mas com o público de fora para dentro? Em termos de pauta, de sugestão, de aproveitamento de vídeo, de...

Paulo Santos: Temos, temos sim, e essa (inint) [00:14:24] aproveitamento viria de aproveitamento de... de... de fotos. Muitas das... das imagens que nós passamos sempre, nós temos um site por onde as pessoas podem enviar imagens. Muitas dessas imagens, é, vêm exatamente dos (inint) [00:14:42]. Primeiro é uma coisa é estar lá, é outra. E alguém que passa num acidente e filma, alguém que passa, é, numa outra situação e filma, e nós recebemos esses... esses vídeos. E é curioso porque depois... isso é muito importante, porque não nos limita. Depois temos que ir ao local, nós partimos normalmente o ecrã também, aí fomos um pouco inovadores em duas ou três.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu já vi até quatro.

Paulo Santos: Já vimos até quatro. Vamos dizer assim, imagem original que nos chegou, a imagem do momento e uma outra imagem qualquer se tivermos para transferir.

Ana Paula Goulart de Andrade: Elas não se rivalizam, se complementam.

Paulo Santos: Não se rivalizam, não. Apenas complementam. Ou seja, se o telespectador está a ver aquilo que estava a acontecer naquele momento e depois fica a ver aquilo que está a acontecer é...

Ana Paula Goulart de Andrade: No agora.

Paulo Santos: No agora. Portanto, esse... isso é, quanto ao resto, nós, é, eu/como houve há pouco, é, aqui um conjunto de pessoas que têm acesso (à internet) [00:15:39] mas que os meios para onde os leitores podem é, comunicar as suas, ou

levantar questões que nós depois vamos investigar ou não. Normalmente, são... são demasiados extensos e fica-se sem se perceber muito bem o que é que acontece, mas todos eles (inint) [00:15:55]. Se vierem com (inint) [00:15:57], nós ligamos, olha, explicamos lá mais sucintamente o que é que acontece.

Ana Paula Goulart de Andrade: Passa pela perspectiva da apuração.

Paulo Santos: E a partir daí... e a partir daí nós começamos a explorar esse... esse caminho. É, outras vezes são meios muitos sintéticos, eu tava ali a ver um de um acidente como esta manhã, duas pessoas morreram e então assim, são mesmo sintéticos. E aqui sim é que nós temos que fazer a checagem deste, mas é curioso porque quem está aqui há muito tempo, nós... nós conseguimos perceber o que daquilo é verdade ou não é verdade. Da forma que está escrito conseguimos nós ter uma percepção do que que se tá... o que é real ou não é real. De qualquer forma tenho sempre esse... essa... essa necessidade de se fazer uma checagem, é, uma checagem do... do... da informação que nós temos. Relativamente é um material tecnológico, nós temos um (direto) [00:16:43] específico só pra tratar dessa questão. Ou seja, é fundamental quando está no ar, seja ele pra o que for, que a emissão, não quero, não pode freeze a imagem, e aí houve de fato um trabalho de preparação muito grande para que isso não aconteça. Não quer dizer que não aconteça, acontece. Mas tecnologicamente nós estamos muito à frente de... daqueles que não... que tiveram que ir se adaptando. Eu não faço, então nós entramos logo já com os últimos... as últimas novidades do dia em termos... em termos tecnológicos.

Ana Paula Goulart de Andrade: E nesse sentido, tá mais difícil ser jornalista hoje? Porque você tem muitas possibilidades de fora pra dentro, mais cobranças, mais literacias, mais... outro tipo de organização que você precisa.

Paulo Santos: Sim, mas há... mas há um... há um ponto de que o fundamental que todo jornalista tinha no meu tempo há trinta anos sou jornalista, e tem hoje também, que é ter coragem, não é? Essa é o principal. Não ter medo. Porque nós...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você tem que ser um filtro cada vez maior.

Paulo Santos: Exatamente, nós, (inint) [00:17:41], está é o... o... a pessoa que criou, nós, é... é, tem que haver coragem. Sem coragem, nós não... não, e uma das, das... das grandes vantagens de todo esse projeto é que nunca houve, nunca houve (inint) [00:17:59] a ninguém, nem nos poderes econômicos, nem do patrão, nem ninguém nos diss/faz isto, não. Nós somos (inint) [00:18:05] daquilo que fazemos e ligamos logo aos patrões, eles não têm nada a ver com... com alunos gostam do produto, podem nos chamar e dizer (queremos isto) [00:18:14], queremos a previsão (inint) [00:18:18], que é uma coisa, um objetivo, que é normal, mas não há nenhuma interferência nisso. E, portanto, isto dá a todos os jornalistas de... a todos os jornalistas de... de... desta casa a liberdade de investigar o que quer que seja. No entanto, eu penso que a palavra é essa mesmo, é não ter... é ter coragem, não ter medo de fazer as coisas. Quer dizer, não chegar até a linha não é, não passar a linha, mas saber que existe uma linha e nós temos que reter essa linha. E, portanto, tira teu (inint) [00:18:45], ninguém está pressionado aqui, temos que fazer isto até amanhã ou não, se é um trabalho de investigação. (inint) [00:18:52], tem tempo, tem espaço, tem meios para fazer esse trabalho até o fim, e é esse trabalho de investigação que depois vai ser distintivo seja no jornal, seja na televisão, seja no que que seja. Agora, o que eu acho relativamente, não sei se acontece no Brasil ou não, mas em Portugal, que existe ainda, a escola, o ensino ainda não deu esse passo. É um ensino meramente teórico. Nós quando somos aqui estagiários, não fazem a menor ideia do funcionamento, nem previsão nem do meio, nem do jornal. Não fazem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aprendem por osmose.

Paulo Santos: E nem sequer, é, muitas vezes, em termos de escrita, é que não... não... não têm a mínima percepção das dificuldades que se encontram quando se está a fazer uma notícia. E... e esse... isso é um problema que (inint) [00:19:37] ainda não ultrapassou, e muitas vezes temos dificuldade, isso mexe com o talento de pessoas, exatamente porque não se consegue encontrar no mercado pessoas que têm essa... essa... essa capacidade e essa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Agilidade.

Paulo Santos: E essa agilidade de fazer isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: E a gente tá, é, assim, a tecnologia pro bem e pro mal, né, na medida que a gente recebe muitos vídeos também, a possibilidade de fake news, que aí tá uma coisa em voga, você... em algum momento a CMTV já errou em colocar alguma coisa no ar e teve que, é, desdizer aquilo ou... ou justificar o que...

Paulo Santos: Erramos já duas ou três vezes. E erramos, é, eu lembro-me de uma delas que foi uma situação de... de uma tempestade que houve e colocamos um vídeo, é, que não era daquela tempestade, era da dois anos atrás, e é um risco. E naturalmente quando isso acontece, voltamos a passar o vídeo e pedimos desculpas, e passamos um vídeo que não era este, fomos enganados. Pode acontecer.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso, é isso.

Paulo Santos: Pode acontecer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí vocês voltam e pedem... assumem.

Paulo Santos: Assumir claramente. Não temos qualquer problema, é, eu acho que isso é um... é um ponto de credibilidade para quem não está nisso, (inint) [00:20:52], toda gente erra, eu já erre aqui, erre em sítios, não é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não somos máquinas, né, não somos...

Paulo Santos: Não somos máquinas, erramos, somos ludibriados por oportunidades e situações. É, aliás, eu...

Ana Paula Goulart de Andrade: O que obriga também o jornalismo a ter, o jornalista também...

Paulo Santos: Eu vou contar, (inint) [00:21:06], é curioso, mas... mas é assim. É muito difícil combater. Há dias, é curioso, foi um fim de semana, eu estava aqui. É uma notícia dum ano em que estava destacado em (primeiro lugar) [00:21:17] e eu não percebi essa notícia. Fui falar com eles e... e (inint) [00:21:22] que notícia é esta que não, nunca vi isto. Não lembro de termos dado nada disto. Daí era uma notícia que alguém partilhou, que era (de fato) [00:21:31] nossa, mas que tinha três anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Três?

Paulo Santos: Hoje em dia era (inint) [00:21:35] qualquer coisa. Tinha três anos e ele partilhou aquilo lá, veio aqui mostrou em alto e toda a gente foi ver, a notícia tinha três anos. Portanto, não... não fizemos nada de errado, que isto está no editorial do site, mas de fato é algo que não estava, é, não estava... não era do dia, era uma notícia muito antiga. (Pausa curta). Eu estou assim por causa do ar condicionado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você quer ir pra outro lugar?

Paulo Santos: Diga?

Ana Paula Goulart de Andrade: Quer ir pra outro lugar, não?

Paulo Santos: Não, deixa (inint) [00:22:05] fica mais alerta, vai.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá.

(pausa) [00:22:08] – [00:22:51]

Paulo Santos: Mas os... os meios, eles (inint) [00:22:55] nós ligamos aqui, o que pode acontecer é, num acidente...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês usam muita coisa sem (inint) [00:23:00].

Paulo Santos: Num acidente, num acidente. É, a polícia dava uma informação que não, aparentemente não, depois daquela por não se verificaram uma pessoa que morreu, mas afinal não morreu. Uma pessoa está ferida, mas que não morreu, tanto é que... que nem sempre quando se... quando se fazem diretos, é, você pode...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você tem a peça.

Paulo Santos: (inint) [00:23:16] qual vai ser pior. É, eu lembro uma de que há pouco tempo fomos pra uma situação na semana passada em que tudo indicava que era um homicídio, era uma senhora que estava com muito sangue, caída na escada, partia-se que era um homicídio e a polícia, é, também entendeu que seria um homicídio. E pra verificarmos que foi uma queda acidental da pessoa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, mas se a polícia que é o órgão oficial também disse que é homicídio...

Paulo Santos: Também... também disse que era, é, ou que tudo apontava para que fosse e pronto, isto aqui pode acontecer. Não... não é uma coisa muito rara. É, acontece por vezes, é, e sobretudo, é, quando alguém está, digamos assim, clinicamente morto, mas está ligada a uma máquina, não é um morto, ainda não morreu. Ele quiçá vai morrer, mas tá a amanhecer...

Ana Paula Goulart de Andrade: Morte cerebral.

Paulo Santos: Ele deve ser... morte cerebral, deve ser para tirar os órgãos et cetera. É, e aí às vezes podemos, é, cometer o erro de ditarmos a matar alguém, eu costumo dizer assim, sem ela ainda ter morrido. Isso... isso são coisas que às vezes podem (de fato) [00:24:10] acontecer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas independente, nas redes sociais isso sempre aconteceu, né.

Paulo Santos: Sim, e depois voltamos atrás. A pessoa não está, não há problema nenhum nisso. Isso... isso pode ser...

Ana Paula Goulart de Andrade: É... é legítimo, né. É uma coisa que... me parece que isso até atrai mais, como você falou, a confiabilidade do telespectador.

Paulo Santos: Exatamente, atrai mais porque, pois, nós depois confirmamos e vamos dizer, mas afinal a pessoa ainda não está, (inint) [00:24:17].

Ana Paula Goulart de Andrade: Não somos deuses, né, da notícia.

Paulo Santos: E nem queremos ser.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em dez anos, eu tô fazendo um trabalho de dez anos de comparação. Em dez anos, o que que você acha que mudou no telejornalismo? Como que as tecnologias mudaram o telejornalismo nesse sentido e qual o papel da televisão? Já que tá descentralizada.

Paulo Santos: É, porque a televisão em termos de notícias não vale nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, que forte (risos).

Paulo Santos: É... é... é, a televisão absorve aquilo que é feito por jornais, aquilo que é feito pra rádio, aquilo que é feito pros online. A partir dali sim, não tenho propriamente... não temos um próprio. Aproveito aquilo que sei e o que sei (inint) [00:25:04].

Ana Paula Goulart de Andrade: Dez anos eu acho que...

Paulo Santos: Sim, é a mesma coisa. Não tem equipe pra... é evidente que, é, pode haver uma reportagem em termos até de mesmo de televisão, que é produção própria, mas produção própria mesmo num telejornal de uma hora, não tem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas você acha que teve interferência a partir dessas tecnologias ou não?

Paulo Santos: Não é uma espécie de comodismo porque o trabalho já está feito.

Ana Paula Goulart de Andrade: De um lado, é, as tecnologias...

Paulo Santos: Porque se apoia num... se... se vir um telejornal, não vai ver nada...

Ana Paula Goulart de Andrade: De novo.

Paulo Santos: De novo. Vai, que nós dizemos, vai pintar isto com mais cores, com imagens. Isto... que nisto é uma coisa, e já é um direto, um direto, com material novo, digamos assim, porque é uma coisa que está a acontecer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem uma identidade própria.

Paulo Santos: Mas é algo que está a acontecer, não é algo que tenha partido da... da investigação da televisão. A televisão não investigou nada. Aconteceu, vai lá, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Transmite.

Paulo Santos: Transmite. O jornal, não. O jornal investiga. E aí essa componente, e a continuar ser quase um exclusivo, vai no... no papel.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como você acha que a televisão vai tá daqui a dez anos? A tendência da televisão.

Paulo Santos: A tendência da televisão, é, vai ser na... na... na minha opinião, será isto que nós estamos a fazer em tempo real, digamos em estar no... no... nos lugares em tempo real, mas filmar de uma outra maneira. Não sei se... se com GoPro, se com o que quer que seja, mas filmado de uma outra maneira.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em direto.

Paulo Santos: Em direto. Em direto e com um realismo. Como aliás o cinema, é, que era de planos muito fechados, e parados, e a partir de uma determinada altura as máquinas começaram a movimentar. Aqui também vai ser um pouco isso. As máquinas de filmar vão se movimentar um pouquinho mais. Tenho a ideia que os câmeras irão desaparecer. O próprio jornalista fará esse tipo de... de... de trabalho, levará câmeras que fazem esse tipo de trabalho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá próximo do rádio.

Paulo Santos: É muito mais simples estar numa manifestação com uma GoPro na cabeça e vai falando com as pessoas e há o movimento à volta daquilo, um plano parado a filmar uma manifestação, isso já não interessa para nada. E eu tenho ideia que será esse o passo seguinte, de, é... é, de uma televisão muito mais mexida, não é? Muito mais... muito menos estática. Que ela ainda é... ainda é muito estática. Essa é aquilo que é a minha ideia. E agora, há algo que me parece, me parece que é fundamental, que é quem faz televisão, que é perceber pra que que está a fazer, para quem é que está a fazer televisão. Eu não estou aqui para fazer uma televisão para agradar a mim. Gosto daquilo que faço, mas naturalmente nem tudo que faço é aquilo que eu gosto mais, não decididamente. Mas isso... isso se sobrepõe àquilo para quem eu estou a trabalhar. E eu tenho uma percepção daquilo que é o meio público, tenho a percepção daquilo que são as pessoas (também) [00:27:47] e, portanto, tudo o que eu faço é um pouco em função disso. É dar às pessoas aquilo que elas querem, não aquilo que eu quero. Essa questão...

Ana Paula Goulart de Andrade: A ideia de ter esse público...

Paulo Santos: Se colocou... isso é bem aquela questão, desculpa, para muitos anos, que estamos aqui para educar, eu não... não... não... não... não acho isso. Acho que estamos aqui para informar as pessoas. Agora, temos que fazer, temos que dar aquilo que as pessoas querem ver. Não vale a pena estarmos a tentar levar as pessoas para caminhos que elas não querem, porque então és muito, muito pior que as pessoas pegam no comando e mudam de canal. Não vale a pena esse... esse caminho. E, portanto, dentro daquilo que elas querem de nós darmos o melhor e mais (inint) [00:28:22].

Ana Paula Goulart de Andrade: As pessoas querem ver muita coisa relacionada a morte, né.

Paulo Santos: As pessoas querem ver coisas que tenham a ver com elas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Trágicas.

Paulo Santos: Que tenha a ver com elas, né. A pessoa sabe que vai morrer e gosta de ver uma coisa relacionada com a morte da pessoa, e anda de avião e gosta de ver a rede nacional com acidentes, anda de carro, gosta de ver relacionados com (inint) [00:28:36].

Ana Paula Goulart de Andrade: É o que é na contramão da notícia, do natural.

Paulo Santos: E depois há, é, uma área que é mais fácil, é mais explorado. Nós aqui estamos a começar a explorar essa área, mas que ainda não está totalmente, totalmente explorada que é o mundo cor de rosa, que é aquilo que as pessoas sabem que nunca vão ter, (mas buscam por ter) [00:28:53], é um fascínio por aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma projeção.

Paulo Santos: Uma projeção, eu... é um sonho, uma projeção do sonho de pular do (cargo) [00:29:00] de vestindo o vestido assim da festa que não pode ir daqui (inint) 29:03 também. Isso prende.

Ana Paula Goulart de Andrade: Um pouco mais pro entretenimento, pro infotenimento.

Paulo Santos: É entretenimento, mas que abrange todas as idades, e abrange tanto o sexo masculino quanto o sexo feminino. O masculino também gosta de ver aquela... aquelas bobagens todas e aquilo tudo, e, é... é... é, e no fundo é a concretização de um sonho nosso através da... da televisão. Eu penso que esse (ramo) [00:29:27] ainda não está verdadeiramente explorado. Eu penso que isso...

Paulo Santos: E um pouco mais de especialização, né.

Paulo Santos: É muita especialização ainda, é, é evidente que o mundo não está totalmente, é uma coisa em Portugal, é outra no... nos (inint) [00:29:40] são milhões aqui são ... são (inint) [00:29:43], no Brasil serão centenas, não são tantos quantos. Portanto, e... este passo não será dado de uma forma uniforme, mas eu acho que esse é um caminho e que é o caminho do sonho, não é? Que é um... programa que tenha, um programa televisivo de automóveis em que a pessoa sabe que nunca vai ter aquele automóvel, mas gosta de ver quanto é que ele vale, quais são os confortos que ele tem, o que que faz na estrada et cetera. Acho que isso também/

Ana Paula Goulart de Andrade: De certa forma alimenta alguma coisa.

Paulo Santos: Alimenta, e, portanto, a televisão vai ser feita muito pouco disso, vai ser feita com um pouco dos sonhos que... que nós gostaríamos de ter, mas ainda não... nunca conseguiremos realizar ou dificilmente realizaremos, e aquilo que nos toca a todos nós. Aquilo que... em que nós nos conseguimos colocar, é... é, colocar no lugar da pessoa que está ali a sofrer ou ter qualquer situação, pode acontecer conosco, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Quanto às redes sociais, é a última pergunta. Quanto às redes sociais, assim, existe algum incentivo para que os próprios jornalistas promovam isso nas redes sociais já que vocês ‘tão em todos os lugares?

Paulo Santos: Nós... nós temos... nós temos o nosso Facebook que é... é, que o nosso Facebook, não sei se agora mais, mas alguma coisa nós, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês usam Twitter também...

Paulo Santos: Usamos o Twitter, o Facebook, usamos o...

Ana Paula Goulart de Andrade: Instagram.

Paulo Santos: O Instagram. Portanto, é aí que nós, é, temos o tráfico, digamos assim, da... das redes sociais. Eu continuo... eu... eu sou um pouco cético (inint) [00:31:03], não acho que seja, acho que... acho que, é, são... são... são perigosas até em determinado ponto. Porque as redes sociais começam a moldar uma espécie de um pensamento, e começam a... a, que a (inint) [00:31:21], que apelam (inint) [00:31:22], começam a formatar as pessoas. E nós vemos coisas com muitos cliques, com muitos likes, que são...

Ana Paula Goulart de Andrade: Algoritmos, né? Algoritmos mandando na vida.

Paulo Santos: Exatamente. Completamente, e são coisas aí sem o mínimo de qualidade, sem o mínimo de qualidade...

Ana Paula Goulart de Andrade: E às vezes nem... nem é verdade, né?

Paulo Santos: É isso, e nem é verdade. E... e... e é curioso que muita gente comenta coisas sem sequer ler. Já vai entrar nos critérios dos outros.

Ana Paula Goulart de Andrade: Só no título.

Paulo Santos: Eu acho isto muito perigoso, sinceramente, porque não... não, pra mim, porque tive muito tempo de formação, mas para essa, pra nova geração, é, em que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Se quer ver televisão.

Paulo Santos: Não, é incrí/incrí... exatamente, nem sequer veem televisão. Em que as redes sociais se sobrepõem mesmo ao próprio (inint) [00:32:01], não é? É... é, aquilo que pedem na escola é sobreposto àquilo que veem nas redes sociais. E as redes sociais passam a ser a realidade.

Ana Paula Goulart de Andrade: É onde o povo está.

Paulo Santos: De fato nós... onde o povo está, é aqui que nós vamos estar e é por ali que segue a...

Ana Paula Goulart de Andrade: Daí que é... que é minha pergunta, é exatamente isso. Assim, colocam ali/

Paulo Santos: (inint) [00:32:17] começam a fazer juízos, começam a fazer juízos sobre suas... sobre, é, instituições, sobre o que quer que seja, a partir da...

Ana Paula Goulart de Andrade: Instituições radicais.

Paulo Santos: É, exato, a partir de comentários, a partir de comentários e que nem sequer leram, nem sequer fundamentam.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma desinformação.

Paulo Santos: Completa desinformação, é perigosíssimo esse caminho, esta completa desinformação que existe, é, e, e, e, e... as pessoas nem sequer questionam, já não há sequer quem questione. E se alguém vai questionar, é, numa rede social, o que quer que seja, é imediatamente criticada, é ofendido, não há regra nenhuma, eu posso chamar os nomes que quiser numa rede social. Ninguém...

Ana Paula Goulart de Andrade: É um território livre.

Paulo Santos: É um território livre, e isso também é perigoso porque nós podemos através de uma rede social deitar alguém abaixo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim. E daí você... você colocando, é, o jornalista aqui representando a CMTV, dizendo que você tá num sítio e veja, né, sinergia, veja no... daqui a pouco no jornal tal, veja no... e isso é uma forma de você atrair esse público com uma credibilidade, e/

Paulo Santos: Sim, exatamente. É esse... é essa forma. Mas já tenho feito. Por exemplo, é... é, já tenho feito desses tais oráculos que vemos ali, é... é, fazem print

screen, cortam e fica a frase, a frase fica mais completamente (editada) [00:33:35].
E põe aquilo no Facebook.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Paulo Santos: É verdade. (Então quem quer dizer nova CMTV) [00:33:39] e põe aquilo no Facebook.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que isso.

Paulo Santos: A ver. E como é que nós depois vamos manter...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas é até digno de processo.

Paulo Santos: É ver... mas não dá nada, não dá nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Caramba.

Paulo Santos: É verdade, e bom, ou se desse seria daqui a dez anos e também não há (inint) [00:33:53], ou seja, isto é, de fato perigoso, que a manipulação, mesmo que vá consigo, se calhar sempre vai 'tar aqui ditado uma frase, aquilo que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah não, isso aí é (inint) [00:34:01], lógico, lógico.

Paulo Santos: Completamente distorcido aquilo dali. E isso faz-se muito atualmente para... para... para combater, nem sequer são inimigos. E eu penso que há pessoas que não têm mais o que fazer na vida e então vão para as redes sociais combater o... o... e... e... e, não é só (inint) [00:34:16], é de fato a ofensa, a crítica. E por conta da limitação/

Ana Paula Goulart de Andrade: Discurso de ódio.

Paulo Santos: Discurso de ódio, (não os personagens) [00:34:21]. Olha, nós já vamos continuar, eu tenho uma reunião às onze e meia. Que horas são?

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, não. Não tem problema.

Paulo Santos: Ah, onze e quatorze.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem problema porque eu acabei.

Paulo Santos: É, não. Venha para aqui (inint) [00:34:29] lhe mostrar, tenho uma reunião que faço em dez minutos, é rápido. Tenho que p/

Banda TV

Jordan Alves

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Jordan Alves

TEMPO DE GRAVAÇÃO

26 minutos e 29 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então 3, 2, 1, gravando com Jordan Alves.

Jordan Alves: Você quer ir para um lugar mais/

[interrupção no áudio]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então 3, 2, 1, gravando com Jordan Alves, é esse o nome que você usa?

Jordan Alves: Isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso, apresentação, teu cargo, tua função.

Jordan Alves: Eu sou Jordan Alves, eu sou jornalista correspondente do SBT no Bra... aqui em Portugal faço reportagens para o Brasil.

Ana Paula Goulart de Andrade: E na TV, na Banda TV, você trabalha com...

Jordan Alves: E na Banda TV eu sou social media, eu cuido de redes sociais, ou seja, a imagem da emissora, a imagem da TV nas redes sociais, e em breve eu vou ser apresentador de um jor... telejornal esportivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito chique, gente. Beleza. É, uma trajetória rapidinho, eu sei que foi muito, muitos lugares e tal, de onde você trabalhou até você chegar aqui, né, até a tua vinda para Portugal.

Jordan Alves: (risos). Então, eu nunca tinha trabalhado em nada que não fosse em Comunicação. Eu saí da faculdade e, saí da faculdade, ainda na faculdade, fui fazer um estágio numa rádio FM, no... no Brasil, no Rio de Janeiro, que chamav/chamava Nativa FM, é uma extinta rádio que é do grupo da Rádio Tupi. Então ali eu como estagiário de promoção, que eu cuidava de... de promoções e dos shows e os eventos das rádios, que eu achava o máximo na época, só que eu sentia falta da notícia, da informação, e fui sendo colaborador da... da Rádio Tupi. Ou seja, como era a mesma empresa, eu recebia o estágio da Nativa e f/além do meu horário, eu passava do meu horário fazendo, sendo colaborador da Rádio Tupi. Dali, eu fiquei

um ano, é, nesse estágio e fui para a TV Bandeirantes, para ser estagiário da TV Bandeirantes no... no Rio, e aí fiquei quatro anos e meio entre estágio, contratação como trainee, e aí passei por apuração, por produção de pauta, aí fazia a apuração da madrugada e ia pras externas para fazer as reportagens. Era... foi um período bem legal. Nesse período eu ainda fazia reportagem pra BandNews, eu fui pra/passei um período na rádio, na BandNews FM e da Band eu conciliava com a TV Brasil, que é TV pública, então eu gostava muito dessa... dessa pegada da TV pública. Eu tinha, era produtor do Sem Censura, produtor de cultura, então eu vivi em dois mundos, né, era madrugada nos factuais e as tardes na... com as pautas de cultura. Isso também foi uma fase corrida, mas bem legal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não teve fase não corrida, né.

Jordan Alves: Não teve fase não corrida. Essa coisa de conciliar duas emissoras era bem... bem presente na minha vida, assim. Saí da Band e da... do Sem Censura para trabalhar na Record, na Record no Rio eu fui pra fazer o Hoje em Dia, porque eu tinha saído do Sem Censura, então eles gostavam dessa ideia de fazer Hoje em, o Hoje em Dia, fiquei nove meses no Hoje em Dia e dois anos depois no RJ no Ar. Hoje em Dia era produção de pauta e produção de externa, e no RJ no Ar eu comecei fazendo produção de pauta e depois passei a fazer coordenação de ao vivo, que aí foi, posso dizer que a experiência mais enlouquecedora da minha vida porque é tudo muito rápido, é... é, o switcher, né, a régie aqui em Portugal, então não tem tempo pra erro, né. Se errou, errou e... e acabou. Você tem que ter um raciocínio rápido, coordenar repórteres...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tomada de decisão, né.

Jordan Alves: É um... é um, é decisivo. E de manhã abrindo a emissora...

Ana Paula Goulart de Andrade: E trabalhar com o editor chefe, né, que é o último filtro do...

Jordan Alves: E... e essa, é. Você ali o tempo todo com os repórteres e com o editor-chefe e ele te dando as coordenadas do que você fazer, você ajudando as

avaliações, as decisões, sugerindo coisas, foi uma época de muito aprendizado, foi sem dúvida alguma fantástico. Saindo dali, fui pro/voltei a fazer entretenimento, área de realities na TV Globo, The Voice, Big Brother e SuperStar, realities musicais e veio a oportunidade de ser repórter aéreo de rádio, voltar a fazer rádio, que eu amo, e é assim como/eu amo audiovisual, né, eu gosto muito de TV, eu sou apaixonado por televisão e sou apaixonado por rádio. Eu nunca fiz impresso, então não sei como é. Eu fiz online, faço online, então acho legal também, mas a mídia impressa eu nunca tive a oportunidade de fazer. Na reportagem de... sendo repórter aéreo, fiz CBN, Rádio Globo, Paradiso e fiz a Rádio Tupi durante um período, e os últimos anos é eu fiz a... fiquei... eu substituí o Genilson Araújo, ele saiu da, depois de 19 anos de, é, CBN e Rádio Globo, ele foi pro... pra TV Globo, eu fui a voz que substituí, fui substituí-lo na CBN e na Rádio Globo e, assim, é aquela coisa de você fazer, noticiar diariamente durante duas horas do helicóptero com condições climáticas adversas, isso... (suspiro), é...

Ana Paula Goulart de Andrade: É cansativo.

Jordan Alves: É... é cansativo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E é uma missão.

Jordan Alves: É uma missão, é uma missão. E aí vim pra Portugal para estudar e cá estou, comecei a fazer reportagens pro SBT, é, e aí foi de fato a primeira oportunidade de estar na frente das câmeras, é, e... e colocando, assinando, é, o meu nome de frente às câmeras fazendo reportagens pro... pro Brasil. Comecei já com factual, que foi quando eu sugeri pra eles um ato da Marielle Franco que teve aqui em Portugal, eu já tava muito sensibilizado e aí eu percebi a oportunidade de oferecer as reportagens e tá rolando, eu tô muito satisfeito, e veio o trabalho na Banda TV.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como... como, é, correspondente aqui, já entrando no campo da tecnologia, como é que é essa vida de... de... de correspondente se virar no teu celular, editar, fazer seu material, se pautar, né, sugerir, porque afinal de contas você tá aqui no campo, é você que tá sabendo o que

tá acontecendo por aqui, por mais que as agências de notícias alimentem, né, a redação no... no Brasil. É, o que que você acha que a tecnologia nesse sentido, vamos colocar aí uns dez anos, modificou o tele, o telejornalismo em si?

Jordan Alves: Modificou muito. Há dez anos eu não pensaria em hipótese alguma de ser eu equipe em televisão. Ter que fazer tudo, apurar, sugerir, é, contestar as pautas que não foram aprovadas, é, enxergar com uma outra ótica, trabalhar basicamente sozinho e... e a campo. Eu, o meu tripé, meu microfone, meu celular, telemóvel como eles chamam aqui, é, posicionar o celular no tripé e... e gravar. E isso é que é realmente, pra mim é... é muito cansativo em algumas situações, porque quando você tá numa pauta que é o factual, que tá acontecendo e tudo, você consegue se virar melhor, eu tenho essa sensação, agora quando é algo produzido, é, e aí você precisa realmente de caprichar nas imagens e ter um outro olhar, isso, eu sinto falta de um repórter de imagem pra poder ter essa troca. Agora, o modelo atual é... é, das correspondências, tem sido esse, assim. É, por conta das demandas, que às vezes não são diárias, então você acaba tendo que, que fazer tudo sozinho. Mas teve essa mudança e acredito que mudou, não vou dizer pra melhor, mas assim, é uma outra ótica porque há dez anos acho que era impensável você fazer televisão, é, fazer uma reportagem de televisão sozinho. Hoje em dia, a gente já sabe que é possível. Não... não... sem... sinto falta sim de um repórter de imagem, mas a gente consegue noticiar e consegue reportar, que o principal é a notícia chegar, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Falando de notícia, a gente fala automaticamente de apuração. Em termos de apuração, a tecnologia te facilitou em termos de aplicativo? Como é que cê busca isso? Porque os correspondentes historicamente vão por conta das agências de notícia né, cê não pode tá, a CNN, sei lá, Guerra do Golfo, você vai, né, por conta de... de agências de notícias, grandes tragédias, enfim que justificam a aparição, é, mais comum dos correspondentes. Você vai a algum aplicativo, você se pauta por... tem alguma facilidade de aplicativo, você utiliza isso, você busca nas redes sociais? É, como que é essa apuração, como é que é essa busca pra ser um filtro? E aí um filtro de uma forma mais profissional nesse sentido.

Jordan Alves: Então, eu bu/eu... óbvio que as agências de notícias, assim, elas ajudam demais porque eu tenho os alertas no telefone, justamente a tecnologia mais

uma vez ajudando, né, você fica com os alertas de... de, de notícias e também você, eu acho que o principal é você dar aquela preservada também na... em algumas fontes assim, tipo o... o contato que você fez com determinada assessoria, com determinado órgão, você tá sempre ali, mas a... eu acho que o imediatismo ainda vem das agências porque como você tem que fazer tudo sozinho, a primeira coisa que eu faço quando acordar é fazer uma varredura nos sites, nos portais de notícias, olhar as agências todas, ver o que... o que tá acontecendo porque se eu precisar avançar com alguma coisa, a decisão tem, já tem que ser tomada assim que... que você acorda, então acho que a tecnologia ajuda nessa forma, de você pegar e... e def/decidir o que você vai fazer, mas é só um ajuda. A apuração precisa ser precisa, a checagem tem que acontecer via telefone, não tem como...

Ana Paula Goulart de Andrade: E... e numa medida que você tem mais imagens de fora, é, pra dentro de uma redação, né, mais imagens cedidas, mais imagens, é... é, fakes, né, mais informações, fake news tá aí né, a gente tem a... isso muito em voga, você acha que o trabalho do jornalista aumentou, é, a literacia, né, a competência, como a gente chama, é, as cobranças aumentaram? Você acha que o jornalista hoje tem uma, uma cobrança maior, um, um compromisso maior numa redemocratização da profissão, já que muitos anch/acham que tá em crise, eu prefiro... eu prefiro usar o termo transição, mas, é, algumas pessoas acham que o jornalismo tá em crise por conta do... dessa ideia de jornalismo cidadão, a gente tá na rede, todo mundo pode tudo, todo mundo, é, noticia tudo, pra que a figura desse mediador?

Jordan Alves: Sim, sim. Eu acho que essa crise que as pessoas falam, que eu também prefiro enxergar como uma... um momento de transição, eu acho que cada vez mais a função do jornalista, ela vai ser fundamental, porque a checagem profissional, você ter acesso a órgãos oficiais, a checagem profissional, a experiência de quem tá, é, acostumado a lidar com informação e com notícia todo dia, que sempre vai fazer a diferença. Então assim, é, eu acho...

Ana Paula Goulart de Andrade: A questão da credibilidade.

Jordan Alves: Total credibilidade porque assim, você saber que você vai a... acessar uma agência de notícia, você vai, é, isso por telefone, ou se você vai ligar a TV ou se você vai ouvir o rádio, ou se você vai, é, é, buscar essa, você sabe onde buscar uma informação de cred/verdadeira e uma informação com... com credibilidade. E isso é que eu acho que vai fazer a diferença e essa transição acho que eu vejo um futuro e eu espero que seja assim, cada vez mais as pessoas precisando da informação correta, é nisso que eu acredito, então assim, você, é... é, precisar, é, dessa informação, porque jornalismo você trabalha em prol da sociedade, então assim, você tá ali trabalhando pra você informar, então pra informar, você tem que ser profissional, você tem que checar ou você tem que ser capacitado, você tem que ser um órgão oficial de informação.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tá, é, num modelo, num momento pelo menos, é, que o online, ele tá não competindo, mas buscando talentos como ao vivo, o direto por exemplo da TV e trazendo mais pra ele. Óbvio, o jornalismo tem que tá onde o povo tá, afinal de contas é uma função de disputa esfera pública democrática. Mas o jornalismo também é um negócio. Você trabalha com o online, você tem essa função de visibilizar a Banda TV, é nas redes. É, que que você acha, qual interseção que você acha assim, de bom e de ruim que as redes trouxeram? Porque nessa mesma... nesse mesmo pensamento que qualquer pessoa faz uma live aqui e tá informando alguma notícia, sendo ou não jornalista, como é que você acha que o jornalista tem que, é... é, intervir nesse... nessa... nesse meio entre o telejornalismo e as redes sociais, sobretudo no ao vivo, o direto?

Jordan Alves: Eu acho que o principal é a chancela de você ser um profissional. A partir do momento que você é um profissional, cai por terra qualquer outra notícia amadora. Quando eu digo cai por terra, é o seguinte. Óbvio que a colaboração da sociedade, é, eu acho que a sociedade acaba com/pode contribuir e deve contribuir, colaborar para que a notícia chegue até um veí/chegue até um... um órgão oficial pra ele sim trazer e trabalhar a notícia de uma forma, é, correta, de uma forma, é, oficial, checada, para poder difundir isso. Agora a rede social, óbvio que ela mudou a forma como as pessoas se comportam, mudou a forma como a gente... como o consumo e como as pessoas se comportam e como as pessoas s... imaginam a, a... e... e... levam a vida, tipo desde a vida pessoal como até a vida profissional, mudou

muito a forma como... como as pessoas enx, enx... consomem internet. Agora, é aquilo, se você não consome, é... a, a pior desvant/a maior desvantagem que eu vejo, tipo, o pior de tudo é a crítica infundada. Assim, o que eu vejo hoje, a crise no digital hoje pra mim é uma crise da... da raiva, o ódio a qualquer custo, então a pessoa imagina que ela precisa, é... é, dar opinião sobre tudo. As pessoas têm liberdade? N liberdades, mas assim, eu acho que existe também uma responsabilidade sobre aquilo que se é compartilhado, sobre aquilo que se é, é... é, comentado, curtido e comentado. Acho que cada vez mais a gente deve caminhar para isso que é, para uma punição, pra um compartilhamento equivocado de, não só de notícia, mas eu acho que um compartimento... um compartilhamento equivocado e impróprio e irregular de... de um conteúdo. Porque eu acho que a crise no conteúdo hoje em dia é isso, assim, você precisa se ter responsabilidade sobre os seus atos. Sejam eles dentro do seu trabalho, dentro da sua casa ou na rede social. A gente precisa ter esse... essa, é, ter essa consciência do que a gente tá compartilhando.

Ana Paula Goulart de Andrade: E aí você acha que nesse sentido, por exemplo, numa... numa empresa, o jornalista é mais cobrado? Existe outros constrangimentos, existem outras cobranças, por exemplo, de você colocar até na rede social o que vai ser visto na TV...

Jordan Alves: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, de você ter esse imediatismo cada vez mais, é, rápido, se a gente pode falar imediatismo mais rápido, mas ter essa tomada de decisão, ver as respostas que...

Jordan Alves: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: O famoso 'temos isso', mais rápido porque o concorrente deu ou porque alguém publicou/

Jordan Alves: Sim, eu acho que é fundamental você não esperar o momento para noticiar na televisão. Assim, aquela coisa de você guardar o/a não ser que fosse,

seja algo que não, o factual ele tem que aconte... ele aconteceu, ele tem que tá aí, é, divulgado, a gente o/a gente não pode sentar em cima da notícia, né, como se diz antigamente. Agora se você tem um conteúdo que ele é produzido, que ele foi pensado, que ele não vai mudar, é, em nada no mundo se ele for, é, divulgado uma hora da tarde ou a oito da noite, ok, aí você prepara um cross ali, tipo, de você... como você vai noticiar na... nas redes sociais, como você vai noticiar na televisão ou como você vai noticiar no rádio, eu acho que essa conversa das mídias é cada vez mais é fundamental, e a cobrança, ela vai existir pra que você pense, acho que o profissional de comunicação hoje, principalmente com rede social, ele precisa entender que as mídias, elas se conversam, então eles precis/ele precisa entender em que ângulo, em que ótica está cada notícia, para qual veículo de comunicação, qual veículo, qual mídia você vai usar. Você vai usar em todas? Então você pensa de que forma você vai usar essa... essa notícia em cada... em cada mídia que você vai, vai alcançar.

Ana Paula Goulart de Andrade: E essa ideia da televisão ubíqua, né, da onipresença da televisão, hoje por exemplo os jovens não sentam como antigamente à frente da TV, de um aparelho de TV, pra poder assistir. Eles assistem eventualmente uma notícia que foi compartilhada no celular, você acha que precisa existir um movimento, já que você tá falando de união, de sinergia de mídias, nesse sentido? Você acha que talvez o... o... o renascimento ao qual a gente se refere no jornalismo seja por aí?

Jordan Alves: Olha, acho que é isso, assim, tipo, você justamente precisa, precisava... precisava, e hoje em dia mais do que nunca a gente precisa mudar esse renascimento. Então assim, é, e esse... e acho que cada vez mais pra alcançar esse público, você tem que ter essa mudança, você tem que pensar, é, lá na frente, o que que esse... esse... esse consumidor, o que que esse público, como a gente chega até ele? Se for de uma forma de mudar a forma como trazer também talvez uma outra perspectiva de... de formato, de... de telejornal, uma outra perspectiva de formato de notícia, ok.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na apresentação, na estética.

Jordan Alves: Na apresentação, na estética.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas aí (não foi) [00:17:48] mesmo saber de apuração.

Jordan Alves: Sim, sem dúvida alguma, ainda com... com a mesma... com a mesma, é... é, com o mesmo profissionalismo, com o mesmo imediatismo. Eu acho que a... a... o, a checagem da informação, da notícia, ela é primordial. Isso não muda.

Ana Paula Goulart de Andrade: É insaciável, não tem que saciar, né.

Jordan Alves: É, isso. Isso é essencial. Agora o modelo como ela é... ela é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Apresentada.

Jordan Alves: Ela é apresentada é que eu acho que ain/já é possível você buscar uma... um outro modelo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma nova apresentação.

Jordan Alves: Complementar. Não que o antigo vá... vá cair ou vá sair, mas é pra você chegar até o...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que esteja de acordo com a geração millenium.

Jordan Alves: Com outra faixa etária, exatamente. Até em termos de texto, principalmente. Como... como chega essa, essa informação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso já é nossa próxima pergunta. Como é... você acha que falta, de uma maneira geral, né, nas emissoras, uma perspectiva de interatividade e interação com as TVs? Antigamente, bem antigamente a gente tinha as cartas, tinha os e-mails, tinha os telefonemas, né, a gente tinha os telespectadores por essas vias, hoje eles vão de uma forma de catarse, de fazer uma catarse nas redes

sociais e... e muito pouco nos sítios das emissoras, eles vão nas redes sociais pessoais, em... as emissoras que vão em busca garimpando esses assuntos, é, soltos, né? Você acha que/o que que a gente... o que que seria possível, na tua opinião, uma questão de inovação, de interatividade nesse sentido? Existe inovação e interatividade no telejornalismo para com as redes sociais?

Jordan Alves: Olha, eu acho que pode existir sim e, só que é aquela história, eu não sei se, eu, eu, eu parto do seguinte princípio, eu não... eu não acho que dar voz ao... ao público, dar voz ao telespectador, é, dar voz ao ouvinte, na maioria das vezes seja a melhor das opç/das opções, porque se você dá essa... essa voz sem checar o que tá acontecendo, eu acho que é aí é trunca/truncagem das informações, (inint) [00:19:53] da notícia.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:19:56] retransmitir alguma coisa que tá no senso comum.

Jordan Alves: Retransmitir, exatamente. Então, é, eu acho que o perigo tá aí, você fazer jornalismo, é, em cima de opiniões do público. Não, eu acho que o público se espelha.

Ana Paula Goulart de Andrade: É ao contrário.

Jordan Alves: É ao contrário, isso acho que esse, esse papel, não enxergo isso como... como um caminho. Não acho que tem que, vai existir essa... essa troca. Eu acho que cada um no seu quadrado, o... o público, telespectador, ele presenciou, ele vivenciou, ele viu, ele tem uma denúncia ou ele, é, acabou de testemunhar um... um acontecimento, é eu acho que como cidadão, faz parte dele também, é, chegar e comunicar a um órgão de... de emiss... de... de imprensa, assim como ele ligaria pra um corpo de bombeiros pra poder pedir um socorro, é, e depois falaria com a imprensa, olha, aconteceu uma situação assim, assado, é, ou então aquela notícia de alguma forma vai chegar na... na emissora, né. Só que ele ser o repórter é que eu acho crítico.

Ana Paula Goulart de Andrade: Algumas emissoras, e aí desde web 2.0, possibilitou, né, que esse cidadão fosse, é, o próprio produtor, circulador e... e... e receptor da tua mensagem, é, incitam isso, né, elas... elas, é, investem em você cidadão, você repórter numa perspectiva econômica, capitalista, de você buscar essa audiência para si. Você concorda com isso?

Jordan Alves: Olha... vamos pensar. [pausa curta].

Ana Paula Goulart de Andrade: Talvez se trazer esse material, esse material passasse por um... por um gate e aí sim fosse apresentado.

Jordan Alves: Aí sim, aí sim. Porque eu acho que... você tem que ter um olhar profissional. Eu acho que não uma supervisão, mas um olhar, um trabalho mesmo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Até pra saber o que que vale notícia, né, a notícia, que se não tudo vira notícia.

Jordan Alves: Tudo vira notícia, a gente precisa ter, nunca deixar de perder esse olhar, essa ótica de avaliar essa avaliação que... do que vale e o que não vale.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, como que você utiliza as redes sociais? Como é que você separa rede social sua, Jordan, e como é que você separa as redes sociais de trabalho? Ou não existe, ou é uma coisa só?

Jordan Alves: Então, eu uso o LinkedIn um/somente de uma maneira profissional, porque ele é para isso, mas eu tenho rede... a minha rede pessoal, o Facebook é uma rede pessoal, que ali 'tão, apesar de ter colegas de trabalho, apesar de ter, é, pessoas que me adicionaram por algum motivo profissional ou outro, mas assim, eu utilizo da seguinte forma, o bom senso na hora de apertar o botão, é o bom senso na hora de dar o click ali. Eu utilizo muito o Twitter de uma maneira, eu uso... eu posso dizer que eu uso bastante muita rede social. Eu uso como eu falei o LinkedIn, somente uso profissional, pra consumir, pra compartilhar, não só os meus trabalhos, pra poder também, é, comentar, curtir e compartilhar o trabalho da... da minha rede de contatos lá, eu uso o Facebook como rede pessoal porque ali eventualmente tem

alguém, uma pessoa ou outra (em mente) [00:23:17] profissional. Uso o Twitter mais como fonte de informação, eu leio muita notícia pelo Twitter, principalmente estando aqui em outro país e vivendo, é, num país que não é o meu, eu sigo ali, é, contas de pessoas que estão no Brasil e que estão em Portugal, então nisso é quem... é que também me ajuda a... no meu dia a dia da notícia. Agora é aquilo também, e o Instagram, que é uma rede pessoal que eu tenho também um, um certo cuidado, então quando eu acho que o bom senso é, é esse na hora de você, apertou o enter ali, apertou o... o send, é você e as pessoas... é você e ali tá o Jordan pessoal, o Jordan profissional, é, então você tem que saber o que você tá... tá postando. Então opiniões políticas, é, opiniões às vezes, muita das vezes, é... é, da sociedade, do que tá acontecendo, enfim, você tem que ter um... um critério de avaliação na hora de você fazer uma publicação. Esse... esse não é que seja o modelo correto, essa... essa é a minha verdade, é o meu... é o modelo que eu escolhi porque eu não teria paciência de ter uma conta fechada pessoal e somente pros meus amigos e depois ter uma conta...

Ana Paula Goulart de Andrade: Várias identidades.

Jordan Alves: Várias identidades, assim, eu... pra mim não, não, mão, não há motivo pra isso. Então eu acho que tá ali no meu feed, ele já passou por um critério de avaliação. Embora, por mais que eu esteja às vezes, faça uma publicação num... num ambiente de lazer, sabe, tipo, num horário aleatório, mas o/eu apertei o send, ele já passou por uma... por um critério meu pessoal de avaliação de não prejudicar...

Ana Paula Goulart de Andrade: A sua imagem profissional.

Jordan Alves: A minha imagem enquanto profissional. É isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pra finalizar. Como que você acha que o telejornalismo, é, como toda essa interferência das redes, vai estar daqui a dez anos? É difícil (risos).

Jordan Alves: Eita. Eita, eita, eita. Eu acho que cada vez mais as pessoas vão consumir telejornal pelo celular, eu acho que já é possível, super possível isso, mas eu acho que essa cultura vai ‘tá mais embutida ainda, de você ter as plataformas streaming, se você tiver a ler as plataformas, é, digitais que possibilitam isso, eu acho que é o...

Ana Paula Goulart de Andrade: Enquanto telejornalismo, não enquanto rede.

Jordan Alves: Enquanto telejornalismo, não enquanto rede, enquanto telejornalismo. Eu acho que você vai consumir notícia, é, eu acredito muito num formato de pílulas de notícias, assim, tipo, que eu acho que pra web funcionaria muito assim, quem sabe seja um novo mercado de você, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Novo projeto, né?

Jordan Alves: Novo projeto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acabou de pensar num projeto.

Jordan Alves: Pois é, então assim, de você não pensar em... em notícia somente naqueles horários estipulados de telejornal, você pensar em notícia a partir do momento que ela chegou, ela já vai ser...

Ana Paula Goulart de Andrade: E sem que... e sem que o... que o consumidor também possa programar, que hoje (inint) [00:26:11].

Jordan Alves: Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, se programar, voltar a gravar, enfim, é, você poder ter isso também num... num streaming.

Jordan Alves: Sim, eu acredito muito nisso (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito bom. Perfeito. Eu acho que você acabou de ter um grande projeto.

Jordan Alves: Pois é (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha só. Pesquisa só te leva a isso. É sério, eu/

José Mussualli

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

José Mussualli

TEMPO DE GRAVAÇÃO

14 minutos e 55 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: 3, 2, 1, gravando com JoséMussualli. É, na verdade, é, a Banda TV tem seis anos.

José Mussualli: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Seis anos. E antes de trabalhar na Banda TV, qual foi sua trajetória?

José Mussualli: Olha, eu tenho uma... uma trajetória longa. Não quer dizer que eu seja velho (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

José Mussualli: Eu comecei pela rádio, portanto cinquenta anos. Eu sei que não parece, mas tenho. Sei que pareço mais... mais jovem. É, eu comecei, é, na longínqua década de 90, no século passado, no início, a trabalhar na rádio, pronto. Porque eu tenho um irmão que fazia rádio, é, nós tivemos aqui uma época em Portugal final do... da década de 80 para aí em que houve o aparecimento de muitas rádios, que eles chamavam rádios piratas. Havia as rádios nacionais do estado e as rádios autorizadas. E entretanto, começaram a surgir rádio em, por todo lado, todos os conselhos, pronto. É, e então, o meu irmão fazia um programa de rádio nessa rádio, é, numa (Agência do Tejo) [00:01:00], pronto. E eu comecei, é, como era um programa de música negra americana, e eu na altura era especialista nesses tipos de coisas, é, nós tínhamos, é, eu ia fazer, é, portanto fazia a produção do programa, pronto. O meu irmão naquela altura estava, é, na... na tropa, pronto. E um dia foi fazer uma missão ao estrangeiro, e então o diretor da rádio disse, o teu irmão foi fazer a missão fora, a um país africano, excursão portuguesa, ficas tu a fazer o programa. Disse não, não, porque eu... eu até tenho problemas, eu gaguejo e não sei que não sei que. Não, não, mas tu quando comesas a falar, a gente, temos algumas gravações tuas, não sei quê. Tá bom, tudo bem, pronto. Eu fui. Fui, comecei a fazer o programa. Comecei a fazer o programa, o programa ficou bem, foi sucesso, entretanto o meu irmão regressou e disse, olha, continuas a fazer o programa que eu entretanto agora vou para uma base no norte do país e não sei quê e não tenho tempo. E continuei a fazer o programa. Digamos que eu na altura ‘tava a chutar e eu não gostava de... de notícias porque eu achava que o pessoal que fazia notícias na rádio nos tiravam tempo de... de programa, não é? Pronto. As notícias geram a hora e eles levavam aí uns cinco, dez minutos a fazer o jornal, era menos cinco, dez minutos que nós tínhamos no... no programa e havia sempre briga entre nós. Até que um dia surgiu, eu na altura ‘tava na Universidade Católica, é, até que na altura surgiu um curso de jornalismo de rádio na Universidade Católica e no CENJOR, que é um centro protocolar de jornalistas aqui. Então eu fui fazer o curso,

pronto, fui fazer o curso, entretanto as rádios foram todas encerradas e fez-se uma legalização, ou seja, as rádios tinham que apresentar um, portanto os projetos e não sei quê para legalizar. E eu nesse tempo fiz o curso, pronto, e depois as rádios reabriram e voltei à rádio na altura que se chamava rádio (Imagem) [00:02:56] e Soul. Portanto, o meu trajeto começou aí, comecei a fazer notícias, programa, entretanto optei pelas notícias. E ‘tava eu a roubar tempo ao... aos meus colegas que faziam programação. Pronto, a partir daí, isto para encurtar, porque ao longo, é, passei por várias rádios, até que houve um dia eu estava numa rádio que é uma rádio, que é a Rádio Renascença, que eu não sei se você conhece, que é um... rádio católica portuguesa, que é a maior rádio portuguesa, estava a fazer noites e, é, o diretor da Rádio Renascença veio ter comigo e disse, José, nós vamos fazer, é, vamos ter televisão. O governo concedeu-nos uma, era, primeira/era a segunda televisão privada em Portugal. Concedeu-nos uma licença e eu queria que tu fosses para a televisão. Eu disse, ah, você tá maluco. Você acha que eu com essa cara feia, não... não tens que ir, tu és bom repórter, vai na Assembleia fazer é,... fazer reportagem, pronto. E foi assim. Fui fazer o curso, o curso foi na Universidade Católica, que eu já lá estava, fui fazer o curso e entretanto comecei a trabalhar como repórter, é, de, de rua, fazia principalmente política, Assembleia da República, governo, é, e entretanto, depois um dia houve uma altura, e isto para encurtar, houve uma altura em que eu estava de férias e ligaram, as... as coisas na minha vida acontecem assim, ligaram para dizer, José, tens que vir para cima porque tens que apresentar o jornal das treze e o jornal da noite, sábado. Outra vez ou tem novidade? O que é isso? Não, é que o Miguel (inint) [00:04:32], que era o apresentador, teve uma acidente, tá no hospital, e nós achamos que tu és a pessoa mais indicada da equipa para coisa. Ah, mas é isso, e mais uma vez eu protestei, como sempre a protestar, protestei, pápápápápápápápápá. E, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Assumi a bancada?

José Mussualli: Assumi, assumi. Mas foi dramático, foi dramático porque eu, é, as minhas férias foram, portanto, canceladas, vim para cima, imagina que eu, pleno verão em Portugal, agosto, obras no estúdio, remodelação total do... dos estúdios e eu não tive tempo de treinar. E então sábado às treze horas, antes das treze lá ‘tava eu no estúdio em uma bancada igual a esta, e suava por todo lado, tinha a

maquiadora dizia, calma, mas o que que se passa? E o pessoal dizia assim, José, é pá e assim, tens que meter uma coisa na cabeça, faz de conta que tu estás a fazer um direto, tu fazes diretos na Assembleia todos os dias, é, faz diretos da rua, qual é o problema? A diferença aqui é que ‘tá sentado. A gente sabe que olhar para ali e falar para milhões de pessoas não é a mesma coisa que ‘tar, é, e eu só pensava assim, se eu conseguir dizer boa tarde...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai embora (risos).

José Mussualli: Vai embora. Se eu não conseguir, vai ser foda. E eu, silêncio completo na régie e eu calado, beleza. Seja o que Deus quiser. Até que eles, 3, 2, 1, ‘tás no ar. Olá, sejam bem-vindos ao jornal na TVI, eu sou José Mussualli, pápápápá, e a partir daí, é, rolou. Estive em rede nacional, fui o primeiro negro a apresentar notícias em Portugal, é, tive três anos a apresentar, apresentava algumas semanas, apresentava o fim de semana, outras semanas apresentava durante a semana, jornal da uma, jornal das vinte, mas pronto. E fui o... e foi assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, assim, em dez anos, né, de 2009 para 2019, o que que você acha que mudou no telejornalismo com essa vinda das novas tecnologias? Na colaboração, na participação do público, na produção noticiosa. Você acha que facilitou por um lado, perdeu qualidade por outro? De uma maneira geral, não necessariamente (inint) [00:06:42].

José Mussualli: Eu falo do que vejo em Portugal. E do que vejo em Portugal, eu participei na formação de um canal de televisão, aliás que tem origem um jornal famoso em Portugal que se chama SIC Notícias. Eu estava num canal de televisão que se chamava Canal de Notícias de Lisboa, (solução) perdão, que foi um canal no cabo, em que era um canal de notícias, foi o primeiro canal de notícias em, em Portugal, mas era um canal de notícias principalmente locais. Tínhamos internacional porque Lisboa... Lisboa é Lisboa, pronto, é capital, não é? E então tínhamos muitas notícias do cais, mas tínhamos também notícias internacionais, tínhamos a Reuters, e não sei que, pronto. E nós naquela altura ainda não havia, é, tamos a falar final do... da década de 90, princípio ano 2000, ainda não havia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Foi quando explodiu a internet.

José Mussualli: Quando explodiu a internet.

Ana Paula Goulart de Andrade: Quer dizer, começou, né, a internet.

José Mussualli: Exato. E nós já na altura fazíamos alguns diretos porque nós como pertencíamos, é, à Portugal Telecom, tá, que é agora Altice, que é a maior empresa, nós tínhamos acesso a algumas caixas e fazíamos diretos de vários locais, pronto. O que é que eu acho, acho que facilitou, acho que facilitou. A internet veio nos trazer principalmente na área de televisão, podemos fazer diretos de todos os locais do mundo onde a gente esteja a nível de equipamento e de frete, já não é necessário como era antigamente para se fazer um direto, nós íamos para um sítio qualquer, tínhamos que levar um carro de exteriores e não sei que. Agora não, agora basta uma câmara, obviamente tem que haver um... um carro, mas basta uma câmara, basta duas (inint) [00:08:19] de... de... de internet, averbou a internet e em qualquer sítio do mundo com a câmara e com aquelas baterias faz-se um direto, não é? Portanto, acho que veio facilitar muito a informação, mas também, atenção, depois temos o reverso da (andalha) [00:08:35], temos as chamadas fake news, temos as chamadas fake news que nos últimos... nos últimos anos vieram até elegeram presidentes da República, não é? Como nós sabemos, não é? Chefes da nação. Portanto, acho que foi positivo por um lado, mas depois está-se, é, está-se, é, por outro lado, é, está-se a utilizar a internet para desvirtuar a informação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas na produção especificamente do telejornal, na apuração em aplicativos, é, sites jornalísticos na colaboração de busca por imagens que...

José Mussualli: Vai facilitar imenso, vai facilitar imenso. E, imagina, nós utilizamos, é, nós tínhamos acesso à Reuters e à Associated Press e não sei quê, agora estamos um pouco limitados, nós utilizamos através, é, das páginas de internet, utilizamos imagens da Euronews, utilizamos imagens da Africanews, obviamente que pomos e temos a autorização deles...

Ana Paula Goulart de Andrade: Os créditos.

José Mussualli: É, os créditos, imagens isto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas as imagens cedidas por cidadãos comuns, digamos assim.

José Mussualli: Também, também, também.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não precisa de um... um... um trabalho maior do jornalista enquanto filtro para saber que verdade é aquela, que imagem é aquela, de onde que veio?

José Mussualli: Isso é outra coisa, isso é outra coisa que... que na ânsia de ser primeiro, na ânsia de... de... das audiências, porque o jornalismo antigamente não dava audiências, não dava, é, eram produtos de excelência, e atualmente o jornalismo dá audiências, é, publicidade, não é? Pronto. E então se tu conseguiste ter, nós temos um fenómeno em Portugal que se chama Correio da Manhã TV. O Correio da Manhã TV é, a gente chama tele... telelixo, não é? É, ou seja, lixo jornalístico, mas com a colaboração das pessoas, com a colaboração dos telespectadores que enviam imagens como hoje, houve uma explosão no Porto, num, num, num hospital, onde morreram duas ou três pessoas, não sei, e a CMTV conseguiu ter acesso a essas imagens porque houve uma pessoa que estava, que gravou com... com...

Ana Paula Goulart de Andrade: Celular.

José Mussualli: Com o celular, e que enviou essas imagens para a CMTV, como enviou para a RTP, como enviou para a TVI Notícias, pronto, a TVI 24 horas. Mas eu acho que, é, tem que haver um regresso ao jornalismo, porque nesta altura, nesta altura o jornalismo tá desvirtuado. Por exemplo, eu tenho 50 anos, eu num canal português começo a ficar velho, começo a ficar velho. Num canal português enquanto vocês no Brasil, nos Estados Unidos e outros países que têm uma formação mais avançada, vocês não dão muito crédito aos jovens, ou seja, é difícil

tu veres um âncora numa Globo que seja um jovem de 20 anos, que seja uma mulher bonita e que ‘tá ali só por ser bonita, e infelizmente em Portugal ainda estamos nesse estado, ou seja, é tu tens um bom aspecto, és bonita, vais para ali, mesmo que não saibas falar, é, recebes umas aulas, mas como é jovem, e os mais velhos são postos de lado, é... não é? Eu acho que tem que haver um regresso ao jornalismo, o... os órgãos de informação têm que regressar à mão dos jornalistas, porque infelizmente os grupos económicos tomaram conta dos órgãos da Comunicação Social. E tomando conta dos órgãos da Comunicação Social, utilizam-nos para fazer política, para eleger presidentes, para fazer com que, é, empresas desçam na bolsa, empresas subam na bolsa, enquanto os meios de Comunicação Social, por exemplo, a Globo, que é um órgão de Comunicação Social que pertence a uma família ligada ao jornalismo, ok, pode ter todos os defeitos que tem, pode ter tudo que é, em Portugal nós temos a SIC, a SIC é de um jornalista, doutor Francisco Balsemão, foi, é, o primeiro diretor e foi o fundador do Jornal Expresso, ele tem a sensibilidade do jornalismo. Ele não autoriza que se utilize imagens vindas não sei de onde sem o jornalista ligar e saber, apurar e ir a todas as fontes. Ele não deixa que isso aconteça, e o que que ele está a sofrer? Está a sofrer uma queda nas audiências, mas ele não se interessa por isso. Tem que haver um congresso ao jornalismo porque sem esse regresso ao jornalismo, o jornalismo começa a ser...

Ana Paula Goulart de Andrade: Entrar em crise.

José Mussualli: Em crise.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por último, eu juro que é a última. É, nessa perspectiva de telejornalismo, né, você faz imagens de qualquer lugar do mundo, e essa interatividade pelas redes sociais, você acha que fica tudo no mesmo jogo, ou você acha que são talentos, é, separados, ou você acha que as pessoas ‘tão pensando que ‘tá tudo no mesmo jogo? Porque eu posso fazer uma, da minha rede, da minha página, uma live.

José Mussualli: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E aquilo é um ao vivo, que é um talento próprio da TV.

José Mussualli: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como foi, a gente coloca. Você... na sua perspectiva, né, na sua percepção, você acha que isso, é, está sendo lido como tudo a mesma coisa ou não?

José Mussualli: Essa é uma pergunta interessante e, essa é uma pergunta interessante. Eu acho que, é, as novas tecnologias estão a fazer com que a televisão propriamente dita como ela é, ela vai ter que mudar, e já está a mudar, ou seja, qualquer pessoa agora entra ao vivo de um sítio qualquer e dá uma informação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é televisão, isso é telejornalismo?

José Mussualli: Isso não é televisão. Na minha perspectiva, isso não é televisão, não é telejornalismo. Por que? Porque qualquer pessoa pode fazer, qualquer pessoa chega aqui e diz, olha estou aqui em direto da... da Banda TV e ‘tou aqui a ver um (inint) [00:14:15], não sei que, não sei quais, de repente, de repente tô aqui, qualquer coisa, (inint) [00:14:19], qualquer coisa. Isso não é jornalismo. Na minha opinião, não é jornalismo. Portanto, eu acho que o... os governos, é, as instituições que tomam conta do jornalismo, sindicatos, é, têm que, é, estabelecer regras para o jornalismo. Porque senão as pessoas pensam que tudo é jornalismo e metem tudo no mesmo saco.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito.

José Mussualli: Tá?

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeitíssimo.

José Mussualli: Não sei se era isso que você queria.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito obriga/tá ótimo. Não, é, não tinha o... o que eu queria não, tinha o que...

[Terceira pessoa]: Mais ainda, né?

Ana Paula Goulart de Andrade: Exatamente, exatamente. Nossa, que trajetória, viu?

[Terceira pessoa]: Que trajetória hein, cara. Pô, fiquei aqui pra poder te ouvir.

Vitor Manuel

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Vitor Manuel

TEMPO DE GRAVAÇÃO

04 minutos e 16 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então 3, 2, 1, gravando com Vitor Manuel Tavares Ferreira, editor... subeditor. É, na verdade, eu queria saber onde que você trabalhava antes de trabalhar aqui na Banda TV.

Vitor Manuel: Onde é que eu trabalhava antes?

Ana Paula Goulart de Andrade: É grande, eu sei que é grande (risos).

Vitor Manuel: É grande, tem muita coisa, desde... desde.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pode... pode resumir.

Vitor Manuel: Desde que trabalhava na rádio Renascença, na rádio (mais amadora) [00:00:22] e agora estou trabalhando em outra rádio que é (inint) [00:00:26], que é na web, e trabalhei também nas finanças muitos anos e sei lá.

Ana Paula Goulart de Andrade: E veio pra TV.

Vitor Manuel: E vim pra TV depois.

Ana Paula Goulart de Andrade: E tá há quanto tempo?

Vitor Manuel: Desde 2015 aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: 2015, nossa.

Vitor Manuel: Desde dezembro de 2015 aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá, em dez anos, né, se a gente pode pensar assim, de 2009... de 2009 para 2019, o que que você acha que a tecnologias e que as novas tecnologias, essa possibilidade, esse mundão todo mudou o telejornalismo?

Vitor Manuel: Como pode também tudo, hoje em dia... antigamente havia os telex, fax, não sei que, hoje ninguém sabe o que é um t/a maior parte dos jornalistas mais jovens não sabem o que é um telex quase, não sabem o que antes era um fax, fax ainda é capaz de saber, mas há muita coisa que se mudou hoje a exemplo de...

das... de internet, sei lá, Facebook, Instagram, Twitter. Já ninguém (liga) [00:01:18] rigorosamente mais nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que isso ajudou ou aumentou o trabalho do jornalista? Que tem mais possibilidades/

Vitor Manuel: Dá muito mais possibilidades de...

Ana Paula Goulart de Andrade: Externos...

Vitor Manuel: Nós procurarmos tudo e encontramos o que queremos no momento, mas também dá muito mais trabalho porque antigamente não pudemos às vezes como em antigamente às vezes fazia. Tava aí assim, é, não tava correto, mas o que a pessoa, qualquer pessoa pode verificar se... se está realmente correta a notícia ou não, porque às vezes não era uma questão de se dar ao trabalho de uma notícia, não era o caso, mas podia ser... não havia aquela precisão, e a pessoa dizia mais ou menos um também não fará muita diferença, e hoje em dia é muito difícil de as pessoas é, e, portanto, não podem falhar e tem que (realmente) [00:01:58] a notícia (inint) [00:02:00].

Ana Paula Goulart de Andrade: É, aumentou o trabalho.

Vitor Manuel: Aumentou o trabalho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas por outro lado/

Vitor Manuel: Mas por outro lado ficou bom.

Ana Paula Goulart de Andrade: As notícias vêm de fora para dentro de uma redação, né, qualquer pessoa pode fazer qualquer vídeo, pode fazer qualquer live. Essa interatividade, essa interação com o público, você acha que isso coloca no mesmo balaio o telejornalismo e as novas tecnologias? Ou seja, a internet.

Vitor Manuel: A internet hoje... a internet é um... de hoje em dia o jornalismo faz-se com um simples telemóvel, faz-se com, (inint) [00:02:28] até com outros colegas, a fazer o programa com a câmara do... da... do... da TV, como o telemóvel e estão a fazer diretos, é, e no mesmo local, a trabalhar com os dois sistemas ao mesmo tempo. E, portanto, a maior questão...

Ana Paula Goulart de Andrade: Facilitou dessa forma, né?

Vitor Manuel: Facilitou dessa forma, até acertou muito.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, nãñãñãñãñãñãñã. Ah! E no... então dessa... é dessa forma, quer dizer, na rotina produtiva aqui que você acaba aproveitando esse lado por conta da internet.

Vitor Manuel: Sim, aproveitando sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E o lado ruim da internet?

Vitor Manuel: O lado ruim é que, por exemplo, nesse caso, nós aqui, não temos muitas agências, temos que andar à procura de... das imagens em tudo que é site, tudo que temos que correr, mas é uma coisa. Às vezes é bom, outras vezes é complicado porque nem sempre são atualizados os sites, nem sempre estão atualizados ao momento, (inint) [00:03:17] encontramos imagens disso ou daquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como você apura essas imagens? De quem cedeu, de onde buscou? Porque uma coisa é você ir lá num site determinado, num aplicativo jornalístico, numa página que tem uma fidelidade, uma credibilidade. Outra coisa é você receber uma imagem sensacional mas que de repente pode ser, até ser uma fake news.

Vitor Manuel: Exato, por isso mesmo nós temos que também ter a noção do que que... donde é que vamos buscar ou index, onde é que se vai buscar, é, as imagens, antigamente ver-se, se correspondem à ação do momento. Porque no caso de atentados no... no Afeganistão, é muito difícil, eu tenho ido à procura às próprias

televisões no Afeganistão, e mesmo assim nem sempre eles têm as notícias deles atualizadas, e na TV ‘tava à procura dum atentado, e nem... e fui encontrar numa outra televisão do... não sei se do... do Paquistão, onde é que foi, as imagens do atentado no Afeganistão, porque as televisões no Afeganistão ainda não tinham nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Entendi. Fechou e o dela na frente. Acho que é isso. Muito obrigada.

Vitor Manuel: Nada (risos).

Globo

Leonardo Monteiro

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Leonardo Monteiro

TEMPO DE GRAVAÇÃO

Áudio 01: 13 minutos e 20 segundos

Áudio 02: 01 hora 06 minutos e 44 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

Áudio 01

[00:00:00] – [00:13:20]

Ana Paula Goulart de Andrade: Da estrutura, né, quantas pessoas são aqui mais ou menos.

Leonardo Monteiro: Vale a pena ressaltar que eu não tenho nenhum vínculo com a Globo Portugal, isso é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Fundamental.

Leonardo Monteiro: Não, e é porque às vezes fala, ah, da Globo Portugal, eu não sou nem contratado da Globo Portugal, sou contratado da Globo de Londres.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, é? Como correspondente (inint) [00:00:19].

Leonardo Monteiro: É, correspondentes são pagos. É, são os contratos, porque lá tem uma base, que lá é a base do jornalismo, então eu... meu... o dinheiro que me pagam não sai do centro de custo Globo Portugal.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, porque não tem aqui, né.

Leonardo Monteiro: E eu não faço nada pro canal da Globo Portugal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Exatamente, não tem... não tem o que você oferecer, não tem o menor sentido.

Leonardo Monteiro: Na verdade, eu apareço no Estúdio i, mas o Estúdio i é um programa da GloboNews, ele espelha na Globo Portugal, mas não tem nada a ver com a Globo Portugal, entendeu?

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, perfeito. É, Leonardo Monteiro então, apresentação, cargo e função. Você já falou um pouquinho, mas se você puder.

Leonardo Monteiro: É, sou correspondente, sou Leonardo Monteiro, correspondente da TV Globo e da GloboNews em Lisboa, é, parte da Europa também, não é só Lisboa, depende da pauta.

Ana Paula Goulart de Andrade: É (risos), você... como você falou. Onde que você trabalhou antes de você vir pra cá? Como é que foi um pouquinho da sua trajetória?

Leonardo Monteiro: Do início?

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

Leonardo Monteiro: Tá bem. Eu estudei no Colégio São Bento, um colégio só de homem no Rio de Janeiro, muito voltado para as áreas do Direito, da Engenharia e da Medicina, e eu era um dos únicos que sempre gostei da área de Comunicação, aos 11 anos de idade eu era apaixonado por rádio e tinha o sonho de trabalhar na Rádio Globo, uma rádio que na época não tinha nenhum... nenhum foco na minha idade, mas eu por ter um tio presidente de um clube de futebol, não gostar de futebol, eu tinha que ir lá assistir e uma maneira de me distrair não era assistir o jogo, era ficar nas cabines de transmissão. E aí eu comecei a gostar dessa rádio... do rádio AM, levava walkman e ficava botando nas rádios e vendo as pessoas transmitirem aquilo. Rádio Globo, Rádio Tupi, Rádio Nacional, enfim. Ao longo do tempo, comecei a ouvir, isso aí deve ter 10 pra 11 anos e, de 11 pra 12, e em dezembro de 1999, depois de passar de ano, isso era uma condição dos meus pais, eu quis ir conhecer pessoalmente a Rádio Globo. E aí acharam muito interessante, um garoto de on/doze anos querer conhecer uma rádio AM, e eu já tinha lançado um slogan, que era Leonardo Monteiro, locutor maneiro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, que bom(risos).

Leonardo Monteiro: Que depois pegou na rádio, enfim, e eu aí eu fui lá aos 12 anos de idade, conheci, todo mundo adorou e toda, todas as férias eu gostava de ir lá visitar os co/os comunicadores dos quais eu ouvia diariamente. O tempo foi passando, a paixão foi aumentando, começou pelo rádio e até que eu fui prestar

vestibular e passei pra PUC em Comunicação e Jornalismo e o meu primeiro estágio já foi numa rádio, na verdade, eu, eu comecei numa rádio comunitária fazendo um... um quadro gravado, é, um quadro pelo telefone, nunca conheci o locutor, nunca conheci a rádio, era uma rádio pirata provavelmente, nunca ganhei nada, e o meu primeiro estágio em 2007 foi na Rádio BandNews FM, na rádio allnews do Grupo Bandeirantes em que eu fiquei lá mais ou menos um ano até fazer um intercâmbio nos Estados Unidos. Depois eu voltei, é, pra Rádio Tupi, que era concorrente da Rádio Globo, ou seja, também muitos comunicadores que tinham saído da Rádio Globo estavam na Rádio Tupi, então já foi uma realização enorme de trabalhar com pessoas das quais eu era fã completamente, Clóvis Monteiro, Washington Rodrigues, o Francisco Barbosa, que é meu padrinho de rádio, assim, um cara que sempre abriu as portas pra mim desde pequeno, um Luiz Penido, enfim, um monte de gente assim. Logo depois a BandNews me chamou de novo, já como repórter trainee, eu ainda na faculdade, pra ser o responsável pela noite, eu ficava à noite sozinho na rádio no Rio, era uma rádio em rede, e eu apresentava o noticiário local do Rio e apurava tudo até... de cinco da tarde à meia-noite. Logo depois disso, eu fui cobrar uma promessa de um comunicador da Rádio Globo, que foi o Loureiro Neto, que já até morreu, que ele falou que assim que eu me formasse, ele me levaria pra Rádio Globo. Eu me formei em janeiro e no dia primeiro de abril eu comecei na Rádio Globo em 2010, realizando meu sonho de criança de trabalhar na Rádio Globo. Comecei como produtor do programa dele e em três, quatro, cinco meses eu já fui pra reportagem. A Rádio Globo é do Sistema Globo de Rádio, que tem a CBN, então na verdade não há essa... não há essa separação, o repórter da Rádio Globo é repórter da CBN, então durante três anos e meio eu fui repórter da CBN e da Rádio Globo cobrindo diariamente, é, as notícias do Rio de Janeiro. E nos dois últimos anos dos três, nos dois últimos anos eu consegui emplacar o slogan do Leo Monteiro, o locutor maneiro, na verdade era Leo Monteiro, o repórter maneiro, em que eu trabalhava num programa líder de audiência do qual eu me orgulho de ter participado, que era o Show do Antonio Carlos, eu era o repórter do Antonio Carlos, então eu chegava na Rádio Globo às cinco e pouca da manhã, fazia uma pesquisa popular na Central do Brasil até as nove, e às nove me davam a pauta do dia pra fazer. Então na verdade de seis às nove eu era um repórter, mas era um repórter mais artístico, mais show, fizeram aniversário pra mim na Central do Brasil, festa de Natal, comemoramos tudo, comecei a criar relações com os ouvintes que tinham

que responder aquela pesquisa, uma pesquisa muito animada, sexta-feira era uma coisa ligada a sexo e tal, coisa de umas pesquisas malucas que apareciam e a gente tinha que contar com a ajuda do... do povo. E eu fui um repórter do amarelinho da Globo, que é o... o nome do carro da, da reportagem. Logo depois disso, eu fui para... pra ser repórter aéreo, era uma coisa que eu gostaria de... de ser, fui por três meses, eu achei que era o tempo suficiente, fui ser repórter aéreo da Paradiso e da Mix. Eu morava na Barra, ia pra o aeroporto de bicicleta, foi uma fase muito boa, e durante três meses eu voava duas vezes por dia, de manhã de sete às nove, e de noite, de cinco às sete. E foi muito bom andar de helicóptero três meses, às vezes balançava, levei minha família inteira pra andar de helicóptero, pra conhe/prá ver o Rio. Logo depois disso eu fui para o Projac, aí eu fui ser editor de texto, produtor de conteúdo, roteirista, enfim, eu fiz um pouco de tudo no Projac ligado ao entretenimento, mas eu fiquei numa área dos realities show do Fantástico, ou seja, era entretenimento, mas era ligado a um produto jornalístico da casa. E isso foi até eu decidir vir pra cá. Então eu pedi demissão da Globo pra vir pra Portugal porque eu tinha passado pra um mestrado aqui em segundo lugar, das vinte e cinco vagas eu fui o segundo lugar, uma loucura que eu fiz depois de um conselho de um colega meu do São Bento, economista, que eu tava insatisfeito e tal, e ele, ah, por que você não vai fazer um mestrado, Portugal, não sei o que, eu sou português, tenho a cidadania, e aí fiz uma inscrição, apliquei, escrevi uma carta de intenção achando que... que não ia acontecer e era só uma coisa assim, e em julho, acho que sei lá, diz 15 de julho, eu recebi a notícia que dia 15 de setembro minhas aulas começavam e eu tinha passado. Então tive que vender carro, avisar pra família, é, pedir demissão do... do cargo e vim pra Portugal, sem nenhuma intenção de trabalhar na Globo, porque tínhamos o correspondente aqui e sem nenhuma intenção de... enfim, de trabalhar na Globo. Queria sim trabalhar numa coisa em Portugal para não precisar gastar o dinheiro meu do Brasil. Como o meu mestrado era noturno, então minha intenção era conseguir um... um emprego, tinha uma experiência em casa da minha irmã, que seguiu a carreira acadêmica, ela é pós, fez pós-doc nos Estados Unidos e nas horas vagas fritava Big Mac. Então, tipo, eu saí de casa com a intenção de que se eu trabalhasse num... num café, num bar, eu taria satisfeito porque me custaria aqui sem precisar pegar o dinheiro que eu tinha juntado no Brasil e trazer pra cá, o euro já tava quatro reais. E chegando aqui, eu nos... em cinco dias eu consegui um emprego num site de notícias, isso já foi ótimo porque eu já não precisei fritar Big

Mac, eu já tinha conseguido emprego na minha área. Era um site que pagava muito pouco, por sinal, é um salário normal em Portugal, se paga pouco, muito próximo ao salário mínimo, mas já me custeava aqui e eu trabalhei lá por cerca de cinco, seis meses. Até que em dezembro de 2015, eu cheguei aqui em setembro de 2015, em dezembro de 2015 a Globo fez um... umas mudanças no departamento de jornalismo, principalmente no... nos correspondentes e decidiu-se, é, mudar um pouco os correspondentes. O Renato Machado voltou de Londres e não bot/o Kovalick voltou de Londres, acho que o Kovalick voltou primeiro e o Renato Machado voltou depois, final de 2015. Decidiram que não haveria substituição e que a Cecília, o Rodrigo e o Pedro tomariam conta de Londres, e o Hernane, que era produtor, viraria chefe do escritório. Ótimo. Decidiram Hélder Duarte voltando de Nova Iorque, mandaram o Felipe Santana, e aí na hora de Portugal era o André Luiz Azevedo de volta e anunciaremos em breve quem o substituirá. Na verdade, isso era uma... um comunicado só pra imprensa, que isso não era verdade. Falaram isso pra não falar oficialmente que a vaga tava fechada, que Lisboa ia ficar sem correspondente. Essa era a decisão do grupo que eu fui atrás de saber porque eu fiquei muito... não fiquei muito, muito chateado, eu fiquei muito triste, porque já tava na hora do André voltar, mas eu pensava, poxa, que sacanagem, agora que eu vim pra Portugal, pô, a Globo não vai ter um correspondente aqui, poxa, mas eu mesmo até entendia completamente a decisão da empresa. O Brasil tava em crise, tava começando a entrar em crise, Portugal não se justificava em termos de conteúdo por alguns motivos, você não vai publicar aí, um deles foi a experiência do... do correspondente anterior, né, e aí eu acho que foi uma matemática muito simples. Vamos pegar os correspondentes, Londres, nãñã, Itália, Japão, Portugal, quanto custa, quem produz, relevância, e aí eu que não tenho dúvida que eles chegaram a Portugal e se tiver que cortar, eu também cortaria Portugal, né. Eles não cortaram Portugal pura e simplesmente, tinha... tinha repórter na fila.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tinha um negócio.

Leonardo Monteiro: Teve confusão lá porque já tinha gente já prometido e a va/e o Ali de/deciciu, a Globo decidiu fechar a vaga, e eu fui/naquele momento fiquei, poxa, tá bom. E aí, é, eu já tinha trabalhado na casa e tenho muito amigos dentro da TV Globo que estudaram comigo, hoje a Globo é PUC, PUC Globo, se não é PUC,

é CBN, eu fui das duas, então assim, meus melhores amigos e os relacionamentos tudo... tá tudo lá dentro da, da Globo e muito no jornalismo. E aí eu sei que com/em... em janeiro, passou janeiro, passou fevereiro, chegou em março, início de março se eu não me engano, é, começaram a ter as manifestações contra a Dilma no Brasil, e teve um domingo, é, clássico, um domingo importantíssimo em que o Brasil inteiro parou e o mundo inteiro parou, foi um domingo em que teve manifestação em todo... em todos os... em todas as cidades brasileiras e em muitas cidades do mundo. E aí já tava começando a ter um pouco dessa procura por Portugal, mas mesmo que não tivesse, ia ser na mesma. Então na verdade, como eu tinha muitos colegas, muitos amigos na GloboNews, ex-chefes que trabalharam comigo na Band et cetera, eu pensei, poxa, isso era um sábado, eu tava de plantão no site, e eu falei, poxa, é, a Globo não tem mais nenhum repórter aqui, eu posso fazer imagens como colega, ex-colega e mandar pra Globo, tipo, eu não me importo de fazer isso. Aí liguei pra um chefe e tal, ele falou, manda, pode mandar sim e tal. E aí eu mandei isso no... no domingo, as imagens entraram e até botaram imagens...

Ana Paula Goulart de Andrade: Leo, eu vou sentar um pouquinho, calma aí só um minutinho.

Leonardo Monteiro: Ah, é mesmo? Quer água, quer alguma coisa?

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma aguinha, quero.

Leonardo Monteiro: Ai meu Deus, mas tá calor? É o que?

Ana Paula Goulart de Andrade: Não sei. Deixa eu dar um pause aqui rapidinho.

Leonardo Monteiro: É com gás ou água normal?

Ana Paula Goulart de Andrade: Normal.

Leonardo Monteiro: Quer Coca-Cola?

Ana Paula Goulart de Andrade: Pode ser, que é doce.

Áudio 02

[00:00:00] – [01:06:44]

Ana Paula Goulart de Andrade: Pode continuar, desculpa.

Leonardo Monteiro: Então, e aí eu mandei essas imagens, essas imagens entraram e eu recebi e-mail de uma chefe dizendo que meu contato estava lá, que qualquer coisa que precisassem de Portugal, iam me pedir, iam falar comigo. E aí naquele momento eu pensei, tá, mas o que acontece em Portugal? Nada. Quando é que eles vão precisar de mim? Nunca. Nunca, tipo, nada acontece em Portugal, aquilo ali foi uma colaboração pontual. Uma semana depois, exatamente uma semana depois, eu estava de folga nesse site dormindo, que a gente trabalhava no horário do Brasil, então às vezes a gente saía às três da manhã daqui porque tinha que atualizar o site, eu tava de folga domingo, tocou meu telefone, era um produtor do Jornal Nacional falando, Leonardo, tudo bom? Quem me passou seu telefone foi a fulana e acabaram de prender uma pessoa da Lava Jato aí e nós não temos ninguém, você não quer fazer pra gente? Eu falei claro que quero.

Ana Paula Goulart de Andrade: Óbvio.

Leonardo Monteiro: Óbvio. E aí você tem equipamento? Tenho. Você tem isso? Tenho. Não tinha nada, óbvio que não.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

Leonardo Monteiro: Minha vida é muito doida. E tudo... por isso que eu vim trabalhar aqui. Ó como era. Isso foi quando eu tava aqui, acho que foi assim que eu cheguei em Portugal, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Gente.

Leonardo Monteiro: E aí eu sei é que na verdade eu fiquei muito feliz de ter colaborado, lálálálálálá. E aí com uma sem... uma semana depois também, ia ter

um... um congresso aqui, um... uma pales/umas palestras com o Temer, com o Aécio, nesse... nessa época em que esse pessoal tava tudo em alta ainda, é, com o Serra, na faculdade de Direito. E aí a GloboNews ia querer isso. E aí me mandaram e-mail perguntando se eu tinha, é, condições de... de fazer um teste e aí eu já tinha pego uma canopla aqui por causa do negócio, aí já fui comprando as coisas, as coisas básicas, porque hoje se entra pelo... pelo celular, e no dia vinte e poucos de março, 28, 29 de março, eram quatro dias de... de congresso, de... de psicose, sei lá, e dois dias ia... iam ter esses... esses políticos. E nesses dois dias eu... eu estreei como correspondente da GloboNews.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Leonardo Monteiro: Da GloboNews. E aí a partir disso, é, houve então a necessidade de fechar com a GloboNews, então eu era correspondente da GloboNews, mas... ao la/e ao longo do tempo eles foram, é, conhecendo o meu trabalho até que precisou fazer um... 2016 todo GloboNews. Depois 2017, aí eu já comecei a fazer rede até os incêndios de 2017, que foi em julho... em junho, 17 de junho... 19 de junho, que foi quando eu estreei no Jornal Nacional. E aí a minha maior, é, dúvida não era fazer aquele Jornal Nacional, porque aquele eu tava lá, tinha que ser eu, era saber se no dia seguinte eles iam querer, e aí eu fiz dois, três e por aí.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que coisa ótima.

Leonardo Monteiro: E aí foi mais ou menos isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que satisfação.

Leonardo Monteiro: É, é muito... é muito doido, assim. Mas vamos pra próxima pergunta.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos) vamos, não, imagina. E daí assim, como é que cê acha que a tecnologia, entrando, né, no que são tecnologias, você falou um pouco aí do computador, do celular que ajuda e tal, colabora nessa produção do

telejornal, das notícias, se você, como você é correspondente e de certa forma, é, faz tudo entre aspas, né, tem algum app de colaboração, tem algum... você vai por algum aplicativo, não só nas agências de notícia como a própria redação lá do Brasil tem né, é, imagens cedidas, como é... como é que você trabalha com... com essa notícia que hoje, né, vem muito mais de fora do que de dentro de uma redação ou só do... uma função do repórter?

Leonardo Monteiro: Portugal tem uma situação especial nisso porque por Portugal estar fora das agências, só em casos muito extremos, eu tenho que ser responsável pela minha total produção de conteúdo, e isso faz com que seja mais difícil, porém mais reconhecido, porque eu também faço questão de que isso seja reconhecido. Então quando eu... quando eu converso com o meu chefe no Brasil, que são raras as vezes que a gente conversa porque a demanda... eu vivo reclamando aqui, mas basta eu visitar lá um dia pra saber a loucura que é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por que?

Leonardo Monteiro: Então toda vez que eu vou lá eu falo, tá, não posso me estressar tanto. Mas quando eu vou lá, a gente toma um café e eu tenho quase que a certeza que eu consegui, que o meu objetivo quando eu fui contratado pela GloboNews era recolocar Portugal no mapa da TV Globo, porque a Globo tinha desistido de Portugal três meses antes, então eu tava reabrindo uma vaga de um país sem importância geopoliticamente, geoeconomicamente, então era um desafio começar do zero, que... acho que até do menos um, porque se eles, desistiram, mais... menos boa vontade tinham. Então eu acho que essa curva foi muito rápida, foi relativamente rápida porque justamente eu busco, não é nem só o diferente, eu busco uma coisa autoral, então nos incêndios que chegaram nas agências, eu poderia fazer como outros correspondentes fazem, e às vezes não, não porque querem, mas porque é a única maneira que conseguem, a gente só começa a prestar muita atenção disso depois, mas quem é da área sabe. Quando a gente assiste um VT de internacional de um correspondente, vamos pegar de um lugar que a Globo não tenha, só pra não ser muito, é, caraca. Vamo lá. A França... Alema... Alemanha não tem ninguém hoje, tá bom. A gente pega uma... uma... uma reportagem de um correspondente da Alemanha e vê um VT dele, eu posso te garantir que 85, 90%

das vezes as sonoras não são feitas por aquele repórter, as sonoras são feitas pelas agências. Ele vai gravar uma passagem ali na rua e vai usar as passa/as sonoras das agências.

Ana Paula Goulart de Andrade: E as imagens?

Leonardo Monteiro: E as imagens também, mas as imagens tudo bem, mas as sonoras, você não tá lá? Então na minha cobertura de incêndio, que foi aquela, uma das únicas em que eu tinha o paralelo da agência, não teve um VT meu com sonora de agência. Eu tô no local do incêndio, porra, eu quero mostrar o microfone da Globo e fazer as minhas sonoras. Encontrei uma brasileira, que é uma coisa importante pro correspondente tentar aproximar do seu país, o próprio, lançaram um livro agora dos correspondentes e eu tô lendo, e no prefácio o Ali fala, tem que ser um olhar brasileiro, e é isso, tem que ser o olhar estrangeiro, não pode ser um correspondente que esteja totalmente imerso e... e... e local, tem que ter sempre um olhar estrangeiro, e eu sempre falo, tem que ter uma proximidade com o Brasil, às vezes os assessores me ligam, aí vamos fazer uma pauta sobre vinho, vinícola, eu falo vamos, mas e aí, qual é o gancho? Ah, uma visita à vinícola. Pô, isso aí a Globo já faz há 300 anos, não vão querer que eu faça isso. Ah, tá. Aí depois de meses eu negando, aí descobri que o Brasi/que Portugal tá exportando mais do que a Argentina, eu fiz um VT sobre isso, só perde agora pro Chile.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi. Acho que eu vi esse VT.

Leonardo Monteiro: Deve ter sido, porque é uma notícia que não é muito nova, mas a gente não tinha dado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você provou?

Leonardo Monteiro: Provei, fiz vinho, entrei dentro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Foi o... foi o seu, foi o seu (risos).

Leonardo Monteiro: Aí tinha até uma notícia, Portugal agora exporta mais do que a Argentina, só perde pro Chile. É notícia, é Brasil, é VT, ótimo. Então eu acho que nessa questão da produção de conteúdo Portugal não é beneficiado pelas agências. Porque ele... ele pouco tá nas grandes agências, a não ser em grandes catástrofes e... e, e, e... e assuntos internacionais. Nós temos uma agência em Portugal que é a Agência Lusa, que é uma excelente agência, em que às vezes, é, a gente pode usar o material dela, vamos imaginar, eu vou lembrar uma que eu... que eu usei. Pegou fogo o Museu Nacional e por ter uma relação muito forte com Portugal, o presidente da República falou sobre o Museu Nacional num evento em que obviamente eu não estava lá, porque eu não cubro a agenda do presidente. Ele foi fazer uma visita ao Montepio, ou a qualquer outro banco aqui, e perguntaram do Museu Nacional, eu não pode/eu não sou onipresente, eu não poderia imaginar que ele fosse falar disso. Aí eu descobri que ele tinha falado sobre isso, liguei pra Globo e falei, olha, o presidente de Portugal falou isso, não sei que, não sei que lá, eu tô sempre querendo em... emplacar. Ah, Portugal ofereceu ajuda, vamo fazer uma entrada? Vamos. E aí eu tenho que pegar essa sonora.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas e... e... e sem ser de agência, de cidadão comum, de tráfego de imagens cedidas de, é, câmeras de vigilância, amadores, a gente tem, é, esse... esse fluxo aqui em Portugal? Eu tenho notado muito pouco, no Brasil tem muito.

Leonardo Monteiro: Não, não tem, não tem. No jornalismo colaborativo? Não, nem as grandes televisões de Portugal têm, principalmente um correspondente. Não, não tem, não tem, não tem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem nada.

Leonardo Monteiro: A gente usa... se a colaboração é feita, ela chega no Brasil através do aplicativo da GloboNews no Brasil, mas como não há GloboNews aqui, efetivamente a GloboNews aqui, eu acho que não há incentivo do telespectador porque não é ele, não é, não tem telespectador aqui, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas tem quem... quem, bom, no caso agora SIC, né, você falou do porteiro e tal.

Leonardo Monteiro: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, tem isso, né, tem assim, eles são muito ativos também, quem assiste televisão é muito ativo e liga e/

Leonardo Monteiro: Mas é um ativo muito ultrapassado pra gente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Entendi.

Leonardo Monteiro: Quando eu entrei no mestrado e descobri que tinha um tele... um programa na SIC Notícias que se chama Opinião Pública que as pessoas ligam pra dar opinião e que até hoje ele existe, eu fico assustado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Curioso.

Leonardo Monteiro: Existe um programa chamado Opinião Pública até hoje em que a única forma de você falar com o programa é ligando pra dois telefones fixos, você entra pra dar uma opinião, só que o povo português é mais polido e menos corajoso do que no Brasil, porque no Brasil hoje em dia se você botar um telefonema de um telespectador, né, cê tá ferrado. Tem... tem... tem casos engraçados lá desse programa em que o telespectador fala, ah, sua voz me deixa excitado, mas é tipo, são cinco ou seis casos, mas aí existe um programa em que você duas edições por dia, se eu não me engano, eram duas edições, não sei se agora é só uma, você liga pra dar opinião, então o jornalismo colaborativo é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não existe um WhatsApp na redação que você possa colaborar.

Leonardo Monteiro: Não existe WhatsApp, não existe incentivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Essa busca.

Leonardo Monteiro: Não existe incentivo para... para a colaboração, mas eu também entendo. O meu... a minha gran/a minha grande comparação do jornalismo brasileiro com o jornalismo português obviamente é por causa do tamanho dos tamanhos dos países e por ser um país muito mais calmo et cetera, eu acho que o jornalismo português, ele s/é um jornalismo de agenda, então é tudo muito marcado, é, presidente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito mais tradicional.

Leonardo Monteiro: É o presidente, é a agenda do presi/aqui também é a capital, ou seja, eu era do Rio, não era de Brasília, então eu tô no Rio, que era factual, buraco, tiroteio.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Leonardo Monteiro: Ou seja, presidente, primeiro ministro, deputa/tudo aqui. Então é um... é um... é uma cobertura muito de agenda.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais voltada pra essas pautas tradicionais.

Leonardo Monteiro: Porque eu acho que não tem tanta demanda pras outras, de tiroteios e violências. Eu uso um caso na minha tese de um ca... cara chamado Pedro Dias que em 2016 matou acho que dois policiais, em uma perseguição, ficou foragido cinquenta dias, uma coisa assim. E os jornais foram... os telejornais foram feitos da onde ele tinha fugido, sabe, os caminhões de externa foram para as...

Ana Paula Goulart de Andrade: Foi um evento.

Leonardo Monteiro: Foi um mês falando de Pedro Dias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi, é, domingo retrasado? Domingo retrasado que teve a manifestação do pessoal do Jamaica.

Leonardo Monteiro: Ah, do bairro Jamaica. Vai ficar trezentos dias falando do bairro Jamaica.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você aí falou assim... é, uma grande multidão, e eram quarenta pessoas.

Leonardo Monteiro: Era meia... é, tem isso assim, porque como não é nada...

Ana Paula Goulart de Andrade: É tiros, aí sobre o som de tiros de borracha (risos).

Leonardo Monteiro: Borracha. Então assim, no Brasil infelizmente você ma/faz uma notícia de uma... de uma chacina, no dia seguinte já tá fazendo de uma bala perdida, aqui não. Aqui falou-se em Pedro Dias trezentos dias. Aí eu fiz essa comparação, enquanto Portugal falava de Pedro Dias por cinquenta dias, quantas matérias de crime tavam nos jornais no Brasil em cinquenta dias. Então, é, acaba sendo um jornalismo mais monótono por causa disso. E aí eu acho que também incen/é, reflete no jornalismo colaborativo porque cê vai filmar o que se não acontece nada?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, mas de outra forma também é um jornalismo mais tradicional no sentido que você não tem também muita demanda e que você precisa escolher, porque hoje também isso dá propensão pra, é, fake news, pra... pra... pra vídeos falsos que já foram exibidos em todas as emissoras, eu fiz... eu mesma fiz esse estudo, então você também não tem de... diminuir o erro, vamos dizer assim.

Leonardo Monteiro: Sim, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como correspondente acho que isso é mais distante ainda.

Leonardo Monteiro: É, é mais distante. Agora, é, em relação a isso, o que... o que faz no fim das contas é o seguinte, é uma coisa que é... é interessante. A GloboNews

é o que é, isso aí também é off total, mas também é uma opinião. A GloboNews também é o que é, é referência et cetera et cetera porque nós não temos concorrente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

Leonardo Monteiro: A Record News não é concorrente, a BandNews não é concorrente, e por que que eu falo isso? Porque nós em Portugal temos três de igual pra igual. Todas as três emissoras abertas têm três emissoras allnews. Então temos a SIC Notícias, que foi a primeira em 2001, temos a RTP3 e temos a TVI 24. Eu optei na minha casa por não ter TV a cabo, e por uma questão lá de tele/TV digital, existe uma coisa chamada TDT em que a RTP3, que é o canal de notícias da... da RTP, da televisão pública, ele tá na TDT, então na minha casa eu não tenho SIC Notícias porque eu já assisto SIC Notícias o dia inteiro quando estou na redação da SIC Notícias, e eu assisto a RTP3 que é concorrente da SIC Notícias de igual pra igual como a TVI 24 é. E eu assisto a... a RTP3 e acho que tô assistindo a SIC Notícias. Que as três fazem tudo igual. O alinhamento é igual, o espelho é igual, onde você vê o microfone de uma, as outras duas estão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ontem eu vi uma cena muito curiosa...

Leonardo Monteiro: É tudo muito igual.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que tava fechando, é, numa coletiva aqui de esporte, alguém deu um fora ou não re... não respondeu, não sei exatamente quem era, e aí entraram dois repórteres de duas emissoras a... a câmera pegou os dois repórteres vazou... e foi embora (risos).

Leonardo Monteiro: Ah, é? É, e fica, e vaza e... e entram juntos e... e é tudo igual, então assim, a GloboNews, ah, consegue a entrevista porque também não tem outra pra botar o microfone.

Ana Paula Goulart de Andrade: (Você tem que ter alguma história) [00:16:22].

Leonardo Monteiro: E tá tendo alguma coisa, tem que ter a me... e vão entrar na mesma hora.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que loucura.

Leonardo Monteiro: Então às vezes é assim, olha, é, eu vou... vou... vai ter o porta-voz do Corpo de Bombeiros, isso acontece sempre. Então vamos entrar no jornal às nove. Aí tá a RTP do seu lado e a TVI do seu lado, e eles falam, eu também vou entrar no jornal das nove, eu também vou entrar no jornal das nove, que horas é o seu? Ah, tá, pra nove e um, e o meu? Pra nove e dois. E o outro? Pra nove e um.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí existe o acordo?

Leonardo Monteiro: Não, não, é quem entrar primeiro vai pegar, aí depois se voc... se você entrar ou você enrola até acabar, mas o jornalista português tem uma coisa de fazer mil pergunta, não re... não... não há... e não há também um respeito ali, né, e também isso é uma coisa que eu brigo muito é que tipo, se você sabe que eu tô aqui esperando você terminar, você vai fazer quinze perguntas por quê? Uma outra coisa, aí você pega pelo caminho e vai, e é uma coisa também me incomoda muito, que é se tem três jornalistas ou quatro fazendo, por que que só você quer perguntar? E vai atropelando, então a pessoa nem termina de perguntar, aquela pessoa que cê já conhece quem é, que tem a mania disso, e não para de fazer pergunta, aí cê fica com cara de trouxa porque aquelas perguntas você ia fazer, aquela menina quis fazer todas, aí você termina e fala nãñãñã, voltamos ao estúdio, não sei que. Então eu não... eu não sou... eu não sou fominha nesse tipo de coisa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não é fácil.

Leonardo Monteiro: Então tem muita coletiva que eu boto o microfone e deixo a fominha ali res... perguntar porque ela parece que quer aparecer, e tem uma coisa que é, ah, mas aqui na... na... na TVI 24 em direto qual é a necessidade de quando você tá com outros colegas em reafirmar a sua emissora, isso é uma coisa que me... que eu não tenho nada disso, mas acaba sendo, o que quis dizer.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:17:52] tá num clima organizacional que alguém cobra isso da pessoa.

Leonardo Monteiro: É, não há... não há muito esse acordo não. É de acordo com o que...

Ana Paula Goulart de Andrade: O que conseguir.

Leonardo Monteiro: É, com o que conseguir, e isso também tem uma explicação que passa pela única forma do repórter se autopromover. Por quê? Porque na televisão portuguesa não há passagem. São raras as passagens. Então onde é que o repórter aparece?

Ana Paula Goulart de Andrade: No vivo, no direto. Vivo, ó. Direto.

Leonardo Monteiro: Ou no direto ou no vivo final, que é a passagem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Encerramento.

Leonardo Monteiro: Encerramento quando se faz geralmente fora do país que é pra mostrar que a televisão tá fora do país. Mas não há nenhuma na... você assiste um jornal de Portugal, uma hora e meia de telejornal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muita nota coberta, muita reportagem.

Leonardo Monteiro: Muita reportagem só com a voz, e aí o que acontece? O re/o repórter se galga na voz, então quando você é estagiário de uma TV portuguesa, não é qualquer ... tem repórter que não lê a sua matéria, que você não pode ler, mas cê... cê dá um texto pra um repórter, ele também diz que não lê, aí fica aquela coisa, quem vai ler então? Se eu não posso e você não quer, aí tem que alguém de cima falar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Decidir.

Leonardo Monteiro: Ou então você vai ao longo do estágio vendo quem é que não se importa, mas tem muito repórter que não grava texto que não seja o dele porque ele diz que é única maneira que é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Criar uma identidade.

Leonardo Monteiro: Criar uma identidade, que não lê texto dos outros porque não é dele.

Ana Paula Goulart de Andrade: Meu Deus.

Leonardo Monteiro: E isso no Brasil é uma coisa impensável, né, quantas vezes, lê aqui, lê aqui, lê aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: É impensável porque o editor... o editor de texto escreve pro repórter.

Leonardo Monteiro: É, isso é uma coisa que é... que eles não aceitam aqui. O que? Tem uma pessoa que mexe no seu texto? Tá louco. Eu falei, mas eu adoro. O que?

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu como editora de texto adorava trabalhar assim.

Leonardo Monteiro: Eu adoro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Se você chega com alguma coisa, eu falo, não, vamo botar essa sonora aqui.

Leonardo Monteiro: Junto, claro, pra melhorar.

Ana Paula Goulart de Andrade: O que acontecia no Brasil era o seguinte. Escreve o texto pro repórter lá fazer a passagem, só não fazer. A repórter ligava e falava, o

que que eu faço de passagem? Eu falei, vamo lá, é, cê tá olhando pra frente? Olha pro seu lado direito, agora pro seu lado esquerdo e pra trás, o que que cê tá observando?

Leonardo Monteiro: Ah, sim, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Né? Porque é... é o movimento também contrário que a gente percebe no Brasil, uma super exploração de quem tá dentro da redação e quem tá fora da res/da redação com repórter é um excesso de passagem de plano sequência...

Leonardo Monteiro: (risos) é, eu acho que essa... essa dependência que eu via antes também tá acabando um pouco no Brasil, pelo menos na minha função ela é, depende do produto. A GloboNews pelo fato de ter muita gen/muita demanda, pouca gente, muito jornal e tal.

Ana Paula Goulart de Andrade: (E tem uma economia maior) [00:20:28].

Leonardo Monteiro: O que me deixa um pouco, não me agrada tanto porque eu faço todos os produtos da casa. Então quando eu mando um texto pro Fantástico, ele volta lapidado maravilhosamente, e na mesma empresa às vezes eu mando um texto pra GloboNews e o que o editor joga no iNews, no NPS, só pra ver se tá no tempo e fala, pode gravar, e eu falo pô, pode gravar, será que o meu texto tá excelente mesmo? Claro que não é isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você não tá preocupado em melhorar, né?

Leonardo Monteiro: E na verdade isso é o que eu pensava, mas assim, será que é só isso, ou ele não tem tempo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, não. Não tá preocupado de tipo assim, eu tenho mais demanda, mais coisa pra fazer.

Leonardo Monteiro: Tenho mais demanda. Outra coisa também, os editores do Fantástico e do JN têm uma... uma bagagem. Os editores de internacional da GloboNews têm outra bagagem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não diminui isso.

Leonardo Monteiro: Não, a questão é, se eu te mandei um texto, é porque eu acredito que aquela versão era o meu melhor, você não achou aquilo melhor, aí você vai mandar eu reescrever? Não, né. Tipo... não. Então, reescreve você. Tipo, se eu entreguei a minha melhor versão, é claro que no dia a dia eu sei que eu não entrego a melhor versão, se eu ficasse horas e horas naquele texto. Mas às vezes eu não entrego a melhor versão e não entrego com tanto capri/ou com tanto...

Ana Paula Goulart de Andrade: Deadline.

Leonardo Monteiro: Porque vai ter alguém que teoricamente vai olhar pra melhorar, entendeu?

Ana Paula Goulart de Andrade: Lógico.

Leonardo Monteiro: Então, eu prefiro que mudem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que bom isso.

Leonardo Monteiro: Do que... do que só...

Ana Paula Goulart de Andrade: Assinar.

Leonardo Monteiro: Sinaliz/é. Porque aí pera perapera aí, então perai, então pra foi fazer a sua funç... cê... cê disse não entendeu, eu entendo, eu compreendo que você não entendeu.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí se você não entendeu essa palavra, a gente conversa o que que essa palavra, (você bota no seu tom) [00:22:44].

Leonardo Monteiro: Mas não simplesmente reescreva seu texto com tudo que eu sublinhei porque aí eu vou ser editor de texto, enfim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí cê tá... aí você tá fazendo papel inverso que eu falo.

Leonardo Monteiro: É, e aí, mas enfim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em dez anos, assim né, de 2009 a 2019, que que você acha que a tecnologia, e aí a gente pode falar de uma forma mais ampla, mudou o telejornalismo? De que forma, ela acrescentou, ela diminuiu a qualidade, ela facilitou, abreviou lugares, ela... em que lugar o jorn/assim, cê... cê tem mais cons... é... é, tendo que ter mais competências, como você já falou, né, cê teve que ser tudo aí ao mesmo tempo, mais cobranças também, como que a tecnologia dessa forma modificou em dez anos o jornalismo, o telejornalismo?

Leonardo Monteiro: Eu tenho que analisar sob dois pontos. O ponto do produto e o ponto do... do trab/do jornalista. Em relação ao produto... pode se parecer uma loucura o que eu vou falar, tipo, melhorou, mas piorou. Melhorou porque você tem mais conteúdo, isso é nítido, né, você tem mais conteúdo, você tem, é, o jornalismo colaborativo com facilidade de celular, drone, internet, cê tem mais conteúdo, porém esse conteúdo, ele... ele é, democrático demais, ou seja, todo mundo tem aquilo, então a reportagem que você vai ver no canal A é igual no canal B, no canal C, no canal D, porque os quatro canais foram buscar com a ajuda dessa tecnologia as mesmas coisas. Hoje em dia ninguém manda um vídeo, ou não/não criou-se o hábito, até pelo surgimento de outras plataformas como YouTube e WhatsApp et cetera, não se criou uma coisa de vou... vou mandar um vídeo para a Globo, vou mandar um vídeo para a Record. Não, vou postar um vídeo no YouTube.

Ana Paula Goulart de Andrade: E aí...

Leonardo Monteiro: E as quatro vão lá buscar. E aí tem a coisa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Garimpam.

Leonardo Monteiro: De pegar o, teve agora em Brumadinho, né, todos os jornais tiveram que se reportar porque tavam pegando coisas de Mariana, eu li uma matéria Globo, Record, SBT, todo mundo pegou um vídeo de uma coisa bem que poderia ser em Brumadinho e era em Mariana. Então assim, a quantidade de conteúdo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Era, foi de 2018, se eu não me engano.

Leonardo Monteiro: É, e teve um que foi até fora do Brasil, teve um até que foi fora do Brasil.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tinha as (barracas) [00:25:07].

Leonardo Monteiro: É, teve alguma coisa assim. Então assim, tem mais conteúdo, né, tem mais conteúdo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas precisava de mais jornalista também pra apurar melhor aquilo, né. Se você vem...

Leonardo Monteiro: Pra mais jornalista e por mai/e não acho que seja só isso, porque uma vez que seja verdade, que um jornalista da redação apurou que aquilo é verdade, o canal A, B, C e D vão ter aquilo, então.

Ana Paula Goulart de Andrade: Concorrência te deixa...

Leonardo Monteiro: Hoje é muito... é muito difícil.

Ana Paula Goulart de Andrade: É bom e é ruim.

Leonardo Monteiro: Por isso que eu falei que é bom e é ruim, porque o telespectador, ele vai ter mais, porém ele vai ter menos, ele vai ter mais oferta... só que mai/só que muito igual em todas. Então na verdade, um vídeo... eu fui mandado

pro atentado em Barcelona em 2017 e mais uma vez fiz um trabalho de... que ali ia ter a sonora de agência, e teve.

Ana Paula Goulart de Andrade: O Pedro também...

Leonardo Monteiro: Sim, eu fui levar roupa pro Pedro, o Pedro tinha acabado de dormir na minha casa em março.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos) coitado.

Leonardo Monteiro: É, então na verdade, é, eu falei de Barcelona por quê? Porque... ah, porque eu lembro que eu ainda tava em Portugal e recebi um vídeo, e eu recebi um vídeo que toda a redação do Rio já tinha recebido, então, e a Record também, e a Rede TV também, então eu acho que a tecnologia nesse ponto do jornalismo colaborativo, ninguém... ninguém colabora com tal, com tal. Até acontece, as TVs têm lançado aplica... a GloboNews lançou o GloboNews na rua, que é um aplicativo que você manda vídeos para a GloboNews, que você fez. Mas aquele vídeo pode ser mandado pra GloboNews, mas você também pode postar no YouTube, pode viralizar num WhatsApp. Em termos agora do outro ponto. Falei do produto, vou falar agora do... do jornalista. É, melhorou demais ao ponto em que, é, as coisas são mais fáceis, mas aí melhorou, mas também vem a questão do melhorou e piorou porque ao mesmo tempo que as coisas são mais fáceis em termos de envio, também há mais cobrança e mais demanda a se cumprir, né, então se eu.

Ana Paula Goulart de Andrade: Se a concorrente tem, como é que você não tem se já saiu?

Leonardo Monteiro: Se o concorrente tem, não, e se é mais fácil.

Ana Paula Goulart de Andrade: Velocidade que antes era mais fácil de você apurar com determinada fonte, agora a quantidade de coisas que tem, né.

Leonardo Monteiro: Exatamente, com as agências, com tudo, todo mundo tem tudo, é muito mais homogêneo, a... o dinheiro é mais curto, tanto é que eu tô lendo

esse livro dos correspondentes, eu tô no segundo capítulo, tô no... passei pela Sandra Passarinho, que começou aqui na Revolução dos Cravos em 74, passei pelo Lucas Mendes, maravilhoso o capítulo dele, tô agora no Roberto Feith, que eu por exemplo já nem... não lembro. Não sei se fala Feith, é Roberto Feith?

Ana Paula Goulart de Andrade: Acho que sim.

Leonardo Monteiro: Eu nem... não lembro dele em vídeos, e sou um... sou um telespectador antigo, não lembro dele. Mas eu fico pensando, poxa, eles têm tantas histórias que eu não vou, que eu não tenho e que não vou ter porque era uma época em que você saía com vinte mil dólares e era uma aventura que você...

Ana Paula Goulart de Andrade: A fonte.

Leonardo Monteiro: Apurava por dois me/não, apurava por... vou viajar dois meses pro Iraque pra fazer jornalismo de terreno, porque assim, a concorrência não... não... não existia com a velocidade da internet, et cetera et cetera, você trazia a notícia, trazia o ambiente, hoje se, hoje chega tudo por agência, hoje tem a internet, hoje todo mundo já fez, o jornalismo é globalizado, e aí vai... vou falar numa coisa também que eu acho que é nessa pergunta que pode entrar essa minha resposta que foi uma coisa que eu estudei muito na minha tese e que me deixava completamente desesperado enquanto correspondente. Uma vez em... eu tava voltando de férias, tava voltando sei lá da onde, de algum país aí, tava jantando no shopping e o meu chefe mandou... o meu chefe do Brasil mandou uma mensagem, Leo, cê tá sabendo aí de duas brasileiras que foram encontradas mortas dentro de um poço. E eu na mesma hora, claro que tô, claro que tô.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não sabia de nada.

Leonardo Monteiro: Não sabia de nada, e aí comecei a pesquisar, comecei a pesquisar, vamos fazer uma entrada, comecei apurar, nãñãñã, fiz a entrada no seguinte fui fazer a matéria, tudo certo. Mas depois bateu aquela questão. Peraí, eu sou o correspondente de Portugal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que reflexo né, que nem todo mundo...

Leonardo Monteiro: Não, e aí isso foi um dos grandes questionamentos. Mas peraí, eu sou o correspondente e quem fala o que tá acontecendo em Portugal é o meu chefe do Brasil? Essa foi uma grande questão que eu levei por algum tempo. E que em dois minutos, eu estudando, já caiu porque isso é a coisa mais comum que tem. Por quê? Meu chefe tá sentado no escritório na... na redação com trezen/com as dez maiores agências, com todos os sites abertos, com todos os alertas ligados e chegou lá um alerta de que duas brasileiras foram encontradas. Agora eu não sou onipresente, eu não posso tá 24 horas ligado, então na verdade eu... eu descobri, isso eu também acho que aparece já nesse livro dos correspondentes, em que não tem nenhum bicho de sete cabeças você ser avisado de uma pauta por uma pessoa que tá a oito mil quilômetros de distância.

Ana Paula Goulart de Andrade: A questão é a execução da... de como você vai fazer.

Leonardo Monteiro: Então, mas obviamente hoje eu fico mui/hoje eu tenho todos os alertas ligados, eu não durmo porque tudo, eu boto os alertas do Brasil e boto os alertas de Portugal, cada um toca numa hora diferente, então a partir das seis da manhã daqui meu celular já toca o alerta, e eu acho que inconscientemente olho esses alertas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Quão de interação e inovação têm isso? Inovação talvez você tenha respondido, mas de interatividade, assim, com o telespectador.

Leonardo Monteiro: Na questão do correspondente, na... não tem, n... não há, né, porque não há interativi/não... não tem como falar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas na visão geral.

Leonardo Monteiro: Mas... mas como eu digo, eu sou ligado 24 horas no jornalismo do Brasil. Minha televisão fica ligada na GloboNews o dia inteiro. É... eu acho que é uma grande questão que, que começou a se encarar há pouco tempo

muito impulsionada pelas fake news, então há uma campanha forte pelo bom jornalismo, é, pra combater isso. No início eu ainda tava na faculdade e um pouco do mestrado, porque aqui em Portugal ainda tá um pouco atrasado em relação a isso, eu até a minha... minha dissertação de graduação foi a interatividade no rádio, era muito na aposta da interatividade, colaboração, é, passiva e 100% verdadeira. Em pouquíssimo tempo isso foi concretizado a ponto desse jornalismo colaborativo ganhar a sua própria perna, muitas vezes se desvincular da verdade e se tornar um concorrente. Eu não sei responder, é, até que ponto a TV também não é um... não foi um pouco culpada (risos) em alimentar tanto essa colaboração que ganhou perna, que nunca foi a intenção da... das televisões, eu acho, de... deles ganharem perna sozinhos. E ganharam e tão desvirtuando muitas vezes, é, o que... o que acontece. Eu acho que nós temos agora um grande case que vai ser estudado e que já tá sendo colocado em prática, eu tenho visto isso nos jornais de rede, é que as matérias do presidente são com vídeos que ele posta.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, porque ele mesmo induziu a isso.

Leonardo Monteiro: Ou seja, ele vai ser... ou seja, tivemos agora (inint) [00:34:02], a cole... a famosa coletiva vazia, é, que eles abandonaram, quatro lugares vazios, mas que provavelmente, eu não sei, mas ele deve ter feito um vídeo dez minutos depois sobre o que seria aquela coletiva e virou um vídeo dele, e no vídeo dele ele fala o que q/cada um fala o que quer, não tem a/não tem pergunta, não tem nada, e é o que eu acho que tá acontecendo e vai acontecer nesses casos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá garimpando nas redes sociais e levando pra plataforma antiga da TV.

Leonardo Monteiro: Porque o... é, e isso eu entendo porque qual é a minha grande... para... como eu gosto de fazer um trabalho completamente autoral em Portugal, eu sempre falo isso pro meu chefe, eu me sinto trabalhando no Rio aqui por vários motivos. A Globo é respeitada, então, é, eu estou próximo de tudo, falo a mesma língua e exijo fazer um jornalismo como se fosse local. Em qual sentido? Em conteúdo para a minha reportagem. Ou seja, eu não aceito uma nota do ministério, do ministro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha.

Leonardo Monteiro: Eu trabalho em televisão, então eu preciso de uma sonora, eu preciso de um brasileiro, eu vou pra fila do consulado, eu vou marcar um com o consul, então eu me sinto muito no Rio por quê? Porque eu tenho certeza que em Londres eu ligo pro ministro e falar, ministro...

Ana Paula Goulart de Andrade: Me recebe aí.

Leonardo Monteiro: Me recebe. Em Portugal, eu acho que graças a e... eu acho, acho que é por isso, por essas... por esses fatores, eu consigo fazer um jornalismo muito brasileiro. Ou seja, eu ligo pro ministro, insisto, não é fácil, mas moro perto, falo que só preciso de quinze segundos, que nota pra mim não serve, dou... brigo com todo mundo até que a assessora vira e fala, então vem aqui, dois minutos, eu vou lá, pápápá, brigado ministro. Ah, vou mandar uma nota. Lê o que tá na nota, mas fala pra mim porque eu trabalho em televisão e tal, não sei que. Então eu consigo. E por que que eu acho que a gente vai garimpar? Porque se a gente não for garimpar por exemplo no caso do presidente da República, a gente vai fazer uma matéria só com blábláblá? Só com off do repórter? Então se ele publicou aquilo e aquilo agrega, mesmo que não seja, não tenha sido produzido pela emissora, é o que tem né, é o que tem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas em termos, assim, de inovação e... e interatividade e interação é isso de rede social. Inovação, pelo menos o que eu vejo, que eu percebo é muita, por exemplo no Fantástico, né, é muito mais na... na perspectiva do estúdio de... de... de 3D, de ligue agora, de capturar esse telespectador que tá nesse... nesse processo de capitalismo cognitivo pra dividir não só a tela com o computa/com... com o celular, mas tamb/ou computador, mas também com a televisão, que é o grande ecrã, né, que a gente pode chamar.

Leonardo Monteiro: É. Já não é mais, né, hoje já é o segundo, eu mesmo já... já pra mim já é o segundo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, não... não. Não, mas assim, durante muito tempo foi um grande... grande...

Leonardo Monteiro: É, grande, sim, sim, sim. Na minha... na faculdade o celular ainda era a segunda tela, hoje segunda tela é a TV, ela tá ligada ali pra... pra fazer uma...

Ana Paula Goulart de Andrade: É, não... não. Com certeza, com certeza.

Leonardo Monteiro: Uma companhia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito. É, bom, sobre as competências você já falou, né, que exige. Profissionais de mercado, aproveitar o modelo diferenciado de redes sociais você acabou respondendo também. É isso, essa pergunta eu já fiz, mas vou só reforçar. Você acha então que com tantas possibilidades dessas imagens, acontecimentos, né, que vêm de fora pra dentro da redação, você acha que a gente numa tendência do jornalismo, você acha que a gente vai precisar cada vez mais pra reforçar esse lugar do jornalismo, tá existindo algum movimento de renascimento desse... desse valor do jornalista quanto mediador do discurso?

Leonardo Monteiro: É, no caso do Brasil... é um jornalismo de breaknews, né, de tipo, e não tem como tá em todos os lugares ao mesmo tempo. Ou seja, como agora é muito fácil, muito mais rápido, muito mais instantâneo o conteúdo vir de fora pra dentro, eu acho que isso não há solução imediata, do tipo, como é que a gente não vai usar a colaboração de fora pra dentro se nós de dentro não estamos lá fora?

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas não precisa de mais jornalistas, mais... mais filtros pra que essas informações que cheguem sejam melhores apuradas, seja o melhor vídeo ou seja o melhor ângulo, ou seja o verdadeiro?

Leonardo Monteiro: Sim, é, eu acho, assim, eu... eu não tô dentro da... da redação já tem bastante tempo, né, da redação de fato, mas há um... há um mecanismo, há um investimento claro em jornalistas especializados em receber conteúdo. Agora o volume é... é bizarro, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, quer dizer, a gente começou no Rio, a gente começou com o Extra pegando e aí começou o que, a gente fazia de... você certamente pegou essa época, fazia ronda, né.

Leonardo Monteiro: Uhum, eu fiz muita ronda, sim, batalhão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então é WhatsApp e a gente acaba descartando muita coisa porque pode, uma bancada inteira começa aqui, com pessoas com WhatsApp que não dá conta, porque quanto mais se... se estimula, mais manda e manda de tudo.

Leonardo Monteiro: Não, a Globo já desenvolveu software que recebe as mensagens, filtra as mensagens.

Ana Paula Goulart de Andrade: Já, é, então, é... é isso.

Leonardo Monteiro: Já há um... já há um mecanismo tecnológico misturado a... a recursos humanos, tem até o nome, chama (lozis) [00:39:23] por onde chega esse... esse conteúdo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu consigo informação disso?

Leonardo Monteiro: Ih, não sei, na verdade (lozis) [00:39:30] é o sistema que a Globo inventou, serve pra tudo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah sim.

Leonardo Monteiro: Mas eu sei que chega, eu sei que o aplicativo da GloboNews já cai lá em algum lugar que alguém...

Ana Paula Goulart de Andrade: Já endereça, né.

Leonardo Monteiro: Já, já. Não é uma coisa mande pra cá e de repente você olha um celular, tem cinco milhões de mensagens, e aí vai um ou outro, não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é e um monte de emissora ainda.

Leonardo Monteiro: É, é, eu acho que é, mas depois da facilidade do WhatsApp web, eu acho que eles conseguiram, eu realmente não acompanho isso, sei que o Fábio Gusmão do Extra...

Ana Paula Goulart de Andrade: Fábio tava no lançamento.

Leonardo Monteiro: É, levou... levou isso pra frente, levou isso pra Globo, tanto é que... pra TV, porque ele tava agora nas eleições encabeçando fato ou fake.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

Leonardo Monteiro: Isso tem muito a ver com jornalismo, com a... com a colaboração.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:40:10].

Leonardo Monteiro: É, e isso, e eu acho que... que sim, que tem que... que tem que, é perseguir isso. Ma... eu... eu gostaria de ver uma televisão em que tivesse conteúdo/que tinha/que ela tivesse conteúdos exclusivos e interessantes sem precisar usar o que os outros têm, o que todos os outros têm. Mas isso é impossível porque se eu flagro um tiroteiro...

Ana Paula Goulart de Andrade: Hoje isso é impossível, será que há dez anos? Não sei.

Leonardo Monteiro: Eu não sei, porque...

Ana Paula Goulart de Andrade: Será que em 2009 era tão impossível?

Leonardo Monteiro: Mas a questão é essa, mas aí a questão passa pela tecnologia de 2009 pra cá.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

Leonardo Monteiro: E eu acho que nã... nã... não acho... não sei, porque se eu flagro um tiroteio aqui e filmo com o meu celular e mando pra todo mundo, de que maneira você vai ter um conteúdo exclusivo e tão in... e tão interessante quanto aquele flagra se você não tá no momento do flagra. Então assim, eu vou usar e todo mundo vai usar, e aí vai ver o que depois, das imagens de Brumadinho, quantas imagens impressionantes nós tínhamos? Nós e todo mundo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E toda a rede.

Leonardo Monteiro: E todo mundo, porque a pessoa que botou aquela imagem maravil... maravilhosa jornalisticamente falando, ela postou aquilo no YouTube, então na verdade as imagens mais impactantes já não é m... já não são mais da Globo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não são mais do... da plataforma TV, ela tá na plataforma.

Leonardo Monteiro: Não são, in... independentemente do investimento que se faz em pessoal e em tecnologia porque infelizmente isso não passa por aí. Eu tenho certeza que o que se investe de tecnologia hoje na Globo e até em recursos humanos é mais do que dez anos, mas nem esse... não é com... não é com capital e não é com recursos humanos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é comportamental, né.

Leonardo Monteiro: Isso é do ser hu/isso é da... da... uma coisa da sociedade. Então assim, ah, vão fazer boas, aí sim, agora a nossa... o nosso termômetro tem que ser o que vai ser feito, o que vai ser produzido pelas televisões depois desses vídeos comuns, aí sim a reportagem do Fantástico foi incrível porque conseguiu

entrar a da Record. Agora o... o breakingnews, ele infelizmente tá, não sei se é infeli/infelizmente quando a gente pensa com a cabeça da...

Ana Paula Goulart de Andrade: Jornalística.

Leonardo Monteiro: Não, e da empresa, né, tipo, ah, eu sou da Globo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Deixei de ter.

Leonardo Monteiro: Eu sou da Record, e nós temos isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: O furo tá cada vez mais difícil.

Leonardo Monteiro: É, eu tenho... eu tenho um... eu tenho uma... uma... uma interpretação de furo que difere muito da... de muitas pessoas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Do exclusivo.

Leonardo Monteiro: É, do exclusivo. Eu tenho pavor porque acho muito perigoso você taxar de furo, de exclusivo, eu já tive várias (discussões) [00:43:15] de, vamo assim, eu lembro de uma específica que era, fulaninho acabou de dizer que fulaninho morreu... no Twitter e você foi o primeiro veículo a fal... a dar essa informação. As pessoas usam isso como furo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não é, já estava no Twitter.

Leonardo Monteiro: Peraí, já tava no Twitter, não, não, mas nós somos o primeiro veí/não, não. A Dilma morreu.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tudo é exclusiva.

Leonardo Monteiro: A Dilma morreu, aí o Lula bota no Twitter que a Dilma morreu. Você foi o primeiro a dar que a Dilma morreu porque viu no Twitter do Lula. Isso não é furo, isso não é exclusivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso não é apuração.

Leonardo Monteiro: Isso só é furo se você for irmã/irmão da Dilma e real/e sou... e soube primeiro do que todos, então as pesso... a palavra furo, exclusivo também tá muito...

Ana Paula Goulart de Andrade: Banalizada.

Leonardo Monteiro: Tá muito banalizado, muito banalizado e... e hoje em dia numa plataforma aberta como a internet cada um escreve o que quer e diz que é exclusivo, não é exclusivo, então eu tenho muito... muitas restrições a essa coisa do exclusivo e do... e do furo, e isso vai muito com, é, e quando você tem uma plataforma e que democratiza determinados flagrantes, quem ve/quem é você pra dizer que aquilo é um furo ou é um exclusivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que aquilo não é seu.

Leonardo Monteiro: Não é, não é, não é, não é, não é. Então na verdade eu acho que/

Ana Paula Goulart de Andrade: No sentido irresponsabilidade com qual autor, com qual agen... agente, é que é...

Leonardo Monteiro: E assim, qual é a reportagem especial que vai conseguir desbancar aquela primeira imagem, mesmo que seja péssimo, péssima filmagem, péssimo ângulo com péssima qualidade, qual é a reportagem especial que vai conseguir...

Ana Paula Goulart de Andrade: Reviver.

Leonardo Monteiro: Não, cho... cho... reviver e chocar mais do que aquela primeira imagem? É uma coisa que eu, eu acredito, que nem eu não sei, eu não fiz uma análise disso, mas eu a... eu acredito que nenhuma imagem, nenhuma

reportagem do Fantástico, do Domingo Espetacular sobre Brumadinho vão ser tão chocantes do que as imagens feitas pelo celular das pessoas que viram aquilo, então são concorrências completamente desleais.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como conduzir, e como conduzir isto, né, eu acho assim, como contar essa história. Acho que é o diferencial;

Leonardo Monteiro: Tipo tá, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu juro que é a última pergunta, seu tempo tá estourando.

Leonardo Monteiro: Não, não, tranquilo, tranquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, e como é que você acredita, a gente tá falando de dez anos aí né, como é que você acredita que o telejornalismo vai estar daqui a dez anos? O telejornalismo como um todo. E aí você pode dar a sua visão como repórter também da SIC, como correspondente, já foi no Brasil, tá aqui.

Leonardo Monteiro: É, e o que, isso... isso não é, não vou trazer nenhuma novidade, mas assim, enfim, o consumo da TV enquanto aparelho na... na parede, ela é decrescen/ela é, porém, nunca se viu tanto TV quanto antes...

Ana Paula Goulart de Andrade: O audiovisual nunca teve tanta importância, né.

Leonardo Monteiro: Por causa, é, por causa das grandes maneiras de ser ver, né, da... de grandes plataformas e grandes acessos. O próprio Ricardo diretor daqui já falou que o futuro é o OTT, né, que é a televisão que chega pelo cabo de rede e você vê tudo que quer et cetera. A Globo investe muito em pesquisa e isso é bizarro mesmo, eles investem muito em pesquisa, e muitas dessas pesquisas a gente tem acesso, mesmo estando fora nós temos acesso a elas, e até eu morrer pelo menos.

Ana Paula Goulart de Andrade: (risos).

Leonardo Monteiro: Esse é o estudo que fizeram, olha, pelos... a geração que tá nascendo, a geração de hoje ainda vai ter TV, então pensando no meu... no meu (inint) [00:46:49] (risos).

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:46:50]

Leonardo Monteiro: O melhor, o melhor. A pessoa de hoje já não vê TV. Mas as que vêem, elas vão envelhecer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vão continuar vendo.

Leonardo Monteiro: Vão continuar vendo e quando elas morrerem, acho que eu morro junto também e aí eu não vou pegar o... o fim disso. Tanto é que se discute que nunca se viu, mas a Globo nos últimos dois ou três anos teve uma das melhores audiências dos últimos vinte anos. Tipo, ao mesmo tempo em que se discute o futuro da televisão, nós temos resultados muito bons, e eu não sei se é porque a métrica ficou melhor, não sei se é porque a TV chegou/chega a mais lugares do que antes, apesar de que acho que na última pesquisa caiu, se eu não me engano caiu 1%.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso pode ser até por valor notícia.

Leonardo Monteiro: Do 99 pra o 98% acho que de cobertura de televisão do... do Brasil tem menos, acho que pela primeira vez tem menos televisões do... do que antes, e isso tudo é um... é um produto da... da internet obviamente, hoje você pode não ter uma televisão em casa e consumir de qualquer forma através do... eu fiquei um ano, não 2015, acho que eu fiquei um ano e meio sem televisão na minha casa. Na minha casa, casa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você sabe que eu tô... eu tô pesquisando televisão e eu/

Leonardo Monteiro: Porque na verdade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Só tinha o aparelho e fiquei bem tensa com o computador.

Leonardo Monteiro: Sim, pois, é. Eu lá... eu fiquei um ano e meio sem televisão aqui e não preci/sentia falta, por quê? Porque eu tinha televisão no iPad e no... no computador, então eu só comprei na verdade mais uma tela, porque não necessariamente aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: A televisão (aparelho) perdeu a sua função?

Leonardo Monteiro: É, a televisão hoje é tudo, né, a que... eu vejo e eu... eu vejo a Globo na minha casa é no YouTube.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sempre.

Leonardo Monteiro: Eu boto na Globo, na GloboNews, boto em tela cheia, porque a minha televisão é smart TV, então na verdade ela é um computador, boto em tela cheia como se eu tivesse vendo a Globo, eu tô vendo a GloboNews que tá lá, ent... só que em vez de abrir no GloboNews play...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem que partir por você e não dada pela TV.

Leonardo Monteiro: É, é, mas de qualquer maneira... de qualquer maneira você é o responsável pelo controle remoto, então você é que muda ou não muda, mas eu acho que... que é isso, que o futuro, então como eu tava dizendo, eu não me preocupo em relação ao... ao meu emprego, esse tipo de coisa porque eu sei que/

Ana Paula Goulart de Andrade: Seu ganha pão tá garantido.

Leonardo Monteiro: Que ainda, que esse... que isso ainda vai ter uma... uma... uma audiência, mas a Globo é uma empresa que não vai morrer quando eu morrer, então a Globo se preocupa mui... não Globo, as empresas se preocupam muito com o futuro, e já há muitos estudos de pra onde vamos, e eu pro... o pro onde vamos é o ondemand, é o Globo Play, é o Record Plus, né, o Plus TV, é onde você vai... eu

acho que é aquela coisa que quando eu estudava na PUC, por exemplo, que ah, é a TV do futuro, é a interatividade, você vai poder clicar no bl/eu lembrava muito disso, vai clicar no brinco da Jade pra saber onde ela comprou, eu acho que as... acho que isso... acho que isso já não, até isso já é ultrapassado, que na verdade a gente nunca se pensou, acho que nunca se... nunca pensou em que nós iríamos além do controle remoto. Porque sempre foi assim, ah, vamo ver o que que aquele brinco, mas antes de você decidir ver qual é o brinco da Jade ou não, tá em posto que a Jade vai passar naquela hora, e isso já caiu. Hoje já n...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu decido a hora.

Leonardo Monteiro: Eu decido a hora, exatamente. Eu vejo a novela quando eu quiser, se eu quiser fazer, como é que fala, maratona, a gente faz, então eu acho que isso quando eu estudei, 2009, foi quando eu tava saindo da faculdade, a gente nunca pensou nisso, no... primeiro que a velocidade da internet era outra, vídeo na internet era uma coisa impensável de consumo, de dados, a gente nunca pensou que fosse ser muito fácil, como é que você vai assistir uma televisão que é fornecida por internet, mas com que v/com que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que é televisão?

Leonardo Monteiro: Não, mas em termos de, porque a televisão é a antena, a gente já nasceu com essa recepção gratuita, rápida e instantânea, mas quando a gente, a gente pegou o início das transmissões de internet. Não era pra/não é... não era prático, era uma coisa impraticável porque travava.

Ana Paula Goulart de Andrade: (cantando) tãñãñãñãñã (risos).

Leonardo Monteiro: Travava.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sábado... sábado depois de duas da tarde ficava melhor.

Leonardo Monteiro: É, não a... não a... além de ser discado, a qualidade do vídeo era ruim, é, não havia transmissão, o YouTube não... não era... não tinha ao vivo, eram só vídeos up... de uploads, a quali/a velocidade era baixa, então a gente nunca imaginou que aquilo f/se a... o futuro é OTT, televisão vinda por cabo de rede, o cabo de rede hoje é a nossa antena do passado, ou seja, a velocidade, se é 4G, se é 5G, hoje a gente tá preocupado com isso, mas muito menos do que antes, porque hoje aqui em Portugal então, é, meu... meus diretos são maravilhosos porque a qualidade aqui da/da velo... a velocidade da, da internet é uma coisa muito boa, e quando vier o 5G então, ontem até saiu uma matéria do Luís Fernando Silva Pinto, 5G, não vai ter mais essa coisa de download em segundos, é... é instantân/é como se fosse uma coisa instantânea. Então na verdade o que eu estudava em 2009 a gente não... não saberia que... que... que a internet poderia, não a internet, a rede em si, o cabo de rede, o fornecimento de dados fosse substituir a antena, porque na verdade é isso, na minha casa eu tenho uma televisão, mas que poderia ser um monitor ou um computador, que na verdade a TV que eu assisto não chega pelo aparelho TV, ela chega por um cabo de rede. Isso aqui que a gente tá vendo, aqui parou, mas é, não é uma televisão, é uma... é um link do YouTube. Então isso aqui que tá vindo por antena n... n... ela não vai... não vai mais existir. E ao mesmo tempo em que com a antena você tem que ter concessão larálarálará, isso que eu faço por exemplo com a GloboNews, eu posso fazer com o tal do MyNews, que é um canal, então assim, a concorrência é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Desleal.

Leonardo Monteiro: É, não é que desleal, a concorrência é enorme, é mui... é mui... você concorre com muita gente, e aí é que a Globo na... nas discussões que eu vejo das palestras tem dois desafios nisso, que é vamos nos diferenciar pelo que sempre nos diferenciou, que é conteúdo, então casa de roteirista, isso tudo tá sendo muito investido em conteúdo, e... e um desafio que é como monetizar esse futuro. Porque por exemplo, eu tô vendo esse canal da GloboNews no YouTube, que é um canal pirata que tá pegando do GloboNews Play de alguém. Se a gente for somar a audiência, não só da Globo, de todos os canais que têm um link pirata, essa audiência é um estrondo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá reverberando.

Leonardo Monteiro: Tá reverberando a audiência, mas não tá reverberando no bolso, porque a Globo ter cinquenta mil pessoas assistindo um link pirata, a Globo não pode transformar isso em cobrança ou anunciante porque ela não é uma pesq... ela não é um... então assim, é, tem televisões, eu acho que a Euronews faz isso, que ela mesmo tem um link no YouTube e que... ao vivo. Então pra que que eu vou fazer um canal pirata do Euronews...

Ana Paula Goulart de Andrade: Se eu tenho.

Leonardo Monteiro: Se o próprio Euronews já disponibiliza? E a Globo já faz isso com, se eu não me engano, com GloboPlay em Rio, São Paulo e Minas.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:54:16] pouco.

Leonardo Monteiro: Não, eu acho que você pode assistir a Globo ao vivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Direto.

Leonardo Monteiro: Mas só em alguns... algumas cidades, alguns estados, e fora do país não pode. Mas o GloboNews Play por exemplo eu posso assistir aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jura?

Leonardo Monteiro: Aí ele puxa muito o... os dados pra ter uma... uma qualidade excelente, em compensação dá uma travada. Então eu acho que isso também é um desafio da área de... de digital da Globo, eu vivo recebendo e-mail sobre isso, que é... é facilitar, ah, tem uma outra coisa também, o YouTube tem uma coisa com a minha televisão que é o seguinte, eu vou no meu iPad, entro no YouTube, aí escolho no meu iPad o canal, aperto um botão no YouTube do meu iPad e ele vai pra minha televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Multitela.

Leonardo Monteiro: Não, ele... ele diz... ele...

Ana Paula Goulart de Andrade: Reconhece.

Leonardo Monteiro: Ele reconhece a minha televisão e joga aquilo pra minha televisão, e eu posso fazer o que eu quiser aqui. Ele não fica preso no YouTube. E no GloboPlay não tem isso. Porque se eu abrisse o aplicativo do GloboPlay, tivesse um botão pra que eu espelha/não espelhasse, porque eu não s... eu não quero que espelhe, porque não quero ter duas telas iguais, que jogasse aquilo pra lá, porque navegar em smart TV é ruim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

Leonardo Monteiro: É ruim. Navegar no iPad não, então você é,... o que que eu faço em casa? Abro o YouTube no iPad, ajusto o que eu quero ver, geralmente mesmo link ao vivo você volta, olha que maravilha, então eu chego em casa meia-noite, o Jornal Nacional é dez e meia, eu abro o link da Globo meia-noite, volto com o dedo pro início do Jornal Nacional, aperto um botão de espelhar, ele fala reconhecendo a televisão tal, aperto o botão do meio do iPad, o iPad fica desligado, desativado, porque aquilo já não tá ass/aquilo nunca foi na verdade emitido pelo iPad, o iPad só joga um comando para a televisão e a televisão é que assume aquele comando. Eu posso fazer o que eu quiser com o iPad, até desligar, e cê não quer mais, é uma facilidade incrível isso. Então eu acho que a... a... as TVs vão ter que tentar monetizar isso, né, saber que o futuro é esse e trazer facilidade. Porque se eu, acredito que a tecnologia da Globo consiga fazer uma coisa parecida com o YouTube de... de ser amigável, hoje... hoje eu gosto de assistir o GloboPlay e o GloboNews Play quando eu os vejo no iPad. Mas pra ver num... pra jogar pruma televisão ele não é... não é bom, não é... não confortável como o YouTube. O YouTube eu vejo ali um pouco granulado, como cê tá vendo, nã... geralmente não é assim, é melhor, mas ele chega de maneira, tem ali uma... uma poluição ali, periquito e tal, mas ele é bem mais, é, fácil.

Ana Paula Goulart de Andrade: O acesso. E já tá muito mais familiar isso também, até que ponto você vai precisar de uma imagem tão limpa, mas com tantos passaportes, né.

Leonardo Monteiro: É, a única coisa que não dá pra ver é futebol, eles realmente, acho que os youtubers...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah.

Leonardo Monteiro: São muito, devem... devem sofrer muito, devem... já devem ter sofrido muito em termos de processo de direito, toda vez que tem futebol ou até mesmo gols... gols da rodada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Melhores momentos.

Leonardo Monteiro: Eles botam uma tela preta assim, já voltamos por causa... o Big Brother...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, é?

Leonardo Monteiro: Então quanto tem alguma coisa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem alguns produtos.

Leonardo Monteiro: Filme... acho é quando vai muito em termos de interna... em direitos internacionais. Agora é uma dúvida que eu nunca tirei e que gostaria de saber da própria Globo é, a Globo obviamente sabe que tem trilhões de links, não são trilhões, mas são sei lá, dez ou quinze por dia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pirata.

Leonardo Monteiro: Piratas. E não coíbe, se... se eles têm preocupação com futebol, com Big Brother e com filme, eu acho que a Globo não se incomoda dessa programação dela tá sendo transmitida.

Ana Paula Goulart de Andrade: Talvez isso traga mais...

Leonardo Monteiro: Mas traz o que se não é um... se não é um canal da Globo?

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:58:27].

Leonardo Monteiro: Ah, não... não é o canal da Globo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, mas, traga um consumo aleatório, é.

Leonardo Monteiro: Eu gostaria de entender o porquê, assim, se eles são tão rígidos no futebol.

Ana Paula Goulart de Andrade: (Com os) [00:58:37] outros produtos.

Leonardo Monteiro: Porque com certeza o juri... eu já li isso, o jurídico da Globo tem... o jurídico da Globo tem total parceira com o jurídico do YouTube, então eu acho que se a Globo ligar e falar...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não vai.

Leonardo Monteiro: Esse link não pode, o YouTube tira na hora, e não é o que acontece, não é o que acontece na GloboNews, porque assim, se eu... se eu assistir pela GloboNews Play, é um canal oficial, é, tá vindo da G/agora se eu assistir esse canal aqui, eu tô assistindo aGloboNews, mas a GloboNews não sabe que eu tô assistindo isso, porque isso aqui é do... do periquito.

Ana Paula Goulart de Andrade: Periquito exportador de (inint) [00:59:09].

Leonardo Monteiro: O periquito tá ali teoricamente filmando a tela dele e transmitindo isso lá, não é isso porque não precisa mais fazer isso. Mas é um GloboNews Play que ele tá, e tem vários links, tem vários links assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Brumadinho.

Leonardo Monteiro: É, tem vários links assim, então na verdade eu gostaria muito de saber, eu sei que...

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma boa questão.

Leonardo Monteiro: A Euronews tem um link dela, o G1 faz muito isso em coberturas muito especiais, abre o sinal, debates... debates dos políticos, ano passado.

Ana Paula Goulart de Andrade: É algum interesse que pode um... em alguns produtos.

Leonardo Monteiro: Mas o... mas se o G1 abre o sinal, é o G1 que tá abrindo, não é o... não é o periquito.

Ana Paula Goulart de Andrade: Partindo do G1, não é o periquito que tá... que tá pegando.

Leonardo Monteiro: Então a Globo não ganha com esse periquito, ou melhor, ganha audiência, mas não ganha dinheiro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pois é, mas será que não dá uma leitura de democratização da informação? Não sei, não no Big Brother, não.

Leonardo Monteiro: A democratização já existe na televisão aberta, mas ele consegue explicar pro anunciante que há essa democratização no YouTube já que todo dia não é... não é o periquito que eu vejo todo dia, porque daqui a pouco o periquito, ele vai parar...

Ana Paula Goulart de Andrade: Muda e vai ser outro.

Leonardo Monteiro: Ou a Globo vai em algum momento, aí vai surgir a periquita, então ou seja, não é um canal fixo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fixo, entendi.

Leonardo Monteiro: Não é um canal da... tanto é que eu lembro há um... há um tempo atrás, alguns amig... tem amigo de todas as áreas da Globo, tem amigos meus da área das redes sociais, do digital e eles me falaram que a Globo demorou muito a aceitar as plataformas que não eram delas... dela. Ou seja, a Globo quis inventar um Orkut da Globo, a Globo quis inventar uma plataforma de vídeo e... e a partir de determinado falou, cara, isso não vai a lugar nenhum, aí a pessoa, eu não sei se tem como estudar isso, mas a Globo demorou muito tempo a ter um canal oficial no YouTube. A Globo tem um canal que passa chamada, que passa resumo de novela, que passa abertura de novela, mas a Globo demorou muito a ter esse canal porque ela... eu acho que ela resistiu muito, do tipo, eu não vou me su/me subordinar a uma plataforma existente. Eu sou a Globo, eu vou criar uma. Eles tentaram isso. Tipo, a Globo se rendeu ao Instagram, eu acho que até hoje é uma luta de seguidores, porque se a Globo tivesse entrado lá atrás, hoje estaria muito... muito mais à frente, hoje eu acho que ainda é uma luta por seguidores.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ao mesmo tempo os... os colaboradores da Globo, é... é, são, assim como de todas as outras emissoras né, são estimulados cada vez mais a fazerem chamadinhas.

Leonardo Monteiro: Hoje, hoje. Antes era como se, ué, nós temos um grupo aqui no WhatsApp que é justamente pra isso, Instagram GloboNews. Se eu tiver numa cobertura em Barcelona, como é, alô pessoal do site, tamos aqui não sei... isso tem. Mas isso é hoje, a Globo já reconheceu já deve ter uns cinco, seis anos, a importância dessas plataformas que não são dela.

Ana Paula Goulart de Andrade: De estar, né? De povoar este local.

Leonardo Monteiro: Porque lançaram o Orkut da Globo, sei lá, eu lembro disso, quando eu tava na Rádio Globo tinha umas coisas, ah, é o Orkut da Globo, a plataforma de vídeos da Globo e os outros atropelaram.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ao mesmo tempo também no Rio, no Rio a gente teve uma carta do Ali Kamel, é... é, falando sobre o comportamento nas redes também, né.

Leonardo Monteiro: Ah, sim, sim, é. Porque teve caso de jornalista, teve até uma demissão e tal da Carla Vilhena.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Leonardo Monteiro: Que publicamente parece... publicamente ela foi, pediu demissão, mas não, ela foi demitida porque viram que ela tava usando o blog pra se hospedar em hotel, usando o nome da Globo, nãñãñãñã.

Ana Paula Goulart de Andrade: (Que graça) [01:02:29] são outros constrangimentos.

Leonardo Monteiro: E das histórias que do César Tralli, do casamento, de permuta.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [01:02:33], isso.

Leonardo Monteiro: É, então na verdade houve essa/

Ana Paula Goulart de Andrade: Teve que ter essa... nota.

Leonardo Monteiro: Mas ao mesmo tempo mostra que cui... mostra essa própria carta tem um lado positivo, não um lado positivo, tem um lado que é não abdiquem dessas redes, só cuidado com elas.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [01:02:51].

Leonardo Monteiro: Ou seja, se fosse uma coisa da Globo, não vamos aceitar essas redes porque nós temos a nossa própria GloboTube, então olha, vocês não podem fazer nada porque enquanto funcionários nós temos que usar o GloboTube. Então, o GloboPlay é um pouco disso, né, é um pouco...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas eu acho que tem uma outra conotação, não sei, me parece que é, é.

Leonardo Monteiro: Não, não, então, tô falando dos dois... o lado obviamente é... é publicitário, pra não fazer publicidade, mas se eles falam que a gente não pode fazer, pos/postar a marca, eles antes... antes de dizer que não podem postar marca, eles reconhecem que se pode usar aquela rede, eles poderiam banir de alguma forma, incentivar a gente a não usar Instagram, e sim InstaGlobo, e eles já perceberam que... já tentaram.

Ana Paula Goulart de Andrade: O público tá em outro lugar.

Leonardo Monteiro: O público tá em outro lugar e... e eu acho que é um resultado que deve ter... que deve ter bons...

Ana Paula Goulart de Andrade: Retornos.

Leonardo Monteiro: Bons re/e bons resultados dessa opção da Globo ter ido para essas plataformas consagradas mundialmente, YouTube, Instagram, Facebook eu não sei, eu não sei como é que... o Facebook também tá em queda, mas o Instagram da Globo e... e o YouTube é muito alimentado com coisas exclusivas, indo pra parte do ondemand, do O... do OTT, a Globo também já, isso aí foi até um tema do... do Cádima, eu fiz na aula do Cádima, que foi... foi quando a Globo pela primeira vez lançou um capítulo zero, acho que foi de Sangue Bom. Tinha o capítulo um que era na TV, mas eles lançaram um capítulo zero no GloboPlay.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, sim, sim, sim, eu lembro.

Leonardo Monteiro: E botaram Verdades Secretas na íntegra antes.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi.

Leonardo Monteiro: Então eles tão fazendo experiências, séries que só são fei... Ilha de Ferro se eu não me engano, Ilha de Ferro tá na TV? Eu não sei, mas eu acho que Ilha de Ferro tem um ano que foi lançado no GloboPlay, então assim, nós enquanto funcionários do j/é porque eu falo disso tudo porque eu sou um curioso, eu passo a madrugada inteira na... na intranet estudando o que a minha empresa, que eu adoro, aqui é só uma vírgula dela, eu adoro o que ela faz porque não é só aquilo que eu trabalho. Às vezes eu falo caramba, mas a empresa que eu trabalho é bizarra, porque assim, o que eu faço a gente já sabe, tanto é que nessas palestras que têm na intranet, (são cinco) [01:05:08]... se não são trinta palestras, tem uma do Bonner, e a do Bonner pra mim foi a mais desinteressante porque o que ele falou...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você sabe na prática.

Leonardo Monteiro: Na p/porque a gente ouve ele falar aquilo no dia a dia, são histórias já consagradas, mas o que eu ouvi da menina da inteligência de mercado ou da... do cara que faz as chamadas da Globo, cara, é um universo que eu não vivo e que eu adoro, mas que eu não vivo, então eu ouço a... quando o cara da pesquisa falou...

Ana Paula Goulart de Andrade: Extrapola. Transborda departamentos.

Leonardo Monteiro: Caramba, a minha empresa não é isso, é muito mais do que isso, então assim, essas opiniões que eu tô tendo, por que que a Globo não bota um link ao vivo dela no YouTube.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é um diferencial seu que foi atrás buscar também.

Leonardo Monteiro: Não, e que na verdade tem uma resposta que provavelmente é muito contundente, eu é que não sei a resposta dela. Eu sei essa do YouTube, de ter um canal no YouTube, de ter uma conta no Instagram porque uma amiga minha da área me falou, porque eu também não saberia dizer se a Globo tinha... é, em... se a... que a Globo se atrasou em reconhecer, são coisas que o públ/nem eu que tô lá dentro sei, porque nem é da minha área, mas em palestras, em coisas da intranet a gente vai sabendo que a Globo lançou isso no... no GloboPlay e parece que foi uma audiência ótima, então assim, isso é uma coisa de um leigo, de um curioso, porque com certeza tem milhões de pessoas, muitas centenas de pessoas dentro da Globo estudando esse futuro de... de GloboPlay, de aplicativo, porque é um investimento muito alto do... dentro da... dentro da...

Ana Paula Goulart de Andrade: Voltaremos a conversar em breve.

Leonardo Monteiro: É.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu espero.

Leonardo Monteiro: Foi bom? Era isso?

Ana Paula Goulart de Andrade: MUITÍSSIMO obrigada, extrapolei teu horário aí.

Leonardo Monteiro: Não, não faz mal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jornalista que não cumpre com...

Leonardo Monteiro: Não.

Record

Ana Paula Gomes

PARTICIPANTES

Ana Paula Gomes

TEMPO DE GRAVAÇÃO

Áudio 01: 00 minuto e 10 segundos

Áudio 02: 01 minuto e 24 segundos

Áudio 03: 04 minutos 28 segundos

Áudio 04: 02 minutos 14 segundos

Áudio 05: 02 minutos 32 segundos

Áudio 06: 02 minutos 28 segundos

Áudio 07: 03 minutos 08 segundos

Áudio 08: 01 minuto 55 segundos

Áudio 09: 01 minuto 32 segundos

Áudio 10: 00 minuto 05 segundos

Áudio 11: 03 minutos 45 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

Áudio 01

[00:00:00] – [00:00:10]

Ana Paula Gomes: Aninha, primeiro, desculpa o atraso, vou tentar aqui fazer que eu tô em casa aqui agora, de repente vou conseguir fazer tudo. Vou tentar, tá bom? Desculpa. Beijo.

Áudio 02

[00:00:00] – [00:01:24]

Ana Paula Gomes: Bom, eu sou Ana Paula Gomes. Hoje eu sou correspondente da Europa aqui em Portugal pela Record TV. Eu já trabalho na TV há mais de treze anos, eu trabalhava na Record do Rio de Janeiro... é, lá eu passei por todos os telejornais, é, pelos locais, também pelo Jornal da Record, pelo Domingo Espetacular, pelos jornais é, nacionais e hoje eu faço a cobertura de toda a Europa é... que hoje a Record não tem mais o correspondente no Reino Unido e agora tem em Portugal. Isso foi uma coisa que mudou com a minha chegada aqui em Portugal, então eu passo um pouquinho do que é mais relevante pro, pro público da Record pra o Brasil, né, então eu tento sempre ter esse olhar é, diferente aqui pra gente passar o que realmente importa lá pro Brasil e o que é mais relevante que tá acontecendo aqui também. Muitas vezes ‘cê vê matérias que têm alguma relação com o Brasil, ainda mais aqui em Portugal, onde a comunidade é muito grande, né, a comunidade brasileira e toda essa relação entre os dois países, então também acabo fazendo muita matéria sobre, é... essa influência aí que existe entre esses dois países.

Áudio 03

[00:00:00] – [00:04:28]

Ana Paula Gomes: Bom... é, eu acho que a tecnologia, claro que ela ajuda, né, hoje a gente ‘tá super conectado, ainda mais no meu caso que ‘tô distante do Brasil, né, a gente não ‘tá ligado com as pessoas, né, então a gente acaba tendo essa, essa/isso ajuda muito. Hoje, hoje, por exemplo, toda a minha comunicação é, com... a minha coordenação, com meus editores é feita principalmente pelo WhatsApp e... e também, lógico, pelo e-mail, mas acaba sendo muito pelo WhatsApp, eu recebo, é, a minha... eu passo pautas pelo WhatsApp, elas me passam o que eu, qual é a minha, a minha pauta, eu escrevo tudo pelo celular. Eu mando todos os meus textos,

muitas vezes, pelo celular, porque muitas vezes eu estou na rua e também pelo e-mail, né, mas pelo fato da distância, isso ajuda muito, né, eu consigo ter um acesso a todas as notícias da Europa, eu entro... eu tenho, é, no meu cel/celular, por exemplo, os aplicativos de, da Reuters, da Pixon, das agências que a Record trabalha é... de jornais ingleses também... alemães, italianos, espanhóis... Então, a gente tem, lógico, essa rede incrível que te ajuda, ainda mais no meu caso com a distância, né, e não só a distância do Brasil... mas eu também tenho distância do local onde eu, eu faço pa/a minha cobertura, minha área de cobertura assim, né. É, eu não 'tô na Grécia, então, lógico que eu tenho que ter o acesso às informações da Grécia, eu não 'tô... no Reino Unido, mas eu tento sempre olhar tudo do Reino Unido como eu olho, lógico, aqui em Portugal. E também no Brasil, né, eu também olho é, as notícias no Brasil, né, o que que no Brasil as pessoas também 'tão falando aqui da Europa. Isso é engraçado, eu tenho essa, essa preocupação, eu faço a minha matéria e eu também vou lá ver, ah também 'tão nessa... também 'tão nesse sentido, né, d/ou então algo que ninguém fez. Pô, vou sugerir isso aqui, é muito legal, pra tentar fazer isso. No meu caso, eu não tenho produção, né, então sou eu. Eu tenho um câmera, que, na verdade, trabalha aqui pra Record Portugal, a Record tem uma base grande aqui em Portugal, é a sede da Record Europa, mas eu não tenho essa produção, então, eu faço a minha produção, né. Então, eu sempre tento pesquisar algo aqui em Portugal principalmente, né, faço todas essas ligações, aí é o trabalho que a gente conhece, que é incrível, que é aquele trabalho do ser humano, né, de 'tá perto, de conversar, de pegar, é, o depoimento. Muitas vezes eu nã/em algumas matérias é, por agência ou é por informações, então, lógico, a tecnologia me ajuda é... seria incrível se a gente pudesse... ah, vou fazer uma matéria no Reino Unido, eu ir pra lá e voltar... seria incrível, mas não é possível, mas hoje a gente tem essa possibilidade de 'tá em vários lugares com a ajuda da tecnologia, algo que era bem mais complicado antigamente, né. Te/teria que ter a pessoa no local, né, e a gente hoje tem um serviço de imagem e de informação e até de contato, né. Se você quiser falar com alguém, você consegue, gravar por Skype, né, então... ou gravar, é, por n... n formas e isso é incrível, né. A gente tem esse acesso, coisa que antigamente a gente não tinha. Pra quem 'tá fora, não só, é, do local onde você... do Brasil, no meu caso, né, que é, que é pra onde eu mando a notícia, eu também 'tô fora da minha área de cobertura como um todo. Eu 'tô em Portugal, mas Europa é, né... muito maior. Então, pra mim, é realmente incrível no meu trabalho, né. Se você 'tá,

é, no Brasil, por exemplo, no Rio de Janeiro, a gente ia até a pessoa, a gente tem, né, aquela área de cobertura, você conseguia cobrir, né, você tem, primeiro que você tem vários repórteres, várias equipes e tem uma área de cobertura, é, grande, mas você consegue cobrir. Aqui é diferente. Então, a tecnologia, pro correspondente, pra esse acesso à informação e às pessoas é realmente incrível.

Áudio 04

[00:00:00] – [00:02:14]

Ana Paula Gomes: Olha, eu acho, é, as novas tecnologias, eu falei um pouquinho sobre essas vantagens, né, o que que, o que que é s... o que que a tecnologia trouxe de vantagem. Acho que algo muito ruim é, a gen/é que a gente, muitas vezes, e... e pela correria, e pela vontade de dar a notícia em primeira mão, em primeiro lugar, a gente acaba pegando uma informação, é, de um outro... uma outra fonte que não, que você não consegue apurar. Isso eu acho, acho muito ruim. É, você não ter essa preocupação com a apuração. Acho que isso às vezes se perde um pouco nesse ambiente de novas tecnologias, acho legal você olhar e falar assim, poxa, essa informação é legal, mas acho que você tem que, antes de dar e ter a preocupação de dar em primeira mão, é você primeiro ver da onde vem essa informação e depois você tentar e conseguir, é, conseguir essa informação, ter essa informação, você ouvir essa informação ou você saber exatamente se ela realmente é real, né, acho que por isso que hoje a gente sofre muito com essas fake news, e é a preocupação de querer dar primeiro, então, algo que surge, é, você recebe no celular ou você vê numa notícia ou um site dá... até um site realmente que tenha até alguma credibilidade, isso acontece muitas vezes, né. A gente, por exemplo, acontece... a gente tem essa experiência, acho que todo jornalista que tem alguma preocupação com apuração já passou por isso, você vai no lugar e você consegue uma informação e você vê em vários locais outra informação. Não, mas o... né, a pessoa responsável que ‘tá fazendo esse trabalho falou isso, não falou exatamente isso. Então, a, a informação acaba se perdendo, né, porque você acaba copiando e colando e, e não tendo essa informaç/a preocupação de realmente verificar se existe verdade nessa informação, se é, é real. Eu acho que a tecnologia, muitas vezes, prejudica, mas não é a culpa da tecnologia, é culpa do ser humano, né, do jornalista que às vezes não

tem essa preocupação. A tecnologia ‘tá ali, te ajuda, te dá essa informação e você tem que correr atrás pra ver se realmente é real.

Áudio 05

[00:00:00] – [00:02:32]

Ana Paula Gomes: Bom, a interatividade é incrível, né. A gente, eu comecei a trabalhar em rádio, né, como estagiária e televisão. Então, é, e a gente sempre falou, né, quando começa, ah é muito legal porque a gente tem um retorno de alguma forma, né, a gente... é, a rádio, principalmente, as pessoas ligavam pra rádio pra dizer, pra falar alguma coisa e tal. A televisão também acaba tendo uma exposição maior, então você também vai pra rua e você tem esse retorno das pessoas. Mas hoje é um... uma loucura, né. Qualquer coisa que ‘cê faça e que acaba indo pra rede social, né, porque, lógico, a televisão, o jornal têm sites e têm páginas nas redes sociais, você tem logo o retorno, interatividade, você consegue conversar com as pessoas, que, o que pensam sobre aque/aquela informação que ‘cê deu, muitas vezes com muitas críticas, então, há uma intera/uma interatividade, é, intensa, saudável, se você levar pra uma forma tranquila, mas acho que muita gente acaba tendo até problema, né, se você entrar em alguma... alguma discussão e muita gente pensa a, outros pensam b, e muita gente acha que porque você deu uma notícia, você pensa daquela forma, e não, você ‘tá apenas transmitindo a informação. Então, realmente, hoje a interatividade é algo que a gente tem que aprender também a lidar, né. Eu acho que tem que ter até uma... alguma matéria na faculdade pra gente ter um pouco de, de pensamento sobre isso, que hoje o jornalista acaba tendo essa, essas informações também e um retorno, né, direto, que é incrível, né, se você olhar com... com... esse... ess/essa forma, é, saudável, né. Eu acho. Mas a interatividade com o consumidor, no meu caso, consumidor da notícia, é ótimo, eu acho, mesmo quando vem alguma coisa ruim. Ou quando vem alguma coisa boa, eu acho que sempre é, é válido, e você olhar o que as pessoas pensam e o que as pessoas acham, é, daqu... do jornal ou... ou do/d/d/de todo o conjunto, não apenas da sua matéria. Porque, na verdade, é, eu não tenho uma matéria minha, nosso, nosso trabalho é em equipe, né. E o que torna, muitas vezes, é, difícil, mas é algo que eu gosto muito de trabalhar em equipe e é um trabalho de todo mundo e você, no meu caso que acabo, né, aparecendo, você tem aquela... você é a referência daquele trabalho de muita

gente, então você ter esse retorno é um retorno pra muita gente. E eu acho que é, que é sempre válido.

Áudio 06

[00:00:00] – [00:02:28]

Ana Paula Gomes: Bom, eu acho que o jornalista, hoje, tem que saber um pouquinho de tudo e mexer em todas as tecnologias. Isso não quer dizer que eu s/que eu saiba fazer tudo isso, tá. É... não, né. Eu comecei no jornalismo quando não tinha internet. Eu fiz, cheguei a fazer máquina de escrever, eu fui bem daquela transição celular, não tinha celular, celular é realmente incrível, né. Mas você também tem que ter todas essas, essas ferramentas, tem coisas que eu não sei, a gente vai aprendendo, né. Agora com a pandemia veio muita, a coi/a, a... função do Skype, né, de entrevistas no Skype, de gravar que é, que é interessante pra uma época como essa, mas eu acho que nada substitui a gente ‘tá ali do lado da pessoa, a gente sentir a pessoa, a gente ter o sentimento e poder tentar expressar e explicar e...e deixar ela realmente falar, isso não tem, não tem... não tem preço. A câmera já vai, já vai, é... ter um filtro que já não vai ser da realidade, então o Skype é mais um, né. Então, o, o computador. Mas a gente tem que ter, ‘tá em j/jogar em todas, jogar nas onze, eu acho, hoje, não só o jornalista, mas em vários setores da sociedade e em vários trabalhos. A gente tem que tentar buscar essas informações, como, hoje, né, o Instagram, o Facebook, por exemplo, passam todos os jornais ao vivo, né, no caso da Record teve, é, eu vejo o meu/eu acabo de fazer o meu link pra um boletim do Jornal da Record, o próprio Jornal da Record, eu consigo logo em seguid/eu consigo ver quase em tempo real o meu trabalho, então você tem todo esse, essa nova linguagem também, né, então, é você, você trabalha na televisão, mas você tem que também pensar em falar pra internet, você tem que pensar em falar pra uma rede social, é, você tem que, porque tudo é realmente diferente, né, é uma outra linguagem que você também tem que, tem que se adequar além da própria tecnologia, né. Você tem que tentar entender, né. Muitas vezes não é a sua praia, mas faz parte do seu trabalho, faz parte... é um meio pra você chegar ao telespectador, tentar dar a notícia da melhor maneira, então acho que a gente tem que ter um pouquinho, abrir um pouquinho essa mente e usar da melhor maneira tudo o que essa tecnologia traz pra gente.

Áudio 07

[00:00:00] – [00:03:08]

Ana Paula Gomes: Eu acho que, que o profissional de TV já se aproveita, muitas vezes, né, desse material direito aí da, das redes sociais, desse conteúdo, né, ele, é, virou fonte, virou informação das redes/as redes sociais, é, o Twitter, e... Facebook e Instagram é informação, né, a gente realmente pega informação de lá, é conteúdo, então acho que os profissionais acabam pegando essa informação. Acho que, que pra uma TV convencional, que... que ajuda, né, acho que a gente tem que olhar pra esse cenário, porque é essa geração, né, a geração que, que... que consome esse tipo de, de conteúdo nas redes sociais é a geração do/é o telespectador, né, a gente se, se não for hoje, é no futuro. E a TV convencional tem que se reinventar, porque hoje existem milhões de possibilidades, né. Você pode ver em rede social, YouTube, é, Netflix e todas as plataformas de, então você tem que ter, é, tem que abrir realmente e olhar esse conteúdo pra tentar reinventar. E acho que isso já tá acontecendo, né, principalmente no Brasil, eu acho o Brasil até mais avançado do que outros países, né, tem uma informação mais direta na televisão, isso eu acho que a... acho que, é o que, é o que hoje o público pede, né, ser mais direto, dar a informação, dar muita informação também, né, às vezes dá, dá... muita coisa, acho que às vezes também o conteúdo excessivo, mas você tenta tirar, chegar mais rápido, né, tentar chegar mais rápido, falar de uma maneira mais, é, direta, mais conversada. Algo que, por exemplo, eu não vejo aqui em Portugal. Então isso, isso eu acho que, que eu acho ótimo. Eu, eu prefiro consumir desse/dessa forma, ser mais direta e a pessoa se fazer entender, né, porque a gente ‘tá falando com todo o tipo de pessoa, né, então é que nem na rede social e a rede social é um pouco assim, né, fala como se ‘tivesse falando com o amigo do lado e eu acho isso incrível. Eu acho que é uma, é uma forma, é uma/algo que a gente tem que sempre tentar pegar o lado bom, lógico, que tem coisas ruins, né, a gente tem, muitas vezes, é, a questão da, da privacidade, da invasão, é muitas vezes nesse tipo de... de conteúdo, como não existe uma regra, é uma lei ainda, é algo que tá se formando, né, então, às vezes, é um pouco, passa um pouco do limite. Até difícil falar em limite hoje, né, que limite é esse. Eu acho que isso também é algo que a gente tem que olhar com um olhar crítico e ver, é, que tem que ter, é, um bom senso, tem que ter limite, como a

televisão tem as suas regras. Eu acho que tem que ter regra também, claro, né. Tem que ter... tem que ter respeitar o indivíduo e as leis básicas de liberdade de expressão.

Áudio 08

[00:00:00] – [00:01:55]

Ana Paula Gomes: Eu até falei um pouco sobre isso, eu acho que sim, né. Eu acho que a gente tem que ter jornalista pra apurar, porque hoje a informação, às vezes, é dada assim, olha, peguei e vi na rede social, ah, olha, vou dar, aí dá. E não é aquilo, não é essa/não é a informação. Você pega, quer dar primeiro. Então eu acho que tem que ter essa pro/eu acho que ess/é um olhar que a gente tem que fazer hoje sobre essa quantidade de informação que chega. E, às vezes, você recebe... até mesmo no trabalho, né, vem uma informação de um site, não, mas isso aqui nem... já aconteceu, isso é antigo ou não, não é bem assim, então você tem que ir apurar, né, porque as pessoas jogam a informação, às vezes, como se fosse uma verdade absoluta e não é, acho que essa é a grande função do jornalista, é, apurar e tentar sempre ver, buscar a fonte e saber essa informação, não apenas ler em um site, porque não interessa hoje em dia, infelizmente, até sites considerados de credibilidade, eles também falham, então a gente... sites e jornais e televisão, então a gente tem que buscar essa informação. E eu acho que o jornalista tem esse papel fundamental, o jornalismo como um todo, nesse mundo onde a informação, você cria uma informação, joga, às vezes até pro robô e você tem que ter um... algum tipo de... de... salvação aí, eu acho que a apuração que a gente aprende lá na faculdade, que é o começo de tudo, que é algo incrível, que todos os/eu fui, né, a primeira coisa que eu fiz na minha vida como estagiária foi apurar, ligar pro bombeiro, ligar para todos os batalhões de polícia do Rio de Janeiro, todos os bombeiros, e um trabalho considerado chato pra muitos é essencial cada vez mais, né. Aquela base que a gente aprende é cada vez mais importante.

Áudio 09

[00:00:00] – [00:01:32]

Ana Paula Gomes: Daqui a dez anos... é uma pergunta bem difícil porque eu acho que a gente, se a gente voltar dez anos, a gente não imaginaria hoje. Mas acho que vai ser algo muito mais, é... veloz, né. É, vai tá em... em todos os lugares, acho que, algo que a gente não consegue nem pensar, mas eu acho que pode ser bastante complicado pelo fato da não preocupação com apuração, com a verdade, com a busca da informação... ou então, não ser apenas copiar o outro, fazer algo autêntico. Acho que é esse vai ser o grande desafio do jornalismo daqui dez anos. E... e ter essa preocupação pra gente ter realmente ainda é, essa, essa busca pela informação e pela verdade, acho que isso vai ser o grande desafio, mas eu acho que aí a informação vai 'tá em tudo quanto é lugar e... acho que vai tá, vai tá, é... em lugares que hoje a gente jamais imagina. Que a gente hoje tem um relógio, né, a gente consegue ver a informação e acho que daqui a dez anos eu, realmente é até difícil pra mim imaginar, mas a gente só espera que tenha essa... essa busca pela, pela informação real onde quer que ela esteja, se for no celular ou dentro do, do banheiro público... um jornalismo né em qualquer lugar, é, é, a gente possa ter essa informação com base na verdade.

Áudio 10

[00:00:00] – [00:00:05]

Ana Paula Gomes: Diferença entre Brasil e Portugal. Bom, é...

Áudio 11

[00:00:00] – [00:03:45]

Ana Paula Gomes: Vamo lá. A diferença do Brasil e Portugal, o Brasil, é, o jornalismo, é, do Brasil é mais, mais avançado, né. Até pouco tempo Portugal tinha apenas, é TV pública, né, do governo, então não, não, não tinha essa... essa variedade que o Brasil tem, né, a, a, a, realmente a profissão é bastante diferente e a gente até... é, sente dificuldade, muitas vezes, em ver um jornal daqui porque é totalmente diferente. Primeiro pela linguagem, é, não é tão direta. Acho que no Brasil a gente tem essa linguagem mais direta pra tentar chegar em todo mundo, aqui às vezes eu acho que é um pouco... rebuscado demais em algumas TVs, já tá mudando, tem TVs e tem jornais aqui, tem sites que tem já também algo mais

popular que acaba sendo o público da TV, porque aqui tem TV fechada, né, tem TV, então tem vários, né, as pessoas podem escolher algo especializado, a gente tem que falar pra um público, né, a TV, na verdade, é um público geral, né, numa, numa forma bastante... da população mesmo, né, uma amostra real da população. O que eu vejo é esse jornalismo ainda muito distante as/em algumas TVs principalmente, né, essa... essa lógica, tô falando mais da TV porque eu trabalho, é, na televisão, lógico, mas isso também, a gente pode expandir aí pros jornais, né. E... tem alguns sites também, tem, tem alguns mais... mais diretos, eu acho a linguagem um pouco distante. O que eu vejo também aqui é que não existe muito essa questão de direito de imagem, né, isso é algo muito complicado. Eles usam, às vezes, a imagem do outro de, ou de rede social, de YouTube sem a menor preocupação em autorização... é, eles muitas vezes fazem uma matéria que eu não posso fazer pro Brasil, porque no Brasil a gente tem umas, umas outras regras e leis... isso é, é algo interessante. Uma outra coisa bem... bem de alguém que vê todo dia a televisão aqui, até jornal, eles, é, vou dar um exemplo é, nevou na Serra da Estrela, né. Ah que legal, então vocês têm a imagem da neve de hoje na Serra/não eles usam a neve do ano passado, a neve que eles tiverem, entendeu. Então, isso no Brasil, a gente tem muita preocupação em buscar a imagem do dia, a imagem de hoje, mesmo quando é um prédio público, vai lá e tenta fazer hoje... não, faz a fachada hoje, faz... usa arquivo quando a gente fala sobre o arquivo, ah lá na, né... sei lá. Ano passado também nevou na Serra da Estrela, aí vem o arquivo. É algo que eu acho en/que eu acho curioso aqui, eu tô falando bastante sobre o dia a dia mesmo, acho que o jornalismo ainda é muito, muito distante, é... lento, muitas vezes, acho que a gente tem mais o dinamismo, mas isso, eu acho tem a ver com a, com a sociedade, né. A necessidade, é, ainda de cons/do consumidor. Mas eu acho que essa preocupação com o agora, né, aí também com a gente tem que, por exemplo, a gente tem muito a preocupação de... é hoje a informação, vamo dar hoje, vamo correr atrás. Aqui é um pouco mais lento também, né, a gente tem um pouco mais, um pouco mais lento. Já com/a gente começa a ver um, algumas TVs essa, essa busca e que muitas vezes se perde porque não vê direitinho a apuração e a verdade. Mas eu acho que é basicamente... é isso, de diferença entre... entre Portugal e Brasil.

RTP**Antônio José Teixeira****PARTICIPANTES**

Ana Paula Goulart de Andrade

Antônio José Teixeira

TEMPO DE GRAVAÇÃO

16 minutos e 05 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: É... na verdade, começar pela sua apresentação, seu cargo e sua função.

Antônio José Teixeira: (inint) [00:00:03] é Antônio José Teixeira. Diretor adjunto de informação da RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: É... essa segunda pergunta é um pouquinho mais complicada, você pode resumir, é um pouquinho da sua trajetória até aqui na RTP.

Antônio José Teixeira: Estou na RTP há três anos, vai fazer em março três anos, a... o que eu fiz para trás? Eu... trabalhei em televisão 8 anos na SIC, fui diretor da SIC notícias, que é o canal de informação da SIC, é... durante oito anos. E... antes disso... trabalhei em jornais, é... em várias (coligadas) [00:00:41] de repórter, diretor e também de direção. Fui diretor do diário de notícias, sou diretor do jornal de notícias do porto, embora trabalhasse na (inint) [00:00:52]. Trabalhei na rádio que, aliás, foi a primeira coisa que eu fiz é... uma pequena rádio da minha terra e foi isso que me levou a... escolher esta profissão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Onde é?

Antônio José Teixeira: Na Guarda, Rádio Altitude. Na Guarda, perto da (inint) [00:01:08].

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

Antônio José Teixeira: (inint) [00:01:11] onde também esteve. É... trabalhei na TSF que é uma instituição de... de informação... também durante alguns anos na direção e também como colaborador. Portanto passei por... pela rádio, pelos jornais... e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Muita coisa.

Antônio José Teixeira: Enfim... nos últimos... 11 anos... pela televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tem aí o... a... a tecnologia, né... com/pro lado bom e pro lado ruim para o telejornalismo e para o jornalismo em si. É... muitas imagens cedidas, muitas imagens amadoras figurando na narrativa televisiva, aqui eu não percebi muito isso, eu acho que pela proteção de dados, né, que Portugal tem muito forte nessa linha. Talvez exista uma preservação do... do... da cena, né, do outro. Como que a RTP trabalha nesse sentido de busca pela checagem dos aplicativos do que é... é... tirado das redes sociais ou do que eventualmente (inint) [00:02:09]. O jornalismo tem que tá onde o povo está. O povo está boa parte nas redes sociais. Não se informando, talvez se desinformando mais do que se informando. Mas eles estão figurando esse novo espaço que surgiu a partir aí da web dois ponto dois. Dois ponto zero. Como é que a RTP trabalha nesse sentido de interação e interatividade com esse público?

Antônio José Teixeira: É... tem duas questões aí. Uma... obviamente que as redes sociais são uma realidade contemporânea... que temos que ter em conta, as pessoas comunicam umas com as outras... particularmente as mais jovens gerações... e é por aí que está o seu espaço de convívio e a interação passa muito por aí. Mas a segunda coisa que muitas vezes confundimos que é comunicação e informação. Comunicação é as relações que estabelecemos, os diálogos que temos e isso não é necessariamente informação, tem um valor de informação muito baixo, é/mas obviamente também passa muita informação pelas redes sociais e, portanto, não podemos ignorar é... e devemos... conviver com isso como... uma realidade concreta

dos nossos dias e, e... ver aquilo que será é... o futuro... e as perspectivas que vemos no futuro. É... agora isso não nos deve fazer esquecer que continua a existir a rua, continua a existir pessoas... concretas (inint) [00:03:38] mais diretamente, inclusive acontecimentos que... continuam a ter uma realidade física mesmo que a realidade, digamos, mais digital... até mais virtual... tenham também um valor forte hoje no modo como se marca a atualidade, como se marca a (gente) [00:04:00]. É... agora é bom que o jornalismo nunca se esqueça que existem pessoas concretas, que é preciso sair à rua, que é preciso ir ao encontro das pessoas, é... não apenas nas tragédias, não apenas nos acidentes, mas... na sua realidade mais concreta nas escolas, nos hospitais, é... na habitação, na dificuldade de (inint) [00:04:23] na circulação das pessoas, né... ou na dificuldade de circulação... no século vinte e um tem muitas pessoas pelo mundo... é... existe vida e vida concreta que precisa de ser é... testemunhada, é... precisamos de continuar a ir ao encontro dela. Ou seja, isto para dizer que... o mundo de fato também passa pelas redes sociais e por essa realidade digital... é/mas continua a existir um mundo que podemos confrontar diretamente. De fato, a realidade digital das redes sociais criou é... uma espécie de... muitas vezes des... des... de... (inint) [00:05:05], as pessoas não precisam de jornalistas nem de (inint) [00:05:09] para é... dialogarem umas com as outras, é... divulgarem as suas informações, de... mas... é... os jornalistas continuam, julgo eu, apesar de esta nova realidade, serem necessários... para fazerem um crivo, uma seleção, um filtro sobre... é... aquilo que pensamos... obviamente que consoante ao órgão de informação, consoante ao jornalista... aquilo que pensamos ser um interesse geral... das pessoas, o valor notícia mais forte que possa (inint) [00:05:45], evidentemente que isso tem sempre um grau de subjetividade, mas também isso permite haver escolha e eu confio neste meio, neste jornalista e não confio no outro ou não reconheço os seus critérios... e portanto escolho o outro. E portanto eu acho que o jornalista continua a ter um papel fundamental porque o mundo se tornou mais complexo, porque o mundo hoje até parece... vejamos uma situação paradoxal, simultaneamente mais próximo, mas ao mesmo tempo mais complexo, mais difícil de decifrar... parecendo tão próximo, mas, às vezes é tão distante, que é preciso que alguém nos ajude a traduzir esta floresta imensa que se criou à nossa volta que está tão próxima de nós, mas ao mesmo tempo tão difícil de penetrar, de compreender... de atingir. É, e, portanto, eu acho que... isto (inint) [00:06:42] a resposta é muito... é... pouco direta àquilo que me perguntou, é... e sem querer ignorar a pergunta que

tinha mais a ver com as redes sociais e os cuidados a ter. Bom, as próprias redes sociais e a nova realidade digital já... tem,, o... nosso expor, não apenas dos jornalistas, mas também dos... dos... consumidores, digamos assim, algumas ferramentas que nos permitem fazer alguma verificação. Um frame de um vídeo ou uma fotografia... é possível, no Google, perceber se essa fotografia ou esse frame já teve outra vida que não aquela que parece ser nova.

Ana Paula Goulart de Andrade: Um processo natural de checagem, né.

Antônio José Teixeira: É uma forma de checagem que nem é apenas para jornalista, qualquer cidadão pode fazer esse exercício, portanto perceber se não estão a vender gato por lebre, é... como estamos acostumados a dizer. Mas há novas realidades tecnológicas que são mais difíceis de chegar, de... de... verificar, que os vídeos, os chamados é... é... os deep fake, é... que são vídeos já que conseguem...

Ana Paula Goulart de Andrade: Dublar, né.

Antônio José Teixeira: Exatamente. Duplicar a voz... a imagem... de uma forma tão sofisticada, tão próxima da realidade ou tão confundível com a realidade,, e são tão difíceis de desmanchar, é um software é... difícil de... de... de, de... desconstruir. E que já (inint) [00:08:07] gravíssimos na vida de muitas pessoas, não apenas pessoas célebres, atrizes ou atores... políticos... é... até... enfim, relações entre estados já foram prejudicadas por... pela (inint) [00:08:24] entrevistas que nunca teriam existido, aparentemente, mas criaram problemas de relacionamento entre países, é... problemas políticos graves. Portanto há de fato hoje é... um mundo difícil de... é... verdade e mentira muitas vezes se tornaram mais difícil/mais difíceis de discernir, de distinguir é... e, portanto, hoje, a velocidade que a comunicação acontece, cada vez maior, é, é difícil até para (inint) [00:08:55] neutralizar aquilo que muitas vezes foi criado com alguma sofisticação precisamente para nos enganar. E não é por acaso que falamos em fatos alternativos... e entramos a falar de fake news como se fosse uma coisa nova.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pois é.

Antônio José Teixeira: O que é novo, de fato, é nova de fato é a sofisticação.

Ana Paula Goulart de Andrade: É determinismo. Tecnológico.

Antônio José Teixeira: Exatamente, o determinismo tecnológico. Mas, é... no fundo, faz...

(inint) [00:09:18]

Ana Paula Goulart de Andrade: Fake news, inclusive, acho que nem cabe na mesma palavra, né.

Antônio José Teixeira: Pois é. É.

Ana Paula Goulart de Andrade: Se é fake e não é news, né.

Antônio José Teixeira: É. Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: E... e tá mais difícil ser jornalista hoje?/Assim, a gente tem muitas facilidades e ao mesmo tempo que a gente tem muitas/muitos acontecimentos que podem ganhar notícia, ganhar um grau público a ser noticiado.

Antônio José Teixeira: Está difícil cada vez mais conseguir conjugar a velocidade com a ansiedade de ter tempo para... é... explicar... contextualizar... é... verificar a informação, ou seja, a expectativa que criamos é que... é instantaneidade, se está a acontecer, nós temos que mostrar e, portanto, a tentação de um direto muitas vezes sem direção é grande porque é preciso mostrar enquanto está a acontecer e essa velocidade é uma velocidade que cria novos problemas porque prejudica a direção, prejudica é... o contexto...

Ana Paula Goulart de Andrade: O olhar pedagógico, né.

Antônio José Teixeira: A explicação, o olhar pedagógico... é... mas... e, portanto, esse paradoxo entre velocidade e ansiedade cada vez maior de ter (recuo) [00:10:27] de ter algum tempo para verificar o que que é importante, o que que não é importante, o que que é verdadeiro, o que que é falso... convivem, ou seja, nós não podemos dizer não, a gente recusa a velocidade...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem como, né.

Antônio José Teixeira: E nós só dizemos quando acharmos que podemos dizer. Ninguém fica à espera. Ou seja, há de fato sempre alguém que corresponderá bem

ou mal... e muitas vezes mal, e essa... ansiedade, essa... insatisfação de uma curiosidade permanente, instantânea... é... e também sempre cada vez mais há a necessidade de dizer bom, mas eu quero uma explicação maior, eu não (percebi) [00:11:00] e nós nas nossas notícias também, as da RTP, nós ouvimos as partes, dizemos, bom há enfermeiros e há o governo, nós ouvimos enfermeiros e ouvimos o governo. Mas, muitas vezes, ou quase sempre, eles dizem coisas contraditórias e, e, isto não chega para esclarecer quem está em casa. É preciso... não é questão de dizer se o governo tem razão ou se os enfermeiros têm.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não é tomar partido.

Antônio José Teixeira: É dizer, pelo menos, o que está em causa. É... falarmos de remunerações dos (inint) [00:11:32], falarmos de... daquilo está na lei... falarmos daquilo que o governo já fez... é, isto é, um exemplo. Não é possível dizer que não houve negociações entre o governo e os enfermeiros... porque já houve, mas elas não são satisfatórias para os enfermeiros. É... o governo aparentemente não quer, não pode, não sabemos ir mais longe, mas estes mundos que parecem cada vez mais afastados também já estiveram próximos, também já se voltaram a afastar, também estão em conflito. E é preciso, todos os dias, encontrar mais contexto e mais explicação, e aquilo que muitas vezes vai (pelas vozes) [00:12:05] contraditórias que surgem, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: A notícia pela notícia.

Antônio José Teixeira: A notícia pela notícia. O direto pelo direto. E... e... não sendo... como é que eu vou dizer? Não podendo deixar de ir ao encontro das coisas quando elas acontecem, é, devemos cada vez mais computar esse trabalho mais rapidamente que for possível... é, com esse contexto, essa explicação... o como, o porquê das coisas... é, e essa é a dificuldade maior, ou seja, nós conseguimos que a tecnologia hoje já nos ajudou, mesmo com limitações, e há sempre limitações, a ir mais rapidamente e mostrar o que está a acontecer. Mas a tecnologia não é suficiente, é preciso olhar crítico do jornalista e o tempo... e é preciso tempo para discernir o que está em causa para explicar o que está em causa e, assim, conjugar as duas coisas é a grande dificuldade do jornalismo contemporâneo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em dez anos na RTP o que que você acha que a tecnologia transformou o telejornalismo?

Antônio José Teixeira: Bom, eu tenho experiência em duas televisões nesses dez anos, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim...

Antônio José Teixeira: É... bom... é... algumas mudanças... hoje no tempo em que era preciso um satélite para colocar no ar a quem quer que seja... nestes 10 anos, de repente, as redes de telemóvel são o suficiente para colocar no ar o que quer que seja. E seja de um jornalista, ou seja de um não jornalista. Venha pelas redes sociais, venha por um espectador... que nos enviou um vídeo... é... o jornalista com o seu telemóvel a nos conseguir colocar em contato (inint) [00:13:43] e muitas vezes as imagens que vemos foram colocadas através de um dispositivo que se ligou a um telemóvel. É..., e, portanto, no jornal já não entramos como acontecia, às vezes, antes com câmeras pesadas, grandes (inint) [00:14:01] não conseguiríamos fazer, não nos permitiriam trabalhar. Portanto, a tecnologia mudou muito... a capacidade e, sobretudo, a velocidade. Até a colocação... das imagens, a instantaneidade com que os acontecimentos surgem... é, aos olhos do espectador ao mesmo tempo que surgem aos olhos do jornalista. É... e isso é uma coisa que não acontecia antes. O jornalista chegava primeiro e depois mostrava, mais tarde, ao espectador. Hoje o espectador vê ao mesmo tempo que o jornalista vê...

Ana Paula Goulart de Andrade: O jornalista corre pra saber contar melhor aquela história.

Antônio José Teixeira: Exatamente. E... se o jornalista não chegar a tempo, alguém chegou antes dele. Ou está...

Ana Paula Goulart de Andrade: E aí é aproveitar aquilo que alguém chegou e que olhou e mediar da melhor maneira.

Antônio José Teixeira: É. É. Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma coisa que eu percebi aqui também, o grafismo, né. É, as peças, o palco...

Antônio José Teixeira: É.. esse é um dos (inint) [00:14:46], né, a velocidade do trabalho hoje é sempre um (inint) [00:14:50]. É... e o direto. O direto hoje tem muito mais horas de emissão do que tinha há dez anos atrás. O que mexeu também com a agenda dos... dos... protagonistas, dos atos públicos que querem intervir. (inint) [00:15:05] também se ajustaram a este ritmo mais... infernal, digamos assim, da comunicação. É... hoje, e... trabalhamos em várias plataformas em simultâneo com ferramentas várias, portanto alguma coisa está a acontecer e alguma coisa no site, na aplicação da RTP... surge o alerta a partir da, de/de vídeo... o... emissão em direto que se possa ter no telemóvel, é, ou acompanhar um acontecimento, um encontro dos líderes americano e coreano pode ser visto em outras plataformas que não apenas ter um televisor à frente e isso é uma mudança... grande...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que é a ideia da televisão bico, né.

Antônio José Teixeira: Exatamente. A televisão tá em todo lado. E no fundo o nosso trabalho também passa por aí, que é levar o que fazemos a todas as plataformas possíveis e a todas as redes que estiverem ao dispor, ou seja, no fundo também o desafio é que o jornalismo...

(a gravação é encerrada)

Antônio José Teixeira – partes 2 e 3

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Antônio José Teixeira

TEMPO DE GRAVAÇÃO

02 minutos e 36 segundos

12 minutos e 49 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Pode continuar, desculpa.

Antônio José Teixeira: Sim, hoje, nas linguagens, é, no grafismo, sim, hoje, tentamos explicar as coisas com outras linguagens que chamamos, é, outros elementos que acompanham a imagem, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Estéticos.

Antônio José Teixeira: Não apenas estéticos, mas mesmo de comunicação, os (tickers) [00:00:18] de notícias no, no rodapés.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que é bem próximo do, desse capitalismo cognitivo, dessa.

Antônio José Teixeira: É, e é muito, por exemplo, a origem daquele ticker que vem ali, que está ali no rodapé.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Antônio José Teixeira: Vem do anuário, quem trabalha precisamente o anuário que (inint) [00:00:31]...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês não trabalham diretamente com as, a produção, é mais na finalização, né?

Antônio José Teixeira: Nós, é, trabalhamos, nós tamos separados fisicamente, o que não é bom, mas trabalhamos em conjunto, isto é, hoje também, o estar aqui ou estar em baixo não faz diferença.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não faz diferença.

Antônio José Teixeira: Embora o contato pois presencial também seja importante, mas enfim, são aquelas limitações, mas hoje, a explicação das coisas hoje também já vive, quando falava do grafismo, e era aí que eu ia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Antônio José Teixeira: Hoje temos outro tipo de profissionais que trabalham conosco, webdesigners, é, é, meramente, que trabalham não apenas pra o web, mas também trabalham em televisão, e, portanto, hoje se temos uma notícia sobre, é, o aumento da produção de automóveis em janeiro foi brutal, foi maior este janeiro em Portugal, é, foi o mês em que se, (inint) [00:01:22] produziram mais automóveis de várias marcas quanto a isso pra exportação. É, isto pode se explicar, ou vai explicar-se no telejornal logo à noite naquilo que chamamos um palco, (inint) [00:01:33].

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Antônio José Teixeira: Em que vamos apenas dar estes números, percebem-se melhor, mais do que um texto, mais do que umas imagens junto a uma fábrica.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fixa melhor.

Antônio José Teixeira: É, fixa melhor. Mas podemos chamar outras linguagens e tamos a trabalhar, já o fizemos e de vez, de vez em quando fazemos, que é a realidade aumentada, e é preciso mostrar um carro, símbolo da fábrica, a frente/

Ana Paula Goulart de Andrade: O João tava falando que vocês já colocaram até um...

Antônio José Teixeira: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Um apresentador do futuro (riso).

Antônio José Teixeira: Exatamente, é feito um pivô do, digamos duplicar até um, um pivô como já se fez, aliás. É, CNN já o fez. É, e, portanto, hoje no fundo temos a outros, por outras ferramentas, visuais que nos ajudam a mostrar o mundo e a desmanchar, desconstruir o mundo, é, e isso obviamente não, não se deve banalizar, no sentido que parece que, pois, tudo isto é uma realidade virtual muito afastada da realidade física, é, mas, é, é muito importante, ajuda-nos a explicar as coisas. Um avião que caiu, um acidente que/

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai, desculpa. Jornalista da casa sou eu (riso), quem insiste sou eu, vai.

Antônio José Teixeira: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Eles são publicitários.

Antônio José Teixeira: É, muito bem.

Ana Paula Goulart de Andrade: São três publicitários.

Antônio José Teixeira: Muito bem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, perfeito, fechamos aí. É, então isso exige também uma, é, novas competências...

Antônio José Teixeira: Novas competências, informações.

Ana Paula Goulart de Andrade: Novos olhares, de saberes e outros, que assim, tipo, de um tempo pra cá, a gente percebe nas pesquisas que o jornalismo sempre teve aquele "eu sou a verdade", né. E aí essa dificuldade de democratização da informação com o outro, mas eu acho que os saberes, o, o saber algoritmo, o saber o que que tá, deu like e o que de fato aquilo dá, deu like, tem o valor notícia, tem o critério de noticiabilidade, eu posso usar, eu acho que é nesse sentido que você tava falando.

Antônio José Teixeira: Sim, e, até esse feedback que temos de, de onde chegamos, o que que as pessoas foram mais sensíveis, as audiências nomeadamente, os estudos que fazemos com focos de grupos, estudos mais qualitativos ajuda-nos a perceber melhor também o que que é o interesse das pessoas, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

Antônio José Teixeira: E a RTP tem obrigações especiais de não se guiar apenas pela audiência.

Ana Paula Goulart de Andrade: Confiança.

Antônio José Teixeira: Por maximizar a audiência. É, mas também é preciso saber o que tipo de informação é que pode interessar mais as pessoas, nós temos (inint) [00:01:13] de ter uma informação variada todos os dias na cultura, na saúde, na educação, no internacional, na política nacional. Às vezes dar uma cobertura e dar uma variedade de informação para chegar, é, é, ao maior número de espectadores. Mas muitas vezes afinamos esse foco e esses focos, precisamente perceber melhor o que que é que o outro lado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Antônio José Teixeira: Que feedback é que vem do outro lado.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, é, é, aquela encruzilhada, né, o jornalismo é uma disputa de, de saberes, a esfera pública, né, a sociedade, mas é também um negócio.

Antônio José Teixeira: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como tá o negócio visa o lucro que não é o caso de vocês a priori.

Antônio José Teixeira: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas que precisa coexistir.

Antônio José Teixeira: Isso remete pra uma outra coisa que é vantagem de entre os profissionais que estão (a dedicar-se) [00:01:56] ao jornalismo não termos apenas pessoas que vieram do jornalismo propriamente, é de formação de espaço, formação jornalística. Porque muitas vezes os outros saberes, podem ser de música, podem ser de economia, podem ser antropologia, mas podem nos dar uma variedade de olhares sobre o mundo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Gigantesca.

Antônio José Teixeira: São mais ricos e que nos trazem de certeza uma riqueza informativa maior, é, os americanos costumavam selecionar quando tinham, quando contratavam os jornalistas, pessoas de formações diferentes. É regra mutável, eram, vinham das escolas de jornalismo, mas a outra metade vinha de formações as mais diversas, não é? É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Esse, esse cruzamento, né, essa multiplicidade de olhares, é, é, é importante.

Antônio José Teixeira: É... esse cruzamento, (multiplicidade) [00:02:44].

Ana Paula Goulart de Andrade: Enfim, agora a última, e talvez a mais difícil. Cê tem rede social, você usa rede social no...

Antônio José Teixeira: Não.

Ana Paula Goulart de Andrade: No teu trabalho, não. É que tem muito jornalista usando pra...

Antônio José Teixeira: Não, eu devia estar e eu sei. Não, não é, há quem diga isto, não, não gosto, não (acho horrível) [00:03:01]...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não é apocalíptico.

Antônio José Teixeira: E aquilo é horrível, toda a gente diz coisas péssimas e há grandes conflitos e as pessoas dizem. Eu não tenho redes sociais, não sei se tenho uma boa razão pra evitar. Não tenho porque, no meu trabalho, e eu trabalho também noutras redes.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Antônio José Teixeira: Também trabalho com as ferramentas da internet, obviamente. É, também me expresso e, e dou opinião também, sou comentador político e faço nos jornais, faço na rádio...

Ana Paula Goulart de Andrade: (Só não vai te) [00:03:39] agregar valor nenhum.

Antônio José Teixeira: E também na televisão. E, portanto, eu digamos que não tenho, não sinto um déficit de expressão das minhas opiniões ou do que eu penso, é, e também na (Metro) [00:03:51], na página da RTP, portanto também escrevo, pra, pra lá. E, portanto, eu não tenho, digamos, nenhuma falta de outra plataforma para...

Ana Paula Goulart de Andrade: Esse regime de visibilidade.

Antônio José Teixeira: Do Twitter, ou do Facebook, mas obviamente que eu reconheço isso, é um prejuízo meu, que passa muita informação útil e importante pra o trabalho jornalístico pelas redes sociais. E, portanto, isso é inegável no contexto. Felizmente, trabalho com pessoas à minha volta...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas tem, é... isso que eu ia falar.

Antônio José Teixeira: Que me alertam para o que vai acontecer. Mas isso é um déficit, um prejuízo meu manifestamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma escolha, né.

Antônio José Teixeira: E eu digo sempre, mas isto corre sempre o risco de ser muito arrogante, muito pedante, que é eu não tenho tempo também para gerir uma página no Facebook ou Twitter. Mas isto soa mal, acho que é uma coisa que as pessoas às vezes/

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) tem um pesquisador chamado Jonathan Crary/

Antônio José Teixeira: Mas, mas é, é mais fácil e da minha realidade do que muitas vezes passar por esse (inint)[00: 04:43].

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é, é um pouco de resistência, até um desafio, é, é, existe uma, uma defesa na verdade, existe um, um autor chamado Jonathan Crary que ele vai falar sobre a finali...os fins do sono, capitalismo tardio e os fins do sono, 24/7, a pessoa que trabalha 24 horas por semana, 7 dias... 24 horas por dia, vin...é, 7 dias por semana, exatamente isso, ele passa por isso assim, a gente dispersa muita atenção numa coisa que de fato...

Antônio José Teixeira: Uhum. É. Do ponto de vista profissional, eu acho que é útil estar ligado, até para, é, ver que, por um lado que muitos dos protagonistas, os políticos nomeadamente também se expressam...

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Antônio José Teixeira: E, e é importante ver...

Ana Paula Goulart de Andrade: Meu presidente.

Antônio José Teixeira: Exatamente. Bolsonaro, Trump, mas também, enfim, Marcelo de Sousa não é tão frequente aí, mas também faz, é, enfim, os, os líderes portugueses não são tão, mas também passam por aí. E, portanto, isto começa a ser um problema, isto é, hoje é difícil fazer jornalismo sem também estar atento...

Ana Paula Goulart de Andrade: Lógico.

Antônio José Teixeira: Que aí acontece, e isso eu reconheço, mas e...essa parte que eu acho que é um prejuízo que eu não consegui ter o tempo suficiente pra isso, é, há uma outra parte que eu não gosto, não quero, é, não acho que seja um prejuízo, e não, não tem a ver comigo, eu, o debate mais ou menos irracional e mais ou menos, é, como dizer, é, o ruído que muitas vezes acontece nas redes sociais que parece um debate, mas muitas vezes é um falso debate e eu isso não me atrai, não tenho nenhuma pena...

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma falácia, né?

Antônio José Teixeira: Não, eu isso não me, acho que não, não estou a perder nada, mas tou a perder obviamente num, num digamos em s... um setor mais útil e isto (inint) [00:06:25] é que muitos protagonistas estão presentes e, e comunicam, e é útil estar atento a, ao que se passa aí.

Ana Paula Goulart de Andrade: É a última, que é mais difícil, talvez não tenha resposta. Como é que você acha que o telejornalismo vai estar daqui a dez anos?

Antônio José Teixeira: Hum (pausa curta). É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não sei se v... não sei se a gente nem parou pra saber como é que ia tá hoje (riso).

Antônio José Teixeira: Quer dizer, eu não faço ideia nenhuma, mas posso (inint) [00:06:48].

Ana Paula Goulart de Andrade: Arriscar.

Antônio José Teixeira: Dez anos é muito tempo para se falar de futuro. Até um ou dois anos já, já nos pode surpreender. Dez anos é muito tempo. É, eu acho que, vamos a ver, eu nunca acreditei, houve um tempo, (começando ao) [00:07:01] passado, para para voltar ao futuro em que se pensava que o jornalista tinha deixado de fazer sentido porque se falava já que havia um cidadão jornalista, o citizenjournalism ou jornalismo do cidadão, e acho que isso era falso, foi um grande engodo e, e, e um erro que muitos jornalistas cometeram pensando que a sua responsabilidade tinha acabado. E, portanto, porque agora, toda a gente era jornalista e, portanto, pra quê jornalistas? Mas, mas (inint) [00:07:30] porque a responsabilidade do jornalismo e do jornalista continua a existir, talvez até maior hoje em que o mundo se tornou tão difícil de decifrar, e tão contraditório e tão, tão carentes de explicação e há tanta complexidade que o jornalismo, eu quero crer que vai continuar a fazer muito sentido no futuro. É, obviamente que (pausa curta) temo que as redes sociais e todo o universo de comunicação, é, possa ganhar uma dimensão tal que torne o jornalismo, apesar de emissário, mais minoritário no sentido em que o jornalismo será caro, porque é preciso investir nele, é preciso ir aos sítios e muitas vezes eles são longe, s... demora tempo, custa, é, custa, é, bastante dinheiro pra produzir, e, portanto, pode, pode exigir muitas receitas para se sustentar. Na imprensa este gasto é maior, mas também noutros meios. Mas, ainda assim, daqui a dez anos eu acho que as ferramentas da comunicação serão ainda mais sofisticadas e tornarão mais fácil, é, a comunicação e a ligação entre plataformas, é, e portanto esse lado será um lado positivo, temo que se torne cada vez mais difícil, é, o exercício do jornalismo, assim, o exercício da (inint)[00:08:59], de contexto, de explicação. Porque, é, aquilo que se tem investido em falsificar, é, informação é hoje tão grande, é, da Rússia (pausa curta) ao Brasil, dos Estados Unidos à Hungria, hoje por estranho que possa parecer a política está

a investir muito na mentira, é, e está a investir muito em criar uma realidade mais, é, agradável para quem, é, para quem quer tomar o poder. É, e, portanto, hoje a sofisticação da tecnologia é tal que permite enganar mais facilmente as pessoas, e eu temo que os recursos financeiros, que a vontade, a convicção, em contrapor, em combater, é, é, mentira, é, não seja tão grande como aqueles que querem fazer vingar a mentira, ou seja, está a se colocar mais dinheiro, mais recursos, mais, é, energia na manipulação do que, né, digamos, no combate a esta manipulação. E, e hoje o problema não é tanto apenas e só do jornalismo, é o problema das democracias modernas, a sua sobrevivência vai depender da capacidade de investirem e em dizer, na verdade, porque, mas, eu tenho alguma dificuldade em dizer isso, porque me investir na verdade parece quase totalitário porque também...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como assim?

Antônio José Teixeira: É, totalitário no sentido em que ela acaba a perceber uma mentira porque a verdade é sempre uma procura e, e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Construída?

Antônio José Teixeira: Portanto, exatamente, e tem um grau de interpretação forte, de subjetividade forte, sabemos isso. Mas apesar de tudo esta procura, é será o caminho que menos mal pra ao longo da história da humanidade, é, fomos capazes de construir. Foi sempre a mentira, foi sempre a manipulação, o grande inimigo da, da liberdade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Da democracia.

Antônio José Teixeira: É, e da democracia. E habituamo-nos no século XX, conviver, sobretudo no pós-guerra, com a democracia e com a liberdade que pensamos que ela estava adquirida neste século e nós (levamos) [00:11:20] muitas décadas e devemos, né, na segunda, é, volta a ser necessário o combate pela, pela liberdade, e curiosamente no século passado também, é, a primeira grande guerra começou mais ou menos por esta altura, não estou a dizer que foi aí uma guerra (inint) [00:11:37].

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Antônio José Teixeira: Embora haja muita gente a dizer que (inint) [00:11:39], mas que está aí um combate, é, pela liberdade, é, nas várias partidas do mundo, o Oriente, o Ocidente, norte, sul, na América do Norte, na América do Sul, na Europa, na Ásia, é, e esse combate está aí e é um combate forte. Ou seja, nestes dez anos a tecnologia continuará a avançar e a ser sobretudo interessante, mas também, é, possibilitar, é, um combate forte pela liberdade, pel... dos inimigos da liberdade, que nesta altura parecem ganhar alguma vantagem, mas também exigir do outro lado, aqueles que gostam da liberdade e sabem que só é possível fazer jornalismo em liberdade, é, acho que nestes próximos dez anos vamos ser desafiados a ver declarados (inint) [00:12:32] estamos e onde é que pomos o dinheiro, a convicção, a nossa vontade, de que lado é que queremos estar, é, e acho que esse é um grande desafio dos próximos anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito, finalizou bem. Ninguém mais interrompeu, que bom (riso).

Antônio José Teixeira: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu/

Alexandre Britto

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Alexandre Britto

TEMPO DE GRAVAÇÃO

43 minutos e 47 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Na verdade então, sua apresentação, seu cargo e sua função.

Alexandre Britto: É, atualmente sou da base de jornalista, mas sou diretor de informação na direção de informação e dentro da direção de informação, mais responsável pela área digital.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pelo todo online da, da RTP.

Alexandre Britto: Pela parte de informação da RTP...

Ana Paula Goulart de Andrade: Digital.

Alexandre Britto: Digital.

Ana Paula Goulart de Andrade: E conta um pouquinho da sua trajetória, eu sei que é grande, mas, enfim, se você puder resumir só um pouquinho.

Alexandre Britto: É, (pausa) tá bem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vamo lá, o arquivo memória aí (riso).

Alexandre Britto: Muito muito sucintamente, mas eu estudei jornalismo em Portugal e depois (ao sair) [00:00:38] da altura fui pros Estados Unidos, onde tive a tirar uma especialização mestrado em Broadcast Journalism na Universidade de Boston. É, já com (uma área) [00:00:48], lá há a possibilidade de fazer excelentes

cadeiras, disciplinas específicas onde uma das que eu escolhi, é, era na área do digital, é, internet multimédia que se falava nessa altura, é, depois vim, quando que tive em Boston e depois ainda tive seis meses também a terminar esse curso em Londres, que a universidade tinha lá um pólo, ao mesmo tempo eu trabalhava em simultâneo na CNN, em Londres, é, depois vim pra Portugal, tive no, na altura estava a ser lançando em Portugal um canal de notícias que era o CNL, o Canal de Notícias de Lisboa, é, que foi na prática o primeiro canal de informação, é, vinte quatro sob vinte quatro de televisão, e eu tive no lançamento desse, desse canal, que foi depois comprado pela SIC, televisão privada portuguesa, é, que deu origem à SIC Notícias, e eu tive envolvido também no SIC Notícias no início, ao mesmo tempo, na SIC Notícias, estava a ser criada a SIC online, a parte digital da SIC, que não existia na altura, com José Alberto Carvalho, eu fui convidado para lançar isso com ele, lancei a SIC online, depois José Alberto Carvalho veio para RTP passar uns tempos, é, e eu fui convidado pra vir também para RTP, é, para área digital, tive muitos anos ligado a essa área, depois a certa altura voltei à televisão, saí e fiquei responsável por jornais da RTP, que agora é RTP3, o canal de informação da RTP, e depois também durante quatro anos fui o responsável pelo telejornal, que é o bloco informativo principal que já lá esteve.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: É, às oito da noite. A cerca de (aproximad/) [00:02:21], há cerca de três, quatro anos, voltei outra vez à área digital, mas já na direção da informação, onde tenho que estar responsável por essa área.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá bem então. Nossa (riso), bastante coisa.

Alexandre Britto: Eu tive ali três meses fora, mas voltei agora, e pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na tua opinião, como é que o telejornalismo trabalha em termos de aplicativos de apuração, de checagem dos fatos, é, pode ser RTP ou pode ser, é, geral, como é que você acha que tá essa, essa checagem do online e da televisão? Existe uma colaboração nesse sentido? O que se apura pelo

online, por exemplo, é, é alimentado na televisão, tem essa retroalimentação, né, do...?

Alexandre Britto: A tendência é que haja essa, essa partilha de informação. É, o que acontece é, muito do que nós dizemos e que eu tenho dito e (inint) [00:03:10] que eu tenho passado é que nós não somos uma coisa à parte da RTP. É, ou seja, nós somos a informação da RTP, independentemente do meio. É, não é fácil esse processo porque tamos a falar duma coisa muito recente, é, numa empresa que tem uma tradição enorme de televisão e, portanto, temos aqui um núcleo novo e diferente do que é colocado cá adentro. Mas a ideia é sempre nós somos a RTP, não somos o digital da RTP, portanto há muito essa partilha de informação, é, é, dos dois sentidos. É, o que que acontece, quais são os fatos que existem no digital, é, em Portugal, que é mais atrasado em relação aos outros... eventualmente aos outros países, tou a falar, por exemplo, de BCC.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: E por aí, é, que é, nos últimos anos, o que aconteceu foi muito replicar aquilo que existe em televisão, ou seja, agarrar no conteúdo da televisão, ou de rádio no caso da, da RTP também, e fazer uma, uma, não é uma cópia, mas, é, o produto que é feito em televisão é disponibilizado também online, no digital, não é? O que acontece hoje em dia é que com a informação, com a loucura da informação, e o tempo, isso não basta. É, e também é preciso acrescentar-se camadas novas, ou seja, como é que eu posso explicar isto? Exemplos muito relativamente simples, que é s... vamos imaginar, é, na loucura que o presidente da República decide, é, que o governo, se derrubar o governo, tou aqui a simplificar um cadinho a forma de dizer as coisas, mas se derrubar o governo e vamos a eleições. No nosso movimento no digital hoje em dia nós não podemos parar pelas oito da noite, pelo jornal, pra ter esse conteúdo. Portanto, nós temos que criar esse conteúdo e temos que fazer essa informação, é, sendo que, hoje em dia também como há os canais de informação, vinte quatro sob vinte quatro, no caso a RTP3, isso ajuda muito. É, e nesse trabalho nós fazemos o trabalho, dando esse exemplo, se há essa notícia, nós vamos lançar essa notícia, e depois vamos manter componentes em cima dessa notícia, vamos alargando. É, o termo de trabalho que

nós utilizamos muitas vezes é este, que é, acontece uma notícia, nós fazemos um título e um lead, e publicamos, e publicamos e enviamos alertas pra os telemóveis, enviamos alertas pra os browsers, publicamos a notícia (nas) [00:05:28] últimas horas e por aí adiante, certo? A mesma coisa em simultâneo acontece na RTP3, que também fazem esse processo e depois vamos acrescentando camadas, que é, passar dez minutos, a RTP3 por exemplo já tem um...

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma atualização.

Alexandre Britto: Uma atualização e que nós fazemos essa ligação, ou passar depois quinze minutos já tem em vivo, o presidente da república a falar sobre essa decisão e nós teremos esse vídeo e acrescentamos também essa informação, e por aí adiante, e culmina até no telejornal, porque o telejornal já tem as peças depois mais, é, é, trabalhadas, eu diria assim, não é, é, e, e essas mesmas peças são tiradas e são também anexadas dentro do digital, portanto, o, o tempo, é, é diferente, eu acho que o tempo do digital de hoje em dia é o mais rápido de todos, é o mais imediato de todos, é, até por uma questão de facilidade e rapidez né, é mais fácil eu fazer um título e um lead e, e, e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma peça.

Alexandre Britto: E mandar, e uma peça, não é. Mas depois há esse conjunto, que é, qual que é, mas nós não estamos isolados em relação àquilo que a RTP faz e, portanto, vamos criando essas camadas em cima daquilo que vai, vai ser, que já foi feito, né. E isto em tempo real, e isto nunca para, não é? Tá sempre é, a ser trabalhado dessa forma.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse sentido tá mais difícil ser jornalista de um telejornal? A partir do momento que eu também já me informei nos online, nas agências, nas redes sociais...

Alexandre Britto: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que existem, é, é, existe mais cobrança de uma, de uma, de outras competências de um profissional de telejornalismo?

Alexandre Britto: In...infelizmen...não é infelizmente, mas é, a forma como as coisas são pensadas hoje em dia é, o jornalista de televisão continua a pensar muito só na televisão, e continua a fazer só muito o trabalho da televisão. É, o jornalista do digital, é, tá mais essa visão mais aberta, que é, ele sabe que tem que dar a notícia, sabe que tem que fazer, que tem que escrever, mas sabe que vai ter também os componentes de vídeo que outras pessoas vão fazer e que nós vamos, vamos aproveitar, é, para compor essa, essa notícia. O jornalista de televisão não tem tanto, é, nesse, e não tem nesse se, se, se ele tem que ter, ou se tem capacidade pra ele, no termo sentido de, ele tem um trabalho muito específico pra fazer, continua a ser o mais importante em Portugal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: Eu diria até que mesmo no mundo inteiro, hoje em dia, eu falo assim da televisão, mas a televisão ainda tem o impacto que tem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: É, e não era, né, e ele tá focado nesse trabalho sabendo que no fim da li...da linha, é, esse trabalho vai ser aproveitado também através do digital, é, (inint) [00:08:09].

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00: 08:10] camadas, né, de informação, e quer dizer, aí também tem uma importância maior em apresentar ao telespectador, ao quem tá consumindo a notícia de uma outra forma que não igual ao online.

Alexandre Britto: Sim, porque é diferente até, se nós vimos o digital, a RTP, os canais de informação de televisão, é, de hora a hora, e o telejornal, apesar de ser tudo muito similar, temos a falar de informação, são camadas diferentes, enquanto que o digital tem muito o imediato e cada vez mais o imediato, e tem que colocar

essa informação e tem a rapidez de ter que verificar se a informação é verdadeira e colocá-la no ar, é, a RTP3 também já é mais semelhante, é, em relação a isso, porque também está sempre no ar e precisa, portanto, precisa dar essa informação. Do telejornal mais contexto e explicar as coisas, ou seja, quando nós chegamos à noite e vemos o telejornal, o que que as pessoas tão à espera e que o telejornal lhes dê, não é dizer que, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: A notícia pela notícia.

Alexandre Britto: A notícia pela notícia, não é? É dar o contexto, é explicar, é, é, é acrescentar informação, é, eventualmente, tá, ok, e aconteceu isto, mas já aconteceu outro, em outros momentos, e o que que aconteceu nesses momentos, e, e fazer ali um trabalho, é, uma bolha numa peça em dois, três minutos em que dê essas camadas de contexto e de explicação, que é depois utilizado no digital também, né? Porque tudo isso (que eu tou falando) [00:09:31]...

Ana Paula Goulart de Andrade: Por isso essa retroalimentação.

Alexandre Britto: E sempre em 360, porque isso vai acabar tudo lá também, não é? E essa é uma grande vantagem, que antigamente o que acontecia era, agora não tanto por causa das (inint) [00:09:42] dá pra andar pra trás e andar pra frente, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Alexandre Britto: Antigamente a peça passava na televisão, não é, no telejornal, e se nós queríamos saber alguma coisa de mais sobre aquilo, tínhamos que esperar pelas nove da noite ou pela meia-noite, não é? Agora não, sabemos que ok, ali tá o contexto todo, e tá o, é, digamos tá o bom, bonito, o feito, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: A cereja.

Alexandre Britto: É, a cereja tá lá, é, mas sabemos que se queremos viver aquilo em fatias, se queremos ver o que é que o bolo tem e ainda que dá pra acrescentar

mais um cadinho do bolo ao longo do dia temos o digital ou os canais de informação vinte quatro sob vinte quatro.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente falou aqui de, você falou aqui de notícias falsas. É, no Brasil, a gente utiliza muito, é, e aí talvez justifique a nossa política.

Alexandre Britto: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: O WhatsApp e as imagens que vêm de fora pra dentro que hoje é muito maior, né, a colaboração do cidadão comum em vídeos, em fotos, enfim.

Alexandre Britto: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: As informações que vêm de fora pra dentro, nesse sentido assim o jornalista tem que ser um filtro cada vez mais forte nesse sentido. Vocês utilizam, é, imagens, vocês têm algum canal de colaboração que vocês utilizem dentro do online?

Alexandre Britto: De exterior, de redes sociais e coisa da gente. Sim, nós não especificamente um ao outro, é, é, o que que acontece nos dias de hoje, que é, antigamente não havia internet, portanto, e, e as fontes tavam muito, é, fechadas, eram aquelas que nós sabíamos que eram aquelas e íamos sempre àquelas porque não tínhamos contato com, com as outras, né. Com o fenômeno da internet e das redes sociais, há uma quantidade de informação que se acrescenta a aquilo que era já tradicional, que cria aqui mais informação e também mais confusão e que é preciso ter cuidado em relação a ela, né, que é obviamente que nós já sabemos e ao longo dos tempos vamos filtrando isso, quais são as fontes que nós damos mais valor ou menos valor, que consideramos mais ou consideramos menos, e isso é uma, uma boa ajuda. É, em relação, isso aplica-se muito por exemplo em situações de breakingnews. É, acontece uma explosão numa estação de comboios na Rússia, né, e rapidamente na internet começam a aparecer imagens sobre essa explosão. É, são verdadeiras? É, são falsas? Podemos usá-las, não podemos usá-las? E esse é o nosso trabalho que há uns anos não existia porque o que acontecia, a Reuters enviava as

imagens, a APTN enviava e nós atualizávamos essas, nós hoje em dia não esperamos por isso porque temos outra fonte mais rápida de aceder a essa informação. Temos sempre muito cuidado e temos trabalhado no sentido de ter internamente informação de forma que as pessoas consigam saber se aquilo é verdadeiro ou não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Teve o caso de Brumadinho, por exemplo, né. No Rio de Janeiro, Minas Gerais, da, da barragem de Brumadinho.

Alexandre Britto: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muitos vídeos veiculados na, nas redes sociais foram pra os canais, no caso no Brasil, aqui eu não, não percebi. É, e que não eram vídeos de Brumadinho.

Alexandre Britto: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Era de... enfim, (inint) [00:12:34].

Alexandre Britto: Aí há, há o erro inicial que é ver aí na internet e coloca-se no digital.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sem apurar.

Alexandre Britto: É, e isso não deve ser feito. Deve haver algum cuidado em relação a isso. Mas há formas de se perceber isso. Também não sei se você já na universidade ou se...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai pro Google, né.

Alexandre Britto: Sim, por exemplo, saber se um vídeo é verdadeiro ou não, é muito fácil saber se aquele vídeo é verdadeiro ou não. É, um vídeo que é colocado no Youtube, vou dar um exemplo, e nós temos feito uma informação nesse sentido também, que é o, o vídeo são frames.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum, sim.

Alexandre Britto: São imagens, na prática aquilo é o nosso conhecido imagens, não é? E se nós no YouTube fizemos printscreen de uma imagem apenas desse vídeo e inserirmos essa imagem no Google e fizerm...e, e, e dizemos ao Google para nos fazer a pesquisa sobre aquelas imagens, o que o Google vai fazer é, vai encontrar imagens semelhantes àquela. E se no meio das imagens semelhantes àquela aparece uma foto ligada há três dias, significa que aquela é falsa. E, portanto, rapidamente consegue-se perceber se são verdadeiras ou não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Há esse cuidado aqui como se fosse uma fonte qualquer.

Alexandre Britto: Há esse cuidado, sim. É, se cometemos erros, admite que sim, eventualmente sim, tentamos evitar ao máximo que isso, que isso aconteça, mas já começamos a ter informação nesse sentido de saber se as coisas são verdadeiras ou não e como é que nós conseguimos perceber se elas são verdadeiras ou não. Obviamente, já tamos no nível, é, e eu falo disto com alguma, à vontade de ter me dado formação sobre isso e mesmo sobre fake news tenho dado algumas aulas sobre isso, é, por exemplo hoje em dia já é possível manipular a voz, é possível manipular como é que, ter o Obama a dizer alguma coisa que ele não disse, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pois é.

Alexandre Britto: Já tamos num nível um bocadinho mais à frente. Isso é mais difícil de, de verificar, é, se é verdadeiro ou não, porque a nível de voz é, é muito complicado, não é? É, mas existe essa info...formação, existe esse trabalho contínuo, é, mas é difícil, é complicado, e é complicado porque as relações estão cada vez mais (encolhidas) [00:14:29] também, ao mesmo tempo tem mais trabalho, o, os canais de informação vinte e quatro sob vinte e quatro terão mais pressão, os digitais não terão mais pressão e as redações nos últimos anos tem... cada vez mais encolhidas e, portanto, isso é difícil, sim, mas fazemos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lá no Brasil tá, tá mais complicado. Deixa eu te perguntar...

Alexandre Britto: Tá porque eu acho que também há um fenômeno que é, preocupado, é, é de que forma? É, é, ou até que ponto? Que é obviamente aquilo e no digital nota-se muito isso no, aquilo dá muitos views, dá muitos cliques, é, e é fácil...

Ana Paula Goulart de Andrade: É, robôs que tão ali, o algoritmo.

Alexandre Britto: E é mais fácil por vezes publicar aquilo e passar dos dez minutos e tirar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Agora estão muito assim, em busca de audiência.

Alexandre Britto: Ah, é errado tirarmos, mas, entretanto, já ganharam cem mil para os views.

Ana Paula Goulart de Andrade: Exatamente.

Alexandre Britto: E eu não sei se há esse cuidado. Nós aqui na televisão temos, como temos erros como todos, de certeza, não é? Mas temos essa, temos esse cuidado, e cada vez mais.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu fiz um trabalho também aqui de analisar dez anos de telejornalismo da RTP, esse foi exclusivo pra RTP. Que que você acha em dez anos, de 2009 pra 2019, mudou nessa relação telejornalismo e online?

Alexandre Britto: Mudou, há dez anos, ninguém queria saber do digital, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Era segregado.

Alexandre Britto: Era completamente segregado, estava, só pra ter uma ideia, nós ainda távamos aqui edifício, há dez anos já estávamos, mas era uma equipe que

estava num canto, a outra continuava a fazer sua televisão no... normal, isso já não acontece tanto. Já estamos, é, eu dirigia que (a distância) [00:16:01] era assim e agora já estamos aqui mais próximo. Não estamos ainda...

Ana Paula Goulart de Andrade: Integrados.

Alexandre Britto: Integrados completamente, mas já estamos muito mais próximo e até o exemplo de eu estar na direção de informação é um exemplo disso, é, que eu saiba, sou o único diretor, é, eu sou a única pessoa numa direção de informação com o digital. É, (tive) [00:16:20] teve há tempos, mas deixou de ter, a SIC que eu saiba também não tem, é, e isso é um sinal, que é, tirar alguém da direção da informação, que tem um olhar...

Ana Paula Goulart de Andrade: Cuida especificamente.

Alexandre Britto: Especificamente pra o digital estando dentro desse grupo já é uma, uma (inflação) [00:16:36], mas há dez anos ninguém queria saber. Hoje em dia já queremos saber muito, é, até porque já se percebeu o impacto do digital no trabalho da televisão, ou seja, na, a preocupação que existe hoje em dia na maior parte dos jornalistas, noventa por cento dos jornalistas é a minha peça que passou no telejornal não está no digital.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, é?

Alexandre Britto: Coloquem lá, por favor, que é para nós termos impacto aí também nesse mundo digital. E depois temos ali dez por cento de pessoas que já têm uma outra atenção, que é, eu tenho uma notícia e ao mesmo tempo que eu falo com o canal de informação com a RTP3, falta o digital porque sei que eles vão enviar um alerta e sei que aquilo vai ter mais...

Ana Paula Goulart de Andrade: Surtir um efeito, né.

Alexandre Britto: Impacto, não é? Então, a percepção mudou dos jornalistas de televisão. Há dez anos não queriam saber nada, não lhes interessava sequer, agora

querem saber, querem saber por que a peça não tá lá ou uma, um número ainda reduzido porque tem uma informação que querem dar mais rápido possível e a forma de o fazerem é através do digital, (inint) [00:17:36].

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tem duas, vocês aqui têm duas redações, né.

Alexandre Britto: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: A redação do, dos telejornais e aqui em cima que fica mais separado e aí o online fica aqui...

Alexandre Britto: O online tá cá em cima.

Ana Paula Goulart de Andrade: Também.

Alexandre Britto: Não é bem essa divisão, mas sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, não. Também, né. Também porque é bem maior.

Alexandre Britto: Sim, é, é por uma questão de espaço essencialmente eu venho até ficar em cima, temos os repórteres de imagem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

Alexandre Britto: Temos o digital, temos os programas não diários...

Ana Paula Goulart de Andrade: Os documentários...

Alexandre Britto: O Linha de Frente, mas temos também o desporto, por exemplo, tá cá em cima, a cultura também tá cá em cima. É, não está, o ideal era estar todo mundo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Todo mundo junto, isso. Você acha que falta uma, talvez a palavra, enfim, uma, uma sinergia, no sentido de um, um bloco chamar o outro e até da rá...da própria rádio, né, que vocês também têm, de que o telespectador possa consumir melhor, assim, um, uma informação talvez do pivô chamar algum material, veja na RTP, ou você acha que ainda falta essa, essa integração das peças, não sei se...

Alexandre Britto: Pode, pode ser melhorada, já estamos a fazer algumas coisas. É, já estamos a fazer, é, já o fiz...já o fizemos até um bocadinho mais, por exemplo, as situações dos breakingnews, embora ainda hoje aconteça, muitas vezes quem é chamado pra ir à Antena é a equipa do digital. É, e nós agarramos num computador, ou agarramos num (vídeo in loco, um touch) [00:18:54], não sei que, isso já se vê em outras televisões também. E deixamos lá abaixo e estamos em direto a dar a informação, a acrescentar informação porque nós temos esse contato muito mais próximo do que as pessoas da televisão com o que se passa no mundo digital, nas redes sociais, por exemplo conseguimos aceder essa informação e filtrar de forma mais imediata. E, portanto, vamos à Antena e da mesma forma a Antena promove também, é, o digital (inint) [00:19:17]...

Ana Paula Goulart de Andrade: As peças, veja a seguir no telejornal, enfim.

Alexandre Britto: Ou toda a informação que está no site e por aí adiante. É, temos também algumas ligações finais dos jornais já pra essa página do...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

Alexandre Britto: Da RTP, (inint) [00:19:29] da página da RTP, tamos agora a criar também de forma em títulos, é, conforme vai passando uma reportagem de haver ali um simbolismo qualquer que diga, mas pode saber mais sobre isso no site da RTP e acrescentar informação aí, já começamos a fazer esse, esse trabalho, já, já há algum tempo, é, acho que há mais a fazer obviamente, mas, é, mas é s...se...se vai aumentar substancialmente, eu acho que não, já estamos ali num ponto próximo. Porque se nós avaliarmos o que acontece, por exemplo, na BBC ou na CNN,

também não vemos muito essa, essa camada. Vemos essa camada, mas não vemos, é, constantemente, né. E nem sei se faz sentido ver.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tem, é, um fenômeno, é, que na verdade os jovens não estão assistindo tanto a televisão, né, eles tão mais no online. Você tem essa preocupação de rejuvenescer a redação nesse sentido? Porque eles nasceram, eles são nativos digitais, né, no meu caso eu sou imigrante digital e a gente teve que aprender, enfim, a usar toda a tecnologia, e eles nasceram nesse mundo, daí a ideia do, do, do olhar cognitivo, né, eles já têm esse olhar próprio pra isso. É uma preocupação, é, de, de pegar essa camada de jovens não só pra trabalhar, mas também para produzir para outros jovens?

Alexandre Britto: Eu acho que ainda tamos no, é, é. O fascínio da televisão em Portugal pelo menos é um fascínio enorme. É, e numa empresa que não é nativa digital, é, como a RTP, quem vem, quem pensa que vem trabalhar pra RTP tem o fascínio da televisão. É, e, e, e o que acontece é que, um, a não ser que venha especificamente para a equipa do digital, as outras pessoas rapidamente perdem isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: É?

Alexandre Britto: E, e é algo que até faz um bocadinho de impressão, que é, na vida real eles consomem tudo aquilo que nós consumimos de forma digital, mas depois no seu trabalho não conseguem dar esse passo, é, e preocupa-se muitas vezes em fazer a sua peça e, e apenas fazer a sua peça. Porque eu acho que é uma geração que está ali no meio, é, não somos nós, nós nascemos sem internet, eles já nasceram com a internet, mas as redes sociais aconteceram há dez anos, o fenômeno das redes sociais tem dez anos, portanto, pessoas entre os vinte e os trinta anos, é uma coisa recente. A geração que vem aí, não. Essa é que vai mudar tudo completamente. Porque essa já nasceu com as redes sociais, já nasceu com o consumo de informação completamente diferente. Nós vemos pelo, no caso eu vejo pelos meus filhos, né, tem a televisão ligada e preferem tá no computador ou no, no telemóvel, né. A RTP tem essa preocupação, até porque nós temos muita camada mais, é, velha, a ver a televisão, e temos muitos essa preocupação (que nem sempre estamos) [00:22:20]

no, tão forte no, no, no digital, não só na informação, mas na área dos programas também, temos um enorme conteúdo que até mesmo a nível de arquivos, né, a RTP disponibiliza os arquivos da RTP no digital, o que é um trabalho fabuloso, né...

Ana Paula Goulart de Andrade: Facilita a minha, muito a minha pesquisa, inclusive (riso).

Alexandre Britto: Facilita a pesquisa, eu vejo o, o caso dos meus filhos, eles tão aqui numa escola, é, aqui perto, é, uma escola que tem uma forma de ensinar diferente, eles não têm manual escolar, por exemplo, não existe manual escolar na escola deles, tem muito trabalho e projeto e trabalham muito à volta do computador já, e muitas das coisas que eu vejo lá de lições que eles têm que aprender aparece em vídeos do, do, do...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, que bacana. Da memória.

Alexandre Britto: Daqui do RTP, dos arquivos. É e, portanto, essa geração vai mudar tudo completamente. O que que eu acho também, é uma coisa que eu tenho dito muito nos últimos anos, é, e que dentro da empresa não existe ainda totalmente essa... essa noção, até porque a televisão ainda tem, e podemos dizer o que quisermos, mas a televisão tem um peso muito maior do que o digital, (hoje em dia) [00:22:25].

Ana Paula Goulart de Andrade: A centralidade.

Alexandre Britto: Centralidade, a nível de publicidade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Saiu, saiu uma pesquisa recente sobre os números...

Alexandre Britto: A quebra da audiência, mas não tanto para o digital, é, mas mais para os canais de cabo, para outras televisões, e há sempre o conceito, há sempre a ideia de que o digital não rouba audiência, acrescenta. É, não é por causa do digital que as pessoas vão deixar de ver televisão, vão deixar de ver o telejornal, não é. É,

mas a curva é exponencial. E eu queria falar, não vou conseguir dar o exemplo, mas, é, se nos olharmos pra curva do digital, ela faz isto e, e começa a curvar e chega uma altura que vai entrar em vertical, né. Nós estamos no início da curva apenas. Portanto, eu diria que nos próximos cinco, cinco anos vamos, isso vai começar a ser muito mais vertical, e aí vai ser um choque enorme. E esta curva vertical vai acontecer por quê? Por duas coisas, na minha opinião. 5G, velocidade de internet que vai ser muito mais rápido, vai ser uma, nós vamos conseguir fazer o download pra um telemóvel em, é, com 5G, de um filme de alta definição com cinco, seis gigas em doze segundos, doze, catorze segundos, e todos os aparelhos vão estar ligados à internet, tudo, desde o cão ao frigorífico, a internet das coisas (inint) [00:24:44], aqui na RTP vai estar tudo ligado à internet.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Alexandre Britto: E em simultâneo com o 5G, os (flat rights) [00:24:48], que é eu pago vinte euros e posso usar a internet que eu quiser, não é. É, e o que que isso vai, vai fazer, né, vai fazer com que a utilização da internet nos telemóveis vai ser muito maior em relação ao que acontece hoje, mas muito maior, não vai ter comparação.

Ana Paula Goulart de Andrade: A tendência dessa televisão (ao bico) [00:25:06], onipresente, vai...

Alexandre Britto: E vai se ver muito mais televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, o audiovisual não...

Alexandre Britto: Porque a televisão vai sair de casa. É, nós hoje em dia se queremos ver televisão, normalmente temos que estar à frente dum écran. Podemos ver aqui, mas não, nos telemóveis, mas não vemos porque não queremos gastar dados.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

Alexandre Britto: A partir do momento em que alguém lhe disser que ok, mas não gasta dados, eu vou passar o tempo todo a ver televisão aqui. Se é televisão tradicional, não será, em alguns momentos sim, n'outros não. É, nós vamos ver mais televisão, outro tipo de televisão, televisão ondemand, televisão a peça, televisão em direto, eu acho que o em direto é a grande aposta que as televisões devem ter, porque é a grande mais valia que tá em relação a...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sempre foi um talento da televisão que o...

Alexandre Britto: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que o online acabou pegando, mas de uma outra forma, né, porque eles se utilizam, sei lá, vários repórteres, o famoso "estamos aqui", né, estamos aqui, mas que não tem a mesma plasticidade...

Alexandre Britto: Não.

Ana Paula Goulart de Andrade: A mesma estética.

Alexandre Britto: Não, e que a televisão vai ter esse impacto daqui a uns anos quando houver (flat rights) [00:26:04], que é, ok, eu depois tenho a televisão, por que é que agora eu vou às redes sociais ver alguém que eu não, não confio nele, nem sei quem é.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:26:10].

Alexandre Britto: Se eu posso ter ali uma, uma filtragem que me dá mais garantias, não é? Liga a RTP1 e vejo, é, e não só na RTP, e depois nas pessoas. Nós cada vez mais acreditamos nos jornalistas, acreditamos nas pessoas, é, não nem todas, mas nas específicas, ou se quer ver uma coisa de tecnologia, vou ver a tecnologia que o, x pessoas, x jornalistas mostram, não é? É, e vai ser muito aí. E o que que eu quero dizer com isto? Que é, ao mesmo tempo que esses jornalistas correspondem pra RTP que está em Paris, pode estar em direto na RTP, uhum?

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Alexandre Britto: Mas se tiver em direto no Facebook, continua a ser a RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: E eu aí já dou credibilidade suficiente para ver esse direto também. Portanto, nós vamos ver muito mais televisão. Ainda, é, recentemente nós soubemos que no último mundial, o mundial foi mais visto no digital do que, é, na televisão, teve mais audiência. Não da forma tradicional, mas em retalhado, recortado, em pedaços.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: Tudo que foi visto nisso teve mais impacto no digital do que na televisão. E isso vai aumentar substancialmente nos últimos anos, não tenham, é, qualquer ilusão em relação a isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você já respondeu a minha última pergunta, que era justamente como você acha que o telejornalismo vai estar daqui a dez anos. É nesse sentido.

Alexandre Britto: Eu acho que vai, eu acho que vai estar muito semelhante, é, mas com mais camadas, é, o que que quero dizer com isto? A forma t... os momentos é que são diferentes, que é, eu às oito da noite vou querer continuar a estar sentado a jantar e a televisão estar ligada, e eu posso até não estar a ver, mas tou a ouvir, não é? E estou à espera que ali me deem algum contexto, que me expliquem e que levam os grandes protagonistas até eventualmente lá, que o digital não tem ainda essa, essa força, não é? O presidente da república estará sentado no telejornal a fazer isso, não é? Agora, eu até chegar lá, já recebi a informação toda e já, já eu próprio já tenho uma imagem de tudo aquilo que aconteceu. É, e é nesse mundo que nós temos que entrar na televisão, na RTP, digamos assim. Que é o que? Nós às oito da noite vamos continuar a fazer aquilo que fazíamos, mas temos que fazer melhor, com mais contexto, com mais explicação, e ao mesmo tempo não vamos poder deixar

de fazer o resto, de dar informação em tempo real constantemente e filtrar. O grande desafio é, mas eu acho que nós vamos entrar (pra ganhar isso) [00:28:30], que há uns anos falava-se dos blogs.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: E todos, e todas as pessoas...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:28:33].

Alexandre Britto: Diziam, agora não precisamos de jornalistas porque qualquer pessoa é jornalista e faz um blog, hoje em dia já ninguém fala dos blogs, e a verdade é esta, quem é que fala dos blogs hoje em dia? São muito poucas pessoas, acabou. Temos o fenómeno das redes sociais. Ah, agora as redes sociais, em direto, estamos aí todo lado. Daqui a uns alguns anos não acabará, ainda, ainda...

Ana Paula Goulart de Andrade: Questão da credibilidade e da mediação jornalística pesa.

Alexandre Britto: Sim. E que já teve uma diferença nesses últimos anos, com a história dos fake news, não é? Falar, há três anos, ninguém falava dos fake news, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que o jornalismo tá passando, ou vai passar, ou a ideia, que passa por um renascimento, assim, muita gente fala em crise do jornalismo. Eu prefiro adotar jornalismo em transição, que eu acho que, sei lá, quando veio o computador também foi uma crise, quando veio em algum momento, né, saiu da máquina de escrever...

Alexandre Britto: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Imagina, foi uma revolução nas redações. É, você acredita num, nessa permanência, né, a gente tá falando de continuidades aqui.

Alexandre Britto: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Do jornalista, quer dizer, cada vez mais sendo um filtro, tendo que ser um filtro maior porque vem muitas notícias e aí essa escolha dessa notícia, a tomada de decisão pro que é de fato uma notícia exige uma competência diferente, uma literacia diferente daquele, daquele profissional.

Alexandre Britto: Sim, eu acho que sim, a história tem nos dito isso, né, nós temos tido constantemente desafios, não é? A CNN quando começou foi um desafio para as outras televisões, e agora eles tavam em direto da guerra, Guerra do Iraque, não é. Eles tão lá em direto e nós não. Tivemos que mudar e tivemos que, que fazer isso, né. Os canais de informação como a CNN, mas depois cada vez mais, não é, também criaram uma outra realidade, e agora o tele... há uns anos a discussão era, é, se há uma notícia, nós guardamos pra o telejornal ou damos no canal de informação até lá? É, e havia muito essa discussão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ó.

Alexandre Britto: Que era uma coisa fascinante, que é, não, não, nós temos isso, vamos guardar pras oito da noite, hoje em dia já ninguém guarda.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não existe mais o exclusivo também, né.

Alexandre Britto: É muito raro ver um exclusivo, né. Nós por acaso hoje vamos ter um da RTP, que é a entrevista ao presidente angolano, é, e que tamos a guardá-la pras oito da noite, temos a certeza absoluta que aquele é o único exclusivo, é, é a única televisão que o tem, não é. Mas, mas há uns anos havia essa discussão, né. Não, não, vamos guardar pra o telejornal. É, agora já não. Agora ainda há um bocadinho a discussão no, damos no digital, não, agora começa já também a não haver isso. E port... há uns anos falava-se dos blogs, também já acabaram os blogs. Portanto, nós jornalistas tamos sempre a nos, é, reinventar, e a acrescentar camadas, o que torna as coisas mais difíceis, nós tamos a trabalhar mais, mais rápido, mais (no arame) [00:31:04], é, em relação a uns anos, isso não tem qualquer dúvidas em relação a isso, ao mesmo tempo que as relações estão (a encolher) [00:31:10], mas

mesmo assim chegamos a mais pessoas, é, mais rápido e temos mais impacto porque hoje em dia eu acho que já existe, é, é, a ideia de que, ok, eu até posso ver muita coisa nas redes sociais, mas eu só quero ter a certeza se aquilo é verdade ou não, vou ter que ir a um meio tradicional, eu vou ter que ir a um jornalista a quem eu lhe dou credibilidade, e isso já existe muito, não, há uns anos se calhar não existia tanto com as redes sociais quando, eu diria há um momento antes do Trump e um momento pós Trump.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Ah, sim.

Alexandre Britto: Ou um momento antes Cambridge Analytica e um momento pós Cambridge Analytica. E esse foi um momento muito decisivo na história do jornalismo e na história da sociedade mundial que é perceber o que é que, quais são as (inint) [00:31:58] reais das, das redes sociais e da, da internet, e isso tem mudado muita coisa. É, em relação ao futuro, eu...

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Alexandre Britto: Não tenho, quer dizer, não tenho, não consigo, é, tenho visto tantas coisas que mudam tão rápido que eu não consigo prever exatamente o que vai acontecer, eu acho que a forma tradicional de fazer televisão vai se manter, tem que se manter, porque há momentos em que nós precisamos de se fazer as coisas com mais calma e a televisão tradicional, é isso, o telejornal das oito, deve ser esse momento de fazer as coisas com mais calma, é, ao mesmo tempo temos que ser, é, muito rápidos a dar informação nos outros meios, nos canais de informação...

Ana Paula Goulart de Andrade: Em todas as plataformas.

Alexandre Britto: No digital, sim. Acho que vamos abandonar cada vez mais nos próximos anos, é, muito essa coisa das redes sociais, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Deus te ouça.

Alexandre Britto: Acho que sim, mas eu acho que foi muito útil se nós pensarmos no que aconteceu por exemplo na Revolução Árabe e por aí adiante. É muito útil, se nós pensarmos hoje, eu digo, dou sempre este exemplo internamente, que é, se nós pensarmos hoje no 11 de Setembro, como é que foi o 11 de Setembro naquele momento e como é que será hoje, Deus queira que nada assim até aconteça, mas como é que será hoje, ele, tenho a certeza que vai ser muito diferente porque eu vou (ter) [00:33:18] mais rápido e eu naquele momento, o que que eu tinha, tive que esperar pelas imagens da, da Reuters ou da CNN pra conseguir ter alguma coisa no ar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Conseguir informar o que que...

Alexandre Britto: Isso. Ou até pra conseguir meter qualquer coisa (no ar) [00:33:27], nesses momentos é uma coisa quer dizer, (estão lá a arder, estão a arder) [00:33:29], não há dúvida em relação a isso, né. É, e, portanto, eu tenho certeza, se acontecesse hoje, ele não ia esperar pela Reuters ou pela APT, aliás, eles tão a ter esse problema, que eles chegam lá em último. É, e eu, se isso acontecesse hoje, eu ia est/ter automaticamente em direto trezentos canais.

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

Alexandre Britto: É, porque eles iam tá a ser transmitidos pelas pessoas que tá lá, pelo outro, olham isto e aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É mais democrático nesse sentido.

Alexandre Britto: É muito mais. E isso pra nós é uma vantagem, é, porque...

Ana Paula Goulart de Andrade: Saber tirar proveito.

Alexandre Britto: Temos que, temos que saber tirar proveito disso com cuidado e com atenção, não é, devida, para não cometermos erro, erros. Mas, mas é muito mais fascinante nesse sentido, acho que situações como essas do breakingnews hoje em dia tornam-se muito mais fascinantes para o digital e para a televisão, porque

depois tá tudo muito misturado. Outro conceito que eu digo, que é aquilo que eu, que eu dizia no início e que eu defendo muito que é, existe sempre a tendência até no mundo acadêmico, é, de querer manter as coisas em caixas, que é... (falando com outra pessoa) podés entrar, entra, entra. (volta a falar com a Ana) que é a caixa da televisão, a caixa do digital, a caixa da rádio, a caixa disto e a caixa daquilo. E mesmo quando se faz (estúdios) [00:34:38] é o digital, a televisão e isto. Nós já estamos a tentar romp... nós internamente tamos à frente disso, que é, nós tamos a tentar romper com isso, que é, nós não somos o digital, nós somos a RTP, não interessa se tou no digital ou se tou na, na televisão, eu sou a RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por exemplo, o repórter quando sai pra fazer uma peça, vai à rua, ele, é, eu não vi isso.

Alexandre Britto: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É... é pensado dele fazer uma peça pro, pro online da onde ele tá como um teaser pra chamar pro telejornal, cê já tem essa...

Alexandre Britto: A certas alturas, em certos momentos, sim. A questão que se deve colocar não é essa. A questão que se deve colocar é, faz sentido que seja feito dessa forma?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: Ou seja, o jornalista vai, é, o processo da RTP, por exemplo, é este, é, vamos imaginar, o jornalista vai para um local qualquer de reportagem, é, e quando chega lá já está a transmitir essas imagens em direto, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: E nós temos uma equipa cá que já está a receber essas imagens em direto. Da mesma forma que elas entram automaticamente na RTP3...

Ana Paula Goulart de Andrade: Entram...

Alexandre Britto: Nós no digital vemos. Portanto, RTP3 mastiga de uma forma e o digital já está a mastigá-las de outra forma em simultâneo. Faz sentido eu tá a espera que ela volte e que faça qualq... não. O objetivo dela é voltar e fazer, (eventualmente) [00:35:59]...

Ana Paula Goulart de Andrade: A peça...

Alexandre Britto: Uma peça e contar a história o, o telejornal. É, porque o resto já está a ser feito. Agora há situações específicas em que pode fazer sentido. Eu dou um exemplo que aconteceu com, é, há uns tempos houve um atentado em Paris e nós temos a correspondente lá, a Rosário Salgueiro, é, e soubemos daquela notícia breakingnews e o que ela fez foi, enviou um e-mail a dizer: "Há um atentado ao pé do Louvre, estou a caminho." É, e ficamos todos avisados dentro da RTP que ela estava a caminho do local. É, ela obviamente foi obtendo informação quando estava a caminho porque depois já estava em direto na rádio (ao telefone) [00:36:34] já a dar alguma informação que tinha recolhido, é, a caminho do local, quando chegou ao local ainda estava nesse direto ao telefone, acabou esse direto ao telefone, ainda não tinha repórter de imagem, portanto não conseguia fazer nada pra televisão, o que ela fez foi agarrar no telemóvel e f... e fez um direto para o Facebook, portanto, para o digital, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Alexandre Britto: Esse direto digital, é, em simultâneo, o digital já tinha feito um título e um lead, já tinha enviado um alerta.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

Alexandre Britto: E esse digital, esse direto do Facebook foi feito, foi acoplado a essa informação que nós já tínhamos no, no site, voltamos a mandar um alerta a dizer como, já com imagens em direto da jornalista lá, é, e, entretanto, chegou a câmara e ela (só lia) [00:31:12] que fez um direto para, para a televisão. É, (pausa curta) se perguntar a alguém se aquilo foi do digital ou foi... não interessa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não foi, foi. É informação.

Alexandre Britto: É irrelevante, é completamente irrelevante. Se nós perguntamos hoje é, a alguém, vou dar o exemplo da entrevista que vai haver hoje às oito da noite do presidente angolano. Se amanhã alguém disser que viu aquela entrevista na RTP e se perguntarmos: "Viste onde?", ela não sabe provavelmente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na RTP.

Alexandre Britto: Ou saberá, e ela depois até é capaz de chegar lá que, olha vi no telejornal, não, olha, eu vi em direto na aplicação, olha, não, vi em direto no Facebook, é, ela até poderá depois pensar nisso, mas o primeiro pensamento é irrelevante onde é que viu. Sei que vi na RTP, não interessa onde. E isso é o nosso trabalho, e é isso, é isso que nós temos que fazer e não podemos ter as coisas em caixinhas porque senão não vai resultar. Senão, nós vamos criar RTP digital no outro edifício, ali embaixo na (inint) [00:38:11] sem ser aqui, é, e nós somos uma coisa única. Temos é que saber acrescentar valor em todas elas e trabalhar em conjunto. E isso é o trabalho que nós temos a tentar fazer. É difícil, é complicado, mas é o que temos a tentar fazer. No mundo acadêmico, todos os estudos que existem normalmente é as caixinhas.

Ana Paula Goulart de Andrade: É porque eles separam em grupos de trabalho, né, então, por exemplo.

Alexandre Britto: Até podem, mas eu até acho que faz, pode fazer sentido porque, é, mas, é, temos que ir além disso já.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, é, a gente tá em processo de transmídia, né, a gente pensa assim.

Alexandre Britto: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sei lá, a minha própria pesquisa que fala de tecnologia e fala de telejornalismo, algumas pessoas falam, mas pera, você tá estudando tecnologia ou você tá estudando telejornalismo?

Alexandre Britto: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, eu tô estudando exatamente o hiato entre um e outro. É, porque, enfim, grupos afins pra poder grupo sem ter necessidade de...

Alexandre Britto: Sim, sim, claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Produção acadêmica, de e-book, artigo.

Alexandre Britto: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que aí sim a gente tem que pensar em caixinha, mas eu concordo.

Alexandre Britto: Sim. Porque a questão aqui muitas vezes é se, por exemplo, se eu vejo o telejornal aqui, o que que eu tô a fazer?

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá assistindo telejornal.

Alexandre Britto: Mas é digital ou é televisão?

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma natureza televisiva dentro do meio digital.

Alexandre Britto: (pausa curta) Sim, mas isso é a parte acadêmica a dizer, não é? Mas para as pessoas, na prática, é (sim completamente) [00:38:26] diferente.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:38:27], tanto faz.

Alexandre Britto: (inint) [00:39:29].

Ana Paula Goulart de Andrade: Um fenômeno que teve desse foi a, a novela que tá até a passar aqui, a Avenida Brasil.

Alexandre Britto: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que todos estavam (riso), até lembro, foi um, foi um boom de audiência em telemóvel, porque as pessoas não tavam em casa, tavam no trânsito e tal.

Alexandre Britto: Sim, (inint) [00:39:43].

Ana Paula Goulart de Andrade: E foi isso, foi exatamente, mas eles viram o final da novela, né? Foi o que importou, eles não escolheram o meio digital, eles tavam lá...

Alexandre Britto: É descompletamente diferente, é descompletamente diferente. E nós vemos isso pelos miúdos, os miúdos é descompletamente diferente. É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas eu acho assim, os, é...

Alexandre Britto: É, se calhar, é o conteúdo, onde ele está.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, mas eles não tão muito na televisão, independente de onde a televisão se apresenta, eles tão mais no YouTube, pelo menos no Brasil, aqui eu não sei como tá.

Alexandre Britto: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eles tão mais em busca de dicas de youtubers que pegaram as crianças como o Felipe, Felipe Neto.

Alexandre Britto: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Acho que é Felipe Neto, que, que pegaram, absorveram esse público, que viram que dá audiência pra eles, né.

Alexandre Britto: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eles tão mais nesse sentido, não de consum... onde consumir, mas o que consumir.

Alexandre Britto: Mas isso influi, é, é, a questão é que, agora já tamos aqui a divagar, né, mas eu a... a que a questão é sempre esta, por que que ele vai, por que que ele liga a televisão? Para ver alguma coisa. Pelo conteúdo, não é? Se não tiver conteúdo que me agrada, eu não vejo, mudo de canal ou desligo a televisão ou vou pro outro lado qualquer, não é? O problema aqui é que o mundo digital soube fazer conteúdo para essa geração, mais específico, e nesse caso até mais, é, é, até mais, nota-se mais pelo que, é verdade é que a televisão fazia muit... fazia mau conteúdo para as crianças, mau conteúdo no sentido de não sabia fazer conteúdo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não saber o que oferecer.

Alexandre Britto: Não sabe fazer conteúdo pras crianças. Não sabe o que oferecer, não é? É, e eles aqui sabem e, e têm a internet (inint) [00:41:18] a ter (passe) [00:48:19] canais específicos para cada miúdo, né. É, o que eu acho que, por exemplo no caso da RTP deve fazer e tem feito nesse sentido que é, ok, então vamos nós também fazer conteúdo pra aqui. Não podemos é fazê-lo da mesma forma.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim. Não é uma repetição.

Alexandre Britto: (Não podemos é) [00:41:36] fazê-los da mesma forma, né. É, a forma tem que mudar, e mesmo a forma dos jornais, nós vimos ao longo dos últimos anos, mudou completamente. Eu, eu defendo sempre isto, nós hoje em dia fazemos jornalismo, né, televisivo melhor do que fazíamos há vinte anos e não tem qualquer dúvida em relação a isso. Cometemos mais erros, certamente também, porque é mais rápido, mas, e, e essa análise existe. Se nós formos avaliar, como é que era feito uma reportagem há vinte anos, a qualidade dessa reportagem há vinte anos

era, eu teria algumas dúvidas em relação a isso. É, é, comparando com o que é feito atualmente, é, mas é tudo a mesm/mas é, mas é conteúdo da RTP, é conteúdo, né. É, nós não sabemos a fazer isso, é, e não temos capacidade de o fazer também, verdade seja dita, né, não há forma de o, de o fazer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não fica atraente pro público.

Alexandre Britto: Não, quer dizer, por que que, se eu, se eu há vinte anos tinha os desenhos animados que dava na televisão e era aqueles, era uma (inint) [00:42:31] e se eu ia ao lado e tinha outros canais que me davam coisas mais giras, por que que ia ver aquilo? Não, mudava, isso é o que tá a acontecer aqui. Conteúdo, não tem a ver com, não tem s...s...se não houvesse conteúdo, ninguém ia aqui. Ninguém. E a verdade é que há conteúdo e há muito bom conteúdo. Muito bom mesmo. E provavelmente conteúdo que se fosse replicado na televisão, já não resultava. É, que também é outra, agarrei a outra, agora vamos agarrar aquilo que é feito no, no YouTube e vamos meter na televisão, não resulta, também não pode ser assim. É, é muito, é muito curioso, é muito interessante ver, ver isso. Eu vejo pelos meus filhos muito, tem ali.

Ana Paula Goulart de Andrade: Qual a idade?

Alexandre Britto: Oito e onze anos, e vejo até a forma como eles, e eles já veem televisão, veem Netflix, veem, veem YouTube, tem ali, e tão constantemente vendo lá, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:43:20].

Alexandre Britto: Pelo conteúdo, não lhes interessa, queira lá saber onde é que vão ver aquilo, pra eles é completamente irrelevante, mas o conteúdo interessa-lhes, é, e o que acontece é que nós muitas vezes, é, trabalhamos mal o conteúdo, não tem dúvidas em relação a isso, nós somos boring muitas vezes, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito. Muitíssimo obrigada pela sua entrevista.

Alexandre Britto: De nada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vou precisar/

Berta Freitas

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Berta Freitas

TEMPO DE GRAVAÇÃO

24 minutos e 05 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então vamos lá... 3, 2, 1, gravando com Berta...?

Berta Freitas: Freitas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Freitas. E aí a tua apresentação, teu cargo e tua função.

Berta Freitas: Ah, eu sou editora de Sociedade. ã... Aqui da RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, e aí qual o teu trabalho aqui, o que que cê...?

Berta Freitas:Então, eu tenho uma editoria, que é a editoria aqui na RTP, a informação tá dividida por editorias nestas áreas. A minha editoria é de Sociedade, a maior editora porque tem os temas mais abrangentes. É... Tudo quanto não seja de economia macro, é... E política, então no final acaba por ser feito por nós.

Ana Paula Goulart de Andrade:E aí você também coordena o agendamento e...?

Berta Freitas:O editor é que faz isso tudo aqui, ou seja, o que que o editor faz? O editor... Nós temos a nossa agenda que tá dividida por áreas como... Tal e qual como as editorias, onde a agenda põe todos os assuntos, que são os assuntos que tem...

Ana Paula Goulart de Andrade:Noticiados, valor notícia?

Berta Freitas:Não são valor notícia. Tem mesmo acontecimentos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

Berta Freitas: É uma conferência de imprensa, por exemplo a greve dos enfermeiros que houveram um protesto à porta do hospital, com esse tipo de coisa da região. Exato. E depois eu escolho aquilo de acordo com o interesse de notícia e o valor pra nós. Designo um jornalista e... E também vão muito das nossas ideias, não é. Pra termos outros tipos de reportagens que se afastem um bocadinho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Investigativas, especiais?

Berta Freitas: Não... Tudo que se afasta um bocadinho também, que sejam às vezes muitas delas reflexões sobre... Ou temas mais atuais. Que possas ter uma abordagem mais... É... Um bocado mais profunda, como por exemplo as duas peças que não entraram no sítio certo. Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade:(inint) [00:01:42] alinhada?

Berta Freitas:Tavam alinhada, haviam dois, tínhamos dois blocos. Um que era da ADSE, e então Ana Luísa Rodrigues neste caso tinha um trabalho que estava a fazer e hoje é... Editou, que era a evolução dos seguros de saúde ao longo do tempo.

Ana Paula Goulart de Andrade:É um outro enquadramento a partir dos acontecimentos.

Berta Freitas:Exatamente. Essa peça não entrou no sítio certo, mas pronto fez e ela andou uns dias a fazer isso porque teve que é... Encontrar os dados... Não havia (inint) [00:02:11] em Portugal, era muito raro, e agora a falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, há muita gente que começa a ter seguros, é...

Ana Paula Goulart de Andrade:Crescendo? A demanda...

Berta Freitas:Não, não.

Ana Paula Goulart de Andrade:Começa a ter demanda pra?

Berta Freitas: Começar a ter (inint) [00:02:22]. A RTP tem um plano de saúde, mas todos nós temos um seguro de saúde. Quando eu entrei pra aqui, não, não era assim. Eu tô cá há 26 anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: 26?

Berta Freitas:Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade:Ah, tá explicado tudo agora... (risos).

Berta Freitas:Ah, pronto. E... E, portanto, tentamos fazer esse tipo de peças onde se tem uma visão mais abrangente ao telespectador, não é, não seja só aquela notícia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Aquela notícia...

Berta Freitas:De consumo rápido, onde as pessoas... Também vos obriga a pensar e a perceber o que que é a ADSE, como é que as coisas evoluíram, para não... Porque senão as pessoas que tão em casa e dizem esta ADSE... São... São... São funcionários públicos e ainda estão a queixar. Mas não, se perceberem que os hospitais privados cresceram com este dinheiro da ADSE e com esse dinheiro que eles hoje têm em grandes grupos e que agora como o Serviço Nacional de Saúde não dá resposta às pessoas, as pessoas vão tendo seguros de saúde, e agora tão a substituir a ADSE, ou seja, no fundo, cresceram e agora não vos querem, e querem os seguros de saúde, onde ganham mais dinheiro. Esse tipo de...

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí a gente entra na tecnologia, né. É... A gente tem aí desde Web 2.0, anos 2000, é... A gente tem o produtor, a pessoa comum, cidadão comum como um colaborador, um produtor, fazer circular a notícia. É, como é que vocês aqui na RTP trabalham com essa busca, assim, quando você tem um agendamento, e aí você... Tá designado pra um determinado repórter, uma equipa. Como é que vocês utilizam isso, vocês utilizam com... A checagem dos fatos por apuração? A tecnologia ajudou de um lado, né?

Berta Freitas: Ah, claro. Eu sou do tempo em que não havia internet, né?

Ana Paula Goulart de Andrade: [inaudível] muito, não é? Mas por outro lado também, como tem muita oferta, é... você acredita que o jornalista tem que ficar muito mais atento? Porque a gente tem muito fake news. Então se a gente...

Berta Freitas: Eu acho que sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E tem uma... uma... uma miagem, não sei se miagem é o termo certo, mas tem uma...

Berta Freitas: Uma triagem?

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, não... Uma leva de novos jornalistas da... milleniums que nem televisão assistia muito, né. Eles tão muito mais ligados em redes sociais. Como que cê analisa isso assim? Como isto...

Berta Freitas: Há um problema que hoje em dia nós não... Não vivemos sem... Sem... sem a internet, né, sem as redes sociais. As redes sociais têm que ser muito temperadas porque facilmente pregam partidas, né, com coisas tão simples como por exemplo, há uma tempestade e aparecem, começam a aparecer vídeos, fotografias, e ao final aquilo não é daquela autora. Portanto, o que que acontece...

Ana Paula Goulart de Andrade: Brumadinho aconteceu muito isso, né, no Brasil.

Berta Freitas: Exatamente, exatamente. E aqui acontece ainda aqui há tempos um colega ligou a dizer que tinha caído uma avioneta, é... No Rio Tejo. Não caiu coisa nenhuma, mas andaram pessoas loucas, ah... Para trás e para a frente a tentar o

jornalista. Uma equipa de reportagem a tentar encontrar uma coisa que não existiu, né?

Ana Paula Goulart de Andrade:Sério?

Berta Freitas:Por quê? Porque apareceu no Twitter. Portanto esta... E o que eu acho? A mim, é o meu grande plano, é isso que eu digo a eles. Eu trabalhei sem internet. Não havia, havia um computadorzinho e eram (basis) [00:05:40], nós tínhamos um, é... Uma documentação, tínhamos, e usávamos uma pasta com jornais, com recortes, né, cópias dos jornais.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lá no Rio, lá no Brasil, a gente tinha uma... Uma espécie de madeira, né, que ficava todos os jornais e a gente tinha que ler todos os jornais.

Berta Freitas:Mas aquilo ali tinham (inint) [00:05:58] coisas ainda em filme pra... Hoje em dia, não, é muito mais fácil o acesso. Qual é o problema? É que eu acho que isso tornou os jornalistas preguiçosos e pouco exigentes consigo próprio. Isto é uma crítica que eu faço a... A nós próprios.

Ana Paula Goulart de Andrade:Ao sistema, né?

Berta Freitas:Exato. Aqui, eu chego aqui e dou um trabalho a um colega. E ele quer saber quantas, imaginemos quantas pessoas é que há atualmente na ADSE. O que que ele faz?

Ana Paula Goulart de Andrade:Internet.

Berta Freitas:Vai à internet.

Ana Paula Goulart de Andrade:Google.

Berta Freitas: Não liga para a ADSE e pergunta. É... Quero saber o vosso... Quantos... Quantos utentes tem.

Ana Paula Goulart de Andrade:Associado.

Berta Freitas:Por exemplo. E eles terão com certeza e enviarão uma coisa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Oficial, né.

Berta Freitas:Exato. Não, chegam aqui e fazem uma busca. E depois? Pode aparecer um a dizer que é um milhão, outro diz que é um milhão e duzentos, outro diz que é um milhão e cem. E isso confunde as pessoas e as pessoas ficam que baratas tontas mesmo. Nessa perspectiva, é... Eu acho que estes jornalistas mais novos acabam por ficar... Falta-lhes ali qualquer coisa, até às vezes a nível de cultura geral. É... Isso, por tudo isso que é tornarmos preguiçosos em não fazer aquilo que é o nosso trabalho, às vezes de... Vocês só têm que fazer aquilo que é o vosso trabalho, que é perguntar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Apurar.

Berta Freitas:Vocês são jornalistas, não é... Não são... É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Transmissores...

Berta Freitas:Pesquisadores...E não são pesquisadores de internet. Eu quero saber quantas... Quantos são. É... Agora, de fato, a internet permite-nos o que? Permite-nos ter acesso a tudo. É um...

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma dimensão inimaginável, né.

Berta Freitas:Claro, eu vou aqui, eu procuro histórias, eu vou... Vou ver nos jornais, eu vejo muitas vezes às vezes nos vossos, vocês têm histórias... Muito mentiras... Até de Sociedade, Ciência, ligadas à Saúde. É... Permite-me dizer aqui, o mundo inteiro... E isso em termos de conteúdos, até depois para nos dar ideias pra trabalhar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Berta Freitas:Isso é fantástico.

Ana Paula Goulart de Andrade: Inspirador.

Berta Freitas:É... claro.

Ana Paula Goulart de Andrade:Mas por outro lado tem fake news e...

Berta Freitas: Mas por outro... Tem este problema de fake news e não é só isso. Às tantas, nós não temos a fazer nada, nós temos a copiar o que eles têm aqui. Não é? Temos a fazer uma cópia, e isso...

Ana Paula Goulart de Andrade: Reproduzir alguma coisa que já tá pronta.

Berta Freitas: Pra não ter que pisar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aquele release antigo que as pessoas copiam...

Berta Freitas: Exato, é como a... Tem máquinas de fotocópias, tem uma caixa de ressonância da internet, do que tá aqui. Isso é que eu acho que é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Retiram o trabalho do jornalista como um mediador, o do produtor...

Berta Freitas: (inint) [00:08:23] porque às tantas (inint) [00:08:225] a calhar somos capazes de dizer. Isso já aconteceu várias vezes, ouvindo, somos capazes de dizer que morreram 100 pessoas com gripe, amanhã já não são, já morreram 50. Por quê? Porque as pessoas não sabem interpretar e ler.

Ana Paula Goulart de Andrade: Acabam criando aquilo como verdade e toda a imprensa acaba embarcando também.

Berta Freitas: Isso. Tanto que... Eu vou dar um exemplo muito claro que é... nessa história da ADSE um grupo de hospitais que são os Lusíadas mandaram um comunicado a dizer ponderemos, ponderemos cessar. Ponderemos cessar. Ou seja, o que que isso quer dizer? Então pondera, não cessaram. Os jornais online puseram todos de última hora, grupo Lusíadas cessa também não sei quais. E há um que tem um título que é maravilhoso que é grupo Lusíadas, entre aspas, denuncia acordo da ADSE.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito bom.

Berta Freitas: O que é isto? E então, eu estava... O Felipe, Felipe Ribeiro, estava a trabalhar esse documento, estava ali a escrever, sussurro e eu disse, não, Felipe, desculpa. Disse, aqui não diz em momento nenhum. Ele disse, sim, sim, sim.

Desculpa, mas tá toda a gente a dizer isso. Não, mas não é o que tá aqui escrito, Felipe. Tá ali a dizer, pondera cessar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ponto.

Berta Freitas: Tu estás escrevendo. O teu documento, não tens que ir ao que tá aqui no resto dos jornais, (inint) [00:09:38]. Esse é que... Acho que é o grande desafio. Pra todos nós...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que o jornalismo nesse sentido, ele precisa ou já está... Muita gente fala que o jornalismo tá em crise. Eu prefiro dizer que ele tá em transição. Porque a gente tem um outro, é... Uma outra necessidade cognitiva de apreensão do saber pra poder repassar esse saber. Somos mediadores.

Berta Freitas: Mas aqui é tudo muito rápido agora.

Ana Paula Goulart de Andrade: É... Aí, é... Você já entrou numa outra pergunta. É... O que eu percebi, né, na participação aqui, na observação participante, é que, é... Vocês trabalham muito mais em prol da notícia, até pelo aparecimento do repórter, ele quase não entra nas peças. Não tem aquele aqui e agora.

Berta Freitas: Não, não, não.

Ana Paula Goulart de Andrade: É... E há buscas pela checagem, né, de uma peça, é... O mais rigoroso possível pra ir ao ar.

Berta Freitas: Sim, não tenho certeza, mas vale o impor. Eu costumo dizer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ao ponto, sei lá, CN TV, que... Que é alguma coisa nova, sei lá, acho que tem 3 anos...

Berta Freitas: Sim, sim, sim, sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então me parece que coloca primeiro e depois checa. Não sei, é a minha percepção.

Berta Freitas: É diferente. Eles têm um... Eles vão muito num tipo de produto de jornalismo que é mais sensacionalista, mais pronto. O imediato, eles, por exemplo, eles têm correspondência em todo lado. Portanto, qualquer pessoa que tenha um

telemóvel ali grava, faz uma peça (inint) [00:10:59] a eles. Primeiro dá a notícia e depois logo se...

Ana Paula Goulart de Andrade:Depois nem desmente, né. Depois nem...

Berta Freitas:Não. Eles também não têm essa direção. A RTP tem. Nós temos... Nós temos um provedor e estamos obrigados a direitos de resposta e tudo isso é... Com o maior rigor.

Ana Paula Goulart de Andrade:Mas eu acho que, assim, enquanto comunidade, é... Obviamente foi o primeiro, né, foi a primeira ou foi o primeiro telejornal que é o meu objeto. É... Me pareceu com um compromisso muito forte, assim, interiorizado de cada... Óbvio que tem as pessoas mais novas, mas tem pessoas chave aqui na... na redação pelo que eu observei. Em dez anos, Berta, o que que cê acha que mudou, que que que a tecnologia mudou em dez anos de lá pra cá?

Berta Freitas:Ah, aqui, na informação? A coisa que mais mudou foi... não só, não são só as redes sociais e tudo isso, mas para nós, aquilo que eu acho que marca mesmo a informação são... É o investimento que foi feito em termos tecnológicos para os diretos.

Ana Paula Goulart de Andrade:Ah é?

Berta Freitas:É. Por quê? Porque nós fazíamos um direto como uma coisa, era excepcional. Sei lá, havia um acidente, morreram não sei quantas pessoas, uma tempestade. Umas situações graves.

Ana Paula Goulart de Andrade:Trágico...

Berta Freitas: Que é de fato... O presidente da república, obviamente, o primeiro-ministro, essas coisas vão sempre mais direto. Nós tínhamos dois carros pra fazer direto.

Ana Paula Goulart de Andrade:Só?

Berta Freitas:Só dois que andavam ali, corriam pra um lado e pro outro. Dois carros (faziam direto) [00:12:31] que iam pra esta zona toda de Lisboa. Não é uma zona... É grande. Não é comparada ao Brasil, mas para nós.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim... sim, sim.

Berta Freitas: Nós tínhamos dois carros pra... O direto era uma coisa que era mesmo excepcional, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Exceção.

Berta Freitas: De repente, começaram a aparecer outros mais. Permitem, é... Como são baratos, multiplicá-los, (passagens) [00:12:54] hoje em dia nós temos várias (inint) [00:12:56].

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum, uhum, eu vi.

Berta Freitas: (inint) [00:13:00] E, portanto, o que que permite? Permite fazer direto todo, quase todo lado. Onde haja rede telemóvel, consegue-se fazer direto, ir para o LiveU, faz esses diretos com melhor, mais qualidade. Ou seja, o que que isto permite? Aquilo que o correio da manhã faz e que nós às vezes temos intenção de fazer aqui. Tudo é da área de direto. Que busca mais informação, todos nós temos agora canais de informação, só com a SIC Notícias, a RTP e a TVI24. Ou seja, o que que acontece? Nós temos que ir direto. Às vezes há uma manifestação com... dez pessoas, e faz-se direto disso, quando há uns anos atrás, há dez anos, nunca seria uma manifestação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Dez pessoas não valeriam um direto.

Berta Freitas: Não, nem dez, nem 100. Se eu fosse pra lá...

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque não tinha possibilidade.

Berta Freitas: Chegava lá, 100 pessoas. Eu, a primeira coisa que fazia era confirmar, olha, tão aqui 100 pessoas. Ah tá, não esqueça isso, porque não se faz direto. Não, agora faz. Por que? Porque há também os canais de notícias que têm que ser movimentados. Mas porque é fácil, qualquer pessoa leva uma... Onde é que tu vais? Vou ouvir o Manoel Joaquim. Fazer matéria dele e perai, que não se faz direto (inint) [00:14:12].

Ana Paula Goulart de Andrade: E que também facilitou nas redes sociais, ou seja, qualquer pessoa pode, a qualquer momento, acionar um botão de vídeo conferência...

Berta Freitas: Exatamente, claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: E aí fala que tá aqui.

Berta Freitas: Claro, diretos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Quer dizer, então é... Eu acho, de novo, a grande diferença é a mediação disso. Porque se qualquer pessoa pode ser jornalista, para que nós, jornalistas, nesse... Nessa disputa da esfera pública, digamos assim? Sim, ok. É... E isso também trouxe interatividade e é... Inovação. Mas me pareceu, uma observação, que o grafismo aqui conversa muito bem com a informação, porque é diferente. No Brasil, só pra te contextualizar, lá não tem essa formação de jornalistas no grafismo. Lá eles chamam de pós-produção. É separado a técnica do jornalismo. Então não tem essa integração que traz essa, essa... Cognição, essa... Essa ideia até da semiótica da coisa, do... Do fundo do palco, dos números para a informação. Você acredita que isso também é um diferencial pra vocês ou isso sempre...

Berta Freitas: É, sim. Nosso perfil é muito mal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jura?

Berta Freitas: Juro, juro. Porque isto aqui, este realizador, que é o jornalista, o realizador é que fala assim (inint) [00:15:35], porque nós temos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas porque os coordenadores estão em alinhamento. Em alinhamento, estão ajustadas e afinadas por eles.

Berta Freitas: Sim, sim, sim, sim...

Ana Paula Goulart de Andrade: Então é nesse sentido que eu digo assim, o que vai pro ar, vai, lá a gente chama, aqui é picado, mas lá é redondinho.

Berta Freitas: Sim, sim, sim, sim. Mas agora o nosso grafismo, nós temos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Nas peças que vocês...

Berta Freitas:Nas peças é horrível porque ele... Criaram uma imagem gráfica feia, e é isso aí e ponto final, é feia, e não tem que... Tu já viste que ali tem umas ovas, cinzento e feio.

Ana Paula Goulart de Andrade:Sim. É, não sai daquilo.

Berta Freitas:E aquilo lá é horrível. Umas nuvens em azul...

Ana Paula Goulart de Andrade:E não combina com o restante, né?

Berta Freitas:Nada. Portanto, nos outros... Nos outros programas de informação, há a liberdade de tu fazeres o briefing do jeito como tu queres.

Ana Paula Goulart de Andrade:Aqui, não, é fechado.

Berta Freitas:Aqui, não. No telejornal, não. Aqui é... Só em peças maiores, e com pontos...

Ana Paula Goulart de Andrade:E essa interferência de... Autonomia.

Berta Freitas:Portanto, eu (inint) [00:16:41] mais na linha de frente a fazer o grafismo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, você deve sentir uma diferença.

Berta Freitas:Eu podia... Claro, e sim, eles têm criativos e fazem coisas muito (giras) [00:16:47], bem-feitas, mas que depois (inint) [00:16:50] que ao telejornal esbarramos sempre com aquela coisa ali. Tirando pra os palcos, sim, mas não o grafismo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Das peças, não. E uma curiosidade que eu fiquei bem... bem curiosa, assim. São duas redações, né, também separadas por editorias, mas que não tem uma conexão em busca de apuração e tal, não me pareceu trabalhar no mesmo...

Berta Freitas:Quem, os do grafismo?

Ana Paula Goulart de Andrade:Não, não. Lá de cima e aqui, do online e aqui.

Berta Freitas:Ah... Pois eu ainda estive a falar com o...

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso me chamou muito a atenção porque...

Berta Freitas: Não, não tem, e ali estávamos a falar por alguma coisa que é o ranking das escolas, que é, todos os anos saem uma série de dados que tem as classificações, com as notas. E... O que que isso faz? Com que se estabeleça um ranking que tem a classificação das escolas do Ensino Secundário e do básico, das melhores até a pior. E faz-se sempre esse ranking. Eu não tenho, na verdade, eu não tenho interesse nenhum. Porque é muito fácil nos colégios privados, ficam sempre em primeiro... Não é. São famílias com... Têm mais posses, têm... Peraí, o telefone.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pode atender.

(pausa) [00:17:59] - [00:18:18]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então não tem essa comunicação.

Berta Freitas: Pois não tem e, por exemplo, eles queriam pôr o ranking só na sexta-feira. Ou seja, não há aqui, não é... Eu até, por exemplo, nós temos que fazer um texto aqui e se quisermos passar pra um grafismo. Não há, não há um sítio para o grafismo, para o multimedia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem uma comunicação.

Berta Freitas: Não tem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu percebi isso, por quê?

Berta Freitas: E nós tivemos a falar nisso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque tinha um dado que eu também fui buscar no online da RTP. Natural, né. Pela metodologia que eu tô fazendo. E vocês tinham um dado mais atualizado que eles. E eu... (risos) Eu fiquei assim... mas como...

Berta Freitas: Não há, não há.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que vocês assim... Porque o online tem aquela cobrança imediata.

Berta Freitas: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade:E vocês tavam com a apuração muito mais rápida.

Berta Freitas:Mas é sempre assim. Isso tem a ver também com a forma como às vezes os... o multimedia é criado, né. E o investimento que se faz aqui (inint) [00:19:09].

Ana Paula Goulart de Andrade:Ainda ficou... Ainda precisa acelerar, beleza. É... Tudo isso que a gente tá falando, né, de novos saberes, de novas responsabilidades, de... De novos filtros. É... Você acha que isso trouxe mais cobranças e literacias, a necessidade de... De... É, mais competências, né, pra vocês aqui, mais cobranças do perfil dos jornalistas? Sei lá, eu, Ana, quero ser jornalista aqui na RTP. Olha, você vai precisar ser assim, assim e assim. Como é que você acha que tá o perfil do jornalista...?

Berta Freitas:Mais exigente. Não, eu acho que por acaso não é.

Ana Paula Goulart de Andrade:Não?

Berta Freitas:Não.

Ana Paula Goulart de Andrade:Justamente porque tem o pessoal que não lê, que vai nas redes sociais...

Berta Freitas:Não, é... Eu acho que, é... Não sei se é do jornalismo que se faz atualmente, mas... eu acho que sim.

Ana Paula Goulart de Andrade:E chega mais coisa de fora. Não sei se isso teria...

Berta Freitas:Eu sei, mas não tens de buscar nada. E nós, antigamente, nós tínhamos (inint) [00:20:07] para procurar, nós tínhamos que trabalhar mesmo. Quantas vezes eu ia para a rua, e andava lá um dia inteiro à procura das coisas e agora não, agora temos aqui [som de digitação]. (inint) [00:20:18] aqui não sei quantos. Vamos aqui ao Facebook, é mais fácil de encontrar. E eu, eu também encontrava, mas tinha que ir para o bairro ao cedo ou andar à procura das pessoas. Ou seja...

Ana Paula Goulart de Andrade:Abreviou.

Berta Freitas:Há uma competência, há uma competência que as pessoas têm que saber trabalhar rápidos e se é verdade, mas...

Ana Paula Goulart de Andrade:Mas a cobrança quanto a isso tá mais fácil, automaticamente eu faço uma peça mais rápido e eu tenho mais peças pra fazer, por exemplo.

Berta Freitas:Não, não, não, não. Os multimedia aqui fazem uma peça por dia.

Ana Paula Goulart de Andrade:Eu editava oito.

Berta Freitas:Não, não, não, não. Porque tá esquecendo a reportagem.

Ana Paula Goulart de Andrade:É, mas aí também eu só editava. Eu editava mais ou menos.

Berta Freitas:Pois bem, pois aí já é uma coisa existente, tens que revisionar, tens que escrever outro texto, depois tens que editar, às vezes não há opção de (inint) [00:21:07], as pessoas...

Ana Paula Goulart de Andrade:Um desespero.

Berta Freitas:Não é... Mais do que uma peça é rápido as pessoas fazerem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa. Ã... Como é que é o teu uso em rede social? Berta, tem rede social?

Berta Freitas:Eu? Eu por acaso eu tenho Facebook e Instagram e Twitter, mas eu...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você usa profissionalmente, usa pessoalmente?

Berta Freitas:Uso profissionalmente. Pessoalmente, raramente.

Ana Paula Goulart de Andrade:É mais vinculado à RTP?

Berta Freitas:Sim, quer dizer, não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Busca de personagens...

Berta Freitas:Sim, eu busco coisas... (inint) [00:21:39]

Ana Paula Goulart de Andrade: Alguma coisa oficial. O próprio Bolsonaro falou, né, porque ele só fala nas redes sociais. ((riso)).

Berta Freitas: Não, mas sobretudo por isso, para procurar coisas, para entrar em contato.

Ana Paula Goulart de Andrade: E a última, eu juro. É... Como é que você acredita que o telejornalismo vai estar com todas as mudanças que a gente conversou daqui a dez anos?

Berta Freitas: Ui, nem sei. Não sei, eu acho que, por exemplo, esta nova geração, eles são... Eles são bons e são rápidos e têm uma vivência que se calhar que alguns... Outras pessoas não tinham. Mas há aqui um...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que precisa de uma... Um renascimento, uma reinvenção do telejornalismo pra ele se distanciar um pouco desse todo...?

Berta Freitas: Faziam... faziam um bocadinho falta. Mas eu acho vai ser muito difícil porque... a informação também tornou-se um produto de consumo rápido, um bocado fast... fast information, pronto. E as pessoas não querem saber, querem comer aquilo, pronto. (inint) [00:22:41], ok, pronto. E amanhã já é outra coisa. Que é isso que nós aqui tentamos contrariar um bocadinho, que é dar... Você vê, as pessoas um bocadinho mais do que... Ok, os enfermeiros estão em greve, e aí amanhã tem que trabalhar e há um enfermeiro mais maluco que vai fazer greve de fome. Pronto. Não, tentamos dar lhes um bocadinho mais um bocadinho. Pra que elas também pensem um bocadinho. Agora, é impossível...

Ana Paula Goulart de Andrade: Prever.

Berta Freitas: Sim, porque isto influi de tal maneira... Eu nunca imaginaria, sei lá, que as coisas fossem tão rápidas a nível dos diretos e tudo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu, eu não te fiz uma pergunta. Onde é que você trabalhou antes daqui?

Berta Freitas: Nada, de lado nenhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aqui?

Berta Freitas: Sim, só trabalhei aqui. Estudei, acabei e depois vim pra aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sua trajetória é RTP.

Berta Freitas: Sou só RTP. Para a maior parte dos meus colegas, eu sou...eu entrei na mesma altura da (inint) [00:23:33].

Ana Paula Goulart de Andrade: Ela falou, ela falou.

Berta Freitas: Fátima Silva é que entrou antes de nós.

Ana Paula Goulart de Andrade: Só tinha vocês, só tinha a RTP, né. Depois que veio a SIC.

Berta Freitas: Nós somos... sim, eu entrei no ano da SIC. Portanto, eu vim estagiária e depois comecei messageando pra SIC. Mandaram só eu trabalhar. Portanto, não trabalhei em mais lado nenhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tadinha, vou te liberar. Muito obrigada, minha querida. A sua informação foi valiosa.

Catarina Candavez

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Catarina Candavez

TEMPO DE GRAVAÇÃO

13 minutos e 39 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Não... não, não. Na verdade, é só para mim mesmo. Sua apresentação, seu cargo e sua função.

Catarina Candavez: Eu sou jornalista e redatora na... na RTP. Queres o tempo?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, pode ser.

Catarina Candavez: Desde 2009, entrei...

Ana Paula Goulart de Andrade: Desde 2009? Eu tô pegando os de 10 anos de RTP.

Catarina Candavez: É... mas entrei a recibos verdes e só depois é que há três anos é que entrei para os quadros da empresa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, tem uma galera nessa... nessa mesma situação.

Catarina Candavez: Sim, exatamente, exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como é que foi a sua trajetória, assim, desde quando você se formou, onde que você já trabalhou, como que você entrou na RTP?

Catarina Candavez: Então, eu tirei o curso em Comunicação Social, enquanto estava a tirar o curso cheguei à conclusão que não queria ser jornalista...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sério?

Catarina Candavez: E tirei uma especialidade em Marketing, Publicidade e

Relações Públicas. É... mas depois, entretanto, quando acabei o curso fui trabalhar. Tive oportunidade... achei que queria fazer mais produção de televisão e fui tirar um curso técnico produção de televisão e fui trabalhar para uma produtora que faz aquelas telenovelas para a TV. Mas trabalhei na área de produção e depois, entretanto... saí dessa área, fiz assim os projetos a falar com um grupo de amigos, tentamos criar uma produtora, fazia vídeos institucionais e isso. Mas depois surgiu uma oportunidade de vir trabalhar para Macau, para a China, e fui para lá trabalhar num jornal português. Cheguei lá assim e sem conhecer ninguém.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa...

Catarina Candavez: Tive lá... tive lá três anos em Macau a trabalhar numa realidade e num contexto completamente diferente, não tem nada, nada, nada, nada a ver com isto. É... depois de Macau decidi ir para a Madeira e... mas fui para a Madeira sem trabalho. Lá é que entrei para...

Ana Paula Goulart de Andrade: A RTP.

Catarina Candavez: Para a RTP. Portanto eu não queria ser jornalista, mas o jornalismo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Te quis (riso).

Catarina Candavez: Esteve constantemente a cruzar. Sentimos que ainda não havia hipótese (riso).

Catarina Candavez: É... e aí meu trabalho, ele... ele passa pela tecnologia e o telejornalismo. Como é que você acha que hoje, em 2019, a tecnologia ajuda o jornalismo, ou ajuda ou atrapalha, enfim, em termos de produção, em termos de busca pela verificação da notícia, em termos de aplicativo. Como é que vocês trabalham aqui na RTP?

Catarina Candavez: É... assim... acho que... acho que... as tecnologias ajudam e desajudam. Tem aspetos positivos e negativos. Hoje em dia é muito mais fácil, é...

tu estás em cima do acontecimento, sabes o que é que está a acontecer porque tens pessoas que dão informações, tu tens as redes sociais, sites que têm informação assim minuto a minuto. E há muitas pessoas, ou seja, o desenvolvimento também das tuas fontes e de contactos é muito importante através das redes sociais porque às vezes eu tenho contactos numa determinada área e através das redes sociais que as pessoas me contactam e dizem, olha, está a acontecer isto aqui, tem isto aqui. É... ou seja, tu consegues mais facilmente aceder à... à informação, mas lá está também muito de informação que chega através desses... desses meios é falsa e não tem nada a ver com a realidade, e por isso o papel de jornalista torna-se muito mais difícil perante esta...

Ana Paula Goulart de Andrade: Já antecipou a outra pergunta (riso).

Catarina Candavez: Perante esta realidade torna-se muito mais difícil, ou seja, tu tens que, é... conseguir... se calhar até acho que conseguir verificar melhor aquela informação. Tens de confirmar com mais pessoas, com mais agentes que estão avante daquele acontecimento para não cair no erro de dar uma... uma fake news, não é. E para um canal público isso é muito mau porque nós temos aquele compromisso. Acho que ainda mais do que nos canais privados, aquele compromisso de ser... de... de garantir uma informação fiável ao telespectador. Acho que a RTP ainda consegue garantir isso e as pessoas ainda confiam, e por isso nós temos esse papel acrescido que às vezes é importante não dar uma notícia imediatamente, mas conseguires confirmá-la bem antes de passares para... para o resto das... das pessoas, né, para o resto do público.

Catarina Candavez: Então assim... é... você acha que o papel do jornalista hoje tá mais difícil do que há 10 anos, por exemplo, fazendo uma comparação de 10 anos, exatamente o tempo que você tá aqui. Porque se você tem mais notícias de fora para dentro de uma redação você precisa de uma cobrança, de um tipo de saber, de literacias, competências diferentes.

Catarina Candavez: Sim, sim. Mas ao mesmo tempo também tens aquela pressão que as pessoas já estão (inint) [00:04:53]. Isto é um... é difícil este equilíbrio. As

peessoas querem que já estejas lá, né, mas ao mesmo tempo tu tens que ponderar bem se vais realmente pra lá. E é difícil, é difícil manter esta... equilíbrio.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tomada de decisão.

Catarina Candavez: Às vezes cometem-se erros também aqui. Também. Ou seja, às vezes manda outro para uma situação porque sentes aquela pressão que tem estar lá, pra toda a gente estar lá. Mas não foram... mas... e agora essa pressão também nos leva a cometer esses erros. Mas eu acho que é mais importante essa ponderação e ver o que realmente a fiabilidade daquilo do que dar imediatamente e que depois ter que desmentir.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem que desmentir. E que nem sempre acontece, né. Pelo menos nas outras.

Catarina Candavez: Pois é.

Ana Paula Goulart de Andrade: E você acha que tem termos de interatividade e inovação tecnológica nesses 10 anos, o que que o telejornalismo mudou?

Catarina Candavez: Eu vim de uma situação específica da Madeira, como eu tinha dito, em que é um centro que está a um investimento grande por parte da RTP, não é. Ou seja, os meios estão todos centralizados aqui, e eu vivi numa realidade muito diferente, eu vim numa realidade em que se trabalha com cassetes ainda e SX, onde se edita máquina a máquina, e é um processo... não tem nada a ver. Ou seja, eu vim para e senti agora um choque tecnológico enorme.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem quanto tempo que você tá aqui, né?

Catarina Candavez: Eu tô desde outubro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Desde outubro?

Catarina Candavez: É... então eu vivi... e então eu consegui perceber aliás como é

que era trabalhar aqui há 20 anos, né? Porque era assim que se trabalhava aqui em Lisboa há 20 anos, e senti essa... essa mudança drástica. Acho que as tecnologias são importantíssimas numa televisão. O desenvolvimento tecnológico é fundamental. Não se pode trabalhar... aliás, todo o trabalho é muito mais dificultado... era muito mais difícil antigamente do que agora. O trabalho hoje em dia é muito mais rápido, as competências das pessoas também tiveram um impulso, foram desenvolvidas para trabalhar com outra rapidez, com outra qualidade também, é... e é essencial. Eu acho que esse é o ponto fundamental num canal de televisão é a tecnologia. É o ponto estratégico, é a base e a estrutura. Porque é... é isso que passa lá pra casa e é isso que as pessoas veem também, não é, numa televisão, a imagem é o fundamental.

Ana Paula Goulart de Andrade: Hoje é muito comum a gente ver nas redes sociais e até profissionais mesmo, fazendo uma live e... e... é... lendo isso como a televisão, o que descentraliza a televisão em si.

Catarina Candavez: Aham.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que você avalia isso? Mesmo os profissionais. Tem muitas pessoas amadoras, né, muitos, enfim, desde a Web 2.0 a gente tem aí uma... uma liberação do polo emissor que fez com que qualquer um fosse jornalista, entre aspas, né. Isso se deu uma crise no jornalismo, sobretudo no Brasil, é... e me parece que, por exemplo, o ao vivo é alguma coisa que já era um talento da televisão, e que as redes sociais se apropriaram bem disso. Como é que você avalia isso?

Catarina Candavez: É... eu acho que a televisão nunca vai deixar de existir, por acaso há muitas pessoas que preveem o fim da televisão, mas acho que não. Acho que tem (inint) [00:08:24]...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como foi do livro, né.

Catarina Candavez: Sim, eu acho que o livro nunca vai deixar de existir. Existe, tem sempre um papel e acho que a televisão também nunca vai deixar de existir.

Agora, é... eu acho que o que muitas vezes é publicado nessas... nessas redes sociais tem um... tem um enquadramento, tem um valor, mas a televisão... isso não deixa de ser um meio através do qual as pessoas sabem que ali, é... podem ter mais confiança ou podem ter mais sim credibilidade e são profissionais, né, isso faz toda a diferença também na qualidade do produto. E por isso eu acho que a televisão nunca vai deixar de ter um papel. Claro que a televisão tem que, é... apostar também nestas novas... nestas novas formas de... através de multimedia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Plataformas...

Catarina Candavez: Sim. Esse, esse é o futuro, mas eu acho que nunca vai deixar de... de existir porque tem... tem papeis diferentes hoje em dia.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente vê assim, muitos jovens não assistem mais televisão, né. E isso acaba sendo um problema porque eles se informam também nas redes sociais, pelo menos no Brasil é 90%. Os jovens se informam nas redes sociais.

Catarina Candavez: Aqui também, aqui também.

Ana Paula Goulart de Andrade: E isso é um perigo para as... pras gerações.

Catarina Candavez: Eu acho que as pessoas... precisamente eu acho que os jornais têm que ser, têm que ver mais formação nessa área também. Mesmo nas próprias escolas, eu acho que nas escolas estes jovens devem ser alertados, devem perceber o que que aquilo é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Na formação.

Catarina Candavez: Sim. Acho que isto devia ser, ou seja, com essa nova dinâmica, eu acho que isso tem que ser uma formação que comece nas escolas para as pessoas conseguirem distinguir... distinguir o que veem nas redes sociais, o que é que veem na televisão, que é que tá nos jornais, as pessoas têm que ter essa percepção. E acho que não está a ser feito isso hoje em dia.

Ana Paula Goulart de Andrade: É um hiato, né... tem uma coisa, um vácuo grande eu acho.

Catarina Candavez:É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Então, é... é muito comum a gente ter, é... essa colaboração do público, tanto imagens... no Brasil inclusive no WhatsApp, e isso justifica um pouco o presidente que a gente tá tendo, é... o uso do WhatsApp é muito contínuo. Eu não vejo, não percebi aqui em Portugal muito isso. É... com liberação de vídeos, com (inint) [00:10:43]...

Catarina Candavez: Isso também acontece aqui, também acontece.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por WhatsApp?

Catarina Candavez: Também, também, também acontece.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas aí nem tudo é notícia, nem tudo vira notícia.

Catarina Candavez: Exatamente. Mas por exemplo quando acontece uma tragédia, uma coisa de última hora, né. As pessoas que estão lá naquele momento, que assistiram, então...

Ana Paula Goulart de Andrade: E como que é a checagem disso?

Catarina Candavez:É... pois... (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Esse é... o ponto...

Catarina Candavez: Normalmente, é só nesses casos quando acontece assim uma grande tragédia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você sabe o que tá ali.

Catarina Candavez: Sim, por exemplo aquela tragédia que aconteceu.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente teve Brumadinho agora e vários... vários vídeos de Brumadinho eram falsos. E muitas emissoras apostaram nesses vídeos.

Catarina Candavez: Sim, mas normalmente, pronto, quem faz essa... antes d'eu por exemplo pôr um vídeo que mandam no WhatsApp ou assim, tem que sempre passar pela minha editora. Portanto ela vê essas imagens e... e define assim, olha, tu podes usar, não podes usar este...

Ana Paula Goulart de Andrade: A checagem é com ela com mais pontos e tal.

Catarina Candavez: Sim, sim, sim, ela verifica sempre isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você tem rede social? Você usa a sua rede social?

Catarina Candavez: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pessoalmente ou pra trabalho, ou você mistura tudo?

Catarina Candavez: Eu... eu uso para pessoal, e também trabalho, mas uso muito pra trabalho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Twitter, Facebook?

Catarina Candavez: No Instagram, Facebook, Twitter, é... eu tento usar tudo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E uma última pergunta na verdade, que não... eu acho que não tem resposta, mas enfim, é sua percepção. Como é que você acha que daqui a 10 anos vai tá o telejornalismo? Você meio que já respondeu um pouquinho,

mas assim, como é que cê acha, como é que cê se vê daqui a mais 10 anos de RTP talvez?

Ana Paula Goulart de Andrade: É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Esses silêncios são com todos, tá? (riso).

Catarina Candavez: É uma pergunta difícil, é... eu acho que, pronto, eu acho que... eu acho que o jornalismo tá... tem que ganhar um papel ainda mais importante aqui em Portugal, principalmente por causa dessa facilidade das tecnologias de fazer vídeos, tudo. O jornalismo aqui em Portugal é um pouco às vezes desprezado pelo governo por... não há uma aposta, não é, há precariedade, há salários baixos, há tudo. Mas eu acho que neste contexto, o jornalismo, e inclusive o telejornalismo, tem que ganhar uma maior importância, ou seja, é... para conseguir fazer esta distinção do que está, do que é publicado nas redes sociais, do que circula por ali, do que são fakenews...

Ana Paula Goulart de Andrade: Função social, né?

Catarina Candavez: Sim, e... e acho que tem que ser mais valorizado. Acho que isso é importantíssimo, e acho que não vai desaparecer, não pode desaparecer principalmente neste contexto em que vivemos. Acho que ganha cada vez mais importância.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fechadíssimo. Muitíssimo obrigada. Ó, 13 minutos, não foram nem 15.

Daniel Morgado – parte 1

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Daniel Morgado

TEMPO DE GRAVAÇÃO

13 minutos e 4 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Daniel Morgado: Daniel Morgado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Morgado. Da apresentação seu cargo e sua função aqui (inint) [00:00:07].

Daniel Morgado: Então, é... Daniel Morgado, eu sou assistente em informação (inint) [00:00:11] em (palavra) [00:00:14] em inglês, hum... qual era o outro?

Ana Paula Goulart de Andrade: Seu cargo e sua função. Nome, cargo e função, quê que você faz aqui? Bom eu já vi que você faz tudo né?

(risos)

Daniel Morgado: Bom/ O que que você (inint) [00:00:23] sente em formação (inint) [00:00:24] Hum... eu sou responsável hum... pelo (palavra) [00:00:26], digamos assim, não tem... (inint) [00:00:29] tem informações toda lá, se tem o anti- (palavra) [00:00:32], (inint) [00:00:33], tem que... que... plugar o click... na... na linha pra ser emitida e... vai pra servidor depois... pra lá. Sai uma nova versão... da... peça que às vezes chega, ali, antes de ir pra lá tu tem que substituir e trocar, e eu sou responsável por (inint) [00:00:52].

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah é?

Daniel Morgado: É... hum... eu sou responsável por fazer... hum... grupos de imagens para pintar as entrevistas, pintar ou ter como/

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente chama de... é... é... ela a gente chama de (inint) [00:01:06] né? Porque aqui é outro lugar, mas é... é isso.

Daniel Morgado: Chama/ Bora falar dos assuntos pra/

Ana Paula Goulart de Andrade: Trechos.

Daniel Morgado: Exato, pra mostrar... huuh... o que que eles estão a falar mas enfim/

Ana Paula Goulart de Andrade: Lá a gente chama de copião, esse trecho, são marcas aleatórias.

Daniel Morgado: Poxa... é... hum... é isso, tipo, às vezes hum... vários programas a um (inint) [00:01:26] ponto, mas quando não há, somos nós que acumulamos essa função.

Ana Paula Goulart de Andrade:Eita, e você é jornalista e formado já há quanto tempo?

Daniel Morgado: Eu sou jornalista, há vários colegas meus que não são/

Ana Paula Goulart de Andrade: Nessa função?

Daniel Morgado: Na mesma função. Eu quando vim pra cá eu/

Ana Paula Goulart de Andrade: Você tá quanto tempo aqui?

Daniel Morgado: 3 anos. Eu enviei o currículo pra jornalista, só que disseram que não tinham, mas que queriam... queriam que eu viesse pra cá e que não está válido/

Ana Paula Goulart de Andrade: Claro. Claro que você tá.

Daniel Morgado: Hum... cá estou à espera

Ana Paula Goulart de Andrade: Você já trabalhou antes daqui?

Daniel Morgado: Como assistente de informação?

Ana Paula Goulart de Andrade: Como... da área?

Daniel Morgado: Já fiz vários estágios hum...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como aonde?

Daniel Morgado: Fiz estágio no Volk cultural, fiz na cinema... que é a magazine hd que era revista mas agora é só online hum... fiz numa tecno(inint) [00:02:35] que é (inint) [00:02:37], hum... acho que foram só essas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pô só?!

(risos)

Ana Paula Goulart de Andrade: E aí como você lida com isso? (inint) [00:02:51] como você acha que a tecnologia é... já que a gente tá nesse mundo tecnológico com as possibilidades tecnológicas, como é que vocês apuram que vocês vão pra aplicativos, vocês tem sites é... é... próprios, vocês vão pra agências, como que foi?

Daniel Morgado: (inint) [00:03:16] no geral? Assim, hum... há vários que nós recebemos hum... no progama (inint) [00:03:20] progama de acompanhamento, é o mesmo, nós recebemos (inint) [00:03:27] terá 15 anos.

(risos)

Ana Paula Goulart de Andrade: Deve ser porque é na Record né?

(risos)

Daniel Morgado: Hum... (inint) [00:03:36] que são, que vem das agências como... França, Estados Unidos, Inglaterra, tipo isso, (inint) [00:03:45]

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Daniel Morgado: Pelo online, pelo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Pelos outros veículos. E vocês já sabem de muitas coisas de cidadão comum de colaboração?

Daniel Morgado: Então... hum... eu sei que nós temos (inint) [00:03:59] que... em que as pessoas podem enviar, mas acho que não lembro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas whatsapp por exemplo vocês não usam?

Daniel Morgado: Não, mas eu sei que o Brasil usa muito.

(risos)

Ana Paula Goulart de Andrade: Vamos conversar... à parte.

(risos)

Daniel Morgado: Eu sei pro Brasil (inint) [00:04:17] mas nós não temos isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu fiz um artigo de jornalistas no whatsapp, depois eu vou te mostrar, tem uns 5 ou 6 grupos no whatsapp que pauta a mídia brasileira, ou seja, explicam um monte de coisa do Bolsonaro.

Daniel Morgado: Tem essa questão toda dele, não, o cara não é muito/

Ana Paula Goulart de Andrade: Você não tá aqui a 10 anos obviamente, mas o que que você acha que em 10 anos mudou o telejornalismo, de 2009 pra 2019, por exemplo a RTP, além dos estúdios, da questão tecnológica, do grafismo... que que você acha que mudou, como que a tecnologia mudou o telejornalismo num período de 10 anos?

Daniel Morgado: Acho que ela... última hora, né, acho... que é o que... acontece algo na França, nós já temos no Twitter/

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês usam isso?

Daniel Morgado: Nós usamos. Quando eu estou num programa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem uma dinâmica diferente.

(risos)]55

Daniel Morgado: (inint) [00:05:17] Acho que isso também é... eu sou formado em jornalismo, meus colegas não são então não tem essa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Clareza.

Daniel Morgado: Então eu vou, tem o iPad, que... Tá a disposição de qualquer um, hum... E vou logo pesquisar quem tem as imagens do vídeo e meto logo no ar.

Ana Paula Goulart de Andrade: E a apuração disso?

Daniel Morgado: Não, eu... eu vou... (inint) [00:05:37] se é... se é ou não, (inint) [00:05:42] lembra as vezes num atentado a França (inint) [00:05:45] que fui a procura de...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que imagem era?

Daniel Morgado: Encontrei uma (inint) [00:05:50] branca, mas eu não tinha no ar, então fiquei hum... verificar se tinha outros sites franceses whatever, falavam sobre, e a carinha era falsa

Ana Paula Goulart de Andrade: Você compara, compara os outros. Pra postar numa imagem que é fake news

Daniel Morgado: Exatamente, geralmente...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas no caso de grandes tragédias e grandes acontecimentos?

Daniel Morgado: Sim

Ana Paula Goulart de Andrade: Ok. É... que tipo de interatividade e inovação você acha que nesse período mudou? Você acha que aumentou ou acha que estabilizou?

Daniel Morgado: Telespectador?

Ana Paula Goulart de Andrade: Do telespectador, de ter acesso, no (inint) [00:06:35] você já tem disponível no online em 2000 e... 11 se não me engano.

Daniel Morgado: No site? (inint) [00:06:43] mas hum... faz tempo (inint) [00:06:48] tecnologias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas não existe essa participação do cidadão aqui?

Daniel Morgado: Não

Ana Paula Goulart de Andrade: Em sugestão de pauta, sei lá, eu quero a carta, eu admito que vocês recebem muita carta.

Daniel Morgado: Sim

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi, vocês são incrível!

Daniel Morgado: Não, mas tem os pivôs, as pessoas enviam...

Ana Paula Goulart de Andrade: Gente isso é maravilhoso!

Daniel Morgado: As pessoas enviam aqui/

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito pouco, muito pouco... não, acho que as pessoas nem sabem mais o que é correio aqui no Brasil.

Daniel Morgado: Não, aqui em (inint) [00:07:19] hum... já que não tenho dados não é mas, com... com evolução da tecnologia a cada vez mais participação né, mais fácil não é, pelo Twitter tão streamando,

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem, tem, e tem alguém que cuide disso?

Daniel Morgado: Tem, não sei quem, trata do site, das notícias, trata de twitters, porque pelo que tenho visto nesse lugar elas não fazem muito da produção dos programas não é? Dos programas da manhã, da tarde, e como não é a mesma coisa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Incrível, são duas redações diferentes e não tem comunicação... E quem apuraapura pra um apura pra outro.

Daniel Morgado: Não, quer dizer, tem comunicação se algo de última hora não sei que, só se fala com ele.

Ana Paula Goulart de Andrade: Incrível isso, achei incrível.

Daniel Morgado: Nós tínhamos, naquele programa da... da noite, quando começou após 3 anos, a aposta do programa era ir em frente era: Nós temos este assunto, vamos trazer computadores pronto e depois tínhamos uma notícia que era (inint) [00:08:47] além disso depois tínhamos o pivô do anônimo que ia lá e dizia o que que as pessoas estava a falar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah que lega, mas por que? Falta de braço?

Daniel Morgado: Ééé... Depois pode, depois não pode.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, excelente isso.

Daniel Morgado: Puxa, é... também acho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que tipo de novas competências em literacias é... em cobranças também você acha que o mercado exige hoje, hoje é você mais tarde.

(risos)

Ana Paula Goulart de Andrade: Que tipo de cobranças e literacias né no caso, competências, você acha que o mercado exige, hoje... você é profissional sei lá, você tá querendo um cargo aqui que ainda não alcançou, que que você acha que alguém que quer trabalhar com telejornalismo, que que você precisa ter hoje?

Daniel Morgado: Depende da função, se for pivô, tem que ter um curso de pivô/

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, tem curso de pivô?

Daniel Morgado: Tem, hum... é muito específico mas tem hum...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês tem uma academia aqui também né?

Daniel Morgado: Tem tem, tem algumas academias pra alguns cursos, acho que também tem muito pivô, tem muitos jornalistas que podem até chegar a pivô mas não tem essa... essa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Facilidade.

Daniel Morgado: Pronto, então temos o curso pra/

Ana Paula Goulart de Andrade: Enriquecer, assim o jornalismo de correio, diploma... Mas assim, pra ser um jornalista... Enfim, aqui é diferente do Brasil, no Brasil é separado por aprovação, produção, reportagem, edição, (inint) [00:10:42] e apresentação, aqui cada um faz sua peça e vem pra e é dito, que na minha opinião é muito mais inteligente porque ninguém mais sabe da sua peça do que você. Enfim, isso é um problema chato que eu identifico lá mas, é... o que que eu preciso, preciso ter sei lá multimídia, por exemplo como você tem de tá no iPad, eu preciso ter um olhar mais, o que que é valer notícia, para além das redes sociais, identificar o que vale pauta hoje porque parece que tudo vale pauta hoje né, a gente vê sempre/

Daniel Morgado: Eu acho que tu já tem filtro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, muito bom inclusive, mas eu digo assim, pra você trabalhar hoje, como jornalista, o que que você precisa ter para... estar neste filtro né, são outros valores notícia, jornalismo está onde o povo está, o povo está nas redes sociais então você não pode deixar de estar lá também de uma forma mais criteriosa.

Daniel Morgado: Assim, eu acho que a base pra isso (inint) [00:11:52] o curso de jornalismo depois vem o (inint) [00:11:57] o meu por exemplo, quando eu fui no curso de jornalismo, havia a faculdade que era a faculdade que tem mais (Inint) [00:12:06] lá...

Ana Paula Goulart de Andrade: Na Nova Lisboa?

Daniel Morgado: Na Nova... é muito teórico, muito teórico mesmo, e o outro que vi (inint) [00:12:16] eu já era mais prático, e eu usei as teóricas pra prática, as minhas colegas do terceiro ano, que é o último, eu também tava no terceiro, em que elas não haviam feito nenhuma notícia desde o primeiro ano e eu já fazia desde o primeiro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jura?

Daniel Morgado: Então acho que tem que ser muito prático e englobar várias áreas, o meu curso por exemplo de jornalismo incluía: Jornalismo Online, Jornalismo (inint) [00:12:50], Jornalismo Político, Jornalismo de Investigação hum... Jornalismo econômico, Jornalismo de (inint) [00:13:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Separado por editorias.

Daniel Morgado: Exatamente, mas cada um dava pra ter uma ideia de cada coisa.

Daniel Morgado – parte 2

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Daniel Morgado

TEMPO DE GRAVAÇÃO

08 minutos e 22 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Três, dois, um, refazendo, gravando. É, é muito comum as pessoas fazerem, né, essa live no, no, nas redes sociais, até porque a gente teve um, um aceleração muito grande, e hoje com qualidade, com imagens boas, então as pessoas fazerem e até mesmo profissionais de algumas emissoras fazer essa live achando que isto é telejornalismo. É, como é que você separa, qual,

qual, qual meandro que você acha que é o telejornalismo, porque o ao vivo, por exemplo, é um talento da tevê, né, desde a Guerra do Golfo, aí a gente pode pensar que isso é um talento da tevê. E que as redes sociais se apropriaram com muita...

Daniel Morgado: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, rapidez, disso. Então as pessoas utilizam isso, sei lá, a gente pode trazer o, o, o presidente brasileiro, Bolsonaro...

Daniel Morgado: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que você vê isso assim, você acha que o jornalismo... telejornalismo, ele precisa se reinventar, precisa, é, se a gente tá passando por uma pseudocrise, a gente precisa renascer nesse sentido ou o que/que, qual a sua avaliação?

Daniel Morgado: É, eu acho que é necessário sim uma, é, uma atualização, digamos assim, para, para chegar às pessoas mais jovens...

Ana Paula Goulart de Andrade: Renascimento é muito forte, né.

Daniel Morgado: É (riso), eu achei muito forte.

Ana Paula Goulart de Andrade: Renascimento é (mais pro) [00:01:24] Brasil, vai lá.

Daniel Morgado: (riso) Acho que é preciso uma atualização para chegar às, às pessoas mais jovens, à nova geração, porque esta nova geração é que está mais, eu acho, ligada à, às lives e isso, mas eu não acho que, que, que esteja ultrapassado, digamos assim, eu acho que há pessoas que não têm, é, consciência, não têm (pausa curta) certas, é, funções que de... e, e a visibilidade que tem depois é muita, digamos assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso, isso.

Daniel Morgado: É muita visibilidade para, para a pessoa (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Se não, é, pode com ele, junte-se a ele, né.

Daniel Morgado: Pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu acho que a televisão tem que pensar assim, né.

Daniel Morgado: Exato. Agora, não acho que, que esteja mal a televisão, eu acho que as pessoas que não estão habilitadas e que de alguma forma ganham muita visibilidade e que trazem isso pra mesa.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, com tanta possibilidade de imagem de acontecimen/

Daniel Morgado: (gaguejo) Desculpa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perdão, perdão, não, acaba... Desculpa.

Daniel Morgado: E o público que também tem que ter o...

Ana Paula Goulart de Andrade: Discernimento.

Daniel Morgado: O discernimento de escolher onde é que vai buscar informação, não é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ai, eu acho que a gente toca no ponto principal que é a credibilidade, né.

Daniel Morgado: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque, assim, a diferença, por exemplo, de novo aqui da RTP pra a gente pensar num...

Daniel Morgado: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Num (CMTV) [00:02:46] da vida.

Daniel Morgado: Uhum, uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso, é a credibilidade e o mediador porque eu estudei pra isso.

Daniel Morgado: Sim, sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu sei como mediar e como arrancar melhor aquela informação daquele entrevistado, enfim. Eu acho que passa um pouco pela credibilidade.

Daniel Morgado: Completamente, e na... e a RTP é uma, em vários (estudos) [00:03:02], até nós podemos não ser os primeiros a dar aquilo em primeira mão, em, é, logo, assim que está a dar, mas nós quando damos sabemos que é aquilo que está correto. Eu acho que é isso que nos diferencia. Não damos logo só por dar, pois já afinal não, não era bem assim, então...

Ana Paula Goulart de Andrade: Oh, eu sei o que é isso (riso).

Daniel Morgado: Nós demoramos um cadinho mais a dar, mas vai tudo confirmado e eu, e, aliás, assino vários estudos que a RTP é a mais credível para o consumidor, para os telespectadores que, que as outras em Portugal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim, sim. Tem um monte de colega que já estudou vocês (riso).

Daniel Morgado: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Bom, com tantas possibilidades de, e acontecimentos, você concorda que estamos precisando cada vez mais de jornalistas, né, a gente tá num mundo que as notícias vêm cada vez mais de fora...

Daniel Morgado: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Para dentro da redação. Antigamente, tinha uma reunião, a gente saía daqui e ia buscar, hoje as notícias tão fora...

Daniel Morgado: Chegam.

Ana Paula Goulart de Andrade: Né, elas chegam pra redação. Você acha que nesse sentido a gente precisou cada vez mais do jornalismo, de jornalistas pra apurar melhor, pra checar melhor, pra correr, é, são mais fontes a serem checadas, é maior o trabalho.

Daniel Morgado: Uhum. Certo. Sim, sim, claro. É, é que é um mal que nós sofremos, por exemplo, temos poucos jornalistas, eu acho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Poucos? São (quantos) [00:04:15].

Daniel Morgado: Eu acho que sim. Eu não sei o número exato, mas eu acho que há uma necessidade de mais jornalistas aqui.

Ana Paula Goulart de Andrade: Entendi.

Daniel Morgado: No Brasil tem menos que isto? (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: É, não. Eu achei... eu não sei quantas equipes vocês têm, eu acho que são treze, né. Por aí.

Daniel Morgado: É, não sei.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu achei, (inint) [00:04:31].

Daniel Morgado: Não, eu acho que nós sentimos uma necessidade de...

Ana Paula Goulart de Andrade: É, mas também são muitos produtos também.

Daniel Morgado: É, há várias notícias que eu já vi e que não são feitas porque não há pessoas pra fazer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não há equipa.

Daniel Morgado: É, não há. Há va/ou não, ou falta um câmara, ou falta um jornalista, ou falta um carro, por exemplo.

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

Daniel Morgado: É, é necessário um pouco mais. Até, lá está naquela do, naquela questão de que o 360 tinha um pivô pra fazer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, sim, sei. Cai (inint) [00:04:49], na mesma coisa. São quantas horas de trabalho aqui?

Daniel Morgado: De jornalista?

Ana Paula Goulart de Andrade: Aqui na RTP. Você trabalha...

Daniel Morgado: Eu, no meu caso, eu trabalho, é, sete, oito horas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sete, oito horas? Por dia.

Daniel Morgado: Tirando quando há algo, alguma coisa especial...

Ana Paula Goulart de Andrade: Extraordinário.

Daniel Morgado: Exato. Quando o programa às vezes prolonga...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas são sete, de sete a oito horas...

Daniel Morgado: O normal é sete ou oito, sempre.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, e por último, como é que vo/você utiliza as suas redes sociais pessoal e profissionalmente, não?

Daniel Morgado: (pausa curta) Pessoal. Profissionalmente não tenho...

Ana Paula Goulart de Andrade: Só pra o Twitter e aí aquilo que você (inint) [00:05:36]...

Daniel Morgado: Mas profissionalmente que, em que sentido?

Ana Paula Goulart de Andrade: Você associa o nome da empresa, você, e usa pra buscar contatos e...

Daniel Morgado: É, assim, (eu acho que, também) [00:05:45] neste momento eu não tô como jornalista, não é, mas eu acho que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas você apura, você...

Daniel Morgado: Mas eu acho que sim, eu acho que sim (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Já é (inint) [00:05:51].

Daniel Morgado: Acho que sim (riso). Acho que sim. Uma das coisas que eu faço, é, é isso no 360, eu falo 360 porque é o programa que eu ando a estar mais, apesar de às vezes variar telejornal e não sei que, mas é onde eu fico mais é o 360. O 360, uma das coisas que tinha na, quando surgiu, era o fecho do 360, era um, é diferente, ou seja, não é, pode ter algum caráter noticioso, quer dizer, tem sempre caráter noticioso, mas não é isso que eu ia dizer, não, não, não é uma...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem abertura pra outros campos como entretenimento.

Daniel Morgado: Exatamente, é mais un fait divers, digamos assim, pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Daniel Morgado: Então, eu, quando estou eu a fazer o 360, sou eu que faço isso, sou eu que faço a pesquisa, sou eu que vou ficar nas imagens...

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí sim você utiliza.

Daniel Morgado: Porque eu (inint) [00:06:34] agarrar pra fazer um cadinho de jornalismo enquanto (riso) não estou na fa/na função.

Ana Paula Goulart de Andrade: Entendi, entendi. Daqui a pouco você vai tá, você tá ótimo.

Daniel Morgado: Ótimo, esperamos que sim (riso). Mas então nessa, pra fazer esse fecho, esse final, eu utilizo sim, vou procurar uma, em vários sítios, redes sociais, pra ver se encontro algo para engraçar, digamos assim, algo assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah é, eu não consegui ver completo, mas eu vou ver até o final agora.

Daniel Morgado: (riso) Houve uma vez, por exemplo, em que nós, era um desportista, é, é, acho que era um surfista, não tenho certeza, mas acho que era um surfista português em que fez um, um vídeo da, da Praia de Nazaré, que era sempre umas ondas enormes, e eu vi isso nas redes sociais, então eu o contatei pelas redes sociais a perguntar se podíamos usar o vídeo para fechar, acho que é o único caso assim que eu lembro de, de usar, é, rede social para chegar num...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas você fez o contato com ele.

Daniel Morgado: Mas fiz o contato, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como é que você acha que o jornalismo, na verdade, o telejornalismo vai estar daqui a dez anos?

Daniel Morgado: (pausa curta) É difícil dizer, eu acho (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: É difícil, é a pergunta mais difícil.

Daniel Morgado: Porque... está sempre, é, a evoluir, nós não, há dez anos não esperava que nós tivéssemos aqui, eu acho, não é? (inint) [00:07:54] tinha pensado que cá estaríamos (riso), mas eu acho que não dir... diria como estamos nesta integração, nesta importância que as redes sociais tinham, têm. Acho que não dava tanta importância, mas daqui a dez eu acho que ainda terá mais.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais desafios.

Daniel Morgado: Mais, sim (riso). Pode-se dizer assim. Eu acho que sim. Não quer dizer que seja bom.

Ana Paula Goulart de Andrade: Meio ruim, eu sou otimista.

Daniel Morgado: Poxa/

Fátima Silva

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Fátima Silva

TEMPO DE GRAVAÇÃO

20 minutos e 43 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: É... então, sua apresentação, seu cargo e sua função... seu nome também, né, Fátima.

Fátima Silva: Ok. Fátima Silva... sou... coordenadora de informação, da RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: RTP, aqui da RTP. É... essa pergunta é um pouquinho longa, você pode resumir, onde que você/um pouquinho da sua trajetória, onde que você já trabalhou antes daqui?

Fátima Silva: Ok... é... eu vim da faculdade diretamente pra RTP, ainda não tinha terminado a faculdade de comunicação social, é... é... por causa da nossa entrada para Europeia tivemos acesso a fundos estruturais e havia custos do fundo estrutural europeu e havia fundos para comunicação social e a RTP associou-se e eu/em 87, 1987, fiz um curso que era reservado aos alunos dos últimos anos do terceiro e quarto anos da faculdade, fiz um curso hum... portanto que ainda tenho, é um curso e fui uma das 8 escolhidas das 4 faculdades. Fizemos o curso, terminamos o curso em outubro de 87, hum... passado um mês, estávamos praticamente todos a trabalhar na RTP que era a única televisão que existia nessa altura, ã... e acabamos por ficar a todos em primei/primeiro como tarefeiros, o tarefeiro... não sei se é o mesmo termo no Brasil.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não.

Fátima Silva: É o trabalhador com o contrato precário.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

Fátima Silva: E passados cerca de 3 anos entramos praticamente todos para um quadro da RTP, tanto a RTP foi meu primeiro e único emprego.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que coisa linda gente!

Fátima Silva: Portanto eu tenho neste momento 54 anos... e sempre trabalhei na RTP. Desde os 23.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá explicado aí um monte de coisa.

(Risadas)

(Interação com uma terceira pessoa) [00:01:43] - [00:01:57]

Ana Paula Goulart de Andrade: Então, a gente tá aí vivendo nessa perspectiva de... capitalismo cognitivo, né, onde a tecnologia muitas vezes vem se confundindo com o telejornal, a gente vê aí redes sociais, não à toa o... nosso presidente foi eleito via rede social...

Fátima Silva: Exatamente

Ana Paula Goulart de Andrade: É... eu queria sua opinião, na verdade, uma opinião mesmo. É... de que forma você acha que a tecnologia ajudou...? Como é que vocês trabalham, busca de aplicativos, sites de notícias... sei que os correspondentes usam muito as agências, né

Fátima Silva: Exato

Ana Paula Goulart de Andrade: (Teoricamente...) [00:02:24]. Como é que vocês buscam isso para construção do telejornal especificamente?

Fátima Silva: A RTP faz notícias... principalmente com base nas agências noticiosas, quando estamos a falar de internacional. Portanto, somos uma divisão com responsabilidades acrescidas nesse campo, e... hum... toda a informação que nós pomos no ar tem que ser, como ditam os princípios do jornalismo, checada... é o mesmo termo no Brasil, não é

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

Fátima Silva: Nós (equivocamos) [00:02:55] o termo por duas fontes (inint) [00:02:57] e, portanto, nós temos, no momento, as agências... as agências noticiosas, que, mais a nossa, obviamente, (mais para nacional) [00:03:05] que nos/que nos dão as notícias... Reuters, a (inint) [00:03:12] hm... e... hum... portanto o serviço é (pelo notícias) [00:03:15] é... isto é nível internacional. (Com a evolução) [00:03:21] a tecnologia ajudou nisso. Eu quando comecei a minha profissão, não tínhamos computadores... tínhamos um (basis muito valioso) [00:03:29] onde conseguíamos mandar mensagem uns pros outros, não havia internet, por incrível que pareça, não havia telemóvel. Nós não tínhamos telemóveis. A minha filha não entende isto. Tem 20 anos, não é... pronto.... é claro que a tecnologia nos ajudou imenso, a internet ajudou imenso. ã... por que? Porque tem... é... portanto, a informação é enviada, as imagens são muito mais rápidas, (através) [00: das redes sociais tem acesso a imagens, mas é óbvio que tudo tem... o seu contraponto. O contraponto é... as notícias falsas. A imprensa impor notícias no ar que não estão confirmadas ou que são chocantes, ou que... ou... por exemplo, pôr-se no ar a notícia de que há pessoas que morrem sem os próprios familiares saberem que elas morreram... em acidentes, etc. E isso... o imediatismo da... dada notícia a... que fo... que começou a ter... é, é pior nesse sentido desde que há os canais de notícias 24 horas por dia no ar... ã...

Ana Paula Goulart de Andrade: Precisa ser alimentado.

Fátima Silva: Tem esse lado malicioso da coisa, tem que ser alimentado e... além de se fazerem muitas lives, muitos diretos de coisas que não interessam, porque é necessário alimentar, fazem-se muitos diretos hum... de coisas que se deviam primeiro confirmar serem verdade, e isto acontece um pouco, não é, por todo o mundo. São presidentes, como disse há pouco, são presidentes que são eleitos com isso, é... o presidente também é uma super potencial mundial que... mente... com, é... notícias de agências de te-televisões que são falsas, como a Fox, por exemplo, (muito porque) [00:05:16] é a sua televisão favorita... pronto, portanto, isso é um lado mau, obviamente, não é, e é a pressão para se pôr no ar, principalmente numa televisão, a imagem de coisas que nós temos primeiro que saber se são verdade.

Né... e, portanto, o fluxo informativo é muito, mas não é o melhor... muitas vezes... e esse é o problema.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente está falando de notícias que vem, muitas vezes, de fora para dentro da... da (inint) [00:05:41]

Fátima Silva: Quantas vezes as televisões já puseram no ar imagens que não são daquele acidente, que não são daquela manifestação, que não são daquele dia... não é. Porque é alguém nas redes sociais que liberta um vídeo, no YouTube ou no... ou no Instagram ou no... ele faz um tweet de uma coisa que é parecida com aquilo, mas não é aquilo, e aquilo foi parar. E é mostrado como, (inint) [00:06:05], depois tem que se pedir desculpa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Quando se pede desculpa.

Fátima Silva: Quando se pede desculpa. Exato. E ninguém é... hm... castigado... ou responsabilizado por isso... não é. Nós temos aí... nós temos em Portugal, por exemplo, agora, um fenômeno que é o canal de (cabo) [00:06:22], CMTV, que usa todas essas... hum... portanto, todas essas... é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Artimanhas.

Fátima Silva: Artimanhas, mas por outro lado tem uma coisa que todos nós, em si... em que sinal aberto gostaríamos de ter. Que é uma agilidade para pôr uma notícia no ar. Que vem também de..., não sei se é (possível) [00:06:45] confirmar, não sei, mas tem uma agilidade para agarrar a... a notícia, pô-la no ar e (não mais) [00:06:50] a... (inint) [00:06:52] agilidade que todos nós gostaríamos de ter. Era/quisera que tivesse confirmado, que fosse (inint) [00:06:57] que as notí/que as imagens têm que ser as certas, as pessoas que estão a falar devem ter... tanto ter base e... e não serem (inint) [00:07:06] que/para influenciar a opinião pública etc, etc... né. É... portanto, isto tud/isto é muito, muito, muito equilíbrio entre... aquilo que se quer de audiência... que as, que as privadas estão mais pressionadas com isso, e aquilo que se necessita do mínimo de audiência. E aí é o nosso problema. É um equilíbrio muito complicado e ali, e a credibilidade, muitas vezes... é sacrificada. Nós tentamos que não seja, acho que conseguimos. É, mas é um equilíbrio muito, muito difícil de fazer. Nós todos somos pressionados, são

pressionados os (pivôs) [00:07:43] com os (inint) [00:07:44] que fazem, né. São pressionados os coordenadores com o alinhamento que fazem. São pressionadas as direções... com... com as notícias que fazem os seus principais jornais porque... (realmente) [00:07:55] esta aqui é muito... quer dizer, está aqui n... esta aqui não é bem assim... tá, mas assim as pessoas veem mais. Né. E isso é... a pressão sobre o serviço público, (a visão) [00:08:09] neste caso é muito maior do que nos outros. Do que nos outros princípios.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, em termos de interatividade e inovação... pela minha participação aqui, eu vi que o grafismo no telejornal, ele tem uma importância muito grande, né... Sobretudo com os pivôs. Eu acho que vocês apostaram muito bem nisso. Me parece que foi a primeira que fez, faz muito bem isso. E... que que você acha disso?

Fátima Silva: O que que eu acho do nosso grafismo ou da forma como nós utilizamos?

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que essa... a tecnologia nesse sentindo...

Fátima Silva: A não, não. Nós utilizamos... eu pessoalmente acho que nós utilizamos até ainda muito pouco. Nós já utilizamos mais e melhor. É... nós temos na RTP, hum... difícil, não sei explicar. ã... a RTP é a empresa mais (escrutinada) [00:08:57] do país... né, toda a gente acha que sabe como é que se (deve) [00:09:02] fazer televisão, toda a gente acha que sabe como é que se deve fazer um alinhamento, toda a gente acha que sabe como é que se é fazer uma peça com o primeiro ministro a falar, toda a gente acha que sabe que a RTP fala muito do governo ou fala muito disto ou fal/ou seja, cada grupo... ã... acha que pode exercer a sua profissão sobre a RTP. Porque a... por outro lado também acha que tem que vim ver a RTP. ã... é dona de um bocadinho da RTP. Portanto... hum... talvez também por isso quando há grandes acontecimentos a RTP vence sempre. Na verdade, (inint) [00:09:36] audiências.

Ana Paula Goulart de Andrade: Credibilidade...

Fátima Silva: Porque as pessoas reconhecem a RTP, essa marca de qualidade, não é por acaso que, que o nossos (inint) [00:09:46] é sempre o escolhido como a marca de credibilidade dos pivôs e a RTP é escolhida como a marca de credibilidade das televisões. Todos os anos, né. Pronto. (inint) [00:09:54].

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

Fátima Silva: Pronto. hum... no grafismo, nós já tivemos grafismo virtual. Nós já fizemos... eu lembro, por exemplo, quando desapareceu aquele voo da Malaysia Airlines. Nós já tivemos em cima da mesa virtual de telejornal (inint) [00:10:13] um avião virtual para mostrarmos como era o avião. (Suspiro). Como, logo depois, outra... outra... orientação. De (purar) [00:10:25] o grafismo da RTP, nós perdemos isso. Pronto porque isto são modas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Fátima Silva: E como sabe já tivemos um grafismo muito mais assim, que afunila muito mais em temas de cores e tal. Hum... nós aqui embaixo... ach/achamos que isso fosse/foi muito... ã... Tiramós muitas (hipóteses) [00:10:46] de fazer um grafismo interessante. E... está outra vez a ser retomado. Agora vai outra vez a ser retomado. Tem também com as novas rédeas que eles vão dar outras hipóteses. Pôr mais (sinais) [00:10:57] no ar, etc. Vai a ser retomado. Acho que... para... como percebeu. Ou como percebeste (inint) [00:11:05]. A RTP tem muito poucos meios, e para os meios que a RTP tem, ã... eu acho que o grafismo ã... fazem as coisas muito interessantes. (inint) [00:11:17] o que pensas no telejornal. Eu (inint) [00:11:19] as coisas mais interessantes (inint) [00:11:21]. E no grafismo (se põem as peças) [00:11:25], as peças maiores. (Comportadas) [00:11:28] maior, quando tem duração. Cinquenta minutos, uma hora, (na linha da frente) [00:11:31], por exemplo. A, ã... su/suas gráficas saem deste cinzentismo, (inint) [00:11:37] nós tivemos agora durante os últimos três anos que são ã/o azul, o preto, o branco. E o cinzento que é... ele é muito... muito, muito (reductor) [00:11:48]. Mas acho que sim. Acho que... e acho que para as pessoas é uma informação é... imediata. E um bom grafismo traz logo a notícia sem ser preciso dizer nada. Não é? Quando nós tínhamos (um grande ecrã) [00:12:03] ã... três mil e não sei quantas cirurgias ã...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

Fátima Silva: Anuladas e etc... vocês sabem... aquele acontecimento é... que se passou (inint) [00:12:13] que não percebem a ordem de grandeza da notícia que (nós que) [00:12:19] vamos dar. Portanto, nesse aspecto acho que sim, que é muito... que é... que é muito (bem utilizado) [00:12:22]. Com grandes limitações. Nós temos muitas limitações técnicas na RTP por falta de dinheiro. Muitas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que/Essa... essa... imagem que... É até semiótica, né. Já que a gente está falando de capitalismo cognitivo e... eu acho que o jornalismo tem que estar onde o povo está. E o povo está nas redes sociais. Então, quando eu/quando eu assisto, quando eu ligo a minha, é... TV, (pelo o meu “tebetê”) [00:12:45], enfim eu consigo captar aquela mesma imagem e aquilo me prende a atenção. E, assim, nesse/nessa mesma linha de pensamento, é... como é que é o uso da STP/da RTP com os... é, com a sociedade. Existe um canal aberto para a sociedade? Eu vi que eles se manifestam ainda através de cartas, né... incrível

Fátima Silva: É... ou seja, você (achou que era pelo) [00:13:03] computador?

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, não, não. Acesso para participação nas pautas, participação... no... no telejornal, envio de algum material... no telejornal.

Fátima Silva: (Pede) [00:13:14] quando tem, assim, alguns... acontecimentos... (inint) [00:13:18]. Nós temos um bom site... ã, na internet, (multimedia) [00:13:22], o nosso site é muito bom, ã... nós gostamos dele. ã... eu (não sou) [00:13:19] diretora, ã... Alexandre... como é que chama o Alexandre, Zé? O Alexandre multimedia. Alexandre...

Voz 3: Brito.

Fátima Silva: (Risadas) Alexandre Brito. Pronto. E, ã... realmente é muito bom e... ã, temos u/uma... uma pequena... uma pequena equipe (inint) [00:13:47] e maior. E há participação direta do espectador do telejornal (inint) [00:13:56]. Lá está. Hum... nós tem/nós temos imagem, difícil não usar. Nós não temos coisinhas feitas por telemóveis de... de/de/de/de teles/telespectadores. (As extensões) [00:14:11] são os grandes acontecimentos (inint) [00:14:25]. São...

Ana Paula Goulart de Andrade: Quer falar com você.

(Interação com outra pessoa) [00:14:15] - [00:14:25]

Fátima Silva: ã...

Ana Paula Goulart de Andrade: Pecinhas... pequenas pecinhas...

Fátima Silva: Pronto, o... o/o... quais são as extensões? As extensões são, os grandes aconteci/os acontecimentos de... grandes tempestades. ã... de repente... Lisboa é assaltada e está debaixo de chuva, e então aí há um...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:14:40] na prisão, né. Que foi uma coisa que estava ali.

Fátima Silva: Exato. Há o próprio/exatamente. Só o suporte por Facebooks, tweets etc. é que nos dá a notícia, então aí (inint) [00:14:50].

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas é algo checado, é algo...

Fátima Silva: E aí... Mas aí, por exemplo, (enviam os seus) [00:14:55]... aí há um apelo. Tanto aqui na/na/no ecrã, no... tanto no... ecrã. Pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

Fátima Silva: Apesar dos nossos... (de usarmos) [00:15:04] o nosso canal de notícias como multimedia, computador. Tem vídeos deste acontecimento. Enviam os seus vídeos, enviam suas fotografias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas aí faz um filtro e...

Fátima Silva: Exato. E aí nós temos muita coisa, temos resposta...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês têm um garimpo. Vocês não vão... buscar isso.

Fátima Silva: Não. Não, não, não, não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vocês... pedem e eles mandem aquele determinado acontecimento.

Fátima Silva: Não, não, não, pedimos quando... pedimos quando nós não podemos fazer. Nós somos os autores das nossas notícias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha, que frase linda.

Fátima Silva: Né... somos. E... somos autores das nossas notícias tal como nossos parceiros internacionais. E os nossos parceiros internacionais (fazem essas) [00:15:42] notícias. E assim que nós fazemos notícias... É com a captação de imagens de... repórter de imagem. Não são (operador) [00:15:49] de imagem. São jornalistas que captam imagem e jornalistas (redatores) [00:15:53] que as escrevem. E jornalistas editores que as editam. E é este... o percurso das nossas notícias. Há jornalistas a fazer notícias. Não há, ã... repórter... não há, ã... produtor de imagem ã... que faz a imagem, não. Quem faz a imagem é a jornalista. Não é por isso que as coisas (são) [00:15:14] sempre boas. ã... são muit/muito, mas é o jornalista. Podem não ser melhores, pode haver uma concessão de imagens um (apanhador) [00:16:22] de imagem melhor, mas o... o repórter de imagem é o jornalista, tem uma carteira profissional. O redator que vai escrever... é um jornalista. O editor é um jornalista. Portanto, eu acho que isso é (inint) [00:16:38].

Ana Paula Goulart de Andrade: Com certeza.

Fátima Silva: (Na minha visão) [00:16:41].

Ana Paula Goulart de Andrade: Você utiliza rede social? Pessoal e profissional ou não?

Fátima Silva: Utilizo. Sim. Utilizo, pessoal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pessoal, só.

Fátima Silva: Sim, pessoal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas não utiliza para trabalho...

Fátima Silva: Não. Utilizo para trabalho, muito, claro, claro, claro... é... claro há tantos sites, nós vamos buscar informações...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, não, não, eu digo assim... sua rede social, por exemplo. Seu Facebook, você associa ele...

Fátima Silva: Não, não, não, é pessoal. Não, não... é pessoal. É pessoal.

Ana Paula Goulart de Andrade: É porque, por exemplo, no Brasil a gente tem o fenômeno de...

Fátima Silva: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Citar que... associa a empresa ao mesmo tempo que a gente tem uma carta dizendo não tire foto disso. Você... porque você é público.

Fátima Silva: Exato. Não. Aqui eu tenho um pouco ã... algum pudor... e... em a... alguns... algumas... alguns probleminhas... ã, com algumas pessoas que coisas que profissionais fazem que vão tiram o seu Facebook. Nós aqui... separamos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Separado.

Fátima Silva: Completamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como é que você acha que o telejornalismo em si, né, que está passando por todos esses... na verdade, eu/eu não chamo de crise, eu chamo de transição, principalmente no Brasil. Aqui eu não verifiquei isso. É... como é que está... estará daqui a 10 anos? Você acha que em 10 anos mudou muito? Como é que você acha que vai estar?

Fátima Silva: Eu não faço a mínima ideia. Mas eu lembro muito daquelas... daquela música (inint) [00:17:58] né. A rádio está... bem viva... (pronto) [00:18:04].

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais do que nunca.

Fátima Silva: Eu acho que vai haver sempre um lugar a... canais abertos de televisão. Mas ã... vão ser diferentes. E vão ser diferentes dentro de muito pouco tempo. Quanto tempo não faço ideia. Não faço ideia, será provavelmente... tendo em conta que nós em Portugal cada vez temos direito a reforma mais vezes, provavelmente eu vou assistir muito rapidamente a isso ainda ã... porque vai ser

muito rápido. Porque todos nós temos filhos que fazem o seu alinhamento de notícias e de interesses no seu telemóvel, seu smartphone, não é, seu android e no seu computador e que não olham para televisão e que vão ver a televisão (inint) [00:18:46], vão ver as Netflix e os HBO, não é, não ver uma série que passa na RTPX, ou na (inint) [00:18:52] ou na TV não sei quantos, não. E que veem... infelizmente muito poucas notícias.

Ana Paula Goulart de Andrade: Passaram a ler pouco também, né.

Fátima Silva: Exato. Muito poucas notícias, mas isso... é (inint) [00:19:06] também um pouco de educação (tem se tentando) [00:19:09] porque veem ainda muitos (inint) [00:19:14] isso em casa. ã... portanto, como é que isto/o que é que vai acontecer eu sinceramente não sei. É que não faço mesmo a mínima ideia. A... a... a... um... há fenómeno... a um... há uma mudança, por exemplo, na televisão agora já se faz hum... aquilo que poderia ser mais rápido, as tais imagens que chegam via redes sociais e etc. poderiam fazer com que a/com que as televisões tivessem muito mais facilidade de pôr imagens no ar. O fluxo de imagens é verdade, mas depois confirmar que (lá está) [00:19:42] que aquela imagem (não) tem o selo de garantia da agência noticiosa (inint) [00:19:47] que aquilo é mesmo e isso um (atentado) [00:19:50] na Síria, que aquilo é mesmo uma criança e (na frente dela) [00:19:52] (inint) [00:19:54], entende, isso é... o nosso/ a nossa grande di/o nosso grande dilema, temos muito fluxo mas, depois, como confirmar, como... (inint) [00:20:20] de comunicação já tem um departamento de fact-checking, né, ou fact-checked, já estão a checar os fatos ã... as imagens, as informações, porque realmente quem quiser manipular até... para... ã... para ã... chegar... ã... portanto... a presidência de um país ou de uma organização sabe como é que vai fazer... a partir da Rússia, a partir... de... sei lá da onde. E, portanto... isso... é... que é pior.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fechadíssimo.

Fátima Silva: É isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Obrigadão.

Francisca Fortuna

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Francisca Fortuna

TEMPO DE GRAVAÇÃO

17 minutos e 17 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Vamo lá, na verdade, apresentação, seu cargo e sua função.

Francisca Fortuna: Ok. Sou Francisca Fortuna, tenho 30 anos, sou jornalista, repórter, redatora, ou seja, da, da televisão, da editoria de Sociedade, ou seja, aquela mais abrangente onde não cabe muito o meio específico, mas cabem todos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aquela que trabalha mais, né? (riso).

Francisca Fortuna: (riso) Mas faço muito de saúde, educação, justiça, é, e um pouco da atualidade que surge diariamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tá, conta pra mim um pouquinho da sua trajetória, da faculdade mesmo né, até aqui.

Francisca Fortuna: Ok. Sim. Eu sou licenciada em Jornalismo pela faculdade de, de Letras da Universidade do Porto, e tenho também uma licenciatura em Direito, também pela Universidade do Porto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, é?

Francisca Fortuna: É, comecei pelo Direito, é, ma/o objetivo sempre foi jornalismo, mas achei que indo pro Direito, teria uma formação mais sólida, ou mais específica, por aí, faz as vicissitudes, e as m/ e as novas tecnologias a perceber que entrar no mercado de trabalho só com uma licenciatura em Direito atualmente não era bom, muitos profissionais atual/é, que estão hoje na praça com grandes nomes têm licenciaturas em História, em Direito, é comum, mas entraram há vinte anos, quando as novas tecnologias não tinham o ritmo de hoje em dia. Ou seja, hoje em dia o jornalismo é condicionado pelas novas tecnologias. Se a gente não podia achar que vindo ainda assim com uma formação sólida e específica numa área, eu poderia esquecer, é, o lado prático que as novas tecnologias acarretam. E hoje em dia, sim, as redações não estão preparadas para receber, ou não querem estar preparadas pra receber quem vem com, de uma formação alheia ao jornalismo. Percebi isso e então fui tirar uma licenciatura em Jornalismo que me permitiu então ter, é, todas as componentes que os mais jovens tem e uma ligação a multimédia, ao design e às clássicas do jornalismo, rádio, televisão e, e imprensa. Senti que não podia chegar no mercado de trabalho só com mestrado em jornalismo, a licenciatura era muito importante, pronto. Dito isto, o... o que que o Direito me ajuda, a fazer justiça, sem sombra de dúvidas, e a estruturar raciocínios e é uma, é uma área em que na/não é surpresa pra mim muita coisa do que eu leio. Por exemplo, se eu tiver a fazer economia, tenho uma maior dificuldade, cai-me uns conceitos que eu não percebo, ou seja, vou ter que sempre ir às (bases) [00:02:34]. Quando estou a tratar de um assunto de, de Direito ou de justiça, é sempre mais, como é que se diz, é, fluido, mais intuitivo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Já pensa em tradução.

Francisca Fortuna: É, perco menos tempo a perceber conceitos básicos, não significa que não tenha que (preparar imenso) [00:02:52] na mesma, porque o

problema da justiça é que cada caso é um caso, e cada caso exige saber a história ao (perguntado) [00:02:58]. Isso é o que o jornalista veio fazer, agora aqueles conceitos básicos, facilita, por exemplo, não tem a nível de economia, sempre que tem que perceber o que que é imparidade. Mesmo que eu já saiba, sempre que estou a agarrar um novo tema de economia, vou verificar o que que é imparidade, vou verificar o que que é não sei que. Ou seja, não há esta leitura rápida, saber o que que é, alguns conceitos de, de, de justiça, isso sim ajuda nesta área. Pronto, é isso (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que a gente tá em termos, como é que você percebe, na sua percepção, que já que sociedade é uma editoria bastante animada, em termos de checagem, é, por rede social, por online, é, pelo que chega de fora pra dentro da redação, por colaboração, você acabou de fazer uma peça aí, né, sobre a morte de um cantor... enfim, era mais do que um cantor, é, como é, como que é esse processo de checagem. Você, é, como é que são as suas fontes na internet?

Francisca Fortuna: Ok. Eu acho que, é, na RTP, nós damos muito valor à verificação. Não, não conheço outra realidade jornalística, mas às vezes no ar eu percebo que n'outros canais portugueses não se dá esse valor. Nós temos que dar uma notícia de internacional e eu tento verificar a fonte, ou seja, os jornais ingleses, que são aqueles que estão mais perto desta realidade, foi um cantor britânico que morreu, tem que ir à imprensa inglesa, e depois tento também perceber como é que está a imprensa portuguesa, ou seja, o que que representa esta figura para os nossas, para a nossa imprensa, pra, pra me ajudar a fazer essa leitura, porque eu posso não estar tão próxima desta figura. Se a gente tira a fonte, que são os jornais ingleses e, é, e a imprensa portuguesa. E o internacional é um bocadinho isso, é, acima de tudo dar valor à imprensa local para perceber se os conteúdos que aparecem nas redes sociais são ou não verdadeiros. É, infelizmente não posso, não consigo fazer mais à distância, que estava, que pudéssemos fazer mais, eu acho que confiamos muito nas nossas agên/nas agências, na Reuters, na Agence France-Press.

Ana Paula Goulart de Andrade: Confia ou fica dependente?

Francisca Fortuna: Fica dependente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque assim, a gente tem uma pluralidade de assuntos que vêm de fora pra dentro da redação, sobretudo com o cidadão comum, porque hoje a qualquer momento pode flagrar uma imagem e mandar pra vocês, enfim, tem esse, esse acesso a esse cidadão aqui, como que é, como que funciona?

Francisca Fortuna: Eu acho que Portugal e a RTP em particular têm menos espaço para o que traz, é, o cidadão comum. (Acho que há outra) [00:05:40] imprensa portuguesa que tenta procurar isso mais. Nós não, é, acima de tudo tentamos verificar. Em relação às agências, sim, somos dependentes delas, porque não temos, é, recursos humanos em todos os cantos do mundo. Eu agora vou ser muito crítica, vamos analisar o caso da Venezuela. O Brasil faz um esforço com alguns órgãos de comunicação para dar os dois lados da Venezuela. Portugal não faz esse esforço. Portugal aceita uma versão dos fatos, que é a versão dos fatos que traz a Reuters, a Agence France-Press e a (inint) [00:06:17], e quando vamos ao local, corroboramos essa tese. Sim, os media portugueses só apresentam uma versão dos fatos da Venezuela. A mídia brasileira, na sua maioria, também, mas há um ou outro que estão a tentar mostrar que temos dois pratos em cima da mesa e que não podemos extremar profissões. Portugal não faz isso. Portugal escolheu uma versão e é essa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Portugal em si.

Francisca Fortuna: Portugal em si. Portugal em si, posição do governo, posição dos media, Portugal em si.

Ana Paula Goulart de Andrade: Na sua opinião, é, a gente tem essa pluralidade, tá mais democrático, tem várias vozes, vários agentes trabalhando em prol da colaboração, da pauta, do assunto, pauta não, vocês não falam pauta.

Francisca Fortuna: (riso) Sim, mas...

Ana Paula Goulart de Andrade: O assunto.

Francisca Fortuna: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Enfim, a virar notícia, é, tá mais difícil ser jornalista hoje? E ao mesmo tempo mais fácil, porque você tem que ser um filtro com muitas possibilidades, então cada vez um filtro maior pra escolher o que que você vai utilizar na tua peça e checar. Ao mesmo tempo, você tem mais acesso a uma coisa que você não teria no passado.

Francisca Fortuna: Claro. Eu infelizmente não consigo fazer essa análise comparativa porque eu só tenho três anos e meio de experiência, quatro no total porque antes tive numa produtora, mas não fazia jornalismo diário de redação. É, os meus colegas dizem que a pressão das novas tecnologias trazem uns, é, (pausa média) alguns problemas, digamos assim. Mas como dizia (inint) [00:07:52] também nos traz uma grande responsabilidade. Acho que o jornalismo ainda está a posicionar face às fake news, face às novas tecnologias, face a esta dinâmica que tem sido o, os últimos anos. Nós ainda não conseguimos mostrar às pessoas que somos esse filtro, que somos uma verdadeira alternativa credível. Há um descrédito enorme atualmente e em parte se deve à forma como fazemos jornalismo. É, por falta de tempo, por falta de recursos humanos, pela, pela vontade de querer ser um jornalismo em tempo real. Essa vontade é ambiciosa, é importante, mas não se faz sem uma grande estrutura e sem recursos humanos. Infelizmente, o jornalismo português e internacional ainda está a posicionar-se face às novas, aos novos constrangimentos dos novos tempos. E daí o descrédito que muita gente, muita gente dá ao jornalismo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então, alguns autores, é, afirmam que a gente tá passando por uma crise no jornalismo. Eu prefiro dizer que a gente tá passando por um processo de transição, que ainda não sabemos onde que as peças vão encaixar em todas essas plataformas, acho que é por aí, né, assim.

Francisca Fortuna: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: São novos constrangimentos, novas necessidades, novas competências, novas literacias que o jornalista tem que ter pra poder exercer esse filtro.

Francisca Fortuna: Também acho que é isso e eu também quero acreditar que é em transição. O único aspecto de crise que se pode falar é (inint) [00:09:41] do financiamento dos media, os media ainda se financiam de uma forma tradicional, que é publicidade. Aquele velho clássico do século dezenove, de o jornal e a publicidade. Nós ainda não conseguimos sair desse paradigma.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas você acha que consegue?

Francisca Fortuna: Nós temos grandes títulos internacionais, como o The New York Times que assumiu que para termos um jornalismo credível é preciso pagar. Portugal tem pequenas experiências com (o expresso) [00:10:12], com o público também, se querem um jornalismo credível, é preciso pagar, é, não te consigo dizer qual será a melhor solução. Sei que o jornalismo ainda está agarrado a uma velha máxima de há um século e meio atrás. Daí a tal crise. Ou seja, no/nós passamos por um momento de muitas alt/é, alt/é, alterações não, um turbilhão, seja a nível do ponto do vista como é que os media se financiam, seja lá está como é que podem trabalhar as novas redações para fazer face a tantas novas tecnologias e a tantos constrangimentos que vêm do exterior, fake news, propaganda ainda mais exacerbada, é, o caso do Bolsonaro e do Trump mostra-nos isso, é, propaganda, há séria, mas (pausa média), é (inexquida) [00:11:04], em diferentes plataformas, é um trabalho muito sério e é um grande desafio que temos pela frente. Não acho que seja uma crise, a crise digo só através dos, da forma de financiamento, acho que sim, porque vemos redações a ficar mais co/pequenas, há um investimento na tecnologia que depois não passa por um investimento em recursos humanos, infelizmente, por isso na forma de financiamento vejo uma crise, na forma de, na forma de trabalhar vejo uma transição. Acredito isso, tem que ser uma exp/uma perspectiva (definitiva) [00:11:32], né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Esperança (riso).

Francisca Fortuna: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, quando a gente pensa, é, em dez anos de telejornalismo aqui na RTP, é, não como, é...

Francisca Fortuna: Recém-chegada (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: É, recém-chegada, exato. Mas como telespectadora mesmo, o que que você acha, e aí de uma forma mais geral, o que que você acha que a tecnologia mudou o telejornalismo em dez anos?

Francisca Fortuna: É, a voracidade do tempo. Agora pretende-se fazer um jornalismo em tempo real. Por isso é que também há um canal notícias que não havia, por isso é que há tecnologias que nos permitem dar a informação em tempo real. Essa é a... a grande diferença. Antigamente, havia um cadinho mais de filtragem no sentido de podia haver um cadinho de ma/é, parava-se e analisava-se melhor. Agora tem que se fazer tudo ao mesmo tempo, pra o bem e pra o mal. Acho que essa é a grande diferença.

Ana Paula Goulart de Andrade: Quando você apura em rede social, você usa mais o que? Twitter, é, Facebook? Seu. Você... aliás, você tem rede social?

Francisca Fortuna: Eu, sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Qual que é, pessoal e utiliza pro trabalho também, como que é a sua relação?

Francisca Fortuna: Sim, eu tenho as três, Twitter, Facebook e Instagram, e LinkedIn, tenho quatro. Nós em Portugal, o Twitter tem a nível de (pausa média), os jornalistas gostam de usar o Twitter para comunicar entre si, não significa que o povo português aceda ao Twitter.

Ana Paula Goulart de Andrade: Acho que os órgãos oficiais.

Francisca Fortuna: É, é. O Facebook serve muito para conseguir contatos, quando nós precisamos de reportagens de pessoas, tentamos aceder à nossa base do Facebook para nos ajudar a chegar a mais pessoas. E eu percebo a tua pergunta, só que eu infelizmente não tenho esse tanto trabalho com as redes sociais.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Que bom, eu fico feliz.

Francisca Fortuna: Não, não é, temos, Ana? É, não. É isso, porque a realidade de Portugal e do Brasil é diferente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito.

Francisca Fortuna: É.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sobretudo nas redes sociais.

Francisca Fortuna: Ou seja, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: O WhatsApp lá é usado...

Francisca Fortuna: Falando do Brasil, acho que a Agência Lupa faz um trabalho incrível de verificação de fatos. Nós agora temos pl... um recém-criado site também em Portugal que faz veri... verificação de fatos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lusa?

Francisca Fortuna: Não, o Polígrafo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, tá.

Francisca Fortuna: O Polígrafo. Eu acho muito interessante, muito importante.

Ana Paula Goulart de Andrade: E é um factchecking?

Francisca Fortuna: Sim, é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por aí é, é curioso a gente pensar assim, é, são os jornalistas verificando jornalistas.

Francisca Fortuna: São.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso é muito curioso, porque a própria, é, profissão do jornalista requer, ou pelo menos classicamente a ideia de você dar um fato real. A partir do momento que você precisa de uma agência de factchecking pra poder checar se é verdade ou se é mentira alguma coisa que o jornalista fez, alguma coisa tá fora da ordem.

(pausa para Francisca Fortuna responder outra pessoa) [00:14:19] – [00:14:26]

Francisca Fortuna: Sim, é, é verdade, concordo plenamente, acho que há uma coisa tão mal. E vou dar só uma resposta simples, tá.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Francisca Fortuna: É falta de tempo. Não há milagres.

Ana Paula Goulart de Andrade: Minha última pergunta é o seguinte...

Francisca Fortuna: Falta de tempo e faltam recursos humanos, não há milagres. Tu podes investir em todas as tecnologias que nós temos, muito boas, não podes exigir a um ser humano que passa a ser uma máquina que não é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Atrás de toda máquina, de toda tecnologia tem que ter alguém.

Francisca Fortuna: Tem que ter muita gente na nossa profissão. Por isso é que eu digo que estamos em transição, mas também estamos em crise. Porque por mais investimento que haja nas novas tecnologias, (inint) [00:15:10] o melhor, vais entrar

em direto, vais, com alta qualidade, vais. Se não tiveres o que estás a dizer, pessoas para verificarem os fatos, verificarem as agências, verificarem os atores políticos que te querem vender muita coisa. Sem pessoas, a nossa profissão vai ficando cada vez mais pobre. E surge/

Ana Paula Goulart de Andrade: Sem mediação, né, e sem credibilidade.

Francisca Fortuna: Sem a credibilidade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque o determinismo tecnológico todo mundo pode ter a partir de um telefone.

Francisca Fortuna: Eu infelizmente faço essa análise. Com a pouca experiência que tenho.

Ana Paula Goulart de Andrade: É a última pergunta. Como é que você acha que daqui a dez anos vai tá o telejornalismo? Pelo menos como você gostaria que estivesse.

Francisca Fortuna: Ah, foi melhor, vai ser mais fácil (riso). Gostava que houvesse redações mais robustas, mais pessoas para pensar, analisar, filtrar.

Ana Paula Goulart de Andrade: A televisão, assim, que perdeu sua centralidade, que ninguém senta mais, os jovens, sobretudo, não sentam mais, não assistem televisão, porque é uma televisão (oblíqua) [00:16:12] que tá no meu celular, porque tem conteúdos mais interessantes pros jovens no celular, enfim. Ne... ne... nessa perspectiva.

Francisca Fortuna: Sim, sim, sim. Acho que sim, podemos apostar em programas também para os jovens, mas isso não se faz sem redações robustas, sem redações que possam pensar além do dia a dia, além da voracidade do tempo real. Isso é bom, é o que estamos a tentar fazer e é o que, é, as novas tecnologias nos permitem e nos obrigam a... mas para isso, pra que o jornalismo volte a ganhar credibilidade, faça frente a propaganda, faça frente às fake news.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aproveitando o saber das novas tecnologias.

Francisca Fortuna: Claro que são ótimas, só com mais pessoas. (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Fim de VT.

João Adelino Faria

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

João Adelino Faria

TEMPO DE GRAVAÇÃO

33 minutos e 58 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: É, eu queria te dizer uma coisa, antes da gente começar a grav/. Então, três, dois, um, gravando. Sua apresentação, seu cargo e sua função.

João Adelino Faria: Eu sou jornalista, que é como eu me defino. É, sou apresentador da, do telejornal, do, do jornal prime time oito horas e, é, a minha

função é ser jornalista e anchoratthesame time, mas eu não faço distinção, pra mim um anchor tem que ser jornalista primeiro e por acaso apresentar o jornal. É, mas faço também reportagem, é, pequena, média e grande reportagem, e tenho programas do lado como você sabe e tenho um programa sobre a União Europeia.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma pergunta difícil agora, mas, assim, um pouquinho da sua trajetória.

João Adelino Faria: Ok.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pode ser bem resumido, não tem problema (riso). Se puder.

João Adelino Faria: (riso): É, sim. Tenho 53 anos, comecei a ser jornalista aos 18 anos. É, comecei num jornal, preenchi um (cupão) [00:00:49], é, que pedia jornalistas e não fui, é, duzentas e trinta pessoas concorrendo àquele lugar e eu fui passando em eliminatórias e não queria acreditar que aos 18 anos, vindo do Alentejo, é, sou de Portugal sem conhecer ninguém no meio, chego aos dez finalistas e fico nos cinco que vão trabalhar num grande jornal na altura que eu, que cheguei em Portugal, maior ainda o expresso que era o jornal, e era o jornal, o set que era de espetáculos e, é, o JL, que era de cultura. Eu queria muito trabalhar no espetáculos, eu queria muito fazer entrevistas a músicos, cinema et cetera, mas eles conheciam, me conheceram melhor do que eu conhecia a mim mesmo...

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

João Adelino Faria: E então disseram: "Não, você vai pra investigação." Eu comecei com o maior processo jurídico deste país, eu já estudava Direito, que foi o processo (Dona Branca) [00:01:35]. Pronto, trabalhei nesse jornal durante vários anos, fui convidado a lançar uma rádio privada, estando a fazer informação no prime time, sem saber nada de rádio, o que foi assustador, passo bem pela rádio e pensei: "Vou ficar aqui pra sempre." Fui convidado pelo Emílio Rangel para inaugurar a primeira televisão privada em Portugal, é, na altura eu estava em Bruxelas já a fazer a primeira presidência da União Europeia portuguesa, é,

curiosamente meu/no primeiro programa chamou só nós doze, porque eram doze países na União Europeia, há tanto tempo que isto foi.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Que bom, muito bom.

João Adelino Faria: É, fiz rádio, a continuar mais apaixonado ainda pela rádio, o Rangel leva-me pra televisão, funda a SIC, fundo, é, fundo não, sou fundador da SIC, sou fundador da SIC Notícias, é, na qual eu sempre recusei ser apresentador. Queria só fazer reportagem para perceber o que era televisão a sério. Corri muito e repórter europeu, fui repórter internacional mundial, depois fui correspondente em Londres, fui correspondente também em Bruxelas e em Madri. É, na altura, (diziam-me) [00:02:40] que a televisão estava farta... ah, e, portanto, (inint) [00:02:43] quando regresso do outro depois ser correspondente, sou chamado para apresentar, é, o principal jornal da SIC Notícias, que eu não queria. É, fui fazer dupla com a Ana Lourenço, que apresentava durante sete ou oito anos todas as noites, quatro horas em direto, que é uma coisa violentíssima.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

João Adelino Faria: O resultado foi bom, puxaram-nos pra o jornal das oito ao fim de semana, é, eu e Ana Lourenço também. É, a uma altura em que eu já não sentia batimento cardíaco quando começava a apresentar o jornal, e nesse dia eu digo, eu estou morto, não dá. É, veio os espanhóis da TVI abrir uma rádio pra revolucionar a rádio em Portugal, e convidam para ser diretor dessa rádio ao mesmo tempo, o apresentador cuida do, da prime time, entrar às três da manhã, começar o programa às sete, sem música, das sete ao meio-dia, todos os dias. É, consegui durante dois anos, depois eu disse gravemente não consegui ir ao ritmo. Também, é, nessa altura, deixei a televisão, é, para a maior parte dos portugueses foi muito estranho, portugueses (inint) [00:03:41], é, acabei por ser notícia sem vontade.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Olha.

João Adelino Faria: Aquele anchor principal que desiste pra ir fazer rádio às... às seis da manhã, e aquilo parecia muito estranho, pra mim parecia natural. Eu

precisava me desafiar, precisava sentir medo, precisava vir à minha paixão outra vez que era a rádio. Tive aí durante dois anos, nesses dois anos, o telejornal que é esta instituição da RTP tinha... tinha sempre os mesmos apresentadores há vinte e tal anos e, é, a administração decide que (estas pessoas) [00:04:12] deixariam o telejornal pra se dedicar a outros projetos e precisavam de ter a primeira vez um apresentador de novo no telejornal, fizeram essa proposta, é, eu estava a caminho de um avião, mandaram me buscar ao avião antes de entrar e disseram-me: "Não temos muito para oferecer, temos um telejornal.", que é muito.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ó.

João Adelino Faria: E fazia cinquenta anos o telejornal, é, e eu a andar pra aquela cadeira tinha que respeitar todos os, os anchors que sentaram ali desde que eu nasci e pronto, e daí vim pra aqui e aqui estou há onze anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, que história (riso).

João Adelino Faria: Rápido (riso). Não, eu sou rápido.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então, é, meu projeto passa pela tecnologia, né, e como que a gente tá utilizando, a gente enquanto comunidade jornalista, tá usando a tecnologia a favor do jornalismo, do telejornalismo, assim, em termos de apuração, em termos de interatividade, interação. Como é que você acha que, não só a RTP, mas o telejornalismo como um todo tá se aproveitando da tecnologia que tá abrindo espaço pra novos usos e aí criando até desinformação.

João Adelino Faria: Eu acho que é uma necessidade de sobrevivência. Se nós não utilizarmos essa tecnologia, vamos dar razão àqueles que dizem que a tecnologia vai matar o jornal, vai matar a rádio, vai matar a televisão. Eu não acredito, eu acho é que temos que, é, encaixar e articular com a tecnologia, e a tecnologia pode não só facilitar mais a nossa tarefa, como a enriquecer. Agora, atenção prima, tecnologia não é redes sociais. Quando as minhas redes sociais podem ser úte... úteis, mas neste momento estão a contaminar. Nem vamos discutir aqui a questão das fake news para as quais as r... redes sociais ajudaram muito a prop... a propagandear notícias

falsas e ao mesmo tempo, é, levaram a p... as pessoas a acreditar que... que diz, o que se diz nas redes sociais é notícia, e não é. Todos nós sabemos que somos jornalistas, é, que não são profissionais a fazer aquilo, a maior parte das redes sociais é, são contaminadas por qualquer pessoa que pode pôr ali, contaminar aqui, tenho que utilizar o termo contaminar, e de repente há uma notícia que não é notícia, passa a ser notícia porque aparece nas redes sociais. É, pra além disso, é feita (inint) [00:06:16] por um profissional, não ouve a outra parte, não confirma fatos, por aí fora e é um perigo. Portanto, quando eu digo tecnologia sim, não se confundir com redes sociais. Redes sociais devem ser utilizadas com peso e medida, como complemento, e não sobretudo, que é isso que me assusta, como fonte de notícia. Se a rede social for fonte de notícia, pode ser, mas tem que ser, é, filtrada por profissionais. Agora, é, receio que muitos jornalistas vão às redes sociais buscar notícias/ (riso em reação a um grito).

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

[interrupção]

João Adelino Faria: E, portanto, é, tenho receio que torne o jornalismo mais preguiçoso. A tecnologia não pode tornar o jornalismo mais preguiçoso, e eu acho que está a tornar em alguns casos. Há um certo facilitismo, se já a toda, a rede social começou a falar disso e é muito fácil tecnologicamente fazer um download de algo, torna o jornalismo preguiçoso. Se a tecnologia nos ajuda a contactar mais pessoas em circunstâncias, por exemplo, é, há pouco tempo em Portugal quando aconteceu a tempestade aqui em Portugal e cortou uma data de vias de comunicação e de acesso, é, muitas pessoas passaram a saber que outras estavam vivas e que não havia problema através das redes sociais. Para bem, foram também as redes sociais que avisaram os bombeiros, foram também as redes sociais que mandaram as primeiras imagens para as televisões mostrarem. Foram as redes sociais que, ao contrário das autoridades, deram o alerta a pessoas que estava isoladas. Acho isto muito bom. Agora o jornalista utiliza isso tudo e tem que ter os mesmos cuidados quando tem uma fonte que telefona a dizer que este político é corrupto e muitas vezes é fácil. O jornalista tem tanta informação, vou pôr a ouvir e sem questionar se é verdadeiro ou falso, muitas vezes é falso, e vou pôr esta informação porque tá toda a gente a

falar. E isso não é bom, isto até mesmo nas redes sociais. Outro tipo de tecnologia cada vez mais em televisão é importante, é, 3D por exemplo, 3D dar uma dimensão se eu quero mostrar, é uma derrocada em determinado sítio ou a devastação causada por um tsunami, a tecnologia televisiva, eu posso perder muito tempo a explicar, posso mostrar as imagens, mas se eu mostrar quase em relevo o que era antes e o que é agora, tem uma força brutal. Quando eu tento explicar, e já fiz isso no telejornal, como é que um avião desapareceu dos radares. Ainda hoje não sabemos o que aconteceu àquele avião. Temos dois ou três aviões que tiveram um acidente, não foram recuperados, não se sabe a causa, é, e que vários pilotos já tentaram explicar. Se eu tenho um avião em 3D e abro a porta e mostro às pessoas o que aquele avião simboliza, como é que poderá ter caído, tem uma força. Outro exemplo de tecnologia que pode ajudar, tudo o que aparece à volta do anchor tecnologicamente é importante. Não é só a ilustração da bandeirazinha, é que temos o realizador que é o Vestia, que consegue por exemplo quando eu estou a falar de quântico, da onde é essa notícia, quantos brasileiros vivem a Portugal?

Ana Paula Goulart de Andrade: (E daria pauta) [00:09:21].

João Adelino Faria: E por que que vivem? Ao... ao meu lado apareceu o número da quantidade de brasileiros que vieram pra Portugal nos últimos tempos, e quando eu estou a falar o número grande, a visualização do número, não como uma mera ilustração, mas eletronicamente crescer ao meu lado, é, deu mais informação às pessoas que poderiam estar a comer a sua sopa e levantaram a cabeça e aquele número entrou, e nem sequer ouviram o que eu disse, mas de repente aparece um número de não sei quantos mil brasileiros/

Ana Paula Goulart de Andrade: Estética.

João Adelino Faria: Estética. Mas a tecnologia aí ajuda e... e muito. E também ajuda e muito quando queremos a interatividade. O outro programa que eu tenho, o outro lado, é, foi muito difícil convencer as pessoas de que era importante eu ter o Twitter. Eu, logo eu, que não tenho redes sociais. Por quê? Porque era uma forma muita gente que está em casa e como eu jogo futebol, são os treinadores de bancada, aqui são os comentadores de bancada. Por que que está a dizer isto e que não

concorda com a minha pergunta e não concorda com o que o outro diz, agora tem ali a possibilidade naquele momento durante aquela hora que está a ver o telejornal, o outro lado, está sentado em casa, pode mandar um comentário, pode estar zangado comigo, pode mandar uma pergunta desde que não seja ofensivo, faz todo o sentido. Até um simples comentário como: "Por que que estão quatro homens a falar e não há uma mulher?" Muito bem, eu tenho que responder aquele telespectador e por aí fora.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você faz esse... esse filtro, esse gate?

João Adelino Faria: Faço isso, faço isso. Eu acho que é muito importante ter o Twitter. Já tive queixas de espectadores. Nós temos um provedor, que se queixaram ao provedor que eu leio os tweets no ar. E eu tive que explicar qual era o objetivo da interatividade. Porque eu acho é muito mais enriquecedor ter as pessoas todas em casa a poderem ajudar-me naquele devant a dar a sua opinião, porque muitas vezes nós estamos (nesse circuito chato) [00:11:10].

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas com a sua mediação, vai ao ar como os outros.

João Adelino Faria: Com a minha mediação, obviamente. Eu olho, vejo e digo: "Este é interessante, este acrescenta alguma coisa."

Ana Paula Goulart de Andrade: Jornalismo multitarefa.

João Adelino Faria: É, é, é, é... confesso que aí, é, eu s... conseguiria desempenhar as minhas funções melhor se tivesse alguém a fazer essa prestação, aliás já falamos várias vezes sobre isso. Por quê? Porque é muito difícil estar a ouvir o comentador, estar a seleccionar um tweet, e ter o meu raciocínio para contrapor ao comentador que já está a dizer uma coisa que pode não ser a verdade e é preciso de ser, é, contrariado. Mas aí eu acho essa interatividade muito, muito importante. E chega à altura em que tem mais audiência na net do que tive nesse dia na televisão. Sobretudo em dias de futebol. Ontem foi um desses dias. É, tinha jogado Benfica e tinha jogado Porto e, portanto, tava toda a gente a comentar isso, e nós éramos a

única televisão que estava a dar um programa aquela hora do debate e não a fazer o pós-match do jogo. Claro que perdemos espectadores, porque as pessoas estavam a ouvir os comentários pela enésima vez sobre aquele jogo curiosamente na net, teve mais audiência do que na televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

João Adelino Faria: O que quer dizer alguma coisa, portanto, essa interatividade é muito importante, e aí a tecnologia é decisiva. Uma coisa só à parte parece muito pouco, mas pra mim é muito. Ao longo de todos estes anos, eu fiz muita reportagem internacional e tentei entrar em direto. É, tentei, muitas vezes não consegui e era muito frustrante. Por quê? Porque precisava de um satélite numa posição, de um playout e, portanto, isso era uma, é, logística muito grande, um preço imenso, eu tinha que atravessar uma cidade e ir fazer um direto no décimo quinto andar que não tinha nada a ver com o local onde eu estava. Ora, a tecnologia com um simples cartão que hoje pra nós é óbvio, mas não era até há cinco, seis anos, um simples cartão de telemóvel colocado na câmara e em qualquer sítio, no meio de um atentado como aconteceu há pouco em Estrasburgo, é, eu com um simples cartão de telemóvel ligado à câmara, eu consigo estar em direto no local onde aconteceu. Imediatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Acho que cê respondeu minha próxima pergunta...

João Adelino Faria: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Que é, em dez anos, nesse período que eu tô fazendo estudo também da RTP de dez anos, o que mudou de lá pra cá, o que que mudou em dez anos no telejornal, aí sim especificamente no telejornal, na RTP, em termos de/

João Adelino Faria: Tecnologicamente?

Ana Paula Goulart de Andrade: Tecnicamente. Como que a tecnologia interferiu positivamente, negativamente também, não sei se os leitores, é, o público em geral, é... eu vi que ainda mandam carta sobretudo pra vocês, né.

João Adelino Faria: (riso) mandam, mandam, mandam.

Ana Paula Goulart de Andrade: Carta é uma coisa sei lá, no Brasil ainda/

João Adelino Faria: É, talvez porque estejam muito, temos ainda uma, uma, uma audiência muito, com muita gente antiga, porque como isto é, é, talvez o primeiro, é, talvez não, foi o primeiro...

Ana Paula Goulart de Andrade: Primeiro.

João Adelino Faria: Primeiro telejornal de sempre em Portugal, há muita gente que está aqui por tradição e eu fico muito contente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma questão de credibilidade.

João Adelino Faria: Claro, fico muito contente se tenho espectadores de setenta anos, e irrita-me um pouco que as televisões desprezem os velhos neste sentido, eu quero ter os trinta e cinco e quarenta e cinco porque compram carros e porque dão publicidade, talvez por estar numa televisão que não depende só da publicidade, é muito bom eu poder fazer a informação que eu acho que é importante pra ver o jornal, e não aquela que me vai dar mais audiência para vender mais publicidade. Dito isto, mudou a audiência, ou seja, continuamos com a audiência mais antiga, portanto, sessenta pra cima, e começamos talvez a ter uma audiência mais jovem, que é mais desigual no telejornal devido à grande importância que teve, é, o online. O online na RTP não existia. É, existia, mas era, é, quem é que apresenta o que, é, quais são os programas que vão, isso era uma coisa inócua, sem grande expressão. Quando entrou o Alexandre Brito, tenho que lhe fazer justiça, revolucionou o online porque passou a por os alertas que toda a gente já tem, mas na altura ainda era alguma coisa nova. É, começamos a ter a RTP Play, ou seja, poderemos rever os programas ali, e ao mesmo tempo, de certa maneira quando faço eleições e faço

telejornal das eleições, e se eu liguei agora, os outros resultados nas eleições europeias, eu não posso dar a eleitoral toda a dizer os... os países...

Ana Paula Goulart de Andrade: Todos.

João Adelino Faria: Vinte e tal países com... com... com... com resultados, não é? Não... não... não dá. E, portanto, eu digo, mais na RTP online e de repente como diz o Alexandre é, no momento em que eu digo isto na televisão há um aumento de seiscentos, oitocentos por cento, que é uma coisa extraordinária. O que que eu acho, não sobre o que estou a (providenciar) [00:15:30] o online, é que essas pessoas contagiam outras e depois tem essas pessoas a ver o telejornal, porque aquilo foi dito e algo está na televisão, pra mim já não faz sentido porque veem tudo na net, até quando eu tô a mandar (pessoas para a net) [00:15:43], essas pessoas por comentários et cetera no telejornal tavam a dizer isto e na noite eleitoral estavam a dizer isto. Quem está só na net vai ver o telejornal porq... por esta ligação, e assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma sinergia.

João Adelino Faria: Eu acho que é uma sinergia e é uma contaminação positiva.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí vocês têm aqui duas redações.

João Adelino Faria:Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, que...

João Adelino Faria: O online...

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse... nesse caso, sim. Funciona. Mas de repente numa, numa apuração ou outros produtos ainda não tem muita comunicação, você acha que...

João Adelino Faria: É, não. Eu... eu, nós já tentamos, é, não resultou muito, por quê? Porque é complexo fazer uma peça de televisão e um direto, é, fazer a rádio,

porque nós fazemos também pra rádio, com isso somos enviados, e ainda pro online. É, há colegas nossos que conseguem e tiras o chapéu, é, a resolução da correspondente em Paris é extraordinária, porque ela não a mesma coisa pra os três. Faz como deve ser feito.

Ana Paula Goulart de Andrade: A natureza respeitando a natureza de cada meio.

João Adelino Faria: Que é muito difícil. Ela faz uma peça pra televisão, faz um direto pra televisão, faz uma peça diferente pra rádio e tem vídeos online que não cabem na peça dela filmada com o telemóvel dela. E chega a fazer diretos com o seu telemóvel com facetime para o online. Tu até tiras o chapéu. É, claro que ela às vezes tá doente porque puxas (inint) [00:16:57] por ela (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

João Adelino Faria: Mas dito isto eu acho que seria ideal, não acho que seja o futuro, é, o jornalista a fazer tudo. Porque eu acho que as linguagens são diferentes e algum dos três, pois é o rádio, online, um dos três vai perder, mas é normal que se eu for um jornalista quase cem por cento televisão e apesar de ser um apaixonado pela rádio, o melhor trabalho vem pra televisão e mesmo inconsciente eu prime/

Ana Paula Goulart de Andrade: Pensa.

João Adelino Faria: Penso. Penso na peça de televisão, penso no direto de televisão e depois vou pensar no da rádio, e se tiver tempo vou fazer uma coisa diferente pra o online, não pode ser assim. Porque eu acho que o online é cada vez mais condutor, o trem, o que puxa tudo. É, e, portanto, tem que ter pessoas com uma rapidez e com uma noção do que que é no online importante.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

João Adelino Faria: Pra nos puxar a nós todos e pra quand... pra fazer esta... esta contaminação positiva e esta interatividade de todos os meios e... e fica a perder,

em minha opinião isso foi feito por uma pessoa que tá com a preocupação de fazer o direto pro... pra televisão e a peça pra televisão.

Ana Paula Goulart de Andrade: E nesses dez anos, portanto, a tecnologia ajudou nesse processo estético e nesse processo de diminuir... de diminuir.

João Adelino Faria: E não só estético, também de... de... de escolher notícias, é, e sobretudo talvez, é, facilitou, mas... facilitou porque hoje é mais fácil, eu tô ali a apresentar o jornal e de repente tenho uma dúvida e não tenho tempo de falar com a coordenadora, claro que a tecnologia que eu tenho a meu dispor me (inint) [00:18:25] e eu consigo fazer várias coisas que não conseguia e isso ajuda muito. Se por ventura eu estou fazendo uma entrevista e não tenho tempo de falar com a (RGI) [00:18:33] pra confirmar um dado, eu consigo enquanto estou com o entrevistado à frente ir ao Google confirmar uma coisa que de repente surgiu uma grande nuvem de hipóteses (inint) [00:18:41] nessa entrevista ou então se... puxar um vídeo que estava já gravado por um colega meu, mas que não foi pra o ar e vê-lo pelo canto do olho enquanto estou a confirmar eles, não... não é verdade porque não estive nisso, e ele diz: "olha, eu estou a ver a imagem à minha frente" porque o senhor apertou a mão, e isto aconteceu, apertou a mão ao seu adversário desta maneira, é, porque não... como é óbvio, numa entrevista não posso falar com a (RGI) [00:19:06] e que a tecnologia que eu tenho à minha frente, é, naquela mesa, antigamente a mesa era muito decorativa, é, hoje não, a mesa dum telejornal é um... como um... como um...

Ana Paula Goulart de Andrade: Quase um pivô máquina.

João Adelino Faria: É, é. É quase como estarmos num avião, num avião e ter... oi... e termos o controle do avião ali e eu posso chamar várias... várias partes desse avião, é, avião atendendo a redação. Se eu não consigo chamar do jornalista, é muito bom porque aqui tem a redação atrasa, às vezes fazem muito barulho e... e perturbam.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

João Adelino Faria: Mas por outro lado, se eu estou aflito entre uma peça e outra, abro o outro, de forma portuguesa dou um grande grito e isto está errado e faz não sei que, e já estou no ar a apresentar outra peça e ela já está a ver, mas com a tecnologia consigo fazer isso, com o próprio realizador. O próprio realizador quando faz uma composição gráfica e que acha que deve dar a informação, é, (inint) [00:20:00] esquece eles, não disse que vai fazer isso, (simplesmente disse) [00:20:03] tive esta ideia, vou fazer isto, por favor a encaixa.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

João Adelino Faria: E eu tenho que me encaixar com o som porque ali (inint) [00:20:09] com mais o que está a aparecer e o movimento de câmara que vai a rodar à minha volta. E eu acho que isso é bom, é, nem toda a gente se adapta perfeitamente a isso, ou seja, o improviso muitas vezes era só informativo. Quando os diz aí improvisa porque não está a peça a... não está a peça pronta.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não é uma coisa que dependia apenas de você.

João Adelino Faria: Era, era o que (dependia de mim) [00:20:26], o que eu sabia, a minha forma de agarrar o espectador pra não se ir embora porque estava a demorar dois minutos até apresentar o que devia ou agora não, agora o improviso vai também pra tecnologia. Isso implica que eu tento em ser muito bem, é, funções que não são as minhas. Eu quero saber como é que um assistente puxa uma peça, como é que refaz uma produção, porque se houver, e eu posso intervir e ele pode me dizer qualquer coisa e eu sei o que que está a falar. É, e não sabendo que um assistente de realização, realizador (ou produtor faz, ou o sinal, ou) [00:21:00], tem que saber a tecnologia que eles utilizam. Tem que ir a dominar.

Ana Paula Goulart de Andrade: É mais difícil ser jornalista hoje, assim, na medida que as notícias muitas vezes vêm de fora pra dentro da redação, a gente tem essa participação excessiva de colaboradores, enfim, do jornalismo colaborativo, cooperativo, alguns chamam nomes diferentes. É, você acha que o jornalista também tem que olhar pra esse outro, ter esse outro saber, assim, não sentar só no

lugar de jornalista construtor social da notícia, mas saber o que que o algoritmo também faz parte desse, desse mundo.

João Adelino Faria: Obviamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Saber onde que o povo está, porque também está. Assim, tá mais difícil ser, você precisa de mais cobranças, jornalista hoje é mais cobrado pelas literacias que ele tem, competências, você acha que?

João Adelino Faria: Acho, acho que sim e sobretudo porque as pessoas são mais atentas. As pessoas já não olham pro jornalista como um deus que tem a verdade. Não, não, ele tá a dizer isso, mas eu li outra coisa. E, portanto, eu tenho que, pra além da credibilidade, tem que ter um valor acrescentado naquilo que estou a levar lá pra casa. Por quê? Porque sei que a notícia que eu estou a dar, todos eles já leram aquela notícia, se não era um exclusivo...

Ana Paula Goulart de Andrade: E tá cada vez mais difícil.

João Adelino Faria: Mais difícil e, portanto, eu tenho que dar o valor acrescentado e esse valor acrescentado é na forma como dou a notícia, como ou quando, muitas vezes como a simplifico, sendo que cada vez menos, indiretamente aquilo que me perguntou, é, não estar fechado nesta redoma porque durante muito tempo, isso tem que ver de uns dez anos quando eu disse o que é que mudou, havia a redoma de nós jornalistas estamos em (inint) [00:22:35], portanto falamos todos a mesma linguagem, sabemos todas as mesmas coisas e às vezes estamos muito distantes do mundo real, e eu acho que por causa da tecnologia e das redes sociais, não deixando de lado aquilo que eu já disse, o (inint) [00:22:47].

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

João Adelino Faria: É, tem uma maior dimensão do que pensam sobre o que que eu estou a dizer e o que que interessa a muitas das pessoas julgando eu que a informação que eu estou a pensar, a dar, é mais importante quando às vezes penso, não o que esta pessoa quer saber é isto. Ontem, um exemplo, é, uma notícia sobre

o ataque da Índia ao Paquistão, e o que estava escrito na notícia que mediaram pra eu ler era um ataque a militantes, ponto. E eu perguntei, militantes de que? Ah, mas é a terminologia internacional da BBC, da... enfim. A minha audiência lá em casa não vê, alguns estão a ver, mas a mas a maior parte não vê a BCC e não sabe que a terminologia internacional é militantes. Militantes em português significa militantes de qualquer causa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

João Adelino Faria: Portanto, eu tenho que dizer, são (inint) [00:23:39] o que seja, e teve uma grande discussão a dez minutos do telejornal com a editora de... de internacional.

Ana Paula Goulart de Andrade: Dez minutos? Ô meu Deus, e eu perdi isso?

João Adelino Faria: Agora não posso mais, agora não posso mais porque o que eu tenho que fazer é traduzir isto. Lá está, tem que ver com isso, por que está em casa? Eu podia perfeitamente dizer um ataque a militantes. Tá correto? E alguém em casa dizer: "O que que ele quer dizer com isto?", e aí eu estou a ficar distante dessa pessoa. Como eu sei, leio as cartas, leio os e-mails, leio as mensagens que mandam, faço questão. Que me pedem para: "Ah, gosto muito quando faz isto" ou "não percebi isto" e cada vez mais eu sinto que tenho uma necessidade de explicar, porque eles têm muita informação, mas não está explicada, não está...

Ana Paula Goulart de Andrade: Um excesso de informação que acaba sendo desinformador.

João Adelino Faria: Desinformação, e há um perigo. Dito isto, também é um perigo para o jornalista, que não pode ficar refém do que... o que que o povo quer. Não. Primeiro, o que que é a notícia? Depois, como é que eu posso fazer chegar a eles, e depois, o que que é o interesse dessas pessoas. Não na perspectiva da audiência, mas na perspectiva do estabelecimento. Por quê? Porque estou na televisão pública. Confesso que se tivesse numa televisão privada, eu teria mais um item que seria rentabilidade versus audiência.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jornalismo negócio.

João Adelino Faria: Jornalismo negócio. Eu tenho o privilégio de saber se hoje a coisa mais importante que... que aconteceu no mundo foi a Venezuela ou uma decisão em Londres ou uma decisão em Bruxelas, eu posso abrir tranquilamente, devo abrir, vou abrir com essa notícia se eu estivesse numa privada, onde já tive nas duas [00:25:09], a minha... o meu pensamento seria outro porque eu sei que se abrir com Brexit e está provado, e se eu abrir com Bruxelas, eu perco imediatamente quatrocentos mil espectadores.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

João Adelino Faria: É muita gente. Mas como felizmente não me cobram isso, eu continuo a fazer isso, porque se eu abrir com mais um caso de violência doméstica ou com mais um crime em Portugal ou com...

Ana Paula Goulart de Andrade: Torna a notícia tragédia, aquilo muito fácil.

João Adelino Faria: Pronto. Eu venho do entertainment com cerca de quase um milhão e eu vou manter esse milhão, depois tem capacidade ou não, é, se eu tivesse numa privada, começaria com o mais fácil pra agarrar aquele milhão, depois lá pelo meio dava trinta segundos de Brexit e trinta segundo de, e ninguém podia acusar de não dar a notícia mais importante do dia, só que estava lá pra o meio perdida, né? Ou então um ataque da Índia ao Paquistão, que pra muita gente nessa perspectiva de jornalismo negócio não interessa, mas que é sempre estamos a falar (dos protestos nuclear) [00:26:02], e que podem mudar a nossa vida toda (riso), quer no Brasil, quer em Portugal. E, portanto, daí essa... essa... essa importância também de, é, saber o que as pessoas dizem, o que as pessoas se interessam, mas não ficar refém delas, porque senão tamos a entrar num... num negócio.

Ana Paula Goulart de Andrade: Faltam duas. Uma é, a gente tem as redes sociais hoje, qualquer pessoa, os próprios jornalistas também porque as próprias emissoras,

elas estimulam esse façam ao vivo ou teaser do seu material e aí começa com o famoso "estamos aqui".

João Adelino Faria: Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Né, enfim.

João Adelino Faria: Que eu não gosto nada (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Péssimo, péssimo. Estamos aqui, ok, eu sei, estou vendo.

João Adelino Faria: É óbvio, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, de...dessas imagens, não só imagens cedidas amadoras e de vídeo vigilância, no Brasil sobretudo é muito usado, aqui em Portugal não, acredito que pela proteção de dados.

João Adelino Faria: Exatamente. E cada vez na Europa vai ser mais difícil.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que bom, fico feliz com isso.

João Adelino Faria: Muito difícil.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, isso é usado em demasia no Brasil, quarenta por cento da grade das televisões, é o meu livro, foi...foi o que, telejornalismo apócrifo, chamo eu, porque não é canônico nesse sentido, não de... de autoria, mas de uma legitimação de algo não checado, acho que é pior. É, como é que você acha que a gente pode aproveitar as redes sociais? É nesse sentido de interação que você já falou, de interatividade, porque as redes sociais tão aí. Não dá mais pra gente parar, né, o vento com a mão.

João Adelino Faria: Claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Elas estão aí e as pessoas estão nessa desinformação, mas elas tão passeando por esse sítio. É, e o telejornal qualquer outra coisa que tenha essa mediação, como é que você acha que a gente pode aproveitar e, complementando a última pergunta, como é que você que o telejornalismo vai tá daqui a dez anos? Já que a gente tá falando/

João Adelino Faria: Não sei, nessa altura estarei de bengala provavelmente (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Claro que não.

João Adelino Faria: É, não, eu acho que em relação à... em relação à primeira, é, eu acho que nós podemos ajudar a... a pôr um pouquinho de ordem na casa, ou seja, as redes sociais são tão caóticas, é, há coisas muito boas, nós não daríamos relevo no jornal nacional, se não fossem as redes sociais porque estávamos distantes, elas tão muito próximos ao jornalismo de proximidade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

João Adelino Faria: Há um slogan na rádio portuguesa, a TSF, que é vamos ao fim do mundo, vamos o fim da rua, e nós vamos mais facilmente ao fim do mundo do que vamos ao fundo da nossa rua. E eu acho que as redes sociais vão ao fundo da nossa rua, vão ao fundo da nossa casa, mas depois criam um caos e no meio daquilo tudo o jornalista tem que perceber o que é de fato importante e que interessa e, portanto, é notícia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Coloca em risco a democracia.

João Adelino Faria: A democracia. É difícil, mas é importante. E nós sabemos que se não fosse rede... as redes sociais, se calhar, não... não existiriam, é, revoluções que já estão a acontecer por países com ditaduras mais fechadas, as primaveras árabes et cetera foi muito importante isso e, portanto, é um motor imparável e ainda bem abençoado que existe pra o jornalista. Com agora, é, a facilidade com que toda a gente utiliza uma rede social tem que ser se calhar o mediador do que é importante nas redes sociais para o interesse geral, é, mas também eu acho que sempre é uma

regra geral mesmo quando não existia, porque hoje eu sorrio quando vejo nos meios nacionais uma peça sobre, ainda agora vi, não interessa em que canal nem nada, sobre se, é... é... é... a mulher do... do... do... agora perdi-me, do A Star is Born, do principal ator que tá com a Lady Gaga, não é o Brad Pitt, é o... já não lembro. O Cooper.

Ana Paula Goulart de Andrade: Exato, uhum. Eu vi, eu vi.

João Adelino Faria: Agora não lembro o nome dele. Portanto, a minha... a minha... a minha preocupação é o fato dele ter tentado com a Lady Gaga nos Oscars de forma que quase se beijaram, virou notícia e deu peça jornalística sobre se o casamento daquele ator com aquela mulher famosa.

Ana Paula Goulart de Andrade: (Ameaçado) [00:29:50].

João Adelino Faria: Estava em risco, e eu digo, meu deus, isto nas redes sociais faz sentido, na televisão não faz. E se não é notícia nas redes sociais, também alguém estaria tentado a fazer isto. Portanto, não acho que as redes sociais sejam tão, é, prejudiciais no sentido de trazerem coisas que também servem para nos divertir.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você é... é o partidor pra o [ininit] [00:30:09] profissional.

João Adelino Faria: O jornalista tem que saber fazer essa distinção do que que é notícia, e não é pela rede social é que ele vai dizer, ah, (a culpa foi que) [00:30:16] as redes sociais estavam a falar. Não, já havia/

Ana Paula Goulart de Andrade: É, porque de repente deu muito clique lá e eles tão em busca de até...

João Adelino Faria: E eles (viram) [00:30:20] que é o jornalismo negócio. Onde eu quero chegar é que a rede social tem muita coisa boa, tem muita coisa que não é notícia, mas temos que saber como antigamente, quando elas não existiam, fazer a

distinção, o que é relevante ou que não é relevante. Se o senhor está apaixonado pela Lady Gaga ou não, não seria propriamente no jornal nacional às oito e meia, oito e quarenta e cinco, uma notícia de três minutos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai pro entretenimento.

João Adelino Faria: Não faz sentido. Ou se a Angelina Jolie vai voltar pra o Brad Pitt como eu já vi, é, quer dizer, isso não faz sentido. Ou o gatinho que temos lá em casa, isso faz sentido numa rede social, portanto, não acho que a culpa seja das redes sociais, é do bom ou do mau jornalismo, ou do jornalismo mais ser jornalismo mais negócio, é nisso. Agora, rede social é uma fonte noticiosa, ponto. A tecnologia passou a possibilitar ter mais fontes, melhor informação, mas também um... um... um pântano muito maior em que o jornalista tem que ter muito cuidado.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:31:12].

João Adelino Faria: Tem que estar muito, muito atento. Muito atento porque senão mais facilmente escorrega e vai ter que desmentir algo, é, que apareceu ali e não significa. O planeta inteiro pode estar a falar do... da algo que s... é mentira, já tivemos esse exemplo. E... e... e o jornalista tem que ser, é, muito, muito rigoroso pra, porque não é porque o mundo inteiro está a falar que aquilo é verdade. Ele tem que aplicar o mesmo método via curioso que às vezes é um jornalista de um jornal pequenino, alguma televisão regional que questionou algo que o jornalista nacional não questionou porque foi preguiçoso, aí utilizo a palavra preguiçoso e/

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tem um conceito chamado jornalismo sentado, eu acho sensacional pra... pra dizer e descrever isso, que é o jornalista de computador.

João Adelino Faria: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, não, peguei aqui no Google. Daqui a gente não vai à rua, a gente não sai.

João Adelino Faria: Assim não vale a pena, assim não vale a pena. E já lembrei o nome do ator, Bradley Cooper.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

João Adelino Faria: Que estava aqui a faltar. É, e pronto, é isso, é isso. Portanto, eu acho que...

Ana Paula Goulart de Andrade: E daqui a dez anos?

João Adelino Faria: Não sei, porque nunca me imagi... nunca imaginei, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que hoje estaríamos assim.

João Adelino Faria: É, sim, não. Como é que nós imaginamos que eu posso fazer um direto a qualquer altura, é, que eu posso ter agora neste preciso momento mesmo uma imagem que acontece do outro lado do mundo porque o meu telefone vai dar uma pitadela e alguém no Bangladesh tá a dar uma notícia que todos nós temos acesso. Eu não imaginava. Agora, só espero honestamente, e não é por uma questão de manter o meu lugar, eu só espero que o anchor virtual não vigore porque eu acho...

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Nem dá ideia.

João Adelino Faria: (riso) neste momento... neste... neste momento eu já apresentei o telejornal com anchor virtual ao lado pra mostrar-nos que era possível, porque os japoneses têm um anchor virtual.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu sei, eu sei.

João Adelino Faria: E, portanto, eu (inint) [00:32:53] digo isto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você apresentou, jura?

João Adelino Faria: Sim, só fizemos uma brincadeira um bocadinho... pra dizer, vai ser assim no futuro. Eu espero que não seja porque eu acho que, é, a Edith Piaf tinha uma... uma frase que eu gostava muito, utiliza os teus defeitos e as tuas falhas e serás uma estrela. E eu acho que o ser humano, é, e aplica-se aqui ao jornalista, seja anchor, utiliza os seus defeitos e suas falhas e suas, é, as coisas mais primárias que tem são as mais importantes pra dar aquela notícia e pra comunicar, e quando não houver empatia entre um olhar, entre mim e quem me estar a ver lá em casa, gosta ou não de mim, não importa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

João Adelino Faria: Mas que não haja esta comunicação e seja um boneco perfeito que não se engane como eu, que não cometa erros como eu, que não se engasgue como eu, não tem olheiras como eu porque dormi pior aquele dia, então nesse dia eu acho que o jornalismo perdeu o mundo. E se isso for assim a dez anos, não quero.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, não, não, não.

João Adelino Faria: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Finalizamos bem. Preciso só tirar uma foto com você.

João Adelino Faria: Ok.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pra dizer que eu estive com você e como boa pesquisa jornalística, tudo também tem que ser comprovado.

João Adelino Faria: Verdade. (inint) [00:33:56] vou...vou ligar ao Sérgio.

José Rodrigues dos Santos

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

José Rodrigues dos Santos

TEMPO DE GRAVAÇÃO

08 minutos e 50 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

José Rodrigues dos Santos: 2009 pra 2019, não... não acho que tenha mudado assim tanto em termos de televisão, mudou sobretudo em termos de, do público, o público fragmentou-se mais, é, os jovens jájá já veem televisão de outra maneira, já não veem em direto, já são mais, mais, já são mais (inint) [00:00:19], então é isso aí. Do ponto de vista da produção, é, a alteração ocorreu antes, quando, foi junto com a introdução do satélite fácil, isto é, é, antigamente pra fazer um direto num sítio qualquer, tinha que fazer uma grande estrutura, muitas vezes não era possível, não podíamos ir para, sei lá, para o meio do Afeganistão com uma estrutura... não, não era possível. Mas hoje em dia nós fazemos isso até com o telemóvel, não é? E podemos entrar em direto de qualquer ponto com tecnologia muito fácil. E isto teve um grande impacto no nosso trabalho e teve um grande impacto, é, político porque há certo, é, há certas coisas que governos ou forças rebeldes ou quem é que faziam e que deixavam de poder fazer porque estão a ser observadas, e quando você é observado, você tem mais cuidado, não é? É, e, portanto, e essa altura só foi muito importante, mas isso ocorreu antes de 2009. A partir de 2009 foi sobretudo a nível do comprimento do público, e não do nosso trabalho, da maneira como fazemos as coisas porque os ensinamentos que nós temos hoje em 2019 são mais ou menos os mesmos que tínhamos em 2009. Quer dizer, poderá haver algumas coisas mais

afinadas e não sei que, mas na essência é a mesma coisa, não é? A revolução no nosso trabalho ocorreu antes.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em termos de, é, jornalismo colaborativo, né, como é que a RTP, quer dizer, como é que você, como/

José Rodrigues dos Santos: O que que é entendido como jornalismo colaborativo?

Ana Paula Goulart de Andrade: Jornalismo cidadão.

José Rodrigues dos Santos: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, como é que é essa relação com o telespectador e o telejornal no caso, especificamente?

José Rodrigues dos Santos: Não, quer dizer, é, relação com o telespectador é, é uma relação nesse aspecto tradicional, não é, porque nós fazemos as notícias, os telespectadores veem, não sabemos a perceber quem é que nos está a ver e em que momento para adaptarmos a, a informação ao público, sendo certo que sabemos que os jovens, (mesmo tendo interesse, aumento) [00:01:59] ao longo de, da história, os jovens sempre veem pouca televisão, não é um fenómeno novo, sempre foi assim. É, sabemos por estudos que as crianças veem muita televisão, mas não veem telejornal obviamente, pois os jovens na, na, veem muito pouca televisão, é o único período da vida de uma pessoa em que, na adolescência, em que é, é, ouvir rádio bate ver televisão, e depois da partir dos, 19, 20, começam as audiências outra vez a subir do ponto de vista (de idade) [00:02:28] (inint) [00:02:29] tem costume de ver televisão. Nós sabemos que a televisão historicamente, não é, não é um novo, historicamente é vista, é, por, a partir d/por pessoas a partir dos 20, 22, a televisão, o telejornal, dos 20 e tal anos, não é, portanto, isso não vem de hoje não. É, e isso é gravado obviamente pela maneira como se faz é, ver televisão. Mas isso é, é fragmentação do público, a nossa relação com o público é, nós fazemos as notícias e eles veem, veem da sua maneira, uns veem no telemóvel uma história qualquer que não sei que, e que alguém fez um link tal tal, fez uma seleção, pronto, e outros veem da maneira tradicional, né, uns até veem no, na gravação automática, que é,

eles chegam a casa, não viram telejornal, mas vão e p... e vão ver em diferente como se tivessem a ver em direto, portanto, e pa/pois passam até mais facilmente dessa maneira pra frente e pra trás consultando as notícias que lhes interessam. Porque historicamente a televisão sempre foi um meio linear, enquanto os normalmente não é linear, o que que eu quero dizer com isto, em televisão, no jornal, eu estou a ver esta notícia, mas não me interessa tanto esta notícia aqui, passo logo pra, pra página sete, aqui é que está essa que me interessa. Na televisão, não. Historicamente, a gente vai ver a, a notícia número sete, tinha que ser assim porque não, não podíamos saltar. Hoje em dia já se pode fazer através da, sobretudo, quando se faz o visionamento em diferido, não é? Com a gravação automática ou através, é, bom, da internet, não é? E conseguimos saltar e, portanto, a televisão dessa maneira tornou-se um meio não linear, embora vendo em direto seja telejornal continua a ser linear, não é? Eu não posso só ver em direto e passar, olha agora quero ver a notícia dos (inint) [00:04:06], porque ela ainda não passou, só conseguiria fazer isso se tiver gravado, não é? Pronto, é isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, daqui a dez anos, como é que cê imagina que está o telejornalismo tradicional, né, esse que você faz, e/?

José Rodrigues dos Santos: Não, quer dizer, na ver...eu tô, tô, o jornalismo tem uma grande mutação a nível do, dos jornais, é, na televisão, é, há uma...alterações, mas não são tão profundas como os jornais, porque apesar de tudo, ainda há hábitos de, de, de visibilidade tradicionais que se mantêm. E a televisão não desaparece, ela muito mudou, mas não, não, não, não vai desaparecer, não é? Portanto, agora é evidente que no futuro isto vai acentuar-se, não é? Portanto, cada vez mais haverá canais alternativos e as pessoas, a nível que as gerações dos, é, dos miúdos que, que já não veem por televisão, só veem por internet e não sei que (inint) [00:05:00] ficando mais velho, e que as gerações mais velhas vão, vão morrendo, não é, naturalmente, e isso vai ter um impacto de perda nos canais jornalistas, portanto, isso não tem dúvidas.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente viu que, pelo menos, durante o tempo, né, que eu fiquei aqui, que o grafismo, ele tem uma grande, é, importância, né, no telejornal e aí o palco é literalmente o seu palco ali, né, a gente viu que você tem

uma interação muito boa. Você acha que a tecnologia nesse sentido avançou de 2009 pra cá, é...

José Rodrigues dos Santos: Sim, ah, pronto. Há um, uma câmera que tem melhor definição de imagem, mas eu diria que as grandes mudanças ocorreram antes disso. É, pronto, foi, apareceu a alta definição, deixa eu ver, isso foi uma, uma melhoria conectiva, mais écrans do plasma, que isso já existia, eu lembro um que eu estreei o primeiro écran de plasma num, num telejornal em 2001, aí já levou uns oito anos, não é? Portanto essas tecnologias começaram a aparecer e não, não há grande novidade. Eu estou apenas à espera que apareça talvez um, uma melhor definição do tridimensional, que na verdade também já, já, já existia, nós já tínhamos, já tínhamos na RTP programas de informação que usavam tecnologia tridimensional, é, portanto, aí não houve uma mudança muito dramática, a mudança já ocorreu, é, no início do século, aí sim é que houve de fato grandes mudanças.

Ana Paula Goulart de Andrade: E por último, é, eu tô fazendo comparação, né, com o Brasil, e no Brasil é muito comum que a gente use essas imagens cedidas de vídeo de vigilância pra, enfim, construir a narrativa telejornalística que tira o jornalista desse campo de mediação e de credibilidade. É, não, não verifiquei isso aqui, pelo menos na RTP não, é, você acha que assim, alguns defendem que o jornalismo tá passando por uma crise, na minha opinião é por um momento de transição, na verdade, pra gente se encontrar nesse meio. Você acha que, é, essa credibilidade é, assim, na medida que a gente tem mais informações, mais possibilidades de informações que vêm de fora pra dentro da redação, existe a necessidade de novas competências do jornalista?

José Rodrigues dos Santos: Sim, normalmente são mais competências técnicas porque o trabalho de apuramento dos fatos é mais ou menos semelhante. Também, em termos de televisão, temos mais acesso a mais imagens, hoje tem o telemóvel, existem as câmeras de vigilância e em Portugal não é muito usado, primeiro que não temos muitas câmeras de vigilância, não está muito a... não está muito arru... arruado legalmente e, portanto, há muitas limitações, e por causa da, da, das questões de privacidade, segundo existe também uma cultura em Portugal que é muito mais conservadora. Por exemplo, no Brasil, é normal, é, uma pessoa estar na

cadeia entrevista atrás das grades, em Portugal isso é inaceitável. Da maneira que aliás aconteceu um caso de, de um crime qualquer no Brasil envolvendo um português, então foi-se ver, mostrou-se a reportagem, mostrou-se as pessoas lá, e aqui foi, ficou toda, toda a gente chocada, advogados, políticos e não sei que, não se pode, pra defender tem que ser, então é uma cultura diferente, não é? E, portanto, o acesso a determinadas imagens é mais agressivo no Brasil, tanto que o jornalismo, é, de proximidade com o público mais, mais intenso, pra o bem e pro mal, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim, sim.

José Rodrigues dos Santos: É, aqui não tem tanto, no Brasil tem uma narrativa de, de notícia de crime muito intensa, aqui menos, mas também o problema também aqui não tem a mesma...

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito crime.

José Rodrigues dos Santos: Não tem a mesma (inint)[00: 08:22]...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não é o valor notícia.

José Rodrigues dos Santos: Embora eu suspeito que muitas vezes, é, o crime aparece como notícia porque faz audiência, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim, sim.

José Rodrigues dos Santos: Tanto é por isso, mas de fato também o Brasil tem um problema de criminalidade muito superior que, não é, não é meramente um problema de percepção, mas é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Potencializado pela...

José Rodrigues dos Santos: Sim, portanto, o jornalismo às vezes tem essa, tem uma, tem uma escola muito mais americana, nós temos uma escola mais europeia, não é? Então é um pouco diferente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

José Rodrigues dos Santos: Ok.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito obrigada.

José Rodrigues dos Santos: Nada.

José Vestia

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

José Vestia

TEMPO DE GRAVAÇÃO

34 minutos e 52 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: É, seu, sua apresentação, né, cargo e função na RTP.

José Vestia: Ah, então, o meu cargo é realizador, é, na RTP, meu nome é José Vestia e sou realizador há excessivamente doze anos (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) Nossa. É, aqui, antes de você trabalhar aqui, um pouquinho da sua trajetória, que que, como é que você veio aqui pra cá...

José Vestia: Tá, antes de eu ser realizador.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

José Vestia: Eu trabalhava como assistente de realizador.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem problema.

José Vestia: Trabalhava como assistente de realizador, portanto tive dezesseis anos como assistente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aqui também na RTP.

José Vestia: Na RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: Seu trabalho?

José Vestia: E o meu trabalho no, durante estes, sei lá, vinte e tal anos, foi sempre no telejornal.

Ana Paula Goulart de Andrade: No telejornal? No mesmo programa?

José Vestia: Sim, sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Caramba.

José Vestia: Eu, portanto, fui dezesseis anos assistente do telejornal e agora eu sou há doze anos mais ou menos (inint) 00:48.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, você conhece...

José Vestia: Portanto, eu acompanhei a história...

Ana Paula Goulart de Andrade: De tudo...

José Vestia: De tudo e mais alguma coisa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Bem que o João falou: "Olha, entrevista o Vestia, enfim."

José Vestia: Exatamente, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Enfim. Então, eu tô fazendo um trabalho que é sobre tecnologia no telejornalismo.

José Vestia:Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, como é que você acha que é aqui a questão da apuração jornalística em relação às redes sociais, como é que a gente utiliza as redes sociais, é, tanto no grafismo, na apresentação, na própria (regi) 01:14, é, com as peças?

José Vestia: É, eu vou voltar um bocadinho atrás, porque, é, como eu já tenho trinta e dois anos disto, é, eu já, eu fazia telejornais antes de haver internet, que era uma coisa completamente diferente do que é hoje, né. Porque hoje em dia nós, é, há um acontecimento qualquer durante a emissão do programa e nós facilmente vamos à internet e vamos buscar imagem, é, à rede social, nós vamos buscar uma fotografia, um vídeo e, à época, há trinta e dois anos atrás, não era assim. Não havia internet, portanto, quando havia qualquer coisa, nós tínhamos que dar as chamadas notícias em seco, não havia nada para ilustrar as notícias.

Ana Paula Goulart de Andrade: No Brasil, a gente chama de nota seca ou nota pelada.

José Vestia: É, pronto, nós, era a notícia em seco, aquilo não havia nada pra dar. Hoje em dia não é assim, hoje em dia nós vamos à internet, morre uma pessoa qualquer, mesmo que nós não saibamos quem era e o que que fez da vida, vamos ao senhor Google e aquilo tá tudo, né. E podemos picar o, a imagem da, da, da internet, do iPad ou, ou o jornalista pega e vê e fazes uma apresentação, e na época não era assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas e a apuração disso?

José Vestia: A apuração disso. Eu vou dar o meu caso em particular, que é eu no telejornal hoje em dia, quando vá, (inint) 02:34, já vi muita história passar diferente desde a morte do Mandela, a Guerra do Iraque, tudo isso já, já assisti na primeira fila, é, o que eu faço normalmente é, eu peg...a minha primeira é, é, a minha primeira fonte além das, das agências normais é o Twitter. Eu, quando acontece qualquer coisa no mundo, a primeira sítio onde eu vou é o Twitter. E vou lá buscar ou vídeo ou a primeira foto que aparece. Isso vai dum experiência que eu tive quando aqui há uns anos eu ia fazer um, um programa, na altura não tava no telejornal. Fui fazer um programa na RTP 3, que era um programa de duas horas, e nós tínhamos o alinhamento de duas horas de programa. E nesse dia, o programa entrava às nove da noite, e mal nós íamos a caminho da (regi) 03:28 pra começar tipo dez minutos antes, cai aquela notícia do, do avião que amarou no Rio Hudson, que agora até deu, razão a um filme. E nós, um alinhamento de duas horas, [som de sopro] foi pra...

José Vestia: Foi pra o espaço, exatamente. E então, nós tivemos duas horas no ar, inicialmente, o Alexandre Brito, não sei se já, já falou com ele.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vou falar com ele na segunda.

José Vestia: É, o Alexandre Brito é capaz de lhe contar essa história. O Alexandre Brito foi das primeiras pessoas na, na RTP, por causa do multimédia, que ele tá sempre ligado a isso, a usar muito o Twitter, e então ele foi logo buscar a imagem, aquela primeira imagem que aparece até no filme das pessoas em pé sobre a asa do avião no Rio Hudson. E nós tivemos que alimentar duas horas de emissão...

Ana Paula Goulart de Andrade: Com aquela imagem.

José Vestia: Primeiro com aquela imagem, depois fomos buscar outras e depois fomos buscar as agências quando começam a despejar, mas digamos que na minha experiência, que é alguma, eu acho que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Alguma (riso).

José Vestia: Que a primeira coisa que nós, que eu faço, eu, mas isso sou eu que conto, pra minha desse, desse, dessa altura, é vou ao Twitter ver logo se há uma primeira imagem, um primeiro vídeo, e a partir daí depois nós, é, como diz o outro, aguentamos o que for preciso. Mas esse primeiro impacto tem que ser, nós temos que o ter, e, e o Twitter normalmente dá, porque não é tanto o Facebook, o Twitter cá em Portugal infelizmente não é muito utilizado. É mais nos Estados Unidos, não sei se no Brasil também é.

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

José Vestia: Também o WhatsApp e tal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito.

José Vestia: Mas aqui também hoje em dia o WhatsApp, exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito, muito. Não à toa o meu presidente foi eleito.

José Vestia: Exatamente, como eu já disse...exatamente. E eu tenho aquilo dos meus amigos que lhe contei, que a partir do, do contato com eles, também percebi a importância do WhatsApp lá no Brasil. Mas é, é essa primeira, o primeiro impacto, agora é assim, como é óbvio, todos nós trabalhamos neste meio, não caímos na primeira, nas fake news, não é? Nós temos que saber cruzar muito bem a informação. Portanto, é primeiro impacto, vou lá, mexo, se eu vir um vídeo que eu acho que possa não ser bem aquilo, vou tentar ir a outros sítios, tentar perceber até

que ponto é verdade ou não. Porque graças a Deus eu nunca caí aqui ainda na espárea de ter um vídeo que não é bem assim, não é? Como (inint) 05:42 o acidente e afinal vamos ver, passado um bocado, o vídeo era da dois mil e nove, não sei quanto tempo. Tento, eu tento cruzar e (inint) 05:50 sítios e perceber até que ponto é que aquilo é verdadeiro ou não. Que é fundamental.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu tô fazendo também um trabalho de dez anos de RTP, né, comparando dez anos. Como é que você acha que a tecnologia mudou o telejornal em dez anos?

José Vestia: Ah, mudou um bocadinho. Mas é, assim, é, mas eu acho que ainda podia, já podia ter mudado mais, porque mesmo assim, é, nós não usamos muit...os pivôs, não estamos muito ainda preparados para fazer, para utilizar os meios da, da internet, as redes sociais...

Ana Paula Goulart de Andrade: Da interatividade e interação.

José Vestia: Ainda não há, não tem interatividade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Com o cidadão comum.

É, eu fazia, eu fazia a...

Ana Paula Goulart de Andrade: Por exemplo, mande seu vídeo, comente...

José Vestia: Exatamente, você disse, não há muito essa interação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Interação.

José Vestia: Sim. Porque não sei se eles, não é que eles vivam de costas voltadas, né, porque, é, a internet também tem a força porque nós damos, é como tomar conta...

Ana Paula Goulart de Andrade: É o ao vivo que eles usam hoje é um talento da tevê.

José Vestia: Exatamente, exatamente. Agora, a questão é que se, e há dez anos fazíamos um programa que era o ("À noite a gente...") 06:55, não, o "Hoje", foi um dos primeiros programas da televisão portuguesa, é, que era feito no canal dois, que era em pé, e na altura foi uma coisa muito complicada, ai, pivôs em pé e tal, (inint) 07:08.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lá no Brasil não tem mais bancada.

José Vestia: Pois exatamente. E é, mas aqui há uma grande resistência a tirarmos a bancada, porque eu sou o maior (apologista) 07:17 do sem bancada.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jura?

José Vestia: Porque eu acho que não faz sentido no século vinte e um ainda termos um jornalista sentadinho, uma secretária, a dar notícias, isso não, acho que já não, não funciona. Apesar dos americanos ainda usarem isso nos programas da noite, né, os, os.

Ana Paula Goulart de Andrade: Os mais tradicionais, os nobres.

José Vestia: Aqueles mais tradicionais. Pronto, e eu aqui, aí também acho que talvez não tem que ter não, se calhar, mas (inint) 07:38.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas vocês ainda têm um palco, né. Vocês...

José Vestia: Ponto, mas o palco é uma das coisas que eu sempre fiz força pra ter o palco. É, e esse problema do (inint) 07:45, e essa coisa de imaginar há dez anos. Tínhamos um (inint) 07:49, havia uma apresentação em pé, que era feita por (inint) 07:53, e cobrir também a partir da rede social, e já havia nessa altura o cuidado da gente mordiscar as redes sociais, tentar fazer com que as pessoas, as redes sociais...

Ana Paula Goulart de Andrade: Migrassem.

José Vestia: Migrassem também pra nossa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Retroalimentar.

José Vestia: Exatamente. E nós fazíamos isso. O pivô andava sempre em pé, mesmo quando tinha que fazer as entrevistas, na mesa os convidados tavam sentados, mas o pivô nunca se sentava, a mesa tava feita de forma a que ele andasse sempre de um lado pra outro e quando chegasse à zona da... porque foi uma coisa que eu tinha visto, (inint) 08:23 na altura a Felgueiras, que era um programa da CNN que ganhou o Pulitzer que ele tinha Situations Room e ela andava de um lado pra outro, e quando era preciso, a mesa entrava e ele fazia as entrevistas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Fechava.

José Vestia: E não sei que, mas ele nunca se sentava. E a ideia era um cado essa. Aquele, aquele (inint) 08:38 um bocadinho (inint) 08:40 do João Fernandes Ramos também tá em pé apresentando.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum, uhum.

José Vestia: E faz as entrevistas em pé, só tem o convidado tá em pé...tá sentado, tá em pé. O mal do convidado em pé é que temos sempre um problema que é as alturas dos convidados, que é o (inint) 08:54.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tem a caixinha, né, da rua pra colocar.

José Vestia: Que é o, que é o, exatamente. Que é o ridículo, né, que assim que teve aqui há uns tempos, há uma semana ou duas, que eles começaram com isto que é, tem um convidado com um metro e oitenta, e, e o pivô tem um metro e vinte, ridículo, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Desproporcional.

José Vestia: E, e...

Ana Paula Goulart de Andrade: A estética é muito importante.

José Vestia: Estética, exatamente, porque é, é redutor, não é, para o pivô, ter uma pessoa gigante, não é, e quanto estão sentados, mal por mal, ficam mais ou menos ao mesmo nível, quem que tá em pé e quem tá sentado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pelo menos já dá pra enquadrar.

José Vestia: Exatamente. Isso é, quer dizer, quando nós temos um (desequilíbrio) 09:25 grande das alturas, o espectador fica logo um bocado incomodado, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Estranha.

José Vestia: Estranha aquilo. E tudo que estranha o espectador, (inint) 09:34. Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Recusa. Cê acha que é mais difícil hoje ser jornalista, apesar de todas essas facilidades que você tem, né, de, de hoje não precisar ir a um determinado sítio, você aqui da redação consegue apurar, buscar, checar, é, cobrir, né, determinados eventos que antes não era possível, mas você acha que tá mais difícil ou tá mais fácil, apesar dessas cobranças do imediatismo também, porque de certa forma dá alguma coisa que as pessoas já viram muitas vezes na internet.

José Vestia: Sim, pois, esse é o problema, porque, assim, antigamente, qualquer coisa que nós fazíamos, as pessoas em casa não tinham tanto acesso a, a, aos mesmos meios que nós temos, né. É, a questão que eu acho que hoje em dia tem que haver, é, nós temos que saber dar a volta ao texto, ou seja, temos que saber embrulhar numa outra maneira as coisas. Por isso é que cada vez mais os jornais utilizam as histórias das realidades aumentadas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

José Vestia: Ou seja, é, de multiplicar a coisa de forma que, é, aquela pessoa que tá sentada no sofá em casa olhe pra aquilo e diga: "Epa, como é que eles fizeram isto? Está muito bem-feito."

Ana Paula Goulart de Andrade: Aquilo muito mais atraente.

José Vestia: Encha o olho e fique mais atraente, e eu inventei aqui há uns anos no telejornal uma coisa que era em cima da mesa eu projetava, é, realidade aumentada, entre eles aviões e uns barquinhos. E na altura isso fez com que as pessoas olhassem pra coisa duma outra forma e aquilo encheu o olho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma coisa desruptiva, né.

José Vestia: Exatamente. E eles não tavam a esperando, tanto que aquilo servia, eu acho, na minha maneira de ver isto, é, eu acho que nós temos que às vezes ter uma função, é, um pouco educativa, não é? Temos que saber explicar bem as pessoas, às vezes, é, é informação é tipo, é elástica, mastiga-se dessa forma, e não fica nada. E se nós fizermos uma coisa que (inint) 11:24, as pessoas, se calhar, ficam lá com aquela ideia e a (execução) 11:29...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais pedagógica, né.

José Vestia: Fica mais pedagógica e conseguem às vezes perceber melhor as notícias, não é porque às vezes, (inint) 11:36 souberem explicar onde é que é o Brasil, faz de conta, é, no globo, há muita gente que (inint) 11:41 vou falar do Brasil, mas não faz ideia onde é que é.

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum.

José Vestia: E se nós mostrarmos essas coisas ficam para o espectador mais, mais fáceis.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então existe uma necessidade, assim, maior competência, maior cobrança também, mas uma maior competência também, mais literacias.

José Vestia: Sim, mais responsabilidade, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: O jornalista que tem que ser um filtro me... muito melhor.

José Vestia: Exatamente, porque no fundo as pessoas hoje em dia têm essa opção em casa, eu... eu faço esse exercício, será que eu não sou, não sou normal, né?

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

José Vestia: Mas, se calhar, um acontecimento, eu vou aos sítios da internet, à CNN, vou olhar, vou aos principais e vou, vou...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você faz isso?

José Vestia: Eu faço, mas isso é um defeito da, da gente, né?

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

José Vestia: E eu acho que o espectador hoje em dia é informado, consegue também fazer isso, agarra no celular e pede, vai picar vários sítios. Agora, se calhar, eles depois podem não conseguir compreender, é, o xadrez, né, da coi...da notícia, quando é política internacional, porque depois, é, como (inint) 12:39 Conflito na Caxemira, né, como é que aquilo funciona, porque que os tipos estão na, porque que aquilo tá dividido em três, tá vendo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

José Vestia: E isso é nossa função talvez explicar isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Traduzir.

José Vestia: Exatamente, traduzir isso, trocar em miúdos, como diz.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso, trocar em miúdos.

José Vestia: É, e às vezes o, nós nos jornais principais não temos tempo pra isso.

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum.

José Vestia: Mas por isso é que é importância dos outros jornais, de não, talvez às vezes da cabo, ou também, que a gente faz mais análise, mas o, o talking (inint) 13:11, como a gente diz, né, que é só o pá, pá, pá, pá, pá, pá, às vezes tem que ser pontuado. Eu fazia um programa que agora ainda existe, mas já não tem o mesmo, a mesma forma.

Ana Paula Goulart de Andrade: Formato.

José Vestia: O mesmo formato que era o 360.

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum, uhum.

José Vestia: No 360 que eu formatei há alguns anos, nós tínhamos sempre uma altura do jornal que era um bocado essa, fazia ali, é, o esmiuçar da notícia. Tínhamos...

Ana Paula Goulart de Andrade: A ideia do 360 mesmo, notícia em 360.

José Vestia: Exatamente, exatamente. Então havia um momento em que o pivô se levantava e vinha aqui a um canto que tá aqui no estúdio e nós fazíamos lá um plasma grande e ele fazia uma apresentação em Power Point, mas que no fundo emiuçava a notícia do dia, dos desempregados, do, pronto, qualquer coisa desses.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma coisa que se aproxima muito das redes sociais em termos de semiótica, né, se você parar pra pensar em símbolo...

José Vestia: Sim, é o que hoje em dia, é, é, nos jornais online eles fazem, né, fazem aquela, infografismo, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

José Vestia: No fundo, é, é, é essa parte dos jornais que nós não temos, porque quando eu faço aqui os palcos abaixo, é um bocado com esse vertente, de mostrar um outro lado, porque o jornalista quando, quando faz a, a...

Ana Paula Goulart de Andrade: O texto.

José Vestia: O texto ou a peça, ele muitas vezes não consegue explicar aquilo tudo da mesma forma.

Ana Paula Goulart de Andrade: Depende muito dos números, né.

José Vestia: Pois, claro, sim. E também depende da peça, se só tem um minuto, não consegue esticar aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E, é, eu vi aqui que vocês têm duas redações, né, uma redação que é online basicamente lá em cima.

José Vestia: Ah, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E aqui. Você acha que falta uma comunicação...

José Vestia: Falta. Falta, falta.

Ana Paula Goulart de Andrade: Integrada, uma sinergia, porque vocês têm uma riqueza muito grande (inint) 14:50.

José Vestia: Mas isso é, mas isso é um problema que é, que eu acho que as pessoas, mas isso também tem a ver com a rádio. (inint) 14:58 televisão, esta empresa tem rádio e televisão e tem hoje em dia, já se pode dizer, internet, a multimédia. É uma internet. É, e não há comunicação...

Ana Paula Goulart de Andrade: Integração.

José Vestia: Não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque de repente acontece alguma coisa que alguém apurou lá, mas não vem correndo pra cá durante o telejornal.

José Vestia: Não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso eu senti falta, assim.

José Vestia: Não, sabe por quê? O melhor exemplo que acontece disso, e eu sei por que (inint) 15:21, é quando há mal tempo. Quando há mal tempo, as pessoas têm tendência, e eu já fiz isso, têm, faço um vídeo, e alegadamente eu mando, ou devia mandar, taram, ao online, pra internet, pra o site da RTP. E o site da RTP devia canalizar pra nós aqui. Mas não há essa interaç...

Ana Paula Goulart de Andrade: Essa interação.

José Vestia: Não. E quando você falar com o Alexandre Brito, ele vai te falar de certeza que ele já viu numa televisão, se não estou em erro, na Dinamarca, em que eles têm um edifício gigante e aquilo tá feito de forma que toda a gente...

Ana Paula Goulart de Andrade: Jura? Nossa, eu vou procurar.

José Vestia: Exatamente. Que era isso, que era isso. Quando falar com o Alexandre Brito, pergunta dessa história da Dinamarca, ele vai lhe falar porque ele teve a fazer uma visita de estudo e ele perce...aquilo foi feito (inint) 16:09, e então eles comunicam todos pros outros, que é aquilo que (denota) 16:11 a equipe. Por

exemplo, nós aqui nesta redação temos só a parte da televisão, mas devíamos ter uma linha avançada de, do, do site.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

José Vestia: Alguém que fizesse a ponto...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 16:23 pesquisa justamente isso.

José Vestia: Alguém que fizesse a ponto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Que hiato é esse entre a televisão e as redes sociais e que papel que elas desempenham, é, separados, porque tem, cada um tem o seu talento e a sua...

José Vestia: Eu vou dar um exemplo. Como é que se chama?

Ana Paula Goulart de Andrade: Ana Paula.

José Vestia: Ana Paula. Ana, eu vou lhe dar um exemplo. Eu vou fazer agora, eu vou ser o realizador das eleições da, da, de 2019, e uma das coisas que eu tou a alertar é pra esse fato, porque por exemplo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Verdade, eleição é uma complicação.

José Vestia: Eu tava a dizer que nós temos uma coisa que é...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 16:54.

José Vestia: É, o Twitter, né. Hoje em dia muito (inint) 16:58 estações de televisão, ou não, um acontecimento, eles fazem um tweet.

Ana Paula Goulart de Andrade: Um direto ou um tweet.

José Vestia: Fazem uma hashtag e não sei que. E aí fazem uma hashtag, imagina.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas é nessa tentativa de se aproximar do...

José Vestia: (inint) 17:11 sítio em Lisboa, faz de conta.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim, sim.

José Vestia: E então, tava lá, tá pra o fato que nós, e (inint) 17:16 também falou nisso, que é nós, na noite eleitoral, termos uma hashtag tipo RTP Eleições ou Eleições Europeias, RTP, qualquer coisa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

José Vestia: Para que, para que o nosso Twitter seja alimentado com coisas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que o algoritmo isso, né.

José Vestia: Exatamente, porque se nós tivermos, é, é, o Twitter, mas não tivermos nada a alimentá-lo, só precisam...

Ana Paula Goulart de Andrade: Só tem a forma, não tem o conteúdo.

José Vestia: Exatamente, exatamente, e nós queremos é que as pessoas façam...

Ana Paula Goulart de Andrade: Alimentem.

José Vestia: Alimentam aquilo, e assim a noite eleitoral com tweets, e com coisas, com vídeos e com outras...

Ana Paula Goulart de Andrade: E talvez uma sinergia também entre os, os canais, por exemplo, o telejornal chamar o Twitter ou (inint) 17:54.

José Vestia: Sim, e isso é outra coisa que eu estava a fazer, que é durante a noite também eleitoral, poder...durante a noite eleitoral poderem, é, chamar as pessoas para o rádio, que o site da RTP vai ter...

Ana Paula Goulart de Andrade: O rádio mesmo?

José Vestia: É, rádio então ninguém mais usa. Mas pra, e então poderia alimentar, é, se as pessoas quiserem acompanhar os dados em direto, porque no site tá sempre a ser alimentado aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Me parece um pouco o futuro da tevê também assim, qual, é, porque a televisão hoje é ao vivo, então ela tá em todos os lugares.

José Vestia: O que eu acho que há uma coisa que eu costumo dizer que é, se não lhes podes vencer, junta-te a eles.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu já te falei, exatamente isso.

José Vestia: Não é? Portanto...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu fiz um artigo com esse, com esse nome (riso).

José Vestia: Portanto, eu acho que tem que ser assim, porque se não for, se for de outra maneira, (inint) 18:44, ninguém ganha com isso, não ganhamos nós, não ganha a internet, não ganha a rádio.

Ana Paula Goulart de Andrade: E vocês não, é, é, essas imagens de vídeos, por exemplo, no Brasil, eu escrevi um livro, uma dissertação minha, na verdade, deu fruto a um livro, que as emissoras, sobretudo obviamente, as emissoras... (telefone toca) pode atender, vai (achar) 19:02 se quiser, fica à vontade.

José Vestia: Ok. (no telefone) Sim. Vamos ver. Tá bem, já te, já te falo quando terminar. Tá bem, já, já ligo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E eu chamei de telejornalismo apócrifo, no sentido de que vem de fora pra dentro da redação e que não é uma questão canônica, mas muito mais criticando a veracidade das informações, do que era posto no ar, e eu cheguei à conclusão lá no Brasil, SBT, Globo, né, primeiro Record e SBT, são as três canais principais, e eu analisei os telejornais de lá, né, que seria equivalente aqui ao telejornal nobre, no horário nobre de vocês. Quarenta por cento das imagens eram feitas de, das narrativas, das peças que vocês chamam, lá a gente chama de VT, e, e os repórteres dão muito corpo à matéria, é, imagens de vigilância e de amadores. Ou seja, isso tirou os, os cinegraf...lá cinegrafista, aqui repórteres de imagem.

José Vestia: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Equipe de redação diminuíram muito e tão colocando isso no ar, isso é uma falácia. Tá se matando, a televisão brasileira tá se matando.

José Vestia: Claro, claro, claro, claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse sentido. Aqui eu não percebi isso, fiquei muito feliz. Mas eu acho que ainda assim, e já é a próxima pergunta.

José Vestia: Pois, porque o problema da internet é esse, é que pois não há (qualidade) 20:20, e eu sou do tempo em que não sentia nada no ar.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 20:27.

José Vestia: Sem se, e ser ter qualidade, porque nós tínham...havia uma espécie dum gabinete em que nós, o vídeo amador, nós chegávamos lá com o vídeo amador e dizíamos: "Ah, temos aqui, (inint) 20:37 popular." (fala com alguém que está passando) Olá, (Dina) 20:38. E eles diziam: "Não, não, isso não tem qualidade broadcast e não entra." E não entrava. Hoje em dia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Independente do valor daquilo.

José Vestia: Exatamente. Só se fosse uma coisa mesmo tipo um assassinato e a imagem...

Ana Paula Goulart de Andrade: Lá não, lá qualquer câmera de segurança.

José Vestia: É, pois, mas aqui não.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aqui não porque tem proteção de dados, né, muito forte.

José Vestia: Sim, exatamente, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lá é qualquer câmera de segurança. E é uma narrativa absurda, assim, porque assim, um homem entrou na porta, quebrou, o homem de boné roubou, sabe? Uma coisa meio descritiva.

José Vestia: Sim, esse é que eu acho que é um dos problemas que é, é nós hoje em dia, e dessa forma o Brasil, por exemplo cá tem n canais.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

José Vestia: Só que a gente vai ver a imagem dos canais e a imagem tem, tem, não tem qualidade, porque é iluminação que não é cuidada, ou é a captação de imagem que não é cuidada, e, e se nós fizermos...

Ana Paula Goulart de Andrade: As coisas são de pessoas do espaço público e privado.

José Vestia: Exatamente, e se nós não, se nós quisermos ter uma televisão de qualidade, temos que ter qualidade na captaç...desde a captação até a emissão.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 21:22.

José Vestia: Porque se não tivermos isso, isso é uma coisa banal, né? Se (inint) 21:35.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mata a televisão.

José Vestia: Porque é fácil nós que somos profissionais da televisão percebemos onde é que um produto tem ou não tem qualidade, porque essa coisa das imagens, a televisão maior...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como a CMTV tá fazendo agora, tá dividindo em quatro a tela.

José Vestia: Exatamente, pois, sim, pois. Isso também é um bocado às vezes (inint) 21:50.

Ana Paula Goulart de Andrade: É bem próximo, o...

José Vestia: Pois.

Ana Paula Goulart de Andrade: O jornalismo que eles fazem é bem próximo do Brasil.

José Vestia: Pronto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito próximo.

José Vestia: Porque, por exemplo, nós aqui não temos, e eu, e eu, e eu vou lhe dar esse exemplo, já, já houve situações em que, e eu percebo às vezes as pessoas, é, imagine, vão, vão, o (inint) 22:11.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

José Vestia: E eu lembro de uma vez, eu, os repórteres foram pro Haiti e mandaram uma reportagem, tinha um cadáver, gente com procissão.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

José Vestia: E a, e a reportagem começava com essa imagem.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

José Vestia: Essa imagem era muito violenta e não servia pra nada porque não acrescentava nada à história. E esticava sem necessidade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Chocada. Imagina a pessoa almoçando vendo o cadáver.

José Vestia: Exatamente, e na hora de jantar ainda por cima.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pô.

José Vestia: É, por quê? Porque as pessoas que lá estão, aquilo já é tão banal, não percebem que aquilo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Talvez...

José Vestia: Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Talvez o Rio de Janeiro tenha banalizado a violência nesse sentido.

José Vestia: E então, eu na altura falei com o editor e disse: "Epa, atenção que essa imagem não faz sentido entrar." E ele foi ver e cortamos essa imagem. Porque não, não acrescentava nada à história, porque assim, eu posso fazer a mesma coisa, todos nós fazemos isso, (terminamos aqui e almoçamos) 22:54, num plano geral. Agora, uma (inint) 22:58, não há necessidade. Porque eu posso mostrar no geral, quem quiser, olha pra lá, mas não é (fechado) 23:03. E no outro dia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Podia colocar inclusive no corpo do repórter dizendo que a imagem, justificando o uso, a falta da imagem, pelo, pela violência, né.

José Vestia: Exatamente. E outro, por exemplo, eu crio, normalmente quando eu vou pro intervalo, meto a imagem do site da RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, eu vi, eu vi.

José Vestia: E eu, a Vi tava lá nesse dia, tinha aquela imagem...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi que tinha uma, era um, um...

José Vestia: Uma apuração de plano fechado. Aquilo era horrível, era horrendo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim. Eu vi, eu vi, eu vi.

José Vestia: Basta, mas isso quer dizer o que? Quer quiser que nós temos que estar sempre com atenção, porque, se calhar, no Correio da Manhã aquilo tinha ido pro ar, era pro ar. Aqui não, aqui a gente tem, por quê? Porque nós...

Ana Paula Goulart de Andrade: Um filtro muito maior.

José Vestia: Exatamente. E, e sabe por que que a diferença entre a RTP e as outras televisões, porque na RTP nós aqui temos pessoas como eu, com trinta anos, e ainda temos muitos, meu chefe, ele e mais dois ou três. Nesses concorrentes, não há essa gente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não.

José Vestia: As concorrentes têm pessoal muito novo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem uma...

José Vestia: E que não percebem muitas vezes mecânicas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem, em questão, em questão das redes sociais...

José Vestia: Sim, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Quando tem, né, que, que, nativos digitais, digamos assim.

José Vestia: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E são pessoas que não pegaram a base, né, e isso...

José Vestia: E o filtro deles não tá apurado, o filtro deles é uma coisa que tem uma abertura...

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso que é muito preocupante com os jovens, que não assistem televisão e acham...

José Vestia: Eu vou lhe dar um exemplo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não escrevem, não leem.

José Vestia: Não sei se tá fora de parâmetro. É, o meu chefe que é o Rui Romano, já tá aí ainda mais antes do que eu, tá aí pra trinta e cinco ou quarenta, já nem sei. Uma vez que desde junho, que o dia de Portugal e do Camões, e normalmente há antes uma parada militar e há o presidente da república vai ter um discurso, e é no exterior. E houve um ano em que, por exemplo, o presidente da república sentiu mal. Aí nós, nós, a RTP, somos uma televisão pública, somos a que tem os elos, somos nós que fazemos a captação, e entregamos o sinal às outras emissoras, às (instituições) 24:50. E quando há um momento em que o presidente, é, se sente mal, não foi este presidente, foi o anterior, é, o Cavaco Silva.

Ana Paula Goulart de Andrade: O Cavaco.

José Vestia: Ele tem um desmaio, o presidente desmaia e é logo ajudado, socorrido pelos assessores. E o meu colega, acho que (inint) 25:10, Rui Romano, é, mete uma imagem, um geral e sai daquela imagem. Foi muito criticada à altura. Por quê?

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque perdeu o foco (riso).

José Vestia: Não, ele não perdeu, ele tinha lá. Só que não havia necessidade...

Ana Paula Goulart de Andrade: De mostrar.

José Vestia: De mostrar o presidente a espumar, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: É lógico.

José Vestia: Porque o presidente, quer queremos, quer não, é a, é a figura mais importante do país e tem que ser defendida. E não é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Preservado, né.

José Vestia: Exatamente, tem que ser, a imagem tem que ser preservada. E não é estar a mostrar o homem a espumar que aquilo vai enriquecer, e as televisões, Correio da Manhã e a SIC...

Ana Paula Goulart de Andrade: Quase morreram (riso).

José Vestia: Quase ficaram, crucificaram o meu colega porque ele devia ter dado e que não sei que, não sei que. Mas por quê? Porque ele tem anos disto, porque se não tivesse, se fosse um rapazinho daqueles novos que andam aí ou sei lá, tinha dado o homem se fosse morrer ali em direto e eles davam um plano muito fechado, tava de voz, é, virado.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

José Vestia: E isso, há que ter, há que ter bom senso.

Ana Paula Goulart de Andrade: É lógico.

José Vestia: E quem...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem que ter experiência.

José Vestia: E, e ter experiência, sim. E não podemos fazer essas coisas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Só consegue fazer isso ao vivo dessa forma, ao vivo, em direto.

José Vestia: Sim, ah, pois, sim, claro. Porque, é, é, essa é outra questão que é quando nós trabalhamos em direto e quando ele disse que no telejornal (inint) 26:26 está há muitos anos, quem trabalha em direto tem uma, tem que ter um cuidado e uma responsabilidade muito grande que está, é, as coisas não podem parar...

Ana Paula Goulart de Andrade: Interferir.

José Vestia: Não se pode parar e dizer: "Afinal, não ficou bem, vamos voltar atrás e fazer de novo." Não, não. Aqui ó, é em direto, quando se faz, tem que ser bem-feito. Porque não há segunda oportunidade. E, e quem está muitas vezes é, às frias, aos comandos, não percebe isso. Não percebe que as pessoas que estão aos comandos nesses programas de live, é, tem às vezes, tem que ter ali alguma...

Ana Paula Goulart de Andrade: Bom senso, né.

José Vestia: Sim, e tem que ter uns (quilos) 27:08 muitos importantes, porque senão o limite para dar barracada é muito grande. Aquilo passa-se ali, do oito ou oitenta é menos nada. E a tevê e o enquadramento têm esse problema que eles, pra eles aquilo é, é simpático.

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai embora.

José Vestia: Eu acho que eles às vezes nem, nem conseguem se ver bem o que que eles tão a fazer.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, m... é, é, é verdade. Eu vi um pessoal mais novo também, que, que não tem oportunidade de ter equipe. Que aqui assim, a gente vê até uma renovação de quadros, né, pessoas mais jovens e tal, mas que são amparados pelos mais velhos.

José Vestia: Sim, porque eles, a maior parte dos miúdos mais novos é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem sociedade.

José Vestia: São, são muito ainda (emberbos) 27:45, não é. E a gente sabe que tem que ter ali, está como em tudo, é como os filhos, não é.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso.

José Vestia: Tem que tá sempre ali com a mão atrás pra os amparar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pra amparando. É, exato.

José Vestia: Porque senão eles podem cometer, é, uns deslizes.

Ana Paula Goulart de Andrade: E a última pergunta. É, como é que você acha, talvez não tenha resposta, mas enfim, que o telejornalismo, né, que a gente tá falando aqui, vai tá daqui a uns dez anos, ou como é que você imagina, o que você gostaria (riso) que estivesse daqui a uns dez anos. Ou seja, o que que vem a seguir na tevê?

José Vestia: Pois é, pergunta que toda a gente faz e não...

Ana Paula Goulart de Andrade: É porque assim, a gente não se perguntava, sei lá, há menos de dez, há dois anos, como estaria hoje, né. E como é que vai estar, assim.

José Vestia: Sim, eu como já andei, como já tive dez anos antes e agora tô nesta, trinta e poucos anos e agora estou aqui, não pe, eu sou do tempo em que os jornalistas não sabiam mexer nos computadores, que não havia os computadores como a gente usa, olha pra eles hoje, não havia, é, é, eu sou do tempo em que o pivô do telejornal tinha uma pessoal lá fazendo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Fazendo conta.

José Vestia: Tava a ter o teste, que ele não sabia mexer no, no, no computador e no teclado, ele (bitava) 28:50 os pivôs e essa pessoa escrevia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu sou só do tempo que eu tinha que fazer conta no papel.

José Vestia: Pois é, era, era uma questão que chamava e (inint) 28:57, tanto, é, e sou do tempo em que só na, na redação só um ou dois computadores tinham acesso à internet.

Ana Paula Goulart de Andrade: Meu Deus.

José Vestia: E nós tínhamos que entrar pra pedir licença aos chefes se podíamos ir um bocadinho à internet. A internet...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que lugar é esse? (riso).

José Vestia: (inint) 29:15 foi há vinte e tal anos, tanto imagin...eu quando geralmente eu conto isso, a pessoa...olha, sei lá, assim, era né, só havia dois computadores na redação com internet, que eram dos chefes e nós quando queríamos dizíamos (inint) 29:30 só um bocadinho pra ver como é que, é, eu acho que o futuro é sempre desafiante, né. É, mas eu acho que a tecnologia é o melhor, o melhor aliado do jornalismo. Que eu acho que quanto mais tecnologia nós tivermos, mais, se calhar, podemos, é, como eu costumo dizer, inventar formas de ilustrar ao público como se pode fazer bom jornalismo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas a tecnologia, ela tá, na verdade, é, alfinetando ali o telejornalismo, né.

José Vestia: Sim. Por exemplo, as pessoas hoje em dia gostam muito das séries, né. Elas, é, séries têm um peso...

Ana Paula Goulart de Andrade: Netflix...

José Vestia: Têm um peso muito grande na vida das pessoas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Storytelling, né.

José Vestia: É, sim, é. Antes tinha aquelas novelas, hoje em dia são as séries. E toda a gente gosta de ver, por exemplo, CSI quando eles fazem aquelas coisas naquela, naquelas quadras virtuais, onde que é o filme do Minority Report, e eu tenho o sonho de um dia poder...

Ana Paula Goulart de Andrade: É?

José Vestia: Fazer o telejornal com um pivô que se levante e tem aquelas coisas à frente que...quer dizer, e eu acho que isso é, pra quem está em casa vai encher muito o olho, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: É também uma forma de não se deixar não se desafiar, né, estar em movimento.

José Vestia: Sim, e, e outra coisa que a gente não falou ainda que é, as pessoas esquecem sempre, e aqui nesta empresa também há isso, que todos aqueles que trabalham aqui, uns jornalistas e outros que não são, são potenciais repórteres também vídeo amadores quando estão fora, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

José Vestia: Eu próprio já fiz vídeos de incêndios e de cheias quando estou, quando não estou a trabalhar e mandar pra aqui e depois abrir os telejornais e ensinei. Portanto, eu acho que cada vez mais o peso da, do peso como a CNN tem, o iReport, enfim, é cada vez melhor, portanto, cada vez, quando há mais pessoas hoje em dia com uma câmera e, e isso também é bom por um lado e também pode ser mal, que é...

Ana Paula Goulart de Andrade: É mais democrático.

José Vestia: (inint) 31:22 testemunhar e assim. Agora, é, eu acho que isso faz com que as pessoas, se calhar, comportem também, de outra forma, porque sabem que qualquer ato (inint) 31:34 pode estar a ser captado e pode ter uma dimensão...

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito maior.

José Vestia: Muito maior. E, e eu acho que cada vez mais o peso daqui a dez anos, se calhar...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas isso não precisa necessariamente passar pela televisão, apesar da televisão ter um poder de penetração muito maior, porque isso pode ser nas redes sociais.

José Vestia: Sim, mas, mas eu acho que é como aqui na RTP, nós só percebemos o peso da televisão quando acontece um acontecimento grande, gigante.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque a credibilidade ainda tá ali no grande ecran.

José Vestia: Exatamente, porque nós vamos de fato, é como eu lhe digo, nós vamos ao imediato, ao Twitter, ver se há um vídeo, se há uma fotografia. Mas depois nós queremos e só descansamos quando vemos o pivô do telejornal...

Ana Paula Goulart de Andrade: É como se desse um carimbo, né.

José Vestia: Exatamente. E isto de fato aconteceu, a gente sabe que isto é assim e acreditem que nós tamos a dizer que isto é mesmo assim. É como se o, é, daq...daqui a dois dias o mundo fosse acabar, e nós só acreditávamos que o mundo ia acabar se o pivô dissesse que o mundo ia mesmo acabar. Porque até lá, se calhar, nós távamos: "Ah, pode ser mentira, se calhar é fake news." Agora, se o pivô do telejornal às oito da noite dissesse: "Daqui a dois dias o mundo acaba", aí nós acreditávamos que, se calhar, ia mesmo acontecer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem a ver com a credibilidade, com...

José Vestia: Exatamente. E isso, a credibilidade, é uma coisa que não se consegue de um dia pro outro, como em tudo na vida, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lógico.

José Vestia: Mas eu acho que a televisão há de se ter sempre esse peso. Por muito a internet que existe, por muito as redes sociais que existem, porque, por exemplo, nós vemos mais longe, o Facebook tinha um peso que hoje em dia também já não tem. Daqui um ano ou dois ou três ou cinco, o Facebook era uma coisa. Agora, como agente de comunicação, acho que o Twitter funciona melhor, e já não é d'agora, já tem essa, essa história do, do avião que amarou já tem praí dez anos já nisso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito.

José Vestia: E isso é, agora, infelizmente, nós aqui, é, não sei como é que é lá no Brasil, eu acho que os, os pivôs, como a gente os conhece de tarem sentados e, e esse tempo já acabou. E eu acho que aqui na RTP, tirando dois ou três casos, eu acho que as outras pessoas já perceberam que tem que ir pra frente. Porque aqui há muito, aqui na, na televisão, em Portugal, a ideia de que só é o pivô quem está sentado com a mesa, (inint) 34:03...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como se fosse uma extensão do próprio.

José Vestia: É, sim. Só, só se tem peso se tiver ali sentado à mesa. Se não tiver sentado, não tem peso, que eu acho que tá errado. Eu acho que isso, as pessoas têm que perceber que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem a ver com a linguagem contemporânea também, né.

José Vestia: Sim, porque a mesa, é óbvio que a mesa serve pra defender as pessoas né, se a pessoa for gorda, se não tiver uma perna ou se, eu já fiz entrevistas, há pessoas em cadeiras de rodas e é óbvio que é um cado redutor, não é? Fica logo ali um bocado diminuído. Se tiver uma mesa, já não é. Eu já fiz com uma mesa uma pessoa com cadeira de rodas (inint) 31:38, né tá lá escondida, sem a mesa já não é assim, já tá a ficar descoberto. Agora, tem tudo a ver com aquilo que a gente quer, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito. Eu preciso só tirar uma foto pra registrar que eu estive com você.

José Vestia: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: É, tudo...

Marcia Rodrigues – partes 1 e 2

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Marcia Rodrigues

TEMPO DE GRAVAÇÃO

02 minutos e 27 segundos

23 minutos e 22 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Que vai, enfim, de acordo com o que você vai respondendo, é uma conversa, é um bate-papo. Então a sua apresentação, seu cargo e sua função.

Marcia Rodrigues: É, Márcia Rodrigues, eu agora sou editora de política internacional.

Ana Paula Goulart de Andrade: A segunda pergunta é um pouquinho ampla, eu sei, mas um pouquinho da sua trajetória até aqui.

Marcia Rodrigues: Eu já fiz tudo. Já fiz, é, tudo que tem a ver com, com informação, portanto eu já fiz grande reportagem, documentários pequena e média reportagem, diários e não diários, fui apresentadora de programas diários, jornais diários e de informação não diária, de missões especiais, fui enviada especial a...sessenta e quatro países.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa. É, o meu trabalho passa um pouco pelas novas tecnologias, né, de que forma, é/

Marcia Rodrigues: E correspondente em Washington também há sete anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que a RTP trabalha com a questão das novas tecnologias, sobretudo na apuração. Eu analisei dez anos de, de, de programa,

uma distância de dez anos, portanto programas de 2009 e o que que você acha que mudou de lá pra cá?

Marcia Rodrigues: Novas tecnologias, como é que trabalhamos as novas tecnologias?

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) 01:08.

Marcia Rodrigues: Mudou tudo, não é? Mudou tudo aqui. Há dez anos a internet não era o que é hoje, não era uma fonte de informação. Não é que a internet seja uma fonte de informação, a fonte de informação são os jornais e as plataformas digitais dos grandes sites de informação que já existiam antes da internet, e antes das redes sociais, e que depois, é, são propagados de, de uma forma muito mais fácil. A verdade é que o acesso é mais fácil. Acho que devo dizer impossível, é (pausa curta), aceder, por exemplo, eu dou um exemplo só da imprensa europeia, tá? Ou das cadeias de televisão europeias. Antes era impossível saber o que que, é, a não ser, que estivéssemos com o écran ligado, é, e não tínhamos acesso em Portugal, e isso, é, há dez anos já tínhamos, mas há vinte não tínhamos. Saber exatamente o que que a BBC estava lá ou a televisão francesa ou italiana ou o Euronews, ou, ao mesmo tempo, ou a CNN ou qualquer outra cadeia do mundo ao mesmo tempo, e se não existia, é, portanto nós não tínhamos o espelho e a reflexão daquilo que todas as outras, é, instâncias estavam a dar. Tenho que...desculpa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, pode interromper sem problemas.

(pausa) [00:02:16] – [00:02:26]

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: ...do que que é de divulgação de notícias no mundo, que não era possível termos, e portanto, vai sempre a ter o, os jornais e a informação, tinha que subscrever, tinha que assinar o New York Times, não ia chegar não sei vinte e quatro horas depois ao aeroporto, e depois é que ia levantar, e depois que ia cá chegar, por exemplo, não é? Toda essa informação, acesso a todas

essas redações, é, não existia, não existia. Tanto é, a tecnologia o que vai fazer é, revela-nos muito mais do que que todas as redações do mundo, as mais importantes, estão a fazer e a publicar neste momento, é, e dar-nos uma visão muito maior, porque essa gente toda, a BBC ou seja quem for tem repórteres e correspondentes em sítios em que a RTP não tem, né, a RTP ou nenhuma televisão do Brasil, ou (inint) [00:00:52].

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Marcia Rodrigues: É, literalmente em, em cinco continentes, literalmente hoje podes ir às capitais mais importantes do mundo, e, portanto, nós temos uma capacidade de aceder à realidade que antes não tínhamos, quer dizer, não tínhamos, portanto o mundo é completamente diferente no plano da informação. Eu só tô falando da perspectiva do jornalista, quer dizer, o público também, mas o público tem mais dificuldade a ir às fontes diretas de informação credível, não aquelas que nós consideramos credíveis, é, buscar a informação, não é? Portanto, não tem conhecimentos pra ir aos sítios, informar-se de uma forma credível e objetiva, recebe aquilo que eles dão através das redes sociais, através de outra coisa qualquer ou, te consome de uma forma mais ou menos aleatória. Pode até tortura faz sozinho, (inint) [00:01:43] tem vida própria, agora, agora que foi o fim. Não consigo enxergar a, a coisa, né. Olha, a tecnologia (inint) [00:01:53] a dependência é tão grande...

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Marcia Rodrigues: Basicamente é isto, a dependência é tão grande ficamos um bocado embaralhados, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse meio/

Marcia Rodrigues: Eu acho que é mesmo um grande sinal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nesse, nesse universo, né, que a gente tem cada vez mais possibilidades de informação a serem noticiad...transformadas em notícia.

Tá mais difícil ou tá mais fácil ser jornalista? O ponto tecnológico me parece abreviar mais a perspectiva tecnológica...

Marcia Rodrigues: Não, é mais difícil no sentido em que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sobretudo jovens, né, que hoje...

Marcia Rodrigues: É mais difícil e não é. É mais difícil se forem mal treinados, não é mais dif...não é mal...não é mais difícil se forem bem treinados. É...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:02:30]

Marcia Rodrigues: Reflexão, as regras básicas do jornalismo. As regras básicas do jornalismo são muito simples, muito antigas, tem por aí duzentos anos pelo menos, não é? Tal como entendemos hoje. É, e, portanto, não é mais difícil, porque eles podem ir a uma, duas, três, quatro, cinco fontes consideradas credíveis, é, ver se aquela notícia é a mesma, se, é, e ver uma notícia o menos editoriazada possível, e tenham onde ir, é, de forma que nós tínhamos dificuldade, é, em ter, portanto, é mais fácil a vida deles. Há mais coisas, mas se eles forem bem treinados, sabem exatamente o que é a diferença entre opinião e fatos e, onde é...e, e quem é que prod...e quem é quem internacionalmente conhecido por, por propagar opinião mais critiz...criteriosa possível, e, portanto, eles têm uma facilidade muito maior ao fim de dez minutos de fazer uma notícia bem feita e sem erros e sem grande background, que é outra coisa que hoje existe que antes não existia. Eu lembro, que nós começamos há bem mais de dez, há quinze anos, você imagine, tinha que fazer um dossiê sobre uma história enquanto a (inint) [00:03:38] tá a fazer, né, a abertura dos arquivos do Papa Pio XII no Vaticano, se tinha que ir a um piso tipo biblioteca com acesso a documentalistas que tinham que entrar em microfilmes à procura de todos os artigos que tivessem sido foto...fotografados, e que tivesse a ver com essa, com esse assunto. O que ia demorar pra aí umas quatro a cinco horas e tinha que haver muita gente disponível pra fazer isso e na altura havia, é, e depois iam lhe dar uma pilha de fotocópias sobre esse assunto e ali ia demorar talvez dois dias pra fazer a notícia, é, ou então ia ter que se remeter a apenas às três ou quatro linhas de informação base do telex que tinham vindo do Vaticano. E hoje não, não é? E hoje

entra em três ou quatro sites, incluindo do Vaticano, pode entrar nos arquivos, pode entrar, é, em três ou quatro, é, a órgãos de informação que sigam criteriosamente a Igreja Católica e que não são da igreja, que são independentes, pode ir e tudo e ao fim de uma hora, duas horas, tem uma pesquisa, é, rigorosíssima sobre a história toda da classificação dos arquivos do Vaticano. Em vez de ser dois dias, são duas horas. Portanto, a tecnologia de fato, é, ao contrário daquilo que a maior parte das pessoas diz, é, não, não dispersa, só dispersa se você não souber ao que que anda, se você não tiver, se os seus professores da faculdade não tiverem explicado como é que se faz uma notícia, quais são os critérios pra fazer uma notícia e como é que se procura o background de uma notícia. É, porque acho que estamos a falar de jornalistas, não é? Se estivermos a falar do povo em geral, seria uma história completamente diferente. É, mas nós não somos o povo em geral, tivemos treino para, pra saber fazer uma seleção e para saber referenciar uma notícia e pra saber o que que é informação limpa ou informação contaminada ou por opinião ou por, ou por outras agendas quaisquer que existam mais ou menos ocultas na divulgação de um assunto, ou pelas empresas de, de agenciamento que, que, que (inint) [00:05:36] e nós chamamos em Portugal as empresas de comunicação que são pagas justamente para venderem aos jornalistas ou pra darem aos jornalistas os press releases lá com aquilo que querem que seja noticiado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Marcia Rodrigues: Pronto, tudo isso existe, tudo isso sempre existiu. Agora os jornalistas são treinados nas escolas e nas universidades justamente pra saberem como é que tem que lidar com essas situações e pra não ser, e pra saber como é que não devem ser instrumentalizados, que é mais ou menos já, o que hoje é mais fácil do que era lá. Acho justamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É mais fácil, é...

Marcia Rodrigues: Ué, tem que ser mais, tem que ter uma formação muito...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:06:10] em dois dias, então, mas tem uma pressão maior pra dar aquela informação também.

Marcia Rodrigues: A pressão é muito maior porque toda a gente...

Ana Paula Goulart de Andrade: Exige mais literacia, mais competência...

Marcia Rodrigues: É, não, a pressão é maior porque, porque as cadeias de notícias proliferaram nos últimos anos e isso não existia, e portanto hoje em dia existe por todo lado cadeias que são de notícias vinte e quatro horas por dia, e portanto toda hora tem que estar a obter a informação toda que chega, e portanto é preciso ser cada vez mais focado, mais rigoroso, justamente pra pressão do tempo, então já está, já tens imagens, já tens o texto, já tens o (inint) 06:48...

Ana Paula Goulart de Andrade: A tomada de decisão.

Marcia Rodrigues: É, para isso não fazer com que a pessoa dê erros, mas é justamente por isso que os jornalistas são, é, treinados, pra saber qual é o limite entre, ainda não sei se postaram esta notícia e já posso dar esta notícia, não é? E, e, e pronto. Mais ou menos verificar, será que aconteceu, será que não, será que (inint) [00:07:09], será que não. Essa pressão existe, essa pressão é grande, mas quer dizer, os jornalistas têm sempre que, é conseguir dizer, seja um de base ou seja um topo, tem sempre que dizer ainda não tive tempo pra ler o suficiente sobre esta informação para poder fazer mais do que quinze segundos, não é? Ou para...

Ana Paula Goulart de Andrade: É um mediador daquela notícia com a credibilidade.

Marcia Rodrigues: Exatamente, ele vai dizer tem que ver o que é isto, que isto quer dizer, quais são as consequências disto para...uma das coisas por exemplo que agora existe e que não existia são grandes bancos de dados (inint) [00:07:40] dos órgãos de comunicação social com os backgrounds de cada notícia, né? Por exemplo, se uma pessoa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Os próprios algoritmos...

Marcia Rodrigues: Fizer aquela notícia, e aquilo, aquilo vai pra trás, e vai dizer que é pro Vaticano fazer semana passada, e o que que o Vaticano há dez anos disse sobre esses artigos, então tem link de link de link.

Ana Paula Goulart de Andrade: Likes e...

Marcia Rodrigues: E, portanto, é muito fácil a pessoa aceder ao início da história ou ter um contexto muito melhor sobre a história, tanto eu acho que a tecnologia que exerce pressão, que às vezes parece uma coisa esmagadora, e que o mais difícil é uma pessoa, é como, é como navegar, é, imagino que é como uma nave espacial navegar, aquelas coisas que nós vemos nos filmes de ficção científica, um imenso buraco negro da galáxia, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Marcia Rodrigues: Ou no mais fácil ele leva a pessoa pra esquerda, pra direita, e aí quer dizer, mas o piloto da nave sabe como é que tem que manter, não é? As diretivas lá, ou...

Ana Paula Goulart de Andrade: É o velho bom jornalismo.

Marcia Rodrigues: É o... pronto, exato. E como é que se fazer, como é que não se faz, e, portanto, e sabendo isso vai fazer a sua rota e vai chegar ao seu destino apesar de, de sentir essa angústia que existe.

Ana Paula Goulart de Andrade: A gente tem.

Marcia Rodrigues: E que é muito grande de opção primeiro do tempo depois dos outros já deram porque é sempre competição, porque depois todo o clima é em competição, e todo o clima é em, mas a afirmação dos alunos de Comunicação Social fazem-se muito, é, hoje em dia, porque eu acho que (é por dois) [00:09:00] critérios, que é o critério de fazer a notícia, é, como ela, não entender, tem que ser feita, e o critério de achar que o mais importante é ver muitas pessoas a ver a notícia que eu fiz.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jornalismo negócio.

Marcia Rodrigues: Jornalismo negócio, jornalismo entertainment, jornalis...quer dizer, nós somos, nós somos entertainment, (inint) [00:09:17] atores ou... em dizer, pra o teatro, pra o cinema e, e pra show e pra palco e tal, e assim é um grande negócio, e um grande negócio das televisões, sem dúvida, mas, mas não é um negócio jornalista, jornalista não são nada disso, não é? E, e as pessoas (inint) [00:09:33] sempre isso, as pessoas em casa sentem sempre, mesmo que não tenha o, o, o que eu (percepcionei) [00:09:39] muito isso, mesmo quando as pessoas não têm grandes conhecimentos ou grande literacia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Marcia Rodrigues: As pessoas têm sempre uma ideia de quem é que lhes está a vender o gato por lebre ou não, e eu acho que isto existe entre as pessoas, acho que isto existe. E acho que como a história das notícias falsas, que sempre existiram.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sempre.

Marcia Rodrigues: Não tem novidade nenhuma.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:10:00]

Marcia Rodrigues: O que tem é que estamos n'outra era e, portanto, numa outra era, as coisas fazem-se de outra maneira, quer dizer, é notícia falsa (como) [00:10:05] os protocolos de Sião.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Marcia Rodrigues: Ah, correr o mundo inteiro, divulgar por todo lado, era o protocolo da grande conspiração, os judeus iam tomar conta do mundo, iam destruir e destruir a civilização. É o protocolo de Sião, põe-se o protocolo de Sião, né, que é o pico do (inint) [00:10:20] da notícia falsa. Só foi enganado quem quis que ser

enganado, só acreditou naquilo quem quis acreditar, é, só foi e enrolado quis ser enrolado, bem sempre existiu notícia falsa, desde (inint) [00:10:30] que há investigadores, não é, que contou as histórias de como é que se propagava e que é sempre a mesma coisa também, só vai quem quer, não é? Porque a maior parte das pessoas, é, mesmo não tendo, normalmente tem mais ou menos a noção do que que é aquela coisa muito espetacular, aquela coisa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito sedutora, muito fácil.

Marcia Rodrigues: Muito sedutora. É sempre aquela coisa diferente, como nós dizemos em Portugal, é, qualquer pobre sabe distinguir o conto do vigário.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Marcia Rodrigues: Não, é o que faz sentido, não é, nas pessoas quando, quando percebem que, ah, trabalhar muito isso, agora um negócio, né, muito competitivo, a televisão é um dos negócios mais caros que há, muito mais caro que a imprensa, não quer dizer que um grande jornal não seja uma coisa (brutalmente) [00:11:16] cara, claro que é, é, porque um bom repórter, um repórter muito bem treinado como diz o New York Times, custa uma (inint) [00:11:24] fortuna, é, mas, quer dizer, depois é isso que produz uma informação referencial e diferente. No fim da linha, as pessoas têm de decidir o que que querem ser, às vezes não podem ser, mas isso já é nível (inint) [00:11:38] das administrações e, e do tipo de negócio que é, quer dizer, pra televisão, mais televisões públicas. Não só em Portugal, mas da Europa toda, o padrão é o outro né, não é bem o padrão... não é o padrão do negócio, portanto uma fonte orçamental, que o Estado, no caso Portugal é uma taxa que vem diretamente dos contribuintes, não... já não vem direto pro orçamento do Estado, mas pronto, é uma coisa que toda a gente há de pagar, e portanto é uma fonte de financiamento que permite não sair do limite, não é? E isso é caro, não sair do limite é caro porque é fácil fazer coisas que, não, não tô a dizer que não requerem alguma ciência, tô a dizer que é mais fácil do que fazer aquela informação mais...

Ana Paula Goulart de Andrade: A inform...a notícia pela notícia.

Marcia Rodrigues: A notícia pela notícia. É sempre mais caro. A notícia pela notícia é sempre mais caro. Porque justamente que é preciso tempo, treino, pessoas que saibam como é que se faz e isso tudo requer...

Ana Paula Goulart de Andrade: Capital humano.

Marcia Rodrigues: Capital humano que demora muito tempo a treinar e, pronto, e que demora muito tempo a treinar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Por fim, uma última notícia...uma última notícia (riso), uma última pergunta. Na verdade, é, com a presença do online, é, como você imagina que a televisão vai estar daqui a dez anos? Assim, qual o papel, a televisão hoje tá no celular, os jovens veem pouco/

Marcia Rodrigues: É mais fácil, é cada vez mais. Não, eu acho que veem muito. Acho que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Muito? Você acha que os jovens...

Marcia Rodrigues: Veem n'outras plataformas, veem muito.

Ana Paula Goulart de Andrade: Informação.

Marcia Rodrigues: É muito, veem muita informação, (inint) [00:13:05] jeito. Eu, é, eu vou lhe dar um exemplo. Eu, é, vivi nos Estados Unidos, onde há dez anos já toda a gente andava, ficava no telemóvel ali no smartphone e tinham grandes acidentes nas passadeiras porque é onde que as pessoas já não olham pra lado nenhum, uma pessoa entra no metrô, onde eu andava todos os dias, não é uma pessoa que olha, que cruza o olhar (inint) [00:13:23].

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:13:23] olha pro outro.

Marcia Rodrigues: Toda a gente tem um écran e tá completamente, toda a sua vida tá a ficar dentro do écran. A família, os amigos, o trabalho, os (inint) [00:13:31], tá tudo dentro d'um écran, pronto. Isso não tem nada de bom, nem nada de mal, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

Marcia Rodrigues: É a evolução das sociedades ocidentais. Mas pra eu lhe dizer que as pessoas tinham muita, viam a CNN no smartphone ou viam a Fox ou a NBC, a televisão que eles gostam no smartphone, e viam os programas de televisão nos smartphones. E viam, viam a hora que era quando chegam a casa, já não era essa coisa de (prime) [00:13:54] time, é, as televisões tão lá e os programas dão a determinada hora, cada vez mais as pessoas, por exemplo, ali é uma coisa muito maciça, vê-se em larga escala, não é? Porque já toda a gente tem um smartphone, toda a gente tem. E, portanto, contando o que ainda acontece em Portugal, que são uma classe mais favorecida, que pode ter um (slow) [00:14:14] smartphone, isso na América já tá tudo ultrapassado. E, portanto, o que acontece é que as pessoas informam, se as pessoas não acreditam a falar do programa ontem à noite na Fox News na televisão, só que viram de outra forma, n'outra plataforma...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:14:26] televisão (inint) [00:14:27].

Marcia Rodrigues: No seu prime, no seu prime time pessoal, que é isso que permite o digital, não é? É colocar tudo online, informação escrita, fotografada, os programas de televisão, os...o tudo e mais alguma coisa, (os boatos e tudo) [00:14:37] e tá tudo naquela plataforma e eu vou chegar à plataforma à hora do meu prime time pessoal, pode não ser às oito, pode ser às onze, à meia noite ou pra quem tem criança, espera as crianças estarem a dormir porque não tem antes de fazer o jantar, pronto. Isso é que a tecnologia permitiu, que as pessoas não têm que ir a correr pra casa pra ver aquela coisa na televisão, que é, que é um objeto que tá numa dimensão...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vem de lá pra cá. É daqui pra lá também, eu decido.

Marcia Rodrigues: (inint) [00:15:02], exato, não, ele tá por parte, ele tem em todo lado, quer dizer que as pessoas tenham muito mais facilidade de aceder. Não, portanto a televisão não vai (inint) [00:15:09] porque é um vídeo, né, são as pessoas a dar notícias e os contextos e explicações e fica tudo em plataformas mais simples, e passa por aí, passa sempre passa a mobilidade e, e por facilitar, e por facilitar a vida das pessoas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Consumo, né?

Marcia Rodrigues: Consumo, as pessoas precisam é de ter acesso àquilo em qualquer situação onde estão e tenham tempo, vou fazer uma viagem de comboio pra o trabalho, tenho três horas, pronto e naquelas três horas que vão ver, aquilo que entenderem, entram no YouTube, no YouTube também tão os sites todos de informação. Toda a gente, portanto, seja de, das, das coisas referenciais ou do que, também tá tudo em todo lado. O que facilita muito isso uma vida, e por exemplo, e as pessoas são informadas, as pessoas não são menos informadas porque já não tão ali a olhar pra televisão que tá parada no meio da sala, não. São mais informadas. E este programa tem mais audiência, e depois guarda o digital, pois vão lá ver se as entradas foram feitas através desse smartphone.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

Marcia Rodrigues: Ou de laptop ou de outra coisa qualquer que fica lá registrado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Com a plataforma.

Marcia Rodrigues: Com a plataforma e muito mais o futuro porque eu acho que vai tudo entrar por ali e haverá estúdios de televisão a gravarem aquilo pra ali, não é, e depois só emite, tal como nós conhecemos, já foi, não é? Já foi.

Ana Paula Goulart de Andrade: Já não está mais, né? (riso).

Marcia Rodrigues: Mas as pessoas estão cada vez mais dependentes das pessoas que lhe dão notícias e que lhe explicam o contexto das coisas, nem houve nenhuma

diminuição nisso. E é engraçado que eu acho que a grande história que eu assisti enquanto jornalista e também enquanto cidadã. Tem praí há uns dez anos, surgiu aquela coisa muito nova do cidadão repórter, toda a gente entrou muito naquilo do cidadão repórter, pois que o caso da tecnologia, pois a gente agora tem um fone e toda a gente é repórter.

Ana Paula Goulart de Andrade: Desde a Web 2.0, eu posso emitir, fazer circular.

Marcia Rodrigues: E o web e tal, e eu filmar e, é, (inint) [00:17:00] e eu estava lá, e olha sou eu, o cidadão repórter, né. E houve um grande (inint) [00:17:06] em que o cidadão repórter, mas a verdade é que isso tudo esbrugou, esbrugou porque as pessoas não queriam saber de cidadão repórter pra nada e até hoje não houve nenhuma notícia, nenhuma que se tivesse tornado viral, e quem estuda isso (inint) [00:17:25] notícias, história da (inint) [00:17:26] notícias, já entrevistei alguns (inint) [00:17:29] na América sobre isso, que tem tese de doutoramento sobre isso, não houve até hoje uma grande notícia que se tivesse tornado viral e que não tivesse sido pegada e retrabalhada por nenhum grande órgão de comunicação social do mundo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma mediação pela credibilidade.

Marcia Rodrigues: É, porque...

Ana Paula Goulart de Andrade: E pelo saber jornalístico.

Marcia Rodrigues: (inint) [00:17:45] vira repórter e tal e, pois, esta história pode durar cinco minutos, mas se não for catapultada por um grande meio de comunicação que é tradicional, mas tá nas plataformas, é, da modernidade se quiser, nunca se torna viral, nunca.

Ana Paula Goulart de Andrade: Verdade.

Marcia Rodrigues: Né? Tanto isso é aquilo que nos diz já a análise dos fatos, tanto aquela coisa do que, porque é o colega que monta, mesmo a pessoa seguindo

literacia, perceber-se o quanto é viral, por que que acontece, os jornalistas são treinados para presenciar essa mesma situação e distanciarem-se da situação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim.

Marcia Rodrigues: E serem meramente observadores. E saberem perceber ou tentar perceber naquela mesma história o que que a polícia ou o que que a vítima da polícia ou o que que ao contrário tentaram fazer ou disseram, quantas televisar. Portanto, todo esse treino pra atuar num instante como esse, e dizer não sabemos se foi bem assim ou talvez, peráí porque daquele lado não estamos a ver ou pronto. Tem esse treino automático de ver a mesma situação com o olho que o cidadão que não é treinado não sabe selecionar. Ou olhar pra realidade com todos esses checksand balances, né e, portanto, e, e as pessoas sentem isso. E como sentem isso? É, e pode ter aparecido vídeo e tal e, ah, passou. Agora, se alguém pegar isso por considerar que está ali uma notícia nas grandes redações e puser online nos chats, aí vira viral. Aí sim é uma coisa viral, aí sim é uma grande notícia, esta não é.

Ana Paula Goulart de Andrade: Muitas, é... (inint) [00:13:19]

Marcia Rodrigues: E alguém pega naquilo e diz vamos agora selecionar quantas atualizar e explicar o que que aconteceu com este vídeo e dizer quem é que fez e por que, não é? E tudo é ah, pronto, não. Nunca aconteceu ao contrário e há uma razão, é porque as pessoas, é, primeiro porque sempre houve essa confusão de que toda a gente sabia o que que era uma notícia.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Marcia Rodrigues: (riso). Segundo, que sempre houve um (inint) [00:19:39] sem que as pessoas tenham noção, tenham noção. E, pois, no triunfo normalmente ingressava em Nova York, eu fiz uma, uma reportagem sobre isso em que a Universidade Columbia, é, pegou, é, todas as notícias falsas. Assim como as notícias falsas estavam a ser propagadas nesse dia na internet nessas redes todas, todas as coisas duravam vinte e quatro horas e caíam, ou quarenta e oito no máximo,

e printam, printam num quiosque, printam no (inint) [00:20:05] printam. E aquilo como se fosse com, com, com, com o lettering do New York Times e da Time e de não sei que da news (inint) [00:20:13] e daquilo tudo e printam, e as pessoas passavam as notícias mais inacreditáveis. E era, e eu não me esqueço de uma, que uma das notícias era sobre atores de Hollywood drogam-se com sangue de bebê.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Marcia Rodrigues: E aquilo é muito engraçado porque assim mesmo a notícia propagou durante a Idade Média, não é, é a mesma coisa, bebem o sangue dos bebês, é uma coisa, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Primitiva.

Marcia Rodrigues: Não, é uma coisa remota, primitiva, uma coisa, muito engraçado como é que ainda, não é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vigora.

Marcia Rodrigues: Tudo aquilo vigora, tudo aquilo vigora vinte e quatro horas, não é? Depois tudo aquilo desaparece.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:20:44], efêmero.

Marcia Rodrigues: É, portanto, eu não acho que a tecnologia seja (inint) [00:20:51], e imagine quando saiu a, a imprensa e tudo, e Gutenberg, que descobriu a imprensa, quer dizer, que também deve ter sido uma pressão extraordinária...

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Marcia Rodrigues: Só pra não ter as letras, as letras na máquina. A maneira como aquilo, as matrizes, não é, das letras tinham que ser com aqueles blocos.

Ana Paula Goulart de Andrade: (Prensa móvel, não é) [00:21:08].

Marcia Rodrigues: Moldadas e, e coisa, como um puzzle para as letras que estavam escritas dar aquele (inint) [00:21:14] e tal, e numa pressão completamente de loucos, muito, né? Muito mais complicado, muito mais complicado.

Ana Paula Goulart de Andrade: Alguns, alguns, é, pesquisadores...

Marcia Rodrigues: Foi uma revolução muito maior que esta, se compararmos com (inint) [00:21:27] estava.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, com a velocidade que (inint) [00:21:29].

Marcia Rodrigues: E a mudança que aquilo imprimiu na sociedade, a maneira como aquilo impactou, é, de tal forma como sal, quer dizer, que nunca mais houve uma revolução na imprensa, nos media, que tivesse aquele impacto, né, impacto que quase como uma explosão do Big Bang, não é? E a partir dali é só evoluções daquilo que aconteceu naquele momento.

Ana Paula Goulart de Andrade: É verdade.

Marcia Rodrigues: Mais nada, mais nada. Pequenas, muito pequenas.

Ana Paula Goulart de Andrade: Alguns...

Marcia Rodrigues: É a formação, é a divulgação e é o layout e é de onde é que vamos ver (inint) [00:22:07].

Ana Paula Goulart de Andrade: Alguns pesquisadores brasileiros, sobretudo, é, indicam o jornalismo em crise. Eu prefiro jornalismo em transição, justamente porque eu partilho desse mesmo pensamento, eu acho que a gente é, é só mais uma...

Marcia Rodrigues: E que teve sempre em transição, sempre, porque...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem que estar, né, sempre. Porque nós não tamos parados.

Marcia Rodrigues: (inint) [00:22:28]. Os carros mudam, as máquinas de lavar são diferentes, já não fazem barulho, não é? Há quinze anos, as máquinas de lavar faziam um imenso barulho quando estava a lavar a roupa, agora a máquina de lavar é silenciosa, mas helicópteros de combate passam e ninguém ouve porque fazem ultrassom pelo que seria o vídeo, então por que que o jornalismo não ia mudar? Como, como tudo mudou, quando nós comemos, como nós dormimos, é, como nós nos vestimos, como nós comunicamos uns com os outros, como nós socializamos, mudou tudo. Mas isso não tem nada nem de assustador nem de excepcional. Não, a invenção da imprensa, aí sim que foi excepcional e, e absolutamente do outro planeta. Agora, foi quase como ter o homem na Lua. Ah, e isso mudou tudo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim (riso). Perfeito, pronto. MUITÍSSIMO obrigada. Vou só pedir pra tirar uma foto pra eu poder...

Natália Oliveira

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Natália Oliveira

TEMPO DE GRAVAÇÃO

23 minutos e 38 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas pode ficar à vontade, bem à vontade. Enfim, a apresentação, seu cargo e sua função.

Natália Oliveira: É... Eu chamo Natália Oliveira, sou jornalista da RTP. É... Neste momento, não estou a exercer funções de jornalista. Estou com planificação e organização, e estão, é... na direção da informação.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso, agora um pouquinho da sua trajetória, que cê já me contou aí no jornalismo só pra gente ter registrado.

Natália Oliveira: Bom, eu... até... até fiz o curso de Comunicação Social na Universidade Nova de Lisboa e... segui para fazer um estágio prático para aplicar aquilo que sabia, ao que tinha aprendido teoricamente na faculdade. E...

Ana Paula Goulart de Andrade: Você aprendeu mais aqui na RTP? (riso).

Natália Oliveira: E aprendi mais aqui, percebi que eu... naquela altura, nos anos 80, a parte teórica era muito teórica e quando se caía na real, era tudo muito diferente, não é? É... Portanto, eu custava-lhes uma ideia, é... intelectual, digamos assim, sobre a vida... sobre a vida e sobre... e sobre a sociedade, e sobre todo o resto, mas, depois, quando caímos aqui é a prática de escrever a notícia, de... eu fiz... é... Voltando um bocadinho atrás, portanto, eu vim pra RTP fazer um estágio. Fiquei, ficou cada... num programa infantil que se chamava Jornalinho, tava a... a começar na altura, e tratava-se de um programa que tinha a ver com... é... dar um... dar de uma forma explicativa e enquadrava as notícias às crianças e adolescentes. É... Ou seja, fazíamos uma reportagem que até podia ser com imagens que tinham sido captadas para uma notícia de telejornal, mas de uma forma explicativa. É... Se era Guerra do Iraque, por que era Guerra do Iraque? Por que... quem eram os muçulmanos? Quem eram os católicos? Quem eram... Portanto, explicávamos tudo isso. O programa foi mais alto na altura e foi crescendo, é... era composto por... três,

três, quatro jornalistas, tínhamos também um desenhador. (inint) [00:02:07] muito a participação das crianças através de desenhos com temas da semana ou aquilo que elas achassem pro bem. Por três anos e foi muito bom. É... A seguir, quando o programa acabou, eu não pertencia aos quadros da empresa e, portanto, eu estava para ir embora, mas fui convidada para ficar naquela produção de televisão ou para ficar ligada ao jornalismo, que era a área que tinha, que tava desenvolvendo à altura, não é? É... E fui convidada logo na semana seguinte, fui convidada para essas duas, é... funções, sendo que... é... acabei por ficar como jornalista e fui para o desporto, para área do desporto convidada pelo diretor da altura para a área do desporto e, portanto, vim da área do desporto como jornalista mulher, a primeira mulher (riso)...

Ana Paula Goulart de Andrade: Incrível.

Natália Oliveira: Na redação da RTP no desporto e... e a primeira pivô do desporto mulher. É... Foi interessante como experiência, não era bem a minha praia porque desporto... (inint) [00:03:07]. É... tive lá mais três anos, é... e depois desenvolvi mais a parte da minha, da minha... minha... é... de carreira profissional, digamos assim, na área de (inint) [00:03:23]. Portanto fui desafiada à agenda de informação, portanto, todos os acontecimentos chegam e como é que podem ser tratados e planeamento que também foi na altura pela minha chefe anterior, é... uma inovação, começou-se a fazer planeamento, ou seja, é... na agenda, as coisas chegavam e nós agendávamos pros dias, mas, para estarmos à frente dos outros, fazíamos um planeamento semanal e uma reunião semanal que permitia que o...o... o editor, os editores, soubessem que na próxima semana vai haver um Dia Mundial da Água, um evento não sei o que, e que pudessem logo pôr em campo a fazer reportagens para que nesse dia, porque é mais difícil fazer no dia, arranjar entrevistados, e portanto no dia a dia aquilo que está a acontecer, não é? E foi, e...

Ana Paula Goulart de Andrade: E foi há quanto tempo?

Natália Oliveira: Isso foi em 77. É... tive aí... desenvolvi a minha carreira profissional, minha vida profissional há muitos anos aí, depois, é... é que há... talvez dez anos, oito anos, é... fui convidada para editora-chefe da redação. Fui editora-

chefe, fui coordenadora de vários boletins, noticiários e boletins noticiosos, e vi que já tava um bocadinho cansada daquilo tudo (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Só...

Natália Oliveira: E... e fui convidada pela antiga direção, não esta, mas por outra para, é... organizar um pouco a direção de informação mais... porque nós temos uma empresa que é muito burocrática, muito administrativa, muito checada mesmo por fora, onde tudo tem que estar... muito... tem que... tem que cumprir as regras, né, pronto. E... e os diretores tão mais preocupados até com a parte dos conteúdos. É... e a forma... a forma a dar esses conteúdos, (inint) [00:05:10] com tarefas mais administrativas. Eu tinha a vantagem de estar cá há muitos anos e de conhecer toda a gente, saber os procedimentos todos da empresa e... portanto, o anterior diretor, que é o Paulo Dentinho, chamou-me para... para trabalhar junto com a direção e, pronto, e agora aqui continuo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Cá estou.

Natália Oliveira: (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Então, aí o meu trabalho também passa um pouquinho pelas tecnologias, né, pelas novas tecnologias, internet e tal...

Natália Oliveira: Claro, claro...

Ana Paula Goulart de Andrade Paula Goulart de Andrade: E pelo telejornalismo, é justamente esse ato, né, que a gente chama de capitalismo cognitivo...

Natália Oliveira: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade Paula Goulart de Andrade: Como é que hoje o indivíduo tem que ter essa atenção dividida, no caso a televisão ao vivo aí. É... Na RTP, como é que se é utilizado... a tecnologia a favor do jornalismo? O que que

mudou em dez anos, é... de 2009 a 2019, já que cê tem essa vasta experiência aí, o que que você acha que contribuiu e que de fato também, é... não contribuiu pra... pra o processo noticioso.

Natália Oliveira: Eu penso que... o aparecimento da... das televisões privadas em Portugal foi, deu um novo input à própria RTP, e ao, e aos noticiários da RTP. Ou seja, o planeamento que eu falei há pouco, que podia ser uma coisa até um bocadinho: "Ah, tá bem, vamos fazendo." Teve muito, passou a ter muito mais importância, não é? Porque há sempre a tentativa a dar antes do outro, a ter tudo, mais... melhor organizado de forma...

Ana Paula Goulart de Andrade Paula Goulart de Andrade: De uma forma melhor.

Natália Oliveira: Exatamente, e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Mais tempo.

Natália Oliveira: E enquanto estiver sozinha no mercado, estiver sozinho no mercado, eu não (inint) [00:06:36].

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Natália Oliveira: Agora, com o... o surgimento das privadas, das televisões privadas, (vê-se aqui da TV) [00:06:42], é... notou-se que tinha que haver mais organização, mais planeamento. É... depois, a nível tecnológico. Bom, é... O aparecimento das redes sociais foi, sem dúvida, aquilo que despertou a grande revolução, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Natália Oliveira: É... porque nós recebemos no nosso telemóvel assim que há uma notícia nova, em todos os telemóveis, e bip, e bip, e bip...

Ana Paula Goulart de Andrade: O tempo todo.

Natália Oliveira: O tempo todo. É... Eu lembro da minha experiência na agenda quando havia... quando acontecia alguma coisa, nós, as pessoas que trabalhavam na agenda, os jornalistas que trabalhavam na agenda, éramos nós que íamos à procura da notícia, hoje a notícia vem até nós, não é? Portanto, se, é... nós ouvimos, dava-se muito mais importância à rádio, nós só ouvíamos a rádio, não havia televisões, só havia a RTP, portanto, não havia os outros, não havia o olhar para o outro, não é? Portanto, nós... ouvíamos as rádios. As rádios eram de grande importância. As rádios tinham, normalmente, é... (pessoas a quem pagavam) [00:07:49], os cafés, Castelo Branco, Faro, e que se acontecia alguma coisa nessas... e tinha também ligação a rádios regionais, e quando acontecia alguma coisa, as rádios davam, as rádios eram a nossa...

Ana Paula Goulart de Andrade: Base.

Natália Oliveira: Informação, né, nossa base. É... e depois éramos nós que íamos à procura. Eu lembro muitas vezes de ouvir, por exemplo, "há um incêndio na Costa de Caparica", e não havia telemóveis na altura. E então como é que nós vamos checar esta informação? Porque não vamos mandar uma equipe pra Costa de Caparica, chegar lá e não haver nada. Ou... ou estarem a dizer que houve um incêndio, foi uma fogueira, mas já apagou. E eu lembro de muitas vezes andar na lista telefônica, nós chamávamos páginas amarelas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, lá no Brasil.

Natália Oliveira: À procura de um café ou...

Ana Paula Goulart de Andrade: Próximo.

Natália Oliveira: De um estabelecimento público da Costa da Caparica ou até, ou... qualquer que fosse o sítio, e ligar para os cafés e para as zonas públicas a perguntar. "Olhe, será que houve um incêndio? É verdade, onde é que é?" Então, nós íamos à procura da notícia, agora a notícia vem até nós, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Você não acha que falta um pouco isso, quer dizer, é... você checa, ok, a notícia, né, transborda.

Natália Oliveira: Falta. A notícia era mais checada do que hoje. Porque hoje, ao... ao recebermos o... o... o apito no telemóvel a dizer que, é... sei lá, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Há um incêndio, né.

Natália Oliveira: Há um incêndio mesmo, pode ser assim, que há um incêndio. É... nós vamos atrás dessa notícia e muitas vezes não há comprov... não há, é... não checamos, não... não... comprovamos que assim foi, não é? É... Porque há o imediatismo, tentar chegar antes dos outros, em tentar dar a notícia primeiro. E... e tem outro momento a lembrar, que ontem, por exemplo, no Facebook à noite, eu vou muito pouco ao Facebook, mas à noite gosto de estar ali na revista, até porque tem muitos jornais e coisa e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Incêndio em Benfica, né?

Natália Oliveira: N... não. E... e os jornais, os americanos, por exemplo, à noite é quando tão a...

Ana Paula Goulart de Andrade: É.

Natália Oliveira: E nós temos muito tempo útil antes de me deitar (inint) [00:09:56]. E de repente vejo um... uma amiga virtual que tinha colocado uma notícia que o Umberto Eco tinha morrido. E eu...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi isso também.

Natália Oliveira: Umberto Eco já morreu há...

Ana Paula Goulart de Andrade: Três anos, né?

Natália Oliveira: Não sei quantos anos, acho que não pode ser verdade. Então se outros como isto, eu abri a notícia que ela publicou, que era do jornal público, isto ficou na minha cabeça. Eu abri a notícia e a notícia dizia lá, a não sei quantos de abril de 2016. E eu pensei... as pessoas partilham automaticamente sem sequer chec... ler. Já nem é o checar, já nem é ligar para uma autoridade, ligar para o bombeiro, ligar para a polícia, não. É ler o que que estão a publi... o que que estão a partilhar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Curiosamente, uma amiga minha publicou a mesma coisa.

Natália Oliveira: E eu escrevi lá. Eu disse: "Atenção, esta notícia é de 2016." É só ler o que lá está. A informação está toda lá. Portanto, há esta tendência, eu quero ser a primeira a dar a notícia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Também pelo cidadão comum.

Natália Oliveira: E não só, e nem (sequer) [00:10:54] era jornalista, portanto, não estamos a falar já no plano de jornalistas, estamos a falar do cidadão comum. E o... e a problemática se o jornalista está (cheio) [00:11:01] atrás, do cidadão comum sem checar, sem ter a certeza do que que está a pôr. Que era tão simples, quando foi a ser tão simples como abrir a notícia e ver que aquilo era 2016, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: As redes sociais, é... nessa mesma perspectiva, né, a gente tem uma enxurrada de possibilidades, de indícios de alguma coisa que pode vir a virar notícia ou não. Cê acha que, é... com isso, o gatekeeper...

Natália Oliveira: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Quer dizer, o filtro do jornalista, assim, tá mais difícil ser jornalista? Você precisa de mais competências hoje para essas possibilidades todas, para saber ter uma tomada de decisão? Levando em conta a concorrência, o jornalismo é uma disputa, esfera pública, mas é também um negócio. Como a empresa vai visar a audiência, não tem jeito. Mas, é... nessa busca

por mais... ser mais rápido, enfim, construir socialmente uma realidade, você acha que não é mais difícil ser jornalista hoje, com toda essa facilidade? Parece paradoxo, não é mesmo?

Natália Oliveira: Isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso, quanto mais facilidade você tem, ao mesmo tempo você tem muitas possibilidades de checagem e o risco de uma fake news, por exemplo, como você citou.

Natália Oliveira: Eu acho que não tá mais difícil. Eu acho que o princípio é sempre o mesmo. É recebo, procurar a notícia e ter a certeza que aquilo é verdade, e realmente tá mais fácil porque hoje... por exemplo, e também tem a ver com o nível tecnológico, não havia telemóveis, nós tínhamos, só podíamos ligar pras pessoas, para... para... para os organismos públicos das nove às cinco, né. Hoje podemos ligar a qualquer hora, hoje ligamos pro assessor dos ministros a qualquer hora, ligamos para qualquer sítio a qualquer hora.

Ana Paula Goulart de Andrade: Continua o mesmo sentimento, o que mudou foi o determinismo tecnológico.

Natália Oliveira: É... continua. Exatamente. Agora, é... eu pensei que com os privados, é... esse imediatismo e essa tentativa de chegar primeiro para ter mais audiência e... e para... e para a própria pessoa se valorizar, é... leva a que se cometam estes erros. Porque é só pensar um bocadinho, né. É só... Eu tenho essa notícia na mão, esta... Mas eu não posso dá-la sem primeiro ter a certeza que, assim, e ouvir uma coisa que hoje em dia também está um bocadinho... ouvir as... ouvir as duas partes, ouvir... ter o contraditório, o contraditório hoje em dia está... Nós partimos do princípio que aquilo está tudo bem, que... que que ele disse, é... não se vai ouvir a outra parte, e isso é muito problemático também, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: É o princípio básico do jornalismo.

Natália Oliveira: É... outro... Exato! Portanto, a conclusão é mesmo essa. Se utilizarmos os princípios... os princípios básicos do jornalismo são... é... podem ser atualizados hoje da mesma forma como eram há vinte anos. Nós é que estamos a deixar de os usar por uma tentativa de... de... de... de nos evidenciarmos como jornalistas, como pessoas, nos valorizarmos. Porque, pronto, se não valorizarem a notícia primeiro...

Ana Paula Goulart de Andrade: A visibilidade é muito grande.

Natália Oliveira: Exatamente. Eu estou mais visível, posso ganhar mais, posso chegar a não sei que, doar à estação uma visibilidade de ter mais audiência, mais audiência e mais publicidade por aí fora. Daí a importância do serviço público, não tem... não devia ter nada a ver com isso.

Ana Paula Goulart de Andrade: É... (riso). É assim.

Natália Oliveira: E só mais uma coisa a nível do tecnológico. Por exemplo, surgiram os telemóveis, surgiu o imediatismo da informação, surgiram as redes sociais, surgiu também outra coisa que é muito importante, que é a... a possibilidade de estar em direto onde quer que seja...

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

Natália Oliveira: Em qualquer momento. E isso também é uma grande revolução. É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Principalmente pros correspondentes, eu penso, né.

Natália Oliveira: E mesmo hoje em dia. Vamos outra vez pro incêndio, que é o nosso exemplo desde o início. Se houver um incêndio às duas da tarde na Costa da Caparica, há vinte anos, só o dávamos às oito da noite. E hoje damos entre o tempo de sabermos e o tempo de chegarmos à Costa da Caparica, que é maior. E meia hora depois podemos ter um jornalista em direto a (inint) [00:14:59]. Ele funciona quase

como uma rádio, né. O rádio tinha o imediatismo que é difícil uma pessoa ter, e que ou tinha...

Ana Paula Goulart de Andrade: Sem ter a necessidade de ter imagem, né. É... já que a gente tá falando disso, né, de rede social e de participação. É... Como que você, como que a RTP, na verdade, ela trabalha com essa... No Brasil, é muito comum você trabalhar com a colaboração do cidadão comum. É comum em demasia, tanto que houve uma inversão a partir de estudos que revelam isso, houve uma inversão e quase que não se precisa mais do jornalista, né. Da mediação, daquela credibilidade jornalística. Por que? Porque eles aproveitam muitas coisas, televisões privadas, sobretudo, em colocar, é... o que chega na redação, e aí chega... o WhatsApp é muito usado no Brasil, muito usado, muito.

Natália Oliveira: Eu já percebi (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Não é à toa o nosso presidente eleito via WhatsApp. É... Como que é aqui? É... me... me parece que é também como se fosse uma carta, como se fosse uma... um depoimento, uma sonora.

Natália Oliveira: É uma fonte de informação como outra qualquer.

Ana Paula Goulart de Andrade: É uma fonte, isso também é bem checado.

Natália Oliveira: Sim, também tem que ser.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pela minha observação aqui, os filtros são bem...

Natália Oliveira: Sim

Ana Paula Goulart de Andrade: Rígidos nesse sentido de deixar a informação mais correta, ir pro ar mesmo que você não coloque aquele... aquela imagem sensacional (inint) [00:16:12].

Natália Oliveira: E mesmo... Nós já tivemos, e acho que na privada aqui ainda tem, mas não tenho certeza. É... um programa que... os telespectadores ligavam, passávamos um tema do dia.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ao vivo?

Natália Oliveira: E... os teles... sim, um pivô, com pivô, e os... usava-se uma linha como a linha telefônica, número, e as pessoas ligavam, e isso não foi, não resultou muito bem. É...

Ana Paula Goulart de Andrade: É que não tem como...

Natália Oliveira: Exato, não há filtro. E lá não havia filtro, as pessoas diziam...

Ana Paula Goulart de Andrade: Qualquer coisa.

Natália Oliveira: Muitas barbaridades.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu imagino.

Natália Oliveira: E em direto. E, portanto, a RTP, neste caso que estamos a falar, deixou de ter.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas assim, é... eu sou telespectadora da RTP, quero sugerir uma pauta. Tem um e-mail para que eu consiga, tem algum meio qualquer?

Natália Oliveira: Sim, é... normalmente ligam para cá a saber, mas é...

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:17:06]. Eles têm uma fidelidade muito grande.

Natália Oliveira: Sim, mas, é... Normalmente, o nosso melhor vem da agenda, e depois a agenda dispara para os computadores todos. E, portanto, todos ficamos a

saber que alguém ligou, ou uma informação, ou ligou só para pedir uma entrevista, ou ligou só pra...

Ana Paula Goulart de Andrade: Pra elogiar (riso).

Natália Oliveira: Sim, ou ligou para denunciar, é... é... uma situação, pode pautar uma reportagem. É... assim, isso é feito, mas é tudo checado, sim. É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Nada é posto de lado.

Natália Oliveira: Não.

Ana Paula Goulart de Andrade: É... Você tem rede social.

Natália Oliveira: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: E você usa as suas redes sociais pessoalmente, profissionalmente ou (distintos) [00:17:42].

Natália Oliveira: É... Agora, neste momento, como não atualizou profissionalmente, né, mas o jornalista (inint) [00:17:49]. Ou seja, estão fazendo a reportagem sobre violência doméstica, muitas vezes apelam a quem tem casos, querendo fazer chegar casos e, claro, quem tem mais seguidor tem logo ali...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem logo um personagem, né, pra utilizar. É... Como é que você avalia que o telejornal... É uma pergunta difícil, mas aí realmente pra pensar, pra criar o corpus do... do questionário. Em dez anos, a gente viu aí as mudanças que você falou. Como é que você avalia que o telejornalismo vai estar daqui a dez anos? A televisão. Sobretudo, hoje eu não preciso de televisão pra ver televisão, mas tem um fator fundamental que é eu assistir ao conteúdo televisivo, que é diferente do aparelho televisivo. A televisão, ela tá no meu computador, tá no meu celular, tá... tá onde eu quiser. A RTP disponibiliza isso com maestria, eu acho que a, é...

Natália Oliveira: Não sei como vamos ver, tem que ver antes, mas, é... Acho que temos, é... a tendência é (sei lá, para ver se criamos) [00:18:49] esses smartphones e hoje... e hoje os computadores e os tablets... é...

Ana Paula Goulart de Andrade: A diferença pra você vai ser no conteúdo noticioso, nessa veracidade da informação? Nessa... quer dizer, não, não...

Natália Oliveira: Não, não, penso que não. Penso que vai ser na... na tecnologia, na forma como vemos. Acho que cada vez mais é importante ter noticiários, ou seja, um filme, nós vemos um filme, chegamos a casa e daqui a pouco iremos no box e vamos ver um filme. As notícias... não... não vamos fazer isso. Eu não cheguei a casa à meia-noite e não vou o telejornal das oito, nem o da uma. Tento sempre ver e preciso procurar, e se não tiver na televisão, tem que ir ao telemóvel, online, em qualquer coisa, não importa. E acho que essa tendência vai ser cada vez maior.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pelo valor notícia também, assim...

Natália Oliveira: Pelo valor notícia.

Ana Paula Goulart de Andrade: O que o povo quer ver.

Natália Oliveira: Eu penso também o que está a passar nesse momento.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque, por exemplo, é... eu acho assim. O jornalismo tem que estar onde o povo está.

Natália Oliveira: Uhum.

Ana Paula Goulart de Andrade: Se os... se o povo está nas redes sociais, talvez...

Natália Oliveira: Mas eu não concordo que seja o que o povo quer ver.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não... é... onde o povo está, mas, é... o povo... "O que o povo quer ver" foi uma expressão ruim.

Natália Oliveira: Ah, ok. Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Porque o povo quer ver baixaria, sei lá.

Natália Oliveira: Exatamente. Quer ver novela.

Ana Paula Goulart de Andrade: Enfim, mas o que o povo precisa ver. E de certa forma, nas redes sociais, você tem um indício disso. Um indício do que tá sendo consumido, de que forma você precisaria, é... oferecer esse conteúdo. Talvez nessas temáticas, né, essas reuniões de planejamento que vocês fazem, eu não sei, eu fico pensando...

Natália Oliveira: É... Mas eu, mas eu acho que, portanto, e principalmente o serviço público de televisão, que é onde nós estamos, que é importante sempre dar o enquadramento, e não dar a notícia só por si.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, isso foi uma coisa que eu percebi.

Natália Oliveira: E acho que essa é a diferença que... que eu acho que nós devíamos ter e espero que tenhamos daqui a dez anos, que é não dar, é... uma dita (inint) [00:20:44] mulher só porque foi mais um (inint) [00:20:46], porque se as pessoas querem ver, porque é o que se passa no (vizinho) [00:20:49], e é o que se passa (inint) [00:20:51].

Ana Paula Goulart de Andrade: Trágico. É violento isso.

Natália Oliveira: Não é. E queremos sim olhar(pra casa do vizinho) [00:20:54] e saber como é que é, mas e ela era o que, fazia e...

Ana Paula Goulart de Andrade: A curiosidade é natural, né.

Natália Oliveira: Mas enquadrar que este ano já houve por que é que há e fazer perguntas, levantar questões, fazer perguntas, que levem as pessoas a pensar. É... porque senão dar a notícia só pela notícia neste caso.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:21:14] transmissão.

Natália Oliveira: Neste caso. Então não precisamos de jornalistas, né.

Ana Paula Goulart de Andrade: É isso. É verdade. E tem uma outra coisa que eu esqueci, que eu não coloquei aqui, é... é... aqui a gente percebeu que tem duas redações, né, do online, e... e... a do lado de baixo, que é a do... da... dos telejornais.

Natália Oliveira: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É... Você falou que já tava, né, enfim, já tá em reunião, já tá em pensamento ter essa integração das duas... das duas redações, não?

Natália Oliveira: Não. É... Há uma... houve... há um... um pensamento aí que (inint) [00:21:46] como é que se vai aplicar, que é o jornalista quando vai pra rua... é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Alimentar as duas...

Natália Oliveira: Levar, alimentar tudo. Ou seja, levar um smartphone ou um iPhone, ou o que que seja que possa e (os contatos) [00:22:00] antigamente já fazia muito isso. E aí, que possa, quando chega ao sítio, é... gravar uma pequena história, é... a dizer o que que está a passar, é... chamar atenção e até dizer, por exemplo, (inint) [00:22:15]...

Ana Paula Goulart de Andrade: Que é uma forma de integrar.

Natália Oliveira: Que é uma forma de integrar, não é? Claro que depois a forma, depois ao chegar aqui e ter que escrever pra o online e ter que escrever pra televisão,

depois aí que as coisas se complicam, não é? Depois é tudo sempre muito em cima da hora, né? Não importa quanto vai dar.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:22:33].

Natália Oliveira: E ele tem que optar entre... entre... fazer, né. Mas, se calhar, esta... esta (inint) [00:22:39] que, que... que eu estou falando já. De... podemos logo fazer uma história em direto. É... E através da rede social, chamar a atenção, ou do site, chamar a atenção...

Ana Paula Goulart de Andrade: Do online.

Natália Oliveira: Para o próprio canal, para o próprio jornal, onde a peça vai passar, acho que é...

Ana Paula Goulart de Andrade: É jogar a favor, né.

Natália Oliveira: Que... que aí que está a tentar fazer...

Ana Paula Goulart de Andrade: Fazer um teaser, né.

Natália Oliveira: Exato, é fazer um teaser. Os... os nossos correspondentes fazem muito isso. É... Tentam pelo menos fazer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu acho que isso agrega. Assim, pelo menos nesse, nisso que eu tô percebendo de... telejornalismo.

Natália Oliveira: É... Os nossos correspondentes eu acho muito completos, fazem também pra rádio.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa.

Natália Oliveira: Eles fazem uma peça, normalmente pra rádio e uma peça pra televisão. É... é assim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Até porque é pra expandir pro mundo, né. A tele... é... Faz sentido. É isso, perfeito. Agora a gente tem que tirar a sua foto pra eu poder registrar que tudo tem que ser referenciado.

Natália Oliveira: Ah...! Droga. (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: Toda pesquisa, todo... eu tenho depois um relat...

Odília Godinho

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Odília Godinho

TEMPO DE GRAVAÇÃO

33 minutos e 29 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana: Vamos lá, então 3,2,1, gravando com a Odília Godinho. Enfim, sua apresentação, seu cargo, sua função.

Entrevistada: Ah... Eu sou jornalista. Eu sou coordenadora do telejornal da RTP1. Ah... Eu não sei, não é?... De uma forma regular, assim todas as semanas, desde 2013. Sim, mais...

Ana: Como é que funciona aqui o trabalho? Quer dizer, você é o último filtro, né, antes de ir para o ar. Como é que funciona assim, desde a matéria, a chegada do

repórter, os editores, coordenar a equipe, quem manda para a equipe, tem essa ideia de chefe de reportagem ou não...? Como que funciona?

Entrevistada: Ah... Nós temos uma redação que está definida por editorias, não é?! E agrupada em grandes grupos. Tem economia, política, política internacional, sociedade que é o engloba maior um número de assuntos, não é? Igual a pessoas, justiça, desporto e cultura. Também tem uma editoria própria importante. Cada editoria tem um editor, que toma conta...

Ana: Um responsável?!

Entrevistada: Um responsável, que marca os serviços, que filtra, logo o que é que entra ou não.

Ana: É ele mesmo que já faz isso...

Entrevistada: E depois nós temos duas... É... não existe essa figura de chefe de redação, né?

Ana: A saída do repórter é marcada pelo editor...

Entrevistada: Pelo editor.

Ana: Já tá em contato com os personagens, com o assunto...

Entrevistada: Sim. Normalmente, o jornalista... E eu defendo que o jornalista faça seus próprios contatos e que faça... o próprio... e que leia... É claro que sempre é dado um...

Ana: Direccionamento.

Entrevistada: É sempre dado o ângulo. Disse “Olha, hoje...” Mas os jornalistas também sabem isso, normalmente os que acompanham os assuntos sabem isso. Hoje... (sic). Por exemplo, hoje, tentaram acompanhar os assuntos sempre, mas ... É natural, ele está a investigar o... (sic). O fato novo do dia. (...) É, não existe essa figura de chefe de redação aqui. E depois existem os coordenadores dos vários jornais. (...) Não é? Que mais eu posso te dar sobre a organização da redação... Nós temos uma primeira reunião...

Ana: Isso. De pauta?!

Entrevistada: Uma reunião de planeamento que é uma reunião que fazemos semanalmente com os editores, o responsável da agenda. O... Eu vou sempre. Só vai o coordenador do telejornal. Para além dos editores vai o coordenador do telejornal e algum membro da direção de informação. Onde se tenta planear o que é planeável na semana seguinte. Aí, estes são os assuntos muito grandes, o que (sic) as finanças em Bruxelas, o que é planeável, não é? Aí este assunto vai ser

discutido no Parlamento, poderíamos tentar fazer uma reportagem a acompanhar isso. Sobre, agora recentemente, sobre os cuidadores informais, as pessoas que tomam conta do... (...) Para não termos um dia depois só no Parlamento.

Ana: A discussão pela discussão?!

Entrevistada: A discussão pela discussão. A apresentação (sic), tentar sempre ter uma reportagem que mostre... que enquadre isso, né? No fundo, que nos traga as pessoas para o telejornal. E essa reunião semanal que fazemos tenta planejar.. E depois há duas reuniões diárias. Há uma reunião feita às 9 da manhã que prepara, tenta, de certa forma, preparar um pouco do dia e tentar decidir logo quem é que é necessário entrevistar...

Ana: Para todos os programas?

Entrevistada: Que serão depois apresentados para todos os programas. E nessa reunião participa um membro da direção de informação, participa o coordenador do jornal da RTP3 que começa aqui ao meio dia; e participa por videoconferência o coordenador do jornal da tarde. Que é o primeiro do Canal 1. E depois há uma reunião ao meio dia que é muito virada par ao telejornal. Que nessa reunião está o coordenador do telejornal, tem sempre alguém da direção da informação, e estão os editores.

Ana: Todo mundo envolvido com as peças decididas?

Entrevistada: Sim. Nessa reunião as peças são discutidas da forma que vamos abordar no telejornal, não é? De que forma... Como é que fazemos a divisão?? É, toda a gente, ontem, toda a gente falava sobre enfermagem. Esse era o grande assunto, era um dos grandes assuntos, não é? (sic) de uma peça, de que forma deveríamos ... Logo ao meio dia tentamos fazer essa divisão. É claro que depois tudo isso muda, porque as vezes é necessário mesmo mudar. E mais...

Ana: E assim, a escolha dos repórteres pelos coordenadores tema a ver com perfil, tem a ver com, sei lá, uma matéria produzida, uma matéria factual, determinado repórter, vocês também tem essa escolha, essa atribuição de cada, é...

Entrevistada: Essa é uma atribuição dos editores onde eu sempre dou opinião porque eu sempre dou opinião em tudo. (*risos*)

Ana: Eu já te falei que você é estudo de caso...

Entrevistada: E depois porque estou a cá há muito tempo e conheço eles todos muito bem, não é? E já fui editora de cidade, já fui editora de cultura, portanto eu conheço bem e... (sic). Tenho esta coisa de se dar opinião, né?

Ana: Vou para a próxima pergunta,. Enfim... É maior, eu acho, mas assim... Um pouquinho da sua trajetória, antes de vir pra cá, por onde você já passou.

Entrevistada: Ah, ok. Mas pera, pera Ana, deixa eu só terminar aqui se não se importar.

Ana: De jeito nenhum, pode. Vai ser decupado.

Entrevistada: Que é...

Ana: Você sempre dá opinião em tudo

Entrevistada: Sim, ah, mas depois eu própria, eu propus... E eu faço uma reunião (sic) no almoço, especificamente sobre o telejornal só com a a realizadora, grafismo, assistente de informação e produção.

Ana: Está entendido agora o sucesso lá. Agora eu entendi.

Entrevistada: Pois, porque nessa reunião está sempre a ilha do grafismo que é quem faz os palcos, nós chamamos os palcos; o video áudio e logo ali fica definido o que, sobre o que é cada peça, que imagens é que podemos ir buscar ara vídeo áudio, os palcos, sobre o que vai ser... Às vezes pode ser uma coisa mais trabalhada, não é? E eles ficam mais sensibilizados para isso, logo ali.

Ana: Eles têm uma responsabilidade muito grande, né?

Entrevistada: Uma responsabilidade muito grande sim. Com...

Ana: A estética, né?

Entrevistada: Sim. Essa estética está definida mais ou menos e, portanto, nós às vezes custamos muito...

Ana: Como vai ser apresentado...

Entrevistada: Exato. Às vezes nós não custamos muito... Há coisas que achamos que funcionam melhor de outra forma, e portanto, tentamos fazer isso assim. E os assistentes ficam logo a saber que peças é quem de fora, ode dos correspondentes, ode de fora de Lisboa, do Porto, das locações. Que (sic) é que vamos ter. Que (sic) que vão aparecer às oito. E pronto. Tentamos... Tenta-se sempre prever o erro antes. Prever tudo que for possível porque as vezes...

Ana: Tudo na medida do possível?!

Entrevistada: Sim. Então, a seguinte...

Ana: Sua trajetória...

Entrevistada: Minha trajetória. Eu sempre trabalhei na RTP.

Ana: Oh! Memória viva.

Entrevistada: Eu sempre trabalhei na RTP. Eu fiz estágio aqui. E trabalhei como sempre na área da sociedade, como toda a gente faz. Entrar às 6 da manhã e ficar até uma da manhã a trabalhar, quando uma pessoa quer fazer tudo, não é? Nessa vida também a gente só aprende fazendo. Não há como entender, se é que pode pensar.. Jornalista. Eu sou jornalista. Como sempre, na área de sociedade. Fui editora de cidade, depois fui editora de artes e cultura, da área da cultura. Durante muito tempo também fui uma das coordenadoras da RTP 3, na altura não se chamava RTP 3, se chamava RTP N. Notícias, RTP 3 e informações. Portanto, eu tive... Eu fui uma das pessoas que era coordenadora também da RTP 3. E pronto, e depois disso tudo. Fui enviada especial à alguns locais, algumas guerras, enquanto estava na redação. E pronto. Cheguei à apresentar alguns programas, quando nós tínhamos os primeiros intercalares, fiz pivot também muita coisa.

Ana: E hoje a gente vê que a tecnologia é essencial, né? Para o telejornalismo, digamos, raiz. Como é que a RTP trabalha nessa perspectiva da construção da notícia? Vocês tem alguns aplicativos... Como é que é essa busca pela notícia? Você já falou que cada um vai nas suas fontes, mas vocês contam com o auxílio... Enfim, o correspondente conta muito com a agência, né? Mas aplicativos de páginas, de Facebook, de redes sociais... Os telespectadores enviam alguma coisa para vocês? Vocês aproveitam isso? Como que é essa relação?

Entrevistada: Muitas vezes, em alguns casos específicos por exemplo, quando há alguma tempestade no país, nós usamos muito imagens e vídeos enviados pelos telespectadores que estiveram lá na altura, que foi um fenómeno que aconteceu naquele momento e que não é possível repetir e que não é possível alguém estar e temos o noticiário e usamos muito isso. Às vezes, inclusivamente, já se chegou a fazer apelo: “enviam as fotos e vídeos.”

Ana: E não tem mais Facebook?

Entrevistada: Tem, tem. Quando é necessário, reativamos esse site. E há um endereço específico e e-mail para onde as pessoas podem enviar isso ou nós próprios vamos à procura.

Ana: E como é feita essa checagem? Por exemplo, a gente teve Brumadinho agora, que foi uma catástrofe no Brasil. E vários vídeos fakes né, a gente tá aí na Era das Fake News, e vários vídeos fakes passaram pela rede, vários jornalistas compartilharam como se fosse uma verdade. Porque realmente é quase uma aula de sabotagem.

Entrevistada: É, é um problema isso.

Ana: Exatamente. Como é esse filtro?

Entrevistada: Confirmado, confirmado. Eu ainda estou numa posição muito mais tranquila, por exemplo, do que que está a Ana, que é coordenadora da RTP 3; que é um canal de notícias que tem essa urgência de dar as coisas, não é? Ela está numa posição muito mais complicada porque se chegar alguma coisa, fica sempre naquele sufoco, não é? Dá? Não dá? Confirmamos? Não confirmamos? Tentamos confirmar sempre a veracidade das coisas. Nós aqui temos um extremo cuidado. Porque eu acho que uma das coisas que nós partilhamos todos é essa responsabilidade de ser a RTP, não é? Que é uma coisa que sentimos que é uma responsabilidade muito grande. Confirmar a veracidade seja qual for. Tudo que é reportado nas redes sociais, eu... Não temos por hábito de dar sem confirmar antes. Confirmar por outro órgão. Já aconteceu muitas vezes, por exemplo, eu tenho mil páginas abertas, não é? Às vezes todos publicam uma notícia, mas todos citam uma única fonte. Portanto isso levanta suspeitas, vamos à fonte e depois vamos verificar o que vai acontecer. Mas eu acho que isso é um dos problemas que com que nós vamos lidar daqui para frente, cada vez mais. Também as fakenews vão aprimorar-se, não é? Aquela coisa... O próprio vídeo, não é? É complicado, também eu acho que estamos atentos a isso.

Ana: Aí assim, com essa enxurrada de possibilidades da colaboração do cidadão comum. né? Pode chamar assim. Que é democrático, ele tem voz, né? Você acredita que, assim, a função do jornalista, ela tá cada vez mais importante, deveria estar cada vez mais importante no momento em que o jornalismo mundialmente passa por uma questão... Eu prefiro chamar de transição, tem pessoas que chama de crise. Eu acho que é uma transição que é um momento de renascimento do jornalismo. Eu queria ouvir um pouquinho você.

Entrevistada: Eu detesto a figura do cidadão jornalista. É útil para este caso específico quando... Em que nos podem estar no momento certo, na altura certa, que nos podem partilhar as imagens e os vídeos, que é material que eu os tenha, mas que será sempre enquadrado dada a notícia por um jornalista. O cidadão jornalista, odeio essa expressão, odeio isso porque... E eu acho que o caminho é reafirmar isto. A diferença entre um jornalista e um cidadão jornalista é absolutamente profunda, é total. O jornalista é um jornalista. Nós trabalhamos para ser um bom jornalista, nós sabemos como contornar os nossos próprios preconceitos, que estamos avisados para eles, como contornar armadilhas dos entrevistados, como dar aquele passo atrás e perceber e enquadrar e tentar explicar e tudo isto é função do jornalista. O cidadão jornalista não é nada. É uma pessoa que está lá e documenta uma coisa qualquer e depois falta-lhe tudo, falta-lhe tudo. E eu acho que o caminho é mais por isto, é acentuar esta diferença, não é?

Ana: Passando credibilidade.

Entrevistada: Credibilidade, seriedade. Não é coisa de ser chata. (*risos*)

Ana: E a questão.. Não, não. A questão da mediação também. Saber mediar determinado acontecimento para a sociedade.

Entrevistada: Claro, claro. Consegue explicar, não é? Mesmo quando se está indireto, mesmo quando o jornalista está num acontecimento indireto, tem obrigação mentalmente de dar este passo atrás e tentar explicar na medida do possível. Se for incapaz de fazer na altura dizer isso, não é? “Isso está a acontecer agora e isto é o que estou a ver, mas vamos tentar explicar isso a seguir, assim que conseguirmos.” Eu acho que o caminho é por aí. Apostar... Que é o que nós temos, não é? O nosso único património, dos jornalistas, é a credibilidade. Quando se perde isso, acabou. Portanto, se aposta naquilo que é único, a credibilidade, a seriedade da nossa informação. E portanto que é preciso esses alertas todos em relação às fake news, o material que chega de fora ou então corre-se o risco de... Sim, corre-se o risco de tanta coisa. (*risos*) Mas então eu acho que o caminho é por marcar a diferença, Ana. Acho que temos que evitar o erro, evitar sensacionalismos baratos. Nós da RTP, por tudo, não é? Não ir atrás só por ir atrás, as boas histórias...

Ana: Reflete bem na reunião que vocês fazem, né? Pega o fato e tenta enquadrar em alguma coisa para além...

Entrevistada: Sim. Tenta enquadrar.

Ana: Dos 10 anos, de 2009 a 2019, o que você acha que a tecnologia, dessas novas possibilidades de vozes, essas polifonias, o que você acha que mudou? Em 10 anos.

Entrevistada: Ah, mudou muito. Mas acho que nós estamos a chegar num ponto bastante melhor agora. Num certo equilíbrio. Isto pode até ser qualquer coisa nova, não é? Mas quando apareceram as redes sociais, nós também nos demos um pouco a isso, obviamente. Ah, às vezes alguma coisa qualquer no Facebook, um vídeo extraordinário e vamos fazer notícia com isso. E vamos ver o que é...

Ana: São novos valores notícia?

Entrevistada: É! Quando as redes sociais realmente tiveram um impacto tão brutais, não é? Eu tenho uma coisa a dizer sobre... Entre 2009 e agora, eu acho que sim, houve um momento em que, esta coisa... pois toda... Essa sensação de que toda a gente está a comentar isso e portanto temos de falar disto. Eu preciso resistir muito a isto, porque toda a gente tem. As 300 pessoas que vemos no Facebook, mas isso não é nosso público. Não é, nossa audiência não são 300 pessoas no Facebook. Nosso público é o raiz, que nos vê. Houve um momento em que fomos ali um pouco atrás, fizemos muitas coisas sim, envolvidos no Youtube e não sei que. Isso agora acalmou. E eu acho que estamos bastante melhor. Por outro lado, isto é ridículo, pois muitos dos inter e dos atores políticos e dos atores

sociais partilham notícias. Por exemplo, no Twitter, ou em sua conta do Instagram.

Rui Manuel Machado Rodrigues

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Rui Manuel Machado Rodrigues

TEMPO DE GRAVAÇÃO

13 minutos e 15 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: função. Êta lelê [sic].

(risos)

Rui Manuel Machado Rodrigues: É... Rui Manuel Machado Rodrigues, jornalista-repórter de imagem. Na área de informação da RTP.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você trabalha aqui há 15 anos...

Rui Manuel Machado Rodrigues: 18.

Ana Paula Goulart de Andrade: 18 anos (inint) [00:00:15] com 15.

Rui Manuel Machado Rodrigues: (inint) [00:00:15] temos quase, faz 18 anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: E antes daqui você trabalhou onde?

Rui Manuel Machado Rodrigues: Eu antes daqui trabalhei em produtoras privadas, trabalhei... numa produtora que fazíamos institucionais, vídeos institucionais. É... mais na vertente é... publicitária. Depois trabalhei numa outra produtora a fazer já alguns é... programas para a RTP, programas até a nível de religião. E a última produtora onde eu trabalhei era (inint) [00:00:42] que fazia programas de entretenimento. Não era informação, era entretenimento... que eram programas como Big Brother, o Masterplan... e daí, pois, num concurso que a RTP abriu eu vim ao concurso e entrei.

Ana Paula Goulart de Andrade: A entrada aqui é por concurso, mas tem terceirizados também...

Rui Manuel Machado Rodrigues: Foi, foi. Na altura foi, foi concurso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Entendi. Tá, é... na verdade, a gente tá falando sobre produção de telejornalismo, como é que a tecnologia ajuda nessa produção do telejornalismo. Quando vocês vão fazer uma matéria, a equipe de reportagem... uma matéria... uma reportagem... é... vocês utilizam, costumam utilizar algum aplicativo de colaboração... é... vídeos... é... cedidos... na tua opinião, em relação a esses vídeos de vigilância, e aí a gente tem a proteção de dados aí já... né muito em voga, que eu acho que impede isso um pouco aqui em Portugal, como é que é isso, assim, na produção da peça? Já que você tá no olhar da imagem, né.

Rui Manuel Machado Rodrigues: Olha... na produção da peça é assim, obviamente é... todo o tipo de material extra que nós possamos ter para enriquecer, ou melhor é... esclarecer o telespectador. Ou melhor esclarecer quem tá a fazer a própria matéria, não é, digamos e... pra apurar uns fatos... e... se for legal, é... eu penso que sim, que assim, por uma mais-valia, dependendo do interesse da notícia e... obviamente é... depois aí terá que ser ponderado, não é, se poderemos ou não usar é... essa, essa... essa... outro tipo de, de, de imagens que não são nossas, nem captadas por nós. Isso depois terá que ser feita uma avaliação, não é, consoante o interesse da, da... como, como você diz, da matéria. Se for algo muito importante (escalar) [00:02:15], poderemos usar, não é. E... escalar, a nós ver, usar pra esclarecer um fato é... até poderá ser algo que não estás a favorecer, digamos, a pessoa x é... tem que (inint) [00:02:26] em criminal sem essa matéria, e com essa,

essa, i, imagem poderemos... por a inocência da pessoa pra fora ã... e esclarecer uma... de uma forma melhor ã... quem, quem está a ver ou quem, quem tá com essa... com essa... processo... ã... e eu acho que sim, que é uma mais-valia. Agora depende de que tipo de imagem é. Nós, em Portugal, a nossa proteção de dados é... muito rigorosa nesse tipo de uso de imagens. Portanto. Mas... acaba sempre sendo uma mais-valia. Falando nesse caso da vídeo-vigilância, mas também falando de (outro tipos) [00:02:55] de casos de imagens de YouTube... ou... ou... se for um cantor ou se for alguém que tenha algum suporte de vídeo, não é... alguém que esteve em reportagem no Mediterrâneo, a filmar é... refugiados... que tenham essas imagens, obviamente, não é... isso para ajudar a nós a reportar esse fato, não é... do que a pessoa lá esteve... como é que funcionava... é obviamente uma mais-valia, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: E isso não ajuda em fake news e... no... na questão democrática ou... pseudodemocrática que a gente tá hoje. Em relação... é... é...

Rui Manuel Machado Rodrigues: Pois é, e...

Ana Paula Goulart de Andrade: a esses vídeos.

Rui Manuel Machado Rodrigues: Pois é, e aí é que temos o grande problema é... é... eu achei que nosso (inint) [00:03:29] é, muitas vezes e... as imagens (nuarem) [00:03:33] sem ouvirem (entrevimentos) [00:03:35], não é? Pessoas que tenham estado nessa história, não é? Se há vídeos próprios, acho que é muito delicado e é preciso ter aqui alguma... alguma... ressalva, não é, na... na... na... colocação dessas imagens no ar. Nós temos uma responsabilidade, uma grande responsabilidade, porque é... nós podemos, não é... ajudar, ou podemos clonar uma pessoa, não é, na praça pública com uma imagem. E, portanto, cabe a nós fazer essa... essa... essa... essa investigação, não é, para apurar, de fato, se aqueles fatos são... são verdade. Portanto/e hoje em dia, infelizmente, às vezes temos no... o primeiro a fazer e não, é... não é... é... tentar perceber o que de fato a matéria é... fala e... e... se é verdade ou não e a gente estamos a (inint) [00:04:17] num erro grave para apurar algo (no ato) [00:04:19] que não é verdade. E eu acho que o jornalismo deve primar, não é... e... e... o pilar fundamental do jornalismo, acho que é... é a veracidade, não é, a

honestidade, a veracidade do fato e, muitas vezes, incorre nesse, nessa... nessa notícia falsa, nesse fake news o que, pra mim, obviamente, e acho que pra todos é muito grave, não é. Escondendo o jornalismo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que... com tantos é... aparatos tecnológicos e, portanto, muito mais informações de fora pra dentro da Redação... o jornalismo nunca precisou de tanto jornalista, nesse sentido, pra apurar. Nesse sentido, a gente pode pensar que não há crise de jornalismo, mas um renascimento?

Rui Manuel Machado Rodrigues: Pois é... eu acho que... faz todo o, faz todo o sentido o que estás a dizer, porque, de fato, é... supostamente a gente vinha dizendo, não é, com tanta tecnologia vai ser mais fácil fazer o nosso trabalho, e não. A tecnologia... tá a nos ajudar por um lado a... a obter imagens, a obter conteúdos. Mas também como é tão fácil... é, difundir, i... i... i... e não é, propagar essa... essa... notícia... é... também torna-se um cado complicado, não é. Como é que a gente às vezes... i... i... i... costuma-se dizer, não é, é... a primeira notícia é sempre a que tem mais impacto, não é. É... por mais que depois se prove que afinal não era bem assim, é muito complicado depois limpar essa, essa má imagem, não é. É... e eu acho que... é, como que diz? De fato, é uma mais-valia. A... (inint) [00:05:41] Transferência envia um chat pra qualquer parte do mundo. Hoje em dia, basta um clique pra enviar um (sharing) [00:05:47] ã... mas depois é esse cuidado que eu digo, é... tem que ser muito cuidado com aquilo que se faz, acho que tem que ser muita atenção e não se pode cair no erro de... pa... pra tentar ser o primeiro a (emitir) [00:05:57] a peça no ar, é... correndo o risco de (inint) [00:05:59] avançar com uma coisa completamente falsa e grave.

Ana Paula Goulart de Andrade: Em 10 anos de RTP, de 2009 pra 2019, já que você tá aqui há 18, agora sim eu acertei, é... o que que você acha que mudou em termos de tecnologias de interatividade, de interação com o telespectador? É... ao mesmo tempo que o telespectador pode participar... mandar imagem... como antigamente era carta, enfim. Como que... que... que... existe esse trabalho aqui? Ou não existe esse trabalho? Na sua opinião, falta esse trabalho, essa... essa abertura com o público?

Rui Manuel Machado Rodrigues: Não, é... eu penso que sim, eu penso que existe, penso que até evoluímos bastante nesse sentido, mas é... eu acho que o trabalho e a pressão é tanta diariamente que acho que às vezes não... (inint) [00:06:45] a forma como tratamos esse material, às vezes, é... pode não ser o melhor pela quantidade e a facilidade com que temos a receber esse, esse mesmo material. Mas, de fato, sim, evoluiu muito em... em 10 anos. Esta tecnologia é... o que/hoje... o que hoje é, é o futuro, amanhã torna-se obsoleto. Já não, já não é. Mas é... eu acho que sim. Acho que o... o... problema (a escalar) [00:07:08] é... com, com tanta (vasta) [00:07:08] tecnologia, essa... essa (é saber) [00:07:11] é... e conseguir perceber o que que é um bom conteúdo, o que que é uma boa matéria que esse mesmo público tá a nos enviar. E na época tínhamos uma colega a dizer, que... que... é, por que é que ligam tanto pra Redação dela e não ligam, é... pra minha. Porque percebe-se na época, pelos conteúdos, que as pessoas já entenderam que ali vão ter algum feedback e que aqui não vale a pena, porque infelizmente a RTP ainda... ainda segue um caminho que eu acho que... é o... com o qual eu me identifico mais, que é um jornalismo mais... mais, mais sério, mais honesto. Não quero dizer com isto que os outros sejam desonestos, mas acho que nós ainda... ainda, ainda, ainda temos ali uma... ainda temos um respeito, um grande respeito para com o telespectador e... eu identifico com esta causa, por esse mesmo... por esse mesmo... esse, esse mesmo... essa mesma linha, é... de um jornalismo sério e... a tecnologia... está a vir. É... é, felizmente a escalar. Ainda bem que não chega à mesma velocidade que aparece no mercado, porque nós também não íamos conseguir ã... interpretar tão bem essa tecnologia, né, porque é tudo muito rápido... não é. (inint) [00:08:12] é preciso fazer, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Na tua opinião, as redes sociais... hoje a gente pode fazer uma live, um ao vivo, né... como chamam aqui, direto... é... de qualquer lugar. Isso deixa o cidadão repórter... é... em/meio que em pé de igualdade, para o senso comum, do jornalista. O ao vivo sempre foi um talento da televisão, e nesse sentido, é... passa a exigir... o mercado passa a exigir mais... é... literacia, mais competências do próprio jornalista nesse sentido porque você precisa se reinventar. Você precisa ser diferente daquilo ali, porque, afinal de contas, o jornalismo tem que tá onde o povo está. E o povo está nas redes sociais. Ok. As pessoas se

informam por lá também. É... você acha que existe uma cobrança maior do jornalista hoje?

Rui Manuel Machado Rodrigues: Sim. É... sem dúvida. É... concordo plenamente com isso. É... e por isso é que eu acho que nós temos que continuar a seguir uma linha séria e honesta no nosso jornalismo. Só assim é que nós vamos conseguir ter o nosso... o nosso público, é, as nossas pessoas, é... os nossos telespectadores que continuam e vão acreditando no jornalismo sério, porque, como dizia-se bem, há muito fake news. Obviamente é muito fácil fazer um live com telemóvel, um... não é. E nós vemos diariamente essas lives, mas é... acaba sendo um cidadão comum, que, muitas vezes, é... é um fake news, não passa dum fake news. E muitas vezes é manipulado, é... tem até já editado, e há muita gente que já domina muito bem as ferramentas a nível... é, melhor, digamos assim, dominam muito bem, é... as ferramentas de edição. Conseguem fazer, é... montagem e descontextualizar é... é... é... assuntos, não é. Conseguem tirar uma frase, ou... ainda há tempos vimos um discurso do Trump que tava completamente é... adulterado, não é, manipulado. E (escalar) [00:08:58] muita gente em casa viu, é... (escalar) [00:10:00] muitos americanos viram, não é, e... acharam que aquilo era verdadeiro, e, portanto, lá está. Nós continuamos a ter um jornalismo sério e honesto. E lá está [00:10:10] o reinventar... reinventar. É óbvio que temos que nos ir é... adaptando aos tempos, não é, e às tecnologias, mas se continuarmos a fazer um jornalismo sério em que as pessoas confiam, é... escalar [00:10:20] aquele jornalismo mais sensa... sensacionalista nos primeiros anos (a escalar) [00:10:24] vai vender bem, as pessoas vão atrás daquilo, mas depois vão perceber que... aquilo, no fundo... e no fim, é, vai ser sempre aquilo que nem sempre é verdade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Num determinismo tecnológico, né...

Rui Manuel Machado Rodrigues: Claro.

Ana Paula Goulart de Andrade: Numa... numa... numa ideia de apenas mais uma tecnologia. Por fim, a última pergunta. Eu prometo. Como é que você acha que o telejornalismo em si, leia especificamente telejornalismo, vai estar daqui a 10 anos? Difícil, mas...

Rui Manuel Machado Rodrigues: (*Suspiro*) Essa é muito difícil mesmo. Daqui a 10 anos, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: Hoje a gente viu que você consegue, é... fazer uma matéria, né, na greve dos enfermeiros... fizemos, é... três sonoras... vocês, é, enviaram rapidamente pra empresa, ou seja, isso já é um... um avanço, é...

Rui Manuel Machado Rodrigues: Um avanço e... exatamente. (inint) [00:11:05] não é. Antigamente....

Ana Paula Goulart de Andrade: Muitas equipes lá, eu percebi, não, não, não fizeram isso. Não tem esse... esse, esse, esse recurso ou pelo menos não adotaram esse, esse recurso de fazer da agilidade da informação.

Rui Manuel Machado Rodrigues: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E aqui a repórter já tá fazendo matéria que daqui a pouquinho vai pro ar. Você acha que daqui a pouco... é, daqui a muito pouco tempo uma matéria vai se/pode ser que seja editada via celular? Pode ser que seja editado ou isso já é possível?

Rui Manuel Machado Rodrigues: É... nós já temos alguma tecnologia que já nos permite... é, digamos assim é... não só a nível nacional, mas usamos mais este tipo de ferramenta a nível internacional, ok. É... darmos acesso ao nosso... portátil, ao nosso computador... ou PC... ou o que seja. É... conseguimos dar acesso a... e alguém é... de um outro país consegue (acer) [00:11:49] ao nosso computador. Isso é uma tecnologia que tá disponível. A... e a pessoa já consegue ver, os, os conteúdos, ver as... se tu edita bem ou não. Portanto, acho que daqui a 10 anos, possivelmente... sempre que eu tô a fazer a matéria, a matéria (inint) [00:12:00] obviamente irá ser injetada num servidor no país de origem e alguém irá (atar) [00:12:06] quase em tempo real e editar essa mesma matéria (inint) [00:12:10] eles fazem ao mesmo tempo. Acho que vai ser tudo tão rápido que... vai ser... vai ser um... vai ser necessário uma adaptação muito grande essa nova tecnologia. Eu acho que... vai ser é...

Ana Paula Goulart de Andrade: 10 anos é suficiente.

Rui Manuel Machado Rodrigues: Distância de um clique. Exatamente. Acho que vai ser tudo muito... é... muito rapidinho e nós vamos continuar a precisar de, é... nos readaptarmos... nos, não é, reinventarmo-nos, porque as coisas vão mudar e... bastante. As coisas vão mudar bastante em 10 anos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Cada vez mais vai precisar da intermediação também do jornalista, né. Porque não adiante só ter o... o...

Rui Manuel Machado Rodrigues: Bastante. Acho que as empresas não podem parar é... de continuar é... dar a formação aos seus... aos seus... jornalistas. É, porque isto, vamos ter que tá sempre é... atentar a acompanhar até com o (dia) [00:12:48] que temos ao nosso dispor porque isso é uma vantagem muito grande, não é, no... no... no mercado, porque cada vez mais vão aparecer novas televisões, novos órgãos de... é, de comunicação... de, de... não é, pra difundir notícias e... e nós vamos ter que... vamos ter que acompanhar, se não... não tamos no ar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Fechado. Muito obrigada.

Rui Manuel Machado Rodrigues: (inint) [00:13:07] falei muito. Não sei se falei alguma coisa (inint) [00:13:09]

Ana Paula Goulart de Andrade: Não, ficou ótimo. Você falou... 13 minutos.

Rui Manuel Machado Rodrigues: Xi... Vê se dá pra tirar de 30 segundos.

Rui Miranda

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Rui Miranda

TEMPO DE GRAVAÇÃO

50 minutos e 27 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: E daí então começando com a sua apresentação, seu cargo e sua função aqui na RTP.

Rui Miranda: Rui Miranda, realizador. É... realizador de, de informação há doze anos e de telejornal há doze anos praticamente também. É... desde 2007 e... quase ininterruptamente. É... e depois também durante... durante muitos anos também no Sexta às 9, deixei agora há uns meses por opção própria. E... reformei, vamos fazendo outros, outros programas também. O programa posso dizer que já fiz mais vezes na RTP foi o telejornal, porque é diário. É essa minha função.

Ana Paula Goulart de Andrade: E como é que foi um pouquinho a sua trajetória, Rui?

Rui Miranda: É, eu...

Ana Paula Goulart de Andrade: Pergunta grande né, pensando... (riso).

Rui Miranda: Não, não, não. Vou resumir muito rapidamente. Eu supostamente ia ser engenheiro mecânico...

Ana Paula Goulart de Andrade: Jura?

Rui Miranda: Tinha, é... tinha, é... entrado pra, pra o Instituto Superior Técnico, que é, segundo o que dizem, a melhor universidade de engenharia do país, entrei pra lá, fui e comecei a estudar engenharia mecânica. É, depois, é, participei por

mero acaso, porque gostava dos concursos da RTP, concursos de televisão, onde ganhei algum dinheiro na altura até bastante, noventa e dois, nos concursos do Herman José, que não sei se tá agora em Portugal, mas o Herman José é uma das figuras mais conhecidas cá em Portugal, do humor e tudo mais, e na altura ele tinha um, um programa diário, um concurso diário que era a Roda da Sorte, onde eu participei umas quatro a cinco vezes, e eu lembro muito de nesse, nessa altura, é, ter ficado a olhar pras, pra os projetos, pras câmeras, pra o estúdio, pra (RGI) 01:51, passei na (RGI) 01:52 passei à porta da (RGI) 01:53 e não imaginava que cinco anos depois ia tar ali a trabalhar, é, sendo eu ainda pra mais de, de engenharia mecânica, e, portanto não era nada espectável que eu fosse parar àquele mundo, mas realmente na altura foi (inint) 02:11 imenso. E depois continuei a estudar e, e quando cheguei ao quarto, quinto ano comecei a mandar currículos para ganhar alguma experiência, digamos perceber como é que, como é que funcionava o mercado em Portugal, pra ganhar alguma experiência, digamos, nas entrevistas, nos psicotécnicos, todos aqueles testes que faziam e tenho pra mim a concorrer um, um anúncio de jornal que dizia apurador de tevê, e depois pronto, primeiro coincidência no meio de quatrocentas pessoas, entrei eu e mais seis pessoas, é, eu entrei com alguma dificuldade porque, segundo o que eles diziam, eu tinha chance de currículo e era verdade. É, porque eles pediam só o décimo segundo ano e depois entrei e apaixonei-me pelo, pelo meio. E deixei pra trás a engenharia mecânica, apostei, é, nesta, nesta, neste mundo, nesta área' que era a televisão, na altura como apurador de imagem. É, é um mundo, pra quem gosta, apaixonante, ainda pra mais apaixonei-me também pela imagem, pela, pela compreensão de imagens, todo aquele mundo porque tava pra mim a fazer um jogo pra Liga dos Campeões ou da seleção portuguesa uma quarta-feira e ao sábado podia tar no São Carlos a fazer uma obra, e no domingo podia tar...

Ana Paula Goulart de Andrade: Nunca contava a mesma história.

Rui Miranda: E nunca contava a mesma história. E assisti a coisas que eu era impossível assistir um número tão elevado se não trabalhasse neste meio. Tive na Expo 98, foi a expedição mundial aqui em Lisboa em 1998, conheci todos os pavilhões e entrei, e entrava e saía a hora que queria, tinha um cartão, é, da televisão, que permit... que permitia aceder à expedição, e aliás quando a expedição começou,

eu já tinha visto a expedição toda, é, e isso pra mim foi, óbvio, fascinante, ter ali de repente um passaporte pra tanta coisa tão variada e, e foi uma aprendizagem muito boa e depois percebi que custava tant... muito, é, de operar câmara e de, e de fazer concertos, estar no meio duma orquestra, ver as mãos da (inint) 04:24 pra tocar pra ir passar o foco pra os violinos e ainda dava um gozo enorme eu poder ver antes do expectador que tava em casa aquilo que ia acontecer e sentir a reação das pessoas a, aos meus, aos meus planos e aquilo era ali uma adrenalina muito interessante. E, e depois, ao fim de dez anos, entrei por concurso externo, ao fim de dez anos comecei a perceber que sendo um homem da, da tão ligado à parte acadêmica, precisava de aprender mais e comecei a sentir que as câmeras já não estavam a desafiar tanto quanto isso. E surgiu um concurso interno para realizadores de informação, é, e eu concorri no meio de duzentas a trezentas pessoas, e, e fiquei colocado eu, o Vestia, o José Véstia e um outro colega nosso que é o Carlos Lucas, ficamos os três. É óbvio que a cultura que eu tinha anterior da, e também que, background que tinha da, da, da engenharia e o fato de ter entrado pra, pra universidade que me deu imenso ar de vontade, digamos, e foi um grande desafio porque eu passei a desempenhar uma função que eu parti dum determinado momento quando entrei na, na televisão, percebi que um dia eu estava a ser realizador. É, e é uma função que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Informação.

Rui Miranda: Não propriamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não propriamente.

Rui Miranda: Não propriamente. É, nós aqui dividimos um pouco aquilo que é a informação e a produção.

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

Rui Miranda: A informação é tudo que é notícia, tudo que é grandes entrevistas, tudo que é informação diária. Produção, que aqui chamamos produção, é, é espetáculos, teatro, programas de...

Ana Paula Goulart de Andrade: Entretenimento.

Rui Miranda: Entretenimento, musicais, portanto isso é produção. O próprio futebol e o desporto começou a partir de um determinado momento a ser realizado por realizadores da informação. Pra mim era, é uma mais valia ainda porque eu tinha feito desporto durante muito tempo da minha vida e gostava imenso de desporto, e uma das coisas que fez com que quisesse ser realizador de informação era exatamente isso, ter acesso a poder realizar, a poder realizar coisas do desporto e tudo o mais. E, e infelizmente depois o desporto é, passou a ser feito mais pela, por, por canais externos e produtoras externas, SporTV e tudo o mais.

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum.

Rui Miranda: E, e nós ficamos um pouco mais cingidos aqui à, à informação diária e, e não tanto a acontecimentos, embora já tenha feito algumas coisas de desporto, não tantas quanto eu gostava. Neste momento, tendo sido eu uma pessoa que começou na produção, se me perguntasses se eu queria voltar à produção neste momento, não queria voltar à, à produção. Gosto da informação, gosto da adrenalina do, dos diretos, dos telejornais, da, dos programas de informação. Por um lado, às vezes não tem muita realização pura e dura porque nós aqui na informação, realizadores de informação tratamos da parte da forma do programa. E como tu sabes e já falaste com algumas coordenadoras, elas tratam do conteúdo, elas definem, é, quais são as peças que vão entrar e qual a ordem, e depois nós definimos a forma daquilo, como é que... Claro que as coisas já tão tão rotinadas que às tantas acaba a aparecer todos os dias a mesma coisa, o telejornal pode começar ou não com a (inint) 08:09, pois vem a câmara do pivô, botar em plano um (janelamento) 08:11 mais aberto, um (janelamento) 08:13 mais fechado, pode ter um fundo neutro, pode ter um fundo que tem a ver com o tema que estamos a tratar, às vezes depende da forma como o pivô tá escrito, que temos que ler e ver e perceber, assim nós podemos pedir pra fazer zoom, se for um, um pivô sobre violência doméstica, uma coisa qualquer se calhar ali pedimos pra fazer um, gere um zoom in pra criar ali mais força no pivô, é, ou ser um plano mais aberto se tiver a falar sobre, sei lá, um musical qualquer e começamos a ter um (inint) 08:41 lá

atrás com uma composição, é, mais forte, e aí damos calhar mais primazia à parte gráfica que tá atrás e, e no fundo, é, nós lidamos aqui muito, penduramos, digamos, no alinhamento e naquilo que é o conteúdo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas eu achei que vocês têm uma ligação e isso é um diferencial. Eu achei que vocês têm uma, uma conexão muito firme com isso, e isso dá um apoio visual, e a gente tá falando de semiologia, né. É, semiótica, muito forte o palco, o pivô...

Rui Miranda: Temos que ter, temos que ter, temos que ter essa ligação.

Ana Paula Goulart de Andrade: É fundamental, assim, o trabalho de vocês...

Rui Miranda: É fundamental, é fundamental que haja aqui uma, uma, uma ligação muito grande entre realizador, coordenador, pivô, muitos dos nossos colegas que também tão na parte técnica e no fundo, o coordenador preocupa-se com o alinhamento e com as peças, e se a peça tá feita, se não tá feita.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Rui Miranda: Se o jornalista já foi montar, se a peça vai ficar pronta a tempo como tu percebeste ali, às vezes muitos instantes de...

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Rui Miranda: Às vezes faltam dez segundos, faltam trinta segundos e a peça não está carregada no alinhamento e nós não temos peça e eu pensei numa determinada forma, é, do próprio jornal, da realização do jornal, e depois aquilo fica tudo embaralhado e o coordenador também tem às vezes essa dificuldade pra depois tentar encaixar a peça que tem a ver com determinado assunto, política internacional, desporto e depois não consegue encaixar aquilo ali. Portanto, nós temos que ter essa conexão, nós temos que ter essa ligação, ligação essa que depois temos que passar pra o pivô, como tu percebeste, dizer pra ele se levantar, se quer ensaiar, se não quer ensaiar, passar o nosso, o nosso (inint) 10:28, a nossa chega de

dizer olha, isto é fácil, vamos lá ensaiar ou não vamos lá ensaiar porque eles têm muitos quadros e...

Ana Paula Goulart de Andrade: E respira, fala mais rápido, fala devagar.

Rui Miranda: Exatamente, né, fala só quando eu disser, dizer ao câmera quando é que ele tem que fazer travelling ou não tem, se tem que ir mais à esquerda, mais à direita ou isto ou aquilo. Dizer ao operador da iluminação descer a luz ao palco, tens que subir a luz no palco. Tanta coisa, portanto, nós no fundo, realizadores, temos aqui a preocupação de fazer, é, com que aquilo, é, soe, é, é de uma forma, é, de uma forma afinada, digamos. Ou seja, às vezes eu faço essa comparação que é, é como se existisse o coordenador que é capaz de ser ali o compositor, que compõe.

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum.

Rui Miranda: Depois, temos o realizador que é um bocado o maestro, que vai agarrar naquela composição e, e vai olhar pra ela e vai tentar dali uma forma, depois temos os músicos que são todos os operadores, todas as pessoas que estão na (RGI) 11:29.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uma orquestra.

Rui Miranda: E na, na (RGI) 11:32, no estúdio e nos outros sítios, e que nós, eles sabem tocar seus instrumentos melhor do que ninguém, mas eu como realizador, como maestro, tenho que vos dizer exatamente onde é que entra cada instrumento e o tempo certo pra aquilo soar, pra aquilo soar afinado, porque se cada um começar a tocar para o seu lado, aquilo não vai soar afinado.

Ana Paula Goulart de Andrade: É um trabalho em equipe.

Rui Miranda: Se quiser se levantar, mas a câmera não tiver virada pra lá, aquilo não vai acontecer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não faz o menor sentido.

Rui Miranda: Se quiser se levantar e a câmera tiver virada pra lá, mas o operador de iluminação não levantar a luz, aquilo não vai acontecer. Se o operador de áudio também não souber que vai acontecer não sei o que, a via tá fechada e aquilo não entra. Portanto, é, tudo isto funciona ao frame, digamos, na música é o compasso, aqui é o frame.

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso).

Rui Miranda: E, e no fundo, o papel do realizador é um bocado isso. É olhar pra pauta musical e perceber que aquilo, ok, isto é feito assim, eu vou lhe dar este andamento, e vou fazer as coisas acontecerem desta maneira, e, e, e depois é a leitura um pouco de cada um. É, se você tiver ali um pivô sobre violência doméstica ou sobre isto, se calhar, vou pedir essa tal zoom in e se calhar não vou dar logo a peça, se calhar vou dar ali um meio segundo, introduzir a escala e a câmera ainda continua a fazer zoom in e depois você ir em mix pra peça.

Ana Paula Goulart de Andrade: É o sentimento.

Rui Miranda: Se tiver uma imagem neutra e sai mix pra peça pra criar ali tipo um, um momento de, quase de, de, de tensão ou de, ou de introspecção ou de tensão, perai, o que que aconteceu ali, vai acontecer qualquer coisa diferente, não sei que. E no fundo, é um pouco a leitura de cada um de nós. É...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que você avalia, é...

Rui Miranda: Deixe-me só dizer isto. Isto pra dizer o que? É, nós realizadores de informação, por exemplo, eu amanhã vou fazer um programa que é o parlamento, que é no parlamento a entrevista.

Ana Paula Goulart de Andrade: É lá?

Rui Miranda: É lá, uma entrevista, é, de cerca de, de quarenta minutos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah, você falou. Você já tava pesquisando (inint) 13:39.

Rui Miranda: Sim, ali é realização pura e dura. Não há alinhamento. Ali nós vamos realizar pura e dura, é, de uma forma pura e dura. É, por quê? O único alinhamento é, eu sei que a Luisa vai dizer: "Olá, bem-vindos ao parlamento, hoje vamos falar sobre não sei que, não sei que", e vai apresentar os convidados, e eu tenho que saber qual é a ordem dos convidados, que é pra saber logo quem é câmara um, câmara cinco, câmara um, câmara cinco. Ela tem que me dizer a ordem e eu saber. E depois, a partir dali, conversa durante quarenta minutos, e eu já sei que aos trinta e oito minutos ela vai dizer: "E agora vamos ver qual a, a posição das outras forças políticas." Fala-se durante uns bons segundos e a seguir já sei que vou pra despedida. O único alinhamento é esse. No meio daquilo tudo, eles vão falar, muitas vezes vão se atropelar, vão falar por cima uns dos outros, e aquilo tem que tar lá tudo. Eu tenho que ser ali os olhos do, do telespectador e tenho que mostrar exatamente as reações, os sorrisos, os gestos de confiança quando alguém diz não sei o que, e aquilo ali não tem NPS, não tem NPS, é o nosso sistema.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Rui Miranda: Não tem nada, ali é nossa realização pura e dura, como realizadores de informação, mas é nossa realização pura e dura sem constrangimentos de alinhamentos, de grafismos, de nada, é, é óbvio que nós temos também muito treinados pra isso, e provavelmente, se calhar, alguns de nós até gostam mais de fazer só essa realização. Eu gosto muito de fazer, eu gosto muito de fazer, mas também gosto muito de fazer telejornal. É, que é mais um trabalho de equipa, digamos, diferente, e, e mais, digamos, pendurados no alinhamento, que é criado todos os dias. Seja telejornal, seja, seja outro programa qualquer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como é que você avalia em dez anos, num período de dez anos que também é um trabalho que eu tô fazendo aqui pra RTP. O que que você acha que mudou de 2009 pra 2019 tecna... na técnica, né, nas novas potencialidades da internet ou na produção, na colaboração do cidadão comum, no telejornal ou na busca por rede social, o que que você acha que, em termos de

interação e interatividade, é, acrescentou ou não acrescentou, ou deveria ter acrescentado?

Rui Miranda: É, tecnologicamente, eu acho que nós nos deixamos atrasar um pouco, nós mudamos pra dezesseis por nove há pouco tempo, esses membros foram um dos primeiros, é, em Portugal nos dois canais principais, nos três canais principais, a RTP e a SIC TV fomos os primeiros a mudar pra dezesseis por nove, mas eu acho que deveríamos ter feito há mais tempo, foi uma luta um bocado, foi complicada porque havia muitas situações técnicas que tinham que ser mudadas, não é? Não era só chegar lá e mudar o interruptor da câmera pra dezesseis por nove, era, isso era muito mais complicado que isso, e felizmente conseguimos tecnologicamente avançarmos, continuamos ainda a transmitir em SD, portanto ainda nem transmitimos em HD...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ah não.

Rui Miranda: Se passarmos a transmitir em HD, vamos ter que alterar muitas coisas, é um paradigma diferente, porque temos mesas que são riscadas e então, chão, é o chão que tá riscado, portanto, em SD isso em caso não há muito, não se vê muito, em HD essas coisas pormenores...

Ana Paula Goulart de Andrade: Denuncia.

Rui Miranda: Vão seguir e vão se, vão se perceber. É, tá aqui, tá agora a assistir, é, que temos que, é, é que modificar uma (RGI) 17:02 finalmente, felizmente, e tecnologicamente távamos, tamos a avançar um pouco porque andamos a trabalhar com um material que anda, é, a trabalhar há vinte, vinte e cinco anos diariamente, constantemente. E algumas vezes com avarias, com limitações técnicas. Não conseguimos fazer neste momento mais do que um simples janela dupla com pivô e exterior com, com, com repórter no exterior, não conseguimos fazer três janelas ou quatro, se quisermos temos que andar e inventar. Não temos mais técnicos para fazer, o que é uma vergonha numa empresa como, com a grandiosidade da RTP, e, e, e, e tamos a evoluir agora um pouco, vamos ficar com uma (inint) 17:47 tecnologicamente mais avançada, mas, é, comparando, é, há uns anos atrás, nós

távamos e íamos comprar umas câmeras, é, íamos comprar umas câmeras novas, e havia umas câmeras que tavam guardadas num determinado armazém e lembro o meu chefe de ter perguntado alguma coisa e eu ter dado uma resposta que demonstrou um bocado às vezes, no caso de evoluir ou comprar coisas novas não quer dizer que se vá pra melhor. Eu lembro na altura, não interessa a marca, meu chefe tava muito virado para ir comprar umas novas câmeras, que não era comprar, era alugar umas novas câmeras.

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum.

Rui Miranda: E eu ter dito, desculpa lá, mas por que que tu vais comprar essas câmeras quando temos as câmeras assim e assim guardadas no armazém e não as usamos? E ele disse: "Como tu não preferes as câmeras da marca tal, e são novas, não tá agora a usar umas câmeras usadas." E eu respondi: "É, responde tu. O que que tu preferes? Preferes andar num Fiat novo ou num Rolls-royce usado?". E eu, eu não disse mais nada, e as câmeras tavam no armazém vieram pra os, pra os estúdios, e realmente na altura os apuradores do controle de imagem disseram: "Epa, finalmente temos aqui os Rolls-royce das câmeras para podermos trabalhar." E, e, supostamente tínhamos...

Ana Paula Goulart de Andrade:Tava guardado.

Rui Miranda: Tecnologicamente. Mas aquilo tava, aquilo tava guardado. Agora, é, eu estava a responder-te apenas uma pequena parte da tua pergunta e do alcance da tua pergunta porque é, falando depois tecnologicamente até a nível, é, de avanço das redes sociais, de, de procura de informação e tudo o mais, eu acho que evoluímos, mas muito pouco. É, tivemos um exemplo agora no início do ano e já reclamei com a minha chefia por causa disso, e já fiz força porque são (inint) 19:48, é, que foi quando aconteceu aquele tsunami agora na, na Indonésia por causa do vulcão que desabou em parte e criou aquele tsunami, digamos, nós não tínhamos imagens, e a tevê e a SIC estavam apoiados nas redes sociais, no Instagram, no Facebook, no, no, em tudo aquilo, que hoje em dia chega primeiro, é, à nossa casa. É, se tu tiveres de férias na Indonésia e aquilo acontecer, tu vais filmar ou vais fotografar e vais pôr na tua rede social e dizer: "Que sorte que eu tenho, escapei

disto, estou aqui, estou a assistir isto em primeira mão." Tu vais pôr na tua rede, tu vais partilhar aquilo...

Ana Paula Goulart de Andrade: Desbanca um pouco a televisão e esse alcance de você não poder cobrir tudo.

Rui Miranda: E aquilo chega primeiro na casa das pessoas do que chega uma equipe de reportagem ao que chega umas imagens uma Reuters ou uma (inint) 20:41 ou uma, uma mídia qualquer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas e a credibilidade disso? A mediação jornalística.

Rui Miranda: Agora, pronto. A credibilidade tem que existir, tem que ser filtrada por nós. É, eu posso dar um exemplo muito...

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Rui Miranda: Concreto. É que há um, uns três ou quatro anos, houve uma rixa, houve uma luta na noite entre um dono dum, dum restaurante, é, de um restaurante, e um, um grupo de jovens, é, que às quatro ou cinco da manhã resolveram, não sei por que, é, assaltar ou restaurante ou pronto. E o senhor tava lá dentro e o senhor defendeu-se com uma catana. E feriu um, um dos jovens e ele foi parar no hospital. E de repente, no meio, na, na, é, na, na rede, nas redes sociais surgiram uma ou duas fotos duma pessoa com um golpe exatamente naquele sítio onde supostamente...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tinha acontecido.

Rui Miranda: Tinha acontecido aquele problema. E nós, nós, neste caso a jornalista que fez a peça, incluiu na peça aquela imagem. Quando se foi descobrir que aquela imagem já tinha três ou quatro anos e não tinha nada a ver com aquele assunto. Bastou colocar aquilo e por exemplo, nós já sabíamos disso, algumas das pessoas sabem isso, se tu fores ao Google e se tu tiveres dúvida de uma imagem, tu

consegues fazer, tu consegues agarrar na imagem, colocá-la no Google e o Google vai pesquisar se aquela imagem já foi publicada...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tem em várias redes, factchecking.

Rui Miranda: Pronto. Se aquilo já foi publicado antes ou quando é que foi a primeira vez que aquilo foi publicado. E quando se fez isso, quando se fez isso, descobriu-se, (repare) 22:28, nós temos a pôr no ar uma foto ao que supostamente era de ontem, quando este diz aqui o Google que esta foto foi publicada há, há quatro ou há cinco anos. Portanto, tem que haver um grande cuidado de fazer essa, essa, esse, esse filtro e de tentar perceber se o que estamos a pôr no ar é verdadeiro, tem valor ou não tem valor, se tem a acrescentar ou se estamos, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: A reproduzir apenas aquilo, (inint) 22:57.

Rui Miranda: A reproduzir ou, ou, é, a usar, se calhar, às vezes uma coisa que surge de uma forma inusitada ou que há...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vai até pra o principal, né.

Rui Miranda: Ou que alguém agarra e põe propositadamente e diz...

Ana Paula Goulart de Andrade: Isso.

Rui Miranda: Vejam bem o que fizeram quando sabem claramente que aquela foto não tem nada a ver com o assunto. E às vezes as pessoas ou os média tem que ter muito cuidado, é, realmente para não agarrarem toda a informação que existe e reproduzi-la como sendo verdadeira, né. É, é, é preciso ter muito cuidado com isso. Nós, nós, nós hoje em dia usamos um equipamentozinho ali na (inint) 22:38 que tu já viste também que é um tablet.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Rui Miranda: Que conseguimos às vezes ver uma informação muito rapidamente, mas temos que ter cuidado para perceber o que que temos a usar, qual é o...

Ana Paula Goulart de Andrade: [inaudível] 22:48 uma barriga, uma imagem forte...

Rui Miranda: Sim, qual é o meio de comunicação que está a divulgar aquilo, nós percebemos que se for um canal de televisão europeu ou uma coisa qualquer, nós aí temos que confiar e podemos, ó, não pôr aquilo no ar. Às vezes podemos ser louvados naquela situação de estresse, de sermos os primeiros a, a dar a notícia, (inint) 24:10 se não é verdade, não podemos pôr isto no ar.

Ana Paula Goulart de Andrade: Só que vocês têm uma, uma preocupação muito grande até porque é pública.

Rui Miranda: Temos que ter, temos que ter, temos que ter, temos que ter, essa preocupação, e, pois, também temos que ter a preocupação dos direitos.

Ana Paula Goulart de Andrade: Lógico.

Rui Miranda: De termos a usar imagens que não temos direito de usar...

Ana Paula Goulart de Andrade: Proteção de dados, né.

Rui Miranda: Proteção de dados, não só serem verdadeiras. É, serem fidedignas ou não, depois podemos ou não podemos usar, nós não podemos tar a pôr no ar, por exemplo, uma imagem que é divulgada pela primeira vez pela tevê ou pela SIC e nós agarramos e pomos no ar e a imagem é deles, e os direitos são deles, e nós vamos ter que pagar multa e, e não são, não é uma multa assim muito pequena, se o, se o fizermos. Ou se tivermos de usar imagens de crianças porque existe um problema qualquer, ou porque foram abusadas ou porque foram não sei o que, nós não podemos tar a pôr os rostos, não podemos tar a divulgar aquelas imagens, temos que saber exatamente isso. Isso chegou a acontecer no Sexta às 9, nós temos que ter um cuidado imenso pra não, pra não...

Ana Paula Goulart de Andrade: Só o blur, coloca blur?

Rui Miranda: Sim, sim, sim. Aconteceu uma vez...

Ana Paula Goulart de Andrade: Preservar, né.

Rui Miranda: Aconteceu uma vez, a informação não passou, não chegou aqui ao grafismo, eles publicaram a imagem das crianças sem blur na, no rosto e nós pusemos aquilo no ar, e quando pusemos aquilo no ar, olhamos e dissemos: "Nós estamos a pôr as imagens sem o blur." Tivemos que tirar imediatamente e aquilo, é, não sei se chegou a dar algum processo ou não, tenho impressão que não porque [ininit] 25:30 depois resolveu a situação e pedimos desculpas e, e nós tínhamos dito aquilo ao grafismo, portanto, lá está, houve aqui um, houve aqui um, uma parte, houve aqui um, um desafio que se percebeu no ar grave, alguém que devia ter trocado (inint) 22:51 da forma perfeita e não, e não, e não trocou, e percebeu-se aquilo, quer dizer, as pessoas não sei se perceberam, nem olharam, se calhar, nem, nem, nem viram, mas, mas...

Ana Paula Goulart de Andrade: Deveriam ver.

Rui Miranda: Deveriam ter visto e, e, nesse aspecto, nesse aspecto, é, é muito importante que haja realmente esse cuidado de todas as pessoas de todas as áreas, é, porque somos, nós somos, um todo, não, não, não conseguimos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Não se faz televisão sozinho.

Rui Miranda: Exatamente, não se faz televisão sozinho.

Ana Paula Goulart de Andrade: Essa é a minha próxima pergunta. É, a gente vê muito em redes sociais, qualquer pessoa e mesmo profissionais, é, se utilizando do direto, né, que cês chamam. Que lá, a gente chama de ao vivo. Do direto, é, pra, ou pra fazer teaser e chamar pruma peça ou pra enfim, cidadão comum que tá em algum

lugar e precisa no regime de visibilidade das redes se mostrar, sendo que as redes sociais tão pegando uma coisa que é um talento da televisão, né.

Rui Miranda: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: O ao vivo, o direto, é um talento da televisão. A televisão mostrou pela primeira vez, enfim. É, como é que você avalia isso? Você é a favor, por exemplo, eu vi que não tem muita infor... muita ligação essa redação com a redação de cima, né.

Rui Miranda: S...

Ana Paula Goulart de Andrade: Como se fosse, tem o online, mas por exemplo...

Rui Miranda: Havia dever mais.

Ana Paula Goulart de Andrade: [inaudível] agora fez uma matéria, uma peça, e poderia do sítio ter feito um vídeo que é a própria leitura das redes sociais online e tal, e trazer pra cá. Como é que você avalia isso?

Rui Miranda: Eu acho, eu acho, não há, não há aquela sinergia que devia existir. E semp... semp... semp... eu sempre tive muita pena e sempre pensei nisso. Nós somos uma estação de televisão com, salvo erro, dezessete canais, dezessete ou dezoito, algo do gênero incluindo as rádios. A RTP Internacional, a África, a RTP Açores, Madeira, pronto. As rádios todas. E acho que infelizmente nós podíamos criar aqui uma, uma sinergia tão grande, um, é que um elo de ligação tão grande entre todos, e por não vermos a todos e nos puxarmos a todos, porque no fundo somos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Um só.

Rui Miranda: RTP, rádio e televisão de Portugal. E não vemos isso, vemos cada área, cada redação, cada, é, setor, a trabalhar quase exclusivamente pra eles próprios como fossem, como fossem...

Ana Paula Goulart de Andrade: Separados.

Rui Miranda: Separados. É, eu tenho dado sempre esse exemplo. É, eu vou no ar e se for ouvir a Antena 1 ou a Antena 3, eu não conheço, por exemplo, a dizer: "Atenção, não esqueçam hoje, às oito horas, no telejornal, o ministro das finanças vai falar sobre o estado das finanças em Portugal." E se calhar, aí eu ia no carro, mesmo que eu não fosse até grande espectador da RTP, se calhar: "Hoje vou ver o telejornal." Ou, o telejornal fazer o, durante a tarde, uma coisa qualquer...

Ana Paula Goulart de Andrade: O debate continua.

Rui Miranda: O debate continua, não continua.

Ana Paula Goulart de Andrade: Ou no online falando daqui a pouco.

Rui Miranda: Ou, ou, ou exatamente aquilo que se faz na, na rtp.tp, chega a acontecer por exemplo no grafismo, que é um sítio onde eu também venho e tenho que lidar muito porque é aqui que nós pedimos toda a parte gráfica que entra no, nos nossos jornais, às vezes venho aqui pedir, um, uma fotograf... uma fotografia qualquer sobre a manifestação da, dos enfermeiros, e eu chego, eu chego aqui e eles disseram: "Peraí, não tem nada, não sei." E eu vou à rtp.tp e a rtp.pt tem uma imagem fantástica sobre a manifestação. E eu digo: "Tá, mas o online tem, mas se o online tem..."

Ana Paula Goulart de Andrade: [inaudível] em rede.

Rui Miranda: Não é? "Mas se o online tem, por que é que vocês não têm?". Mas isso não faz sentido, quer dizer. Não, não, não fica em rede. Eles trabalham pra eles, nós trabalhamos pra nós, e se for preciso a rádio até vai buscar outra coisa, ou, ou se for preciso, é, a rádio, eu sei que eles se baseiam um pouco também na, no nosso, no nosso NPS...

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Rui Miranda: E nas nossas notícias principais, mas acho que devia haver uma ligação muito maior...

Ana Paula Goulart de Andrade: Eram só as peças já prontas.

Rui Miranda: Sim, muito maior. Não só a nível gráfico, como a nível de informação, como a nível de autopromoção, porque nós, e aqui há dias eu tava a falar com alguém ali da redação, parece que na RTP existe muito, uma espécie de timidez em autopromover-nos, em diz... A SIC.

Ana Paula Goulart de Andrade: Pouca ousadia.

Rui Miranda: Pouca ousadia. A SIC, durante tempo, era, era conhecida pela televisão que mais autopromoções fazia, de todos os programas que iam acontecer entre as coisas mais importantes.

Ana Paula Goulart de Andrade: Nossa, eu percebo isso.

Rui Miranda: E nós chegávamos ao fim do dia e dizíamos assim: "Bolas, já sei que a SIC à noite vai ter não sei quem a falar sobre..."

Ana Paula Goulart de Andrade: Classifica, né.

Rui Miranda: Não, eles, é, mas aquilo funcionava...

Ana Paula Goulart de Andrade: É porque assim...

Rui Miranda: Aquilo funcionava. E nós não fazemos isso infelizmente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É porque o jornalismo tem esse dever democrático, né, de busca democrática, esfera pública, que vocês são tevê pública, mas o jornalismo por outro lado também é um negócio, e como um

negócio, você tá em busca da audiência, você também tem que ter essa capacitação desse telespectador.

Rui Miranda: Sim, nós durante um, nós durante muito tempo, achamos que as audiências eram importantes. Depois, as audiências começaram a baixar e quando mudam as direções e as administrações e tudo o mais, é, as coisas pois às vezes mudam e alguém passou a dizer: "Não, nós somos uma estação pública, as audiências não são importantes, não vamos atrás dos outros...", porque eu lembro quando entrei e durante alguns anos, é, o telejornal e os intervalos do telejornal era (jogados) 31:26 em, em, em, em comparação com a tevê e a SIC, era a perceber, ok se a tevê e a SIC vão pra o intervalo, nós vamos puxar aquilo que mais a audiência traz ao telejornal, possa ser o desporto ou possa ser o internacional porque o Trump disse uma baboseira qualquer e depois a seguir vem o Maduro e aquilo, e vai (inint) 31:46 mas não sei o que, vamos puxar isto agora no intervalo, as pessoas não vão, vão mudar, ou vão à casa de banho, ou fazem zapping e param no nosso, temos que pôr o melhor. Ou, é, eles não foram pra o intervalo, vamos nós pro intervalo. Durante muitos anos, isso foi esquecido. Nós andamos sempre: "Não precisamos das audiências", isto, aquilo e aquilo outro. E íamos pra intervalo sempre às vinte e cinquenta. Não interessava se tínhamos boa audiência ou má audiência, não sei o que. E, pois, agora chegamos outra vez à conclusão que, se calhar, tem importância. É, e, e no fundo, é, e assim, nós não temos tanto peso e a necessidade que os privados têm dessas audiências.

Ana Paula Goulart de Andrade: Claro, que é a sobrevivência deles.

Rui Miranda: É a sobrevivência. Se eles não tiverem audiência, a publicidade não paga mais, não os procura e eles têm que fazer dinheiro obrigatoriamente. Nós não temos tanto esse peso e, e não vivemos tão dependentes dessa realidade.

Ana Paula Goulart de Andrade: [inaudível] 32:47 da fidelidade do público.

Rui Miranda: Da fidelidade, sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: Da (inint) 32:53 de sociedade.

Rui Miranda: Certo, eu, eu acho que nos faltou durante muito tempo nos modernizarmos também até a nível de imagem, a nível estético, eu acho que nós agora passamos, para mim, no meu ponto de vista, a fase mais, a fase menos atraente a nível gráfico e a nível estético e a nível de estúdio. Entramos ali embaixo e vemos uma imensidão de cinzento e azul, cinzento e azul é tão frio, é tão, parece que estamos a entrar num sítio, sei lá, num sítio estranho. E isso já foi extremamente agradável, estar ali embaixo, havia cor, havia volume, havia...

Ana Paula Goulart de Andrade: Vida.

Rui Miranda: Havia, havia mais vida. É, e agora sentimos, era mais aconchegante, e até para o próprio espectador era mais aconchegante, era mais acolhedor e, e agora estamos a passar esta fase azul e cinzenta que é um pouco, é, tão frio e tão, parece tão, tão...

Ana Paula Goulart de Andrade: Previsível?

Rui Miranda: Previsível, porque eu acho, acho que nesse, nesse aspecto e nos meus doze anos de realizador, nós estamos graficamente a passar a, a fase mais, mais feia ali, menos atraente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É. De 2009 para 2019, basicamente são essas questões?

Rui Miranda: Sim, acho que nós já perdemos uma boa oportunidade de nos modernizar mais a nível gráfico, a nível técnico também, a nível técnico também...

Ana Paula Goulart de Andrade: E a participação das redes.

Rui Miranda: E a participação das redes, e criar aqui as tais sinergias entre os diversos, os diversos setores, os diversos (inint) 34:36.

Ana Paula Goulart de Andrade: Então, pouco mudou, assim.

Rui Miranda: É, sim, pouco mudou, mas assim, há dez anos atrás não havia, há dez anos atrás não tinha, nós não tínhamos, praticamente nem sabíamos o que que era, é, é, multimédia, a multimédia era algo estranho. Quer dizer, havia uma rtp.pt, mas depois não havia mais nada, depois começamos a perceber que, se calhar, fazia sentido, e que havia muitas pessoas que chegavam à casa, é, se os horários eram diferentes, a realidade é diferente, a pessoa hoje em dia não tem que ver o telejornal às oito horas, pode vê-lo ou, ou nem tem que ver o telejornal, pode querer ver uma notícia sobre um determinado aspecto e, nós tivemos um, um diretor de informação que, que foi até bastante importante nisso, que foi o José Alberto Carvalho.

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum.

Rui Miranda: Depois mudou pra tevê e tem uma noção mais, é, digamos, à frente nesse aspecto e que criou até na altura uma coisa que chamava "o meu telejornal", que a pessoa quase que podia agarrar no alinhamento do telejornal e fazer um telejornal para poder ver uma parte, primeiro, era quase como agarrar num Lego e dizer: "Ok, este é o Lego, esta é a construção, mas eu vou desmontar as peças e agora em vez de uma coisa, eu vou fazer um carro, vou fazer uma coisa diferente e vou fazer à minha maneira." E ele tinha realmente um (inint) 35:55 que impulsionou um pouco a, a, essa, essa, essa área mulitmédia e o, e o online que ele dava muita importância, e parte das tecnologias e tudo o mais. Depois ele saiu, passamos um bocado aqui por uma aragem, depois na altura do, do novo, do outro diretor de informação, José Manuel Portugal, ele entendeu que deveríamos nos autopromover e pormos promoções do telejornal durante o Portugal em Direto às, às seis da tarde, pormos promoções do Sexta às 9 também no Portugal em Direto e no telejornal com a própria pivô a falar sobre, sobre os temas que iam, que iam acontecer, e é óbvio que isso puxa espectadores, que o espectador pode tar distraído, às vezes até pode nem se lembrar que é sexta e que vai haver o Sexta às 9, e se calhar até fica a ver. Se calhar, é o que eu digo, se calhar, se a rádio passasse desde a manhã, não, não se esqueça que hoje é sexta-feira e temos nosso programa Sexta às 9 começando a falar sobre o Aeroporto do Montijo, ao falar sobre, é, o problema do, do, dos bancos, ou seja aquilo que for, uma investigação no Sexta às 9. Se calhar, isso puxava e, e por que que nós não podemos fazer isso, não há, não há, não há essa

ligação, não há, não há essa ligação. Portanto, é, isso acaba por ser, eu acho, também tem um pouco a ver com a nossa empresa, nós se não formos ou se não fizermos dinâmicos e, e não quisermos acrescentar algo mais positivo, nós vamos viver o nosso dia a dia, chegamos, cumprimos horário, fazemos os mínimos, vamos para casa, ninguém nos chateia e não damos nas vistas nem pela positiva, nem pela negativa, e depois vamos vivendo um bocado o nosso dia a dia assim e acabamos por não...

Ana Paula Goulart de Andrade: Ter desafio.

Rui Miranda: Por não ter desafios novos. E eu nesse sentido preciso sempre imenso de novos desafios e novas coisas e tava até a contar há pouco que há poucos dias eu tive a falar com, com a minha chefia a pedir pra trazerem um monitor grande, tanto para nos podemos aceder às redes sociais e podermos pôr um jornalista a falar sobre um acontecimento qualquer que tenha ocorrido minutos antes.

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu vi que o João usa um pouco no [inaudível] 38:24...

Rui Miranda: Usa um pouco, usa um pouco, sim. Já não usa neste momento porque essa mesa, esse, esse monitor tá guardado no armazém. Monitor esse que podia tar a ser usado aqui...

Ana Paula Goulart de Andrade: Desenterra (riso).

Rui Miranda: A fazer uma coisa, é, e aliás, eu tive agora nesse armazém há duas semanas com o meu chefe porque eu disse: "Tá, desculpem. Nós temos um monitor, tantos que é um computador bonito que tem, nos pode dar ali mil e uma coisas, claro que agora vamos ter que arranjar um jornalista ou dois que saiba mexer naquilo, vamos ter que pensar numa forma para, é, encaixar aquilo numa situação qualquer." Agora, se tiver um tsunami na Indonésia? A SIC e a tevê já têm um jornalista em pé com um monitor grande a percorrer as redes sociais e a dizer o que que se tá a falar e a mostrar, e tamos a ver...

Ana Paula Goulart de Andrade: No Brasil, a gente tem o G1, é muito...

Rui Miranda: Os vídeos pela primeira vez. E na RTP não temos nada, não acontece nada. Enquanto as agências não mandarem imagens, nós não temos (inint) 39:22 a mostrar nada, não temos, não temos nada para mostrar, estamos atrás deles.

Ana Paula Goulart de Andrade: Essa despreocupação com, talvez com a audiência.

Rui Miranda: E às vezes até temos os meios, mas depois vamos um bocado pelo dia a dia, fazemos as coisas sempre da mesma forma e depois não evoluímos, não, não avançamos, não queremos ser ousados, não, não, e isso às vezes, essa, essa inércia que se cria dentro desta empresa e que, que me faz às vezes ficar algo triste, às vezes até em alguns momentos me deixe também atrás desse, desse, desse passo, digamos, então, é, ritmado, mas às vezes tão prejudicial porque às vezes queremos andar mais, mais depressa e de repente há sempre alguém que agarra no braço: "Epa, deixa lá, vai andar mais devagar."

Ana Paula Goulart de Andrade: "Para que tanta pressa?"

Rui Miranda: É, "Por que tanta pressa?" e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Falando em imprensa, como é que é, uma pergunta mais difícil, mas enfim, se não conseguir responder, tudo bem. Como é que você imagina que o telejornalismo em si, como um todo, vai tá daqui a dez anos? Já que eu não preciso de uma televisão hoje, já, eu não preciso de uma televisão...

Rui Miranda: Eu acho que essa resposta é, pode ser... Acho que essa resposta pode demorar tanto tempo, como pode ser tão curta que... Eu, hoje em dia, por exemplo, também já vejo televisão de uma maneira diferente que via há dez anos atrás. É, eu, hoje em dia, eu antes chegava a casa e via televisão, via aquilo que tava a ser dado no momento. Depois surgiram os gravadores, os cassetes, o... e nós passamos às

vezes a ver alguns programas gravados, já sem ser em direto. Depois, as operadoras públicas de televisão e os distribuidores de, de televisão passaram a ter mais blocos em que nós podíamos andar até sete dias pra trás. Mas nós depois também começamos a ver que na internet, com wifi, com os telemóveis hoje em dia, com os computadores nós podemos ver aquilo quando quisermos. É, eu, eu vou ser muito sincero, eu, eu em relação às redes sociais sou um bocadinho, é, é, eu tive Facebook e anulei porque (inint) 41:44 porque me cansei um pouco da abordagem que era feita no Facebook.

Ana Paula Goulart de Andrade: Uhum.

Rui Miranda: É, ou do uso que se fazia do Facebook. É, já pensei em criar Instagram e, mas não, mas não tenho. Não é que não seja adepto das redes sociais, mas não sou adepto daquela...

Ana Paula Goulart de Andrade: Dinâmica?

Rui Miranda: Daquela dinâmica e às vezes do, do, do... Eu dei por mim, antes de me (inint) 42:14 do Facebook, é, bloquear amigos que pura e simplesmente diziam: "fiz jantar", "fui almoçar", "fui me deitar", "fui..." não sei, não quero saber disso.

Ana Paula Goulart de Andrade: A necessidade do regime de visibilidade.

Rui Miranda: Não quero saber disso. Dei por mim a ver no Facebook só notícias, headlines da TSF, CNN, RTP, BBC, portanto tudo aquilo que eram notícias só, não queria saber do Facebook para, para mais nada. Não respondia a ninguém, não punha likes em ninguém, já tava farto de não, não perdia tempo com isso. Depois dei por mim a assistir, é, dei por mim, é, a ser mais fiel, por exemplo, ao YouTube até, YouTube no sentido de ver documentários, de, de ver coisas, às vezes até alguns programas que eu assistia do, é, do The X Factor, do America'sGotTalent, do, de muitas programas desse género que eu até nem ia já a blocos, mas ia ao YouTube pesquisar. Em nível às vezes de informação, também eu fazia. Portanto, houve uma evolução também em mim, da maneira como eu assistia e via televisão. Daqui a dez anos, eu acho que, é, vai sempre ter que haver, é, um, vai sempre ter que haver, é,

uma RTP, vai sempre ter que haver uma SIC ou uma tevê. Aliás, nós distinguimos um pouco por isso, por quanto perguntamos aos portugueses em quem que eles confiam, quem que eles gostam de ver. Se calhar, gostam de ver a SIC, mas qual é o pivô mais, é, mais, qual, qual, qual...

Ana Paula Goulart de Andrade: Credibilidade.

Rui Miranda: Qual é o pivô mais credível? (inint) 44:02. Então aí dos três, qual é que acham que é mais credível? A RTP. Mas como é que vê? Ah, se calhar, vejo a tevê, mas, ou seja, essa credibilidade pode definir, e eu acho que vai definir, e já está a fazê-lo, mesmo daqui a dez anos, o que que é informação. Nós podemos procurar em mil sítios e ver até uma pessoa que gosta muito de fazer vídeos no Instagram a dizer que tá num sítio assim e assim, e aconteceu isso, aconteceu aquilo. Mas nós precisamos de, é, ter essa, essa, é, essa credibilidade e perceber se a notícia que está a ser divulgada é ou não credível. Olha, eu acho que essa, essa, essa importância de, de, de buscar aquilo, de buscar a verdade pode definir realmente, é, o nosso...

Ana Paula Goulart de Andrade: Destino.

Rui Miranda: O nosso, o nosso, nosso destino. Porque, com os telemóveis, com as câmeras, com a facilidade como captamos imagens e captamos vídeo e enviamos pra o outro lado do mundo até em direto e tudo o mais, pode afastar muitas pessoas daquilo que era a televisão, né. Mas eu acho que, no fundo, é um pouco como quele música dos Queen, Video Killed the Radio Star, mas a rádio continua a existir, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim, sim.

Rui Miranda: A rádio continua a existir.

Ana Paula Goulart de Andrade: Livro (riso).

Rui Miranda: A rádio e o livro. A rádio continua a existir e continua, continua-nos a fazer uma, uma companhia incrível no carro, ou às vezes até numa aplicação que nós temos porque queremos ouvir aquele programa de rádio ou aqueles comentadores. Portanto, a, a televisão não veio matar a rádio, a rádio não veio matar o livro. É, eu acho que depois, nós temos hoje em dia tantas opções, tantas opções, que parece que as melhores depois já não são tão boas, mas acho que essa credibilidade vai fazer com que nós precisemos distinguir realmente, é, quais a que escolhemos e quais a que pomos de lado. Se bem que eu acho que a, as novas gerações, nós temos a falar agora aqui de uma geração, se calhar, trinta, quarenta, cinquenta anos, se calhar tem muito presente isso. As novas gerações calhar vão ter que aprender isso um pouco, é, com o tempo, e perceber realmente que essa credibilidade realmente é importante e que se calhar, é, tem que, quando precisarem, perder algum tempo com aquilo que os mais velhos tinham na altura, que era a televisão (inint) 46:44, temos que tar sempre a olhar, é, para todos essas novas tecnologias (inint) 46:52...

Ana Paula Goulart de Andrade: Tão com a faca e o queijo na mão.

Rui Miranda: Exatamente. Temos que olhar para, para o que está a ser feito...

Ana Paula Goulart de Andrade: Interação.

Rui Miranda: Para as novas gerações, temos que olhar pra todas as novas tecnologias que estão a surgir e perceber dentro de que, é, de que modo é que nós podemos tirar partido disso e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Atrair esse público também (inint) 47:13.

Rui Miranda: Atrair esse público. Por isso é que nós criamos a multimédia, criamos a RTP online, criamos tudo isso porque existe esse meio, nós vamos ignorá-lo? Não. Não vamos. Vamos, vamos fazer com que possamos tirar partido também dessa ferramenta e, mas eu acho que a forma de fazer jornalismo pode se adaptar, mas na sua essência ela, ela está lá, na sua essência ela está lá, nós...

Ana Paula Goulart de Andrade: É, através da credibilidade.

Rui Miranda: Claro, nós antes fazíamos notícias com cassetes, não é? E púnhamos as cassetes na (RGI) 47:47 e fazíamos play. Hoje em dia, não há cassetes, não há nada já com espaço físico, é tudo, é, digital, são cartõezinhos pequenininhos, são servidores, são. Portanto, e no fundo, é...

Ana Paula Goulart de Andrade: É imaterial, né.

Rui Miranda: O material continua a ser o, o mesmo né, a notícia, né, o, o, quem, quando, onde, como, é, a base, a base é exatamente a mesma. Hoje em dia, pode ser que tenha, ainda voltando um pouco atrás, pode ser que tecnologicamente, com a, agora com a alteração dum sistema que nós temos que é o NPS, ou evoluímos no NPS ou passando pra um novo sistema de apoio da informação que é o 48:28, que é o (Downlet) ou algo semelhante, faça com que haja um, uma sinergia maior entre as, as diversas áreas porque nós conseguimos perceber que, por exemplo, a quem é que tá a trabalhar em quem, em que notícia, como e, e pode ser que aí as coisas depois, pode ser que a tecnologia que lá está nos ajude, é, a, a sentir-nos mais como um, como um, um, um todo, é, e em vez de existir a redação da, da multimédia, que tá lá em cima, que ninguém fala com eles praticamente, põe umas fotos às vezes muito giras e que nós aqui no telejornal às vezes queremos fotos e não temos, mas que afinal a multimédia já tem. Ou seja, pode ser que novas ferramentas que possam vir aí para substituir as ferramentas atuais com que nós lidamos, é, possam criar também depois mais facilidade de nos ajudarmos, é, mutuamente dentro da empresa e, e pode ser que isso evolua um pouco, um pouco nesse, nesse, nesse sentido. Mas, mas atualizando da forma como conhecemos, acho que vai ser sempre a boia, digamos.

Ana Paula Goulart de Andrade: "A boia" é ótimo.

Rui Miranda: Vai ser sempre ali, vai ser sempre ali um sítio que nós sabemos...

Ana Paula Goulart de Andrade: Forma noticiosa, eclipse.

Rui Miranda: É, nós podemos até nos aventurar a dar umas braçadas pra um lado e pra o outro, mas sabemos que a boia é o, o barco principal...

Ana Paula Goulart de Andrade: É o porto seguro.

Rui Miranda: O porto seguro e, e é aquilo. Portanto, acho que pra onde quer que, que se vá, acho que já percebemos que, que não vai haver alterações nesse aspecto, né, mas, mas se calhar, vamos fazê-lo de forma ligeiramente diferente, né. Mas vamos ter que nos adap... adaptarmos. Mas eu acho que a boia é sempre a, a televisão e...

Ana Paula Goulart de Andrade: Acho que fechou.

Rui Miranda: É isso.

Soraia Ramos

PARTICIPANTES

Ana Paula Goulart de Andrade

Soraia Ramos

TEMPO DE GRAVAÇÃO

15 minutos e 18 segundos

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

/ → interrupção abrupta.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida

[00:00:00]

Ana Paula Goulart de Andrade: Na verdade, apresentação, cargo e sua função aqui na RTP.

Soraia Ramos: Meu nome é Soraia Ramos, sou jornalista, eu trabalho num programa de investigação que se chama Sexta às Nove. É, e sou jornalista, também trabalho para o telejornal, todo tipo de coisa.

Ana Paula Goulart de Andrade: Há quanto tempo cê tá aqui na RTP?

Soraia Ramos: Na RTP eu entrei pela primeira vez em 2008.

Ana Paula Goulart de Andrade: Aí saiu e voltou.

Soraia Ramos: Depois saí e voltei. Fui a trabalhar fora do país.

Ana Paula Goulart de Andrade: E aí um pouquinho assim da sua trajetória. Como é que foi desde a sua formação até agora?

Soraia Ramos: Eu licenciiei-me em Jornalismo na, na Universidade de Coimbra. É, depois, fiz um estágio na SIC, que é uma televisão privada, a primeira em Portugal. É, e depois surgiu um estágio extracurricular na RTP e na Atena 1. É, enquanto trabalho pros, para os dois lados, Antena 1 e RTP durante esse estágio. É, depois, mais tarde, venho, é, só a trabalhar pra, pra Antena 1, e depois eu tenho aqui um interregno na minha carreira a nível nacional e vou trabalhar pra fora do país, e, portanto, já fiz reportagens em quase cem países.

Ana Paula Goulart de Andrade: Olha que maravilhoso!

Soraia Ramos: Sim, e, portanto, a experiência nacional permite-me também às vezes fazer até um olhar comparativo, que eventualmente é o que fazes também.

Ana Paula Goulart de Andrade:Uhum.

Soraia Ramos: É, e olhar pras, pras diferenças nas abordagens. É, e fazer todo tipo de jornalismo. O que eu mais gosto, na verdade, é jornalismo em situações de conflito. É, não é tudo que me deixam fazer, mas é aquilo que eu gosto de fazer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Jura?

Soraia Ramos: Sim (riso).

Ana Paula Goulart de Andrade: É, como é a tua opinião assim, né, com toda a sua experiência aí, como é que cê acha que a tecnologia, né, a internet, a tecnologia em si modificou o telejornalismo em si. Assim, em busca de apuração em aplicativo e facilidades, a internet tá aí pro bem e pro mal, a gente tem fake news e tem, enfim, a facilidade de ter um, um vasto campo de pesquisa, como é que você, é a tua avaliação em relação a isso?

Soraia Ramos: Conheço muito poucas pessoas da minha geração, portanto tenho 33 anos, da minha geração que veem notícias na, na televisão. Que param pra ver o telejornal, isso já não acontece na nossa geração. É, aquilo que acontece é as pessoas terem interesse numa notícia, vão pesquisá-la online, vão encontrar aquela notícia que têm interesse. As pessoas já não veem uma hora de telejornal. E ainda, e não ficam como na geração dos nossos avós, e eventualmente na geração dos nossos pais, em que para tudo às oito da noite pra ver o telejornal em Portugal. Isso já não acontece e isso tem que nos fazer pensar.

Ana Paula Goulart de Andrade: É verdade.

Soraia Ramos: Tem que nos fazer pensar a forma como, como fazemos televisão e queremos contribuir pra uma melhor sociedade, porque as pessoas de repente só que... só veem aquilo que querem ver, e, e isso tem que nos fazer trabalhar mais e melhor para que sejamos um dos selecionados para que as pessoas queiram ver, seja a fonte de informação, seja selecionada, e nesse caso a RTP seja selecionada pra (elas estarem) bem-informada. Porque há notícias em todo o lado, a diferença é como é que elas são feitas. Bem, mal ou na verdade só para ter cliques, aquela ideia do clickbait.

Ana Paula Goulart de Andrade: Algoritmo.

Soraia Ramos: Você deve ter visto também no, no Brasil.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim

Soraia Ramos: O algoritmo (de impacto) 03:18. Mas as fakenews é, é uma coisa que me preocupa também, eu até já fiz um curso na verdade sobre isso porque é, sinto, é, uma [inaudível] 03:30, uma coisa que exista online, então jornalistas de todo o mundo.

Ana Paula Goulart de Andrade: O Knight?

Soraia Ramos: Sim, exatamente. Knight Foundation. E, e o que que acontece, as fakenews começam a ter uma dimensão assustadora, é, porque de repente toda a gente partilha aquilo que é falso e toda a gente acredita numa coisa (inint) 03:51.

Ana Paula Goulart de Andrade: Acaba sendo verdadeiro.

Soraia Ramos: É verdade (riso). E eu acho que estamos um bocadinho distraídos e que não estamos a perceber a dimensão do fenómeno das fake news. É, o Brasil nesse aspecto viveu na pele isso e, portanto, eventualmente está mais, é, está mais acordado para esse fenómeno.

Ana Paula Goulart de Andrade: Não tanto (riso).

Soraia Ramos: (riso) Não? É, agora, eu acho que nós aqui estamos, já existem várias, vários sites e vários blogs onde esses tipos de notícias são propagadas. É, agora, eu não sei se as pessoas distinguem bem quando veem numa rede social o que que é falso e o que que é verdade.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mas o jornalismo, em contrapartida, tem que tá onde o povo está, né.

Soraia Ramos: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E o povo está nas redes sociais, se informando nas redes sociais. Na tua opinião, qual é a, a participação da, a gente tem uma televisão que é uma televisão (inint) 04:41, eu consigo ver televisão no meu computador, eu consigo ver televisão no meu celular, na internet, aonde eu quero. É, de que forma você acha que nós jornalistas, assim, que somos um pouco culpados por essa crise no jornalismo, sobretudo no Brasil, não muito aqui em Portugal.

Soraia Ramos: Certo.

Ana Paula Goulart de Andrade: Como que a gente pode contribuir, assim, em termos de interação e de interatividade com esse público?

Soraia Ramos: Uhum. É, é uma...

Ana Paula Goulart de Andrade: Por enquanto, por exemplo, a gente tem a colaboração, jornalismo colaborativo, que é um perigo, ou porque de certa forma o cidadão participa, mas é ruim porque todo mundo pode ser jornalista. Como é que você distingue isso?

Soraia Ramos: É, sabes, eu já estive em, em locais onde outros jornalistas, é, viram, habilidades como tal, viram coisas que na verdade não aconteceram. As coisas quando são retiradas do contexto ou quando são extrapoladas, e em cenários de conflito isso acontece muito, em que há não sei quantos mortos, e esses mortos na verdade não são todos esses, são às vezes até são mais. Portanto, esta, isto é super perigoso. Pegar um, um bocadinho da informação e torná-la o, o título, e, portanto, isso pode pecar por defeito ou por excesso. É, e acho que quando se convida os cidadãos a partilhar as suas informações e a serem eles, eles os repórteres, e a CNN foi uma das primeiras a fazer isso, é, quando, quando se começa a fazer isso, há vários perigos no sentido em que é fácil ser um repórter numa tempestade e pronto, é aquela imagem. Mas quando eles têm que partilhar também as notícias e nós por exemplo no Sexta às Nove acontece muito, as pessoas denunciam coisas, é, precisam muito bem verificar. Houve já várias reportagens em que nós começamos a, a, a mexer e depois percebemos que não é notícia, que não é bem assim como as pessoas tinham contado. Até porque toda a gente tem dores de barriga, e a sua dor de barriga é sempre a maior, a dor...

Ana Paula Goulart de Andrade: A dor do outro sempre é que o outro.

Soraia Ramos: Portanto, muitas vezes exagerada. E essa, essa dificuldade é enorme, de fazer o fact-checking, somos nós jornalistas que temos que fazer. E mais do que nunca, acho que somos cada vez mais importante nesta, nesta função. É isso que o público tem que [inaudível] 07:00. Não é uma matéria profissional, nem é um nome, uma byline, que nós assinamos com o nome. Não é isso que as pessoas têm que dizer de nós, tem que ser uma informação verdadeira.

Ana Paula Goulart de Andrade: A credibilidade como mediação.

Soraia Ramos: Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, em dez anos, assim, em um período de dez anos, que é o trabalho que eu tô fazendo exclusivamente pra RTP. O que que você acha que mudou em termos de tecnologia, o que que a tecnologia mudou o telejornalismo em dez anos?

Soraia Ramos: Durante, portanto, desde 2009 até, é, 2019. Parece o tenyearschallenge, não é?

Ana Paula Goulart de Andrade: (riso) é, exato.

Soraia Ramos: É, eu acho que mudou muito no sentido de a influência das redes sociais é muito grande, e, e nesse momento também temos [inaudível] 07:45, porque eu acho que a concorrência é importante. Temos mais canais de informação em Portugal que nos vêm trazer novos paradigmas, e, portanto, de repente há mais informação e temos que lhes dar resposta, e temos que ir atrás dessa informação para ser melhor e diferente. É, e, e eu acho que isso tudo nos permite fazer melhor jornalismo. Acho que não mudamos ainda tanto quando devíamos ter mudado do ponto de vista tecnológico e do ponto de vista da nossa abordagem das coisas. Parece muito semelhante do que o que era há dez anos. A forma de se fazerem peças, de se filmarem as coisas na rua está a mudar muito lentamente em Portugal.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você acha que as redes sociais, sobretudo com essa mudança de dez anos nas redes sociais, enfim, extrapolou, né, essa possibilidade, do, do, cidadão comum, com Web 2.0, ser o circulador, o produtor da tua própria notícia, assim, mexeu um pouco com o telejornalismo? Cê acha, ou deveria mexer mais com o telejornalismo, da gente entender o que que isso. Porque, por exemplo, o ao vivo, é muito comum que as pessoas façam uma live e falem: "Ah, estamos aqui", começa com "estamos aqui", né.

Soraia Ramos:Aham.

Ana Paula Goulart de Andrade: E que isso na verdade é um talento da tevê que eles se apropriaram bem, rapidamente, só que sem saber fazer essa mediação

credível. Você acha que isso é um indício de alguma coisa, que o telejornalismo tem que se mover nesse sentido?

Soraia Ramos: Acho que, acima de tudo, a adapt... a adaptação da televisão tem que ser muito mais sair da caixinha da televisão, e acho que isso não está a acontecer ao ritmo que as pessoas queriam que acontecesse. É, acho que ainda pensamos em televisão como há dez anos ou como há vinte, e isso é muito preocupante na minha, na minha opinião. Acho que cada vez mais, não tem a palavra mágica da assunção, é, tem que ser ainda refletida por todos nós, acho que cada vez mais nós próprios ligamos muito ao fim das notícias, do, das nossas redes sociais. Portanto, se nós ligamos, as pessoas que, que não tem, é, outro tipo de informação, nem são tão ávidas de, de informação como nós somos, é aquilo que tem. Portanto, vamos nos tornar minimamente...

Ana Paula Goulart de Andrade: Reprodutores.

Soraia Ramos: Interessante, certo? Mas nós enquanto jornalistas temos que nos tornar interessantes para as pessoas quererem vir ver, e depois credíveis, acima de tudo credíveis, é, para que se mantenham no nosso canal, porque há mais mil, há mais mil e cada vez mais o mundo é global com a chegada das redes sociais, porque antigamente não era tão fácil, as pessoas a seguirem conteúdos internacionais como é agora.

Ana Paula Goulart de Andrade: Sim. É, e aí você acha que isso tudo também, como a gente tava falando, é, traz novas competências, novas cobranças, literacias, né, do profissional. Porque se vem muitas informações de fora e esse profissional tem que ser um filtro mais forte, você acha que hoje, é, atuar como jornalista, tem muito mais cobrança?

Soraia Ramos: Acho que sim, acho que sim. Tem muito mais responsabilidade, que é aquela ideia de tentar ver tudo aquilo que existe pra fazer um filtro e se contar todas as versões. Na verdade, é, é, eu acho que é essa a função de um jornalista, todas as versões. E, de repente, no meio de todas as versões, podem existir duas ou três que não são verdadeiras. E esse filtro, e esse fact-checking tem que ser feito por nós próprios. E isso, se calhar, antigamente não era assim. Fazia-se dois ou três telefonemas com fontes e percebia-se o que que as coisas estão a, a revelar. Agora,

isso nota-se cada vez mais quando há, é, imagina um, um, um atentado, um incidente, uma, algo que...

Ana Paula Goulart de Andrade: Trágico.

Soraia Ramos: Trágico, que ao mesmo tempo tu tens a pressão do tempo pra dar a notícia, e tem que ser dada, e depois começa a ouvir de todos os lados informações diferentes e muitas vezes contraditórias. E essa sim é a responsabilidade do jornalista, de assumir e de pelo menos, e eu acho que é um bom, um bom, é, filtro.

Ana Paula Goulart de Andrade: (inint) [00:11:51].

Soraia Ramos: Sim, um bom filtro, dizer as fontes das coisas. Não deu pra verificar, mas a fonte é esta. Isso acontece muito no parâmetro internacional, aqui em Portugal nem por isso. Pelo menos eu não tenho essa percepção. É, que é assumir-se que não se conseguiu em tempo útil verificar, mas que tá a ser dito isto ou aquilo.

Ana Paula Goulart de Andrade: E isso faz parte de uma construção social, de uma realidade, né.

Soraia Ramos: Exatamente.

Ana Paula Goulart de Andrade: Você pontua o, o telespectador com isso, é honesto.

Soraia Ramos: É honesto.

Ana Paula Goulart de Andrade: Mesmo que você não tenha conseguido.

Soraia Ramos: Sim, e, e também ao mesmo tempo não se omite aquilo que está a ser.

Ana Paula Goulart de Andrade: Divide uma responsabilidade.

Soraia Ramos: Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: É, isso a gente já falou. É, como é que, você usa suas redes sociais profissionalmente, você tem rede social

Soraia Ramos: Aham, sim

Ana Paula Goulart de Andrade: Você usa profissionalmente, pessoalmente ou tudo misturado?

Soraia Ramos: Um pouco misturado, na verdade. Mas tenho mesmo muitas cautelas. É, ou seja, eu uso, por exemplo, uma rede social que tá muito em, em Portugal, que é, que é o Facebook, e, e isso com o perfil pessoal, embora aquilo que eu publique não pode, nem compromete nunca o meu trabalho, ainda por cima de investigação. Ou seja, por exemplo, mesmo na, nas redes sociais das fotografias, onde estamos, onde publicamos, tudo, tudo aquilo que apetece às vezes publicar e seria importante publicar, não pode comprometer o meu trabalho, nem denunciá-lo à concorrência, que também não queremos isso, né. Por um lado, dizer aonde estamos já é denunciar o próprio trabalho que estamos a fazer.

Ana Paula Goulart de Andrade: Verdade.

Soraia Ramos: É, e, portanto, uso isso com um forma muito cautelosa, uso o LinkedIn muito mais pra fora do que cá dentro, é, e, e já usei mais o Instagram, na verdade, e agora está, está a crescer muito aqui. Sim.

Ana Paula Goulart de Andrade: E a última pergunta é, na verdade, quase não tem resposta. Como é que você acha, com tudo que a gente conversou, que o telejornalismo vai tá daqui a dez anos?

Soraia Ramos: ... (inint)[00:13:49].

Ana Paula Goulart de Andrade: Eu tô falando muito rápido, será?

Soraia Ramos: Não, não. Tenho te, fazes perguntas difíceis e acutilantes, e isto é um elogio de alguma forma, mas, é, por isso faz-me pensar. É, é interessante pensar, é, e é uma perspectiva muito americana, na verdade, pensar na vida daqui a cinco anos ou daqui a dez anos. É, e, portanto, pensar na, na, no jornalismo em televisão daqui a dez anos é um grande desafio, até porque eu acho que, na verdade, não vai existir claramente da forma como nós temos. Ou pior, se existir, é porque nós regredimos no tempo ou paramos no tempo. E isso, é, será muito grave do ponto de vista da audiência e do ponto de vista de, é captação de públicos. Portanto, aquilo

que eu acho que poderia ser im...importante, é, mudar-se, aquilo que eu imagino que vai ser é cada vez mais as pessoas selecionarem aquilo que querem ver, quando querem ver. Porque cada vez mais isso é o mais prático.

Ana Paula Goulart de Andrade: E já, e já acontece.

Soraia Ramos: E que já acontece. Portanto, acho que isso vai acontecer e vamos sair da televisão, cada vez mais a televisão vai ser um monitor que transmite aquilo que tu tens no iPad, no telemóvel, no relógio smartwatch, seja o que for. Acho que o conceito de televisão, ir comprar uma televisão, e ter a televisão por cabo vai, vai ser ultrapassado, acredito muito nisso.

Ana Paula Goulart de Andrade: Perfeito.

Soraia Ramos: (inint) [00:15:12] se respondi bem aí.

Ana Paula Goulart de Andrade: Respondeu tudo ótimo. Eu vou só pedir pra tirar uma foto com você, pode?

Soraia Ramos: Sim, claro.